



V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HABILIDADES SOCIAIS

Habilidades sociais e relações interpessoais:
interfaces conceituais, metodológicas e aplicadas

LIVRO DE PROGRAMA E DE RESUMOS



V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HABILIDADES SOCIAIS

De 11 a 14 de agosto de 2015
Pousada dos Pirineus Resort- Pirenópolis (GO)



Programa e Resumos do V Seminário Internacional de Habilidades Sociais

ELABORAÇÃO

Zilda Aparecida Pereira Del Prette

Marina Guerra Rossi

Larissa de Almeida Nobre-Sandoval

Sheila Giardini Murta

Janaína Bianca Barletta

Jordana Calil Lopes de Menezes de Oliveira



A Comissão Organizadora do V Seminário Internacional de Habilidades Sociais e o Grupo GT-Anpepp agradecem, de maneira especial, o engajamento e presteza de:

- ❖ Giulia Pizzignacco - Web Designer (contato: <http://www.bepelucio.com>) e Mário Pizzignacco – Designer
- ❖ Elaine Cristina Silva – Gestora de evento da MS Turismo/ Hotel Pousada dos Pireneus.
- ❖ Dalton Craveiro – Diretor do Hotel Pousada dos Pireneus e da MS Turismo
- ❖ Gilmar Barp Paim – Gerente Geral do Hotel Pousada dos Pireneus
- ❖ Equipe Pousada dos Pireneus (Pirenópolis – GO)

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBi
Sistema Integrado de Bibliotecas

Seminário Internacional De Habilidades Sociais (5. :
2015 : Pirenópolis, GO)
Habilidades sociais e relações interpessoais:
interfaces conceituais, metodológicas e aplicadas /
Zilda Aparecida Pereira Del Prette... [et al] . - São
Carlos, 2015.
208 p.
Evento realizado pelo GT-ANPEPP/UFSCar/UnB.
Anais do 5º Seminário Internacional de Habilidades
Sociais.
ISBN: 978-85-60064-63-2

1. Habilidades Sociais 2. Pesquisa Científica 3.
Relações interpessoais 4. Interfaces conceituais I.
Título II. Del Prette, Zilda Aparecida Pereira III.
Rossi, Marina Guerra IV. Nobre-Sandoval, Larissa V.
Murta, Sheila Giardini VI. Barletta, Janaína Bianca
VII. Menezes, Jordana Calil Lopes de

ÍNDICE

BOAS VINDAS!!!	4
COMISSÃO ORGANIZADORA	5
COMISSÃO CIENTÍFICA	5
EQUIPE DE APOIO – MONITORES.....	6
LOCALIZE-SE	8
GRADE DA PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA	10
PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA DETALHADA	11
SESSÕES DE PAINÉIS	20
CONFERÊNCIAS	25
CURSOS.....	29
WORKSHOPS / OFICINAS	33
SIMPÓSIOS.....	39
MESAS REDONDAS	65
PALESTRAS	95
COMUNICAÇÕES ORAIS.....	105
PAINEIS	149
VIVÊNCIAS.....	199
LANÇAMENTO DE LIVROS.....	205
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	206



BOAS VINDAS!!!



Sheila Murta

Prezados participantes,

É com satisfação que lhes damos boas-vindas ao **V Seminário de Habilidades Sociais**. Este evento tem por objetivo divulgar as pesquisas e intervenções relacionadas à temática das relações interpessoais, competência social e habilidades sociais. Almejamos também intensificar o intercâmbio entre estudantes, profissionais e pesquisadores nacionais e internacionais atuantes em diversas áreas, como a clínica, a saúde, a organizacional, a comunitária e a educacional. Diferentes perspectivas teóricas e metodológicas serão abordadas, de modo a favorecer o florescimento de estudos e intervenções com ampla aplicação na promoção da qualidade das relações interpessoais, o desenvolvimento e a saúde de indivíduos, famílias, grupos e comunidades. Para favorecer a construção de redes de trabalho e tornar nosso encontro acolhedor e prazeroso, o evento terá lugar na cidade de Pirenópolis, conhecida pelo seu charme e vivacidade. Será, para nós, uma alegria recebê-los! Forte abraço,

Sheila Giardini Murta
(Presidente da Comissão Organizadora)



Zilda Del Prette

Prezados participantes

Sejam bem-vindos todos ao nosso **V Seminário Internacional de Habilidades Sociais**. Nesta edição, nossa temática foi “HABILIDADES SOCIAIS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS: INTERFACES CONCEITUAIS, METODOLÓGICAS E APLICADAS”. Esse evento foi planejado exatamente para isso: espelhar a amplitude do campo das Habilidades Sociais, em suas interfaces com outras áreas de conhecimento e com os diferentes setores de atividade humana. As atividades previstas para este V Seminário Internacional de Habilidades Sociais refletem um conjunto de preocupações com a qualidade da investigação e de publicações fomentadas pelo crescente movimento acadêmico em torno das possibilidades abertas pelo campo

das habilidades sociais. Além disso, essas pesquisas trazem propostas, programas ou implicações para a prática profissional em Psicologia e em campos próximos, que podem se beneficiar de tais conhecimentos. Isso pode contribuir efetivamente na construção de novas realidades sociais, mais harmônicas, dialógicas e efetivas no âmbito da convivência interpessoal comprometida com o desenvolvimento socioemocional das pessoas. E com isso, esperamos contribuir para a atuação de pesquisadores e profissionais comprometidos com a qualidade de vida, com os direitos humanos e interpessoais, com a convivência pautada por padrões éticos e a formação de novas gerações. Nós todos, integrantes do **GT-ANPEPP Relações Interpessoais e Competência Social**, esperamos que os resultados sejam altamente compensadores e satisfatórios para todos os participantes, tanto em termos pessoais como profissionais.

Zilda Aparecida Pereira Del Prette
(Presidente da Comissão Científica)



COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. Sheila Giardini Murta - (UnB, Brasília, DF) Presidente

Janaína Bianca Barletta
Larissa de Almeida Nobre Sandoval
Jordana Calil Lopes de Menezes de Oliveira
Zilda Aparecida Pereira Del Prette

COMISSÃO CIENTÍFICA

Zilda Aparecida Pereira Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP) Presidente

Adriana Benevides Soares (UNIVERSO, Niterói, RJ)
Alessandra Turini Bolsoni Silva (UNESP, Bauru, SP)
Almir Del Prette (UFSCar, São Carlos, SP)
Ana Carolina Braz (UFSCar, São Carlos, SP)
Andrea Rosin-Pinola (UniSEB, Ribeirão Preto, SP)
Antonio Paulo Angélico (UFSJ, São João Del Rei, MG)
Bárbara Carvalho Ferreira (Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros, MG)
Camila de Sousa Pereira-Guizzo (SENAI-CIMATEC, Salvador, BA)
Camila Negreiros Cômodo (PPGpsi/UFSCar, São Carlos, SP)
Catarina Malcher Teixeira (UFMA, São Luis, MA)
Célia Caldeira Fonseca Kestenberg (UERJ, Rio de Janeiro, RJ)
Dagma Venturini Marques Abramides (USP-Bauru, PPG-Fonoaudiologia, SP)
Daniele Carolina Lopes (UFSCar, São Carlos, SP)
Daniely Tatmatsu (UFCE, Fortaleza, CE e PPGpsi/UFSCar, SP)
Denise Dascanio (UNIP, Bauru, SP)
Diego Costa Lima (UFSCar, São Carlos, SP)
Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú, SP)
Eliane Gerk (UERJ, PROPED e Universidade Católica de Petrópolis, RJ)
Elvira Aparecida Simões de Araujo (UNITAU, Taubaté, SP)
Fabiane Ferraz Silveira Fogaça (PPGpsi/UFSCar, São Carlos, SP)
Ivana Gisel Casali-Robalinho (UNASP, SP e PPGpsi/UFSCar, São Carlos, SP)
Janaína Bianca Barletta (UNIP, Brasília, DF e FACIPLAC, Gama, DF)
Jordana Calil Lopes de Menezes (PPGP Clínica e Cultura/UnB, Brasília, DF)
Josiane Rosa Campos (UNESP, Bauru, SP)
Karina Pereira Lima (PPG em Saúde Mental/FMRP-USP, Ribeirão Preto, SP)
Karine Brito dos Santos (PPGP Clínica e Cultura/UnB, Brasília, DF)
Larissa de Almeida Nobre Sandoval (GEPPSVida/UnB, Brasília, DF)
Larissa Helena Zani dos Santos (PPGpsi/UFSCar, São Carlos, SP)
Lucas Cordeiro Freitas (UFAL, Maceió, AL)
Lucas Guimarães Cardoso de Sá (UFMA, São Luis, MA)
Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional IMED, Passo Fundo, RS)
Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (UNITAU, Taubaté, SP)
Maria Luiza Pontes de França Freitas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)
Marilsa de Sá Rodrigues (UNITAU, Taubaté, SP)
Marina de Bittencourt Bandeira (UFSJ, São João del-Rei, MG)
Raquel Martins Sartori (Centro Universitário de Votuporanga, SP)
Sheila Giardini Murta (UnB, Brasília, DF)
Sonia Regina Loureiro (FMRP, USP, Ribeirão Preto, SP e PPG em Saúde Mental da FMRP e PPGpsi da FFCLRP, SP).
Talita Pereira Dias (Centro Universitário de Votuporanga, SP)
Valéria Estefania Morán (PPGpsi/ UnC, Argentina)
Vanessa Barbosa Romera Leme (UNIVERSO, Niterói, RJ e PPG-Psicologia, Rio de Janeiro, RJ)



EQUIPE DE APOIO – MONITORES

Ana Aparecida Vilela Miranda (Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF)
Ana Raquel Queiroz Amaral (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Andressa Cristinne (Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF)
Camila de Oliveira Sousa (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Daniella Bazi (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Duane Henrique Oliveira Alves (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Ester Borges Caitano (Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF)
Francisca Juliana da Silva Barbosa (Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF)
Guilherme Cunha dos Santos Teles (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, DF)
Izabella Rodrigues Melo (Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF)
Janicris de Rezende Januzzi (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Jéssica Gonçalves de Souza (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, DF)
José Carlos dos Santos Júnior (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, DF)
Leonardo Martins Barbosa (Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF)
Luciana Maria Mota Dias (CapacitarNh, Brasília, DF)
Mara An Deulayne Motas Dias Almeida (Universidade Paulista, UNIP, DF)
Marcella Jordanne Silva Couto (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Nayara Ferreira Alves (Universidade Salgado de Oliveira, Universo, Goiânia, GO)
Paula de Oliveira Maia (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Rafaelli Ferraz (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Rayanne Rodrigues de Lima (Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF)
Sara da Silva Meneses (Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF)
Sheila Raquel Júlia de Sousa (Universidade Paulista, UNIP, DF)
Thauana Tavares (Universidade de Brasília, UnB Brasília, DF)
Thaynara de Castro Simei (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC, Goiânia, GO)
Wanessa Fernandes Veloso (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, DF)



LIVRO DE PROGRAMA

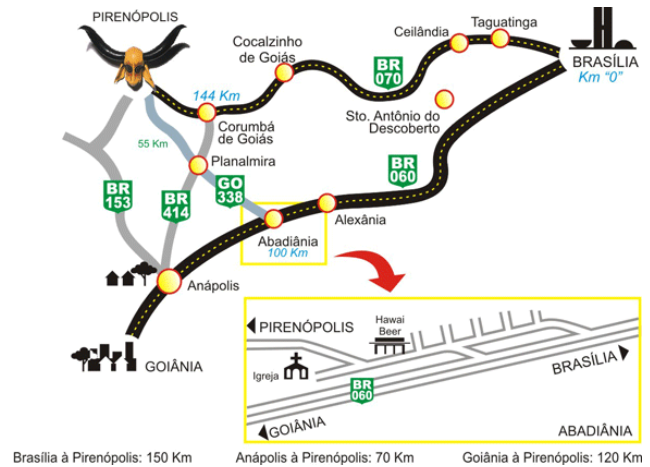
V Seminário Internacional de Habilidades Sociais



LOCALIZE-SE

Pirenópolis é uma pequena cidade no interior de Goiás, tombada como Patrimônio Nacional. Está localizada a 150 Km de Brasília – DF. Conserva seu aspecto antigo e bucólico, cercada de morros e cachoeiras. É um retrato vivo da história goiana, onde um povo hospitaleiro, alegre e festivo, convive com um ambiente de extrema beleza natural (Fonte: www.pirenopolis.tur.br/).

Como chegar a Pirenópolis:

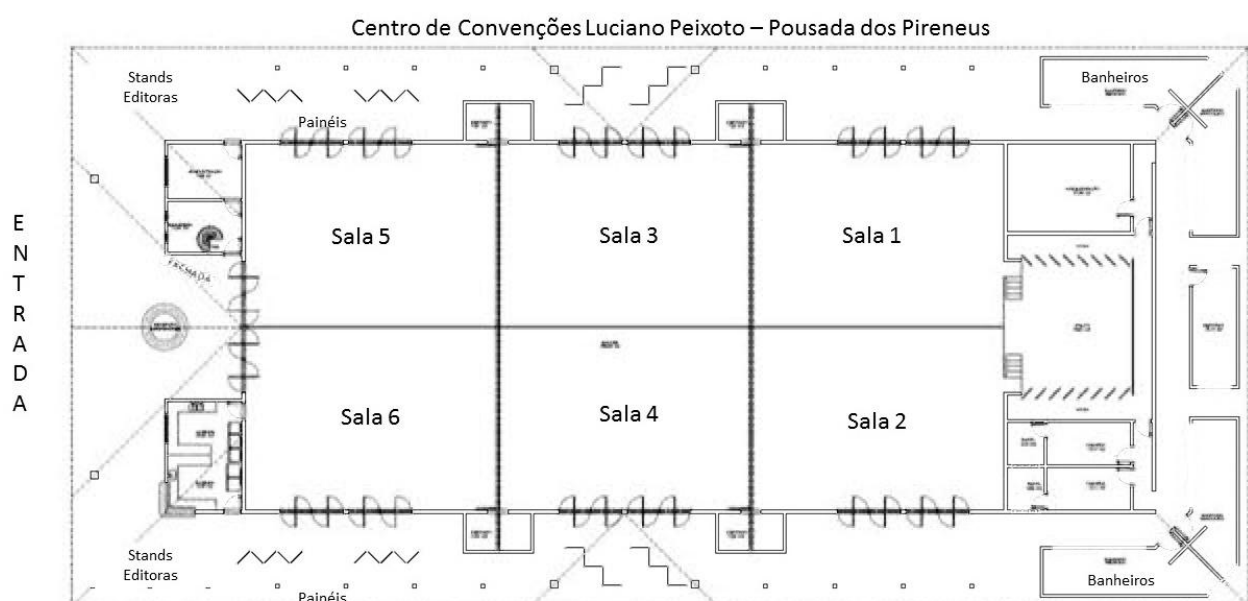


O V SIHS será realizado na Pousada dos Pireneus Resort.





No Centro de Convenções Luciano Peixoto da Pousada dos Pireneus Resort.





GRADE DA PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA

11 DE AGOSTO – TERÇA						
HORÁRIO	SAGUÃO DO EVENTO					
15:00 às 18:30	Credenciamento e entrega de material					
LOCAL	Salas 1 a 4 – Auditório					
18:30 às 19:00	ABERTURA OFICIAL					
19:00 às 20:00	CONFERÊNCIA DE ABERTURA					
20:00 às 22:00	JANTAR POR ADESÃO (ao som de voz e violão) na Pousada dos Pireneus					
12 DE AGOSTO – QUARTA						
HORÁRIO	Área externa do Salão Luciano Peixoto					
07:30 às 08:00	ACOLHIMENTO					
HORÁRIO	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Sala 5	Sala 6
08:00 às 09:15	MR01	MR02	MR03	MR04	MR07	COM02
09:20 às 09:50	PAL01	PAL02	PAL03	PAL04	PAL05	PAL06
10:00 às 11:15	SIMP01	SIMP02	SIMP03	SIMP04	SIMP05	COM01
11:20 às 12:20	VIV01	VIV02	VIV03	VIV04	VIV05	
12:20 às 13:40	ALMOÇO					
13:40 às 15:40	CURSO 1	CURSO 2	CURSO 3	CURSO 4		
15:40 às 16:40	OFICINA 1	OFICINA 2	OFICINA 3	OFICINA 4		OFICINA 6
LOCAL	Área externa do Salão Luciano Peixoto					
16:40 às 17:00	COFFEE BREAK E LANÇAMENTO DE LIVROS					
17:00 às 18:00	SESSÃO DE PAINÉIS 1					
18:00 às 19:00	CONFERÊNCIA 2		CONFERÊNCIA 3			
19:00 às 20:00					REUNIÃO GT-ANPEPP	
13 DE AGOSTO – QUINTA						
HORÁRIO	Área externa do Salão Luciano Peixoto					
07:30 às 08:00	ACOLHIMENTO					
HORÁRIO	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Sala 5	Sala 6
08:00 às 09:00	COM04	COM05	COM06	COM07	COM09	COM03
09:05 às 10:20	MR12	MR05	MR11	MR09	MR10	MR06
10:25 às 11:40	SIMP06	SIMP07	SIMP08	SIMP09	SIMP10	SIMP11
11:40 às 12:40	VIV06	VIV07	VIV08	VIV09	VIV10	
12:40 às 14:00	ALMOÇO					
14:00 às 16:00	CURSO 5	CURSO 6	CURSO 7	CURSO 8	CURSO 9	
16:00 às 17:00		OFICINA 7	OFICINA 8	OFICINA 9	OFICINA 10	PAL15/PAL16
LOCAL	Área externa do Salão Luciano Peixoto					
17:00 às 17:20	COFFEE BREAK E LANÇAMENTO DE LIVROS					
17:20 às 18:20	SESSÃO DE PAINÉIS 2					
18:20 às 19:20	CONFERÊNCIA 4		CONFERÊNCIA 5			
19:20 às 20:20					PROJETO CAPES	SBP-Preve
14 DE AGOSTO – SEXTA						
HORÁRIO	Sala 1 e 2		Sala 3	Sala 4	Sala 5	Sala 6
08:00 às 09:00	COM15		COM10	COM12	COM13	COM11
09:00 às 09:30	PAL10		PAL11	PAL12	PAL13	PAL14
09:30 às 10:40			MR08	MR13	COM14	COM08
10:40 às 11:40	CONFERÊNCIA 6			PAL07	PAL08	PAL09
11:40 às 12:00	SESSÃO DE ENCERRAMENTO * Salas 1-2					



PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA DETALHADA

DIA 11 DE AGOSTO		
15:00-18:30	Saguão	Credenciamento e entrega de material
18:30-19:00	Auditório	ABERTURA OFICIAL
19:00-20:00	Auditório	CONFERÊNCIA DE ABERTURA: O CAMPO TEÓRICO PRÁTICO DAS HABILIDADES SOCIAIS: DADOS E REFLEXÕES SOBRE A TEORIZAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICA NO BRASIL - Zilda Aparecida Pereira Del Prette e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos – SP)
20:00-22:00	Hotel	Jantar por adesão ao som de voz e violão na Pousada dos Pirineus
DIA 12 DE AGOSTO		
07:30-08:00	Área ext.	ACOLHIMENTO
08:00-09:15	Sala 1	MR01: PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIOCOGNITIVAS (ARGENTINA), DE COMBATE AO BULLYING (EUA) E DE HABILIDADES SOCIAIS (BRASIL): CONVERGÊNCIAS E PARTICULARIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR – Proponente: Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos - SP) 1.1 SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: DESENVOLVIMENTO DE PAUTAS PARA LA AUTORREGULAÇÃO - Mirta Susana Ison (INCIHUSA-CONICET, CCT Mendoza e Universidad del Aconcagua - Mendoza) 1.2. A NECESSIDADE DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO ESPECÍFICOS PARA BULLYING NAS ESCOLAS DE HOJE – Julie A Hubbard (Universidade de Delaware - EUA) 1.3 HABILIDADES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDOS E PERSPECTIVAS NO BRASIL. Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos - SP)
08:00-09:15	Sala 2	MR02: HABILIDADES SOCIAIS E USO DE DROGAS: DA PREVENÇÃO À INTERVENÇÃO – Proponente: Jéssica Limberger (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - RS) 2.1 HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS E PREVENÇÃO PARA O USO DE DROGAS - Mariana Souza da Silva Squefi, Vanessa Trintin Rodrigues, Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - RS) 2.2 O PAPEL DE PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIAIS NA PREVENÇÃO PRIMÁRIA DO USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA - Jaluza Aimée Schneider, Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - RS) 2.3 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM USUÁRIOS DE DROGAS: DADOS DE PERSPECTIVAS - Jéssica Limberger (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - RS)
08:00-09:15	Sala 3	MR03: PESQUISA E ENSINO DE HABILIDADES SOCIAIS NA ÁREA ACADÊMICA DA SAÚDE – Proponente: Izabela Almeida Querido (Universidade Federal de Goiás, Goiânia - GO) 3.1 ESTRESSE, PERSONALIDADE E HABILIDADES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE MEDICINA NO INTERNATO – Izabel Almeida Querido, Alessandra Vitorino Naghettini, Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini, José Maria Montiel e Daniel Bartholomeu (Universidade Federal de Goiás, Goiânia - GO) 3.2 HABILIDADES SOCIAIS, UNIVERSITÁRIOS DA SAÚDE, SAÚDE MENTAL DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CURSO DE ODONTOLOGIA – Paula de Lima Soares Varella e Letícia dos Santos Vieira (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF) 3.3 HABILIDADES SOCIAIS DE MÃES DE CRIANÇAS COM RESISTÊNCIA AO TRATAMENTO ODONTOLÓGICO - Daniella Miranda Remijo, Guilherme Nogueira, Luciane Ribeiro de Resende Sucasas da Costa e Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini (Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO)
08:00-09:15	Sala 4	MR4: HABILIDADES SOCIAIS DE POPULAÇÕES VULNERÁVEIS: INVESTIGANDO FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO – Proponente: Ana Carolina Braz (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP) 4.1 RELAÇÕES INTERPESSOAIS E HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE CONTEXTOS SOCIAIS VULNERÁVEIS – Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Salgado de Oliveira), Luana de Mendonça Fernandes, Neidiany Vieira Jovarini e Ana Maria El Achkar (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói - RJ). 4.2 ASSERTIVIDADE: ESCALA MULTIDIMENSIONAL E CARACTERIZAÇÃO DO REPERTÓRIO DE MULHERES INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO - Catarina Malcher Teixeira (Universidade Federal do Maranhão - MA) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP) 4.3 REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM IDOSOS: UMA DELICADA RELAÇÃO COM QUALIDADE DE VIDA E SOLIDARIEDADE FAMILIAR - Ana Carolina Braz (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP), Anne Marie V. G. Fontaine (Universidade do Porto) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP)
08:00-09:15	Sala 5	MR07: HISTÓRIAS INFANTIS E O DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO PRÓ-SOCIAL E HABILIDADES SOCIAIS – Proponente: Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú - SP) 7.1 HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA: AS FÁBULAS COMO RECURSOS PARA A AÇÃO EDUCATIVA DOS PAIS - Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú - SP) Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR - SP) 7.2 O BRINCAR COM HISTÓRIAS INFANTIS: UMA CUNHA COMPORTAMENTAL PARA A AQUISIÇÃO DE COMPORTAMENTOS PROSOCIAIS - Raquel Ramos Ávila (Universidade Católica de Brasília, UCB - DF) e Laércia Abreu Vasconcelos (Universidade de Brasília).
08:00-09:15	Sala 6	SESSÃO COMUNICAÇÃO 2: HABILIDADES SOCIAIS COMO OBJETO DE INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA COM-08 ANÁLISE SEQUENCIAL DA INTERAÇÃO TERAPÊUTICA PARA CASOS DE TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL - Glaucia Fernanda Galeazzi Nobile, Vagner Angelo Garcia e Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP, Bauru - SP) COM-09 REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE HABILIDADES SOCIAIS E ANSIEDADE - Lanna Cristyna do Rego e Silva, Ana Paula de Castro Araujo, Andressa Vidal Landim e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Universidade Federal da Paraíba, UFPB)



		- PB) COM-10 DESENVOLVENDO A ASSERTIVIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA - Shirley de Souza Silva Simeão, Nilse Chiapetti e Melissa Kellyane Cavalcanti Galdino (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB) COM-11 DÉFICIT DE COMPORTAMENTOS ASSERTIVOS COMO UMA HISTÓRIA DE CONTINGÊNCIAS AVERSIVAS: UM ESTUDO DE CASO - Paula Danielle Souza Monteiro (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA) Nerúcia Andreza Resende Ferreira (Universidade Federal do Pará, UFPA - PA)
09:20-09:50	Sala 1	PAL01: HISTÓRIAS INFANTIS: EVOcando ANÁLISES FUNCIONAIS APRESENTADAS POR CRIANÇAS E JOVENS - Laércia Abreu Vasconcelos (Universidade de Brasília, Brasília - DF)
09:20-09:50	Sala 2	PAL02: CONSTRUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE ESCALAS E INVENTÁRIOS PARA AVALIAÇÃO DE VARIÁVEIS RELEVANTES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS - Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis, UCP - RJ)
09:20-09:50	Sala 3	PAL03: HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO - Luciana Carla dos Santos Elias (Departamento de Psicologia da FFCLRP, USP - SP)
09:20-09:50	Sala 4	PAL04: AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DOS 18 ANOS EM DIANTE: CONHEÇA O IHS-PLUS E O IHSI-Del-Prette - Ana Carolina Braz, Zilda Aparecida Pereira Del Prette e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP) e Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto - Portugal)
09:20-09:50	Sala 5	PAL05: AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS E DE ENFRENTAMENTO NA MANUTENÇÃO DA ABSTINÊNCIA DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS - Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Universidade Federal do Maranhão - MA)
09:20-09:50	Sala 6	PAL06: HIERARQUIZAÇÃO DOS SUBFATORIAIS DO IHS: INSTRUMENTO FACILITADOR DO PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÕES - Gina Nolêto Bueno, Sarah Danielle Pereira Fontes e Larissa Andrade Bento (Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO)
10:00-11:15	Sala 1	SIMP01: HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CORPORATIVA – Proponente: Elvira Aparecida Simões de Araujo (Universidade de Taubaté - SP) 1.1 EDUCAÇÃO CORPORATIVA E HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS: EXISTE RELAÇÃO? - Denise Dascanio (UNESP, Bauru - SP) 1.2 PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA: UMA PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS - Camila de Sousa Pereira-Guizzo (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC, Salvador - BA) Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP) 1.3 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA O MUNDO DO TRABALHO - Elvira Aparecida Simões de Araujo, Marilsa de Sá Rodrigues e Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (Universidade de Taubaté, Taubaté - SP)
10:00-11:15	Sala 2	SIMP02: APRENDIZAGEM ACADÊMICA E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL: IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL – Proponente: Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jauú - SP) 2.1 DESEMPENHO ACADÊMICO NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS DE RESPONSABILIDADE/COOPERAÇÃO - Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jauú-SP), Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP) e Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto-Portugal). 2.2 HABILIDADES SOCIAIS COMO PREDITORAS PARA PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS EM ESCOLARES Ivana Gisel Casali-Robalinho (Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho-SP) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos - SP) 2.3 ASSOCIAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO EM ALUNOS DE SÉTIMO ANO PARTICIPANTES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) - Fabiana Maris Versuti-Stoque (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo - SP)
10:00-11:15	Sala 3	SIMP03: DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA A ÁREA DA SAÚDE: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA – Proponente: Karina Pereira Lima (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, FMRP, USP - SP) 3.1 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NO ENSINO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA GRADUAÇÃO DE MEDICINA - Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF e Universidade Paulista, UNIP -DF), Marcelo de Souza Gennari (Curso de Medicina, Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, Gama - DF), Sheila Giardini Murta (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília -DF) e Rosana Cipolotti (Núcleo de Pós-Graduação em Medicina, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju - SE) 3.2 HABILIDADES SOCIAIS DE RESIDENTES MÉDICOS: ASSOCIAÇÕES COM BURNOUT E SAÚDE MENTAL - Karina Pereira Lima e Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, FMRP, USP - SP) 3.3 APOIO SOCIAL E HABILIDADES SOCIAIS DOS PACIENTES COM CÂNCER – Juciléia Rezende Souza (Hospital Universitário de Brasília, HUB -DF; Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, IBAC - DF)
10:00-11:15	Sala 4	SIMP04: HABILIDADES SOCIAIS E COMPETÊNCIA SOCIAL DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE - Proponente: Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Salgado de Oliveira - RJ) 4.1 - HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS E AUTORES DE BULLYING - Camila Negreiros Comodo (Universidade Federal de São Carlos) Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos - SP) 4.2.- Relação das Habilidades Sociais na Formação de Laços Afetivos: Um Estudo com Crianças com Obesidade em um Acampamento. - Daniel Fernandes Barbosa, Natalia Alves Beto de Souza, Letícia Cardoso Orlandi Silveira, Aline Fernandes de Paula Freitas e Elaine Rabelo Neiva (Universidade de Brasília) 4.3 - PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES DE CONTEXTOS SOCIAIS VULNERÁVEIS - Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Salgado de Oliveira - RJ)
10:00-11:15	Sala 5	SIMP05: HABILIDADES SOCIAIS E INTERVENÇÕES NA ÁREA CLÍNICA – Proponente: Josiane Rosa Campos (UNESP, Bauru -SP) 5.1 DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA E HABILIDADES SOCIAIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO



		- Josiane Rosa Campos e Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP, Bauru - SP) 5.2 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NA FOBIA SOCIAL - Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo - RS) 5.3 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA USUÁRIOS DE CRACK - Ilana Andretta (Unisinos – RS)
10:00-11:15	Sala 6	SESSÃO COMUNICAÇÃO 1: HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DE TRABALHO COM-01 IDENTIFICAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PRESENTE NAS AÇÕES DE GESTORES/SUPERVISORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS NO EXERCÍCIO DA LIDERANÇA EM UMA IES-PÚBLICA: ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO PRELIMINAR - Aline de Marco da Silveira, Edwart Goulart Júnior, Hugo Ferrari Cardoso, Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP, Bauru - SP) COM-02 A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA COMO CAMINHO METODOLÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS VALORIZADAS NO MUNDO DO TRABALHO. - Érika Fernandes Cruvinel (Instituto Federal de Brasília/Campus Gama) COM-03 RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO PROFISSIONAL EM DIFERENTES ÁREAS DE ATUAÇÃO - Fabio Alas Martins e Ana Lúcia Vitale Torkomian (Universidade Federal de São Carlos - SP) COM-06 RELAÇÕES ENTRE SEGURANÇA PSICOLÓGICA, APRENDIZAGEM E VOZ NAS ORGANIZAÇÕES - Adriana Souza D'Almeida e Pérola Cavalcante Dourado (Universidade Federal da Bahia, UFBA - BA)
11:20-12:20	Sala 1	VIV01: TODA PESSOA É DIFERENTE - Talita Pereira Dias (Univ. Federal de São Carlos – UFSCar; Centro Univ. de Votuporanga, UNIFEV - SP) e Bárbara Carvalho Ferreira (Univ. Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM/Campus Diamantina - MG)
11:20-12:20	Sala 2	VIV02: FERRAMENTAS MOTIVACIONAIS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE HABILIDADES SOCIAIS COMUNICATIVAS NA RELAÇÃO PROFISSIONAL-CLIENTE - Dagma Venturini Marques Abramides (Faculdade de Odontologia de Bauru, USP-SP)
11:20-12:20	Sala 3	VIV03: VIVENCIANDO A MATRIX ACT EM THS - Leonardo Martins Barbosa (Universidade de Brasília - DF)
11:20-12:20	Sala 4	VIV04: BUSCANDO SAÍDAS - Camila Negreiros Comodo e Daniele Carolina Lopes (Universidade Federal de São Carlos - SP)
11:20-12:20	Sala 5	VIV05: NASCE UMA ÁRVORE - Andrea Regina Rosin-Pinola (Estácio UNISEB, Ribeirão Preto - SP) e Camila de Sousa Pereira-Guizzo (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC - BA)
12:20-13:40		ALMOÇO
13:40-15:40	Sala 1	CURSO 1: A COMPETÊNCIA SOCIAL NOS PROGRAMAS VIVENCIAIS DE HABILIDADES SOCIAIS - Almir Del Prette e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP)
13:40-15:40	Sala 2	CURSO 2: O PAPEL DA EMPATIA NA SAÚDE E NAS RELAÇÕES SOCIAIS - Eliane Mary De Oliveira Falcone (UERJ, Rio de Janeiro - RJ)
13:40-15:40	Sala 3	CURSO 3: RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS E HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS - Adriana Benevides Soares (UNIVERSO e UERJ, Rio de Janeiro - RJ)
13:40-15:40	Sala 4	CURSO 4: O QUE É NECESSÁRIO SABER PARA DESENVOLVER COMPETÊNCIA SOCIAL COMO PARTE DAS HABILIDADES DE LIDERANÇA DE PROFISSIONAIS QUE OCUPAM POSTOS DIRETIVOS - Marilsa de Sá Rodrigues e Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (Universidade de Taubaté - SP)
15:40-16:40	Sala 1	OFICINA 1: TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARA PROFESSORES - Andrea Regina Rosin-Pinola (Estácio UniSEB, Ribeirão Preto - SP)
15:40-16:40	Sala 2	OFICINA 2: AUTOMONITORIA COMO BASE DA COMPETÊNCIA SOCIAL: MÉTODOS DE AVALIAÇÃO NA INFÂNCIA - Ivana Gisel Casali-Robalinho (Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho - SP); Talita Pereira Dias (Centro Universitário de Votuporanga - SP; Universidade Federal São Carlos - SP) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos - SP)
15:40-16:40	Sala 3	OFICINA 3: HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE - Dagma Venturini Marques Abramides (Faculdade de Odontologia da USP, Bauru - SP)
15:40-16:40	Sala 4	OFICINA 4: FEEDBACK: O QUE É E COMO FAZER? - Denise Dascanio (Universidade Paulista, UNIP – SP)
15:40-16:40	Sala 6	OFICINA 6: BANCO DE HABILIDADES: UM JOGO DE TABULEIRO COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Thauana Tavares e Marina Pedralho (Universidade de Brasília, UnB - DF)
16:40-17:00	Área ext.	COFFEE BREAK e LANÇAMENTO DE LIVROS
17:00-18:00	Área ext.	SESSÃO DE PAINÉIS
18:00-19:00	Sala 1-2	CONFERÊNCIA 2: EMPATIA E PERSONALIDADE - Eliane Mary de Oliveira Falcone (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ)
18:00-19:00	Sala 3-4	CONFERÊNCIA 3: INTERVENÇÃO VIA COMPUTADOR PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA MANEJO DE CONFLITOS E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES - Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, Brasília - DF)
19:00-20:00	Sala 5	REUNIÃO DO GT-ANPEPP
DIA 13 DE AGOSTO		
07:30-08:00	Sala 1-2	ACOLHIMENTO
08:00-09:00	Sala 1	SESSÃO COMUNICAÇÃO 4: HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL COM-18 FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS ASSOCIADOS À ASSERTIVIDADE DE FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS - Diego Costa Lima (Universidade Federal de São Carlos - SP) e Marina de Bittencourt Bandeira (UF de São João del-Rei - MG) COM-19 HABILIDADES SOCIAIS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESQUIZOFRENIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA - Ana Paula de Castro Araujo, Lanna Cristyna do Rego e Silva, Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa



		Maria-PB) COM-21 INTERAÇÕES CONJUGAIS E CARACTERÍSTICAS DE SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO COMPARATIVO - Gleiber Couto (Universidade Federal de Goiás - GO), Wanessa Marques Tavares (Secretaria Municipal de Promoção e Ação Social, Brasil), Luc Vandenberghe (Universidade Federal de Goiás - GO) COM-22 INTERAÇÕES SOCIAIS NO PAR AFETIVO: AUTOPERCEPÇÃO E GERAÇÃO DE IMPRESSÕES - Gleiber Couto Santos, Wanessa Marques Tavares e Carolina de Fátima Guimarães (Universidade Federal de Goiás - GO)
08:00-09:00	Sala 2	SESSÃO COMUNICAÇÃO 5: HABILIDADES SOCIAIS E (AB)USO DE SUBSTÂNCIAS 1 COM-23 CARACTERIZAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES DE ENFRENTAMENTO DE CONSUMIDORES DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS - Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Universidade Federal do Maranhão - MA) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos - SP) COM-24 RELATO DE INTERVENÇÃO: TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS COM FOCO NA PREVENÇÃO À RECAÍDA PARA USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS - Jaluza Aimée Schneider e Cristiane Bohn (Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS) COM-25 FATORES DE HABILIDADES SOCIAIS DE MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS EM TRATAMENTO - Raísa da Silva do Nascimento (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS - RS), Jéssica Limberger, Jaluza Aimée Schneider, Luana Thereza Nesi de Mello e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos - RS) COM-26 HABILIDADES SOCIAIS E PERFIL DE ADOLESCENTES USUÁRIOS DE DROGAS EM TRATAMENTO - Luana Thereza Nesi de Mello, Jaluza Aimée Schneider, Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS) COM-27 AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DE TRABALHADORES DA ATENÇÃO AO USUÁRIO DE SUBSTÂNCIA PSICOATIVA - Ricardo Xavier de Araújo e Elvira Aparecida Simões de Araujo (Universidade de Taubaté - SP)
08:00-09:00	Sala 3	SESSÃO COMUNICAÇÃO 6: HABILIDADES SOCIAIS NA FORMAÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS COM-28 HABILIDADES SOCIAIS DE CONVERSAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL EM UM MODELO DE BURNOUT EM RESIDENTES MÉDICOS - Karina Pereira Lima e Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina da USP, Ribeirão Preto - SP) COM-29 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ESTAGIÁRIOS MULTIPLICADORES NUM CURSO DE PSICOLOGIA DE UMA FACULDADE PARTICULAR DE SALVADOR-BA - Ilana Figueiredo Brandão (União Metropolitana de Ensino e Cultura, UNIME - BA e Faculdade Santíssimo Sacramento, FSSS - BA) Diogo José Góes de Araújo (Instituto Minerva de Educação Avançada, IMEA - SE) e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF e Universidade Paulista, UNIP - DF) COM-31 PRIVACIDADE E HABILIDADE SOCIAIS EM MORADORES DE RESIDÊNCIAS COLETIVAS UNIVERSITÁRIAS - Jéssica Soares Santos, Joelma Santos Araújo, Tainara Ferreira Inocêncio, Tatiane Alves Rodrigues Rocha e Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão - SE) COM-32 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO SERTÃO PARAIBANO: PROPOSTA DE UM PROTOCOLO - Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria - PB) Maria José Nunes Gadelha (Universidade Federal da Paraíba, UFPB) Jayana Ramalho Ventura (Universidade Federal da Paraíba, UFPB - PB) Arlindo Félix da Costa Neto (Faculdade Santa Maria - PB)
08:00-09:00	Sala 4	SESSÃO COMUNICAÇÃO 7: HABILIDADES SOCIAIS COMO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR COM-33 CARACTERIZAÇÃO COMPORTAMENTAL E ACADÊMICA DE CRIANÇAS QUE PASSARAM POR UM TREINO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Luciana Carla dos Santos Elias e Márcia Viana Amaral (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP) COM-34 HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS ANTES E APÓS PROGRAMA DE INTERVENÇÃO EM CONTEXTO ESCOLA - Bianca Oliveira de Macedo e Luciana Carla dos Santos Elias (FFCLRP-USP, Ribeirão Preto - SP) COM-35 HABILIDADES SOCIAIS E APOIO SOCIAL: O FINAL DO ENSINO FUNDAMENTAL - Luana de Mendonça Fernandes (Universidade Salgado de Oliveira - RJ) e Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Salgado de Oliveira - RJ) COM-36 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS - Laurineide Laureano dos Santos (Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa, João Pessoa - PB) e Shirley de Souza Silva Simeão (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB) COM-37 ADOLESCENTES NO ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUAS HABILIDADES SOCIAIS - Tiago Guimarães de Oliveira e Eliane Gerck (Universidade Católica de Petrópolis, UCP - RJ)
08:00-09:00	Sala 5	SESSÃO COMUNICAÇÃO 9: HABILIDADES SOCIAIS DE PAIS E CUIDADORES: AVALIAÇÃO E PROMOÇÃO COM-40 PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAIS E COMPORTAMENTOS INFANTIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL CONSIDERANDO GÊNERO E ESCOLARIDADE DA CRIANÇA - Jéssica Aline Rovaris e Alessandra Turini Bolsoni-Silva (UNESP, Bauru - SP) COM-43 A IMPORTÂNCIA DO MANEJO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA OS PAIS E/OU CUIDADORES DOS BENEFICIÁRIOS DA APAE - Francisca Maísa Maciel Gomes, Francisca Daniella Araruna Tavares, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Maria Aparecida Ferreira Menezes Suassuna e Verônica Gomes Anacleto (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB) COM-45 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PATERNAS E PROBLEMAS EXTERNALIZANTES NA INFÂNCIA - Luna Maiana Araújo Freitas e Patrícia Alvarenga (Universidade Federal da Bahia, UFBA - BA) COM-46 CARACTERIZAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO DOS FILHOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I - Lígia Fernandes Schiavon e Luciana Carla dos Santos Elias (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP - SP) COM-47 DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIAIS INFANTIS EM GRUPO, CONCOMITANTE AO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE SEUS PAIS: UM DESAFIO PARA TERAPEUTAS - Raissa Roberti Benevides; Angela Cândida da Costa; Roberta Seles da Costa; Camila Carvalho Faria Andrade; Edmárcia Manfredin Villa (Universidade Estadual de Londrina, UEL - PR)
08:00-09:00	Sala 6	SESSÃO COMUNICAÇÃO 3: HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS



		COM-14 HABILIDADES SOCIAIS E HUMANIZAÇÃO NA ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA - Gêrsica Gois Reis, Livia Carla Alves Barcelos e Keyla Jayane de Barros Santos (Faculdade Adventista da Bahia - BA); Luciana Melo e Souza e Joene Vieira-Santos (Universidade Federal de São Carlos - SP) COM-15 ANÁLISE DAS HABILIDADES SOCIAIS DE VENDEDORAS: UM ESTUDO DE CASO - Lucia Regina Borges Sergio (Faculdade Cenecista da Ilha do Governador, Rio de Janeiro - RJ) COM-16 TREINO DE ASSERTIVIDADE: UM CASO DE RESISTÊNCIA AO CUMPRIMENTO DE TAREFAS PROFISSIONAIS - Luzineide Alves Pereira e Janaína Bianca Barletta (Universidade Paulista, UNIP - DF) COM-17 HABILIDADES SOCIAIS E A FORMAÇÃO TÉCNICA EM EVENTOS: UM ESTUDO NA CAPITAL MARANHENSE - Thayara Ferreira Coimbra Lima e Carlos Alberto Tomelin (UNIVALI - SC)
09:05-10:20	Sala 1	MR12: A AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM DIFERENTES ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO – Proponente: Lucas Cordeiro Freitas (Universidade Federal de Alagoas, UFAL - AL) 12.1 HABILIDADES SOCIAIS, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E COMPETÊNCIA ACADÊMICA EM CRIANÇAS: ESTUDO MULTICÊNTRICO EM CINCO ESTADOS BRASILEIROS – Lucas Cordeiro Freitas (Universidade Federal de Alagoas, UFAL - AL) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFScar - SP) 12.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL: HABILIDADES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS DE CURSOS DE ENGENHARIA – Daniele Carolina Lopes (Universidade Federal de São Carlos, UFScar - SP) 12.3 ENVOLVIMENTO E HABILIDADES SOCIAIS: COMO AVALIAR? – Ana Carolina Braz; Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFScar - SP), Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto) e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFScar - SP)
09:05-10:20	Sala 2	MR05: A EMPATIA NO CENTRO DAS DISCUSSÕES SOBRE VIOLÊNCIA NO NAMORO, PRECONCEITO E BULLYING – Proponente: Karine Brito dos Santos (Universidade de Brasília, Brasília - DF) 5.1. A EMPATIA COMO FATOR DE PROTEÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO: UMA INTERVENÇÃO BASEADA NOS PARES E NA ABORDAGEM DO ESPECTADOR - Karine Brito dos Santos e Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, Brasília - DF) 5.2. TOMADA DE PERSPECTIVA E REDUÇÃO DE PRECONCEITO: O PAPEL MEDIADOR DA EMPATIA - Tânia Maria Santana de Rose (Universidade Federal de São Carlos) e Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, Brasília - DF) 5.3. BULLYING E EMPATIA: O QUE AS PESQUISAS MOSTRAM SOBRE ESSA RELAÇÃO? Camila Negreiros Comodo e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP)
09:05-10:20	Sala 3	MR11: DEPRESSÃO E SUÍCIDIO NA ADOLESCÊNCIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E HABILIDADES SOCIAIS – Proponente: Josiane Rosa Campos (Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru - SP) 11.1 PLANO DISTRITAL DE PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: UMA ESTRATÉGIA TRANSVERSAL NO CUIDADO COM A VIDA - Beatriz Montenegro (SES -DF) Júlia Camarotti (SES -DF) Marcelo Tavares (UnB - DF) e Silvia Lordello (UnB - DF) 11.2 E DEPOIS DO SUICÍDIO? A PÓS-VENÇÃO E SUAS POTENCIALIDADES DE PREVENÇÃO E HABILIDADES SOCIAIS ASSOCIADAS - Silvia Renata Magalhães Lordello Borba, Marcelo Tavares (Universidade de Brasília, UnB - DF) e Beatriz Montenegro (Secretaria de Estado da Saúde, SES - DF) 11.3 HABILIDADES SOCIAIS E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS DE ADOLESCENTES DEPRIMIDOS: QUAIS SÃO IMPORTANTES? - Josiane Rosa Campos (Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru - DF)
09:05-10:20	Sala 4	MR09: PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO EM DIFERENTES POPULAÇÕES – Proponente: Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo - RS) 9.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS EM GRUPOS PARA ADULTOS - Neiva Tein de Souza e Francine Guimarães Gonçalves (IntCC e CEDHAS - RS) 9.2 DÉFICIT DE HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE BULLYING - Francine Guimarães Gonçalves (UFRGS) 9.3 AVALIAÇÃO E PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM INTERVENÇÕES GRUPAIS BREVES - Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, IMED - RS)
09:05-10:20	Sala 5	MR10: A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS E AS HABILIDADES DE VIDA: A EXPERIÊNCIA DA IMPLANTAÇÃO DE INTERVENÇÕES EM POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL E COLÔMBIA – Proponente: Samia Abreu Oliveira (Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, Ministério da Saúde - DF) 10.1 A EXPERIÊNCIA DA PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL - Maria Inês Gandolfo Conceição (Universidade de Brasília - DF) 10.2 OS PROJETOS DE INVESTIGAÇÃO DA CORPORAÇÃO: NOVOS RUMOS - Augusto Pérez Gómez (REDLA – RED Latinoamericana de Investigadores em Drogas, Corporación Nuevos Rumbos) 10.3 PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS, UTILIZANDO TREINAMENTO DE HABILIDADE DE VIDA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS - Samia Abreu Oliveira, Michaela Batalha Juhásová, Janaina Barreto Gonçalves, Viviane Paula Rocha, Karen Costa Oliva, Flora Moura Lorenzo, Clarisse Moreira Aló, Roberto Tykanori Kinoshita (Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas - Ministério da Saúde - DF)
09:05-10:20	Sala 6	MR06: O TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS COMO CONDIÇÃO FAVORECEDORA PARA O CONTROLE DE COMPORTAMENTOS-PROBLEMA - Proponente: Gina Nolêto Bueno (Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO) 6.1 A EFICÁCIA DO ENSINO DOS PRINCÍPIOS BÁSICOS DE APRENDIZAGEM NA MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS-PROBLEMA – Lohanna Nolêto Bueno e Kássia Chalon Águes (UNIVERSO - GO) 6.2 EDUCAÇÃO SOBRE OS TRÊS ESTILOS DE RESPOSTA SOCIAL PARA MODIFICAÇÃO DE REPERTÓRIOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS – Maíra Ribeiro Magri, Sarah Danielle Pereira Fontes e Larissa Andrade Bento (Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO) 6.3 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA CONTROLE DE COMPORTAMENTOS COMPLEXOS - ESQUIZOFRENIA – Gina Nolêto Bueno, Janaína Gomes de Souza e Nelson Alves do Nascimento (Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO)
10:25-11:40	Sala 1	SIMP06: INTERVENÇÕES CLÍNICAS E PSICOEDUCACIONAIS NO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS – Proponente: Fabiane Ferraz Silveira Fogaça (Universidade Federal de São Carlos, UFScar – SP. Debatedora: Fabiana Gauy (Instituto de Psicologia, UnB -DF)



		6.1 TERAPIA COGNITIVA: A TÉCNICA PENSE SAUDÁVEL E O TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Lia Silvia Kunzler (Universidade de Brasília - DF) 6.2 PSICOLOGIA CLÍNICA COMPORTAMENTAL E HABILIDADES SOCIAIS: EXPERIÊNCIAS DE INTERVENÇÃO DO LADS-UNESP-BAURU- Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Unesp, Bauru - SP), Fabiane Ferraz Silveira Fogaça (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar - SP) e Jéssica Aline Rovaris (Unesp, Bauru - SP). 6.3 TREINO DE HABILIDADES CLÍNICAS PARA ATENDIMENTO DE CRIANÇAS ANSIOSAS - Fabiana Gauy (Instituto de Psicologia, UnB -DF)
10:25-11:40	Sala 2	SIMP07: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS E PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL – Proponente: Luciana Carla dos Santos Elias (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - SP) 7.1 HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS: INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR - Luciana Carla dos Santos Elias (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - SP), Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Salgado de Oliveira - RJ) e Andrea Regina Rosin-Pinola (Estácio UniSEB, Ribeirão Preto - SP) 7.2 O IMPACTO DE RECURSOS PESSOAIS E CONTEXTUAIS NO DESEMPENHO ESCOLAR DE ALUNOS NA TRANSIÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO - Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Salgado de Oliveira - RJ) e Luana de Mendonça Fernandes (Universidade Salgado de Oliveira -RJ) 7.3 HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS JUNTO A PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS - Andrea Regina Rosin-Pinola (Estácio UniSEB, Ribeirão Preto -SP)
10:25-11:40	Sala 3	SIMP08: HABILIDADES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL – Proponente: Maria Luiza Pontes de França Freitas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN) 8.1 ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL - Bárbara Carvalho Ferreira (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/Campus Diamantina - MG) 8.2 DOTAÇÃO E TALENTO: DOMÍNIO SOCIOAFETIVO E AS HABILIDADES - Maria Luiza Pontes de França Freitas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN) 8.3 PROGRAMA DE PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS NÃO FALANTES TENDO COMO INTERLOCUTORES GRADUANDAS EM PEDAGOGIA - Patricia Lorena Quiterio (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ -RJ)
10:25-11:40	Sala 4	SIMP09: HABILIDADES SOCIAIS EM USUÁRIOS DE DROGAS: AVALIAÇÃO EM HOMENS, MULHERES E ADOLESCENTES – Proponente: Jaluza Aimée Schneider (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS) 9.1 AVALIAÇÃO DO REPERTÓRIO DEFICITÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES DEPENDENTES DE MACONHA - Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo - RS) Margareth da Silva Oliveira (PUCRS, Porto Alegre - RS) 9.2 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS EM TRATAMENTO ESPECIALIZADO - Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS) 9.3 AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM HOMENS USUÁRIOS DE DROGAS - Jaluza Aimée Schneider (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS)
10:25-11:40	Sala 5	SIMP10: HABILIDADES SOCIAIS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E ADAPTAÇÃO CULTURAL – Proponente: Márcia Helena da Silva Melo (Universidade de São Paulo - SP) 10.1 DA PESQUISA PARA O MUNDO REAL: A TRANSPORTABILIDADE DE INTERVENÇÕES PREVENTIVAS - Márcia Helena da Silva Melo (Universidade de São Paulo - SP) 10.2 IMPLEMENTAÇÃO DAS COMUNIDADES QUE SE CUIDAM NA COLOMBIA - Juliana Mejía-Trujillo (T. S. Corporación Nuevos Rumbos Colombia) 10.3 DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO NÚCLEO FAMILIAR: ADAPTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS PARA PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS - Viviane Paula Rocha, Joamara Motta Borges, Mariana Russo Voydeville Damasceno, Marina de Souza Pedralho, Raquel Turci Pedroso, Samia Abreu Oliveira, Michaela Batalha Juhasova, Janaína Barreto Gonçalves, Roberto Tykanori Kinoshita (Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas Ministério da Saúde - DF)
10:25-11:40	Sala 6	SIMP11: CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO TEÓRICO-PRÁTICO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA COMPREENSÃO DO UNIVERSO FEMININO. Proponente - Catarina Malcher Teixeira 11.1 CULTURA, CONTROLE SOCIAL E FEMINISMO: O OLHAR DAS HABILIDADES SOCIAIS - Almir Del Prette e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos - SP) 11.2 PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES ASSERTIVAS (IHA) PARA MULHERES INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO - Catarina Malcher Teixeira (Universidade Federal do Maranhão - MA) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos - SP) 11.3 HABILIDADES SOCIAIS, ANSIEDADE, DEPRESSÃO E ESTRESSE DE MULHERES ADULTAS EM SITUAÇÃO DE DEPENDÊNCIA AFETIVA E/OU ECONÔMICA NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO - Sílvia Canaan (Universidade Federal do Pará - PA)
11:40-12:40	Sala 1	VIV06: DIREITOS HUMANOS BÁSICOS - Neiva Tein de Souza e Francine Guimarães Gonçalves (InTCC - RS)
11:40-12:40	Sala 2	VIV07: ENTRADA NO PARAÍSO - Maria Luiza Pontes de França Freitas (UFRN) e Talita Pereira Dias (UFSCar / UNIFEV)
11:40-12:40	Sala 3	VIV08: HISTÓRIA COLETIVA ORAL - Daniele Carolina Lopes (Universidade Federal de São Carlos - SP) e Denise Dascanio (Universidade Paulista - SP)
11:40-12:40	Sala 4	VIV09: MANEJO DE REGRAS - Eliane Gerk (Univ. Católica de Petrópolis, UCP - RJ) e Patricia Lorena Quiterio (Univ. do Estado do Rio de Janeiro, UERJ - RJ)
11:40-12:40	Sala 5	VIV10: BRIGA ENTRE NAMORADOS: O QUE VOCÊ FARIA? – Karine Brito dos Santos, Sheila Giardini Murta e Larissa de Almeida Nobre-Sandoval (GEPPSVida, Universidade de Brasília, UnB - DF)
12:40-14:00		ALMOÇO
14:00-16:00	Sala 1	CURSO 5: TÉCNICAS DE TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E SUA APLICABILIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA –



		Antonio Paulo Angélico (Universidade Federal de São João del-Rei - MG)
14:00-16:00	Sala 2	CURSO 6: PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIAIS NA ESCOLA: INTERVENÇÕES COM OS DIFERENTES ATORES DESTE CONTEXTO - Bárbara Carvalho Ferreira (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Campus Diamantina - MG) e Talita Pereira Dias e Daniele Carolina Lopes (Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV; Universidade Federal de São Carlos, UFSCar - SP)
14:00-16:00	Sala 3	CURSO 7: AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DE CRIANÇAS UTILIZANDO O SSRS-BR2: QUESTÕES PSICOMÉTRICAS E PRÁTICAS - Lucas Cordeiro Freitas (Universidade Federal de Alagoas, Maceió - AL)
14:00-16:00	Sala 4	CURSO 8: HABILIDADES SOCIAIS DE FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS E SUA RELAÇÃO COM A SOBRECARGA – Diego Costa Lima (Universidade Federal de São Carlos - SP), Marina de Bittencourt Bandeira (Universidade Federal de São João Del Rei) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos – SP).
14:00-16:00	Sala 5	CURSO 9: MEDIDAS DE SAÚDE MENTAL E RELAÇÕES COM HABILIDADES SOCIAIS EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE - Sonia Regina Loureiro e Karina Pereira Lima (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP - SP)
16:00-17:00	Sala 2	OFICINA 7: LENDO “A ONÇA EGOÍSTA E A JABUTI CORAJOSA”: HABILIDADES SOCIAIS ASSERTIVAS NA CONVIVÊNCIA COM PREDADORES - Pedro Lusz (Centro Universitário de Brasília, UNICEUB - DF)
16:00-17:00	Sala 3	OFICINA 8: HABILIDADES SOCIAIS EMPÁTICAS E O CUIDADO EM SAÚDE - Celia Caldeira Fonseca Kestenberg (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ)
16:00-17:00	Sala 4	OFICINA 9: PROGRAMA DE PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA - Patrícia Lorena Quiterio (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ)
16:00-17:00	Sala 5	OFICINA 10: RODA DE TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA E TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Helenice Alves Pereira Bastos (Movimento Integrado de Saúde Comunitária do DF - DF)
16:00-16:30	Sala 6	PAL15. MÉTODO VIVENCIAL EM THS: PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO - Daniele Carolina Lopes (Universidade Federal de São Carlos)
16:00-16:30	Sala 6	PAL16. HABILIDADES SOCIAIS E TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: RELAÇÕES CONCEITUAIS E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO - Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Salgado de Oliveira)
17:00-17:20		COFFEE BREAK E LANÇAMENTO DE LIVROS
17:20-18:20		SESSÃO DE PAINÉIS
18:20-19:20	Sala 1-2	CONFERÊNCIA 4: FLEXIBILIDADE COGNITIVA: IMPLICAÇÕES SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS COGNITIVAS NA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS EM ESCOLARES - Mirta Susana Ison (INCIHUSA-CONICET e CCT, Mendoza - AR)
18:20-19:20	Sala 3-4	CONFERÊNCIA 5: IMPORTÂNCIA DAS ATITUDES ANTI-BULLYING, EMPATIA PARA COM AS VÍTIMAS E SUPORTE POSITIVO NA PREVENÇÃO DO BULLYING - Julie A Hubbard (Universidade de Delaware - EUA)
19:20-20:20	Sala 5	REUNIÃO PROJETO CAPES
19:20-20:20	Sala 6	REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PREVENÇÃO (SBP-Preve)
DIA 14 DE AGOSTO		
08:00-09:00	Sala 1/2	SESSÃO COMUNICAÇÃO 15: HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE COM-20 VISITA DOMICILIAR: A VISÃO DO PACIENTE SOBRE A VISITA E SUAS EXPECTATIVAS - Wanessa Fernandes Veloso, Mariana Queiroz Sousa Pereira, Rafaella Silveira de Camargo, Suellen Kecya Couto Tenório, Caroline Neiva Damasceno, Flávio Eduardo Ramos de Azevedo, João Victor Barros Feitosa (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC - DF) e Andréa Lopes Ramires Kairala (UnICEUB, Brasília - DF). COM-74 GRUPO DE ESCUTA: APRENDENDO A CUIDAR DE SI E DO OUTRO - Celia Caldeira Fonseca Kestenberg, Alexandre Vicente da Silva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ) e Janaina Mengal Gomes Fabri (Escola de Enfermagem Anna Nery - Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ) COM-44 ENTREVISTA CLÍNICA SOBRE HABILIDADES SOCIAIS E TRAJETÓRIA DE VIDA: UM ESTUDO PILOTO - Jéssica Limberger, Jaluza Aimée Schneider, Raísa da Silva do Nascimento, Luana Thereza Nesi de Mello e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - RS) COM-60 TREINAMENTO DE HABILIDADES DE VIDA: UMA ESTRATÉGIA E TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA - Marcella Regina Silva Rieiro Guerra, Lindarci Pereira da S. Assis, Nádia Martins Rocha Bandeira e Fernanda Costa Nunes (PUC GOIAS) COM-77 ANÁLISE DOS RELATOS TEXTUAIS DE UNIVERSITÁRIOS DE UM CURSO DE FONOAUDIOLOGIA SUBMETIDOS AO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: DADOS PRELIMINARES – Márcia Terezinha van Melis e Dagma Venturini M Abramides (Faculdade de Odontologia USP-Bauru)
08:00-09:00	Sala 3	SESSÃO COMUNICAÇÃO 10: HABILIDADES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL COM-48 HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO DE UMA SALA DE AULA - Cristiane Ferreira, Maria Aparecida Lima da Cruz, Renata das Virgens Senna, Ilana Figueiredo Brandão e Mariana Leonesy da Silva Barreto (Faculdade Santíssimo Sacramento - BA) COM-49 HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM VÍTIMAS E AGRESSORES DE BULLYING - Zeimara de Almeida Santos e Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira - RJ) COM-50 PROGRAMA DE HABILIDADES DE VIDA NA ADOLESCÊNCIA: SUBSÍDIOS PRÁTICOS – Gisele de Rezende Franco e Marisa Cosenza Rodrigues (Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF - MG) COM-51 HABILIDADES SOCIAIS, APOIO SOCIAL E ESTRESSE NA TRANSIÇÃO AO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – Neidiany Vieira Jovarini e Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO - RJ) COM-52 RELATO DE EXPERIÊNCIA COM TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UM GRUPO COM IDOSAS: SINGULARIDADES DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO - Raissa Roberti Benevides, Roberta Sales da Costa, Camila Carvalho Faria Andrade, Deivid Regis dos Santos e Edmárcia Mandrefin Villa (Universidade Estadual de Londrina, UEL – PR).



08:00-09:00	Sala 4	SESSÃO COMUNICAÇÃO 12: HABILIDADES SOCIAIS E (AB)USO DE SUBSTÂNCIAS 2 COM-58 A EXPERIÊNCIA DE IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS ENTRE ADOLESCENTES, UTILIZANDO-SE DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: O PROGRAMA #TAMOJUNTO - Samia Abreu Oliveira, Michaela Batalha Juhászová, Karen Costa Oliva, Adriana Assmann Simonsen, Débora Estela Massarente Pereira, Jane Moraes Lopes, Rebeca Chabar Kapitansky, Raquel Turci Pedroso e Roberto Tykanori Kinoshita (Ministério da Saúde) COM-59 RISCO E PROTEÇÃO DE ESTUDANTES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL Ana El Achkar (Universidade Salgado de Oliveira - RJ), Vanessa Barbosa Romera Leme e, Adriana Benevides Soares (Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Salgado de Oliveira) COM-61 IMPORTÂNCIA DE PROGRAMAS DE HABILIDADES DE VIDA FOCADO EM FAMÍLIAS PARA A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS – Andréa Leite Ribeiro Valério e Roberta Peixoto Ataides (Universidade de Brasília, UnB - DF) COM-62 O CICLO DE PESQUISA EM PREVENÇÃO SOBRE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO AO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NO BRASIL - Ana Aparecida Vilela Miranda, Sheila Giardini Murta e Juliana Silva de Deus (Universidade de Brasília - DF) COM-76 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO PROGRAMA DE PREVENÇÃO ESCOLAR AO USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS - #TAMOJUNTO Karina de Souza Martins e Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina)
08:00-09:00	Sala 5	SESSÃO COMUNICAÇÃO 13: HABILIDADES SOCIAIS NA CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES COM-63 ESTUDO COMPARATIVO DE HABILIDADES SOCIAIS, ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO ACADÊMICO EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II PARTICIPANTES E NÃO PARTICIPANTES DO PIBID - Fabiana Maris Versuti-Stoque e Giovanna Antunes Botazzo Delbem (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP - SP) COM-30 A EMPATIA COMO RECURSO DE ENFRENTAMENTO DOS FATORES DE RISCO: O PLANTÃO PSICOLÓGICO NO PRÉ-VESTIBULAR - Mariana Carla de Freitas, Marena Petra Ferreira Gonçalves e Luciana Bastos Neiva (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC - MG) e Priscila Fidelis de Souza Lima (Centro Universitário UNA - MG) COM-65 AS HABILIDADES SOCIAIS DOS PROFESSORES SOB O PONTO DE VISTA DOS ALUNOS - Monique da Costa Silva (Universidade Católica de Petrópolis - RJ) COM-66 HABILIDADES SOCIAIS DE PROFESSORES DE CRIANÇAS AUTISTAS: UM ESTUDO PILOTO - Claudia Moura de Sant'Anna C. de Oliveira e Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis - RJ) COM-67 IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA INSTITUCIONAL DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UM GRUPO EDUCACIONAL PRIVADO - Fernanda Rossetto Prizibela, José Francisco Malucelli Klas e Roseli Pinheiro (Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, Curitiba, PR)
08:00-09:00	Sala 6	SESSÃO COMUNICAÇÃO 11: HABILIDADES SOCIAIS, SUPERDOTAÇÃO E CRIATIVIDADE COM-53 JOVENS TALENTOS E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: UM PROJETO DE AÇÃO CONTÍNUA - Jane Farias Chagas-Ferreira, Rayanne Rodrigues de Lima, Andressa Cristinne Santos das Mercês Teixeira, Vitória Maria Mendes do Carmo Santos, Isidro Valls de Salles e Matheus Medeiros de Oliveira (Universidade de Brasília - DF) COM-54 AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS COM CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO. Ana Paula de Oliveira, Vera Lucia Messias Fialho Capellini e Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – Unesp, Campus de Bauru) COM-55 EFEITO DA EDUCAÇÃO MUSICAL NA PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS E ESCOLARES EM CRIANÇAS - Paula do Nascimento Martins e Dagma Venturini Marques Abramides (Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo) COM-56 DIÁLOGO ENTRE MUSICOTERAPIA E ANÁLISE APLICADA DO COMPORTAMENTO E OS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA INTERVENÇÃO NO TREINO DAS HABILIDADES SOCIAIS - Gláucia Tomaz Marques Pereira (APAE/GO, Anápolis) e Lucas Alves Landin (APAE/GO, Anápolis e Faculdade Anhanguera Anápolis, FAA-GO)
09:00-09:30	Sala 1/2	PAL10: ESCUDO SOCIAL: A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS E DAS RELAÇÕES SOCIAIS NA VIDA ADULTA - Anderson Siqueira Pereira e Sílvia Helena Koller (UFRGS - RS)
09:00-09:30	Sala 3	PAL11: ESCALA DE AVALIAÇÃO DE ANSIEDADE SOCIAL EM UNIVERSITÁRIOS: ELABORAÇÃO DE ITENS E ESTUDOS PRELIMINARES - Valéria Estefania Morán, Fabián O. Olaz (Universidad Nacional de Córdoba- Argentina) e Zilda A. P. Del Prette (UFSCAR).
09:00-09:30	Sala 4	PAL12: JOGOS EDUCATIVOS E HABILIDADES SOCIAIS: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO EFICAZ E DIVERTIDA - Raissa Roberti Benevides e Sílvia Regina de Souza (Universidade Estadual de Londrina, UEL - PR)
09:00-09:30	Sala 5	PAL13: HABILIDADES TERAPÊUTICAS NO PROCESSO DE ATENDIMENTO INDIVIDUAL E FAMILIAR - Virginia E. Suassuna Martins Costa, Danilo Suassuna, Livia Nayara Tomás Silva, Guilherme Nogueira e Maria Paula Miranda Chaim (ITGT - GO)
09:00-09:30	Sala 6	PAL14: A COMPREENSÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS A PARTIR DO CICLO VITAL - Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - RS)
09:30-10:40	Sala 3	MR08: MANEJO DE CONTINGÊNCIAS NA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA O CONTEXTO CLÍNICO – Proponente: Camila Negreiros Comodo (Universidade Federal de São Carlos - SP) 8.1 ESTUDO DE CASO: COMO DESENVOLVER HABILIDADES SOCIAIS EM UMA CRIANÇA COM DÉFICIT NO REPERTÓRIO SOCIAL - Camila Negreiros Comodo (Universidade Federal de São Carlos - SP) 8.2 HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS, PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DE ADOLESCENTE: UM ESTUDO DE CASO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL - Josiane Rosa Campos (UNESP, Bauru - SP) 8.3 HABILIDADES SOCIAIS ASSERTIVAS E EMPÁTICAS COMO FERRAMENTAS DE MUDANÇA COMPORTAMENTAL EM UM CASO CLÍNICO DE DISFUNÇÃO SEXUAL ERÉTIL - Catarina Malcher Teixeira (Universidade Federal do Maranhão - MA) 8.4 HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA CLÍNICA - Raquel Martins Sartori (Centro Universitário de Votuporanga e Universidade Federal de São Carlos)
09:30-10:40	Sala 4	MR13: IMPLEMENTAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E ADAPTAÇÃO CULTURAL DE PROGRAMA MULTICOMPONENTES DE HABILIDADES SOCIAIS PARA PREVENÇÃO E PROMOÇÃO EM SAÚDE MENTAL. Proponente: Sheila Giardini Murta



		(Universidade de Brasília) 13.1 IMPLEMENTAÇÃO DE PROGRAMAS MULTICOMPONENTES DE HABILIDADES SOCIAIS: ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROCESSO – Daniela Ribeiro Schneider (Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina) 13.2 QUESTÕES REFERENTES À DISSEMINAÇÃO DE INTERVENÇÕES PREVENTIVAS – Márcia Helena da Silva Melo (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo) 13.3 – PROGRAMA FORTALECENDO FAMÍLIAS PARA PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS EM ADOLESCENTES: AVALIAÇÃO DE ADAPTAÇÃO CULTURAL E PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO – Sheila Giardini Murta, Larissa de A. Nobre-Sandoval, Carlos Eduardo Paes Landim Ramos, Marina de Souza Pedralho e Thauana Nayara Gomes Tavares (Universidade de Brasília).
09:30-10:40	Sala 5	SESSÃO COMUNICAÇÃO 14: HABILIDADES SOCIAIS E VIDA UNIVERSITÁRIA COM-68 CORRELAÇÕES ENTRE LIDERANÇA E HABILIDADES SOCIAIS EM MORADIAS COLETIVAS UNIVERSITÁRIAS - Carla Regina Santos Almeida, Carolina Seixas da Rocha e Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE) COM-69 ALTRUIÍSMO E COMPETÊNCIA EMOCIONAL EM UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES - Muriel Corrêa Neves Rodrigues, Henrique Marques Pereira e André Miguel Paquim Lopes (Universidade da Beira Interior, UBI - Portugal) COM-70 HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DE MORADIAS COLETIVAS UNIVERSITÁRIAS - Carla Mayra de Jesus Santos, Hanna Valença Pereira, Luiz Augusto Santos Costa e Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE) COM-71 HABILIDADES SOCIAIS CONSIDERADAS IMPORTANTES POR VOLUNTÁRIOS – Joene Vieira Santos (UFSCar - SP) COM-72 “NAMORO - PAIXÕES QUE (NÃO) VALEM A PENA”: HABILIDADES SOCIAIS E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO NA ESCOLA - Sheila Giardini Murta, Lucas Emmanuel Alves de Lara, Carla Konrad, Estela Guida Teixeira, Nagy ereira Sardinha e Laura Campos de Moura (Universidade de Brasília, UnB - DF) COM-73 A INSERÇÃO DE MONITORES NO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Francisca Maísa Maciel Gomes, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Byanca Eugenia Duarte Silva, Francisca Marina Pereira Rolim, Ricardo da Silva Pereira Antonio Jossean Coutinho Cruz (Faculdade Santa Maria - RS)
09:30-10:40	Sala 6	SESSÃO COMUNICAÇÃO 8: HABILIDADES SOCIAIS: INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO COM-38 AUTOSCOPIA COMO INSTRUMENTO DE SUPORTE AO DIAGNÓSTICO E TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Patrícia Rivoli Rossi, Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro, Elvira Aparecida Simões de Araujo e Marilsa de Sá Rodrigues (Universidade de Taubaté, UNITAU - SP) COM-39 HABILIDADES SOCIAIS GERENCIAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS E ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS - Claudia Regina Carraro e Marilsa de Sá Rodrigues (Universidade de Taubaté, Taubaté - SP) COM-41 PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DAS VERSÕES BRASILEIRAS DAS ESCALAS MULTIDIMENSIONAIS DE EXPRESSÃO SOCIAL - Anderson Siqueira Pereira, Luciana Dutra-Thomé e Silvia Helena Koller (UFRGS - RS) COM-42 CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO INVENTÁRIO DE ESTILOS DE ENAMORAMENTO (IEE) - Clystine Abram Oliveira Gomes e Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira - RJ)
10:40-11:40	Sala 1-2	CONFERÊNCIA 6 - HABILIDADES SOCIAIS REQUERIDAS DO PSICÓLOGO CONTEMPORÂNEO: OS DESAFIOS ASSOCIADOS À LIDERANÇA E AO PROTAGONISMO – Gardênia da Silva Abbad (Universidade de Brasília – DF)
10:40-11:40	Sala 4	PAL07: HABILIDADES SOCIAIS DE FUTUROS PROFESSORES: PROGRAMA DE THS E EDUCAÇÃO ESPECIAL - Patricia Lorena Quiterio, Leila Regina d’Oliveira de Paula Nunes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ) e Eliane Gerk (Universidade Católica de Petropolis - RJ)
10:40-11:40	Sala 5	PAL08: PROPOSTA DE INCLUSÃO DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CURSO DE MEDICINA - Janaína Bianca Barletta e Marcelo de Souza Gennari (Faculdades Integradas da União do Planalto Central, Gama - DF)
10:40-11:40	Sala 6	PAL09: TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DE TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE - Isabela Machado da Silva e Sílvia Renata Magalhães Lordello Borba (UnB, Departamento de Psicologia Clínica - DF)
11:40-12:00	Sala 1-2	SESSÃO DE ENCERRAMENTO



SESSÕES DE PAINÉIS

Dia 12 de agosto – Quarta feira – 17 às 18 hs

CÓDIGO	PAINÉIS
PA-01	ANAI DOS SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DE HABILIDADES SOCIAIS: REVISÃO SISTEMÁTICA DE RESUMOS PUBLICADOS SOBRE TRANSTORNOS MENTAIS - Ana Paula de Castro Araujo, Lanna Cristyna do Rego e Silva e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB)
PA-02	INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS COM PAIS DE CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO - Ana Paula de Oliveira, Gislaine Ferreira Menino Mencia, Vera Lucia Messias Fialho Capellini, Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (UNESP, Bauru - SP)
PA-05	TIMIDEZ: CONCEITO, ORIGEM E AVALIAÇÃO - Anneliza Soares de Sá (Universidade Federal de Goiás - GO)
PA-08	HABILIDADES SOCIAIS REQUERIDAS AO PROFISSIONAL DE MARKETING - Camilla Nóbrega Cusatis Andrade Monica Franchi Carniello e Elvira Aparecida Simões de Araujo (Universidade de Taubaté - SP)
PA-10	O USO DA FERRAMENTA MY WORD NO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS COM PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA - Mariani da Costa Ribas do Prado, Dagma Venturini Marques Abramides e Deborah Viviane Ferrari (Universidade de São Paulo - Faculdade de Odontologia de Bauru - SP)
PA-12	RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS E HABILIDADES SOCIAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA - Francisca Daniella Araruna Tavares, Silvana Queiroga Da Costa Carvalho, Blyanca Eugênia Duarte Silva, Francisca Maísa Gomes Maciel e Verônica Gomes Anacleto (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB)
PA-14	BELEZA ENCOBERTA- AS VICISSITUDES DA DOR EMOCIONAL - Dilma Dias Guimarães (Núcleo de Psicologia da Policlínica da Polícia Civil do Distrito Federal - DF)
PA-16	AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO DE DÉFICITS DE HABILIDADES SOCIAIS EM PACIENTES ATENDIDOS NA FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS - Diogo José Góes de Araújo, Neuraci Gonçalves de Araújo (Instituto Minerva de Educação Avançada, IMEA - SE) e Ilana Figueiredo Brandão (União Metropolitana de Ensino e Cultura, UNIME - BA e Faculdade Santíssimo Sacramento, FSS -BA)
PA-17	A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ESTABELECIMENTO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA PARA O ATENDIMENTO DE UM CASO DE DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL E TABACO - Eline Prado Santos Feitosa (Instituto Minerva de Educação Avançada, IMEA - SE) e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama-DF e Universidade Paulista, UNIP - DF)
PA-18	AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE HOMENS COM TRANSTORNOS ALIMENTARES - Felipe Augusto de Lima Souza, Rosa Guedes e Raphael Cangelli Filho (Faculdade de Medicina da USP, IPQ/HCFMUSP - SP)
PA-20	A MONITORIA EM PSICOLOGIA MÉDICA NO ENSINO DAS HABILIDADES SOCIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA - Guilherme Cunha dos Santos Teles e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)
PA-21	RELAÇÕES ENTRE APOIO SOCIAL, OTIMISMO E BEM-ESTAR SUBJETIVO: UM ESTUDO COM APOSENTADOS - Heren Nepomuceno Costa Paixão, Márcia Sumire Kurogi Diniz, Luane Rosa Soares (FAMA e Faculdade Anhanguera de Anápolis - GO) e Alessandro Gonçalves da Paixão (UniEvangélica e PUC GOIAS)
PA-24	O IMPACTO DA MÁ NOTÍCIA NA PERCEPÇÃO DO ACOMPANHANTE: A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EMPÁTICA E ASSERTIVA - Jéssica Gonçalves de Souza, José Carlos dos Santos Júnior e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)
PA-25	PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO PERÍODO GESTACIONAL: PUÉRPERA DIANTE DA SEXUALIDADE - Jéssica de Oliveira Gomes Silva, Pedro Henrique Gomes dos Santos, Priscilla Luis Vilas Boas, Carlos Magno Rodrigues Alves, Adriana de Faria Lisboa Paraguassu, Amanda Martins Conceição Oliveira, Cristiane Alves Martins Pires, Thatiane de Oliveira Gomes Silva e Telma de Goiás Brasi (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO - GO) e Ingrid Ksênia Ferreira Liah (Universidade Paulista, UNIP, Goiânia - GO)
PA-26	A CONTRADIÇÃO ENTRE O QUE É DITO E O QUE É FEITO: QUESTIONAMENTO SOBRE ENSINO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO MÉDICA - José Carlos dos Santos Júnior, Jéssica Gonçalves de Souza e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)
PA-28	TODOS PRECISAMOS SER BILÍNGUES: IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL ENTRE OUVINTES E NÃO OUVINTES - Jozielma Bastos da Silva Barros, Regina Celia Cantanhede França, Zinole Helena Martins Leite, Laura Rosa Soares Neta, Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva e Anny Carollyne Soares e Daurinete Gomes da Silva (Universidade Ceuma, São Luis - MA)
PA-29	LITERATURA INFANTIL: UMA POSSÍVEL ESTRATÉGIA PARA PROMOÇÃO HABILIDADES SOCIAL EM PRÉ-ESCOLARES - Juliana Pinto dos Santos (Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV - SP), Mariéli Mariko Leite (Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV - SP) e Talita Pereira Dias (UFSCar -SP)
PA-30	ESTILOS PARENTAIS PERCEBIDOS E O CONSUMO DE ÁLCOOL EM ADOLESCENTES: REVISÃO SISTEMÁTICA - Karina de Souza Martins e Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina - SC)
PA-31	DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES SOCIAIS COM ALUNOS INICIANTES NA GRADUAÇÃO - Antônio de Jesus Silveira Leite e Katharine Bernardes Costa Ribeiro (Faculdade JK, Taguatinga -DF)
PA-32	INVESTIGAÇÕES ACERCA DAS HABILIDADES SOCIAIS E EMOÇÕES - Lanna Cristyna do Rego e Silva, Ana Paula de Castro Araujo e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria - PB)
PA-34	ESTILOS PARENTAIS E INCIDÊNCIA DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA - Daurinete Gomes da Silva, Zinole Helena Martins Leite, Anny Carollyne Soares, Jozielma Bastos da Silva Barros, Laura Rosa Soares Neta, Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva e Regina Celia Cantanhede França (Universidade Ceuma, São Luís - MA)
PA-41	HABILIDADES DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS E TENTATIVA DE SUICÍDIO: O QUE DIZ A LITERATURA? - Mara An Deulayne Mota Dias, Sheila Raquel Júlia de Sousa e Janaína Bianca Barletta (Universidade Paulista, UNIP - DF)



PA-42	TREINAMENTO DE HABILIDADES DE VIDA: UMA ESTRATÉGIA DE TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA - Marcella Regina Silva Rieiro Guerra, Lindarci Pereira da S. Assis, Nádia Martins Rocha Bandeira e Fernanda Costa Nunes (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)
PA-44	AGRESSIVIDADE NA RELAÇÃO ALUNO E PROFESSOR NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR – Márcia Sumire Kurogi Diniz, Luane Rosa Soares, Heren Nepomuceno Costa Paixão e Alessandro Gonçalves da Paixão (Faculdade Metropolitana de Anápolis - GO)
PA-45	A INFLUÊNCIA DE UM GRUPO DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NA MUDANÇA DA AUTOAVALIAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIO - Maria Aparecida de Oliveira e Lais Cristina da Silva (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC - GO)
PA-48	CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS HABILIDADES SOCIAIS E DO EFEITO IATROGÊNICO DA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE - Mayza Maressa Oliveira e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)
PA-49	ACHADOS BIBLIOGRÁFICOS NACIONAIS SOBRE A PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS ATRAVÉS DA MUSICOTERAPIA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL - Michelle Delfito e Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP)
PA-51	RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA ATIVIDADE DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE: A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ESTUDANTE DE MEDICINA - Mylena Thayná Silva Alves, Camila de Azevedo Guedes Nogueira, Pablo Henrique da Costa Silva, Rebeca Caroline Moreira, Flávio Eduardo Ramos de Azevedo, Roberta Silvestre Fontão Peres, João Victor Barros Feitosa, Gabriel Alves Barros Rocha, Ronan Reginatto, Ilma da Cunha Barros e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)
PA-52	DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADE E COMPETÊNCIAS SOCIAIS EM DISCENTES DO ENSINO SUPERIOR – Myriam Christina Alves Rodrigues (Faculdade Raízes - GO)
PA-53	RELATO DE EXPERIÊNCIA: GRUPO DE ESTUDOS EM HABILIDADES SOCIAIS PARA TERAPEUTAS - Neiva Tein de Souza e Susana Dornelles (IntCC Instituto de terapias Cognitivas - RS) e Francine Guimarães Gonçalves (UFRGS - RS)
PA-54	HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL: REVISÃO DA LITERATURA NUMA POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA ÁREA DE SAÚDE – Núria Priscila Valentini Borro, Dagma Venturini Marques Abramides e Marcia Terezinha Van Melis (Faculdade de Odontologia de Bauru – USP)
PA-63	INTERAÇÃO COMUNITÁRIA III: DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES INTERPESSOAIS DE ALUNOS DE MEDICINA - Isac César Roldão Leite, Janaina Colombo Nunes, Rebeca Marques Margoto, Gustavo Lucas Cardoso, Vênus Déia Alves de Farias, Janaína Bianca Barletta e Ilma da Cunha Barros (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)
PA-64	RELATO DO PRIMEIRO CONTATO DO ESTUDANTE DE MEDICINA COM O PACIENTE INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONTROLE E DA EXPRESSIVIDADE EMOCIONAL - Rebeca Margoto, Isac César Roldão Leite e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)
PA-66	RESILIÊNCIA E HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA - Rosana Trindade Santos Rodrigues, Ana Cristina Pletsch Roncati, Karen Cristine Abrão (Universidade Anhembi Morumbi – SP) e George Barbosa (Sociedade Brasileira de Resiliência -SOBRARE; Fundação Vanzolini - USP)
PA-67	A RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E CONCEITUALIZAÇÃO COGNITIVA: UMA REVISÃO DE LITERATURA - Sheila Raquel Júlia de Sousa, Mara An Deulayne Mota Dias e Janaína Bianca Barletta (Universidade Paulista, UNIP - DF)
PA-70	DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNOS MENTAIS GRAVES - Tharso de Souza Meyer, Daniele Coppi Balland, Paola Branco Schweitzer Arantes e Larissa Aparecida Hagemeyer (Secretaria Municipal de Saúde de Lages- SC)
PA-73	INTERVENÇÃO SOCIAL EM PACIENTES USUÁRIOS DE DROGAS: RELATO DE VIVÊNCIA - Wanessa Fernandes Veloso, Caroline Neiva Damasceno, Karlos Jennysson Sousa Soares e Mariana Queiroz Souza Pereira (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC - DF)
PA-75	PROJETO ESTREITANDO RELAÇÕES APRENDENDO A COMUNICAR AFETOS E IDEIAS NO DIA A DIA – Rosane de Sousa Miranda, Lívia Soares Rodrigues Nunes, Lidiane de Moraes Evangelista e Maria da Conceição Saraiva Santos (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí) e Shirley de Souza Silva Simeão (Universidade Federal da Paraíba - PB)
PA-78	HABILIDADES SOCIAIS EM TRÊS GERAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO - Andrea Schettino Tavares, Dominique Miranda Galvão, Ingrid Mendes Lagatta e Manuella de Paula Rabelo Porto (Universidade de Brasília - DF)
PA-79	A PRÁTICA DO COMPORTAMENTO EMPÁTICO NA CONSULTA DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL - Celia Caldeira Fonseca Kestenberg, Janaina Mengal Gomes Fabri, Alexandre Vicente da Silva e Camila Castanho Cardinell (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ)
PA-81	PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA EMPATIA: POTENCIALIZANDO O CUIDADO EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM QUE CUIDAM DE PESSOAS COM RISCO DE SUICÍDIO - Alexandre Vicente da Silva, Iraci dos Santos e Célia Caldeira Fonseca Kestenberg (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem - RJ)
PA-82	HABILIDADES SOCIAIS E LIMITES NO COMPORTAMENTO PARENTAL: RELAÇÕES INTERPESSOAIS PAIS-FILHOS E USO DOS LIMITES - Ricardo da Silva Pereira, Byanca Eugênia Duarte Silva, Francisca Máisa Maciel Gomes, Magna de Sousa Lima e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, PB).



Dia 13 de agosto – Quinta feira – 17 às 18 hs

Código	PAINÉIS
PA-03	PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO E PROMOÇÃO DE EMPODERAMENTO EM ADOLESCENTES - Sheila Giardini Murta, Ana Aparecida Vilela Miranda, Karinne Bezerra Leissa, Lydia Galdino Veras, Karine Brito dos Santos, Eudes Diógenes Alves Cangussú e Rafael Alberto Moore (UnB, Brasília - DF)
PA-04	DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS EM PROFESSORES: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - Anderson Siqueira Pereira, Luiza Habigzang e Silvia Helena Koller (UFRGS, Porto Alegre - RS)
PA-06	ANÁLISE SOBRE O DÉFICIT NO REPERTÓRIO DAS HABILIDADES SOCIAIS – Byanca Eugênia Duarte Silva, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Francisca Marina Pereira Rolim, Francisca Maísa Maciel Gomes, Maria Mabel Nunes de Moraes e Ricardo Pereira da Silva (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB)
PA-07	A INFLUÊNCIA DO COMPORTAMENTO ASSERTIVO NO ESTABELECIMENTO DAS DAS RELAÇÕES SOCIAIS: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO - Byanca Eugênia Duarte Silva, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Francisca Marina Pereira Rolim, Francisca Maísa Maciel Gomes, Maria Mabel Nunes de Moraes e Ricardo da Silva Pereira (Faculdade Santa Maria - PB)
PA-09	ACABOU. E AGORA? DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIAIS APÓS O TÉRMINO DE UMA RELAÇÃO AMOROSA - Clarice Alves de Almeida Beckmann, Lílian Oliveira Silva e Aline Hisako Vicente Hidaka (CAEP/UnB - DF)
PA-11	A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO ANIMADO NA PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE CIVILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA - Daiane Natália Polatto e Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jau - SP)
PA-13	HABILIDADES SOCIAIS: COMO UMA IMPORTANTE FERRAMENTA FRENTE AO PROCESSO DE REABILITAÇÃO POR DEPENDÊNCIA QUÍMICA EM ADOLESCENTE - Francisca Daniella Araruna Tavares, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Francisca Maísa Maciel Gomes e Verônica Gomes Anacleto (Faculdade Santa Maria - PB)
PA-15	TRIANGULAÇÃO FAMILIAR – CASO DE AMOR OU ÓDIO? - Dilma Dias Guimarães e Iran Lima de Aragão Filho (Polícia Civil do Distrito Federal - DF)
PA-19	PROMOÇÃO DA ASSERTIVIDADE E AUTOCONFIANÇA A PARTIR DO TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS EM GRUPO – Francine Guimarães Gonçalves (Centro de Desenvolvimento de Habilidades Sociais, Porto Alegre - RS)
PA-22	HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DO USO DE DROGAS: UM ESTUDO DE REVISÃO - Jaluza Aimée Schneider, Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS)
PA-23	SÍNDROME DE DOWN E O PAPEL DO ESPORTE NO DESENVOLVIMENTO INTERPESSOAL - Jane Guimarães Felizardo (Universidade Salgado de Oliveira, Niteroi - RJ)
PA-27	AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EM UNIVERSITÁRIOS COM IDEIAÇÃO SUICIDA - Josiane Miranda e Maria de Fátima Xavier (Faculdades Integradas Einstein de Limeira - SP)
PA-33	AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM - Laura Campos de Moura (Universidade de Brasília - DF) e Aline Bicalho Matias (Hospital da Criança de Brasília José Alencar - DF)
PA-35	PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS A PARTIR DO BILINGUISMO - Laura Rosa Soares Neta, Zinole Helena Martins Leite, Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva, Anny Carollyne Soares, Jozielma Bastos da Silva Barros, Regina Celia Cantanhede França e Daurinete Gomes da Silva (Universidade CEUMA, São Luis - MA)
PA-36	PANORAMA DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO PILOTO DO PROGRAMA COMPASSO SOCIOEMOCIONAL EM 17 ESCOLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - Ana Luiza Raggio Colagrossi e Letícia Guimarães Lyle (Instituto Vila Educação, São Paulo - SP)
PA-37	HABILIDADES DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS EM CRIANÇAS COM E SEM QUEIXA DE DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM - Liliane Perroud Miilher Alessandra Brunoro Motta Loss, Pedro Paulo Calmon Paes e Frantheska Fonseca Fazolo (Universidade Federal do Espírito Santo, UFES - ES)
PA-38	PERCEPÇÃO DOS PAIS DE CRIANÇAS COM AUTISMO QUANTO À COMUNICAÇÃO DE SEUS FILHOS - Liliane Perroud Miilher (Universidade Federal do Espírito Santo - ES), Juliana Izidro Balestro (Universidade de São Paulo - SP) e Larissa Almeida Carneiro (Universidade Federal do Espírito Santo - ES)
PA-39	PRÁTICAS PARENTAIS, VULNERABILIDADE SOCIAL E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DA CRIANÇA ESCOLAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA - Lívia Maria Monteiro Ramanho, Joana Rostirolla Batista de Souza e Cristyeleadjerferrssa Katariny Vasconcelos Mauricio (Universidade Federal da Paraíba - PB)
PA-40	RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: O PAPEL DA ASSERTIVIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM - Magna de Sousa Lima, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Antonio Jossean Coutinho Cruz, Byanca Eugênia Duarte Silva, Francisca Maísa Maciel, Maria Mabel Nunes de Moraes e Josefa Amanda Lino de Sousa (Faculdade Santa Maria, FSM - PB)
PA-43	TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: PROMOVENDO QUALIDADE DE VIDA - Marcelo Sanches Fracalossi e Florêncio Mariano da Costa Júnior (Universidade Sagrado Coração, USC - SP)
PA-46	ORIENTAÇÃO SOBRE DST/AIDS COM ADOLESCENTES: UMA ATIVIDADE EDUCACIONAL QUE FAVORECE O AUMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS DOS ALUNOS DE MEDICINA - Mariana de Sousa Almeida Ramos, Pablo Henrique da Costa Silva, João Victor Barros Feitosa, Eduardo Henrique Soares Almeida, Suellenn Kecya Couto Tenorio, Daniele Natália Rocha Barbosa, Flávio Eduardo Ramos de Azevedo, Ronan Reginatto, Gabriel Alves Barros Rocha, Rafaella Silveira de Camargo, Ilma da Cunha Barros e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)
PA-47	RELAÇÃO ENTRE DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS E O USO DE DROGAS NO CONTEXTO FAMILIAR DE PACIENTES COM TRANSTORNO POR USO DE SUBSTÂNCIA - Mariana Squefi, Vanessa Trintin Rodrigues, Jaluza Aimée Schneider, Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS)
PA-50	GOOD BEHAVIOR GAME – UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO PRIMÁRIA EM PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO NO BRASIL: REVISÃO SISTEMÁTICA - Milene Strelow e Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina - SC)
PA-55	INSTRUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS NA AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EM USUÁRIOS DE DROGAS – Raísa da Silva do Nascimento (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS - RS), Jéssica Limberger, Jaluza Aimée Schneider e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos - RS)
PA-56	ASSERTIVIDADE E EMPATIA DE MÃES DE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA - Pricila Mendonça Barros da Silva e Eliane Gerck (Universidade Católica de Petrópolis - RJ)



PA-57	A AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM E AS HABILIDADES SOCIAIS COMO INSTRUMENTO DE PRÁTICA EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL - Priscila Fidelis de Souza Lima (Centro Universitário UNA - MG), Marena Petra Ferreira Gonçalves, Luciana Bastos Neiva e Mariana Carla de Freitas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC -)
PA-59	HISTÓRIA DE VIDA: A TRAJETÓRIA DESDE A ESCOLA DE ASSENTAMENTO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO HISTÓRIA DE VIDA: A TRAJETÓRIA DESDE A ESCOLA DE ASSENTAMENTO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO - Raniéli Gonçalves de Souza e Andreza Aparecida Polia (Universidade Federal da Paraíba - PB)
PA-60	ANÁLISE DO IMPACTO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES DE SOCIAIS SOBRE O DESEMPENHO NA ATUAÇÃO CLÍNICA DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA - Raquel Martins Sartori (UNIFEV / UFSCar - SP) e Almir Del Prette (UFSCar - SP)
PA-61	RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS PARENTAIS E DIMINUIÇÃO DOS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DOS FILHOS - Raysa Cristina Machado Maciel, Josefa Amanda Lino de Sousa Antonio Jossean Coutinho Cruz, Yara da Silva Ricardo e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria, FSM - PB)
PA-62	ESTILOS PARENTAIS E A INCIDÊNCIA DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS - Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva, Regina Celia Cantanhede França, Laura Rosa Soares Neta, Jozielma Bastos da Silva Barros, Anny Carollyne Soares dos Santos, Zinole Helena Martins Leite, Daurinete Gomes da Silva (Universidade Ceuma, São Luis - MA)
PA-65	PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DE AUTISMO - Regina Celia Cantanhede França, Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva, Zinole Helena Martins Leite, Anny Carollyne Soares, Jozielma Bastos da Silva Barros, Laura Rosa Soares Neta e Daurinete Gomes da Silva (Universidade CEUMA, São Luís - MA)
PA-68	O PAPEL DAS EMOÇÕES NO MANEJO DAS HABILIDADES SOCIAIS - Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Lanna Cristyna do Rego e Silva, Ana Paula de Castro Araujo, Arlindo Félix da Costa Neto (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB) e Jayana Ramalho Ventura (Universidade Federal da Paraíba - PB)
PA-69	HABILIDADES SOCIAIS DOS LÍDERES COMO VARIÁVEIS QUE AFETAM O CLIMA ORGANIZACIONAL - Taiani Lanjoni (UNIFEV - Centro Universitário de Votuporanga - SP) e Raquel Martins Sartori (UNIFEV / UFSCar-SP).
PA-71	FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DA CRIANÇA NA ESCOLA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA - Joana Rostirolla Batista de Souza e Thayzzy Fátima Araújo Santos (Universidade Federal da Paraíba - PB)
PA-72	UMA REVISÃO TEÓRICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL - Vanessa Thais Monteiro e Denise Dascanio (Universidade Paulista, UNIP, Bauru - SP)
PA-74	A CONJUGALIDADE NO CICLO VITAL DA FAMÍLIA NA FASE MADURA - Zinole Helena Martins Leite (Universidade CEUMA, São Luis - MA)
PA-76	AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS COM ESTUDANTES DE MEDICINA - Carolina Montanieri Russi do Nascimento e Elvira Aparecida Simões de Araujo (Universidade de Taubaté - SP)
PA-77	AQUISIÇÃO DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS EM UM CASO DE COMPORTAMENTO ALIMENTAR COMPULSIVO Giselle Gomes Lobo e Souza, Sônia Maria Melo Neves, Gina Nolêto Bueno (PUC Goiás - GO)
PA-80	HABILIDADES SOCIAIS DO TUTOR VIRTUAL: COMUNICAÇÃO EM FOCO - Márcia Aparecida Barbosa e Suelen Midori Barbosa (Universidade do Oeste Paulista, Unoeste - SP)



LIVRO DE RESUMOS

V Seminário Internacional de Habilidades Sociais



CONFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA 1. O CAMPO TEÓRICO PRÁTICO DAS HABILIDADES SOCIAIS: DADOS E REFLEXÕES SOBRE A TEORIZAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICA NO BRASIL - Zilda Aparecida Pereira Del Prette e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos – SP)

Considerado como marco inicial do campo teórico-prático das Habilidades Sociais no Brasil foi o primeiro artigo em periódico nacional de impacto, em 1996, expunha a história e o local de constituição desse campo, explicitando seus conceitos fundamentais e as principais abordagens que lhe serviam de base. Assim, pode-se afirmar que os estudos nessa temática, em nosso país, completaram, em 2014, 18 anos desde aquele artigo inaugural. Desde período até agora, o tema das habilidades sociais vem sendo objeto de interesse crescente, não somente no âmbito da Psicologia, mas também, gradativamente, em outras disciplinas e áreas de conhecimento. Esse interesse certamente está relacionado com o aumento da produção científica em periódicos, apresentações de estudos em congresso e intervenções com diferentes clientela na comunidade. No último caso, chegando a induzir palavras chave para indexação de trabalhos em eventos e uma diversidade de interfaces com campos da Psicologia como Escolar e Educacional (regular e especial), Saúde, Clínica, Comunitária, Organizacional e Trabalho. Em 2002, foi formado o primeiro Grupo de Trabalho (GT) em Habilidades Sociais junto à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). A partir daí, esse grupo reuniu-se sistematicamente, nos Simpósios Bienais dessa entidade, com objetivos gerais de incentivar e articular a produção de conhecimento na área bem como de incentivar a formação de novos pesquisadores nessa temática. Em termos da formação de novos pesquisadores, uma análise das teses e dissertações produzidas nos últimos anos já permite entrever uma nova geração de pesquisadores que vêm explorando temas bastante variados, em geral sob as abordagens cognitivas e comportamentais, junto a populações diversificadas e com diferentes métodos de análise. Ao lado disso, organizou eventos bienais (I, II, III e IV Seminário Internacional de Habilidades Sociais) que constituíram oportunidades de articulação entre pesquisadores brasileiros, mas, também, ainda que timidamente, de articulação com pesquisadores de outros países (latinoamericanos, europeus e americanos). Esta conferência apresenta a evolução do campo teórico-prático das Habilidades Sociais nesse período, com dados quantitativos sobre a produção científica (especialmente de artigos e capítulos de livros) e sobre a ampliação dos pesquisadores mestres, doutores e pós-doutores formados nessa área. Serão apresentados também indicadores da disseminação dos recursos conceituais e metodológicos sobre habilidades sociais, construídos ou adaptados por pesquisadores brasileiros. Não obstante esses aspectos positivos, são reconhecidas as lacunas e os desafios tanto na produção de conhecimento como na sua aplicação e disseminação. Uma delas refere-se à (ainda) limitada divulgação do conhecimento produzido para além das fronteiras nacionais. Outras se referem às controvérsias conceituais e aos temas e métodos subexplorados em nosso meio. Essas questões serão objeto de análise, explorando-se hipóteses explicativas, tanto para a expansão dessa área como para suas lacunas e desafios, buscando-se apontar algumas direções futuras de interesse para pesquisadores, profissionais e a comunidade em geral. **Palavras-chave:** Habilidades Sociais, Competência Social, Cientometria, Brasil.

CONFERÊNCIA 2. EMPATIA E PERSONALIDADE - Eliane Mary de Oliveira Falcone (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ)

A empatia é considerada uma habilidade cada vez mais requerida para prover vínculos afetivos seguros, satisfação pessoal e interpessoal. Deficiências nesta habilidade estão relacionadas a conflitos, violência, divórcio, isolamento social e transtornos mentais. A experiência da empatia envolve componentes cognitivos, afetivos e comportamentais que se articulam para prover a sua manifestação. O componente cognitivo, referido como tomada de perspectiva, envolve inferir acuradamente pensamentos e sentimentos de alguém em determinada situação; o componente afetivo reflete o compartilhamento de sentimentos e o comportamental é identificado pela expressão verbal ou não verbal de entendimento da experiência interna do outro. A empatia pode ser ativada de forma automática, a partir do reconhecimento dos sentimentos e pensamentos de outra pessoa em experiência de dor física ou emocional. Outra forma mais complexa de ativação da empatia ocorre de forma consciente e intencional, envolvendo maior esforço mental. Na interação empática consciente, o indivíduo está envolvido em abrir mão da própria perspectiva para compreender os pensamentos e sentimentos de alguém, assim como de compartilhar sentimentos. Essa capacidade reduz malentendidos, resolve conflitos e agressões, aumenta a cooperação e outras respostas pró-sociais. Um aspecto central envolvendo a experiência da empatia se refere ao papel da tomada de perspectiva na regulação das emoções. A empatia ativada de forma intencional envolve uma tentativa de inibir a própria perspectiva e o egocentrismo. A partir



do esforço consciente para compreender a situação de alguém (tomada de perspectiva), sentimentos de consideração e de compaixão pelo estado do outro serão ativados, inibindo (em situações de conflito) emoções negativas previamente relacionadas à própria perspectiva. Vários estudos sugerem que a empatia se correlaciona com maior propensão ao perdão, redução da raiva e da agressividade, além de aumentar o vínculo, tornando as relações mais gratificantes. Indivíduos com transtorno de personalidade apresentam dificuldades em tomar a perspectiva dos outros ou a experimentar compaixão, o que contribui para as suas dificuldades em controlar a raiva, ou para maior frequência de experiências de conflito interpessoal. Uma vez que a empatia se encontra na base da formação do pensamento moral e seu desenvolvimento depende de relações seguras de apego, esta pode exercer grande influência na formação da personalidade. Pretende-se apresentar neste trabalho as relações entre empatia e personalidade, a partir das perspectivas evolucionistas e dos estilos de apego. Uma revisão de estudos que sustentam essas relações também será apresentada. (FAPERJ) **Palavras-chave:** Empatia, personalidade, transtornos da personalidade.

CONFERÊNCIA 3. INTERVENÇÃO VIA COMPUTADOR PARA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA MANEJO DE CONFLITOS E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES - Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília - DF)

A violência recebida e praticada contra o parceiro íntimo em relações amorosas pré-matrimoniais, conhecida como violência no namoro, apresenta uma prevalência alarmante em casais adolescentes brasileiros. Diversos custos para a saúde mental resultantes do envolvimento em namoros violentos têm sido constatados, o que aponta a necessidade de programas preventivos. Evidências sugerem que déficits em habilidades sociais guardam uma relação importante com a violência no namoro, ao passo que habilidades sociais de resolução de problemas interpessoais, empatia e regulação das emoções em situação de conflito estão associadas à qualidade das relações amorosas. Assim, o desenvolvimento destas habilidades sociais constitui uma das estratégias preventivas cabíveis. Esta conferência tem por objetivo apresentar o processo de desenvolvimento de uma intervenção inovadora, via computador, de prevenção universal à violência no namoro para adolescentes. Trata-se de uma intervenção computadorizada customizada, cuja característica principal é o ajustamento da informação às características individuais, além do acesso simultâneo a um grande número de pessoas sem limitações espaciais. A intervenção foi desenvolvida em três etapas: (a) preparação, (b) customização e (c) integração. Na primeira etapa, foram investigados os determinantes psicossociais do comportamento alvo, definido como vitimização e perpetração de violência no namoro, e foram delineados os objetivos da intervenção e sua estrutura. Na segunda etapa, foram definidas as estratégias de customização, as estratégias de adaptação das mensagens customizadas, os tipos de feedbacks a serem oferecidos, as matrizes de customização, o questionário de customização e o ajustamento destas informações a softwares especializados. Na terceira e última fase, as mensagens escritas separadamente foram integradas, o layout da intervenção foi desenvolvido, todos estes elementos foram integrados no software adotado para, ao final, disponibilizar a intervenção ao usuário. Como conclusão, serão abordados os custos, os benefícios esperados e as perspectivas de avanço da pesquisa acerca deste tipo de intervenção, com vistas à difusão de práticas de promoção de habilidades sociais e prevenção a fatores de risco para a saúde mental em adolescentes. **Palavras-chave:** Prevenção, violência pelo parceiro íntimo, intervenção via computador.

CONFERÊNCIA 4. FLEXIBILIDADE COGNITIVA: IMPLICAÇÕES SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS COGNITIVAS NA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS EM ESCOLARES - Mirta Susana Ison (INCIHUSA-CONICET e CCT - Mendoza, AR)

Flexibilidade cognitiva, entendido a partir do contexto de resolver os problemas interpessoais, refere-se à capacidade dos indivíduos para desenvolverem uma representação mental das relações entre os elementos de um problema, podendo variar dependendo das características do contexto. Significa ser capaz de mudar a perspectiva e ver as coisas de várias maneiras para analisar quão bem sucedida é a escolha de uma estratégia ou de um conjunto delas e introduzir correções ao plano original se necessário, a fim de tomar uma decisão que gere benefícios para si mesmo e para os outros, funções que exigem controle da atenção. Em consonância com isso, as crianças em idade escolar enfrentam uma série de situações, muitas das quais podem ser um problema. Um problema surge quando a pessoa não sabe quais ações adotar para chegar à solução. Com a entrada na rede de ensino, as crianças compartilham, em maior medida, atividades sociais e acadêmicas com colegas e adultos e estão diariamente expostas a problemas interpessoais e situações que exigem uma autorregulação emocional eficaz, expressa por meio de seu comportamento. Um problema interpessoal envolve uma interação social entre duas ou mais pessoas em que os desejos, necessidades, objetivos ou



metas de quaisquer dos participantes não coincidem com os desejos e/ou metas dos demais envolvidos na interação (Maddio, 2012). Vários estudos sugerem que os escolares com melhor controle da atenção tendem a resolver problemas interpessoais de forma menos hostil, inibindo o comportamento disruptivo, na medida em que podem pensar em vários "caminhos" ou alternativas para alcançar a solução menos conflituosa. O objetivo desta apresentação é aprofundar o conhecimento sobre a relação entre o controle da atenção e flexibilidade cognitiva a partir da perspectiva de habilidades sociocognitiva para resolver problemas interpessoais de crianças em idade escolar, de áreas socialmente vulneráveis da província Mendoza, Argentina. **Palavras-chave:** Flexibilidade Cognitiva; Solução de Problemas Interpessoais; Escola; Crianças.

CONFERÊNCIA 5. IMPORTÂNCIA DAS ATITUDES ANTI-BULLYING, EMPATIA PARA COM AS VÍTIMAS E SUPORTE POSITIVO NA PREVENÇÃO DO BULLYING - Julie A Hubbard (Universidade de Delaware - EUA)

Aproximadamente 10% das crianças são constantemente intimidadas por seus pares. Crianças vitimizadas experimentam resultados negativos nas áreas de saúde mental, desempenho acadêmico e saúde física. O Programa de Prevenção de Kiva Bullying é baseado em uma teoria que afirma que: (a) crianças fazem bullying para ganhar status entre os pares, (b) o bullying é reforçado por reações positivas dos espectadores; (c) se os espectadores forem ensinados a apoiar as vítimas, o bullying será reduzido. O Programa de Kiva foi avaliado em dois estudos de grande escala na Finlândia onde demonstrou grande eficácia. No entanto, ele nunca antes tinha sido conduzido nos EUA. O objetivo deste estudo foi implementar e avaliar o Programa de Kiva no maior distrito escolar em Delaware para fornecer dados sobre a eficácia do programa nas escolas norte-americanas. Nossa hipótese era que: (a) o Kiva aumentaria atitudes anti-bullying para crianças, a empatia para com as vítimas e a autoeficácia para apoiar as vítimas; (b) o aumento nestes mediadores intervenção provocaria um aumento nos comportamentos positivos das crianças quando testemunhassem assédio moral, como tentativa de interrompê-lo e busca de um adulto para ajudar, ou confortar a vítima; (c) esses comportamentos positivos dos espectadores diminuiriam o bullying e vitimização; e (d) as crianças, então, experimentariam menos dos resultados negativos emocionais, sociais e acadêmicos associados à vitimização. Para testar esta teoria, aplicamos o Programa Kiva nas salas de quarta e quinta séries de seis escolas. No início e no final do ano letivo, foram coletados dados nestas seis escolas e em seis escolas de controle (total N=95 salas de aula e 1.885 crianças). Os construtos avaliados incluíram os três mediadores de intervenção, os comportamentos positivos dos espectadores, o bullying e a vitimização, correlatos emocionais de vitimização (depressão, ansiedade, somatização) e correlatos sociais da vitimização (rejeição dos colegas, retraimento social). Os constructos foram medidos por meio de uma combinação de autorrelato, relato de professores e relato dos pares. O Programa de Kiva influenciou positivamente dois dos mediadores de intervenção (empatia para com as vítimas e as atitudes antibullying). As mudanças nesses mediadores levaram a mudanças em dois comportamentos positivos dos espectadores (obter ajuda de um adulto e confortar a vítima). Como estes comportamentos positivos dos espectadores melhoraram, as crianças do grupo de intervenção passaram se envolver menos em bullying e foram vitimadas com menos frequência do que as crianças do grupo de controle. Estas mudanças positivas nos níveis de bullying e vitimização resultaram em menos consequências emocionais (depressão, ansiedade, somatização) e sociais (rejeição pelos pares) negativas para as crianças de intervenção do que as crianças de controle. **Palavras-chave:** Programa KiVa, Bullying, Desenvolvimento Socioemocional, Empatia, Saúde Mental, Desempenho Acadêmico

CONFERÊNCIA 6. HABILIDADES SOCIAIS REQUERIDAS DO PSICÓLOGO CONTEMPORÂNEO: OS DESAFIOS ASSOCIADOS À LIDERANÇA E AO PROTAGONISMO – Gardênia da Silva Abbad (Universidade de Brasília – DF)

Habilidades sociais são competências essenciais ao exercício profissional responsável e inteligente em diversas áreas. A atuação de profissionais da psicologia, dados os desafios da atualidade, requer, além da formação, a capacitação constante, visando ao desenvolvimento de habilidades de trabalho em equipe, liderança e gestão de conflitos e de pessoas. Essas habilidades, por serem complexas e constituídas por conjuntos articulados de afetos, sentimentos, emoções e cognições, são difíceis de desenvolver com os meios tradicionais de ensino. Os cursos de graduação de Psicologia no Brasil não têm desenvolvido a contento, segundo pesquisas e dados do INEP, diversas competências essenciais preconizadas pelas diretrizes curriculares nacionais. Os cursos parecem estar ainda focados na aprendizagem mecânica, apoiada na transmissão de conhecimentos e na oferta de disciplinas de caráter predominantemente teórico. O contexto acadêmico tradicional geralmente não reúne condições para o desenvolvimento de habilidades sociais de liderança de grupos e outras competências necessárias à atuação ética e focada na transformação social. A literatura especializada em desenvolvimento de habilidades de liderança e trabalho em equipes multiprofissionais sugere que



métodos de aprendizagem ativa, focada na imersão dos profissionais na realidade, apresentação de modelos humanos de referência, simulação de cenários de prática e em abordagens baseadas em solução colaborativa de problemas são eficazes no desenvolvimento desse tipo de habilidades sociais. O trabalho em equipes interprofissionais exige do profissional um preparo para lidar com a diversidade de pontos de vista, visões de mundo e de ciência. Para finalizar, são discutidas estratégias de desenvolvimento contínuo de algumas dessas habilidades, bem como os desafios que o psicólogo brasileiro tem enfrentado para requalificar-se e capacitar-se constantemente para atuação em contextos sociais complexos como requerido pelo mundo do trabalho, em especial nas áreas da saúde, trabalho e educação, as quais exigem protagonismo e profissionais capazes de liderar transformações sociais. **Palavras-chave:** habilidades sociais, trabalho em equipe, liderança, competência do psicólogo.



CURSOS

CURSO 1. A COMPETÊNCIA SOCIAL NOS PROGRAMAS VIVENCIAIS DE HABILIDADES SOCIAIS - Almir Del Prette e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

A aprendizagem de habilidades sociais e o aprimoramento da competência social podem ocorrer ao longo de toda a vida e por meio de diferentes processos. A literatura da área destaca três principais: aprendizagem instrucional (regras), observacional (modelação) e por consequências. Quando o ambiente natural não estabelece condições suficientes para garantir o repertório de habilidades sociais necessário à competência social, podem ocorrer déficits, que constituem fatores de risco ao desenvolvimento saudável e podem estar associados a diferentes transtornos psicológicos. A superação desses déficits e o aprimoramento da competência social requerem e justificam os programas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS), em seus diferentes formatos. Os conceitos de habilidades sociais e competência social são basilares no campo das habilidades sociais e nos programas vivenciais de THS. Não obstante controvérsias da literatura, assumir os dois conceitos - e a diferenciação entre eles - tem importância fundamental na análise e promoção de habilidades sociais das pessoas com implicações sobre a eficácia e os resultados de médio e longo prazo das intervenções. Este curso apresenta e justifica a base conceitual dos programas vivenciais de THS centrado na diferença entre habilidades sociais e competência social, esta assumida como conceito norteador e centralizados dos objetivos e dos procedimentos desses programas. A competência social é um constructo avaliativo dos desempenhos que ocorrem em tarefas de interação social. Os critérios para essa avaliação apontam para duas dimensões de funcionalidade: a instrumental (resultados ou consequências imediatas para o agente) e a ética (resultados e consequências de médio e longo prazo, não somente para o agente, mas também para seu interlocutor e grupo social). As duas estão na base da estruturação de programas de THS e implicam articular a promoção de habilidades sociais, identificadas como deficitárias no repertório dos participantes, a pelo menos quatro objetivos promovidos de forma concomitante: (a) variabilidade comportamental, (b) conhecimento/autoconhecimento, (c) automonitoria/autocontrole e (d) valores de convivência. Além de contemplar as duas dimensões da Competência Social, esses objetivos são defendidos também por ampliarem a efetividade, generalização e eficácia dos resultados desses programas e por contribuírem na construção de uma cultura pautada por respeito aos direitos humanos interpessoais e à qualidade da convivência social. Esse posicionamento tem implicações práticas sobre os programas de THS e justificam o uso do método vivencial como base da intervenção e do planejamento, seleção e organização dos recursos e procedimentos para atingir todos esses objetivos de forma integrada, com ênfase na análise funcional das interações sociais, nas tarefas interpessoais de casa (coletivas e individualizadas), nas atividades voltadas para habilidades de processo, na promoção da sensibilidade a contingências, na relação entre topografia e funcionalidade, entre outros aspectos. No curso serão tratados esses aspectos e serão apresentadas e/ou ilustradas vivências e outras atividades usadas para atingir os objetivos associados ao conceito norteador de competência social. (CNPq) **Palavras-chave:** Habilidades Sociais; Competência Social; Método Vivencial; Intervenções em Grupo.

CURSO 2. O PAPEL DA EMPATIA NA SAÚDE E NAS RELAÇÕES SOCIAIS - Eliane Mary De Oliveira Falcone (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ - RJ)

A empatia é reconhecida pelos seus efeitos positivos na interação com o outro, exercendo influência na promoção do bem estar pessoal, tanto daquele que a recebe quanto do que a expressa. Por outro lado, dificuldades em experimentar e de expressar empatia estão associadas a problemas interpessoais, estresse e a maiores riscos à saúde física e mental. Considerada como uma habilidade social multidimensional, a experiência da empatia é resultado da atuação integrada e orquestrada de componentes cognitivos (tomar a perspectiva de alguém), afetivos (experimentar compaixão e consideração pelo estado de outra pessoa) e comportamentais (expressar entendimento acurado do estado do outro, de forma verbal e/ou não verbal). De acordo com o contexto (por ex., testemunhar a dor física ou emocional de uma pessoa ou animal), a empatia pode ser ativada de forma automática ou não consciente, envolvendo um mínimo de processamento cognitivo, quando o observador consegue separar as duas perspectivas (a dele e a da vítima) e perceber quem na realidade necessita de ajuda. Nesse caso, o contágio emocional envolvido na percepção de dor do outro pode ser moderado por processos cognitivos e neurais, contribuindo para a regulação da emoção e para a ação de ajuda a quem realmente necessita. Caso esse contágio emocional não seja regulado pela separação das perspectivas, ocorrerá uma fusão completa entre o eu e o outro, gerando reações de alarme e angústia pessoal. Como consequência, o observador se sente vulnerável e fica focado em socorrer a si mesmo. A empatia também pode ser ativada de forma consciente, quando o indivíduo faz um esforço para compreender a perspectiva de alguém que é muito diferente da



sua. Esse esforço resulta na ativação da compaixão e/ou da consideração pelo estado do outro, bem como motiva a resposta de ajuda ou de conciliação. A ativação da empatia é regulada pela tomada de perspectiva, tanto na sua forma automática quanto na consciente. Estudos tem sugerido que traços de personalidade podem estar relacionados à capacidade de experimentar compaixão ou angústia pessoal, assim como a motivação para atender as necessidades dos outros versus a própria necessidade. Indivíduos mais capazes de regular as emoções e de interagir com as outras pessoas de forma mais habilidosa parecem apresentar níveis mais elevados de empatia do que aqueles que apresentam dificuldades na autorregulação ou que tendem a interpretar as intenções dos outros de forma distorcida. Além disso, deficiências em empatia têm sido relacionadas a transtornos de personalidade, do espectro autista, ansiedade crônica, a estilo cognitivo disfuncional e a formas desadaptativas de manejo da raiva. Pretende-se apresentar neste curso como o estudo da empatia pode contribuir, tanto de forma preventiva quanto remediativa para a promoção da saúde física e mental. **Palavras chave:** Empatia; saúde; relações interpessoais; habilidades sociais.

CURSO 3. RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS E HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS - Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ)

A Universidade é um ambiente propício para a aprendizagem e o aperfeiçoamento da competência social. Nela, o estudante encontra interlocutores variados no que diz respeito as suas características individuais e também em relação ao papel que desempenham. Cada um destes interlocutores apresenta demandas diversas nas interações interpessoais que podem requerer habilidades variadas: de resolução de problemas, de expressão de sentimentos, de discussão de assuntos variados, de fazer pedidos, de agradecer e de colaborar. Os estudantes devem também lidar com as demandas afetivas e com autoridades. Todos esses comportamentos exigem dos alunos habilidades sociais que, em muitos casos, ainda não estão completamente adquiridas. Como as vivências no contexto universitário são fundamentalmente interacionais, pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que exigem habilidades interpessoais, também promovem o desenvolvimento desse repertório. Estudos têm mostrado que um repertório elaborado de habilidades sociais pode facilitar a adesão ao curso e está associada ao desempenho acadêmico. Pode-se dizer que os comportamentos sociais têm consequências no que diz respeito as vivências universitárias sendo considerado competente aquele que consegue estabelecer bom relacionamento interpessoal atingindo seus objetivos e também desenvolvendo a qualidade dessas relações. Neste curso pretende-se apresentar de que forma as habilidades sociais podem contribuir para a qualidade das relações dos estudantes no ambiente universitário auxiliando na adaptação e na permanência dos estudantes e permitindo que estejam mais seguros para enfrentar o estresse e a ansiedade das situações consideradas difíceis. **Palavras chave:** relacionamento interpessoal; habilidades sociais; competência social.

CURSO 4. O QUE É NECESSÁRIO SABER PARA DESENVOLVER COMPETÊNCIA SOCIAL COMO PARTE DAS HABILIDADES DE LIDERANÇA DE PROFISSIONAIS QUE OCUPAM POSTOS DIRETIVOS - Marilsa de Sá Rodrigues e Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté - SP)

A importância decisiva das lideranças para o sucesso dos negócios instiga pesquisadores a investigarem quais são os componentes da liderança e como podem ser aprendidos e desenvolvidos. Ao mesmo tempo, uma intensa busca por esses conhecimentos e por sua aplicação ao desenvolvimento de líderes movimenta parte expressiva (58%) dos recursos orçamentários aplicados em T&D pelas empresas. Neste curso serão apresentadas reflexões relativas ao desenvolvimento das habilidades sociais como um componente das habilidades de liderança e está organizado em três partes. A parte inicial busca responder, com apoio na literatura da área, à pergunta: Que habilidades sociais são requeridas para que um líder seja visto como competente? Dados recentes de empresas brasileiras sobre as competências do líder destacam o alto valor atribuído àquelas relacionadas diretamente com as HS: atitude construtiva frente a problemas e novas situações, habilidade e rapidez na tomada de decisões, capacidade de lidar com risco de forma positiva e habilidade de se relacionar bem com os diversos níveis hierárquicos. A ausência de comportamentos competentes socialmente pode resultar em paralisação na carreira e até mesmo em demissões. E como podem ser aprendidas estas habilidades? Na segunda parte, serão abordados o modelo conceitual, técnicas e ferramentas empregadas nas diferentes ações de T&D - treinamento e desenvolvimento – que podem ser em grupo ou individuais. Critérios para seleção das ações e das técnicas e ferramentas serão discutidos. Finalmente, aborda-se: Que habilidades são requeridas de quem trabalha com este tema e este público? Trata-se então do repertório dos profissionais e dos cuidados necessários decorrentes de lidar com uma população que atingiu uma posição de comando na carreira. **Palavras-chaves:** Liderança, Habilidades Sociais, Formação de executivos.



CURSO 5. TÉCNICAS DE TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E SUA APLICABILIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA – Antonio Paulo Angélico (Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ - MG)

Em sua dimensão inicial, o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) era concebido apenas como um método de intervenção e definido em termos de “pacote” de procedimentos destinados a suprir déficits de habilidades de relacionamento interpessoal. Hoje, entretanto, o THS constitui um campo teórico-prático e de investigação sobre o desempenho social, delimitando, assim, a sua identidade própria, marcada pelos seus avanços e desenvolvimento histórico. Inicialmente, a maioria das técnicas empregadas teve origem na Análise Experimental do Comportamento ou na Terapia Comportamental e, atualmente, o THS inclui técnicas de diversas abordagens cognitivistas. Neste contexto, o curso possibilitará ao participante: (a) refletir sobre a definição do THS e sua evolução histórica; (b) reconhecer os objetivos do THS; (c) definir as principais técnicas comportamentais e cognitivas usualmente empregadas em programas de THS; (d) indicar os principais transtornos psicológicos ou condições clínicas que podem ser tratados com THS (transtorno de ansiedade social, depressão, esquizofrenia, transtorno de personalidade antissocial, transtornos por consumo de substâncias psicoativas, timidez, problemas conjugais e familiares, agressividade, entre outras possibilidades); (e) saber que o THS pode ser empregado como abordagem única ou como módulo componente de programas de tratamento; (f) conhecer alguns exemplos de sua aplicabilidade clínica; e (g) distinguir as técnicas utilizadas em relatos clínicos de aplicação do THS. **Palavras-chave:** Treinamento de Habilidades Sociais; técnicas comportamentais; técnicas cognitivas; transtornos psicológicos; aplicabilidade clínica.

CURSO 6. PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIAIS NA ESCOLA: INTERVENÇÕES COM OS DIFERENTES ATORES DESTES CONTEXTO - Bárbara Carvalho Ferreira (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Campus Diamantina - MG) e Talita Pereira Dias e Daniele Carolina Lopes (Centro Universitário de Votuporanga, Votuporanga – SP; Universidade Federal de São Carlos UFSCar, São Carlos – SP)

A aprendizagem de habilidades sociais e o aperfeiçoamento da competência social ocorrem naturalmente ao longo de toda a vida, por meio das interações sociais com diferentes interlocutores. No entanto, quando as práticas educativas da família e escola, associado com experiências não satisfatórias com os pares, não são favoráveis para a aprendizagem e aprimoramento das habilidades sociais e competência social, podem ocorrer déficits no repertório de habilidades sociais e problemas de competência social, impactando negativamente as relações interpessoais. Para superação desses déficits e problemas podem ser programadas diferentes estratégias de intervenção, dentre elas os programas de promoção de habilidades sociais no contexto escolar. Diversos autores apontam que o investimento da escola na promoção de habilidades sociais pode ser defendido com base na função social da escola, nas evidências da relação entre habilidades sociais e desempenho acadêmico e às políticas de inclusão. Além dos programas de intervenção direcionados aos alunos, desde a educação infantil até o ensino superior, podem ser planejados programas para promoção do repertório de habilidades sociais educativas dos professores. Um repertório elaborado de habilidades sociais educativas permite que o docente utilize estratégias pedagógicas facilitadoras na interação com os alunos, realizando atividades que envolvam, por exemplo, a apresentação de modelos adequados de comportamentos sociais e a valorização de comportamentos mais adaptativos dos alunos como, tomar iniciativa, cooperar com colegas, dar feedback, defender seus próprios direitos, expressar sentimentos, recusar pedidos, etc. Considerando essas possibilidades, o presente curso tem como objetivo apresentar diferentes programas de intervenção para promoção das habilidades sociais no contexto escolar, em termos de planejamento, condução e avaliação de sua efetividade. **Palavras chave:** treinamento em habilidades sociais; competência social; escola; habilidades sociais educativas

CURSO 7. AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DE CRIANÇAS UTILIZANDO O SSRS-BR2: QUESTÕES PSICOMÉTRICAS E PRÁTICAS - Lucas Cordeiro Freitas (Universidade Federal de Alagoas - AL)

O Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças (SSRS-BR2) é a versão brasileira adaptada do Social Skills Rating System (SSRS) (Gresham & Elliott, 1990), um instrumento originalmente norte-americano, que já foi submetido a estudos psicométricos em diferentes países, como Alemanha, Eslováquia, Irã, Portugal, Noruega, Holanda e Porto Rico. O SSRS-BR2 provê uma avaliação ampla, com múltiplos avaliadores - professores, pais e estudantes - sobre os comportamentos sociais da criança que podem afetar as relações professor-aluno, a aceitação por pares e o desempenho acadêmico. Compõe-se de três escalas padronizadas, com referência normativa, que podem ser usadas com alunos do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano. O SSRS-BR2 registra a frequência percebida e a importância dos comportamentos que influenciam o desenvolvimento da competência social do estudante e o seu funcionamento adaptativo na escola e no ambiente familiar: as habilidades sociais, os



problemas de comportamento e a competência acadêmica. O uso do SSRS-BR2 pode auxiliar pesquisadores e profissionais a identificar e classificar crianças com déficits em habilidades sociais e excessos de problemas de comportamento e a desenvolver intervenções apropriadas para as crianças identificadas. O SSRS-BR2 tem contribuído para a realização de estudos de avaliação multimodal do repertório social de diferentes grupos de crianças brasileiras, incluindo crianças com deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência intelectual, autismo, dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, crianças contaminadas por chumbo, dentre outras populações. Este mini-curso tem como objetivo apresentar as escalas do SSRS-BR2 e será constituído por quatro eixos principais de discussão: (1) Exposição de conceitos básicos do campo das Habilidades Sociais e de variáveis relacionadas ao desenvolvimento social na infância; (2) Apresentação dos estudos psicométricos realizados com as escalas do SSRS-BR2; (3) Instruções de aplicação, apuração e interpretação dos resultados e (4) Implicações da avaliação para o treinamento de habilidades sociais com crianças. **Palavras chave:** Habilidades sociais, problemas de comportamento, competência acadêmica.

CURSO 8. HABILIDADES SOCIAIS DE FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS E SUA RELAÇÃO COM A SOBRECARGA – Marina de Bittencourt Bandeira (Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ - MG), **Diego Costa Lima** (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP) e **Zilda Aparecida Pereira Del Prette** (Universidade Federal de São Carlos UFSCar, São Carlos - SP).

O envolvimento dos familiares nos cuidados cotidianos aos pacientes psiquiátricos aumentou a partir do processo de reforma psiquiátrica e da implantação do modelo de atendimento aos pacientes em serviços de saúde mental na comunidade. Antes excluídas e culpabilizadas pelo desenvolvimento dos transtornos psiquiátricos dos pacientes, as famílias passaram a ter um papel importante na reinserção social destes pacientes. Entretanto, o papel de cuidadores informais resulta em sobrecarga para os familiares, afetando sua saúde mental e comprometendo o atendimento aos pacientes. Um bom relacionamento entre o familiar cuidador e o paciente constitui um importante fator modulador que pode diminuir o sentimento de sobrecarga dos familiares. Em consequência, um repertório elaborado de habilidades sociais pode contribuir para garantir a qualidade do relacionamento entre familiar e cuidador. Este curso aborda a sobrecarga de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos, o modelo de Maurin e Boyd, da sobrecarga objetiva e subjetiva e seus fatores associados. Apresenta ainda pesquisas realizadas sobre a relação entre a sobrecarga e as habilidades sociais. **Palavras chave:** habilidades sociais, paciente psiquiátrico, família, cuidador.

CURSO 9. MEDIDAS DE SAÚDE MENTAL E RELAÇÕES COM HABILIDADES SOCIAIS EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE - Sonia Regina Loureiro e Karina Pereira Lima (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP/RP - SP)

Os profissionais de saúde, especialmente, no início do exercício profissional, enfrentam uma série de desafios técnicos e interpessoais que requerem avaliação e suporte. A formação na graduação na área de saúde carece de equilíbrio quanto à ênfase nas qualificações técnicas e interpessoais necessárias para lidar com as situações difíceis da profissão. Entre os problemas aos quais estes profissionais são vulneráveis, destacam-se as altas taxas de ansiedade, depressão e da síndrome de burnout, as quais estão associadas a prejuízos tanto para o profissional quanto para a clientela atendida. Por outro lado, poucos estudos têm abordado as habilidades sociais como condições que podem operar como proteção para o desenvolvimento desses problemas, o que se considera relevante dada possibilidade de aprendizado das habilidades, tanto nas interações cotidianas como em contextos de ensino e de terapia. O curso proposto tem por objetivos: a) apresentar um conjunto de instrumentos autoaplicáveis, aferidos para a população brasileira, que avaliam a saúde mental (Patient Health Questionnaire, PHQ-4), burnout (Inventário da Síndrome de Burnout, ISB), e habilidades sociais (Inventário de Habilidades Sociais, IHS-Del-Prette) e b) apresentar dados empíricos, coletados com estes instrumentos, aplicados a residentes médicos. Pretende-se focalizar as características do repertório de habilidades sociais identificadas e as suas associações com ansiedade, depressão e burnout, discutindo-se a relevância do desenvolvimento de habilidades interpessoais que favoreçam o exercício profissional (CNPq e FAPESP). **Palavras chave:** habilidades sociais, burnout, saúde mental.



WORKSHOPS / OFICINAS

OFICINA 1. TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARA PROFESSORES - Andréa Regina Rosin Pinola (Estácio UniSEB, Ribeirão Preto - SP)

As Habilidades Sociais Educativas (HSE) são reconhecidas pela sua importância para as relações entre educadores (pais e professores) e educandos (filhos e estudantes), pois por meio dessas habilidades pais e professores podem promover um repertório mais amplo de habilidades sociais junto as crianças e jovens. Em se tratando da atuação profissional de professores, poucos estudos no Brasil, tem efetivamente promovido esse repertório de Habilidades Sociais Educativas e colaborado para a melhoria das relações interpessoais em sala de aula. Esse estudo teve como proposta aplicar um Programa de Promoção de Habilidades Sociais Educativas, que envolveu as classes de: 1) Organizar Atividade Interativa (que envolve as habilidades de: selecionar, disponibilizar materiais e conteúdos, organizar o ambiente físico e dar instruções sobre a atividade) e 2) Mediar atividade interativa (envolvendo as habilidades de: planejar situações que envolvam ensinar habilidades sociais aos alunos, explicar e avaliar de forma interativa; cultivar afetividade, apoio, bom humor, aprovar e valorizar comportamentos; reprovar, restringir, corrigir comportamentos). O programa foi desenvolvido entre 8 e 10 semanas, com duração média de 2 horas em cada encontro. Os encontros iniciavam com a exposição dos participantes em relação as atividades que haviam desenvolvido durante a semana, nesse momento a pesquisadora fazia intervenções sugerindo formas de manifestar ou aprimorar as HSE que estavam sendo foco daquele encontro, posteriormente, realizava ensaio comportamental, simulações e análises de trechos de vídeos, sempre com o objetivo de melhorar ou ampliar o repertório de HSE dos professores. E ao final de cada encontro era proposta uma nova atividade que deveria ser desenvolvida e registrada por escrito pelo próprio educador, que trazia no encontro seguinte. Os dados preliminares sugerem que os professores, ao serem expostos às estratégias de promoção dessas habilidades sociais, chamadas de educativas, reconhecem que apresentam tais habilidades, mas não necessariamente com a intencionalidade, planejamento e controle do processo de ensino e aprendizagem junto aos alunos. Sugere-se que os planejamentos de ensino, semanários e projetos insiram como conteúdos atitudinais as habilidades sociais dos alunos, para isso é preciso que os professores sejam formados, seja na graduação ou em programas de formação em serviço, para o desenvolvimento ou aprimoramento das habilidades sociais educativas e para a melhoria das relações de ensino e aprendizagem no contexto escolar. **Palavras-chave:** Habilidades Sociais Educativas, formação de professores e educação escolar.

OFICINA 2. AUTOMONITORIA COMO BASE DA COMPETÊNCIA SOCIAL: MÉTODOS DE AVALIAÇÃO NA INFÂNCIA - Ivana Gisel Casali-Robalinho (Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho - SP), Talita Pereira Dias (Centro Universitário de Votuporanga, Votuporanga - SP; Universidade Federal São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP).

A literatura reconhece as habilidades sociais como um componente crucial para a qualidade de vida de crianças, sendo indispensáveis no processo de desenvolvimento infantil. Um repertório elaborado de habilidades sociais constitui uma condição para o desempenho socialmente competente. A competência social depende, crucialmente, de uma classe de habilidade que estaria na base de qualquer outra e que tem sido pouco estudada no campo das Habilidades Sociais: a automonitoria. Esta habilidade envolve uma série de comportamentos como observar, descrever e regular pensamentos, sentimentos e ações em função da situação social. A automonitoria, como outras habilidades, pode ser avaliada utilizando métodos diretos (e.g., registros fisiológicos e observação) ou indiretos (e.g., inventários, entrevistas e técnicas sociométricas). Considerando-a uma habilidade aprendida precocemente, torna-se importante sua avaliação desde tenra idade. No entanto, são escassas as pesquisas brasileiras que focalizam a automonitoria no campo das habilidades sociais, conceitual e empiricamente. Além disso, verifica-se a ausência de instrumentos específicos para sua avaliação, inclusive na infância. Ao considerar esses aspectos, são necessárias investigações direcionadas à elaboração dos recursos e procedimentos de avaliação da automonitoria em crianças, bem como a realização dessas avaliações. Diante disso, a presente apresentação abordará procedimentos elaborados para tal fim em crianças pré-escolares e escolares discutindo, ainda, a relação entre automonitoria, habilidades sociais e problemas comportamentais. Para avaliação em pré-escolares foi elaborado o Recurso Ilustrativo de Automonitoria – Avaliação (RIAM-A). Esse recurso, em formato informatizado e na versão feminina e masculina, apresenta 12 situações sociais e, para cada uma, três alternativas de respostas (uma habilidosa e duas não habilidosas - passiva, agressiva) e suas prováveis consequências. O RIAM-A foi aplicado com 53 crianças entre quatro e seis com diferentes repertórios sociais (com habilidades sociais ou com comportamentos-problema). As crianças com habilidades sociais apresentaram melhores resultados em todos os



indicadores de automonitoria avaliados, quando comparadas às crianças com indicadores de comportamentos-problema internalizantes e externalizantes. Foram encontradas correlações positivas entre habilidades sociais e automonitoria e negativas entre comportamentos-problema internalizantes e automonitoria. Para avaliação em escolares foi elaborado um roteiro de três situações estruturadas (RSE), que demandavam a emissão de habilidades sociais específicas e serviam como antecedente para a entrevista aplicada posteriormente, composta por 11 perguntas elaboradas a partir do conceito de automonitoria. O procedimento foi implementado com 30 crianças entre oito e 11 anos, de ambos os sexos, divididas em dois grupos: crianças com escore superior em habilidades sociais e baixo de problemas de comportamento (G1) e crianças com repertório oposto (G2). Os escores médios foram maiores no G1 em todos os indicadores de automonitoria avaliados, porém as diferenças foram estatisticamente significativas em seis dos 11 indicadores. Os dados sinalizaram a viabilidade de avaliação de indicadores de automonitoria desde a infância e a importância de investir em programas de promoção de automonitoria nessa idade, como forma de contribuir para o seu desenvolvimento socioemocional, na promoção de habilidades sociais e prevenção de problemas de comportamento. (CAPES/ FAPESP) **Palavras-chave:** automonitoria; habilidades sociais; infância.

OFICINA 3. HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE - Dagma Venturini Marques Abramides (Faculdade de Odontologia da USP, Bauru - SP).

Dentre as áreas do conhecimento, as Ciências da Saúde tem se deparado com a proposta da humanização que desloca a perspectiva do atendimento da doença para o atendimento de cidadãos, e do foco tecnológico para o das relações humanas. A formação de ensino superior deve incluir o desenvolvimento interpessoal como parte dos objetivos acadêmicos, principalmente para aquelas áreas cuja atuação depende, criticamente da qualidade das relações profissional-cliente. A compreensão acerca da interação social é ponto convergente entre as áreas Humanas e da Saúde. A Psicologia pode colaborar nesta formação por meio de práticas pedagógicas e, neste sentido, o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) pode auxiliar na promoção de habilidades relevantes para o autoconhecimento do graduando da área da saúde e para o desempenho de suas funções acadêmicas incluindo a prática clínica da relação do cuidado. Desde 2012, em uma Instituição Pública de Ensino Superior, no interior paulista, foi implementado o THS de universitários do segundo ano do curso de Fonoaudiologia, como parte integrante do conteúdo programático da disciplina de Psicologia tendo em vista que, no terceiro ano, os estudantes iniciam a prática clínica. A estrutura do programa de THS engloba encontros semanais, com metodologia teórico-informativo e prático-vivencial. As tarefas de casa, o momento de reflexão no diário reflexivo e as observações clínicas ocorrem em período posterior ao treinamento, mas dentro da carga horária da disciplina. Dentre as vivências do THS, destaca-se a simulação de consulta como uma estratégia que vem sendo utilizada como uma experiência ativa, realista e significativa e que também permite a aprendizagem por meio de ensaio e erro, em ambiente seguro para o cliente e aluno. Esta proposta de metodologia ativa utiliza cenários de situações clínicas para ensinar a integração de habilidades sociais e habilidades clínicas práticas de maneira que os graduandos tenham a oportunidade de observar e discutir de forma sistemática e estruturada a gama de habilidades envolvidas no estabelecimento de uma relação satisfatória com os clientes. Os objetivos deste workshop serão (i) relacionar a simulação que utiliza cenários de situações clínicas para ensinar a integração entre as habilidades sociais de comunicação, empáticas, assertivas e profissionais e as habilidades técnico-científicas durante a consulta na área da saúde e (ii) desenhar cenários estruturados de simulação que permitam o treinamento destas habilidades. A dinâmica do workshop englobará a exposição das etapas da simulação, o trabalho em grupos para a criação das sessões utilizando simulação e, em seguida a análise, discussão e síntese da produção dos grupos. É esperado que ao final da atividade, os participantes sejam capazes de implementar estratégia de simulação como cenário de prática nas vivências do THS. **Palavras-chave:** fonoaudiologia, universitário, habilidades sociais profissionais.

OFICINA 4. FEEDBACK: O QUE É E COMO FAZER? - Denise Dascanio (Universidade Paulista, UNIP, Bauru - SP)

A importância das habilidades sociais vem sendo reconhecida como um componente fundamental para a regulação do próprio desempenho e do outro, proporcionando relações sociais mais saudáveis e satisfatórias. Nessa direção as habilidades sociais dar e receber feedback são essenciais para a comunicação eficaz. No entanto, ainda é comum a confusão entre o conceito de feedback positivo com reforço ou elogio a determinado comportamento e o feedback negativo com críticas. No processo de desenvolvimento da competência interpessoal, feedback representa uma descrição verbal ou escrita sobre o desempenho de uma pessoa, no sentido de fornecer-lhe informações sobre como sua atuação está afetando outras pessoas, buscando melhorar o desempenho. Em programas de Treinamento de



Habilidades Sociais (THS), o feedback é considerado como uma habilidade a ser aprendida pelos participantes e como procedimento de treinamento, a ser utilizado tanto pelo facilitador como pelos membros do grupo. Considerando a dificuldade em dar e receber feedback nas relações interpessoais, inclusive devido a ausência de uma prática cultural, alguns estudos já o relacionam com baixa produtividade/desempenho em diversos contextos, como escola, trabalho e relações interpessoais em geral. O objetivo deste workshop é apresentar e discutir junto com os participantes o conceito de feedback, bem como sua aplicação nas relações interpessoais de forma a tornar a comunicação mais efetiva. Para isto, serão utilizados recursos como exposição dialogada do conceito com o uso de projeção e vídeos com situações descritivas sobre dar e receber feedback e ainda o desempenho de papéis (role-play) de uma situação estruturada na qual o participante treine a emissão de um feedback. Pretende-se, desta forma, abordar as principais características de um feedback eficaz, quais sejam: ser descritivo ao invés de avaliativo, apresentando a descrição do comportamento observado; específico e não geral; compatível com as necessidades do receptor e dirigido para comportamentos que o indivíduo possa modificar; oportuno, ou seja o mais próximo possível do comportamento observado e por último esclarecido, para assegurar uma comunicação precisa. A habilidade em prover feedback supõe ainda componentes funcionais e formais que caracterizam a competência nesta habilidade, tais como, ao fornecer o feedback deve-se falar diretamente à pessoa à qual se dá o feedback, chamando-a pelo nome, mantendo contato visual e usando tom de voz calmo, porém audível. Embora, esses requisitos sejam compreendidos e aceitos intelectualmente, os insucessos frequentes nas relações interpessoais têm indicado dificuldades em segui-los, sejam no tocante a frequência ou a proficiência, principalmente devido à incapacidade de compreender as necessidades do outro e a falha em observar e descrever comportamentos. Dessa forma, focalizar a compreensão e o desenvolvimento do feedback relaciona-se com a promoção de habilidades sociais básicas necessárias às diferentes demandas interpessoais inerentes a uma atuação profissional competente. Por fim, será aberto um debate final compartilhando os aspectos que dificultam e facilitam o comportamento de dar e receber feedback no sentido de identificar e sistematizar tendências e possíveis lacunas de pesquisa que possibilitem a expansão do THS como referencial teórico e prático a ser aplicado na área da psicologia, além da discussão com vistas a propiciar um desempenho mais competente socialmente. **Palavras-chave:** habilidades sociais; competências interpessoais; feedback; comunicação.

OFICINA 6. BANCO DE HABILIDADES: UM JOGO DE TABULEIRO COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Thauana Tavares e Marina Pedralho (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Interações sociais satisfatórias são um importante fator do desenvolvimento infantil e da saúde mental. Em uma sociedade em que os indivíduos empregam grande parte do tempo em interações sociais, que são muitas vezes descritas, como uma experiência negativa, o trabalho com as Habilidades Sociais possui amplo campo de atuação. Os programas de THS vêm se estruturando na direção de trabalhos individuais para intervenções grupais. Em relação aos grupos, defende-se a potencialidade desse contexto na promoção de habilidades sociais, uma vez que, possui como ferramentas no trabalho: o envolvimento de várias pessoas no treinamento de uma habilidade; a capacitação simultânea dos participantes em várias habilidades; a possibilidade de estruturação de situações correspondentes ao desempenho de papéis com envolvimento dos indivíduos; feedback do grupo em relação ao desempenho de um participante; maximização da aprendizagem por observação de modelos; dentre outros. Tendo em vista a necessidade de instrumentalização dos profissionais para o atendimento e treinamento em habilidades de adolescentes e jovens, bem como a necessidade de buscar práticas diferenciadas que possibilitem os jovens a ampliar e melhorar a qualidade de suas relações, esse trabalho visa apresentar um jogo de tabuleiro, como proposta de intervenção em treinamento de habilidades sociais em um contexto lúdico, a ser aplicado a grupos de quatro a dez adolescentes ou jovens adultos. O objetivo do jogo é promover as seguintes habilidades sociais: fazer e receber críticas; relacionar-se com empatia; expressar incômodo, desagrado e raiva; fazer e receber elogios; defender os próprios direitos; expressar amor, agrado e afeto; falar em público; admitir erros; participar de conversas e recusar pedidos em grupos. Para tal, os participantes lêem algumas situações habilidosas e não habilidosas, as encenam e interagem com o grupo. Ganha o jogo a dupla que, no final, encenar com êxito o maior número de cartões-situação. O jogo é composto por um manual de instruções, um tabuleiro, dois dados, cinco peões (um para cada dupla), 50 cartões-situação, 40 cartões sorte/revés e 10 cartões-ajuda que dão o direito de receber o auxílio de outro participante mais habilidoso socialmente na situação apontada por essa carta. O jogo necessita de um facilitador que seja mais habilidoso socialmente e possa ajudar nessas situações como a do cartão-ajuda, podendo ser aplicado em contexto escolar, clínico e na comunidade. Espera-se, como resultados proximais, a interação grupal, o apoio mútuo e o contato conceitual e prático com as habilidades citadas anteriormente; e, como resultados distais, a generalização do aprendizado por meio da aplicação das habilidades no dia-a-dia e a melhora da competência social. **Palavras-chave:** jogo, habilidades sociais, competência social.



OFICINA 7. LENDO “A ONÇA EGOÍSTA E A JABUTI CORAJOSA”: HABILIDADES SOCIAIS ASSERTIVAS NA CONVIVÊNCIA COM PREDADORES - Pedro Lusz (Centro Universitário de Brasília, UNICEUB, Brasília - DF)

Com a predominância tecnológica, a agressividade da mídia e o poder massacrante da propaganda, a vida em sociedade segue sendo deturpada, negligenciada e substituída pela ganância e pelo consumismo que acaba consumindo o que há de mais sublime em nossa caminha: a sensibilidade e a convivência social. Nesta debanda quase desembestada, nos aproximamos, em alta velocidade, de uma ameaça terrível: a indiferença que, com seus vários tentáculos, regendo o egoísmo, a hostilidade e o individualismo, nos distancia de nossas pegadas primitivas e sensíveis. O objetivo deste workshop é provocar a possibilidade de se perceber, na escola, no livro e na leitura, uma ponte para uma sociedade mais ética, respeitosa e gentil, utilizando para isto a riqueza lúcida e lucida da literatura que, na conversa aqui proposta, será de grande valia para quem labuta na educação, que trabalha com famílias, com crianças e com pessoas vítimas das ações agressivas dos predadores, em suas mais distintas e absurdas manifestações. Para isto se buscará enunciados, dispositivos e recursos para melhor manejo de nossa convivência em sociedade, nos ferramentando para nossa complexa lida e peleja com os predadores, impedindo a violência, principalmente a que pode machucar-nos. Este workshop terá como base a leitura do livro *A Onça Egoísta e a Jabuti Corajosa*, que nos provoca com uma conversa sobre os sentimentos dos predadores e a coragem de uma velha jabuti. A obra narra as aventuras e desventuras de uma onça egoísta que, pensando apenas em si e em sua família, machuca e rouba a vida de inúmeros filhotes, desestruturando famílias e aterrorizando as comunidades da região. Narra também a força, a coragem e a sensatez de uma velha jabuti, que sempre mediu o impacto de suas ações. O confronto destas duas fêmeas destemidas se dá quando a onça se sente afrontada por outro predador e ultrapassa todos os limites de sua impetuosidade. Neste momento a velha jabuti decide entrar em cena e exigir respeito. Uma história simples, profunda e com muitas janelas literárias para provocativas e revolucionárias reflexões. É também uma prosa sobre boa vizinhança, respeito, empatia, egoísmo, reciprocidade, autoestima e o direito de se defender, sem ser tapeado pelas encrências da brutalidade! Para os desafios e embates assertivos se proporá a sensibilização e o empoderamento como fortalecimento da autoestima e da sensatez nas ações e reações. Espera-se que as pessoas que tomarem parte nesta conversa sejam provocadas e sensibilizadas para uma reflexão, pela leitura minuciosa dos desafios e princípios presentes na trama do livro, sobre a necessidade de se buscar ferramentas simples, valiosas e fundamentais à nossa vida em sociedade, priorizando as Habilidades Sociais para uma convivência mais gentil, agindo com sensatez, coragem e assertividade, neutralizando as ações agressivas e egoístas dos predadores e impedindo que estas ações nos machuquem, sem a necessidade de ser agressivo por isto e para isto. **Palavras-chave:** literatura; assertividade; educação.

OFICINA 8. HABILIDADES SOCIAIS EMPÁTICAS E O CUIDADO EM SAÚDE - Celia Caldeira Fonseca Kestenberg (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ)

Objetiva-se neste workshop, refletir sobre um programa de capacitação em habilidades empáticas desenvolvido no Serviço de Cardiologia de um Ambulatório de uma Universidade Pública do Rio de Janeiro. Empatia refere-se à experiência subjetiva de compreensão e reconhecimento do estado emocional do outro. Para os profissionais de saúde, as habilidades que incluem: a escuta ativa e acolhedora, a compaixão e a compreensão dos agravos à saúde para além de sinais e sintomas, são fundamentais para a construção de vínculo de confiança, essencial na relação terapêutica. No entanto, a formação dos profissionais de saúde hegemonicamente centrada no modelo biomédico tem como foco a doença. A mudança deste paradigma será possível na medida em que se instrumentalize os profissionais. As ferramentas devem se constituir em habilidades interpessoais que ajudem a lidar com a dimensão biopsicossocialespiritual que envolve o adoecimento. Elaborado um programa de capacitação em habilidades empáticas para graduandos e profissionais da saúde. A empatia é um construto multidimensional que envolve componentes afetivos, cognitivos e comportamentais. Cognitivos referem-se à capacidade de se fazer uma leitura da perspectiva do outro. O que ele está pensando/sentindo? O afetivo remete a capacidade de se sensibilizar diante da situação vivida pelo outro que pode ser compartilhada ou não. Qual é a dor deste paciente? O comportamental refere-se a capacidade de comunicar de maneira verbal e não verbal o entendimento da situação. Método teórico vivencial, pois objetiva-se treinar a partir da experiência concreta. Realizadas consultas a pacientes em crise situacional (ex.: não conseguem adesão ao tratamento, mantém níveis pressóricos elevados apesar do medicamento/ dieta, problemas familiares interferindo na saúde). Consulta em quatro fases: 1) Exploratória- Corresponde a primeira etapa do processo empático. Estabelecimento do rapport, profissional presta atenção, ouve e possibilita expressão de pensamentos/sentimentos. Paciente expõe sua situação e profissional escuta atentamente, fazendo intervenções somente para ajudar na compreensão. 2) Devolutiva- segunda etapa processo empático. Profissional compreendeu a



experiência trazida pelo paciente e então, vai ajudá-lo na organização de pensamentos/sentimentos e na elaboração das estratégias adequadas para lidar com a situação trazida. Fase das negociações para resolução possível do problema. 3) Avaliativa- revisão do processo com o paciente para avaliar compreensão e retirar dúvidas. 4) Reforço – proposto ao paciente alguma atividade que deverá desenvolver durante semana. Consultas ocorrem a cada 15 dias durante o tempo necessário cada paciente. Graduandos e/ou profissional desenvolvem as consultas pela manhã. No período da tarde todos sentamos para reflexões sobre os atendimentos e registros nos prontuários, aliando conceitos teóricos e práticos. Alguns resultados: pacientes aumentam adesão ao tratamento, adquirem habilidades para lidar com conflitos. Profissionais ampliam a capacidade empática para o cuidado em saúde. Em ambos ocorre a generalização da aprendizagem para outros contextos sociais. **Palavras Chaves:** Empatia; Educação, Ensino e Aprendizagem; Saúde física e mental.

OFICINA 9. PROGRAMA DE PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA - Patricia Lorena Quiterio (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ)

O aluno com paralisia cerebral que não consegue se comunicar oralmente de forma eficiente pode ser incapaz de expressar seus sentimentos e pensamentos, prejudicando seu desenvolvimento acadêmico e social. Os objetivos desta investigação foram: a) descrever e analisar o processo interacional de alunos sem fala articulada junto a seus interlocutores através de uma avaliação multimodal (Inventário de Habilidades Sociais de Pessoas Não Oralizadas, entrevista e questionário); b) verificar os efeitos do Programa de Promoção das Habilidades Sociais junto aos alunos não falantes promovido pela pesquisadora em parceria com as graduandas em Pedagogia e; c) elaborar um manual de aplicação com os procedimentos, as atividades e os recursos de comunicação alternativa utilizados no programa de promoção das habilidades sociais. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UERJ (processo nº. 017.3.2008). Participaram 07 alunos com paralisia cerebral e 06 graduandas em Pedagogia. A metodologia foi composta de dois estudos: A Formação Inicial dos Alunos de Graduação em Pedagogia e O Programa de Promoção de Habilidades Sociais para Alunos Não Oralizados (PPHSANO) com a duração de 55 horas. O programa de Promoção das HS foi baseado em técnicas cognitivas, comportamentais e vivências. As atividades foram confeccionadas e desenvolvidas com recursos da Comunicação Alternativa. Primeiramente, foram analisados os dados da avaliação multimodal (entrevista com a professora, questionário com os responsáveis e Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas, IHSPNO). Em seguida, foi elaborado o PPHSANO em parceria com as graduandas de Pedagogia, por meio da metodologia colaborativa. Correlacionando os dados do pré-teste e pós-teste, obtiveram-se os seguintes resultados: os questionários revelaram crescimento nas subclasses de Habilidades Sociais: 5,7% em Empatia, 6,4% em Habilidades básicas de comunicação, 11,1% em Civilidade, 13,1% em Autocontrole e Expressividade Emocional, 13,8% em Assertividade e, 20,6% em Fazer Amizades. O conteúdo das entrevistas sobre o desempenho dos alunos, após o processo interventivo revelou avanço significativo. O IHSPNO revelou crescimento nas subclasses: 14,3% em Habilidades Sociais Acadêmicas, 19% em Fazer Amizades, 21,4 % em Autocontrole e Expressividade Emocional, 28,6% em Empatia e Civilidade, 28,9% em Solução de Problemas Interpessoais e 39,3% em Assertividade. A análise dos instrumentos revelou que apesar do aumento percentual na subclasse Autocontrole e Expressividade Emocional, esta continua com déficit significativo. As subclasses Civilidade, Empatia, Solução de Problemas Interpessoais e Habilidades Sociais Acadêmicas que apresentaram déficits parciais passaram a obter desempenho satisfatório. A subclasse Assertividade avançou do nível parcialmente adequado para adequado. E, por fim, as subclasses Básicas de Comunicação e Fazer amizades que se encontravam abaixo do nível adequado após o PPHSANO obtiveram desempenho elevado no pós-teste. Durante todo o programa, atentou-se para que os efeitos do programa de THS fossem generalizados para interações com outros parceiros de comunicação e contextos. Pode-se afirmar que, mediante os dados dos instrumentos de avaliação multimodal, dos relatos dos familiares e das mudanças comportamentais dos alunos, que houve ampliação das possibilidades de comunicação em diferentes espaços, como lanchonetes, condomínios, terapias, por meio do uso intencional dos recursos de Comunicação Alternativa possibilitando a interação humana. (CAPES/CPE/PROESP) **Palavras-chave:** Programa de Promoção de Habilidades Sociais; avaliação multimodal das habilidades sociais; alunos com deficiência física não-falantes.

OFICINA 10. RODA DE TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA E TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Helenice Alves Pereira Bastos (Movimento Integrado de Saúde Comunitária do DF, Brasília - DF)

O objetivo desse workshop é mostrar o funcionamento de uma Roda de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) e como esse processo terapêutico pode contribuir no Treinamento de Habilidades Sociais (THS), sendo uma saída simples e



eficaz de caráter preventivo em saúde mental, fomentador de cidadania e que permite a construção de redes solidárias. Já que Habilidades Sociais é um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo de modo adequado à situação, respeitando esses comportamentos nos demais, e que geralmente resolve os problemas imediatos da situação enquanto minimizando a probabilidade de futuros problemas. Esse conceito condiz com o objetivo da TCI que é um procedimento terapêutico que atinge os mais variados tipos de problemas e pode ser desenvolvida com grupos mistos, inclusive de crianças, adolescentes, jovens, mulheres, adultos, idosos e outros. Trata-se, então, de um espaço de convivência sociocultural, onde as pessoas se reúnem para ouvir, acolher e compartilhar os problemas pessoais que geram sofrimento cotidiano. Diante dessa variedade de grupos de pessoas com necessidades de saúde física e sofrimento psíquico, em que déficits de habilidades sociais estão envolvidos, muitas vezes, o treinamento destas através de Rodas de TCI proporciona um espaço de acolhimento em que uma pessoa pode apoiar a outra na busca de soluções para os problemas apresentados por meio da troca de experiências e pela identificação das vivências que cada uma compartilha em uma roda. As rodas de TCI são conduzidas por terapeutas comunitários e ocorrem de modo que cada participante se sinta à vontade para falar de suas necessidades de saúde, de suas alegrias ou dos sofrimentos. Tem regras específicas que direcionam o olhar para si, o respeito ao próximo e a valorização de músicas e brincadeiras da cultura brasileira, que falam sobre o tema trabalhado dando acolhimento e/ou relaxamento em momentos de tensão. Cada roda terapêutica segue as seguintes etapas: Acolhimento (cria um ambiente de amor, de companheirismo e de amizade no grupo); Escolha do tema (em que as pessoas expõem os seus problemas); Contextualização (momentos das perguntas para entender o problema); Problemática (pergunta-chave que vai permitir a reflexão do grupo e a falar sobre as suas experiências); Rituais de agregação e conotação positiva (momento do encerramento e ressaltar os pontos positivos do aprendizado); e Avaliação (apreciação da conduta da terapia entre os terapeutas). Apesar da TCI quanto a THS terem sido desenvolvidas sob um referencial teórico-metodológico específico, acredita-se que a riqueza dessa interface não pode ser perdida, já que ambos são um conjunto de técnicas e procedimentos de intervenção orientados para a promoção de habilidades sociais relevantes para as relações interpessoais. **Palavras-chave:** terapia comunitária integrativa.



SIMPÓSIOS

SIMP01. HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CORPORATIVA – Proponente: Elvira Aparecida Simões de Araujo (Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté - SP)

Os estudos sobre habilidades sociais cobrem uma vasta gama de aplicações e no Brasil, mais tradicionalmente, são identificados nas áreas de avaliação e intervenção na clínica e na escola, mas por terem produzido uma base conceitual sólida e ampla permite a expansão dos estudos para outros campos, como os ambientes do trabalho como objeto de estudos das habilidades sociais. Neste simpósio serão apresentadas três investigações envolvendo o estudo das habilidades sociais nos contextos da educação corporativa. A primeira apresentação, “Educação Corporativa e habilidades sociais profissionais: existe relação?”, a autora trata de discutir as habilidades sociais como parte da educação corporativa. Por meio de uma revisão de literatura é descrito que o conceito Habilidades Sociais não se apresenta claramente no campo da educação corporativa, porém ao valorizarem as competências interpessoais pode-se estabelecer um diálogo entre as duas áreas e desvelar um profícuo espaço de investigação. Isso é tão justificado quanto mais relevância se dá aos debates sobre o papel das interações humanas no sucesso da organização. A segunda apresentação, “Programa de habilidades sociais profissionais para pessoas com deficiência física: uma prática baseada em evidências” descreve necessidades, processo e efeitos de um Programa de Habilidades Sociais Profissionais para pessoas com deficiência física. Ao proceder ampla análise acerca de um programa de treinamento, os autores afirmam que os objetivos foram alcançados e que o desenvolvimento de habilidades sociais para o trabalho agrega vantagens ao desempenho profissional de pessoas com deficiência física. Os procedimentos de análise deste trabalho inovam ao inseri-lo no escopo das Práticas Psicológicas Baseadas em Evidência, área que desponta em estudos da Psicologia brasileira. O terceiro trabalho descreve as experiências com Treinamento de Habilidades Sociais para executivos que estão em formação em programa de pós-graduação. As autoras apresentam os instrumentos e as estratégias de trabalho que incluem a aplicação o IHS-Del-Prette e as videograções que depois de transformadas em vinhetas são aplicadas como forma de análise e demonstração de evolução dos participantes do programa. É no trabalho que passamos grande parte de nosso dia e é onde vivenciamos a variabilidade de relações que nos permitem aprender tanto acerca dos desempenhos específicos para as tarefas profissionais quanto ao desempenho dirigido a outras pessoas. Os três trabalhos oferecem leituras complementares por tratarem da interface da relação homem – trabalho, e ao permeá-las pelos estudos das habilidades sociais procuram trazer maior compreensão para as aplicações destes conceitos ao mundo corporativo. **Palavras-chave:** habilidades sociais profissionais, educação corporativa, trabalho.

1.1 EDUCAÇÃO CORPORATIVA E HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS: EXISTE RELAÇÃO? - Denise Dascanio (Universidade Paulista, UNIP, Bauru - SP)

Este estudo objetiva descrever e analisar, por meio de uma revisão teórica de literatura, a relação entre educação corporativa e habilidades sociais profissionais. A abordagem da educação corporativa tem sido difundida e incorporada às práticas empresariais, ampliando o interesse dos pesquisadores por este tema que, nos últimos anos, tem despontado como uma importante referência para a gestão de pessoas. Nessa abordagem o termo educação é utilizado para denotar um caráter mais genérico em termos de formação, enquanto o termo “corporativa” deriva do fato de que as ações educacionais estão atreladas às organizações cujos negócios essenciais não resultam da prestação de serviços de educação. A educação corporativa foca o desenvolvimento das competências individuais, inclusive as interpessoais, e vincula os programas educacionais às estratégias e aos resultados dos negócios da empresa, de forma a viabilizar as competências organizacionais. Nesse contexto o termo educação corporativa está intimamente relacionado com competências interpessoais, que podem ser definidas como a habilidade de lidar com outras pessoas de forma adequada às necessidades de cada um e às exigências da situação. Embora a literatura pesquisada não relacione a terminologia educação corporativa com o conceito de habilidades sociais, apenas com competências interpessoais, entende-se que as habilidades sociais permeiam todo este campo teórico-prático. Especificamente para o contexto do trabalho, o termo habilidades sociais aplica-se à noção de existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar com as demandas das situações interpessoais do ambiente de trabalho objetivando o cumprimento de metas, a preservação do bem-estar da equipe e o respeito aos direitos de cada um. Ademais, o campo teórico-prático das habilidades sociais profissionais parte da premissa de que pessoas com bom relacionamento interpessoal e competentes socialmente são mais produtivas no trabalho, contribuem para a melhora do clima organizacional e da qualidade das relações estabelecidas no contexto de trabalho com gestores e colegas, como também com fornecedores e clientes, portanto está intimamente relacionado com a manifestação das



competências interpessoais. A contribuição da educação corporativa para o desenvolvimento das competências interpessoais tem sido assunto recorrente na literatura especializada, contudo a revisão bibliográfica revelou que as pesquisas neste campo do conhecimento ainda têm caráter incipiente. Os estudos existentes, que se concentram mais no enfoque das competências, partem de abordagens diversas e utilizam diferentes metodologias, o que torna difícil a comparação dos resultados. Trata-se, portanto, de um tema com nível de conhecimento ainda limitado, constituindo-se num vasto campo a ser explorado, o que eleva o potencial heurístico do estudo e justifica a iniciativa de incursões teóricas e práticas para investigar um tema complexo e que está pautado tanto pelas academias quanto por instâncias corporativas. Discutem-se, então, as ações de educação corporativa das organizações como insumos para o desenvolvimento de habilidades sociais profissionais. **Palavras-chave:** educação corporativa, habilidades sociais profissionais, competências interpessoais.

1.2 PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA: UMA PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS - Camila de Sousa Pereira-Guzzo (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC, Salvador - BA) e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Pesquisas sobre empregabilidade de pessoas com deficiência enfatizam a importância do seu repertório de habilidades sociais para o desenvolvimento profissional. Não obstante a importância da aprendizagem formal das habilidades sociais, nota-se que esses programas não são incluídos no Brasil como parte do currículo da maioria das instituições profissionalizantes para indivíduos com deficiência. Além disso, são poucas as investigações desenvolvidas na área das habilidades sociais e trabalho junto às pessoas com deficiência física, que foquem, por exemplo, grupos de comparação e follow-up. A avaliação de programas também busca identificar o quanto uma intervenção atende a necessidades específicas da população, descrevendo os indicadores que permitem a identificação dessas demandas. Esse tipo de avaliação se inscreve no escopo da preocupação atual com a identificação e caracterização de Práticas Psicológicas Baseadas em Evidência. Com essa perspectiva, este estudo avaliou necessidades, processo e efeitos de um Programa de Habilidades Sociais Profissionais para pessoas com deficiência física. Sob um delineamento de múltiplas sondagens com dois grupos consecutivos participaram 16 pessoas com deficiência física, idade entre 18 e 36 anos. As avaliações foram realizadas por meio dos instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais; Questionário de Autoavaliação do Preparo para Inserção Profissional; Escala de Dificuldades Interpessoais; e Sistema de Observação de Habilidades Sociais Profissionais. A variável independente consistiu em uma intervenção, denominada aqui de Programa Habilidades Sociais Profissionais. Para o tratamento dos dados, foram empregadas estatísticas descritivas e testes não paramétricos, focando tanto a análise intergrupo como a intragrupo. A Avaliação de Necessidades permitiu identificar déficits e recursos no repertório de habilidades sociais dos participantes, que justificaram e nortearam o planejamento do programa. A Avaliação de Processo permitiu evidenciar assiduidade, engajamento e progressos dos participantes. A Avaliação de Resultados indicou redução estatística significativa de suas dificuldades interpessoais e ganhos de habilidades sociais em situações específicas do contexto profissional. Portanto, em geral, os resultados revelaram que o programa proposto para a melhoria de habilidades sociais importantes na entrevista de emprego e no desempenho profissional atingiu seus objetivos e promoveu a manutenção da aprendizagem. Além disso, este estudo sugere a generalização dos resultados do programa para o aprimoramento de habilidades sociais profissionais em diferentes situações pessoais e do contexto do trabalho. Pode-se concluir que o desenvolvimento de habilidades sociais para o trabalho agrega vantagens ao desempenho profissional de pessoas com deficiência física. Para a disseminação desse programa, a elaboração de um manual com procedimentos e o treinamento de multiplicadores são pontos importantes e de impacto nas diferentes modalidades da educação, inclusive, a corporativa. (FAPESP) **Palavras-chave:** habilidades sociais profissionais, avaliação de programas, pessoas com deficiência.

1.3 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA O MUNDO DO TRABALHO - Elvira Aparecida Simões de Araujo, Marilsa de Sá Rodrigues e Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro (Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté - SP)

Além das competências técnicas requeridas no mundo do trabalho, cada vez mais as competências sociais tem sido reconhecidas como preditoras chave de sucesso na carreira e são importantes na obtenção do emprego e na sua manutenção. Decorre disso o desenvolvimento de Habilidades Sociais Profissionais (HSP), definidas como aquelas que atendem às diferentes demandas interpessoais do ambiente de trabalho objetivando o cumprimento de metas, a preservação do bem-estar da equipe e o respeito aos direitos de cada um. O propósito desta apresentação é descrever as ações do Núcleo de Gestão de Carreira que tem como objetivo orientar o planejamento, gestão e desenvolvimento das carreiras de executivos. É uma atividade de participação voluntária e voltada aos profissionais em formação vinculados ao Programa de Pós-graduação em Administração (Mestrado, Especialização e MBA) da Unitau.



Considerando as exigências dos ambientes altamente competitivos no qual estes profissionais estão inseridos, o Núcleo se organiza para criar uma atmosfera de desenvolvimento de autoconhecimento, de discussão das possibilidades de carreira e do desenvolvimento de competências comportamentais (sociais e de liderança). O passo inicial do trabalho é a aplicação do IHS-Del-Prette, como parte da avaliação de demanda de desenvolvimento de habilidades sociais, é aplicado a todos os alunos que procuram os serviços do Núcleo, e as respostas são analisadas pelos critérios de classificação dos itens quanto à habilidade avaliada, aos interlocutores e ao contexto. Após a avaliação tem início o Treinamento de Habilidades Sociais THS, com uma sessão de linha de base, realizada em grupo, na qual cada membro é solicitado a se apresentar aos demais, durante uma conversação e posteriormente apresentar outro membro diante do grupo. Ao longo do THS são apresentadas situações que guardam similaridades com aquelas das relações interpessoais presentes no mundo corporativo de modo a possibilitar a generalização para o ambiente natural. Todas as sessões são gravadas e vinhetas das performances são exibidas em sessões subsequentes com o objetivo de valorizar os comportamentos adequados e discutir as possibilidades de modificação dos comportamentos apresentados, e assim permitem o acompanhamento contínuo da evolução dos participantes. Também é feita a classificação dos desempenhos gravados quanto aos componentes das interações como contato visual, postura e orientação do corpo, gestos, volume da voz, entonação e fluência, conteúdo da fala, expressão facial. Ao final do THS é realizada a avaliação das mudanças percebidas no ambiente natural. O THS tem como foco principal promover competências sociais nos executivos em formação, mas tem também o propósito de interferir na qualidade do conjunto de suas relações sociais, com potencial multiplicador na cultura organizacional. **Palavras-chave:** habilidades sociais profissionais, carreira, treinamento de habilidades sociais.

SIMP02. APRENDIZAGEM ACADÊMICA E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL: IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL – Proponente: Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP)

O ensino fundamental é um período da escolaridade significativo para a criança, marcado por novas demandas sociais importantes para o desenvolvimento, conforme têm demonstrado estudos ao longo dos anos. A relevância da experiência escolar durante essa etapa da vida é concebida, no presente simpósio, em termos de trajetórias do desenvolvimento, compreendendo indicadores do contexto social como relevantes para o comportamento e desempenho acadêmico. A disposição para interação com outras pessoas torna-se fundamental nos processos de desenvolvimento emocional e aprendizado escolar. O campo teórico-prático das Habilidades Sociais traz contribuições importantes para a compreensão e promoção do desenvolvimento socioemocional do indivíduo com implicações diversas no contexto educacional, desde a educação infantil até o ensino superior. Nesse sentido, as habilidades sociais constituem um fator altamente protetivo de problemas comportamentais e dificuldades acadêmicas enfatizando-se, ainda, o processo de retroalimentação que parece caracterizar a trajetória acadêmica das crianças, contribuindo para a persistência de padrões adaptativos e desadaptativos de enfrentamento dos desafios do ambiente escolar. As crianças com um repertório elaborado de habilidades sociais têm maior probabilidade de uma trajetória desenvolvimental satisfatória. Por outro lado, condições ambientais restritivas ou inadequadas à aprendizagem de habilidades sociais e ao desempenho de comportamentos socialmente competentes podem trazer, como consequência, diferentes tipos de déficits em habilidades sociais, associados a fatores de risco para o desenvolvimento, como problemas comportamentais e baixo desempenho acadêmico. Considerando esses aspectos, o presente simpósio busca apresentar investigações diversificadas envolvendo a relação entre habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico, sendo os objetivos das apresentações: (1) identificar preditores de competência acadêmica, desempenho em leitura, escrita e aritmética, avaliação em português e matemática no 5º ano do ensino fundamental, considerando as variáveis de desempenho acadêmico, autoconceito, habilidades sociais, problemas de comportamento, envolvimento de um adulto da família na vida escolar da criança e nível socioeconômico no 4º ano do ensino fundamental; (2) verificar a possível força preditiva de habilidades sociais sobre problemas de comportamento em crianças do Ensino Fundamental; (3) promover a formação de licenciandos em Ciências e Biologia que serão motivados a refletirem sobre práticas docentes facilitadoras do processo da alfabetização científica, para que venham assumir a carreira docente de forma crítica e reflexiva; (4) avaliar a relação entre habilidades sociais e desempenho acadêmico em alunos do 7º ano do ensino fundamental, participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Discute-se a importância das habilidades sociais como favorecedoras nos processos de aprendizagem de habilidades acadêmicas básicas (como leitura, escrita, aritmética e ciências) necessárias no decorrer dos anos escolares, bem como a relação negativa entre habilidades sociais e problemas comportamentais. Programas de intervenções voltados para a promoção de habilidades sociais tornam-se indispensáveis quando o objetivo é contribuir



para o desenvolvimento socioemocional de crianças escolares. **Palavras-chave:** aprendizagem acadêmica, desenvolvimento socioemocional, PIBID, formação de professores.

2.1 DESEMPENHO ACADÊMICO NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS DE RESPONSABILIDADE/COOPERAÇÃO - Elaine Cristina GardinalPizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú - SP), Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, USP/RP, Ribeirão Preto - SP) e Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto-Portugal)

As habilidades sociais têm sido apontadas na literatura como um importante recurso para o desempenho acadêmico, enfatizando-se, ainda, o processo de retroalimentação que parece caracterizar a trajetória acadêmica das crianças, contribuindo para a persistência de padrões adaptativos e desadaptados de enfrentamento dos desafios do escolar. Este estudo é um recorte de pesquisa longitudinal que investiga o papel de variáveis da criança, da família e da escola na predição de desfechos adaptativos em crianças no ensino fundamental. Seu objetivo é identificar preditores de competência acadêmica, desempenho em leitura, escrita e aritmética, avaliação em português e matemática no 5º ano do ensino fundamental, considerando as variáveis de desempenho acadêmico, autoconceito, habilidades sociais, problemas de comportamento, envolvimento de um adulto da família na vida escolar da criança e nível socioeconômico no 4º ano do ensino fundamental. Participaram da pesquisa 294 crianças. Os participantes foram selecionados em um universo de 336 alunos, inicialmente frequentando o 3º ano do ensino fundamental, de quatro escolas públicas de uma cidade do interior do estado de São Paulo com aproximadamente 24.000 habitantes. Os pais e professores participaram com informantes. O delineamento do estudo foi prospectivo, compreendendo duas fases de coleta de dados, no 4º e no 5º ano do ensino fundamental. Os instrumentos utilizados foram: Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2003) para avaliar o nível socioeconômico; Teste de Desempenho Escolar - TDE para avaliar o desempenho acadêmico no 5º ano; Avaliação Pedagógica – níveis III para o 4º ano e IV para o 5º ano; Social Skills Rating System – SSRS-BR, versão do professor, para avaliar habilidades sociais, competência acadêmica e comportamentos problemáticos no 4º e no 5º ano; Self Description Questionnaire – destinado à avaliação do autoconceito no 4º ano e Self Perception Profile for Children – avalia autopercepções em crianças no 4º ano. Foram utilizadas análises de Regressão Linear Múltipla passo a passo para variáveis dependentes no 5º ano e independentes no 4º ano do ensino fundamental. As habilidades sociais de responsabilidade/cooperação apareceram como preditores mais fortes em três dos seis indicadores de desempenho e a variável, envolvimento de um adulto da família, aparece nos outros três indicadores de desempenho como preditor mais forte. Para resultados na competência acadêmica, o modelo final explica 39% das diferenças individuais de desempenho no 5º ano e inclui, por ordem de importância, variáveis pessoais e do contexto familiar da criança, sendo a dimensão de habilidade social responsabilidade/cooperação, o preditor mais forte, responsável por 20% ($\beta = 0,37$) do modelo final de predição. No desempenho em escrita e leitura, a dimensão de habilidade social responsabilidade/cooperação aparece como preditor mais forte, respectivamente com 16% ($\beta = 0,22$) e 12% ($\beta = 0,23$) do modelo final preditivo. Diante dos resultados, pode-se dizer que as habilidades sociais de responsabilidade/cooperação, favorecem o engajamento nas tarefas escolares, provavelmente sustentando processos de aprendizagem das habilidades básicas de leitura, escrita e aritmética necessárias ao progresso no decorrer dos anos no ensino fundamental. (FAPESP) **Palavras-chave:** desempenho acadêmico, responsabilidade/cooperação, predição.

2.2 HABILIDADES SOCIAIS COMO PREDITORAS PARA PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS EM ESCOLARES - Ivana Giseli Casali-Robalinho (Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho - SP) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

A partir do momento em que começa a interagir com seu meio, a criança precisa desenvolver um repertório cada vez mais elaborado de habilidades sociais, para estabelecer relações sociais saudáveis e lidar de forma competente com as demandas interpessoais. O repertório de habilidades sociais vem sendo reconhecido como um componente crucial para a qualidade de vida de crianças, sendo indispensáveis no processo de desenvolvimento infantil. Estudos indicam que as habilidades sociais funcionam como fatores de proteção para diversos problemas psicossociais e dificuldades acadêmicas, e que crianças socialmente competentes têm perspectivas mais favoráveis para o futuro. Por outro lado, condições ambientais restritivas ou inadequadas à aprendizagem de habilidades sociais e ao desempenho de comportamentos socialmente competentes podem trazer, como consequência, diferentes tipos de déficits em habilidades sociais, associados a fatores de risco para o desenvolvimento, como problemas comportamentais. A Psicopatologia Infantil classifica os problemas de comportamento em dois grandes grupos, internalizantes e externalizantes, que podem comprometer fases posteriores do ciclo vital. Com base nesses dados, o presente estudo teve como objetivo verificar a possível força preditiva de classes específicas de habilidades sociais sobre os problemas



de comportamento em crianças do Ensino Fundamental. Preliminarmente foi realizada uma caracterização do repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento dessas crianças, a partir da auto-avaliação e da avaliação realizada pelos pais ou responsáveis. Participaram 220 crianças, do 3º ao 6º ano do Ensino Fundamental, bem como seus pais ou responsáveis, na condição de informantes externos. Foi utilizado o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR), na versão para a própria criança (autoavaliação, SSRS-BR/criança) e para os seus pais ou responsáveis (SSRS-BR/ pais), que avaliaram os problemas de comportamento dos filhos, além das habilidades sociais. De acordo com as análises estatísticas descritivas e inferenciais realizadas, a amostra apresentou escores coerentes com a norma para habilidades sociais e problemas de comportamento, sendo possível identificar quais habilidades ou comportamentos são emitidos com maior/menor frequência pelas crianças avaliadas. As análises mostraram um desempenho mais deficitário por parte da amostra nas habilidades de Responsabilidade (na autoavaliação) e de Iniciativa e Desenvoltura social (na avaliação por pais ou responsáveis). Além disso, os problemas internalizantes constituem, de acordo com os pais ou responsáveis, os mais frequentes, e o comportamento problemático específico apontado com maior frequência pelos pais ou responsáveis foi Desconcentra-se facilmente. Em relação à força preditiva, as habilidades sociais de maior peso na predição foram as de Responsabilidade (na autoavaliação) e as de Autocontrole e Civilidade (na avaliação por pais ou responsáveis). Tais resultados instigam o desenvolvimento de programas de intervenções voltados para a promoção de habilidades sociais como mecanismo preventivo de problemas comportamentais, contribuindo para o desenvolvimento socioemocional de crianças escolares (CAPES).

Palavras-chave: habilidades sociais; problemas de comportamento; escolares.

2.3 ASSOCIAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO EM ALUNOS DE SÉTIMO ANO PARTICIPANTES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) - Fabiana Maris Versuti-Stoque (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, USP - SP)

Este estudo partiu de parcela dos resultados de um subprojeto interdisciplinar das áreas de Ciências e Biologia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O Pibid é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas aos licenciandos e professores supervisores participantes de projetos desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. O projeto interdisciplinar descrito tem como objetivos: (1) promover a formação de licenciandos em Ciências e Biologia que serão motivados a refletirem sobre práticas docentes facilitadoras do processo da alfabetização científica, para que venham assumir a carreira docente de forma crítica e reflexiva; (2) avaliar a relação entre habilidades sociais e desempenho acadêmico em alunos do 7º ano do ensino fundamental, participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Os professores realizaram as seguintes atividades: avaliação diagnóstica das escolas e do ensino de ecologia; a aplicação de sequências didáticas de Ecologia; avaliação de propriedades funcionais das interações entre, de um lado, as práticas de ensino e, de outro, as medidas de desempenho dos alunos, de modo que tais avaliações viabilizem a proposição e a execução de planejamentos diretamente relacionados com os objetivos de ensino a serem alcançados; discussão de modelos pedagógicos para o ensino de ecologia; planejamento de intervenções para o ensino de ecologia. De modo geral, tais intervenções, estimularam nos alunos participantes do projeto o desenvolvimento de habilidades relacionadas com o fazer científico, colocando-os em uma postura ativa na construção do conhecimento científico. Nesse sentido, promoveu-se condições para que os professores e alunos se envolvessem na investigação dos processos de ensinar e aprender Ciências. Os dados coletados mostraram como o desenvolvimento das atividades propostas favoreceu o desenvolvimento de repertórios, de planejar, aplicar e avaliar situações de ensino de conteúdos curriculares comprometidos com a educação científica. Contudo, ainda pretendemos avaliar em que extensão os efeitos do Pibid registrados na qualidade do ensino, associa-se na relação entre habilidades sociais e desempenho acadêmico em alunos de sétimo ano participantes deste Programa. A coleta de dados será feita por meio dos seguintes instrumentos: Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais- Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes – (IHSA-Del-Prette) formulário de autorrelato para adolescentes; e análise das médias das notas presentes no boletim do aluno na disciplina e em provas externas. A análise dos dados envolverá as associações entre desempenho acadêmico e habilidades sociais; serão realizadas análises estatísticas descritivas, correlação de variáveis e outras análises pertinentes, também serão realizadas análises qualitativas para as classes de respostas dos instrumentos. Espera-se que os resultados possam elucidar as relações existentes, fortalecendo os descritores dos impactos de Programa de intervenção desta natureza.

Palavras-chave: habilidades sociais, desempenho acadêmico, PIBID, educação científica.



SIMP03. DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA A ÁREA DA SAÚDE: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA – Proponente: Karina Pereira Lima (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, FMRP/USP, Ribeirão Preto - SP)

A literatura recente aponta para a importância das habilidades sociais em diferentes contextos profissionais, enfatizando sua importância para produtividade, qualidade das relações interpessoais, bem como para a saúde física e mental. Tendo em vista que o contexto da área de saúde é permeado por diversas interações sociais, considera-se que as habilidades sociais podem influenciar tais interações e, por consequência, influenciarem o exercício profissional, a saúde e qualidade de vida dos diferentes sujeitos inseridos nesse contexto. Nesse sentido, a presente proposta tem como objetivo discutir e apresentar dados relativos a importância das habilidades sociais dos diferentes sujeitos atuantes na área da saúde sob as perspectivas do ensino, pesquisa e prática. Com a finalidade de contextualizar a discussão sobre a importância das habilidades sociais no ensino em saúde, apresentar-se-á dados relativos aos resultados de um estudo que descreveu e analisou o ensino de habilidades sociais no contexto do curso de graduação em Medicina de uma universidade federal do Nordeste, bem como as convergências e divergências relativas às percepções de graduandos e docentes sobre o ensino de tais habilidades. Em relação a contextualização da discussão relativa a importância das habilidades sociais dos profissionais para a sua saúde e para a qualidade do cuidado prestado, apresentar-se-á um estudo relativo às associações das habilidades sociais com indicadores de estresse e saúde mental em residentes médicos de diferentes áreas, enfatizando-se o potencial protetivo das habilidades sociais para a saúde desses profissionais. No que se refere aos usuários dos serviços de saúde, realizar-se-á uma discussão com foco na importância de ensinar habilidades sociais básicas para favorecer a comunicação e melhorar o apoio social ofertado pelos cuidadores e profissionais de saúde no contexto de trabalho setor de oncologia de um hospital universitário. Considera-se que a presente proposta contribui para a ampliação do conhecimento relativo ao papel das habilidades sociais em diferentes contextos da área da saúde, sob as perspectivas do ensino, pesquisa e prática, podendo auxiliar na proposição de medidas de prevenção e intervenção relativas à saúde, qualidade de vida, desempenho profissional e qualidade das relações sociais presentes nesse contexto. **Palavras-chave:** habilidades sociais, saúde, medicina, universitários.

3.1 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NO ENSINO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA GRADUAÇÃO DE MEDICINA - Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF e Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF), **Marcelo de Souza Gennari** (Curso de Medicina, Faculdades Integradas da União do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF), **Sheila Giardini Murta** (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF) e **Rosana Cipolotti** (Núcleo de Pós-Graduação em Medicina, Universidade Federal de Sergipe, UFS, Aracaju - SE)

O desenvolvimento da relação médico-paciente de qualidade é uma das preocupações no ensino médico em todo cenário mundial, por ser considerada com um dos principais suportes para um bom atendimento. Para tanto, os atendimentos médicos exigem uma gama de habilidades sociais dos profissionais, a fim de tornar a relação interpessoal de ajuda com maiores chances de sucesso no tratamento. Além disso, algumas situações são consideradas mais difíceis e exigem um repertório ainda mais amplo do profissional. Com intuito de conhecer quais habilidades sociais estão sendo ensinadas no ensino médico, como e em qual momento do curso isto acontece, foi realizada uma pesquisa descritiva transversal em um curso médico de uma universidade federal do nordeste. Participaram do estudo 165 alunos do curso de graduação de Medicina (92 mulheres e 73 homens) e 31 professores (11 mulheres e 20 homens). Como instrumentos foram utilizados um questionário de dados demográficos e duas versões de um questionário sobre a relação médico-paciente com perguntas abertas e fechadas. A primeira versão era composta por 14 itens e foi aplicada com os estudantes e a segunda versão era composta por 15 questões e foi aplicada com os professores. Além disso, foi feita uma análise do currículo e das ementas do curso de Medicina. Os resultados apontaram que o desenvolvimento interpessoal na educação médica é considerado importante para 93,5% dos professores e 95,7% dos alunos, mas apenas duas disciplinas têm como objetivo explícito em suas ementas o estudo da relação médico-paciente, ainda que não identifiquem nenhuma habilidade social especificamente. As principais estratégias utilizadas pelos professores foram aprendizagem por regras (41,7%), modelação (33,3%) e modelagem (19,4%). As principais barreiras apontadas foram falhas da estrutura curricular (52,7%), déficits do professor (20,6%) ou dificuldades dos próprios alunos (14,6%). O autocontrole e expressividade emocional, comunicação, civilidade e empatia foram as classes de habilidades sociais indicadas como importante por mais de 80% de cada um dos grupos participantes. A assertividade foi a classe menos indicada como importante. Ainda que houvesse algumas concordâncias entre professor e aluno sobre os comportamentos ensinados, vários aspectos referentes às habilidades sociais foram discordantes, tais como lidar com situações emocionais delicadas, aceitar críticas justas e colocar-se no lugar do outro.



Talvez a diferença na percepção de seu ensino possa estar ligada a falta de sistematização do conteúdo inter-relacional na educação médica, ficando restrita à capacidade de absorção dos alunos e/ou a capacidade intuitiva dos professores. Entende-se que a relação médico-paciente ainda não está incluída no planejamento formal do curso de Medicina, que este conteúdo não tem sido desenvolvido de forma contínua e que o uso de estratégias de ensino específicas para habilidades interpessoais é restrito. Porém, há uma credibilidade da importância do desenvolvimento interpessoal na educação médica pelos respondentes, o que favorece a formalização de seu ensino e a inclusão de novas estratégias didáticas. Esta identificação pode promover discussões sobre o planejamento educacional, bem como a reflexão sobre o treinamento de habilidades sociais levando em consideração as demandas dos professores e estudantes. (CAPES/FAPITEC) **Palavras-chave:** habilidades sociais, relação médico-paciente, educação médica.

3.2 HABILIDADES SOCIAIS DE RESIDENTES MÉDICOS: ASSOCIAÇÕES COM BURNOUT E SAÚDE MENTAL - Karina Pereira Lima e Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, FMRP/USP, Ribeirão Preto - SP)

A residência médica é um período de formação no qual os médicos em treinamento enfrentam uma série de situações estressantes que contribuem para uma maior vulnerabilidade a uma série de problemas de estresse e saúde mental, dentre os quais se destacam o burnout, a ansiedade e a depressão. Tal destaque se dá devido as altas taxas desses problemas em médicos residentes e aos graves prejuízos associados aos mesmos, tais como, o maior autorrelato de erros, o abuso de substâncias, a maior prevalência de ideação suicida e a piora na relação médico-paciente. No entanto, poucos estudos tem abordado condições de proteção para o desenvolvimento desses problemas em residentes médicos. O presente estudo se insere nesta lacuna, tendo por objetivo verificar as possíveis associações entre as manifestações de burnout, os indicadores de ansiedade, depressão e as habilidades sociais apresentadas por residentes médicos de especialidades diversas. Estabeleceu-se como hipóteses norteadoras que os indicadores de burnout, ansiedade e depressão seriam negativamente associados aos de habilidades sociais, e que os residentes com indicadores de problemas de burnout e saúde mental apresentariam um repertório de habilidades sociais significativamente inferior aos dos residentes sem indicadores de problemas. Avaliou-se uma amostra de 305 médicos residentes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, por meio da autoaplicação dos instrumentos: Inventário da Síndrome de Burnout (ISB), Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), Patient Health Questionnaire – 2 itens (PHQ-2) e Generalised Anxiety Disorder Questionnaire – 2 itens (GAD-2). Os dados foram analisados por procedimentos correlacionais e comparativos, adotando-se o nível de significância de $p \leq 0,05$. Verificou-se uma prevalência elevada para todos os indicadores de problemas, sendo 58,4% para burnout, 41,3% para ansiedade e 21,6% para depressão. De modo geral, os participantes apresentaram um repertório de habilidades sociais satisfatório (60,3%), tendo sido identificadas associações negativas e significativas entre habilidades sociais e todos os indicadores de problemas. Verificou-se ainda menores médias de habilidades sociais para residentes médicos com indicadores de problemas em comparação a residentes sem a presença de tais indicadores, sendo todas as diferenças significativas ($p < 0,001$) e de efeito moderado ($d = 0,5$). Uma vez que as habilidades sociais podem ser aprendidas, os dados do estudo enfatizam a necessidade de um maior investimento no desenvolvimento de competências interpessoais na formação médica, já que essas parecem ser capazes de auxiliar esses profissionais no exercício de suas atividades e, por consequência, protegê-los de problemas associados a prejuízos para os mesmos e para a sua clientela. Desse modo, tal sistematização de dados pode contribuir para instrumentar a proposição de medidas preventivas quanto à saúde mental de residentes médicos (FAPESP e CNPq). **Palavras-chave:** burnout, saúde mental, residência médica.

3.3 APOIO SOCIAL E HABILIDADES SOCIAIS DOS PACIENTES COM CÂNCER - Juciléia Rezende Souza (Hospital Universitário de Brasília, HUB, Brasília - DF; Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, IBAC, Brasília - DF)

O indivíduo com câncer precisará lidar com mudanças emocionais, sociais e físicas que acompanham a doença e seus tratamentos. A forma como se adaptará é influenciada por diversos aspectos, variando entre pacientes. A resposta psicológica sofrerá influência das habilidades de enfrentamento do paciente, da estrutura e da qualidade da sua rede de suporte social, do significado da doença para ele e do nível de distress inicialmente desencadeado. Nesse contexto, o apoio social engloba formas de assistência, tangíveis e intangíveis, que o paciente recebe de familiares, amigos e equipe de saúde para lidar com situações estressoras desde o diagnóstico. Pesquisas confirmam a relação entre o nível ajustamento psicológico e a qualidade e a satisfação com a rede de suporte. O apoio social é um processo interativo no qual o indivíduo é afetado pelas ações e comportamentos dos membros da equipe e dos seus cuidadores, o que influencia tanto na percepção sobre o evento estressor como no enfrentamento. No entanto, alguns autores salientam



que a rede de apoio será melhor usufruída se o indivíduo lançar mão de estratégias que envolvam a aceitação e a busca de suporte social. Sendo assim, propõe-se, para a presente mesa redonda, a discussão de estratégias que auxiliem o paciente a melhorar sua comunicação e interação com a equipe de saúde e seus cuidadores. Para tal, serão apresentadas estratégias utilizadas na prática diária para avaliação e treinamento de habilidades que auxiliem os pacientes oncológicos a compartilharem sentimentos e percepções com pessoas de sua rede de suporte social; a questionarem a equipe e esclarecerem suas dúvidas durante consultas e processos de tomada de decisão; a lidarem com questionamentos e comentários sobre sua condição de saúde. Dentre o instrumental utilizado encontram-se: entrevista com pacientes e familiares para identificação de possíveis déficits no repertório de habilidades sociais; discussão sobre a percepção do paciente a cerca da demanda identificada; identificação dos objetivos principais do paciente e seleção do comportamento a ser inicialmente trabalhado; instrução sobre respostas apropriadas; apresentação de modelos de comportamento; ensaio comportamental; reforçamento diferencial. Os conteúdos rotineiramente alvos de intervenção são: enfrentar críticas, fazer perguntas e solicitar esclarecimentos, fazer e recusar pedidos; fazer e receber elogios; expressar opiniões e sentimentos; expressar afeto; compreender as dificuldades e necessidade dos cuidadores (desenvolver empatia). Quando é possível inserir a rede de apoio no processo de intervenção, tais conteúdos podem ser trabalhados com as pessoas próximas ao paciente e com os membros da equipe, o que favorece a ocorrência de interações mais adequadas e reforçadoras. Como a busca de suporte social instrumental e emocional e a expressão de emoções parecem ser importantes previsores de adaptação, acredita-se que o investimento em tais estratégias possa ajudar os pacientes a terem novas perspectivas, obterem informações, compreenderem melhor o tratamento e aprenderem novas formas de enfrentamento, como também pode oportunizar momentos para se expressarem emocionalmente e receberem suporte emocional de pessoas em quem confiam. Percebe-se, como resposta a essas modificações, a diminuição da frequência de pensamentos intrusivos e de conflitos familiares, como também melhoria na capacidade de adaptação. **Palavras-chave:** apoio social, habilidades sociais, câncer.

SIMP04. HABILIDADES SOCIAIS E COMPETÊNCIA SOCIAL DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE -

Proponente: Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ e Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

A convivência com novos grupos e contextos sociais exige competências interpessoais que podem não ter sido desenvolvidas no repertório dos adolescentes, o que, por um lado, torna essa fase do ciclo vital mais propensa ao surgimento de vulnerabilidades psicossociais e, por outro, abre a novas oportunidades para uma trajetória de vida saudável. As habilidades sociais têm sido consideradas como fator de proteção para, por exemplo, o *bullying*, o uso de drogas e diante da violência no contexto da família e na comunidade. Contudo, na literatura nacional verifica-se que há poucos estudos que procuram investigar as influências das relações interpessoais e das habilidades sociais de adolescentes em situação de vulnerabilidade. Desse modo, o presente simpósio tem como objetivo apresentar três estudos com adolescentes em contexto de risco psicossocial que procuram analisar o impacto do repertório de habilidades sociais no enfrentamento das situações de vulnerabilidades. O primeiro estudo tem por objetivo investigar o repertório de habilidades sociais de alvos e autores de *bullying* de modo a fornecer um diagnóstico sobre a relação das habilidades sociais e comportamentos de adolescentes envolvidos em bullying, bem como contribuir para a efetividade do combate a esse tipo de violência. O segundo estudo realiza um levantamento de estudos regionais e nacionais sobre características sociais e demográficas de adolescentes em conflito com a lei e suas famílias. Além disso, é apresentada uma discussão sobre padrões comportamentais do adolescente em conflito com a lei, a evolução do comportamento antissocial e o papel das habilidades sociais na prevenção e intervenção em comportamentos antissociais. O último estudo, referendado na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, examina o processo e avalia os efeitos de um programa preventivo e psicoeducativo de Habilidades Sociais no repertório de habilidades sociais, autoeficácia e percepção de apoio social de adolescentes de comunidades (favelas) em situação de risco psicossocial. Os resultados obtidos em todas as pesquisas poderão contribuir para o melhor entendimento das habilidades sociais enquanto um recurso pessoal que tem funções de proteção, prevenção e promoção da saúde mental e socioemocional em um momento importante do ciclo vital, isto é, na adolescência. Além disso, será possível propor intervenções baseadas em programas de Habilidades Sociais, bem como avaliar propostas de intervenções realizadas com aquelas populações de adolescentes em situação de vulnerabilidade psicossocial. **Palavras-chave:** habilidades sociais, competência social, adolescência, vulnerabilidade.



4.1 HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS E AUTORES DE BULLYING - Camila Negreiros Comodo e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

A literatura nacional e estrangeira tem mostrado evidências de que o bullying é um fenômeno mundial que merece a atenção dos pesquisadores e da comunidade como um todo, principalmente pelas consequências negativas que traz tanto para as vítimas quanto para os agressores, testemunhas e toda a comunidade escolar. Considerando que o fenômeno bullying ocorre nas relações interpessoais entre estudantes, torna-se importante compreender o papel dos recursos e déficits comportamentais de agressores e de vítimas. Nesse contexto, uma variável ainda pouco estudada e altamente relevante é o repertório de habilidades sociais desses indivíduos. Dessa forma, um estudo que investigue de forma mais detalhada o repertório de habilidades sociais de alvos e autores de bullying poderia fornecer um diagnóstico mais preciso sobre a relação das habilidades sociais e comportamentos de estudantes envolvidos em bullying, assim como contribuir para a efetividade do combate a esse tipo de violência. Considerando esses aspectos o presente estudo teve como objetivos: correlacionar classes de habilidades sociais com comportamentos de autoria e vitimização de bullying em adolescentes por meio da autoavaliação e da avaliação dos pares; e comparar o repertório de habilidades sociais de vítimas, autores e vítimas-autores de bullying em termos de frequência e dificuldade, com o repertório social de adolescentes não envolvidos em situações de bullying. Para atingir esses objetivos foi realizada a aplicação dos instrumentos QIPVE e Peer Assessment, os quais medem bullying, e do instrumento IHSA-Del-Prette, o qual mede habilidades sociais, com 241 adolescentes de 11 a 16 anos de forma coletiva nas salas de aula em horários fornecidos pela escola. Os dados obtidos foram analisados descritiva e inferencialmente por meio de programas estatísticos e verificou-se que os comportamentos de autoria e vitimização em bullying estavam correlacionados negativamente com o repertório de habilidades sociais. Também foi possível analisar que os alunos envolvidos em bullying relatavam um repertório menos elaborado de autocontrole, assertividade e empatia do que os adolescentes não envolvidos nesse fenômeno e que há diferenças nas classes de habilidades sociais a depender do papel que o adolescente desempenha no bullying, sendo que os autores e vítimas-autores apresentam um repertório social menos elaborado do que os adolescentes vítimas de bullying. Os dados obtidos trazem uma maior compreensão sobre o repertório social dos adolescentes envolvidos em bullying, na direção de que essa população não apresenta um déficit generalizado de habilidades sociais, mas sim, dificuldades em algumas classes de habilidades específicas. Adicionalmente, discute-se as implicações para o combate ao bullying, na tentativa de contribuir para a maior efetividade de intervenções voltadas para a prevenção desse tipo de violência. (CAPES) **Palavras-chave:** habilidades sociais; bullying; adolescentes.

4.2. RELAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA FORMAÇÃO DE LAÇOS AFETIVOS: UM ESTUDO COM CRIANÇAS COM OBESIDADE EM UM ACAMPAMENTO- Daniel Fernandes Barbosa, Natalia Alves Beto de Souza, Letícia Cardoso Orlandi Silveira, Aline Fernandes de Paula Freitas e Elaine Rabelo Neiva (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

As transformações da sociedade têm exposto as crianças cada vez mais cedo e mais intensamente ao contato com pares que não pertencem à família. A interação entre pares é capaz de ampliar a rede social da criança e de contribuir decisivamente para o seu desenvolvimento: ela dá lugar à satisfação de necessidades de afiliação, compartilhamento de brincadeiras competitivas e cooperativas, e identificações com os outros. Sendo assim, para que as relações afetivas se construam em diferentes contextos, é necessário que as crianças desenvolvam habilidades sociais que facilitem o desenvolvimento dos laços afetivos. A aquisição de habilidades aprimora a interação e a comunicação interpessoal e altera a ocorrência de comportamentos problemáticos ou antissociais. Sabendo-se que as habilidades sociais influenciam na construção dos relacionamentos interpessoais, o objetivo deste estudo é analisar a relação dessas habilidades na formação de laços afetivos em crianças. A pesquisa foi realizada no Acampamento de Educação em Saúde para uma Infância Saudável (AESIS). Participaram do acampamento 24 crianças com sobrepeso ou obesidade, com idade variada de 8 a 11 anos. Os instrumentos utilizados correspondem ao protocolo de observação, do tipo registro de intervalo, para verificar a ocorrência ou não de comportamentos verbais, físicos e físicos/verbais; ao questionário de redes, adaptado para levantar as características sobre as redes de amizade formadas durante o acampamento, e ao Inventário Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (IMHSC-Del-Prette), aplicado em sua versão informatizada completa de forma individual, para a auto-avaliação do repertório social da criança. Como procedimento geral, evitou-se que as crianças já se conhecessem ou tivessem algum contato prévio e foram separadas aleatoriamente no acampamento. Os resultados não encontraram correlação significativa entre as medidas de centralidade de grau e de Bonacich e os fatores referentes às habilidades sociais. Ou seja, as crianças que obtiveram médias altas no IMHSC-Del-Prette não foram as que tiveram mais facilidade em formar laços afetivos, pois não corresponderam às crianças mais indicadas no questionário de redes. Uma das hipóteses para esse evento é o IMHSC ser um instrumento de medida criado e validado no contexto escolar, diferente do contexto da pesquisa. Outra



hipótese corresponde à necessidade de haver monitores para a realização de tarefas no acampamento. Como cada grupo de crianças contava com um monitor, este pode ter sido um mediador das relações intra e intergrupais, facilitando a formação de laços afetivos entre aquelas crianças que não possuíam altos escores em habilidades sociais e afetando as correlações esperadas para a pesquisa. Espera-se que no futuro sejam desenvolvidos instrumentos sobre habilidades sociais em crianças que não se restrinja apenas ao contexto escolar, já que elas podem desenvolver suas habilidades em outros ambientes, como nos de lazer e esporte. Também se sugere utilizar de outras estratégias sem o uso de monitores para a realização das atividades, estimulando assim a interação direta entre as crianças. **Palavras-chave:** habilidades sociais, laços afetivos, crianças com obesidade.

4.3 PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES DE CONTEXTOS SOCIAIS VULNERÁVEIS - Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ e Universidade Salgado de Oliveira, UNIVRSO, Niterói - RJ)

Intervenções preventivas com adolescentes que vivem em contextos de vulnerabilidade psicossocial são importantes porque favorecerem o desenvolvimento de competências interpessoais e socioafetivas que podem gerar mudanças em trajetórias de vida negativas. Assim, algumas pesquisas atuais com adolescentes em situação de risco psicossocial têm procurado identificar e promover capacidades e habilidades associadas ao desenvolvimento saudável, potencializando fatores de proteção dos adolescentes e dos seus contextos. Considerando que as habilidades sociais podem contribuir para relações sociais satisfatórias e para interações pautadas por afetividade, reciprocidade e equilíbrio de ganhos entre a pessoa e seus interlocutores, é plausível supor que adolescentes com melhor repertório de habilidades sociais, especialmente se articulada à competência social, estariam em condições mais favoráveis de lidar com situações de violência na comunidade e relações conflituosas na família e na escola. Todavia, poucas intervenções com adolescentes têm sido realizadas de modo preventivo no contexto nacional, o que indica um campo de investigação pouco explorado. A partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o presente estudo teve por objetivo examinar o processo e avaliar os efeitos de um programa de Habilidades Sociais no repertório de habilidades sociais, autoeficácia e percepção de apoio social de adolescentes em situação de risco psicossocial. Participaram da pesquisa 10 adolescentes (idade entre 13 e 17 anos), moradores de comunidades (favelas) na cidade do Rio de Janeiro e que frequentavam uma Organização Não-Governamental (ONG). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano da Universidade Salgado de Oliveira, de acordo com o Parecer no 465.565, CAAE: 21635413.3.0000.5289. A participação dos adolescentes foi voluntária e referendada pela entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada previamente pelos seus responsáveis legais. Foi realizado um Programa de Habilidades Sociais preventivo e psicoeducativo, composto por 10 encontros semanais com duração média de 120 minutos. As classes de habilidades sociais focalizadas foram: (1) Civilidade; (2) Empatia e direitos humanos; (3) Expressividade emocional e autocontrole; (4) Assertividade; (5) Solução de problemas interpessoais; (6) Abordagem afetiva. Tendo por base as relações e contextos mais importantes durante a adolescência, as atividades desenvolvidas em cada encontro focalizaram as interações que os adolescentes relataram que ocorriam nos ambientes da família, escola e comunidade. O programa contemplou medidas de avaliação de processo e de resultados finais. Os participantes responderam, antes e após a intervenção, ao Questionário com informações demográficas, ao Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes, à Escala de Percepção de Apoio Social e à Escala Autoeficácia Generalizada. A avaliação de processo revelou indicadores de confiança entre os adolescentes e os pesquisadores. Os resultados indicaram aumento significativo nos níveis de habilidades sociais, percepção de apoio social dos professores e crenças de autoeficácia. Discute-se a pertinência do uso dos procedimentos vivenciais adaptados à realidade psicossocial de adolescentes de contextos sociais vulneráveis. Estudos experimentais e com seguimento devem ser realizados para confirmar a efetividade do programa (FAPERJ). **Palavras-chave:** adolescência, habilidades sociais, intervenção.

SIMP05. HABILIDADES SOCIAIS E INTERVENÇÕES NA ÁREA CLÍNICA – Proponente: Josiane Rosa Campos (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru - SP)

Problemas psicológicos afetam a qualidade das relações interpessoais e podem estar relacionados a déficits em habilidades sociais e competência social. Estudos relatam que indivíduos com timidez e isolamento social demonstram um repertório pobre de habilidades sociais, além de déficits na conversação, na expressão e nas interações, apresentando insegurança e desconforto nos contatos sociais. Habilidades sociais ou comportamento socialmente hábil são conceitos que podem ser compreendidos como um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal, expressando sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo de modo adequado à situação, bem como respeitando esses comportamentos nos demais. O presente simpósio visa abordar a



importância de intervenções voltadas ao desenvolvimento de habilidades sociais em quadros clínicos. O primeiro estudo, “Depressão na adolescência e habilidades sociais: descrição e análise das propostas de intervenção”, traz uma revisão de literatura a respeito de intervenções voltadas ao desenvolvimento de habilidades sociais e de competências sociais na adolescência, de natureza preventiva, de promoção de saúde ou de tratamento, destacando a sua importância em diversos quadros clínicos. Já o segundo, denominado “Treinamento de habilidades sociais na fobia social”, relata os resultados de uma intervenção breve, destacando que esta traz bons resultados neste quadro clínico. No terceiro estudo, “Treinamento de habilidades sociais para usuários de crack”, são apresentados os resultados preliminares de um projeto de pesquisa de THS com população de usuários de crack. Os resultados dos três estudos apresentam alguns resultados semelhantes e pontos complementares, permitindo importantes discussões quanto aos programas de desenvolvimento de habilidades sociais que estão sendo planejados e implementados para diferentes quadros clínicos em diferentes regiões do Brasil. **Palavras-chave:** habilidades sociais, depressão, adolescência, atendimento clínico, fobia social, drogadição.

5.1 DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA E HABILIDADES SOCIAIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO - Josiane Rosa Campos e Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru -SP)

As dificuldades de interação social e os déficits de habilidades sociais têm sido consistentemente identificados na literatura como um dos antecedentes, mantenedores ou subsequentes de adolescentes diagnosticados ou que já se encontram no risco de desenvolverem depressão. Nesse sentido, uma série de propostas interventivas, seja de natureza preventiva, de promoção de saúde ou de tratamento, apresenta o desenvolvimento de específicas habilidades sociais e de competências sociais, como um dos componentes da intervenção. No entanto, embora as questões interpessoais e as habilidades sociais sejam presentes nas intervenções em adolescentes deprimidos, pouco se sabe qual o conjunto de conhecimentos que vem sendo produzido nesta temática. Com a finalidade de apresentar um panorama geral desses estudos, realizou-se uma revisão da literatura. A busca dos artigos se deu no mecanismo de busca do portal da CAPES, com diferentes palavras-chaves que foram cruzadas. Foi estabelecida a busca avançada por assunto, apenas artigos e periódicos revisados por pares, no idioma inglês, no período de 2005 a 2015 (últimos dez anos). Os critérios de inclusão foram: (a) população adolescente, considerando as idades de 10 a 19 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde, podendo ter outros participantes como pais, professores ou pares, como integrantes adicionais das intervenções; (b) artigos completos e disponíveis para download; (c) apresentar diagnóstico ou indicação de depressão, podendo ou não estar associado às comorbidades mais comuns: ansiedade, problemas de comportamento externalizantes, uso de substâncias; (d) as habilidades sociais aparecerem como a principal variável avaliada ou estar entre outros componentes da intervenção. O critério de exclusão foi associar o tema depressão, intervenção em adolescentes deprimidos a específicas temáticas, como: autismo, Síndrome de Down, gravidez na adolescência, obesidade, doenças sexualmente transmissíveis, vício em internet, abuso sexual, delinquência. Foram encontrados 12 artigos, que foram lidos na íntegra, e analisados a partir das seguintes categorias de análises: delineamento, participantes, comorbidades associadas, conteúdo e tipo de intervenção, técnicas e estratégias empregadas, abordagem teórica, habilidade sociais e outras variáveis mais utilizadas, características da intervenção (grupal, individual, duração), e resultados obtidos. Dentre alguns resultados, os estudos são majoritariamente com delineamento experimental, tendo como participantes apenas os adolescentes; as principais comorbidades foram problemas de comportamento externalizantes e ansiedade; a habilidade social mais desenvolvida foi comunicação. Parte dos estudos apontaram efeitos positivos das intervenções, outra parte, parcialmente positivos e/ou sem efeito. As limitações, contribuições, proposições de futuros estudos e os principais desafios encontrados pelos profissionais que trabalham com esta temática serão discutidos. **Palavras-chaves:** depressão, adolescência, habilidades sociais.

5.2 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NA FOBIA SOCIAL - Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo - RS)

A Fobia Social (FS), também conhecida como Transtorno de Ansiedade Social, se caracteriza por um medo persistente, considerado pela própria pessoa como excessivo, em uma ou mais situações de interação social, apresentando hipersensibilidade à crítica ou à avaliação negativa por parte dos demais. A literatura destaca que, na população geral, a maioria dos indivíduos com FS teme falar em público, enquanto um menor grupo teme falar com desconhecidos ou fazer novas amizades. Pesquisadores referem que os transtornos ansiosos podem ser associados com frequência ao déficit em habilidades sociais. Tais prejuízos nas habilidades sociais afetam o desempenho social, as habilidades de comunicação, as percepções interpessoais e a competência social, sendo que, nos transtornos de ansiedade e, em



especial na FS, o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) tem se mostrado como uma intervenção que apresenta bons resultados para o tratamento desse quadro clínico. Esse estudo tem por objetivo apresentar os resultados de um programa de treinamento de habilidades sociais em indivíduos com critérios diagnósticos para Fobia Social. É um estudo clínico de intervenção grupal breve com avaliação pré e pós-intervenção, com uma amostra de 32 sujeitos. Foram utilizados os instrumentos: Ficha de dados pessoais/sociodemográficos, Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO-A30) e Escala de Ansiedade Social Liebowitz (LSAS). O THS foi realizado em 10 sessões, nas quais foram desenvolvidos os seguintes temas: lidar com a ansiedade, assertividade, técnicas de relaxamento, relacionamento interpessoal, falar em público e expressão de sentimentos. Do total da amostra, 71,9% (n=23) são do sexo feminino e 28,1% (n=9) do sexo masculino, com uma variação de idade entre 19 a 41 anos, sendo que a média de idade deste grupo foi de 25,75 anos (DP= 8,05). Os resultados deste estudo indicaram que houve uma melhora nas cinco dimensões do CASO-A30, com uma pontuação altamente significativa em alguns fatores do CASO-A30, como: Fator 1 (Falar em público), Fator 2 (Interação com o sexo oposto), Fator 4 (Expressão assertiva de incômodo, desagrado ou tédio) e Fator 5 (Estar em evidência e fazer papel de ridículo); resultados semelhantes foram também detectados na aplicação da LSAS antes e após a intervenção. Conclui-se que os participantes tiveram melhora significativa e que a redução da ansiedade social foi alcançada através do aumento da competência interpessoal e individual por meio de estratégias de ensino para desenvolver suas habilidades sociais, demonstrando a eficácia de programas de intervenção de THS no tratamento da Fobia Social. **Palavras-chave:** treinamento de habilidades sociais; relações interpessoais; fobia social.

5.3 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA USUÁRIOS DE CRACK - Ilana Andretta (Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

As habilidades sociais são comportamentos aprendidos durante a vida que objetivam fornecer uma melhor adaptação da pessoa ao ambiente em que está inserido. As mesmas podem ser aprendidas, e um dos modelos de intervenção que vem sendo pesquisado para o seu desenvolvimento é o Treinamento em Habilidades sociais (THS). Através deste, ensinam-se comportamentos específicos, sempre integrados ao repertório comportamental do sujeito, aplicando os procedimentos de instrução, modelação, ensaio comportamental, retroalimentação e reforçamento. O THS pode ser usado na perspectiva de uma intervenção tanto primária, secundária, quanto terciária, visando que este pode aumentar a qualidade de vida dos indivíduos, assim como beneficiar populações com diferentes transtornos mentais. No campo do uso de substâncias, o THS vem sendo pesquisado para o uso de álcool, tabaco e maconha com diversos estudos demonstrando a efetividade do modelo. No Brasil, os estudos ainda são escassos e, mais ainda, com usuários de crack. O objetivo deste simpósio é apresentar resultados de um projeto de pesquisa que está subdividido em três fases: a primeira, já realizada, apresentará resultados de um estudo de revisão sistemática realizada com a literatura mundial e nacional sobre habilidades sociais em usuários de drogas. A mesma avaliou ensaios clínicos randomizados realizados com usuários de drogas que participaram de THS, bem como avaliou os resultados das intervenções. A segunda fase, de investigação, com resultados previstos para serem concluídos em julho de 2015, será de avaliação da presença ou déficit de habilidades sociais, perfil sociodemográfico, padrão de consumo e investigação de comorbidades, em homens e mulheres, de 18 a 59 anos, que buscaram atendimento de internação no sistema de saúde do RS, como principal motivo pelo uso de crack. Este estudo trata-se de um estudo transversal descritivo e os instrumentos para coleta de dados serão o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e um protocolo desenvolvido pelo grupo de pesquisa para avaliar dados sociodemográficos e padrão de consumo de comorbidades psiquiátricas. O projeto já obteve aprovação do Comitê de Ética da Universidade e os locais de coleta serão Hospitais Gerais com unidades para tratamento da dependência química e Fazendas Terapêuticas. A partir deste levantamento, e como terceira etapa do projeto, pretende-se desenvolver um modelo de THS específico e adaptado para a realidade dos usuários de crack, em formato breve e protocolar. Esta etapa estará concluída concomitante ao projeto de avaliação. Pretende-se, então, apresentar resultados da revisão sistemática, do processo de avaliação e da proposta de intervenção, comparando com outros programas identificados pela revisão sistemática, adaptando à realidade brasileira e estabelecendo suas possíveis limitações. **Palavras-chave:** dependência química, tratamento, terapia cognitivo-comportamental.

SIMP06. INTERVENÇÕES CLÍNICAS E PSICOEDUCACIONAIS NO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS – Proponente: Fabiane Ferraz Silveira Fogaça (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP). Debatedora: Fabiana Gauy (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Intervenções clínicas e psicoeducacionais são propostas com objetivos de promoção de autonomia e qualidade de vida. As práticas de avaliação da efetividade de intervenções estão cada vez mais consolidadas, gerando benefícios tanto



para os profissionais quanto aos consumidores desses serviços. Baseado nesses pressupostos, esta mesa redonda é composta por três estudos. O primeiro estudo pretende descrever uma intervenção específica denominada “Tomada de Decisão e Qualidade de Vida”, adaptada para o treinamento de habilidades sociais. A técnica facilita a análise das desvantagens do comportamento não saudável e das vantagens do comportamento saudável com o objetivo de favorecer a melhora da qualidade de vida. A técnica é aplicada em 12 sessões individuais ou em grupo e pode ser utilizada tanto em pacientes com diagnósticos psiquiátricos quanto em pacientes que têm como objetivo manter comportamentos saudáveis. O segundo estudo tem como objetivo avaliar um treinamento em habilidades clínicas com alunos estagiários de psicologia, a partir do uso de um protocolo avaliado como empiricamente validado para o atendimento de crianças ansiosas (Coping Cat). Participaram do estudo treze alunos de graduação de três instituições de ensino. O treinamento clínico se diferenciou em teórico e prático, com o total de 250 horas e teve como objetivo treinar habilidades clínicas, a partir do referencial cognitivo-comportamental. Os dados foram avaliados a partir de instrumentos de autoavaliação de competências, de avaliação dos pares e de juízes experts na área. Os resultados sugerem que o desempenho dos terapeutas foi acima da média e os terapeutas foram favoráveis ao uso do protocolo de avaliação. O terceiro estudo teve como objetivo discutir o estado da arte da aplicação e avaliação da efetividade de programas de intervenções em habilidades sociais, na interface com a Análise do Comportamento, desenvolvidos pelo laboratório LADS da UNESP-Bauru. Serão discutidos dados de resultados e de processos de mudança com populações: pais, crianças, casais e estudantes universitários (transtornos de ansiedade e de depressão). As análises de resultados abordarão: queixas trazidas, características das populações atendidas, instrumentos de avaliação e classes de HS com melhores e piores resultados. As análises de processo incluirão: estratégias e técnicas utilizadas, frequência de comportamento do terapeuta e do cliente, temas em HS trabalhados, possibilidades de análises estatísticas e indicadores gerais de sucesso quanto a procedimentos e manejos do terapeuta. **Palavras-chave:** saúde mental, terapia cognitiva, treinamento de habilidades sociais, assertividade.

6.1 TERAPIA COGNITIVA: A TÉCNICA PENSE SAUDÁVEL E O TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Lia Silvia Kunzler (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Nas últimas décadas, os avanços alcançados em saúde estimularam que pesquisadores, serviços de saúde, comunidade e a população em geral investissem na promoção da saúde e no incremento da qualidade de vida. No ano de 1986, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a promoção da saúde como um processo que visa à capacitação dos indivíduos para melhorar a sua saúde. Além de determinar objetivos e alcançá-los, o indivíduo e sua comunidade devem ter condições de mudar o que pode ser mudado ou aprender a lidar com as adversidades. Para tal, as pessoas devem alcançar a sua autonomia em relação às suas tomadas de decisão para conquistar o controle sobre sua saúde e qualidade de vida. A tomada de decisão representa uma equação onde um dos lados é a razão e o outro as emoções, cabendo ao indivíduo ponderar suas ações e respectivas consequências para equilibrar a equação. A motivação para a construção de um comportamento saudável está diretamente relacionada às desvantagens maximizadas a respeito do comportamento não saudável e à maximização das vantagens do comportamento saudável. Elaborou-se uma intervenção específica denominada “Tomada de Decisão e Qualidade de Vida”, baseada nos níveis de cognição identificados pela TC, os quais se relacionam às emoções e aos comportamentos. A técnica facilita a análise das desvantagens do comportamento não saudável e das vantagens do comportamento saudável com o objetivo de favorecer a tomada de decisão pela mudança e melhora da qualidade de vida, com significativa contribuição para fortalecer a motivação para a mudança. As imagens correspondentes a doença e a saúde facilitam a reestruturação cognitiva e a tomada de decisão por padrões de comportamento saudáveis. A diferença entre as cognições não saudáveis e as cognições saudáveis, representada pelo abacate acinzentado e pelo abacate naturalmente colorido, chama a atenção para uma reflexão através das perguntas: “Quais são as emoções, pensamentos e consequências saudáveis nesta situação?” “Qual é a forma flexível de lidar com esta situação?” “Como é que eu gostaria de estar?” e “O que é que eu posso experimentar?”. A técnica proposta pode contribuir para a promoção da saúde e qualidade de vida. Ela é aplicada em 12 sessões individuais ou em grupo, sendo que esta última modalidade de aplicação é vantajosa em razão dos ganhos terapêuticos atingidos em comparação com os custos exigidos. Ressalta-se que não investir ou investir em melhorias depende diretamente das cognições relacionadas. A técnica pode ser utilizada tanto em pacientes com diagnósticos psiquiátricos (TOC, fobia social, pânico, depressão, insônia, ansiedade generalizada, compulsões e etc.) quanto em pacientes que apresentam dificuldade de manter comportamentos saudáveis, tais como desembarcar da raiva, da culpa e da ansiedade, cuidar da alimentação, praticar atividade física planejada, parar de ruminar sobre eventos do passado, viver o presente, aprender a lidar com preocupação excessiva, raiva, culpa, ansiedade e etc. O presente trabalho aborda a contribuição da Técnica Pense Saudável na assertividade e no



treinamento de habilidades sociais. **Palavras-chave:** terapia cognitiva, treinamento de habilidades sociais, assertividade.

6.2 Psicologia Clínica Comportamental e Habilidades Sociais: Experiências de intervenção do LADS- UNESP-Bauru - Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru -SP), **Fabiane Ferraz Silveira Fogaça** (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP) e **Jéssica Aline Rovaris** (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru -SP).

No cerne da fundamentação do campo das Habilidades Sociais repousa a premissa de que um amplo repertório de habilidades sociais contribui como fator de proteção para interações mais satisfatórias e saúde mental. As práticas de avaliação da efetividade de intervenções clínicas e psicoeducacionais estão cada vez mais consolidadas, gerando benefícios tanto para os profissionais quanto aos consumidores desses serviços. Resultados de metanálises têm demonstrado a eficácia e efetividade do Treinamento de Habilidades Sociais com populações distintas. Pesquisas de resultados de intervenções buscam mensurar os ganhos e melhoras dos participantes com o máximo controle sobre variáveis estranhas. Pesquisas de processo visam a investigação de ingredientes ativos de intervenções que são responsáveis pelos resultados alcançados. Este trabalho com o objetivo de discutir o estado da arte da aplicação e avaliação da efetividade de programas de intervenções em habilidades sociais, na interface com a Análise do Comportamento, desenvolvidos pelo laboratório LADS da UNESP-Bauru. Serão discutidos dados de resultados e de processos de mudança (interação terapêutica) de acordo com as especificidades das seguintes populações: pais, crianças, casais e estudantes universitários (transtornos de ansiedade e de depressão). As análises de resultados abordarão: queixas trazidas, características das populações atendidas, instrumentos de avaliação, especificidades de intervenções individuais e de grupo, classes de HS com melhores e piores resultados, comparações entre linha de base, pré-pós-intervenção e seguimento. Avaliações preliminares das intervenções com casais indicaram a importância de treinar comportamentos envolvidos na comunicação conjugal, expressão de sentimentos, resolução de problemas, de forma a aumentar a coesão conjugal. Análises preliminares das intervenções com pais sugerem a redução de problemas de comportamento externalizantes dos filhos, redução de práticas parentais negativas e aumento das habilidades sociais dos pais. Os instrumentos de avaliação mais utilizados foram os seguintes: CBCL, RE-HSE-P, QRSH-Pais, PHQ-9, Roteiro de Entrevista Clínica Semiestruturada, Organização de Casos Clínicos. As análises de processo de mudança incluirão: estratégias e técnicas utilizadas, frequência e duração de categorias de comportamento do terapeuta e do cliente, temas em habilidades sociais trabalhados; possibilidades de análises estatísticas, análise sequencial e de indicadores gerais de sucesso quanto a procedimentos e manejos do terapeuta. Sobre os temas mais frequentes em intervenções com universitários, avaliações preliminares sugerem que no início e desenvolvimento da intervenção o tema de Relações Interpessoais apresentou maior média de duração. O tema Relação Terapêutica foi crescente do início para o encerramento da intervenção. A análise desses estudos permite identificar regularidades e especificidades de acordo com a modalidade de atendimento e população atendida. **Palavras-chave:** treinamento em habilidades sociais; pesquisa de resultado; pesquisa de processo.

6.3 TREINO DE HABILIDADES CLÍNICAS PARA ATENDIMENTO DE CRIANÇAS ANSIOSAS - Fabiana Gauy (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, UnB, Brasília -DF)

Este trabalho teve como objetivo avaliar um treinamento em habilidades clínicas com alunos estagiários de psicologia, a partir do uso de um protocolo avaliado como empiricamente validado para o atendimento de crianças ansiosas (Coping Cat). Especificamente no que se refere ao treino de terapeutas para o atendimento de crianças e adolescentes em terapia cognitivo-comportamental (TCC) sugere-se que três fases, a saber: (a) fase 1, de discussão de conceitos teóricos gerais, abordando os conceitos comportamentais e o modelo cognitivo; (b) fase 2, de formulação de caso e treino de habilidades clínicas a partir da experiência clínica e supervisão prática, onde deve-se aplicar, no cliente e no terapeuta, os conhecimentos teóricos na formulação dos casos, reforçar a capacidade de improvisar e aproveitar as situações que evocarem emoções para identificar e modificar os pensamentos distorcidos; e (c) fase 3, de proficiência técnica, a partir da prática supervisionada e aprendizagem experiencial para aplicar procedimentos manualizados desenvolvidos em estudos clínicos controlados. Participaram deste estudo treze alunos graduados de três instituições de ensino (Instituto de Psicologia- USP/SP, Faculdade de Psicologia – Mackenzie/SP e Instituto de Psicologia- UnB/DF). O treinamento clínico se diferenciou em teórico e prático, com o total de 250h realizadas em 12 meses, e teve como objetivo treinar habilidades clínicas, cognitivo-comportamental, a partir do referido protocolo. A parte teórica teve duração de 64h (fase 1), enquanto a parte prática (fase 2 e 3) teve duração de 186h. Os dados foram avaliados a partir de instrumentos de autoavaliação de competências, de avaliação dos pares e de juízes experts na área. Os resultados



sugerem que o desempenho dos terapeutas, por meio de autoavaliação, avaliação por seus pares e por juízes, foi acima da média e a percepção do protocolo pelos próprios terapeutas foi favorável ao seu uso. Houve uma concordância em relação a maior dificuldade dos alunos que foi Ritmo e uso eficiente do tempo e Descoberta Guiada. Essa dificuldade também foi citada na avaliação do protocolo, demonstrado que os alunos tiveram dificuldade de administrar o tempo e as atividades previstas na sessão. Apesar de os três grupos de avaliadores terem identificados que ocorreram alguns problemas especiais no decorrer dos atendimentos, estes problemas não foram considerados como não usuais por nenhum dos informantes. Novamente aqui, os juízes avaliaram melhor o desempenho dos TEs no manejo das dificuldades que ocorreram na sessão, do que os demais avaliadores. Na avaliação geral, os juízes avaliaram os TEs de forma mais positiva do que os pares e eles mesmos. Considerando que a TCC não é definida pela aplicação de um conjunto de técnicas, e sim pela integração de habilidades que incluem avaliação, base teórica sobre os princípios básico da abordagem, e prática adaptada aos alvos terapêuticos e as características da clientela atendida, especula-se que o treinamento dos TEs possibilitou aos alunos uma maior compreensão da abordagem clínica utilizada neste estudo. (FAPESP) **Palavras-chave:** habilidades clínicas, saúde mental infantojuvenil, atendimento grupal.

SIMP07. AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS E PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL – Proponente: Luciana Carla dos Santos Elias (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP/RP, Ribeirão Preto - SP)

Estudos têm apontado a centralidade das habilidades sociais para o enfrentamento de desafios inerentes ao desenvolvimento, ressaltando a relevância de iniciativas que visem à avaliação e promoção dessas habilidades como fator de proteção ao desenvolvimento psicossocial dos indivíduos. Pesquisas sinalizam que habilidades sociais, habilidades sociais educativas de pais e professores, problemas de comportamento e desempenho escolar são variáveis diretamente relacionadas. Assim vem sendo reconhecida a importância de implantar programas para o desenvolvimento de habilidades sociais no âmbito escolar, visto que atingem um grande número de alunos e utilizam-se professores como multiplicadores. A avaliação faz-se necessária para o conhecimento das necessidades das populações, dando subsídio para o desenvolvimento de programas. Programas efetivos para promoção de habilidades sociais como fator de proteção ao desenvolvimento psicossocial dão ênfase à competência e à ecologia. A ênfase na competência, em contraste com um foco nos déficits ou problemas, implica no fortalecimento de recursos do próprio indivíduo para atender às demandas do dia a dia. A visão ecológica, ultrapassando o mero ensino de habilidades, inclui o ambiente na intervenção, dando suporte aos agentes socializadores a fim de que eles, por sua vez, possam interagir com a criança de modo efetivo para a instalação, a manutenção, a expansão e a generalização possível do repertório de habilidades que se pretende promover. Nesse cenário, o simpósio reúne estudos empíricos sobre avaliação e promoção de habilidades sociais que favorecem o desenvolvimento, envolvendo crianças (alunos) e agentes socializadores (professores). O propósito é refletir sobre a contribuição da pesquisa para o aprimoramento de práticas baseadas em evidência, particularmente no contexto de instituições de Ensino Fundamental I e II. O Estudo I- apresentará pesquisas que tiveram como objetivo treinamento de professores para o desenvolvimento de habilidades sociais de alunos (Ensino fundamental I) em sala de aula; o Estudo II- trará resultados da investigação das relações entre habilidades sociais, percepção de apoio social, reprovação escolar, habilidades sociais educativas dos professores, qualidade da relação professor-aluno e o desempenho escolar dos estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II e ; o Estudo III- apresentará a avaliação da efetividade de um Programa de Habilidades Sociais Educativas (PHSE) para professores e a produção de um manual de orientações para subsidiar futuros programas de formação de professores. Os estudos apresentam resultados significativos e trazem contribuições para a área de habilidades sociais quer no campo de avaliação como intervenção, apontam limitações e possibilidades de trabalhos futuros de forma a colaborar com o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes. **Palavras-chave:** habilidades sociais; desempenho escolar; problemas de comportamento.

7.1 HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS: INTERVENÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR - Luciana Carla dos Santos Elias (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP/RP, Ribeirão Preto - SP), Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ e Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ) e Andréa Regina Rosin Pinola (Estácio UniSEB, Ribeirão Preto - SP)

Dificuldades de relacionamento interpessoal e rendimento escolar abaixo do esperado para idade e série tem sido resultado frequente em diferentes estudos. Sabe-se que a vivência prolongada a essas situações atua de forma negativa sobre o desenvolvimento. A literatura aponta que, durante a meninice, desempenho acadêmico, relacionamentos sociais e capacidade de seguir regras, são tarefas centrais para o indivíduo e quando não cumpridas,



podem instalar uma situação de risco. Contrários aos fatores de risco existem os fatores de proteção que podem pertencer ao próprio indivíduo, assim como ao ambiente com o qual interage. Dentro dos fatores de proteção pertencentes ao ambiente, a família e a escola desempenham papéis importantes; já com relação aos pertencentes à própria criança, as habilidades sociais (HS) merecem destaque. A aquisição de HS na infância pode constituir fator de proteção estabelecido à medida, que o comportamento socialmente habilidoso favorece a obtenção de reforçadores sociais importantes. No rol das HS, encontram-se as habilidades de solução de problemas interpessoais (HSPI), que são a ênfase desse trabalho. Assim como as demais HS, as HSPI são aprendidas, passíveis de intervenção e apresentam caráter preventivo, visto que contribuem para a flexibilidade cognitiva, permitindo ao indivíduo selecionar e coordenar os comportamentos que gerem as conseqüências pretendidas em situações específicas. Diante desse contexto, defende-se que intervenções para o desenvolvimento das HS com foco nas HSPI são de extrema relevância, podendo ser realizadas em contexto escolar como conteúdos transversais. Para tanto o foco está no treinamento de professores, de forma a auxiliá-los a resolver e reduzir problemas interpessoais em sala de aula que parecem frequentemente associados ao baixo rendimento acadêmico, problemas comportamentais dos alunos e sentimentos de frustração profissional. Assim serão apresentados estudos que tiveram como objetivo geral treinar professores para desenvolver HSPI junto a seus alunos por meio de programas específicos. Os participantes dos diferentes estudos foram professores, alunos e pais da rede pública de ensino de diferentes escolas de uma cidade do interior paulista. Vale dizer que os estudos foram submetidos ao Comitê de Ética da FFCLRP- USP e todos os participantes (pais e professores) assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram realizadas avaliações em três momentos antes da intervenção, pós-intervenção e cinco meses após o término da intervenção. Foram utilizados instrumentos como Teste de Desempenho Escolar (TDE), Procedimento de Solução de Problemas Interpessoais em Crianças (CHIPS), Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SRSS-BR)- formulário para professores, Programa Posso Pensar (PPP) e Programa Eu Posso Resolver Problemas (EPRP). As professoras receberam treinamento por meio de aulas teórico-vivenciais e supervisão. O treinamento teve a duração de um semestre, com encontros quinzenais (cerca de 15). Os resultados apontaram que as crianças sinalizaram um maior repertório em diferentes classes de HS, entre elas as HSPI; reduziram problemas de comportamento e; melhoraram seu desempenho acadêmico. No que tange as professoras após o treino mostraram-se mais motivadas com a docência e assertivas dentro de sala de aula frente a situações de problemas interpessoais. Os resultados encontrados até o momento são significativos e apontam para a importância de estudos junto a escolas como forma de proteção ao desenvolvimento. (FAPESP/CNPq) **Palavras-chave:** habilidades sociais; desempenho escolar; problemas de comportamento.

7.2 O IMPACTO DE RECURSOS PESSOAIS E CONTEXTUAIS NO DESEMPENHO ESCOLAR DE ALUNOS NA TRANSIÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO - Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ e Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ) e Luana de Mendonça Fernandes (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

As habilidades sociais e a percepção de apoio social da família, amigos e professores, assim com as habilidades sociais educativas dos professores podem auxiliar os estudantes a lidarem com os desafios enfrentados nos últimos anos do Ensino Fundamental, promovendo seu desenvolvimento socioemocional e desempenho escolar. A partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o presente estudo teve como objetivos: (a) investigar as relações entre habilidades sociais, percepção de apoio social, reprovação escolar, habilidades sociais educativas dos professores, qualidade da relação professor-aluno e o desempenho escolar dos estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental; (b) investigar se as variáveis habilidades sociais, percepção de apoio social, reprovação escolar dos alunos, habilidades sociais educativas dos professores e qualidade da relação professor-aluno predizem significativamente o desempenho escolar dos estudantes. Participaram do estudo 318 alunos, sendo 173 meninas e 145 meninos com idade entre 11 e 17 anos ($M = 14,03$ anos; $DP=1,23$) que estavam matriculados nos dois últimos anos do Ensino Fundamental (176 alunos do 8º ano e 142 do 9º ano), de três escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. Também participaram 21 professores que lecionavam para esses estudantes. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Salgado de Oliveira, de acordo com o Parecer no 465.568, CAAE: 23179713.4.0000.5289. Após a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis legais dos alunos, foram aplicados os seguintes instrumentos: (a) Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette); (b) Escala de Percepção de Apoio Social (EPAS); (c) Questionário com informações demográficas e nível socioeconômico. Os professores assinaram o TCLE e responderam ao Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Del-Prette). Foram realizadas análises inferenciais e paramétricas (correlação de r de Pearson e análise de regressão linear múltipla). Os principais resultados foram: (a) correlações positivas (moderadas e fracas) entre as habilidades sociais, percepção de apoio social dos alunos, habilidades sociais educativas dos professores, qualidade da relação professor-aluno e o



desempenho escolar; (b) reprovação escolar, total das habilidades sociais e percepção de apoio social do professor como significativamente preditoras do desempenho escolar dos alunos. Essas variáveis contribuíram para explicar 22% da variância do desempenho escolar nos anos finais do Ensino Fundamental, sendo que a reprovação escolar foi a variável com maior poder preditivo. Os dados da pesquisa mostraram que os recursos dos alunos e as variáveis contextuais são interdependentes e relacionados ao desempenho escolar dos estudantes em um momento importante do ciclo escolar, isto é, a transição para o Ensino Médio. Os resultados do presente estudo poderão contribuir para a realização de programas de intervenção com alunos e professores, principalmente focando aqueles estudantes com baixo desempenho escolar e que tiveram alguma reprovação de modo a prevenir o abandono dos estudos na transição para o Ensino Médio. **Palavras-chave:** habilidades sociais; apoio social; ensino fundamental.

7.3 HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS JUNTO A PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS - Andréa Regina Rosin Pinola (Estácio UniSEB, Ribeirão Preto - SP)

A área de Treinamento em Habilidades Sociais vem sendo amplamente reconhecida no âmbito escolar pela disseminação de propostas que valorizam as interações sociais como base para o processo de construção do conhecimento nas relações professor-aluno e também nas relações aluno-aluno mediadas pelo professor. Nesse contexto, professor e aluno são agentes importantes do processo de ensino e aprendizagem e um conjunto de habilidades de ambos será requerido para que a interação, base da aprendizagem, seja satisfatória. A literatura deixa evidente que na escola duas demandas estão postas em relação aos alunos: (1) estabelecer relações interpessoais satisfatórias e (2) atender às expectativas acadêmicas e para que os alunos deem conta dessas demandas os professores precisam intencionalmente promover o desenvolvimento socioafetivo e emocional dos alunos, planejando atividades que favoreçam o desenvolvimento interpessoal e conceitual dos mesmos, por meio do uso das habilidades sociais educativas. Os objetivos desse estudo são: (a) avaliar a efetividade de um Programa de Habilidades Sociais Educativas para melhorar a percepção de professores do primeiro ciclo do ensino fundamental de escolas públicas sobre suas próprias habilidades sociais educativas; (b) com base no registro de depoimentos dos professores durante as sessões de implementação do programa, compor um rol de situações do cotidiano escolar que demandam diferentes habilidades sociais educativas e (c) a partir da análise das situações desencadeadas por meio do PHSE, produzir um manual de orientações sobre o PHSE, para subsidiar futuros programas de formação de professores. A pesquisa está sendo conduzida com professores do ensino fundamental I de escolas públicas estaduais de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, que passaram por um Programa de Habilidades Sociais Educativas. Os professores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderão o Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Prof), de Del Prette e Del Prette (2013), que é reaplicado após o programa. Espera-se que após PHSE as interações em sala de aula estejam mais positivas, no sentido, de que os professores consigam estabelecer relações mais educativas e promotoras de desenvolvimento socioemocional e afetivo junto aos alunos e entre eles, e que as situações descritas pelos professores possam contribuir para futuros programas de formação em serviço. **Palavras chave:** educação escolar; habilidades sociais educativas; formação de professores.

SIMP08. HABILIDADES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL – Proponente: Maria Luiza Pontes de França Freitas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal - RN)

Os estudos na área das habilidades sociais no Brasil têm contemplado diferentes contextos, educação, saúde, trabalho, clínica, e participantes com características diversas, como, por exemplo, crianças, adolescentes, idosos, universitários, casais, pessoas com transtornos psiquiátricos, dependentes químicos, alcoolistas, entre outros. Nota-se que a importância das habilidades sociais para diversas áreas de conhecimento e atuação tem sido inquestionável, e no âmbito da Educação Especial essa relevância fica evidente ao considerar as contribuições para o desenvolvimento socioemocional, para a aprendizagem, sucesso e ajustamento no contexto escolar ou acadêmico bem como para o aperfeiçoamento das práticas educativas. Estudos evidenciam as mudanças que programas de intervenção de habilidades sociais têm gerado para a vida de indivíduos com diferentes deficiências, como, por exemplo, física, intelectual, visual, auditiva, para indivíduos com dotação e talento, bem como para indivíduos com transtornos globais/invasivos do desenvolvimento. Além de intervenções com os alunos com necessidades educacionais especiais, há propostas de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para professores, o que pode favorecer mudanças no contexto de sala de aula na perspectiva da educação inclusiva, em termos das interações sociais estabelecidas e promoção do processo de aprendizagem de alunos. Diante dessas considerações o presente simpósio tem como objetivo abordar a temática das habilidades sociais no contexto da Educação Especial. Para atender a este objetivo geral serão apresentados trabalhos com os seguintes objetivos específicos: (1) analisar teses e dissertações defendidas



no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs) e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPs), ambos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que abordaram temas relacionados à Educação Especial na interface com as habilidades sociais; (2) discutir a situação da Educação Especial voltada para alunos dotados e talentosos no domínio socioafetivo e relacionar esse domínio com a área das habilidades sociais; (3) planejar e avaliar os efeitos de um Programa de Promoção de Habilidades Sociais para Alunos Não Oralizados (PPHSANO) implementado por graduandos em Pedagogia. Espera-se que com a apresentação das temáticas propostas no presente simpósio seja possível fomentar discussões enriquecedoras na busca de melhorias para o contexto da Educação Especial por meio da utilização de conceitos e práticas da área das habilidades sociais. O papel dos profissionais da Educação é, portanto, cuidar para que todos os alunos, cujo projeto educacional estiver sob sua responsabilidade, venham a receber tudo o que precisam para se tornar o que podem chegar a ser, diminuindo assim o hiato existente entre a realidade e a intenção de enfrentamento da exclusão verificada nas políticas educacionais implantadas no Brasil. **Palavras-chave:** habilidades sociais, educação especial, superdotação, formação de professores.

8.1 ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL - Bárbara Carvalho Ferreira (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Campus Diamantina - MG)

Os estudos na área das habilidades sociais no Brasil têm contemplado diferentes contextos, educação, saúde, trabalho, clínica, e participantes com características diversas, como, por exemplo, crianças, adolescentes, idosos, universitários, casais, pessoas com transtornos psiquiátricos, dependentes químicos, alcoolistas, entre outros. No que se refere à educação, a Educação Especial tem sido uma área pesquisada por estudiosos desta temática. O investimento da escola na promoção de habilidades sociais pode ser defendido com base em alguns argumentos, dentre eles, a função social da escola, as evidências de relação entre habilidades sociais e desempenho acadêmico e as políticas de inclusão, que atualmente tem considerado como público alvo alunos com deficiências (visual, auditiva, intelectual, física, múltipla), Transtornos Globais/Invasivos do Desenvolvimento e educandos com altas habilidades/superdotação. Tendo em vista a política educacional de educação inclusiva e as contribuições do campo teórico-prático das habilidades sociais nesta área, o presente trabalho teve como objetivo analisar teses e dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs) e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPs), ambos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que abordaram temas relacionados à Educação Especial na interface com as habilidades sociais. Para tanto, foi realizado em um primeiro momento a análise dos títulos das teses e dissertações disponíveis no banco de dados da biblioteca digital da UFSCar. Como critério de seleção dos estudos, foi excluído aqueles que abordaram necessidades educacionais especiais que não são mais contempladas nos documentos recentes sobre política nacional de Educação Inclusiva, como por exemplo, dificuldade de aprendizagem, problemas de comportamento, com trajetória de risco, entre outros. Na etapa seguinte, os trabalhos que no título e palavras-chave tinham palavras relacionadas com a área foram selecionados e analisados a partir das seguintes categorias: população alvo, tipo de estudo (descritivo, experimental, quase-experimental, qualitativo), classes de habilidades sociais abordadas, dentre outras. De um total de 351 teses e dissertações defendidas no PPGEEs, 18 contemplaram temas diversos da interface entre habilidades sociais e Educação Especial. Já no PPGPs, de 69 trabalhos defendidos, dois abordaram esses temas. Dos 20 estudos, nove grupos distintos de participantes foram contemplados, sendo o maior número de pesquisas, seis, realizadas com alunos com deficiência visual (cegueira e/ou baixa visão), seguido por deficiência intelectual (quatro), deficiência física (três), dotação e talento (duas) e deficiência auditiva, autismo, diferentes necessidades educacionais especiais, e professores com alunos com deficiência intelectual e diferentes deficiências com apenas uma pesquisa cada. Quanto ao tipo de pesquisa, 13 foram estudos descritivos e de caracterização, três estudos de caso, dois experimentais com grupo, um experimental com sujeito único e um não especificado. Analisando esses dados, observa-se uma carência de estudos que abordem várias necessidades educacionais especiais na perspectiva das habilidades sociais. Além disso, nota-se a carência de estudos experimentais com maior validade interna e externa. **Palavras-chave:** educação especial; habilidades sociais.

8.2 DOTAÇÃO E TALENTO: DOMÍNIO SOCIOAFETIVO E AS HABILIDADES - Maria Luiza P. de França-Freitas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal - RN)

Referente à inclusão escolar de alunos dotados e talentosos, há uma relevante particularidade no processo, quando comparado à inclusão de alunos com outras necessidades educacionais especiais: o lugar instituído na escola para o aluno dotado e talentoso é o da invisibilidade. Esse aluno já está matriculado, portanto não precisa lutar pelo direito de frequentar uma escola comum na comunidade para receber a mesma educação provida a seus pares sem precisar se preocupar em ser aceito nesse contexto, como ocorre para a maioria dos alunos com deficiências e limitações. No



entanto, a maioria dos alunos dotados e talentosos não é identificada neste contexto e com isso suas necessidades educacionais especiais acabam não sendo atendidas. Apesar de existirem algumas iniciativas de promoção da inclusão de alunos dotados e talentosos, verifica-se que o empenho por parte de pesquisadores e professores para o desenvolvimento de talentos está voltado principalmente para os seguintes domínios: inteligência geral, criatividade e sensório-motor. Desse modo, embora seja reconhecida a existência do domínio socioafetivo por diferentes teóricos, que utilizam termos diversos para denominá-lo, constata-se que esse domínio tem sido frequentemente ignorado nas práticas educacionais voltadas para a população de alunos dotados e talentosos. Diante dessas considerações, o objetivo desse trabalho foi discutir a situação da Educação Especial voltada para alunos dotados e talentosos no domínio socioafetivo e relacionar esse domínio com a área das habilidades sociais. Esse objetivo foi alcançado por meio de revisão de literatura realizada em pesquisa desenvolvida durante doutorado. Foram consideradas as publicações de diferentes teóricos da área da dotação e talento, bem como artigos e livros sobre a temática da inclusão de alunos dotados e talentosos no Brasil. Com base na análise das publicações, foi possível verificar que é preciso investir no desenvolvimento do domínio socioafetivo em termos de possibilitar uma educação que valorize também o desenvolvimento, por exemplo, de um repertório elaborado de habilidades sociais. Geralmente, os alunos dotados não são identificados em escolas por causa dos indicadores de domínio socioafetivo da capacidade humana, bem como não são utilizadas estratégias ou situações estruturadas para desenvolver esse potencial. Poucos programas selecionam alunos dotados baseados em sua competência social e ao realizar isso, verifica-se a ausência de um plano de desenvolvimento do potencial desse aluno de modo adequado, sistematizado e organizado, como é verificado para outros domínios de dotação. Não são verificadas em escolas públicas propostas de programas, destinados voltados aos alunos dotados e talentosos, que objetivam o treinamento de habilidades sociais ou o desenvolvimento de inteligência emocional ou de inteligência intrapessoal e interpessoal, que são alguns dos diversos termos utilizados por diferentes teóricos que estudam essa temática. Destaca-se que o incentivo e promoção desse potencial específico podem ser benéficos para todos os alunos não só para aquele que já sinaliza o domínio socioafetivo, para quem é preciso desenvolver ainda mais seu potencial, uma vez que este aluno pode ir muito além do desempenho apresentado.

Palavras-chave: educação especial, dotação e talento, habilidades sociais.

8.3 PROGRAMA DE PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS NÃO FALANTES TENDO COMO INTERLOCUTORES GRADUANDAS EM PEDAGOGIA - *Patrícia Lorena Quiterio* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ)

Na interação social bem sucedida é fundamental que os interlocutores sejam capazes de exibir habilidades sociais. O objetivo geral deste trabalho foi planejar e avaliar os efeitos de um Programa de Promoção de Habilidades Sociais para Alunos Não Oralizados (PPHSANO), implementado por graduandos em Pedagogia. Participaram da pesquisa 10 alunas da Graduação em Pedagogia de Universidade Pública e 07 alunos com paralisia cerebral não oralizados que frequentam uma escola especial do município do Rio de Janeiro. A metodologia proposta foi composta de dois estudos interligados: A formação inicial dos alunos de graduação em Pedagogia através do curso “Educação Especial e Habilidades Sociais” e o PPHSANO. As aulas, de ambos os Estudos, tiveram uma metodologia baseada em exposições didáticas, técnicas cognitivas e comportamentais, vivências, elaboração de atividades com recursos da Comunicação Alternativa. A carga horária do curso desenvolvido no Estudo I foi de 44 horas. Os resultados revelaram que as estratégias utilizadas no curso foram vistas como positivas pelas graduandas, pelo seu caráter lúdico e aplicado, permitindo a prática de habilidades importantes na atuação profissional, tais como o planejamento e execução de vivências grupais. Com base nos dados do IHS-Del-Prette, concluiu-se que houve avanço significativo nas habilidades de Enfrentamento e Autoafirmação com Risco, Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo, Conversação e Desenvoltura Social, Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas e, com menor intensidade nas de Autocontrole da Agressividade. O questionário diagnóstico demonstrou mediante a análise das categorias que as graduandas, de modo geral, possuíam uma percepção satisfatória dos conceitos. Contudo, ressalta-se que houve uma ampliação dos conceitos, da sua aplicabilidade e essencialmente do papel do interlocutor na promoção das Habilidades Sociais. Os relatos, ao fim do curso, sugeriram também algumas mudanças no repertório pessoal de habilidades sociais. A avaliação multimodal dos alunos não oralizados, realizada no final do Estudo I, apontou déficits no repertório de habilidades sociais dos participantes e contribuiu para o planejamento do PPHSANO que foi desenvolvido em grupo, no Estudo 2, com 22 sessões de aproximadamente 90 minutos cada. A análise dos instrumentos da avaliação multimodal revelou que apesar do aumento percentual na subclasse Autocontrole e Expressividade Emocional, esta ainda necessita de atividades de intervenção. A subclasse Habilidades Sociais Acadêmicas também obteve um aumento quantitativo e permaneceu no nível mediano. As subclasses Civilidade, Empatia e Solução de Problemas Interpessoais, que apresentavam déficits parciais, passaram a desempenho satisfatório. A subclasse Assertividade avançou do nível parcialmente adequado para



adequado. E, as subclasses básicas de Comunicação e Fazer amizades, que se encontravam abaixo do nível adequado obtiveram desempenho elevado no pós-teste. O relato dos responsáveis indicou progressos e generalização das habilidades aprendidas para outros contextos do ambiente natural. O *follow up*, realizado junto às graduandas, revelou que a melhora nos fatores de habilidades sociais se manteve em médio prazo, o que indica uma estabilidade e até mesmo uma tendência crescente nos resultados o que revelou que as graduandas estão desenvolvendo de modo adequado suas Habilidades Sociais Educativas. (CAPES/PROESP) **Palavras-chave:** formação inicial de professores; alunos não falantes; habilidades sociais educativas.

SIMP09. HABILIDADES SOCIAIS EM USUÁRIOS DE DROGAS: AVALIAÇÃO EM HOMENS, MULHERES E ADOLESCENTES – Proponente: Jaluza Aimée Schneider (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

As habilidades sociais são comportamentos que auxiliam a competência do indivíduo em suas relações interpessoais. Desta forma, um bom repertório de comportamentos socialmente habilidosos impacta no desenvolvimento saudável do ser humano nas suas diferentes relações familiares, profissionais e de amizades. Nesta perspectiva, a carência de tais recursos pode trazer prejuízos para o indivíduo, sendo considerado fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias diversas, como o transtorno por uso de substâncias. Estudos revelam que um menor repertório de habilidades sociais aumenta a probabilidade do uso de drogas de maneira precoce, principalmente na fase da adolescência. A falta de assertividade, as dificuldades nas diferentes relações e a baixa autoconfiança, faz com que o indivíduo busque na droga uma forma de enfrentar seus problemas, que pode ser considerada desadaptativa. A carência de habilidades sociais, além de fator de risco para o início do consumo de drogas, pode se revelar como uma dificuldade na reinserção social dos usuários em tratamento. Dessa forma, intervenções que proporcionem o desenvolvimento das habilidades sociais são consideradas como uma das estratégias para contemplar a reabilitação psicossocial do usuário, auxiliando na manutenção da abstinência. A avaliação do repertório de habilidades sociais em usuários de drogas é imprescindível para o planejamento de intervenções, como Treinamento de Habilidades Sociais. Diante das peculiaridades de diferentes grupos de usuários de drogas, a presente mesa-redonda objetiva apresentar e discutir dados empíricos sobre as habilidades sociais em diferentes populações de usuários de drogas em tratamento, a saber: adolescentes, homens e mulheres. O primeiro estudo objetiva avaliar as habilidades sociais em adolescentes usuários de maconha e identificar a existência de déficits a partir da comparação com adolescentes que não usavam maconha. A segunda apresentação irá descrever as habilidades sociais de mulheres usuárias de drogas, considerando as especificidades desta população a serem consideradas nas intervenções. E por fim, o último estudo trará aspectos das habilidades sociais em homens usuários de drogas. A partir dos resultados apresentados dos três estudos será possível uma importante discussão sobre diferenças e semelhanças das habilidades sociais nas três populações exploradas, ou seja, adolescentes, mulheres e homens. Além disso, as especificidades das etapas do ciclo vital, como a adolescência e idade adulta, serão consideradas na compreensão das habilidades sociais. Com isso, almeja-se discutir a importância da avaliação das habilidades sociais em usuários de drogas e de necessidade de programas que desenvolvam tais comportamentos socialmente habilidosos, considerando os aspectos deficitários identificados. **Palavras-chave:** habilidades sociais, drogadição, gênero.

9.1 AVALIAÇÃO DO REPERTÓRIO DEFICITÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES DEPENDENTES DE MACONHA - Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo - RS) e Margareth da Silva Oliveira (Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre - RS)

O repertório deficitário de habilidades sociais pode estar associado ao surgimento de alguns distúrbios, como agressividade, delinquência, abuso e dependência de substâncias psicoativas. Como a adolescência vem a ser uma etapa do ciclo vital na qual o indivíduo apresenta maior risco de problemas voltados ao uso de substâncias psicoativas, é importante que a família e os profissionais estejam alertados para possíveis mudanças comportamentais neste período, bem como compreender que podem existir prejuízos nas habilidades sociais que talvez estejam contribuindo com esta situação e que uma avaliação psicológica pode esclarecer a questão e contribuir para a busca do tratamento mais adequado. Esse estudo tem por objetivo avaliar as habilidades sociais de adolescentes que apresentam critérios diagnósticos de abuso ou dependência de maconha e identificar a existência de um repertório deficitário em seus comportamentos, em comparação com adolescentes que não fazem uso de maconha. Os instrumentos utilizados foram: Ficha de dados sociodemográficos, Inventário de Habilidades Sociais-Del Prette e Screening Cognitivo das Escalas Wechsler para rastreamento de déficit cognitivo. A amostra foi composta por 98 adolescentes do gênero masculino, subdivididos em grupo 1, usuários de maconha provenientes de instituições que atendem dependentes químicos (n= 49) e grupo 2 de não usuários de maconha (n= 49) provenientes de instituições públicas de ensino. A



média de idade do grupo 1 foi 18 anos (DP=2,69) e do grupo 2 foi 17 anos (DP= 2,17). No grupo de usuários, 65,3% (n=32) eram dependentes de maconha e 34,7%(n=17) eram abusadores. Os achados do presente estudo apontaram maiores prejuízos no grupo 1 no screening cognitivo e na presença de sintomas de ansiedade e depressão. Na avaliação do repertório de habilidades sociais, apesar dos resultados do escore geral do IHS-Del-Prette não terem sido significativos entre os grupos, as diferenças estatísticas foram significativas em relação ao Fator 4, Auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas e ao Fator 5, Autocontrole da agressividade a situações aversivas. Os resultados permitem concluir que foi encontrado repertório mais deficitário na população que apresenta abuso ou dependência de maconha, o qual está relacionado ao enfrentamento de situações novas, onde ocorre a autoexposição do indivíduo a desconhecidos, com a possibilidade de contestação de seus comportamentos, e à inabilidade em lidar com sentimentos e reações de agressividade, gerados nessas situações. O estudo possibilitou a conclusão final de que os adolescentes abusadores ou dependentes de maconha da presente amostra apresentaram repertório mais deficitário nas habilidades sociais do que os adolescentes não usuários (CNPq. **Palavras-chave:** habilidades sociais, maconha, adolescentes.

9.2 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS EM TRATAMENTO ESPECIALIZADO - Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

O uso de drogas constitui-se um fenômeno complexo, com consequências físicas, psicológicas e sociais. O aumento das taxas de prevalência de consumo de drogas entre as mulheres reforça a tendência a uma convergência de tais taxas entre homens e mulheres. Nesse contexto, compreende-se que o uso de drogas torna-se um meio do indivíduo enfrentar pressões externas, acontecimentos cotidianos e situações interpessoais, em vez de manifestar um comportamento assertivo. Assim, as habilidades sociais são consideradas fatores de proteção ao uso de drogas e constituem o repertório social emitido por uma pessoa em seu meio social, diminuindo a probabilidade do surgimento de dificuldades futuras. Considerando que as habilidades sociais devem ser compreendidas a partir de um determinado contexto cultural, um dos maiores obstáculos que as mulheres en-frentam ao buscar um tratamento para o uso de drogas concentra-se no estigma social associado ao uso, pois esse gera conflitos com o papel femi-nino socialmente esperado. Estudos apontam que mulheres usuárias de drogas demoram mais para procurar o tratamento quando comparadas aos homens, pois os sentimentos de culpa e medo, reforçados pelo estigma social, adiam a sua busca por tratamentos, que nem sempre estão de acordo com as suas necessidades. Além disso, a discriminação por parte dos profissionais da saúde também constituem barreiras na permanência do tratamento. Nesse contexto, os tratamentos voltados as mulheres usuárias de drogas necessitam contemplar o desenvolvimento de habilidades sociais, como o enfrentamento com risco, conversação e desenvoltura social, auto-exposição a desconhecidos e situações novas e autocontrole da agressividade a situações aversivas. Para tanto, torna-se necessário avaliar tais fatores para embasar intervenções como o Treinamento de Habilidades Sociais. Diante de tais considerações, esta apresentação objetiva descrever as habilidades sociais de mulheres usuárias de drogas em tratamento especializado. Trata-se de estudo transversal, de caráter quantitativo e descritivo, sendo um recorte de uma pesquisa maior: “Avaliação e Treinamento de Habilidades Sociais em Dependentes Químicos em Unidades Especializadas”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS. Utilizou-se os seguintes instrumentos: entrevista sobre dados sociodemográficos, consumo e diagnóstico de transtorno por uso de substâncias a partir dos critérios do DSM-5; Mini International Neuropsychiatric Interview; Screening cognitivo do WAIS-III) e Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Como critérios de inclusão, as mulheres deveriam estar abstinentes há pelo menos sete dias, com Transtorno por Uso de Substâncias e idade entre 18 e 59 anos. Foram excluídas participantes com presença de síndrome psicótica e que apresentaram déficit cognitivo. As coletas de dados com 70 mulheres usuárias de drogas estão sendo realizadas em locais de tratamento especializado: comunidades terapêuticas e hospitais. Esta pesquisa encontra-se em etapa de coleta de dados, cujo término será em julho de 2015. A partir da avaliação das habilidades sociais em mulheres usuárias de drogas, será possível identificar os fatores de habilidades sociais que necessitam ser desenvolvidos, a fim de embasar intervenções específicas, como o Treinamento em Habilidades Sociais. **Palavras-chave:** habilidades sociais, mulheres, transtorno por uso de substâncias.

9.3 AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM HOMENS USUÁRIOS DE DROGAS - Jaluza Aimée Schneider (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

A existência de um repertório de habilidades sociais é um importante fator de proteção para o desenvolvimento de psicopatologia. Tais comportamentos das relações interpessoais têm sido explorados em diferentes populações clínica, enfatizando a importância no tratamento destes pacientes. O uso de substâncias aparece como uma forma do



indivíduo lidar com suas dificuldades nas situações sociais. Assim, justifica-se a importância das habilidades sociais sobre tratamento de transtorno por uso de substância, que visa a mudança de estilo de vida com novos papéis sociais, afastados do contexto da drogadição, e que pode ser dificultado por baixo repertório de habilidades sociais. Esta apresentação objetiva descrever as habilidades sociais de homens com transtorno por uso de substância, em tratamento em comunidades terapêuticas. Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior, intitulada: “Avaliação e Treinamento de Habilidades Sociais em Dependentes Químicos em Unidades Especializadas”. Os instrumentos utilizados foram: uma entrevista padronizada, para avaliar dados sociodemográficos bem como de consumo de substância e de diagnóstico de transtorno por uso de substâncias a partir dos critérios do DSM-5; e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Foram excluídos participantes que apresentaram déficit cognitivo (avaliado pelo Screening cognitivo do WAIS-III) e aqueles com presença de síndrome psicótica (avaliado pela Mini International Neuropsychiatric Interview). A amostra foi de 87 participantes homens, com idade média de 32,09 anos (DP=8,61) que estavam em tratamento, há pelo menos sete dias, em comunidades terapêuticas do Rio Grande do Sul. A maioria era de etnia branca (70,7%), com ensino fundamental completo ou incompleto (56,3%), pertencentes a classe C de acordo Critérios de Classificação Econômica Brasil (54%), estavam solteiros (48,8%) e tinham pelo menos um filho (70,6%). Sobre a religião, aspecto trabalhado em tratamentos em comunidades terapêuticas, apenas 6 participantes disseram não ser praticante e a metade (50%) era da religião evangélica. Em relação ao uso de drogas, concomitantes ou não, os participantes relataram usar no último ano: tabaco (N=36), álcool (N=31), solventes (N=14), sedativo (N=2), anfetamina (N=1), alucinógeno (N=2), maconha (N=18), cocaína (N=29) e crack (N=75). A avaliação das habilidades sociais pelo IHS-Del-Prette teve a média do escore geral bruto de 59,76 pontos (DP=11,13). Em relação aos cinco fatores de habilidades sociais, a média mais alta foi sobre Fator 2, expressão de sentimentos positivos, (M= 18,13, DP=3,89), seguida do Fator 1, conversação e desenvoltura social (M= 15, DP=3,58); Fator 3, assertividade de autodefesa (M= 10,69; DP=3,78); Fator 4, assertividade de auto-exposição social (M= 7,99; DP=2,92) e a menor média foi referente ao Fator 5, assertividade afetivo-sexual (M= 7,95; DP=3,66). A média mais alta sobre o Fator 2 pode ser entendida pelo incentivo do desenvolvimento de tal habilidade dado em tratamentos em comunidades terapêuticas, baseados na mútua-ajuda. Porém, os Fatores 4 e 5 envolvem habilidades importantes para o indivíduo ter relações saudáveis em áreas da vida como familiar, afetiva e a profissional. Os resultados encontrados apontam a importância dos tratamentos poderem inserir em suas intervenções o desenvolvimento de tais habilidades sociais para aumentar a eficácia do usuário em sua reinserção social. **Palavras-chave:** habilidade sociais, uso de substâncias, avaliação.

SIMP10. HABILIDADES SOCIAIS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E ADAPTAÇÃO CULTURAL – Proponente: Márcia Helena da Silva Melo (Universidade de São Paulo, USP, São Paulo - SP)

A eficácia de uma estratégia preventiva pode chamar a atenção de interessados em disseminar os benefícios relatados por quem já a implementou. Em especial as intervenções que se utilizam da promoção de habilidades sociais por seu comprovado impacto. Faz-se necessário, todavia, estar atento a componentes determinantes de sucesso para a reprodução de uma metodologia em condições reais, práticas e específicas do local da sua realização. Nesta mesa, serão apresentados aspectos essenciais para que uma estratégia seja efetiva além do contexto onde foi proposta ou originalmente validada. Serão apresentadas também experiências de adaptação cultural de intervenções preventivas na Colômbia e no Brasil destacando-se os passos seguidos e os resultados alcançados no que se refere a alcance de viabilidade e aceitação. **Palavras-chave:** habilidades sociais, políticas públicas, cultura, prevenção, drogadição.

10.1 DA PESQUISA PARA O MUNDO REAL: A TRANSPORTABILIDADE DE INTERVENÇÕES PREVENTIVAS - Márcia Helena da Silva Melo (Universidade de São Paulo, USP, São Paulo - SP)

Embora haja bastante evidência sobre a eficácia de intervenções preventivas, um número bastante reduzido dessas intervenções é implementado pelas instituições escolares e de saúde, que tem optado frequentemente por investir em estratégias de prevenção com limitada evidência de efetividade. Diante deste cenário, o objetivo deste trabalho é descrever e discutir questões relacionadas à transportabilidade das intervenções do âmbito da pesquisa para o mundo real, destacando colocações acerca das pesquisas de eficácia (avaliação de intervenções em condições ideais, mais controladas) e de efetividade (avaliação de intervenções em situações reais), bem como exemplos de intervenções com foco nas habilidades sociais de escolares. Considerando a relação pesquisa e prática, observamos a vigência de dois modelos de ação que podem ser pensados a partir de seu início: modelos focados na pesquisa iniciam com os pesquisadores e a pesquisa enquanto modelos centrados na comunidade começam com o cenário da prática. Essas perspectivas fornecem entendimentos relevantes embora nenhuma delas ofereça uma ampla compreensão acerca das múltiplas intervenções e das comunidades as quais se destinam as intervenções. Diante de diferenças nas condições



envolvidas nos estudos de eficácia e no cotidiano da comunidade, é desejável que as questões sobre transportabilidade sejam analisadas antes de serem empreendidos esforços de difusão ou disseminação. As pesquisas de transportabilidade examinam o movimento das intervenções eficazes para contextos aplicados, precedendo as pesquisas de disseminação. No sentido de organizar questões complexas inerentes a esse tipo de pesquisa, algumas perguntas orientadoras podem ajudar: Quais as características da intervenção? Quem pode conduzir a intervenção, em que circunstâncias e para que efeito (para clientes e sistemas)? Quem conduzirá a intervenção, em que circunstâncias e para que efeito (para clientes e sistemas)? A primeira pergunta pode ser respondida em estudos de eficácia; a resposta para a segunda é mais provável que possa aparecer em estudos de efetividade e de transportabilidade, e a última pergunta, em estudos de transportabilidade e de disseminação. A lacuna entre pesquisa e prática é resultado da interação de variados fatores, incluindo poucos recursos dos profissionais, treinamento insuficiente, falta de incentivos para uso de práticas baseadas em evidência e adequação da intervenção à infraestrutura local inadequada. Defendemos a necessidade de estudos sobre como desenvolver o repertório da comunidade, identificar a necessidade local, apoiar e sustentar as intervenções e a adaptação cultural das intervenções. Impõe-se como desafio para a ciência da prevenção transportar os avanços científicos para a prática, com o objetivo de apoiar a disseminação e a sustentabilidade das intervenções baseadas em evidências em larga escala. **Palavras-chave:** transportabilidade, eficácia, efetividade.

10.2 A IMPLEMENTAÇÃO DE COMUNIDADES QUE SE CUIDAM NA COLOMBIA - Juliana Mejía-Trujillo (T. S. Corporación Nuevos Rumbos Colombia)

Comunidades Que Cuidam (CQC) é uma estratégia de prevenção adaptada do sistema preventivo Communities That Care (CTC), desenvolvido nos Estados Unidos e utilizado em vários países ao redor do mundo. Em 2012 a Corporação Novos Rumos (CNR) foi convidada pela Organização Panamericana de Saúde e o Ministério da Saúde da Colômbia para realizar o piloto do CTC em duas comunidades. No ano seguinte o Instituto Colombiano de Bem-estar Familiar apoiou a expansão do sistema em cinco novas comunidades no Departamento do Quindío. Em 2014 CNR iniciou no Chile a expansão do sistema em outros países da América Latina. Essa apresentação mostra como foi a implementação do CQC na Colômbia. Os dados foram reunidos com a versão em espanhol (validada localmente) do CTC Youth Survey (Arthur, Hawkins, Pollard, Catalano & Baglioni, 2002) em dois momentos separados entre si por um período de dois anos. Em 2012 foram recolhidas 33.000 respondentes (48% homens, 52% mulheres, com idade entre 10 e 19 anos, média = 14) de todos os cursos secundários, e em 2014 17.000. Os dados foram processados com SPSS 18. A versão colombiana tem 46 itens dos 126 originais, e permite reunir informações demográficas, prevalências (vida, ano e mês) de uso de álcool e outras drogas, e avalia 10 dos 23 fatores de risco originais (FR) e três dos 11 fatores de proteção (FP). A Corporação Novos Rumos realizou uma análise fatorial confirmatória para avaliar a validade de construto; os resultados mostraram índices apropriados de ajuste para os 10 FR. Foram usadas regressões logísticas para examinar os níveis de associação entre cada um dos FR e o consumo de álcool entre os adolescentes no último mês, e o consumo de drogas no último ano e no último mês. No final de 2014, as cinco fases do CQC já haviam sido implementadas exitosamente em oito comunidades. Os resultados indicam variações substanciais nos níveis de risco, proteção, e abuso de drogas em todas as comunidades. Apesar do número limitado de programas preventivos com eficácia demonstrada, as comunidades foram capazes de identificar e implementar vários programas e práticas preventivas. Durante o processo ficou evidente que seria necessário desenvolver pontos de corte (indicadores de risco) colombianos, sendo feito isso: alguns foram similares aos que se utilizaram nos Estados Unidos, mas outros foram muito diferentes. A implementação do sistema na Colômbia tem estimulado a execução de avaliações de processo e de resultados de programas de prevenção, e tem ajudado a entender que a prevenção é um trabalho de longo prazo, que requer investimento por parte das comunidades. **Palavras-chave:** prevenção, cultura, habilidades sociais.

10.3 DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO NÚCLEO FAMILIAR: ADAPTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS PARA PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS - Viviane Paula Rocha, Joamara Motta Borges, Mariana Russo Voydeville Damasceno, Marina de Souza Pedralho, Raquel Turci Pedroso, Samia Abreu Oliveira, Michaela Batalha Juhosova, Janaína Barreto Gonçalves, Roberto Tykanori Kinoshita (Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, Ministério da Saúde, Brasília - DF)

O Programa Fortalecendo Famílias é a versão brasileira do Strengthening Families Programme da Oxford Broes University - Londres - adaptado após a realização de um piloto conduzido pela Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde e compõe o Projeto Prevenção desta mesma Coordenação. Trata-se de uma proposta de intervenção preventiva para crianças, adolescentes e seus responsáveis, sistematizada em sete



encontros semanais com o objetivo de fortalecer vínculos familiares por meio da promoção de habilidades de vida e sociais. O programa atua na interrupção dos fatores que criam um contexto que pode levar ao uso e proporciona o desenvolvimento de habilidades que podem instrumentalizar a criança, o adolescente e seus responsáveis. O fortalecimento de vínculos familiares, além de compor políticas e diretrizes de serviços públicos, é também uma das medidas cabíveis para o alcance de objetivos relacionados à prevenção do uso e abuso de álcool, tabaco e outras drogas que hoje apresentam índices elevados no Brasil. A experiência mostra que os métodos que se valem de proibição, imposição de leis e regras não tornam esse objetivo mais tangível. Isso porque a opção pelo não uso é mais complexa que o simples seguimento de regras. Os Programas baseados na transmissão de conhecimento tem pouco efeito comprovado. O tipo de informação deve ser aplicável às experiências cotidianas. Considerando este contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar o Programa Fortalecendo Famílias destacando a forma e os objetivos para os quais as habilidades sociais são abordadas e promovidas em cada um dos encontros e o caminho percorrido para os ajustes culturais. No Brasil, foi realizada a formação de facilitadores para a condução dos grupos além da qualificação de multiplicadoras nacionais para acompanhamento das atividades e consolidação das adaptações culturais e linguísticas identificadas. A implementação do programa tem sido realizada por equipes de profissionais da saúde e da assistência social em serviços de proteção básica da assistência nas cinco regiões do Brasil. Nos grupos familiares realizados em 2013 e 2014, atuaram 90 profissionais e 142 famílias concluíram o programa. Da experiência foi possível concluir o alto índice de aceitação da metodologia por parte dos profissionais e das famílias além do relato e observação de elevação do engajamento dos pais em atividades de seus filhos, autopercepção da capacidade de expressar sentimentos e lidar com eles, maior disposição em ouvir e apoiar uns aos outros. A adaptação cultural foi demandada quanto à forma mais do que ao conteúdo. É perceptível a oportunidade de avançar em conhecer quanto o fato do programa se propor a desenvolver habilidades sociais de forma complementar e correspondente para pais e filhos potencializa os recursos empregados. (Ministério da Saúde) **Palavras-chave:** vínculo, núcleo familiar, prevenção.

SIMP11. CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO TEÓRICO-PRÁTICO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA COMPREENSÃO DO UNIVERSO FEMININO. Proponente - Catarina Malcher Teixeira (Universidade Federal do Maranhão, UFMA - MA)

Os estudos que abordam a temática da mulher são vastos em diversas disciplinas das Ciências Sociais como Sociologia e Antropologia, mas ainda carecem de um maior investimento dentro da Psicologia, em estudos teóricos, aplicados e de construção de instrumentos de avaliação do repertório comportamental feminino. Somando-se a isso, há evidências na literatura de que as transformações de ordem social e econômica têm produzido significativas mudanças no padrão comportamental feminino, destacando-se novas demandas de habilidades sociais que, consequentemente, favoreceram mudanças na assertividade feminina. Diante desse cenário, um campo teórico-prático que pode ter muito a contribuir é o do Treinamento das Habilidades Sociais. No nível teórico, com formulação de conceitos para o entendimento das relações interpessoais, tais como: Habilidades Sociais e Competência Social. No nível prático, com avanços no desenvolvimento de procedimentos e estratégias que permitem a promoção de programas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS), que auxiliam no planejamento de práticas culturais comprometidas com a real modificação nas interações, favorecendo uma melhor qualidade de vida para os indivíduos. Essa conferência pretende contribuir com esse debate e abordará três estudos, com objetivos distintos, mas que se entrelaçam com contribuições acerca da compreensão da assertividade feminina. Portanto, seus objetivos são: (a) apresentar uma análise de temas sobre a mulher, sob o enfoque das habilidades sociais, exemplificando com pesquisas recentes, desenvolvidas por grupos de pesquisas brasileiros. Também serão abordados alguns fatos recentes que ilustram a quebra de hegemonia do poder masculino, na perspectiva da aprendizagem de habilidades sociais que, concomitantemente, produzem mudanças de concepções e, com isso, um enfrentamento mais efetivo das mulheres diante das diferentes demandas atuais; (b) apresentar os primeiros dados das propriedades psicométricas do Inventário de Habilidade Assertivas (IHA), construído e validado em uma amostra de mulheres com nível de escolaridade superior e inseridas no mercado de trabalho e, (c) apresentar resultados preliminares de pesquisas relacionadas a ações de intervenção psicossocial comportamental em grupo direcionadas para mulheres adultas que estão e/ou estiveram em situação de violência praticada por parceiro íntimo. Mais especificamente, pretende-se descrever o efeito de sessões semanais de intervenção psicossocial em grupo sobre os níveis de habilidades sociais, ansiedade, depressão e stress. Entende-se que estudos nessa linha permitem o entendimento de várias questões acerca do universo feminino e contribuem com o debate de uma temática que tem sido pouco evidenciada nas investigações psicológicas. **Palavras-Chave:** controle social, habilidades sociais assertivas, mulher, intervenção em grupo, violência baseada no gênero.



11.1 CULTURA, CONTROLE SOCIAL E FEMINISMO: O OLHAR DAS HABILIDADES SOCIAIS - Almir Del Prette e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Há algum tempo, a Psicologia Social de maneira mais geral, e a Psicologia das Relações Interpessoais em particular, se aproximaram de temas que aparentemente apenas diziam respeito às Ciências Sociais, como a Sociologia e a Antropologia. Na década de 1970, várias as pesquisas buscaram compreender o universo feminino, em especial os movimentos sociais ligados à igualdade de direitos, sendo um dos enfoques para isso foi o da assertividade. Aparentemente, com o avanço de uma economia acentuadamente globalizada e o consequente arrefecimento dos movimentos sociais, houve um recuo da Psicologia em tomar esses temas como objeto de pesquisa. Entretanto a discussão sobre a posição da mulher na sociedade continuou, sob diferentes perspectivas, com vários temas sendo abordados, como, por exemplo, a empregabilidade, a inserção da mulher no mundo do trabalho, a diferenciação sobre a mulher em termos de cargos e remuneração quando comparada ao homem, questões ligadas ao planejamento das tarefas na família, o uso e fortalecimento do imaginário negativo do corpo da mulher enquanto mercadoria etc. Todos esses temas remetem, de forma direta ou indireta, à necessidade do desenvolvimento, pelas mulheres, de um conjunto de habilidades sociais, particularmente aquelas classificadas como assertivas. O campo teórico-prático das habilidades sociais vem incorporando também novas subclasses de habilidades sociais como, por exemplo, persuasão, negociação, habilidades narrativas etc., mostrando, portanto uma abertura que, teoricamente, pode incorporar temas abrangentes relacionados à condição da mulher na atualidade. Esta conferência pretende apresentar uma análise desses temas, sob o enfoque das habilidades sociais, exemplificando com pesquisas recentes, inclusive em nosso grupo de pesquisa. Também serão abordados alguns fatos recentes que ilustram a quebra de hegemonia do poder masculino, na perspectiva da aprendizagem de habilidades sociais que, concomitantemente, produzem mudanças de concepções e, com isso, um enfrentamento mais efetivo das mulheres diante das diferentes demandas atuais. A descrição de algumas situações será baseada em literatura, filmes e reportagens jornalísticas que retratam de maneira detalhada as aquisições e mudanças das pessoas retratadas. (CNPq) **Palavras-Chave:** habilidades sociais, feminismo, cultura, controle social

11.2 PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES ASSERTIVAS (IHA) PARA MULHERES INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO - Catarina Malcher Teixeira (Universidade Federal do Maranhão, UFMA, São Luís - MA) **e Zilda Aparecida Pereira Del Prette** (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Estudos brasileiros sobre habilidades sociais, das quais a assertividade é uma classe, encontram-se em ascensão. Por outro lado, é possível identificar uma escassez de instrumentos para avaliar esse construto em mulheres, seja por meio de medidas diretas, seja por meio de medidas indiretas. Diante dessa situação, com base nas matrizes conceituais da assertividade, dentro do campo teórico-prático das Habilidades Sociais, desenvolveu-se um instrumento com o objetivo de avaliar as habilidades assertivas em mulheres inseridas no mercado de trabalho, denominado de Inventário de Habilidades Assertivas (IHA). Trata-se de um instrumento de autorrelato, composto de uma folha de instruções e uma folha de itens, constituindo uma versão resumida e adaptada de itens do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). O IHA traz alguns diferenciais se comparado a outros instrumentos que avaliam a assertividade: além de avaliar a frequência de autorrelato da resposta assertiva frente a diferentes demandas sociais, preocupa-se também em incluir outros elementos que estão relacionados com a assertividade, como desconforto, efetividade da resposta assertiva, avaliação social e avaliação pessoal da respondente acerca da resposta assertiva. A presença desses quatro indicadores adicionais ao tradicionalmente presente (frequência) permite ao avaliador obter outras informações sobre aspectos relevantes presentes na emissão da resposta assertiva. O instrumento foi construído com uma forte preocupação de manutenção de uma coerência de ordem conceitual, uma vez que assume o posicionamento teórico de que a assertividade é uma classe das habilidades assertivas e sua análise exige considerar variáveis situacionais (eventos antecedentes e consequentes), o que permite a interface entre a Análise do Comportamento e o campo teórico-prático das Habilidades Sociais. Nesta conferência, tem-se o objetivo de apresentar os primeiros dados das propriedades psicométricas desse novo instrumento (IHA) enriquecido com os elementos acima. A amostra foi constituída de 190 mulheres maranhenses, residentes na cidade de São Luís, estado do Maranhão, com idade média de 41,16 anos (DP= 9,4), nível de escolaridade superior, inseridas no mercado de trabalho dos setores da Educação e Saúde. Para análise estatística dos dados foi utilizado o programa *Predictive Analytics Soft Ware*, versão 18.0. Os dados foram submetidos a análises prévias para verificar a qualidade dos mesmos e o cumprimento dos pressupostos para realização de análises multivariadas. Em seguida, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) conduzida com base no indicador de frequência, que produziu um fator único, com 16 itens e consistência interna de 0,82. Estes dados indicam que o instrumento apresenta bons indicadores iniciais de validade e precisão. Ademais, volta-se para a investigação de uma população que têm sido alvo de estudos de várias ciências sociais, mas que carecem de mais atenção dentro do campo



da Psicologia e, mais ainda da Análise do Comportamento. Finalmente, ainda que haja a necessidade da ampliação de estudos para maior consolidação do instrumento, o mesmo se mostra bastante eficaz na investigação da assertividade feminina. (FAPEMA) **Palavras-chave:** assertividade, mulher, instrumentos de avaliação.

11.3 HABILIDADES SOCIAIS, ANSIEDADE, DEPRESSÃO E ESTRESSE DE MULHERES ADULTAS EM SITUAÇÃO DE DEPENDÊNCIA AFETIVA E/OU ECONÔMICA NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO - *Sílvia Canaan* (Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém - PA)

A violência baseada no gênero (VBG) inclui a violência praticada contra a mulher por seu parceiro íntimo na relação amorosa, constituindo um grave problema social e uma das formas de violação dos Direitos Humanos. Este tipo de violência compreende agressões cometidas geralmente por homens contra suas parceiras ou ex-parceiras, decorrentes de situações de abusos, ameaças ou intimidação, gerando sérios prejuízos à saúde mental das mulheres, em termos de depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, transtornos alimentares, etc. Alguns fatores de risco parecem correlacionar-se a este tipo de violência, tais como a dependência afetiva e a dependência econômico-financeira. A dependência afetiva caracteriza-se como cuidado e atenção excessivos ao outro, tanto por parte de homens quanto de mulheres, com maior incidência nestas. Muitas mulheres em situação de dependência afetiva também apresentam dependência econômico-financeira em relação a seus parceiros, possuindo baixa escolaridade, baixa renda e sendo vulneráveis ao desemprego, trabalho precário e informal – fatores correlatos e que contribuem para que elas continuem se relacionando com o homem autor de violência. As mulheres com déficits em autonomia afetiva e econômico-financeira costumam também apresentar déficits em habilidades sociais. O objetivo geral deste trabalho é apresentar alguns resultados preliminares de pesquisas relacionadas a ações de intervenção psicossocial comportamental em grupo, direcionadas para estas mulheres no âmbito de uma universidade pública. Mais especificamente, pretende-se descrever o efeito de sessões semanais de intervenção psicossocial grupal sobre os níveis de habilidades sociais, ansiedade, depressão e stress de 7 mulheres adultas que estão e/ou estiveram em situação de violência praticada por parceiro íntimo. Foram realizados pré e pós-teste com as participantes dos grupos com aplicação do Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette (IHS), Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL); Inventários Beck de Ansiedade (BAI), de Depressão (BDI). Os resultados apontam que as intervenções em grupo parecem ter contribuído para a redução dos níveis de estresse, ansiedade e depressão embora tenha se observado pouca alteração nos níveis específicos de suas habilidades sociais. Portanto, discute-se algumas implicações deste estudo incluindo a relevância de um programa específico de desenvolvimento de habilidades sociais para mulheres em situação de dependência afetiva e/ou econômica como estratégia de combate e enfrentamento da VBG. **Palavras-chave:** violência baseada no gênero, dependência afetiva, dependência econômica, habilidades sociais, intervenção em grupo.



MESAS REDONDAS

MR01. PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIOCOGNITIVAS (ARGENTINA), DE COMBATE AO BULLYING (EUA) E DE HABILIDADES SOCIAIS (BRASIL): CONVERGÊNCIAS E PARTICULARIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR – Proponente: Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

As chamadas habilidades “não cognitivas”, “sociocognitivas”, “de vida” “socioemocionais” têm sido foco de crescente interesse no sistema educacional brasileiro e de outros países. Ainda que muitas vezes sob referenciais diversos, esses conjuntos de habilidades remetem, em última instância, à qualidade das interações sociais no contexto escolar e à sua importância para o desenvolvimento global e para a aprendizagem acadêmica. Nesta mesa redonda, serão apresentadas experiências nesse campo, oriundas de três países que vêm investindo em construir, sobre bases sólidas de pesquisa, tanto os instrumentos e recursos de avaliação, como os procedimentos e métodos de intervenção em contexto escolar. Essas iniciativas são importantes para a construção de práticas e intervenção, baseadas em evidências, no contexto escolar. Na primeira apresentação, a Profa. Dra. Mirta Susana Ison irá apresentar as bases teóricas e metodológicas do programa de solução de problemas interpessoais que vem conduzindo nas escolas do seu país, com ênfase nas premissas para o desenvolvimento da autorregulação. Na segunda apresentação, a Profa. Dra. Julie Hubbard irá apresentar dados e conclusões que embasam sua defesa de programas específicos para bullying nas escolas atuais e que, nesse sentido, não bastariam programas gerais de desenvolvimento socioemocional. Na terceira apresentação, a Profa. Dra. Zilda Del Prette irá apresentar alguns conceitos que vêm sendo utilizados no Brasil, em propostas e programas de desenvolvimento de habilidades sociais nas escolas e o que apresentam de convergências e divergências. Na sequência, irá expor resumidamente os estudos e aplicações do grupo Relações Interpessoais e Habilidades Sociais (www.rihs.ufscar.br) no Brasil, incluindo programas diretamente com as crianças, com as famílias e com os professores, bem como os encaminhamentos para a articulação entre esses agentes no contexto escolar. **Palavras-chave:** educação escolar, desenvolvimento socioemocional, habilidades sociais, bullying.

1.1 SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: DESENVOLVIMENTO DE PAUTAS PARA LA AUTORREGULAÇÃO - Mirta Susana Ison (INCIHUSA-CONICET, CCT Mendoza e Universidad del Aconcagua - Mendoza)

O contexto sócio-histórico-cultural permeia a comunicação interpessoal, atividade essencial dos seres humanos. Assim, interagir com os outros envolve colocar em jogo um conjunto de habilidades sociais, cognitivas e afetivas que são socialmente benéficas e valorizadas dentro de determinados contextos. A escola é um lugar onde o trabalho educativo é realizado e, ao mesmo tempo, relações significativas são geradas e formas de comportamento social são aprendidas. Nas escolas, as crianças compartilham muito de seu tempo com os pares e estão diariamente expostas a conflitos e situações interpessoais que requerem autorregulação eficaz do comportamento. A autorregulação do comportamento é um constructo amplo, que inclui uma série de processos cognitivo-afetivos que são acionados em situações de resolução de problemas, necessários para a solução bem sucedida desses problemas. Para lidar com conflitos e ser bem sucedidas nessa tarefa, a criança deve desenvolver uma série de habilidades sociocognitivas que lhe permitam identificar a situação do problema, planejar o curso de ação, gerar soluções alternativas, avaliar e escolher entre diferentes soluções possíveis. O pensamento divergente ou alternativo, considerado como um indicador da flexibilidade cognitiva e autorregulação, é a chave para o comportamento da criança. Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de intervenção para promover o desenvolvimento de habilidades interpessoais de resolução de problemas, de tal forma que contribua para a incorporação de diferentes modos de aprendizagem e de participação no contexto escolar. Trata-se de experiência que vem sendo conduzida, testada e aprimorada em escolas da Argentina e que vêm se mostrando bem sucedidas nessa direção. **Palavras chave:** infância, problemas interpessoais, autorregulação.

1.2. A NECESSIDADE DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO ESPECÍFICOS PARA BULLYING NAS ESCOLAS DE HOJE – Julie A Hubbard (Universidade de Delaware - EUA)

Cientistas de prevenção têm debatido a necessidade de programas direcionados especificamente à prevenção de bullying e vitimização. Por um lado, alguns pesquisadores argumentam que os programas que visam aumentar a aprendizagem socioemocional e desenvolvimento de habilidades sociais de forma mais ampla são suficientes para responder às preocupações sobre bullying escolar. De acordo com essa linha de pensamento, quando as crianças aprendem a cooperar e negociar, ter empatia pelos outros e se engajar em formas positivas de pensar e de se



comportar com os colegas, o bullying vai diminuir naturalmente, sem a necessidade de abordar estes comportamentos agressivos diretamente. Em apoio deste argumento, uma série de estudos descobriu que crianças e adolescentes com habilidades socioemocionais mais fortes se envolvem menos comportamento bullying. Por outro lado, outros pesquisadores sustentam que os programas de prevenção que visam explicitamente a redução de bullying e vitimização são necessários para diminuir eficazmente esses comportamentos. Os defensores deste ponto de vista afirmam que o assédio moral é melhor abordado por meio do ensino direto sobre o impacto do assédio moral na dinâmica da sala de aula, da necessidade de empatia para com as vítimas de bullying, bem como do papel que todas as crianças em uma sala de aula podem desempenhar na resolução do problema de bullying. Este argumento é corroborado por inúmeras investigações demonstrando que os programas de desenvolvimento socioemocional geral não levam a redução do bullying ou que levam a reduções menores do que os programas que visam o bullying diretamente. Esta discussão tem importantes implicações sobre a política baseada na escola, sobre o investimento dos administradores escolares para financiarem os vários programas de prevenção que precisam e exigem do governo para seus alunos. O objetivo desta apresentação é fornecer evidências de ambos os lados deste debate e oferecer sugestões para resolver esta controvérsia. **Palavras-chave:** programas de prevenção ao bullying, programas de desenvolvimento socioemocional.

1.3 HABILIDADES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDOS E PERSPECTIVAS NO BRASIL. Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Seguindo uma tendência mais geral de vários países europeus e outros americanos, verifica-se, também no Brasil, um interesse crescente, ao longo dos últimos anos, em temas correlatos a habilidades sociais na infância e, mais particularmente, em termos de sua promoção via educação escolar. Mais recentemente, esse interesse vem se materializando em investimento nessa área por parte dos setores governamentais, por meio de políticas públicas voltadas para a promoção do desenvolvimento socioemocional das crianças e adolescentes na escola. Pode-se argumentar o reconhecimento da importância do desenvolvimento socioemocional se apóia, de um lado, em resultados de pesquisas que comprovam sua associação positiva com bom rendimento acadêmico, qualidade de vida, capacitação profissional e outros indicadores positivos, e, de outro, em necessidades urgentes evidenciadas pela escalada da violência, dentro e fora da escola, pelos desafios do contexto atual que extrapolam a questão do desempenho acadêmico e por outras questões mais diretamente relacionadas à preparação das crianças e jovens para a vida social. Nesta apresentação, inicialmente será examinada a questão da diversidade de termos associados à noção de desenvolvimento socioemocional (habilidades “não cognitivas”, “sociocognitivas”, “de vida” “socioemocionais”) e a compreensão sobre habilidades sociais em relação a essa terminologia. Também serão discutidas algumas questões relativas ao atual boom de propostas e programas visando o desenvolvimento socioemocional na escola e o compromisso social dos profissionais de Psicologia e Educação em manter esse interesse por meio de programas elaborados sobre sólidas bases conceituais e metodológicas da científica e por avaliações continuadas que garantam à escola e à sociedade um retorno objetivo de sua efetividade e seu aprimoramento continuado na direção da construção de práticas baseadas em evidência no contexto escolar. Constata-se que as possibilidades e a necessidades de investimento em programas de habilidades sociais no contexto escolar vêm sendo investigadas e aperfeiçoadas ao longo dos últimos anos por vários pesquisadores brasileiros. Nessa direção, serão discutidos alguns dos estudos efetuados no grupo de Pesquisa “Relações Interpessoais e Habilidades Sociais” (RIHS/UFSCar), em termos do desenvolvimento e aperfeiçoamento de procedimentos, técnicas e recursos para intervenção junto a crianças, pais e professores no contexto escolar (alguns deles em modelos triádicos), bem como por meio de procedimentos, instrumentos e recursos para a avaliação rigorosa de seus efeitos. Serão brevemente apresentados os estudos direcionados para a construção do Inventário de Habilidades Sociais Educativas para Professores (IHSE-Prof) e para Pais (IHSE-Pais) e seus desdobramentos para o planejamento, avaliação e aperfeiçoamento dos Programas de Habilidades Sociais Educativas (PHSE-Prof e PHSE-Pais), articulados a procedimentos, técnicas e recursos que vêm se mostrando efetivos ao longo dos últimos anos. Alguns exemplos de pesquisas já realizadas e em andamento serão mencionadas, apontando-se para o compromisso com a construção de novos conhecimentos nessa área. (CNPq) **Palavras-chave:** habilidades sociais acadêmicas, desenvolvimento socioemocional, habilidades sociais educativas.

MR02. HABILIDADES SOCIAIS E USO DE DROGAS: DA PREVENÇÃO À INTERVENÇÃO – Proponente: Jéssica Limberger (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

O uso de drogas é um problema de saúde pública em nível nacional e mundial, tendo em vista que o número de usuários de substâncias tem aumentado, evidenciando uma preocupação quanto as estratégias de tratamento que deem conta deste fenômeno. No contexto do uso de drogas, são diversos os prejuízos causados aos usuários,



repercutindo na sociedade nas diversas áreas: econômica, educativa, produtiva, afetiva, de saúde e de relações sociais. Dentre os fatores de proteção ao uso de drogas, destaca-se o repertório satisfatório das habilidades sociais e sua relação com a assertividade, no que diz respeito a expressão de sentimentos e a defesa dos próprios direitos, na comunicação e resolução de problemas interpessoais. Por sua vez, a carência de assertividade, além de fatores intrínsecos, como a baixa autoestima e baixa autoeficácia, pode levar o jovem a buscar nas substâncias formas de enfrentar tais problemas. A aprendizagem das habilidades sociais também se torna relevante por aqueles que já possuem problemas com drogas, auxiliando-os na construção de novos relacionamentos e de uma rede de apoio que contribua em seu tratamento. Diante dos inúmeros danos que a droga pode trazer, e com evidências que tais competências para relações interpessoais são relevantes para a diminuição do uso, enfatiza-se a necessidade de diferentes estratégias de prevenção que contemplem as habilidades sociais. A primeira forma da aquisição das habilidades sociais é através das interações familiares e escolares, porém, por vezes, é percebida como um aprendizado deficitário, necessitando de intervenções específicas. A partir disso, o primeiro estudo a ser apresentado tem como objetivo abordar as habilidades sociais educativas parentais como um caráter de prevenção primária ao uso de drogas, discutindo sobre as influências dos pais na primeira infância. Ainda sobre a prevenção primária, o segundo estudo a ser apresentado, objetiva descrever dados da literatura sobre programas de habilidades sociais destinadas aos adolescentes, buscando refletir sobre o papel de tais intervenções na fase do desenvolvimento com maior incidência de início de uso de drogas. E para finalizar, o último trabalho objetiva analisar a produção científica no treinamento de habilidades sociais como uma estratégia de prevenção secundária e terciária para indivíduos que já usam drogas e estão em tratamento. A partir das apresentações, essa mesa permite uma ampla discussão sobre a relevância de estudos sobre as habilidades sociais relacionadas à problemática de uso de drogas e, principalmente, possibilitando conhecer as diferentes interfaces das habilidades sociais no ciclo vital. **Palavras chave:** habilidades sociais, transtorno por uso de drogas, habilidades sociais educativas parentais, prevenção, treinamento de habilidades sociais.

2.1 HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS E PREVENÇÃO PARA O USO DE DROGAS - Mariana Souza da Silva Squefi, Vanessa Trintin Rodrigues e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

A infância é um período essencial ao desenvolvimento de habilidades sociais, sendo o contexto familiar e a qualidade da relação entre pais e filhos fundamentais para o estabelecimento de relações educativas que favoreçam o desenvolvimento social saudável de crianças e adolescentes. Estudos nacionais identificaram as consequências das práticas educativas e das Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) no que se refere ao comportamento infantil, seja contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais, seja analisando a relação entre determinadas práticas educativas dos pais a problemas de comportamento dos filhos. As HSE-P se referem a um conjunto de habilidades sociais dos pais que incluem as práticas educativas aplicáveis na educação dos seus filhos. Este conjunto de práticas contribui para a saúde, o desenvolvimento e o ajustamento das crianças e adolescentes, tanto no ambiente doméstico como no meio social. Quando esses comportamentos não são demonstrados ou aprendidos em situações sociais, pode ocorrer déficit nessas habilidades e, como consequência, prejudicar a interação com seu meio. Em contexto internacional, estudos descrevem que pais com comportamentos de extrema rigidez educativa ou que apresentam dificuldades em estabelecer limites diante dos comportamentos das crianças podem interferir na organização desse período, influenciando a ocorrência de algum comportamento de risco, incluindo o uso e o abuso de drogas. No Brasil, um estudo aborda que as HSE-P se apresentam como condições importantes ao desenvolvimento adequado do repertório social dos filhos, sendo que a presença de comportamentos adequados dos filhos é diretamente proporcional à existência de um melhor repertório dessas habilidades nos pais. Porém, quando os pais apresentavam um escasso repertório dessas habilidades, seus filhos também demonstravam déficits interpessoais e comportamentos desadaptativos. Assim, o contexto familiar pode ser tanto favorável como desfavorável à aquisição de habilidades sociais. Nesta perspectiva, o presente trabalho objetiva analisar os programas de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas Parentais (THSE-P) no contexto brasileiro, como um caráter de prevenção primária ao uso de drogas, discutindo sobre as influências dos pais já na primeira infância. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em que foram utilizadas as bases de dados Scielo, Psyc e BVS, a partir dos descritores “habilidades sociais”, “treino de pais”, “prevenção” e “drogas”. Foram encontrados estudos que corroboram a eficácia dos programas de THSE-P, no entanto, estes diziam respeito a intervenções onde já estava instaurado o comportamento desajustado dos filhos. Os programas direcionavam-se aos pais cujos filhos apresentavam TDAH, Transtorno de Conduta, Problemas de Aprendizagem, dentre outros, perdendo o caráter preventivo. Ao pensar em prevenção para o uso de drogas, é evidente a importância de contribuir para que os pais adotem posturas mais assertivas com seus filhos, colaborando para uma melhor socialização destes em suas interações. Diante disso, sugere-se que no desenvolvimento de futuras intervenções como



o THSE-P, possa ser-buscada a demonstração da relação existente entre os comportamentos dos pais e o comportamento dos seus filhos, com um caráter preventivo durante o desenvolvimento infantil. **Palavras-chave:** habilidades sociais educativas parentais, prevenção, drogas.

2.2 O PAPEL DE PROGRAMAS DE HABILIDADES SOCIAIS NA PREVENÇÃO PRIMÁRIA DO USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA - Jaluzza Aimée Schneider, Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

A adolescência é caracterizada por uma fase de transição, envolvendo novas descobertas e uma intensa busca por prazeres. Essa etapa do desenvolvimento também é considerada de grande vulnerabilidade, envolvendo risco para problemas comportamentais, assim como o início de uso de drogas. Percebe-se que já no início da adolescência, por volta dos 12 anos de idade, considera-se que o indivíduo tem maior probabilidade de se deparar com a droga e, em muitos casos, iniciar o uso da mesma. Estudos internacionais têm demonstrado a relevância das habilidades sociais como fatores de proteção para o início do uso de drogas, com evidências de que adolescentes com menores índices de comportamentos socialmente habilidosos possuem maiores chances de se envolverem com o uso de drogas. A fim de se pensar em programas de prevenção primária ao uso de drogas, o ensino de comportamentos socialmente habilidosos torna-se uma ferramenta importante para os adolescentes. Tais programas viabilizam a aprendizagem de competências que auxiliem nos desafios que estão presentes na adolescência, tais como: pressão dos pares; timidez e inserção em grupos de amizades saudáveis. Nesta perspectiva, o presente trabalho objetiva apresentar e discutir programas de habilidades sociais com adolescentes no contexto nacional, na perspectiva de prevenção ao uso de drogas, através de uma revisão crítica da literatura. Para isso foram realizadas buscas nas bases de dados Scielo, Lilacs, Medline e Scopus, com os seguintes descritores: “adolescência”, “drogas” e “habilidades sociais”. Para maior abrangência do tema, também foram realizadas buscas na literatura especializada apresentada em livros. A análise da literatura encontrada demonstrou que as habilidades sociais estão amplamente discutidas em relação ao uso de drogas por adolescentes. Porém, foi identificado um maior número de pesquisas relacionadas à avaliação das habilidades sociais ou mesmo sobre a discussão delas como possíveis fatores de risco. A presença de programas de habilidades sociais com adolescentes foi escassa, sendo mais observada em relação à infância, tendo objetivos diferentes do que especificamente a prevenção de uso de drogas. Neste contexto, os treinamentos de habilidades de vida, incluindo aspectos das habilidades sociais, tem se mostrado uma importante modalidade intervenção via prevenção ao uso de drogas nesta população. Percebe-se que a nível internacional os programas que incluem a aprendizagem de habilidades sociais já estão mais difundidos e relatados em publicações, apresentando resultados positivos significativos. A partir de evidências da importância deste tipo de intervenção, sugere-se uma maior implementação de programas que envolvam aprendizagem de habilidades sociais, em nível nacional, com os adolescentes, na perspectiva de prevenção primária ao uso de drogas. **Palavras-chave:** adolescência, transtorno por uso de substância, treinamentos de habilidades de vida.

2.3 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM USUÁRIOS DE DROGAS: DADOS DE PERSPECTIVAS - Jéssica Limberger (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

O uso de drogas, trata-se de um problema de saúde pública, com repercussão mundial. Além do aumento de doenças físicas e psíquicas em decorrência do uso, há consequências sociais, como a criminalidade e o tráfico de drogas. Dentre os fatores de risco para o uso de drogas, destacam-se os déficits em habilidades sociais. Neste cenário, ao invés do indivíduo manifestar um comportamento assertivo, a droga torna-se um meio de enfrentar pressões externas, acontecimentos cotidianos e situações interpessoais. Revisões sistemáticas sobre habilidades evidenciam déficits em habilidades sociais em adolescentes usuários de drogas, principalmente no que diz respeito à dificuldade em resistir às drogas e fazer recusas. Na população adulta, também foram encontrados déficits nas habilidades sociais de usuários de álcool, tabaco e drogas ilícitas em geral. Diante de tais achados, evidencia-se a necessidade de intervenções que visem a prevenção secundária e terciária, como o Treinamento de Habilidades Sociais (THS) em usuários de drogas, pois o mesmo busca ensinar comportamentos habilidosos aos indivíduos, a fim de melhorar a competência interpessoal nas diferentes situações sociais. Nesse sentido, objetiva-se apresentar e discutir dados sobre os Treinamentos de Habilidades Sociais realizados com usuários de drogas no contexto nacional e internacional, a partir de pesquisas empíricas. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura, a partir das bases de dados Scielo, Scopus, Medline, Lilacs, Ibecs, Cochrane, MedCarib e Central – Registro de Ensaios Clínicos Controlados. As intervenções com usuários de drogas apontaram que o Treinamento em Habilidades Sociais (THS) tem sido realizado em conjunto com outras estratégias terapêuticas, como a entrevista motivacional; envolvimento das famílias no tratamento e tratamento comunitário assertivo. A duração das intervenções no qual o THS estava inserido ocorreu, em muitos casos em duas



vezes por semana ao longo de seis meses. Os estudos apontaram que a realização do THS em conjunto com o treinamento de resolução de problemas obteve maior efetividade do que o THS de forma isolada. Além disso, o THS também tem sido utilizado com usuários de drogas com comorbidades, como a esquizofrenia, sendo que os pacientes que passaram pelo tratamento com THS tiveram menores taxas de internações no período de dois anos em comparação aos que tiveram o tratamento tradicional do serviço de saúde. Nesse sentido, o THS vem apresentando resultados positivos com usuários de drogas e necessita ser mais difundido como uma estratégia complementar aos tratamentos existentes. No Brasil, a carência de estudos sobre o THS, na população adulta de usuários de drogas, revela a necessidade de intervenções e pesquisas neste campo, contribuindo para a prevenção secundária e terciária com esta população. **Palavras-chave:** transtorno por uso de substâncias, treinamento de habilidades sociais, prevenção secundária e terciária.

MR03. PESQUISA E ENSINO DE HABILIDADES SOCIAIS NA ÁREA ACADÊMICA DA SAÚDE – Proponente: Izabela Almeida Querido (Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia - GO)

A presente mesa traz a experiência de algumas pesquisas no meio acadêmico da saúde sobre habilidades sociais e suas interfaces. Abordará com a primeira apresentação um levantamento do repertório de habilidades sociais de internos de medicina e sua relação com estresse e características de personalidade. Complementar ao tema e numa perspectiva também de estratégias de desenvolvimento de habilidades sociais, a segunda apresentação traz o impacto que a disciplina Psicologia Médica tem no desenvolvimento do comportamento empático de estudantes de Medicina. Por conseguinte, também com enfoque nas possibilidades que o conhecimento das habilidades sociais traz para a área da saúde a terceira apresentação abordará as habilidades sociais educativas de mães de crianças com resistência ao tratamento odontológico. O conhecimento da configuração do repertório e aplicabilidade de habilidades sociais seja na medicina ou na odontologia traz ganhos para a área acadêmica da saúde pois permite o desenvolvimento de habilidades desde o ensino que proporcionam um melhor desempenho acadêmico e formação profissional. Contribui ainda com o manejo de possíveis alterações decorrentes de inabilidades e permite programar e propiciar momentos na formação acadêmica que permitam treino de habilidades sociais. **Palavras-chave:** internato médico, estresse; psicologia médica, habilidades sociais, relações interpessoais pais e filhos.

3.1 ESTRESSE, PERSONALIDADE E HABILIDADES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE MEDICINA NO INTERNATO – Izabela Almeida Querido Alessandra Vitorino Naghettini Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini, José Maria Montiel e Daniel Bartholomeu (Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia - GO)

O curso de Medicina sempre foi vista como difícil e estressante. A ocorrência de transtornos de ansiedade, depressão e desajustes emocionais em estudantes de medicina tem sido maiores, comparada à população geral. Alguns fatores podem ser considerados como fonte de estresse no curso médico e as experiências durante esse são elaboradas de maneira distinta. Há interface de vários fatores como características individuais, frequência e intensidade com que os estímulos surgem ao decorrer da graduação, bem como a disponibilidade ou não de recursos institucionais e da rede de apoio familiar e social. O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado que objetivou identificar a ocorrência de estresse, os traços de personalidade e o repertório de habilidades sociais de estudantes de medicina de duas escolas médica no Tocantins no período do internato. Numa amostra de 50 internos de medicina foram aplicados um questionário para dados biográficos e sobre o internato e três testes psicológicos: Inventário de Sintomas de Estresse de Lipp, Bateria Fatorial de Personalidade e Inventário de Habilidades Sociais. Identificou-se que parte da população estudada apresentava estresse (52%), com predominância de sintomas psicológicos e numa fase potencialmente adoecedora mas pouco vista como tal (fase de resistência). Observou-se também características de personalidade como baixa abertura a idéias e baixo nível de comunicação, bem como alto empenho e instabilidade. Paralelo a isso, identificou-se um repertório de habilidades sociais baixo nas habilidades necessárias à autoafirmação na expressão de sentimentos positivos. Viu-se também que alguns alunos necessitaram de ajuda especializada (psicólogo e psiquiatra) durante o curso mesmo que com queixas não direcionadas a esse. As análises correlacionais realizadas sugerem que o fator neuroticismo e as facetas nível de comunicação e confiança nas pessoas são diferentes nas pessoas com estresse. Esse aspecto, somado à dificuldade em expressar afetos positivos, indicam uma das direções quanto aos fatores predisponentes ao desenvolvimento de estresse no estudante de medicina. Alia-se características de personalidade, que indicam uma tendência de comportamento, com uma das fases mais tensas do curso médico (internato). **Palavras-chave:** internato médico, estresse; personalidade, habilidades sociais.



3.2 HABILIDADES SOCIAIS, UNIVERSITÁRIOS DA SAÚDE, SAÚDE MENTAL DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CURSO DE ODONTOLOGIA – Paula de Lima Soares Varella e Letícia dos Santos Vieira (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF).

A clínica odontológica é um ambiente favorável ao desencadeamento da denominada ansiedade dentária. Fenômeno de etiologia multifatorial, esta pode ser estabelecida a partir do medo de possível dor durante o procedimento, de experiências negativas anteriores; pode ainda derivar de comportamento do cirurgião-dentista, associando suas condutas a habilidades não somente técnicas, mas também sociais. Na relação entre o profissional de saúde e o paciente, destaca-se a questão da comunicação e do desenvolvimento de habilidades sociais necessárias durante o tratamento odontológico. O ambiente acadêmico introduz o tema e busca reforçar ao longo do curso de odontologia os meios efetivos para que os estudantes percebam sua importância. Neste meio, é evidente que o conjunto de interações vivenciadas pelos alunos também pode influenciar no processo de aquisição de habilidades sociais necessárias ao exercício clínico que se refere. A interação com o paciente nesta relação profissional tem um nível de proximidade alto, que pode provocar espontaneamente essa percepção, exigindo habilidades interpessoais aliadas à precisão técnica. A literatura mostra que é essencial para a prática clínica que o estudante do curso de Odontologia esteja preparado a lidar com situações adversas como as encontradas em eventos que envolvem ansiedade dentária. Para isso, é preciso apurar a escuta ativa, a empatia, criar e fortalecer vínculos. Aperfeiçoa-se a comunicação não verbal, aprende-se a identificar problemas éticos, incentivando o reforço positivo e a reconhecer aspectos psicológicos que possam auxiliar o profissional competente para que este defina diagnóstico e tratamento específicos para determinadas psicopatologias. Este conjunto de ações tem a capacidade de potencializar a satisfação e a segurança do paciente e, reflexamente, do próprio profissional. As habilidades sociais aplicadas ao ambiente odontológico ampliam a chance de melhorar a qualidade de vida do paciente. Entendida como a percepção de como o indivíduo está inserido em seu próprio contexto de vida, a qualidade de vida abrange a saúde física e mental e também as relações interpessoais e sociais, daí o ponto de interseção com a matéria tratada. A melhora neste aspecto pode ser observada claramente quando se trata de situações clínicas mais graves, como em traumatologia buco-maxilo-facial ou pacientes com doença crônica, em que é grande o incômodo relacionado a este tipo de tratamento. De outra feita, tem-se o cirurgião-dentista atuando em equipes multidisciplinares, promovendo ações preventivas, interagindo de maneira comunitária, relevando a necessidade de uma formação mais completa. Esse aspecto vem, por fim, valorizar o tópico da humanização em saúde, do cuidado integral em saúde, que pode ser alcançado intuitiva e descomplicadamente pelo profissional quando este incorpora esses conceitos, idealmente recebidos desde a graduação à sua demanda e prática clínica. O objetivo deste trabalho é o de destacar a importância do desenvolvimento de habilidades sociais nos estudantes de Odontologia. O assunto deve ser repassado de forma que compreendam o que é habilidade social e maneiras de desenvolver e aperfeiçoá-las em relações interpessoais e, sublinhe-se, com os pacientes. **Palavras-chave:** relação profissional-paciente; odontologia; habilidades sociais.

3.3 HABILIDADES SOCIAIS DE MÃES DE CRIANÇAS COM RESISTÊNCIA AO TRATAMENTO ODONTOLÓGICO - Daniella Miranda Remijo, Guilherme Nogueira, Luciane Ribeiro de Resende Sucas da Costa e Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini (Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia - GO)

O comportamento de crianças e adolescentes durante o tratamento odontológico vem chamando atenção de pesquisadores. No contexto odontopediátrico, é frequente a resistência de crianças pequenas ao atendimento odontológico ou a presença clara de sofrimento com o tratamento. Observa-se também, na prática diária em odontopediatria, que o comportamento do acompanhante parece influenciar o comportamento da criança durante o atendimento. Assim, o conhecimento da relação entre o repertório de habilidades sociais educativas parentais e o comportamento da criança resistente, pode ampliar as possibilidades de abordagem aos pais e crianças, a fim de permitir um manejo do comportamento mais eficaz e contribuir com o sucesso do tratamento odontológico. O objetivo deste estudo foi avaliar as habilidades sociais educativas de mães de crianças com resistência ao tratamento odontológico. Para este relato preliminar, participaram 10 mães de crianças com idade de 4 a 6 anos, e necessidade de tratamento odontológico sob sedação consciente, no Núcleo de Estudos em Sedação Odontológica- NESO, na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO, Brasil. Uma psicóloga treinada entrevistou as mães utilizando o Roteiro de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). Os dados foram analisados descritivamente no software IBM SPSS v. 19. As mães tinham de 22 a 40 anos de idade (mediana 25,5) e oito eram casadas; seis tinham o ensino médio completo e as demais, menor nível de educação formal; seis trabalham fora. As crianças tinham de 46 a 65 meses (mediana 57,5); metade das crianças era do sexo masculino, primogênito e frequentava escola. A renda familiar variou de um a quatro salários mínimos (mediana 2,0). Os escores observados nas subcategorias do RE-HSE-P foram (mediana; mínimo-máximo): habilidades sociais educativas parentais (7,0; 2,0-11,0);



habilidades sociais infantis (8,5; 2,0-13,0); variáveis de contexto (9,5; 3,0-16,0); práticas educativas negativas (6,5; 2,0-12,0); problemas de comportamento da criança (6,5; 3,0-12,0); total positivo (26,0; 15,0-39,0); total negativo (16,5; 8,0-22,0). Verificaram-se categorias clínicas em: habilidades sociais educativas parentais (n=9), habilidades sociais infantis (n=5), variáveis de contexto (n=5), práticas educativas negativas (n=5), problemas de comportamento da criança (n=3), total positivo (n=3), total negativo (n=3). Observou-se grande número de mães que apresentaram escores clínicos nos itens de habilidades sociais educativas parentais, e metade das mães apresentaram escores clínicos em práticas negativas. Estes resultados, embora preliminares e com uma amostra pequena, parecem indicar que o pouco repertório de habilidades sociais educativas dessas mães pode influenciar no comportamento dessas crianças, à medida que elas têm dificuldades em lidar com esse momento do tratamento odontológico que é uma situação ansiogênica, o que exige da criança uma forma mais assertiva na expressão e comunicação de seus sentimentos. Assim, pretende-se discutir acerca da influência das habilidades sociais educativas dessas mães, bem como o quanto o impacto do treino das habilidades deficitárias pode contribuir para a ampliação das possibilidades de intervenção na área da saúde, em geral, e no tratamento odontológico, em particular. **Palavras-chave:** relações interpessoais pais e filhos; habilidades sociais educativas; saúde física e mental.

MR04. HABILIDADES SOCIAIS DE POPULAÇÕES VULNERÁVEIS: INVESTIGANDO FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO – Proponente: Ana Carolina Braz (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

As habilidades sociais são entendidas como um tipo específico de comportamento social que possui alta probabilidade de produzir consequências positivas tanto para o indivíduo como para as pessoas do seu grupo social. Há um conjunto substancial de evidências empíricas de que um bom repertório de habilidades sociais está relacionado a uma trajetória de sucesso, enquanto que déficits nessa área são associados com transtornos mentais e problemas de comportamento. Estas relações entre recursos e fatores de proteção bem como entre déficits e fatores de risco torna-se crucial em grupos considerados vulneráveis e, portanto, mais propensos à violação de seus direitos, como é o caso de adolescentes, mulheres adultas e idosos. Esta Mesa Redonda tem como objetivos apresentar e discutir os resultados e as implicações de pesquisas sobre habilidades sociais conduzidas com estas três populações vulneráveis. O primeiro trabalho desta Mesa Redonda teve como objetivo examinar o desempenho social de adolescentes nas suas interações com a família, pares e parceiros românticos. Participaram do estudo 40 adolescentes (27 meninas e 13 meninos), com idade entre 13 e 17 anos, moradores de comunidades (favelas) e que frequentavam um programa de inserção laboral oferecido por uma Organização Não-Governamental (ONG) na cidade do Rio de Janeiro. Foi utilizada uma abordagem qualitativa e técnica de coleta de dados com grupo focal. Nas interações com as pessoas da família, os adolescentes apresentaram com mais frequência comportamentos passivos, seguidos de agressivos. Já nas interações com os grupos de pares e parceiros românticos prevaleceram os comportamentos habilidosos. Os resultados indicaram que as habilidades sociais de civilidade e assertividade apresentadas nas interações dos adolescentes com seus interlocutores atuam como fator de proteção. A segunda apresentação desta Mesa teve como objetivos apresentar as propriedades psicométricas de uma escala multidimensional de assertividade e os dados de caracterização do repertório assertivo de mulheres inseridas no mercado de trabalho. Participaram da pesquisa 190 mulheres, naturais do estado do Maranhão e residentes na capital São Luís, com nível de escolaridade superior, inseridas no mercado de trabalho dos setores da Educação e Saúde. Para coleta dos dados utilizou-se o Inventário de Habilidades Assertivas – IHA. Os principais resultados apontaram maior média para a habilidade assertiva defender outrem em grupo e menor média para a habilidade de abordar para relacionamento sexual. Hipóteses relacionadas com variáveis sociodemográficas e culturais da amostra são levantadas para explicação desses dados. Por fim, o terceiro trabalho tem como objetivo comparar solidariedade familiar e qualidade de vida em idosos com Repertório baixo (abaixo da mediana, G1) e Repertório elevado (acima da Mediana, G2). Os resultados indicaram escores menores de G1 na Solidariedade Intergeracional Afetiva e a para a faceta Intimidade do WHO-QOL-OLD. Discutem-se as implicações dos resultados destes três estudos para o atendimento destas populações, por meio de programas de intervenção bem de formulação de políticas públicas. **Palavras-chave:** habilidades sociais, adolescentes, mulheres, idosos.

4.1 RELAÇÕES INTERPESSOAIS E HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE CONTEXTOS SOCIAIS VULNERÁVEIS – Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ e Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ), Luana de Mendonça Fernandes, Neidiany Vieira Jovarini e Ana Maria El Achkar (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

A passagem a novos grupos e contextos sociais impõe, ao adolescente, demandas interpessoais e torna mais provável a sua exposição ao risco. Estudos indicam que o trabalho exercido por adolescentes caracteriza-se numa situação de



vulnerabilidade psicossocial. Contudo, a adolescência envolve o enfrentamento de circunstâncias que transcendem a preparação para o início da atividade laboral. Nesse aspecto, apresentar um repertório elaborado de habilidades sociais pode funcionar como fator de proteção para adolescentes de contextos sociais vulneráveis e que estejam buscando trabalho. A partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, a presente pesquisa teve por objetivo examinar o desempenho social de adolescentes nas suas interações com a família, pares e parceiros românticos. Participaram do estudo 40 adolescentes (27 meninas e 13 meninos), com idade entre 13 e 17 anos, moradores de comunidades (favelas) e que frequentavam um programa de inserção laboral oferecido por uma Organização Não-Governamental (ONG) na cidade do Rio de Janeiro. Foi utilizada uma abordagem qualitativa e técnica de coleta de dados com grupo focal. Os dados foram coletados por meio da realização de quatro grupos focais, com 8 a 12 adolescentes em cada grupo, com duração média de 90 minutos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano da Universidade Salgado de Oliveira, de acordo com o Parecer nº 465.568, CAAE: 23179713.4.0000.5289. Antes de participarem do estudo, todos os adolescentes entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinados por seus responsáveis legais e responderam a um Questionário sobre nível socioeconômico. Os dados foram analisados por meio de Análise de Conteúdo temático-categórica. Investigaram-se três núcleos temáticos: (1) interações com os membros da família; (2) interações com grupos de pares; (3) interações com parceiros românticos. Para esses núcleos foram definidas três categorias *a priori*: (1) comportamento habilidoso; (2) comportamento não habilidoso agressivo; (3) comportamento não habilidoso passivo. Nas interações com as pessoas da família, os adolescentes apresentaram com mais frequência comportamentos passivos, seguidos de agressivos. Já nas interações com os grupos de pares e parceiros românticos prevaleceram os comportamentos habilidosos. Os resultados indicaram que as habilidades sociais de civilidade e assertividade apresentadas nas interações dos adolescentes com seus interlocutores atuam como fator de proteção. São discutidas as implicações das relações interpessoais baseadas em agressividade e passividade entre os adolescentes e os membros da família, pares e parceiros românticos. Os dados da pesquisa possibilitaram conhecer a realidade sociocultural e as vivências dos adolescentes em situação de vulnerabilidade psicossocial que serão utilizados em um programa de Habilidades Sociais. (FAPERJ) **Palavras-chave:** Adolescência, habilidades sociais, fatores de risco e proteção.

4.2 ASSERTIVIDADE: ESCALA MULTIDIMENSIONAL E CARACTERIZAÇÃO DO REPERTÓRIO DE MULHERES INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO - Catarina Malcher Teixeira (Universidade Federal do Maranhão, UFMA, São Luís - MA) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

A literatura acerca da assertividade feminina tem indicado mudanças expressivas no repertório das mulheres ao longo dos anos, bem como tem discutido o papel das variáveis sociodemográficas nessas mudanças. Assim, é pertinente analisar o papel da mulher nos diversos contextos da sociedade contemporânea, já que se verifica uma longa história de coerção sobre o sexo feminino. Aliada a essa situação pode-se afirmar que os estudos brasileiros sobre habilidades sociais, das quais a assertividade é uma classe, encontram-se em ascensão. Por outro lado, é possível identificar uma escassez de instrumentos para avaliar esse construto em mulheres. De outra forma, pouco tem se discutido sobre essa questão na Psicologia. Esta apresentação tem como objetivos: apresentar as propriedades psicométricas de uma escala multidimensional de assertividade e os dados de caracterização do repertório assertivo de mulheres inseridas no mercado de trabalho. Participaram da pesquisa 190 mulheres, naturais do estado do Maranhão e residentes na capital São Luís, com nível de escolaridade superior, inseridas no mercado de trabalho dos setores da Educação e Saúde. A idade das participantes variou de 26 a 69 anos, com média de 41,16 ($DP= 9,4$). Para coleta dos dados utilizou-se o Inventário de Habilidades Assertivas – IHA. Trata-se de um instrumento de autorrelato, composto de uma folha de instruções e uma folha de itens, constituindo uma versão resumida e adaptada de itens do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). O IHA traz alguns diferenciais se comparado a outros instrumentos que avaliam a assertividade: além de avaliar a frequência de autorrelato da resposta assertiva frente a diferentes demandas sociais, preocupa-se também em incluir outros elementos que estão relacionados com a assertividade, como desconforto, efetividade da resposta assertiva, avaliação social e avaliação pessoal da respondente acerca da resposta assertiva. A presença desses quatro indicadores adicionais ao tradicionalmente presente (frequência) permite ao avaliador obter outras informações sobre aspectos relevantes presentes na emissão da resposta assertiva. Os dados da análise fatorial exploratória, conduzida com base no indicador de frequência do IHA, produziram um fator único, com 16 itens e consistência interna de 0,82. Quanto à caracterização da assertividade, os dados foram analisados descritivamente. Os principais resultados apontaram maior média para a habilidade assertiva *defender outrem em grupo* e menor média para a habilidade de *abordar para relacionamento sexual*. Hipóteses relacionadas com variáveis sociodemográficas e culturais da amostra são levantadas para explicação desses dados. O estudo mostrou também que a escala apresenta bons indicadores iniciais de validade e precisão para a avaliação do construto assertividade, ainda que se reconheça a necessidade de



novas investigações com população feminina com características sociodemográficas variadas para compreensão mais ampla da asserção feminina. (FAPEMA) **Palavras-Chave:** assertividade, mulheres, mercado de trabalho.

4.3 REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EM IDOSOS: UMA DELICADA RELAÇÃO COM QUALIDADE DE VIDA E SOLIDARIEDADE FAMILIAR - Ana Carolina Braz (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP), Anne Marie V. G. Fontaine (Universidade do Porto - Portugal) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Com o crescente envelhecimento populacional, torna-se mais importante do que nunca que as gerações aprendam a como se relacionarem entre si. No caso de pais idosos e de filhos adultos, é possível que entre eles haja trocas afetivas e de sentimentos, contato físico e telefônico, comunicação sobre opiniões e valores, oferecimento de apoio, expressão e negociação das expectativas sobre obrigações e normas, conforme descrito no modelo da Solidariedade Intergeracional (SI). Paralelamente, na Psicologia, pesquisadores do campo teórico-prático das Habilidades Sociais (HS), têm encontrado evidências de que um repertório elevado de habilidades sociais pode favorecer à qualidade do relacionamento, enquanto que, déficits em HS podem trazer impactos negativos para o relacionamento bem como para a qualidade de vida (QV). O objetivo deste trabalho foi investigar a relação entre diferentes repertórios de habilidades sociais e as dimensões de solidariedade intergeracional bem como a percepção de qualidade de vida pelos idosos. Foram avaliadas 69 díades de pais idosos e de filhos adultos, de ambos os sexos. Os instrumentos utilizados foram: IHS-Del-Prette, IHSI-Del-Prette, Índice de Solidariedade Intergeracional e WHO-QOL-OLD. A apuração das HS conforme os dados normativos possibilitou a identificação de dois grupos de idosos: Repertório baixo (abaixo da mediana, G1) e Repertório elevado (acima da Mediana, G2). Os dois grupos foram comparados em relação às HS e SI avaliadas pelos idosos e por seus filhos, bem como pela QV, avaliada apenas pelos idosos. Os resultados indicaram escores menores de G1 na Solidariedade Intergeracional Afetiva e a para a faceta *Intimidade* do WHO-QOL-OLD. Discutem-se as implicações desses resultados para o convívio intergeracional e também são feitas recomendações para a formação de profissionais de saúde que atuem com famílias e/ou envelhecimento, bem como para a elaboração, planejamento e promoção de programas de habilidades sociais e de solidariedade no convívio intergeracional, a fim de promover saúde e qualidade de vida. **Palavras-chave:** habilidades sociais, idosos, avaliação.

MR05. A EMPATIA NO CENTRO DAS DISCUSSÕES SOBRE VIOLÊNCIA NO NAMORO, PRECONCEITO E BULLYING – Proponente: Karine Brito dos Santos (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

A empatia é um dos comportamentos sociais que reúnem evidências favoráveis ao desenvolvimento de relações saudáveis. O ensino de habilidades de empatia envolve desde a prestar atenção, observar, ouvir e demonstrar de interesse pelo outro, expressar atenção pela experiência ou sentimento do outro, compartilhar, oferecer ajuda, além de demonstrar respeito pelas diferenças, reconhecer e inferir sentimentos do interlocutor, e, ainda, assumir perspectiva para compreender a situação. Diversos comportamentos abusivos de natureza inter-relacional, associados a experiências de perpetração e vitimização de violência no namoro, preconceito e *bullying*, parecem estar negativamente associados com o desenvolvimento pró-social da empatia, constituindo um possível inibidor desses problemas. Nesta mesa redonda, pretende-se discutir três eixos temáticos: (1) A empatia como fator de proteção à violência no namoro, e a construção de uma intervenção preventiva com base nos pares e na abordagem do espectador para mobilizar comportamentos de ajuda na rede de amizades; (2) O papel da empatia na redução do preconceito, e a efetividade de intervenções apoiadas na tomada de perspectiva como uma estratégia promissora para melhorar as relações e aumentar a ajuda intergrupos; (3) A importância da empatia no combate ao *bullying*, e a necessidade de intervenções focadas no ensino de habilidades de empatia para indivíduos envolvidos em *bullying*. A construção de uma intervenção com base no ensino de habilidades de empatia é útil para ilustrar a aplicabilidade da empatia como uma estratégia de prevenção à violência no namoro. A discussão sobre intervenções apoiadas na tomada de perspectiva do outro possibilita não somente a identificação/reconhecimento das diferenças intergrupos, como contribui para reduzir a confiança em estereótipos, possibilitando, por exemplo, subsidiar e estimular a pesquisa pautada na redução de preconceito e, conseqüentemente, na melhoria das relações intergrupos. O estudo de habilidades sociais de empatia em estudantes envolvidos em *bullying* e a análise de intervenções voltadas para participantes de *bullying* focadas em ensinar empatia, sinalizam que a empatia está inversamente correlacionada com o envolvimento em *bullying*, sugerindo a necessidade de pesquisas e intervenções para o combate e prevenção de *bullying* focadas no ensino da empatia. Embora a empatia seja potencialmente promissora no enfrentamento e prevenção desses comportamentos inter-relacionais negativos, pesquisas e intervenções específicas desenhadas para o ensino de habilidades de empatia ainda constituem um vasto campo de estudos a ser explorado, notadamente, se



considerada a plausibilidade de co-ocorrência desses três problemas-alvo. Nesta mesa, espera-se dar centralidade a temática da empatia, favorecendo a troca de experiências e partilha de aportes teóricos e base de evidências disponíveis sobre técnicas, procedimentos e intervenções de promoção de empatia nesses três campos. **Palavras-chave:** violência no namoro, prevenção, empatia, preconceito,

5.1. A EMPATIA COMO FATOR DE PROTEÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO: UMA INTERVENÇÃO BASEADA NOS PARES E NA ABORDAGEM DO ESPECTADOR - Karine Brito dos Santos e Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

A violência no namoro é um fenômeno de elevada magnitude no Brasil, constituindo um substancial problema de saúde pública, com impactos negativos para a saúde física, sexual e psicológica dos jovens. Embora diversos fatores de risco, intrapessoais e contextuais, possam afetar trajetórias de violência nas relações de namoro dos adolescentes (p. ex. amigos envolvidos, como vítimas ou perpetradores, em violência no namoro; baixa qualidade da amizade), a literatura sobre fatores de proteção é escassa, com destaque, no nível individual, para a empatia elevada. Evidências sugerem que a baixa empatia está associada à violência no namoro, e que uma boa capacidade de empatia potencialmente inibe a agressão. A empatia em relação ao parceiro refere-se à habilidade de compreender o ponto de vista do outro e sentir compaixão, estando inversamente associada, para ambos os sexos, ao uso de violência psicológica. A probabilidade de um adolescente ser agressivo contra o parceiro no namoro é maior, portanto, quando o nível de empatia é baixo e, por sua vez, quando os escores de empatia são elevados, as chances de perpetração são menores. Considerando que a empatia é um fator de proteção para violência no namoro, e que apenas 5% dos adolescentes buscam ajuda nesses contextos, preferencialmente dos amigos, o ensino de habilidades de empatia parece promissor na mobilização de comportamentos de ajuda na rede de amizades. Este estudo tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de uma intervenção baseada nos pares e na abordagem do espectador com foco na prevenção à violência no namoro. Um delineamento quase experimental, com grupo controle lista de espera, medidas pré e pós-intervenção e follow-up de 3 e 6 meses serão utilizadas. A condição experimental é composta por três sessões vivenciais-psicoeducativas de 90 minutos cada uma, abordando três eixos temáticos: (1) características saudáveis e não saudáveis do namoro; (2) rede de amizades e mobilização de comportamentos de ajuda entre os pares; (3) intervenção do espectador em resposta à violência no namoro e empatia. O procedimento relativo às três sessões foi elaborado como resultado desse trabalho, detalhando os objetivos, atividades e conteúdos abordados. Espera-se que o desenho da intervenção favoreça o aumento da empatia do espectador em resposta à violência no namoro, através do incentivo à consideração empática e a tomada de perspectiva do outro. Discute-se, ainda, a importância do ensino de habilidades de empatia, em relação ao parceiro e, sobretudo, entre os amigos na rede social de pares, como uma ferramenta potencialmente poderosa de prevenção à violência no namoro. (CAPES) **Palavras chave:** violência no namoro, prevenção, empatia.

5.2. TOMADA DE PERSPECTIVA E REDUÇÃO DE PRECONCEITO: O PAPEL MEDIADOR DA EMPATIA - Tânia Maria Santana de Rose (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP) e Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Na presente apresentação pretende-se discutir o uso da estratégia de tomada de perspectiva - consideração ativa das experiências subjetivas e estados mentais dos outros- e o papel da empatia como fatores favorecedores da redução de preconceito e promoção de relações intergrupos positivos. Nas relações entre membros de diferentes grupos étnico/raciais, grupos políticos e grupos sociais estigmatizados as pessoas tendem a não apresentarem empatia automaticamente, a não demonstrarem reação afetiva causada por e congruente com emoções de outras pessoas. Dada a influência do fator afetivo na manutenção do preconceito, psicólogos sociais e do desenvolvimento sociocognitivo tem conduzido um substancial conjunto de estudos experimentais visando a avaliação dos efeitos de diferentes graus de indução da tomada de perspectiva e da empatia em relação a membros de exogrupos. Com base nos subsídios fornecidos por uma revisão de estudos pautados na avaliação dos efeitos da estratégia de tomada de perspectiva, pretende-se analisar os aspectos envolvidos na intervenção e na avaliação, bem como os resultados relativos à redução do preconceito e melhoria das relações entre membros de diferentes grupos étnico/raciais e outros grupos sociais. Espera-se que esta análise contribua para subsidiar e estimular a pesquisa dirigida para redução de preconceito e melhoria das relações intergrupos em nosso meio. Os resultados da análise indicam que, em geral, a manipulação característica consiste em proporcionar aos participantes um contato com uma descrição de uma situação experienciada por um membro alvo pertencente a um exogrupo; solicitar o seguimento de instruções que encorajem a tomada de perspectiva da pessoa alvo seja imaginando os estados mentais desta pessoa ou imaginando seus próprios estados mentais como se ele fosse a pessoa alvo. Em geral, os efeitos baseiam-se em comparações dos resultados



relativos a avaliação das reações em relação a pessoa alvo e/ou grupo social alvo apresentadas pelo grupo que foi submetido a intervenção, pelo grupo que recebeu instruções com foco no desencorajamento de tomada de perspectiva e do grupo controle. Os participantes dos grupos intervenção tem maior probabilidade apresentarem resultados superiores aos demais grupos quanto à avaliação explícita e implícita do exogrupo, à diferentes indicadores comportamentais e a disposição de ajudar membros do exogrupo. Os resultados positivos e consistentes possibilitam concluir que a intervenção apoiada na tomada de perspectiva como uma estratégia promissora e efetiva para a melhoria de relações intergrupos na medida em que possibilita avaliações intergrupos implícitas e explícitas favoráveis; mais forte tendência para uma abordagem orientada para a ação e aumento de ajuda intergrupos; redução da confiança em estereótipos e aumento do reconhecimento /identificação das disparidades intergrupos. **Palavras chave:** empatia, tomada de perspectiva, preconceito.

5.3. BULLYING E EMPATIA: O QUE AS PESQUISAS MOSTRAM SOBRE ESSA RELAÇÃO? Camila Negreiros Comodo e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

O bullying é compreendido como um comportamento agressivo, intencional e recorrente de um ou mais alunos com maior poder (físico, social ou psicológico) em relação a um colega, produzindo consequências negativas para o último. Principalmente pelas consequências negativas que produz tanto para as vítimas quanto para os agressores e para a comunidade escolar como um todo, esse fenômeno passou a ser estudado a partir da década de 1980, procurando-se investigar variáveis associadas com o bullying, formas de avaliá-lo, impacto sobre as pessoas envolvidas e intervenções com o objetivo de prevenir ou combater esse tipo de violência. Uma vez que o bullying ocorre nas relações interpessoais entre os estudantes, uma vertente de pesquisadores tem se debruçado sobre a importância das habilidades sociais para o bullying, tanto no sentido de encontrar relações entre esses constructos quanto com o objetivo de planejar intervenções focadas no desenvolvimento de habilidades sociais para a diminuição do bullying. Uma das habilidades sociais que tem sido avaliada nas pesquisas sobre bullying é a empatia, definida como o comportamento de compreender e compartilhar o estado emocional dos outros e expressar de forma verbal ou não verbal desse entendimento. Considerando que a empatia é importante para o relacionamento saudável entre as pessoas, e que o bullying implica em prejuízos para os relacionamentos interpessoais, parece ser relevante compreender a relação entre esses dois constructos. Dessa forma, os objetivos desse trabalho são (1) mostrar e analisar os resultados de pesquisas realizadas com foco na relação entre empatia e bullying; e (2) apresentar dados de uma pesquisa realizada no contexto brasileiro que traz informações sobre a empatia de estudantes envolvidos diretamente e indiretamente em bullying. Para atingir o primeiro objetivo foram analisadas 67 publicações encontradas em uma pesquisa nas bases de dados Scielo, Psycinfo, Web of Science e no Corpus HS com as palavras-chave habilidades sociais e bullying, procurando estudos que tivessem foco nas habilidades sociais de empatia. Para atingir o segundo objetivo foi realizada uma pesquisa com 241 adolescentes de 11 a 16 anos de uma escola pública, os quais responderam a questionários sobre habilidades sociais (IHSA-Del Prette) e bullying (QIPVE e Peer Assessment). Os resultados encontrados na revisão da literatura são de que há apenas sete estudos que avaliam especificamente a empatia de estudantes envolvidos em bullying e seis pesquisas que realizaram intervenções focadas em ensinar empatia para participantes de bullying. Esses poucos estudos encontrados trazem dados de que a empatia é importante para o combate ao bullying. Os resultados da pesquisa empírica realizada no contexto brasileiro também indicam que a empatia é uma das classes de habilidades sociais correlacionadas negativamente com o envolvimento em bullying. Esses resultados apontam para a necessidade de pesquisas e intervenções focadas em empatia para o combate e prevenção de bullying. (CAPES) **Palavras chave:** bullying, empatia, habilidades sociais.

MR06. TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS COMO CONDIÇÃO FAVORECEDORA PARA O CONTROLE DE COMPORTAMENTOS-PROBLEMA - Proponente: Gina Nolêto Bueno e Lohanna Nolêto Bueno (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Goiânia - GO)

Para a Análise do Comportamento, tudo aquilo que os seres vivos fazem, de forma pública ou privada, é considerado comportamento. Logo, uma ciência que se propõe estudar o ser humano em suas interações com o ambiente, impreterivelmente se pauta pelo estudo desse complexo fenômeno. O repertório comportamental do indivíduo é instalado, modelado, fortalecido ou extinto a partir da contínua interação com o ambiente. E assim se desenvolvem diferentes pessoas com diferentes padrões de comportamentos, graças ao fenômeno da seleção por consequências. Isto é, a depender das consequências ocorridas, alguns comportamentos serão mantidos e outros não. Entretanto, como produtos dessa seleção, poderão ocorrer comportamentos apropriados, comportamentos esses que favorecerão qualidade de vida. Mas também, comportamentos inapropriados, que são de dois tipos: (a) deficitários – poucos



comportamentos de um mesmo tipo – e excessivos – muitos comportamentos de um mesmo tipo. Os parâmetros para classificação de comportamentos deficitários e excessivos são as regras e convenções do contexto social. Por essa perspectiva, os comportamentos-problema são aqueles que produzem consequências aversivas aos indivíduos que se comportam ou àqueles com quem se comportam. Assim, as classes de comportamento que ocorrem em situações sociais ganham destaque por estarem relacionadas com a saúde, a satisfação pessoal, a realização profissional e a qualidade de vida. Quanto mais variados os repertórios de um indivíduo, mais condições ele terá para enfrentar, de forma apropriada, as contingências aversivas que porventura lhe ocorram. Por outro lado, indivíduos com poucos repertórios se tornam mais vulneráveis às condições estressantes, o que poderá levar à instalação de comportamentos-problema ou das chamadas psicopatologias. A partir desses pressupostos, deduz-se que, sendo a falta de repertório de comportamentos socialmente competentes uma das condições para instalação de comportamentos-problema, logo, intervenções focadas no desenvolvimento de comportamentos eficientes são um valioso recurso para controle desses comportamentos complexos. Assim, o objetivo da presente mesa será apresentar metodologia de avaliação comportamental para: (a) a avaliação de déficits (e.g., comportamentos passivos) e excessos (e.g., comportamentos agressivos) nas interações sociais, por meio da avaliação funcional (e.g., análise funcional, análise da frequência de comportamentos assertivos, passivos e agressivos), bem como apresentar ferramentas específicas para o seu controle (e.g., Inventário de Habilidades Sociais); (b) delineamento de procedimentos para intervenção nos comportamentos-problema identificados; e de como (c) avaliar a efetividade da intervenção aplicada. Com essa finalidade, essa mesa apresentará intervenções para diversos comportamentos-problema, tais como: esquizofrenia, tricotilomania e comportamentos agressivos e passivos em relações sociais e conjugais. A partir dos vários estudos realizados, evidencia-se a efetividade do treinamento de habilidades sociais, ou o desenvolvimento de competências comportamentais, como resposta alternativa ao controle do comportamento-problema e à qualidade de vida. **Palavras-chave:** déficits e excessos comportamentais, educação e reeducação, aquisição de competências clínicas, análise do comportamento aplicada.

6.1 A EFICÁCIA DO ENSINO DOS PRINCÍPIOS BÁSICOS DE APRENDIZAGEM NA MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS-PROBLEMA – Lohanna Nolêto Bueno e Kássia Chalon Águes (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Goiânia - GO)

Este trabalho objetiva apresentar a acadêmicos e profissionais da saúde ferramentas que lhes favoreçam melhor capacitar as pessoas assistidas com habilidades sociais eficientes não apenas ao controle de contingências aversivas, mas também torná-los mais eficientes de modo geral. A Análise do Comportamento Aplicada, em seu objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas, faz uso de técnicas e procedimentos para lhes ensinar a se comportarem de maneira a maximizar consequências reforçadoras, ao apresentarem comportamentos apropriados. Assim, o maior desafio do analista do comportamento consiste em levar o indivíduo a discriminar corretamente os estímulos disponíveis em seu ambiente, classe de comportamento esta que é complexa e rara. Logo, sua falta implica no desenvolvimento de comportamentos-problema que, por sua vez, desencadeiam as chamadas psicopatologias. Pesquisas aplicadas têm demonstrado que ensinar os princípios básicos de aprendizagem possibilita ao cliente discriminar os encadeamentos de comportamentos a sua volta, bem como a modificação de operantes (verbal público e privado, e não verbais). A avaliação funcional, ou linha de base, possibilita a identificação dos agentes causadores e mantenedores do comportamento-problema, além da identificação das demandas, quando se estabelece o procedimento a ser aplicado. ‘Ensinar princípios básicos de aprendizagem’ (e.g., comportamentos público e privado; modelação; modelação, extinção; reforçamento e punição [positivos e negativos]), apresentados de forma didática, e aplicados a diferentes classes de comportamentos-problema (e.g., obsessivo-compulsivo, tricotilomania), tem funcionado como relevante ferramenta na modificação de comportamentos-alvo. Pesquisadores têm feito uso dessa iniciativa, com o suporte de um notebô, aparelhado com o software power point, numa formatação pedagógica que associam esses princípios com exemplos cotidianos da pessoa assistida. Resultados têm demonstrado a aquisição de melhor discriminação das contingências e maior competência social. Essas aulinhas teórico-práticas, no perfil do cliente, são recursos dinâmicos que investem na educação dessa pessoa para melhor capacitá-la à reeducação clínico-comportamental. Também favorecem a aquisição de eficientes repertórios sociais. Ao final o conteúdo apresentado é entregue impresso ao cliente, para lhe favorecer pesquisa fora do setting clínico, a fim de que o controle comportamental e de estímulos possa se tornar uma contingência favorecedora de consequências reforçadoras. Em uma intervenção numa relação conjugal conflituosa, o procedimento foi aplicado para demonstrar à participante as consequências dos comportamentos dela em seu casamento. Esta avaliava como inapropriados apenas os comportamentos do esposo. Após o procedimento, a participante discriminou que aplicava erroneamente os princípios em seu casamento. Então, passou a liberar reforçadores apropriados a comportamentos eficientes do marido e não



liberar reforçador algum aos comportamentos agressivos dele. A consequência observada foi a mudança de comportamento de ambos. Em outro estudo sobre tricotilomania, esse mesmo procedimento educacional foi aplicado e resultou na compreensão da participante que tricotilomania era uma classe de comportamento que adquiriu para lidar com o contexto aversivo que enfrentava. Logo, era passível de mudança. O treino de comportamento alternativo, a partir dessa primeira intervenção favoreceu a redução das respostas de tricotilomania. Em ambos os estudos o procedimento aplicado parece ter contribuído para maior capacitação de discriminação das participantes em seu dia-a-dia e adesão ao programa de modificação comportamental. **Palavras-chave:** análise do comportamento, discriminação, competência social.

6.2 EDUCAÇÃO SOBRE OS TRÊS ESTILOS DE RESPOSTA SOCIAL PARA MODIFICAÇÃO DE REPERTÓRIOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS – Maíra Ribeiro Magri, Sarah Danielle Pereira Fontes e Larissa Andrade Bento (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC/Goiás - GO)

Pessoas com repertórios comportamentais eficientes lidam apropriadamente com seus papéis sociais. Pessoas com repertórios inapropriados costumam apresentar comportamentos ora passivos, caracterizados por dificuldade de expressão de sentimentos e opiniões, ora agressivos, implicando em comportamentos coercitivos, baixo autocontrole comportamental e emocional, ambos levando a consequências aversivas. Um treino de competências comportamentais pode favorecer o desenvolvimento de um repertório eficiente. O presente trabalho objetiva descrever o procedimento de Educação Sobre os Três Estilos de Resposta (passivo, agressivo e assertivo) e sua contribuição na aquisição de um repertório socialmente habilidoso. Esse procedimento consiste em: (a) apresentar, impressa em papel A4, a lista dos direitos humanos básicos para ser discutida; (b) com auxílio de um notebo e do software office power point, ensinar os três estilos de resposta; (c) analisar os comportamentos que foram registrados em diários de registros de comportamentos – DRC; (d) planejar comportamentos alternativos (e.g., expressar opinião etc.); (e) registrar novos comportamentos em DRC, classificando-os como passivos, assertivos ou agressivos; e (f) analisar a eficiência dos novos comportamentos, observando suas consequências. Dois estudos foram realizados com duas participantes, que apresentavam déficits em suas relações sociais. Em ambos a metodologia aplicada compôs-se de linha de base, intervenção e avaliação final. No primeiro estudo, a participante, de 27 anos, casada havia quatro anos, apresentava queixas de conflitos conjugais e laborais, tristeza e desesperança. Na infância, seus pais a educaram de modo punitivo. Casada, o esposo também apresentava modelo agressivo de comportamento. Após educação sobre os três estilos de resposta, a participante pôde perceber que se comportava passivamente (e.g., não expressava desagrado) e agressivamente (e.g., tratava o marido como empregado). Seu percentual de comportamentos passivos emitidos ao longo das três fases desse estudo foi: 33% na linha de base; 25% na intervenção; e 11% na avaliação final. Quanto aos comportamentos agressivos apresentou: 58% na linha de base; 30% na intervenção; e 13% na avaliação final. Em relação aos comportamentos assertivos observou-se: 9% na linha de base; 45% na intervenção; e 76% na avaliação final. No segundo estudo, a participante, de 28 anos, namorava há sete, apresentou queixas de conflitos afetivos e familiares. Infância com poucos contatos sociais, além dos familiares, não lhe favoreceu modelos de competência social. Seu ambiente presente também possuía modelos não assertivos. Com a aplicação da intervenção, a participante discriminou apresentar alta frequência de respostas agressivas (e.g., agressão verbal com o namorado) e passivas (e.g., não expressar desagrado com familiares). Seu percentual de comportamentos passivos foi: 40% na linha de base; 31% na intervenção; e 35% na avaliação final. Já os de comportamentos agressivos: 42% na linha de base; 13% na intervenção; e 5% na avaliação final. Quanto aos comportamentos assertivos: 18% na linha de base; 56% na intervenção; e 60% na avaliação final. Em ambos os estudos os resultados apontaram para um aumento considerável de respostas assertivas e diminuição de respostas passivas/agressivas. Esses resultados sugeriram eficiência ao se ensinar a discriminação das consequências dos estilos de respostas e aquisição de comportamentos alternativos. Logo, relevância ao treino de comportamentos socialmente hábeis. **Palavras-chave:** comportamentos passivos, comportamentos agressivos, comportamentos eficientes, competência social.

6.3 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA CONTROLE DE COMPORTAMENTOS COMPLEXOS - ESQUIZOFRENIA – Gina Nolêto Bueno, Janaína Gomes de Souza e Nelson Alves do Nascimento (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC/Goiás - GO)

De acordo com a abordagem tradicional, a esquizofrenia é definida como um transtorno mental de difícil intervenção, dada a complexidade de sua problemática intrinsecamente ligada a fatores biológicos, logo, passível de intervenção medicamentosa. Por outro lado, o modelo funcional, aplicado pela Análise do Comportamento, para além de reconhecer a importância dos aspectos biológicos, considera que tanto a explicação quanto a intervenção nessa classe



de comportamento-problema requer considerar os três tipos de seleção e de variação natural: a filogênese; a ontogênese; e a cultura. Logo, qualquer análise sobre esse fenômeno, o comportamento, requererá a formulação das interações do indivíduo com seu ambiente, ou seja, devem ser considerados: a ocasião em que ele ocorre; o próprio comportamento; e as consequências que o mantêm. E por ocorrer dessa forma, muitas vezes são necessárias intervenções para modificação do ambiente (entendendo-se como ambiente todo o contexto com o qual o indivíduo interage). Partindo dessa perspectiva, foram desenvolvidos dois estudos com participantes diagnosticados pela medicina psiquiátrica como esquizofrênicos. Com o primeiro participante foi aplicado um programa de modificação comportamental com o estabelecimento de regras, a fim de organizar o indivíduo de modo desejável em seu ambiente. O programa incluiu o treinamento em habilidades sociais que compreendeu-se de: (1) aulas teóricas sobre o responder socialmente, seguidas por exercícios [e.g., o que é comunicação, qual a função, como se comunicar corretamente, consequências positivas da comunicação]; (2) revisão dos conceitos e ensaio comportamental no setting; (3) elaboração de propostas a serem aplicadas em seu habitat natural [e.g., igreja, supermercados, casa de amigos e parentes]. O segundo estudo demonstrou o treinamento de habilidades sociais em uma participante que apresentava baixo repertório de competência social, comportamentos-problema próprios à instalação e manutenção do transtorno de esquizofrenia. Comportamentos eficientes foram treinados com o objetivo de incrementar o parco repertório dessa participante: (1) atribuindo responsabilidades – ensaio comportamental no setting para aquisição de repertórios para assumir responsabilidades [e.g., assinar a folha de frequência na Clínica Escola de Psicologia, anteriormente realizada pelo pai]; (2) descrição coerente dos dias, meses e anos – utilização de calendários semanal, mensal e anual para treiná-la a descrever corretamente as datas e orientação para consultar frequentemente uma agenda para organizar o seu tempo. Os resultados dos dois estudos apontaram progressos bastante significativos. O primeiro participante, após o treinamento na aquisição de novas habilidades sociais adequadas passou a apresentar falas mais coerentes, adquiriu um repertório básico de comportamento socialmente competente e passou a apresentar padrões mais assertivos de interações. Já com a segunda participante, as técnicas de intervenção aplicadas pelo marco da Análise do comportamento demonstraram aprendizagem de novas habilidades adequadas ao contexto (e.g., assumir responsabilidades antes delegadas ao pai, descrever de forma coerente as datas, organizar de forma apropriada o seu tempo, engajar-se nas atividades propostas). Assim, este estudo objetiva capacitar acadêmicos e profissionais de saúde a não apenas interagir com clientes que apresentem comportamentos próprios de esquizofrenia, mas também disponibilizar lhes recursos de controle dessa complexa classe de comportamento. **Palavras-chave:** treino de competências sociais, análise do comportamento aplicada, controle comportamental.

MR07. HISTÓRIAS INFANTIS E O DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO PRÓ-SOCIAL E HABILIDADES SOCIAIS – Proponente: Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jau – SP)

A literatura infantil é um importante recurso para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança, que contribui para a solução de problemas em suas interações com os pares, bem como com adultos. Nesse sentido, é possível inferir que existem diferentes instrumentos que podem ser utilizados com a criança. As fábulas são consideradas histórias de ação, curtas e simbólicas. As histórias infantis têm sido reconhecidas como fontes de comportamentos e valores que contribuem para interações sociais saudáveis, como por exemplo, a descrição verbal vocal de sentimentos, eventos e ações e habilidades sociais específicas, como a assertividade e habilidades educativas dos pais. Baseado nesses pressupostos, esta mesa redonda é composta por três estudos. O primeiro estudo conceitual pretende (a) ilustrar elementos observados em fábulas e relacioná-los às diferentes classes de habilidades sociais na infância; (b) analisar as diferentes classes de habilidades sociais requeridas dos pais para usar educativamente essas fábulas na promoção das habilidades sociais das crianças; (c) discutir maneiras de assessorar os pais, visando ensinar e estimular as Habilidades Sociais Educativas. Para essa apresentação, serão utilizadas duas fábulas, escolhidas por constituírem histórias de ação, curtas e simbólicas, consideradas adequadas para crianças entre 4 e 5 anos. O segundo estudo descritivo, têm como objetivo analisar funcionalmente os comportamentos sociais que podem ser classificados como assertivos, agressivos e passivos da personagem Emília do Sítio do Picapau Amarelo. Foram analisadas três obras de Monteiro Lobato. Após a leitura inicial, os episódios que retratavam comportamentos assertivos, passivos e agressivos de Emília foram transcritos e organizados em quadros de contingências tríplexes. A partir da análise dos comportamentos identificados, é possível supor que a personagem Emília possui, em seu repertório, as habilidades sociais referentes à classe de assertividade. Entretanto, não faz uso delas em determinados contextos, provavelmente porque, mesmo quando agressiva, é consequenciada positivamente pelo grupo em que está inserida. O terceiro estudo, empírico, teve como objetivo observar as descrições que oito crianças de 5 anos apresentaram acerca de uma história e as relações funcionais que estabelece entre os diferentes eventos e comportamentos envolvendo os personagens, bem como as relações que identificaram entre tais elementos e sua própria história de vida. Foi utilizada a história da Branca



de Neve e os Sete Anões, e desenhos coloridos em folha A3 com temas tratados pela história, como estímulos evocativos para encorajar as crianças a emitirem seus sentimentos, opiniões e descrições das relações observadas. Discute-se as histórias infantis como recurso na promoção das habilidades sociais na infância, bem como a importância em se trabalhar as Habilidades Sociais Educativas, dos agentes envolvidos. **Palavras-chave:** histórias infantis, repertório pró-social, habilidades sociais.

7.1 HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA: AS FÁBULAS COMO RECURSOS PARA A AÇÃO EDUCATIVA DOS PAIS - Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

A literatura infantil é um importante recurso que contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança e sua importância pode ser percebida logo na tenra infância. Isso se torna evidente observando as reações da criança quando responde com sorrisos ao som da voz da mãe, ou do pai ou mesmo dos avós. A criança se torna cúmplice desse momento de humor, de brincadeira e divertimento vivido pelos personagens, suscitando o imaginário. É possível dizer que a literatura infantil pode influenciar de maneira positiva neste processo, pois a criança através das fábulas, é capaz de internalizar aspectos importantes para um melhor desempenho social e, conseqüentemente, acarretar em benefícios no processo de escolarização. Estudos apontam que, cada vez mais, a educação tem se preocupado na formação de pessoas mais críticas, responsáveis e atuantes na sociedade. Acerca disso, remete-se à importância da promoção das Habilidades Sociais na infância. As chamadas Habilidades Sociais que se referem a um conjunto de componentes individuais necessários a uma relação interpessoal bem sucedida, são reconhecidas como fator de proteção para o desenvolvimento. Os adultos esperam que as crianças compartilhem os brinquedos, cumprimente as pessoas, peça desculpas e assim por diante, mas não compreendem exatamente qual a sua real contribuição para que isso ocorra. Para que os pais possam exercer o seu papel com efetividade, necessitam de instrução sobre como desenvolver em seus filhos comportamentos e regras adequadas à convivência social. As Habilidades Sociais Educativas (HSE), por sua vez, são um conjunto de habilidades sociais direcionadas para a promoção e desenvolvimento da aprendizagem do outro em situação formal e informal, sendo que déficits em HSE podem interferir na qualidade de interação entre pais e filhos. Baseado nesses pressupostos, esta apresentação tem os seguintes objetivos: (a) ilustrar elementos observados em fábulas e relacioná-los às diferentes classes de habilidades sociais na infância; (b) analisar as diferentes classes de habilidades sociais requeridas dos pais para usar educativamente essas fábulas na promoção das habilidades sociais das crianças; (c) discutir maneiras de assessorar os pais, visando ensinar e estimular as Habilidades Sociais Educativas. Para essa apresentação, serão utilizadas duas fábulas, escolhidas por constituírem histórias de ação, curtas e simbólicas, consideradas adequadas para crianças entre 4 e 5 anos. Serão utilizadas para esta análise as classes de Habilidades Sociais na Infância propostas por Del Prette e Del Prette (2005), que incluem, por exemplo, empatia, habilidades de civilidade, assertividade. As classes de HSE constarão daquelas propostas por Del Prette e Del Prette (2008), traduzidas em subclasses específicas que incluem itens para pais, por exemplo, estabelecer limites, corrigir, controlar. Serão discutidos alguns desafios e questões de pesquisa, envolvidos na promoção de habilidades sociais na infância, por meio de assessoria aos pais enquanto agentes educativos. (CNPq) **Palavras-chave:** habilidades sociais na infância, habilidades sociais educativas, fábulas.

7.2. O BRINCAR COM HISTÓRIAS INFANTIS: UMA CUNHA COMPORTAMENTAL PARA A AQUISIÇÃO DE COMPORTAMENTOS PROSSOCIAIS - Raquel Ramos Ávila (Universidade Católica de Brasília, UCB, Taguatinga - DF) e Laércia Abreu Vasconcelos (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

A expressão verbal vocal de crianças ao se referirem aos seus sentimentos ou ao descreverem eventos e ações de outras pessoas é um repertório comportamental que contribui para a solução de problemas em suas interações com os pares, bem como com adultos. O objetivo desta pesquisa foi observar as descrições que uma criança de 5 anos apresenta acerca de uma história e as relações funcionais que estabelece entre os diferentes eventos e comportamentos envolvendo os personagens, bem como as relações que identificou entre tais elementos e sua própria história de vida. Foi utilizado a história de Branca de Neve e os Sete Anões, e desenhos coloridos em folha A3 com temas tratados pela história, como estímulos evocativos para encorajar as crianças a emitirem seus sentimentos, opiniões e descrições das relações observadas. Oito crianças entre 5 anos e 5 anos e 7 meses participaram de um total de 10 sessões – 4 linhas de base (LB) divididas igualmente antes e após as 6 sessões de treino (T), com durações de 40 min e 20 min, respectivamente. Os resultados mostram aumento nas ocorrências de categorias comportamentais emitidas pelas crianças, no transcorrer do treino. Os dados sugerem a modelagem e a diversificação do repertório vocal de crianças entre meninos e meninas. As estratégias comportamentais utilizadas pela experimentadora com maior



frequência foram: “Formular Questões Específicas” (QE); “Encorajar” (E); e “Comentar” (CT) (Hugo). Entretanto, com outras crianças se destacou também “Aprovação Social” (AS) (Thaís, Alex e Diana). Entre as categorias comportamentais emitidas pelas crianças com mais alta probabilidade (46%), as quais foram seguidas pelo maior número de estratégias comportamentais por parte da experimentadora estão “Analisar” e “Fantasiar”, o que mostram os comentários e a identificação dos elementos das contingências centrais da história, relacionando com experiências pessoais. E ainda, inferir pensamentos e sentimentos dos personagens. As categorias “Dificuldade de Responder”, “Pronunciar Incorretamente”, “Formular Frase Incorreta” e “Responder Inacuradamente” foram mais altas em sessões de LB, diminuindo em sessões de T. Observa-se que a alta participação da criança com emissão de 93% das categorias comportamentais foi evocada pelas estratégias QE, AS e CT, seguidas por aproximadamente 70% de categorias comportamentais evocadas por “Formular Outras Questões” e “Encorajar”. O comportamento verbal vocal da criança pode ser modelado e fortalecido utilizando estímulos facilitadores característicos em interações sociais entre os membros da comunidade. Feedbacks que indicavam a atenção, aceitação e valorização da participação da criança em um contexto lúdico com tapete e almofadas, história infantil de desenhos sugerem a presença de reforçamento positivo em tais interações. As interações promovidas a partir de análises funcionais presentes em discussões das cenas do filme e dos desenhos impressos possibilitam a evocação e o reforçamento positivo de respostas verbais vocais, ao longo de suas interações com a experimentadora. (CNPq) **Palavras-chave:** habilidades sociais na infância, histórias infantis; análise funcional.

MR08. MANEJO DE CONTINGÊNCIAS NA PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA O CONTEXTO CLÍNICO – Proponente: Camila Negreiros Comodo (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Uma das queixas mais frequentes na prática clínica são as dificuldades de relacionamentos interpessoais. Não raramente, além de outras variáveis, tais dificuldades são associadas a déficits de habilidades sociais, nas diversas populações: crianças, adolescentes, adultos e idosos. Evidências da literatura têm apontado cada vez mais frequente, que os déficits de habilidades sociais impactam negativamente os diferentes contextos dos clientes, como relações pais e filhos, relação entre pares e relações afetivas/sexuais. Com a função de descrever quais são esses impactos das habilidades sociais para a vida dos clientes, e como podem ser arranjadas contingências para a promoção de um repertório socialmente hábil, esta mesa tem como principal objetivo apresentar três intervenções clínicas realizadas com clientes em atendimentos individuais cujas queixas principais são conflitos interpessoais e dificuldades focalizadas em déficits de habilidades sociais. As apresentações mostrarão dificuldades em habilidades sociais em diversas fases do desenvolvimento, desde os déficits de uma criança, de um adolescente e também as dificuldades interpessoais de um adulto. Também procurarão abranger déficits em habilidades sociais distintas, como habilidades sociais infantis, habilidades sociais educativas e habilidades empáticas e assertivas. Dentro da perspectiva da Análise do Comportamento, serão analisadas as contingências que instalaram e mantêm os déficits em habilidades sociais, os procedimentos utilizados para a promoção de comportamentos mais habilidosos socialmente e também os resultados alcançados com tais procedimentos. A primeira apresentação, intitulada “Estudo de caso: como desenvolver habilidades sociais em uma criança com déficit no repertório social” terá como objetivo analisar quais contingências podem produzir déficits no repertório social de uma criança de quatro anos, discutir intervenções focadas no desenvolvimento de habilidades sociais realizadas junto a essa criança e pontuar os resultados encontrados em termos de uma melhor qualidade de vida da criança. A segunda apresentação, denominada “Habilidades sociais educativas, práticas educativas maternas e problemas de comportamento de adolescente: um estudo de caso analítico-comportamental” terá por objetivo descrever uma intervenção que buscou desenvolver habilidades sociais educativas e práticas educativas positivas de uma mãe, cujo filho adolescente apresentava problemas de comportamento. A terceira apresentação, intitulada “Habilidades sociais assertivas e empáticas como ferramentas de mudança comportamental em um caso clínico de disfunção sexual erétil”, teve como objetivo discutir intervenções em déficits em habilidades sociais de assertividade no repertório de um cliente e a importância da emissão de habilidades sociais empáticas por parte da terapeuta como poderosa ferramenta de mudança comportamental na queixa principal relatada pelo cliente que era descrita como disfunção sexual erétil. **Palavras-chave:** habilidades sociais, estudo de caso, psicoterapia comportamental infantil.

8.1 ESTUDO DE CASO: COMO DESENVOLVER HABILIDADES SOCIAIS EM UMA CRIANÇA COM DÉFICIT NO REPERTÓRIO SOCIAL - Camila Negreiros Comodo (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

O campo de Habilidades Sociais abrange questões teóricas, de pesquisa e de intervenção relacionadas com a convivência interpessoal. Quando se trata de intervenção, muitos são os relatos de pesquisa e de atuação junto a



grupos de populações clínicas e não clínicas. Entretanto, o campo de Habilidades Sociais também permite a intervenção em formato clínico individual, com clientes em consultório de Psicologia. Esse segmento da prática de desenvolver e aprimorar habilidades sociais em contexto clínico tem sido pouco relatado em congressos e publicações da área, o que não significa uma menor importância. A proposta de ensinar e aperfeiçoar habilidades sociais, especialmente de crianças, dentro da clínica é relevante na medida em que contribui para o desenvolvimento social e emocional saudável. Com base nesse panorama, a presente apresentação tem como objetivo apresentar e discutir o atendimento clínico voltado para o desenvolvimento de habilidades sociais em uma criança. A criança atendida tinha quatro anos e era filha única. Seus pais trabalhavam e ela passava meio período na escola e meio período em companhia da avó materna. Sua mãe procurou terapia com a queixa de que a filha interagira pouco com as outras crianças. Durante o processo terapêutico foi possível observar, por meio do relato da criança e dos pais e de observações realizadas em consultório e em sessões externas, que a criança tinha déficits no repertório social de interagir com desconhecidos, fazer perguntas, negociar, negar pedidos e defender seus direitos. Observou-se que a criança estava exposta a contingências familiares que não proporcionavam a aprendizagem desses comportamentos importantes na infância: não propiciavam muitas situações de contato com outras crianças, e a avó com quem passava parte do dia optava por permanecer dentro do apartamento em detrimento de levar a neta para brincar com vizinhos. As contingências presentes no ambiente escolar também não favoreciam o repertório social da criança: havia uma colega que punia quando a criança expunha suas opiniões e defendia seus direitos, ameaçando a retirada de atenção e carinho. Para desenvolver esses repertórios sociais foram utilizados os procedimentos de modelação, modelagem, instrução, role-play, reforço diferencial e também foram empregadas adaptações de vivências (atividade estruturada desenvolvida por Del Prette e Del Prette para ser aplicada em treinamento de habilidades sociais em grupo). Esses procedimentos foram realizados tanto em sessões individuais com a cliente, como também em sessões externas e sessões em conjunto com outras crianças. Após um ano e meio de psicoterapia, com o total de 58 sessões, a criança apresentou melhoras importantes no repertório social: a professora relatou que a cliente tinha feito novos amigos na escola; a mãe relatou que a criança estava se engajando em brincadeiras com outras crianças do condomínio; a criança mostrou-se mais contente com suas interações sociais e afirmou ter mais amigos na escola; e a psicoterapeuta pôde observar em sessões com outras crianças, que a cliente conseguiu negociar, fazer perguntas e defender seus direitos. **Palavras-chave:** habilidades sociais, problemas de comportamento, terapia analítico-comportamental, disfunção erétil, assertividade.

8.2 HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS, PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DE ADOLESCENTE: UM ESTUDO DE CASO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL - Josiane Rosa Campos (Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru - SP)

A literatura aponta que um dos fortes preditores dos problemas de comportamento em adolescentes do tipo internalizante (depressão, ansiedade e retraimento) e externalizante (quebra de regras, agressividade) podem ser as práticas educativas negativas parentais. Essas práticas podem ser: baixo ou excesso de monitoramento, baixa frequência de expressão de sentimentos positivos, disciplina inconsistente, pouca interação positiva, supervisão em excesso ou insuficiente das atividades do filho. Por outro lado, as práticas educativas positivas, como demonstrar afeto e carinho, dar limites, disciplina consistente, por exemplo, podem proteger o filho de desenvolver tais problemas. Uma vez que as interações entre mães/pais e filhos são frequentemente de natureza social, estudos vêm apontando consistentemente que um bom repertório de habilidades sociais, materno e paterno, pode influenciar positivamente, direta ou indiretamente, os comportamentos de seus filhos. O inverso, déficits de habilidades sociais educativas e presença de problemas de comportamento nos filhos, também se confirmam. A partir do exposto, o presente trabalho tem por objetivo descrever, na forma de um estudo de caso, o atendimento realizado com uma mãe, com queixas de conflitos interpessoais com seu filho adolescente, de 17 anos. A intervenção teve duração de 10 sessões, de 50 minutos cada, utilizou medidas de pré e pós-teste e foi conduzida no referencial analítico comportamental, a partir de dois instrumentos: Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) e Child Behavior Checklist (CBCL). No pré-teste, a cliente apresentou alta frequência de práticas educativas negativas e baixa frequência nas práticas educativas positivas; baixo repertório de habilidades sociais na interação com o filho. A partir dos dados do CBCL, no relato da mãe, o filho apresentou escores clínicos para problemas de comportamentos internalizantes e limítrofe para os externalizantes. Para promover aumento do repertório de habilidades sociais e das práticas educativas positivas da mãe, a intervenção focou em três temas: comunicação, expressão de sentimentos e estabelecimento de limites. Para auxiliar a ampliação do autoconhecimento e instalação do repertório foram utilizados os seguintes procedimentos de intervenção: tarefas de casa buscando descrever antecedentes, respostas e consequentes, identificação de dificuldades e reservas comportamentais dela e do filho, treinamento do repertório de habilidades



sociais, começando das mais fáceis para as mais difíceis (por meio de diversos procedimentos como modelagem, reforçamento, role-playing, modelação) e técnicas de autocontrole. Também foi utilizada a Cartilha Informativa para Pais e Mães para discutir os três temas. No pós-teste, os mesmos instrumentos foram aplicados e foram observados: aumento de repertório das habilidades sociais em todas as classes treinadas do repertório da cliente, aumento das práticas educativas positivas, remissão dos problemas de comportamento do filho e consequente melhora da interação entre os dois, sugerindo que os procedimentos e técnicas utilizados foram adequados às demandas individuais. Será discutida a relevância da sistematização de dados, na prática clínica, para o diagnóstico comportamental e da possibilidade de reduzir problemas comportamentais de adolescentes, tendo apenas suas mães como clientes, especialmente quando eles ocorrem em função das práticas educativas negativas e de um pobre repertório de habilidades sociais educativas de mães e/ou pais. **Palavras-chave:** habilidades sociais educativas parentais, problemas de comportamento, terapia analítico-comportamental.

8.3 HABILIDADES SOCIAIS ASSERTIVAS E EMPÁTICAS COMO FERRAMENTAS DE MUDANÇA COMPORTAMENTAL EM UM CASO CLÍNICO DE DISFUNÇÃO SEXUAL ERÉTIL - Catarina Malcher Teixeira (Universidade Federal do Maranhão, UFMA, São Luis - MA)

Queixas de déficits de Habilidades Sociais (HS) têm levado clientes de diferentes faixas etárias, sexo e escolaridade ao processo terapêutico. Contudo, também tem sido observado que em muitos casos, ainda que a queixa principal relatada pelo cliente não esteja relacionada a déficits de HS, na fase da avaliação comportamental inicial, o terapeuta identifica comportamentos-problemas nessa área que, muitas vezes, se modificados produzem melhoras significativas em relação à queixa principal. Portanto, esta investigação, tem por objetivo descrever, na forma de um estudo de caso, uma experiência que envolveu intervenções em déficits em habilidades sociais de assertividade no repertório de um cliente e a importância da emissão de habilidades sociais empáticas por parte da terapeuta como poderosas ferramentas de mudança comportamental na queixa principal relatada pelo cliente que era descrita como disfunção sexual erétil. Durante os atendimentos o cliente tinha 54 anos de idade, encontrava-se casado e trabalhava como engenheiro em uma empresa multinacional. Nas sessões de avaliação, o cliente relatou dificuldades de expressar sentimentos e pensamentos, principalmente junto ao seu grupo familiar. Esses déficits apresentavam impacto considerável na vida do mesmo, estando inclusive, relacionado com a disfunção sexual erétil. O cliente também relatava que há algum tempo planejava buscar auxílio profissional, mas acredita que nenhum terapeuta fosse capaz de auxiliá-lo, em função de não ser capaz de compreendê-lo sem julgá-lo e que não conseguiria relatar sua dificuldade por timidez e constrangimento. Foram realizadas 15 sessões (cinco de avaliação, uma de devolução/discussão e nove de intervenção) terapêuticas sob o enfoque analítico-comportamental. No programa de intervenção utilizou-se como procedimentos principais: análise funcional, biblioterapia, técnica “foco sensorial” e Programa de Desenvolvimento de Habilidades Assertivas (PDHA). De acordo com o relato do cliente, mudanças comportamentais foram identificadas a partir da primeira sessão de intervenção, entre as quais: a) o desenvolvimento do comportamento assertivo permitiu a resolução de conflitos familiares e o instrumentalizou para a resolução da disfunção sexual erétil; b) as habilidades sociais empáticas da terapeuta foram descritas como a ferramenta fundamental para que a relação terapêutica fosse estabelecida e, assim o mesmo pudesse relatar conteúdos de sua vida sexual, considerado por ele, como difíceis de serem relatadas em outros contextos; c) nas sessões finais seu desempenho sexual encontrava-se restabelecido. Discutem-se a importância da utilização de PDHA, uma vez que esse tipo de intervenção permite à resolução de conflitos que parecem não relacionados com queixas iniciais que conduzem clientes a terapia e que habilidades sociais empáticas por parte do terapeuta são fundamentais para o engajamento de clientes no processo, principalmente em casos cujas queixas são difíceis de serem relatadas pelo cliente. (FAPEMA) **Palavras-chave:** habilidades sociais assertivas, empatia, disfunção erétil, terapia analítico-comportamental.

8.4 HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA CLÍNICA - Raquel Martins Sartori (Centro Universitário de Votuporanga, Votuporanga - SP e Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

A Psicologia Clínica é um campo de exercício profissional que atua no sentido reduzir o sofrimento humano e gerar autoconhecimento por meio de diferentes procedimentos psicoterapêuticos e a partir de diferentes condições de atendimento: individual, em grupo e de casais, por exemplo. Diferentes abordagens teóricas lançam mão de diversas técnicas e procedimentos para realizar as atividades básicas da atuação clínica: a avaliação, o diagnóstico e a intervenção propriamente dita. A relação interpessoal entre o psicoterapeuta e o cliente é uma condição fundamental para o desenvolvimento de cada etapa do processo. Para além da necessidade do estabelecimento de uma relação interpessoal, essa relação precisa estar embasada em uma sólida estrutura de confiança e segurança do cliente em seu



terapeuta, haja vista ao grau de exposição de sua intimidade e interferência do psicólogo em aspectos cruciais da sua vida. A despeito da abordagem adotada, é consenso entre psicólogos da área clínica a importância do estabelecimento de um vínculo terapêutico consistente para que as análises, procedimentos e orientações sejam acatados pelo cliente e o processo terapêutico seja efetivo. Além de sólida formação teórica e respeito à ética profissional, as características pessoais do terapeuta e seu repertório social são apontados como fatores fundamentais o estabelecimento do vínculo terapêutico e consequentemente, a efetividade do processo. Assim, com base em análises de documentos normativos das atribuições do psicólogo clínico, revisão bibliográfica e observações assistemáticas de atuação clínica de psicoterapeutas em formação, este trabalho tem por objetivo apresentar as habilidades sociais essenciais a um psicólogo clínico para sua atuação profissional. Como resultado das análises realizadas, destaca-se para esta atividade profissional a necessidade de um refinado repertório de habilidades sociais empáticas, que favorece o sentimento de apoio e acolhimento no início do processo, condições fundamentais para o estabelecimento do vínculo terapêutico. Habilidades sociais de comunicação também são requeridas para as atividades básicas do terapeuta na interação com o cliente, tais como, solicitar de informações, fornecer de informações, orientar e interpretar. Habilidades que compõem o conjunto de habilidades sociais assertivas são requeridas ao psicoterapeuta nas situações que demandam confrontar o cliente. A literatura de Psicologia Clínica descreve tais habilidades como habilidades terapêuticas. Todavia, uma análise comparativa entre habilidades terapêuticas e habilidades sociais indica semelhanças e sobreposições entre os repertórios descritos nas duas áreas de pesquisa. Considerando-se as condições desta área da atividade profissional do psicólogo, que envolve sofrimento humano e mudança de aspectos críticos da vida do cliente, primar pelo desenvolvimento de habilidades que favoreçam esse processo é uma condição essencial para a formação de psicoterapeutas. **Palavras-chave:** habilidades sociais, psicologia clínica, formação de psicólogos.

MR09. PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO EM DIFERENTES POPULAÇÕES – Proponente: Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo - RS)

A literatura afirma que o repertório deficitário de habilidades sociais pode impactar negativamente as relações interpessoais, estando geralmente associado a dificuldades na relação com outras pessoas e podendo ser um fator que predispõe os sujeitos a desenvolverem distúrbios psicológicos. Com isto, a inadequação social pode ser considerada tanto consequência como sintoma de psicopatologia, estando associada também a comportamentos disfuncionais, bem como o uso abusivo de substâncias psicoativas. Este simpósio tem por objetivo relatar três experiências distintas relacionadas à avaliação e intervenção na área de habilidades sociais. O primeiro estudo visa descrever um programa realizado no formato grupal com adultos, a fim de desenvolver habilidades sociais básicas e respostas específicas, promovendo a competência social. O segundo estudo tem por objetivo verificar a associação entre o envolvimento com bullying e o repertório deficitário de habilidades sociais em estudantes de escolas da rede pública, com idade entre 12 e 17 anos. Já o terceiro estudo relata um projeto de avaliação e promoção de habilidades sociais através de uma intervenção breve grupal realizada com dois grupos distintos: acadêmicos que apresentavam sintomas de Fobia Social e residentes de uma comunidade terapêutica de tratamento de dependentes químicos do sul do Brasil. Os achados dos três estudos trazem resultados similares quanto à evidência que o THS vem a ser uma intervenção eficaz para a melhora das relações interpessoais, destacando-se como um dos principais efeitos a redução da ansiedade, aumento da autoconfiança e da capacidade de comunicar-se de forma mais assertiva. **Palavras-chave:** habilidades sociais, bullying, adolescentes, ansiedade social.

9.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROGRAMA DE HABILIDADES SOCIAIS EM GRUPOS PARA ADULTOS - Neiva Tein de Souza e Francine Guimarães Gonçalves (Instituto de Terapias Cognitivo-Comportamentais, InTCC - RS e Centro de Desenvolvimento de Habilidades Sociais, CEDHAS - RS)

O treinamento de habilidades sociais realizado em grupo é uma importante ferramenta para o estabelecimento de relacionamentos interpessoais mais adequados e saudáveis ao desempenho pessoal, social e profissional. Aproxima indivíduos com dificuldades e necessidades semelhantes e oportuniza vivências que agem diretamente na mudança comportamental e cognitiva. O grupo oferece uma situação social já estabelecida, que favorece a exposição social segura. Ao mesmo tempo, promove o autoconhecimento através do feedback dos demais participantes, a melhora da comunicação verbal e não verbal e aumento da autoconfiança a partir da emissão de comportamentos mais apropriados reforçados e apoiados pelo grupo. O grupo tem como objetivos desenvolver habilidades sociais básicas e respostas sociais específicas, através de um ambiente seguro para manifestação de sentimentos e comportamentos e promover mudanças cognitivas e comportamentais que levem a maior competência social. Este trabalho desenvolveu-se ao longo dos últimos oito anos e foi dirigido a pessoas com idade mínima de 18 anos que percebiam possuir déficits



em habilidades sociais em uma ou mais áreas de sua vida. O treinamento seguiu um programa teórico-vivencial que incluiu, preliminarmente, a aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), cujos resultados orientaram adaptações ao programa básico definindo os exercícios de acordo com as necessidades do grupo. A carga horária de cada grupo foi de 24 horas, divididas em três dias consecutivos ou intercalados de oito horas cada. Participaram do programa 175 indivíduos. A modalidade desenvolvida foi de grupos semiestruturados, utilizando-se exercícios de representação de papéis baseados nas suas necessidades específicas, aliados a outros procedimentos já estabelecidos de desenvolvimento de habilidades sociais. Como resultados, ao final do treinamento, os participantes demonstraram uma melhora nas habilidades básicas como observar, escutar e comunicar-se de forma mais assertiva; apresentaram menor ansiedade de exposição e maior capacidade de expressar emoções positivas e negativas; referiram menos pensamentos autocríticos, menor autoexigência, redução da ansiedade e melhora na autoconfiança. Conclui-se que o Treinamento em Habilidades Sociais em grupo com adultos mostrou-se altamente eficaz para a melhora das relações interpessoais, tendo como principais resultados a redução da ansiedade, da evitação social, aumento da autoconfiança e capacidade de comunicar-se de forma mais assertiva. O grupo desempenhou um papel importante de suporte social, aceitação e apoio, favorecendo a aprendizagem vicária, a reestruturação cognitiva e a possibilidade de mudança de padrões comportamentais a partir do posicionamento e do *feedback* imediato em cada atividade realizada. **Palavras-chave:** habilidades sociais, intervenções, grupos.

9.2 DÉFICIT DE HABILIDADES SOCIAIS EM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE BULLYING - Francine Guimarães Gonçalves (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre - RS)

Bullying é o comportamento agressivo, ofensivo, repetitivo e frequente, perpetrado por uma pessoa ou grupo contra outro ou outros, com a intenção de ferir e humilhar, em uma relação desigual de poder. O envolvimento com o bullying na escola pode estar relacionado a falhas no processo de socialização devido à déficit de habilidades sociais dos jovens. O desenvolvimento de habilidades sociais é iniciado na infância e aperfeiçoado na adolescência, sendo importante para a prevenção de comportamentos problemáticos e suas consequências, tais como violência, agressividade, dificuldade de relacionamento com os pares, repertório pobre de habilidades sociais e comportamentos antissociais. Por isso, a adolescência é considerada um período crucial na aquisição e no aperfeiçoamento das habilidades sociais que constituirão o repertório do indivíduo na idade adulta. Objetivo: Verificar a associação entre o envolvimento com bullying e as habilidades sociais em adolescentes. Metodologia: Trata-se de um estudo transversal, com alunos de escolas da rede pública, com idade entre 12 e 17 anos, de ambos os sexos. Para a avaliação do comportamento de bullying foi utilizado a versão modificada do Questionário de Avaliação de Bullying de Olweus (QABO) - agressor e QABO-vítima. As habilidades sociais foram avaliadas com o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette). Para determinar os tipos de envolvimento com bullying, foi considerada vítima ou agressor, os adolescentes com escore maior que a mediana no QABO das respectivas versões. O agressor-vítima foi categorizado quando a mediana era superior em ambas as versões do QABO. Resultados: Foram avaliados 467 alunos, sendo 245 (52,5%) do sexo feminino, com média (desvio padrão) de idade de 13,3 (DP=1,18) anos. A confiabilidade dos instrumentos QAOB e IHSA-Del-Prette foi satisfatório (α total > 0,800). Considerando os tipos de envolvimento com bullying, 63(13,5%) dos adolescentes classificaram-se como vítima, 54 (11,6%) como agressor e 181 (38,8%) como agressor-vítima. Em relação às habilidades sociais, foi encontrada associação significativa entre as meninas vítimas de bullying e maior dificuldade nas habilidades de empatia ($p=0,010$) comparadas aos agressores-vítimas. Independente do sexo, a dificuldade no autocontrole, assertividade, abordagem afetiva e o total das habilidades sociais foi significativamente maior nas vítimas comparado aos não envolvidos. Os demais fatores de habilidades sociais não apresentaram associação significativa com o bullying. Conclusões: Os resultados sugerem que são principalmente as vítimas que apresentam maiores déficits nas habilidades sociais. Os achados ressaltam a importância de um treinamento em habilidades sociais para adolescentes no ambiente escolar o qual pode desempenhar um papel preventivo e possibilitar o desenvolvimento de condutas saudáveis e redução de comportamentos problemáticos, tais como o bullying. **Palavras-chave:** habilidades sociais, bullying, adolescentes.

9.3 AVALIAÇÃO E PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM INTERVENÇÕES GRUPAIS BREVES - Marcia Fortes Wagner (Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo - RS)

O Treinamento em Habilidades Sociais (THS) é uma intervenção psicoterápica que pode ser utilizada no tratamento do Transtorno de Ansiedade Social (TAS), tanto no formato individual quanto grupal. O THS é um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos adequados à situação vivenciada, respeitando esse comportamento nos demais, e que geralmente



resolve problemas imediatos, enquanto minimiza a probabilidade de futuros problemas. Objetivo: O presente trabalho visa expor os resultados da avaliação e intervenção em sujeitos com Transtorno de Ansiedade Social (TAS), com a realização de grupos psicoterápicos breves de Treinamento de Habilidades Sociais (THS), a fim de desenvolver maior competência social e verificar mudanças comportamentais pré e pós THS. Faz parte do Projeto de Pesquisa Avaliação e Promoção de Habilidades Sociais no Transtorno de Ansiedade Social, desenvolvido na Escola de Psicologia da Faculdade Meridional (IMED), Passo Fundo, RS. Delineamento: Tem cunho quantitativo e se caracteriza como uma intervenção pré e pós-teste. Foram sujeitos da pesquisa 09 estudantes de uma instituição de ensino superior e 06 residentes de uma comunidade terapêutica de tratamento de dependentes químicos do sul do Brasil, maiores de 18 anos, de ambos os sexos, que apresentam critérios diagnósticos para TAS. Foram aplicados: Ficha de dados pessoais e sociodemográficos, Escalas Beck e Questionário de Ansiedade Social (CASO-A30). O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da IMED. Resultados: Da população universitária, 77,80% (n=7) eram do sexo feminino e 22,20% (n=2) do sexo masculino, com média de idade de 28,33 anos. Da população de dependentes químicos, 100% (n=6) eram do sexo masculino, com idades entre 18 e 39 anos. Como resultados da reavaliação pós THS constatou-se uma melhora dos sintomas: nos universitários 07 sujeitos apresentaram diminuição das pontuações, não apresentando mais escore para caracterizar TAS, enquanto 02 sujeitos continuaram apresentando sintomas de TAS; já no grupo de dependentes químicos, 01 residente da comunidade terapêutica passou a não apresentar mais escore para caracterizar TAS, enquanto 05 seguiram com este diagnóstico, mas com diminuição dos escores. Discussão dos resultados: A análise dos dados pré e pós-teste indicou que o programa propiciou aos participantes melhoras em seu repertório de habilidades sociais, na interação grupal, além de aumento da assertividade em situações difíceis. Conclusão: Considera-se o THS de fundamental importância para que o sujeito com TAS possa adquirir capacidade para enfrentar os desafios propostos na interação com outras pessoas. **Palavras-chave:** transtorno de ansiedade social, treinamento de habilidades sociais, transtornos psicológicos.

MR10. A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS E AS HABILIDADES DE VIDA: A EXPERIÊNCIA DA IMPLANTAÇÃO DE INTERVENÇÕES EM POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL E COLÔMBIA – Proponente: Samia Abreu Oliveira (Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, Ministério da Saúde, Brasília - DF)

Intervenções multimodais têm sido cada vez mais requeridas por gestores públicos e implementadores de intervenções em larga escala. Dentre os componentes das intervenções, o treinamento de habilidades de vida tem sido fundamental nos programas de prevenção do uso de álcool, tabaco e outras drogas. Nesta temática, a Colômbia por meio da Corporación Nuevos Rumbos (CNR) desenvolveu nos últimos 12 anos um número significativo de projetos e intervenções. Dentre os projetos, destacam-se estudos quanti-quali sobre os fatores de risco biológicos e psicológicos associados ao abuso de drogas e o papel social da droga para os usuários. Os estudos perpassam pelo estudo do perfil de usuários esporádicos aos estudos sobre dependentes de drogas de alto risco, como heroína. No Brasil, o foco tem sido na capacitação de profissionais de diversas áreas para que desenvolvam e/ou implementem programas de prevenção com educandos e famílias. A prevenção do uso de drogas ao longo dos últimos 10 anos apresenta-se sob a forma de um curso para educadores de escolas públicas, resultante da parceria entre a Universidade de Brasília, o Ministério da Educação e a Secretaria de Políticas Nacionais sobre Drogas do Ministério da Justiça. A iniciativa é caracterizada como um curso de extensão universitária, na modalidade de Educação à Distância, dirigido a educadores do ensino fundamental sobre temas referentes à prevenção do uso e abuso de drogas no contexto escolar. Participam educadores da rede básica de ensino de todo o Brasil, com carga horária de 180h/aula, sendo 120h/aula de teoria e 60h/aula de prática, ao longo de 6 meses. A principal atividade que permeia o curso é que cada escola elabore um projeto de prevenção a ser implementado, de modo prático. A primeira edição do curso foi realizada em 2004 e, como resultado, já foi ofertado a mais de 195 mil educadores de todo o país, ao longo de seis edições. Outra iniciativa recente tem sido desenvolvida pela Coordenação de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde, com a adaptação cultural de três programas baseados no treinamento de habilidade de vida para a prevenção do uso de drogas entre educandos e famílias brasileiras. Atualmente, 11 cidades das cinco regiões do Brasil participam da implementação do três programas do Ministério da Saúde. Nesta mesa, as três iniciativas serão apresentadas e a relação entre a prevenção do uso de drogas e habilidade de vida será discutida. Busca-se refletir e compartilhar as experiências do treinamento de habilidades de vida, embutido em inúmeros programas de prevenção do uso de drogas, como estratégia potente de ensino e disseminação de habilidades sociais e de vida nas políticas públicas. **Palavras-chave:** políticas públicas, prevenção do uso de drogas, educação.



10.1 A EXPERIÊNCIA DA PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL - Maria Inês Gandolfo Conceição (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

A realização de ações para minimizar os fatores e comportamentos de risco e promover a autonomia responsável dos alunos é tarefa a ser desempenhada por diferentes instâncias da sociedade, entre as quais a escola ocupa lugar privilegiado, enquanto agente social responsável, não só pela transmissão de conhecimentos, mas também pelo desenvolvimento integral e pela formação de valores. Nesse sentido, a prevenção não é trabalho de um educador isoladamente, mas de uma rede social interna e externa que interatua no processo educacional. No Brasil, a prevenção do uso de drogas vem sendo desenvolvida ao longo dos últimos 10 anos, sob a forma de um Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas do Brasil, resultante da parceria entre a Universidade de Brasília, o Ministério da Educação e a Secretaria de Políticas Nacionais sobre Drogas, do Ministério da Justiça. O Curso foi incluído como uma das políticas que atualmente se insere no eixo prevenção do Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack, Álcool e outras Drogas (2010), embora a oferta do curso seja anterior ao Plano. Trata-se de um curso de extensão universitária, na modalidade de Educação à Distância, dirigido a educadores do ensino básico, sobre temas referentes à prevenção do uso e abuso de drogas no contexto escolar. Seu público-alvo são educadores da rede básica de ensino de todo o Brasil. O material didático consiste em material impresso, tutoria, vídeo-aula e teleconferências. O curso possui carga horária de 180h/aula, sendo 120h/aula de teoria e 60h/aula de prática, ao longo de 6 meses. Durante o curso, cada escola deve elaborar um projeto de prevenção a ser implementado, de modo prático, na escola. O projeto deve levar em conta a realidade escolar e a sua articulação com os recursos existentes na comunidade. O curso teve início em 2004 e, como resultado, já foi ofertado a mais de 195 mil educadores de todo o país, ao longo de seis edições. Com base em seus resultados, a cada edição o curso é avaliado e aprimorado. Nesta apresentação trataremos de abordar brevemente o enfoque teórico da prevenção/promoção integral; a abordagem em rede; o panorama epidemiológico do uso de drogas nas escolas do país; o histórico das edições anteriores do curso, sua metodologia e avanços técnico-pedagógicos e; os principais resultados da avaliação do curso nos últimos anos. O objetivo deste relato é apresentar, discutir e compartilhar as possíveis ações de prevenção do uso de drogas no cenário nacional das escolas brasileiras na perspectiva da abordagem em rede e instigar a reflexão sobre as ações de promoção e prevenção integral que o tema enseja. **Palavras-chave:** habilidades de vida, políticas públicas, prevenção do uso de drogas, educação.

10.2 OS PROJETOS DE INVESTIGAÇÃO DA CORPORAÇÃO: NOVOS RUMOS - Augusto Pérez Gómez (Corporación Nuevos Rumbos)

A investigação sobre substâncias psicoativas (SPA) na Colômbia não é muito abundante, e provém fundamentalmente de universidades. A Corporação Novos Rumos (CNR) tem desenvolvido nos últimos 12 anos um número importante de projetos entre os quais se encontram: (1) Saúde e drogas: estudo quanti-qualitativo realizado com 630 consumidores de SPA e 300 não consumidores para estabelecer a relação entre substâncias consumidas, tempo de consumo e vias de administração, e a probabilidade (risco relativo) de sofrer diferentes problemas de saúde a nível cardíaco e circulatório, neurológico, psicológico, pulmonar, renal e genito-unirário, de pele, autoimune, associados a traumatismos e acidentes, gástricos e digestivo, cognitivos, ITS e hepáticos. Os resultados preliminares mostram que os transtornos mais frequentes entre os consumidores são pulmonares, psicológicos, associados a traumatismos e acidentes, gástricos e cognitivos. Pretende-se também calcular frações atribuíveis; (2) Transições II: Metodologia quali-quantitativa. Em 2008 foi feita uma primeira análise dos padrões sequenciais de consumo de diferentes substâncias e se encontraram cinco tipos de transições: gerais, substitutivas, cumulativas, reversas e negativas; o primeiro estudo foi feito em sete cidades e com 96 sujeitos; atualmente se replica em 11 cidades e cerca de 160 sujeitos; (3) Consumo de álcool em menores de idade: estudo epidemiológico em nove cidades do país; o primeiro estudo foi feito em 2008, de modo que será possível ver mudanças de comportamentos, em situações e em tomada de consciência dos adultos com relação aos problemas associados ao consumo de álcool; (4) Caracterização do CODAR consumidor de heroína: a sigla significa consumidor de drogas de alto risco; e o estudo foi realizado em Armenia e Medellín, duas das cidades colombianas com maior problema de consumo de heroína (o consumo dessa substância é relativamente novo na Colômbia). A caracterização deu os seguintes resultados: primordialmente homens, com idades entre 17 e 25 anos, com secundário completo, famílias incompletas; a grande maioria iniciou com outras substâncias, e no começo fumavam ou inalavam e, por razões econômicas, começaram logo a injetar-se; quem se injetava assume mais risco que os outros, pois compartilham equipamentos, tem troca de sexo por drogas, não se protegem, não consultam serviços de saúde salvo por overdose ou enfermidades graves, e não o fazem voluntariamente. Tendem a cometer roubos e outros delitos que os conduzem para a prisão. Geralmente o uso de heroína se transfere para outras substâncias, excetuando-se a maconha; (5) álcool e violência: foram selecionadas três áreas de Bogotá com elevada concentração de bares e discotecas, e durante 10 finais de semana equipes de quatro pessoas fizeram observações entre 10 da noite e 3 da



manhã. Foram verificados os principais elementos da teoria das “janelas quebradas” (condições estruturais do entorno) e da teoria das atividades rotineiras (que descreve as condições nas quais se cometem atos violentos). **Palavras-chave:** uso de drogas, políticas públicas, prevenção.

10.3 PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS, UTILIZANDO TREINAMENTO DE HABILIDADE DE VIDA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS - Samia Abreu Oliveira, Michaela Batalha Juhásová, Janaina Barreto Gonçalves, Viviane Paula Rocha, Karen Costa Oliva, Flora Moura Lorenzo, Clarisse Moreira Aló e Roberto Tykanori Kinoshita (Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, Ministério da Saúde, Brasília - DF)

No Brasil e no mundo, o abuso de drogas e os problemas de comportamento associados ao abuso de substâncias vêm sendo considerados sérios problemas de saúde pública. Frente a este cenário, a Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde assumiu a responsabilidade ética de buscar programas de prevenção internacionais testados e monitorados. A partir de um portfólio oferecido pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC), que apresenta uma compilação de intervenções preventivas do uso e abuso de drogas, foram escolhidos três programas voltados especificamente para crianças, adolescentes e suas famílias. Os três programas selecionados foram (1) Strengthening Families Program 10-14, (2) Good Behavior Game - GBG e (3) Unplugged. O primeiro programa é destinado às famílias de adolescentes entre 10 e 14 anos. No Brasil, o programa é desenvolvido por profissionais da assistência social e foi adaptado e nomeado Fortalecendo Famílias. O segundo programa, nomeado Jogo Elos, é dirigido para crianças do ensino fundamental I, entre seis e 10 anos e caracteriza-se por estratégias colaborativas de manejo de em sala de aula conduzidas pelo professor em sala de aula. O terceiro programa, Unplugged, foi nomeado no Brasil, por sugestão dos participantes, #Tamojunto e é composto por um conjunto de 12 aulas temáticas e três oficinas de pais. O público-alvo do programa são educandos que estejam cursando a 7ª série/8º ano do ensino fundamental II. As aulas são conduzidas por professores e as oficinas de pais por uma parceria entre profissionais de saúde e educação do território escolar. Os três programas são multimodais e apresentam como componente central o desenvolvimento de atividades que visam o treino de habilidades de vida. Em alguns programas as 10 habilidades de vida são desenvolvidas, em outros algumas habilidades pontuais como manejo das emoções, empatia, assertividade, pensamento crítico, tomada de decisão e resolução de problemas. Em 2013, os programas foram implementados em cinco cidades brasileiras a fim de serem adaptados culturalmente. Em 2014, 13.088 educandos passaram pelo programa #Tamojunto, em 11 cidades das cinco regiões do país, 1.875 educandos pelo Jogo Elos e 142 famílias pelo Fortalecendo Famílias. Os programas se mostraram eficazes em retardar o primeiro uso de drogas, reduzir a probabilidade de uso e redução de uso frequente do álcool e outras drogas, além de promover habilidades de vida e fortalecer vínculos sociais e familiares. A implantação dos programas reforça o potencial de intervenções e práticas baseada no treinamento de habilidade de vida como estratégias viáveis às políticas públicas. **Palavras-chave:** programas de prevenção sistematizados, políticas públicas, habilidades de vida.

MR11. DEPRESSÃO E SUÍCIDIO NA ADOLESCÊNCIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E HABILIDADES SOCIAIS – Proponente: Josiane Rosa Campos (Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru - SP)

O suicídio está entre as principais causas de morte entre os adolescentes e, embora a explicação desse fenômeno seja multifatorial, a depressão neste período de desenvolvimento é apontada na literatura como um dos seus mais fortes preditores, mobilizando a saúde pública para criar políticas de saúde com função preventiva, promotora ou de tratamento. Comumente, tanto os adolescentes que tentaram o suicídio quanto os deprimidos, sentiram-se sozinhos, apresentaram conflitos familiares, baixo repertório de habilidades sociais, baixa rede de suporte social, e, portanto, poucas fontes de ajuda, afeto e segurança. Nesse contexto de preocupações e dentre os diversos aspectos dessa complexa temática, as questões interpessoais parecem ser alvo de investigação científica e estão presentes nas diferentes pesquisas de cunho avaliativo e interventivas junto aos adolescentes e suas famílias. Nesse sentido, a presente mesa redonda terá por objetivo geral apresentar três estudos que contemplem a depressão e o suicídio na adolescência, as políticas públicas e as habilidades sociais envolvidas nessa temática. A apresentação 1, denominada “Plano distrital de prevenção do suicídio: uma estratégia transversal do cuidado com a vida” abordará as estratégias preventivas e sistematizadas que visam desde o estímulo à iniciativa de promoção de saúde mental até o atendimento emergencial de pessoas em risco iminente de suicídio e às famílias que perderam alguém por essa causa. A apresentação 2, denominada, “E depois do suicídio? a pós-venção e suas potencialidades de prevenção e habilidades sociais associadas” trata-se de uma intervenção preventiva que ocorre com adolescentes que vivenciaram o suicídio de alguém próximo e abordará relatos de experiências que auxiliaram os adolescentes a desenvolverem habilidades sociais de enfrentamento dessa situação. A apresentação 3, denominada “Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas de



adolescentes deprimidos: quais são importantes?” realizará uma análise comparativa entre o repertório de habilidades sociais de meninos e meninas deprimidos e não deprimidos, bem como relatará um estudo que focalizou os fatores de risco e proteção e seu valor preditivo na depressão na adolescência. Presume-se que os dados desses estudos contribuirão para melhor compreensão e reflexão acerca das políticas públicas produzidas no contexto brasileiro. Adicionalmente, no contexto interventivo, trarão importantes contribuições em especificar as habilidades sociais do profissional e dos adolescentes que estão expostos ao contexto de suicídio em suas vidas. Por fim, os dados de pesquisas avaliativas contribuirão ao especificar quais repertórios sociais são importantes em adolescentes deprimidos e não deprimidos e as implicações e limitações dessas análises. **Palavras-chaves:** suicídio, depressão, adolescência, habilidades sociais.

11.1 PLANO DISTRITAL DE PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: UMA ESTRATÉGIA TRANSVERSAL NO CUIDADO COM A VIDA - Beatriz Montenegro, Júlia Camarotti (Secretaria de Estado da Saúde, SES, Brasília - DF), Marcelo Tavares e Silvia Lordello (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

O comportamento suicida é um fenômeno complexo e um grave problema de saúde pública, com grande repercussão em toda sociedade. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o suicídio e suas causas como condição prioritária em Saúde Pública. Trata-se de uma morte decorrente de um comportamento associado a questões sociais, emocionais e psicológicas que podem ser tratadas ou prevenidas. Segundo os dados da OMS (2014), a cada ano mais de 800 000 pessoas morrem por suicídio no mundo – uma pessoa a cada 40 segundos. Nesse cenário, os dados brasileiros apresentam indicadores mistos que preocupam e sinalizam a necessidade de que intervenções preventivas sejam postas em ação. O sofrimento, associado ao risco de suicídio, afeta principalmente os mais vulneráveis. Atenção especial é necessária para jovens, homens e pessoas que estão passando por eventos de vida adversos ou que atravessam períodos de intenso sofrimento psíquico, entre outros grupos específicos de maior risco. Para isso, é necessário o desenvolvimento de estratégias e planos capazes de lidar com os fatores de risco e promover fatores de proteção, de modo coerente e contextualizado com as culturas e articulado com os aparelhos locais de atenção à saúde. O Plano Distrital de Prevenção do Suicídio apresenta estratégias preventivas sistematizadas, divididas em cinco Eixos Estratégicos: (a) Avaliação e Monitoramento; (b) Compromisso Político; (c) Prevenção; (d) Tratamento e Pós-venção; e (e) Capacitação e Informação. Trata-se de um plano com ações abrangentes e transversais que visam desde o estímulo a iniciativas de promoção de saúde mental até o atendimento emergencial de pessoas em risco iminente de suicídio e às famílias que perderam alguém por essa causa. Alguns eixos propostos abordam especificamente ações de promoção e prevenção em saúde mental. Entre as metas estabelecidas nos eixos Prevenção e Tratamento e Pós-venção destacam-se: Promoção de Saúde Mental em criança e jovens; Promoção de Saúde Mental em profissionais da saúde; Ações voltadas para a população em geral para promoção de saúde mental; e Apoio aos sobreviventes na Rede (familiares enlutados por suicídio). O Plano contempla, assim, as condições para uma uniformização da terminologia, uma melhoria no registro dos atos suicidas e, em médio prazo, almeja uma redução de comportamentos autolesivos e atos suicidas – finalidade primeira e última de qualquer iniciativa desta natureza. A inclusão de estratégias de prevenção e promoção de saúde mental em uma política de saúde pública oficializa a necessidade e o compromisso de investimento nessa modalidade de intervenção em saúde. O monitoramento e avaliação do plano permitirão a sua adequação e redefinição periodicamente, pelo menos uma vez a cada dois anos. **Palavras-chave:** política pública, prevenção do suicídio, promoção de saúde mental.

11.2 E DEPOIS DO SUICÍDIO? A PÓS-VENÇÃO E SUAS POTENCIALIDADES DE PREVENÇÃO E HABILIDADES SOCIAIS ASSOCIADAS - Silvia Renata Magalhães Lordello Borba, Marcelo Tavares (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF) e Beatriz Montenegro (Secretaria de Estado da Saúde, SES, Brasília - DF)

O trabalho de pós-venção – uma intervenção preventiva que ocorre após um episódio de suicídio de alguém próximo – vem se mostrando uma eficiente estratégia de prevenção. Esse tipo de intervenção é necessário em função das reações previstas decorrentes de uma perda e luto por suicídio. Os adolescentes costumam ficar muito mobilizados e vivem intensamente as emoções decorrentes desse episódio. Para os jovens mais vulneráveis, a intensidade dessas emoções pode ser devastadora. A literatura da área se refere a estes sentimentos como afetos intoleráveis, quando as reações emocionais se tornam perturbadoras a ponto de aumentar o risco de suicídio. Tais afetos envolvem: culpa, raiva, vergonha, medo, ansiedade, sentimento de vazio e falta de sentido, entre outros. Comportamentos de risco como isolamento, de um lado e agressão a colegas, de outro, têm alta probabilidade de ocorrer. Como se observa, o contexto vivenciado pelos adolescentes demanda a necessidade de auxiliá-los a desenvolver algumas habilidades sociais para o enfrentamento dessas situações. Nesse sentido, serão abordados relatos de experiências de grupos de pós-venção em



duas escolas do DF. O trabalho foi sistematizado em algumas etapas, a saber: (a) Impacto da notícia: a partir do questionamento de como foi receber a notícia, essa etapa recuperava os sentimentos e emoções associadas ao momento inicial; (b) Detecção da rede de apoio: etapa na qual o facilitador solicitava a identificação dos adultos significativos com quem os adolescentes compartilharam a notícia; (c) Perdas e superações: constituída a partir da indagação sobre que episódios de perdas que os adolescentes haviam presenciado e como fizeram para lidar com os sentimentos decorrentes. O intuito era encontrar recursos em vivências anteriores e ativar formas de lidar mais eficientes no processo de luto, com a identificação de habilidades sociais assertivas de enfrentamento, de comunicação e empáticas; (d) Lembranças e memória: A etapa anterior abordou as experiências de perda e estratégias de superação de luto já vividas pelo grupo. Nesta etapa houve um questionamento mais diretivo sobre a maneira de lidar com a ausência e saudade deixada pela perda do membro do grupo. Este foi um momento significativo, que trouxe alegria e otimismo, construindo um clima de esperança e enfrentamento. O ato de recuperar as lembranças positivas foi importante para que o fatalismo e morbidez das etapas anteriores caminhassem para uma visão mais propositiva, sobretudo comparada à primeira, que tratou do impacto da notícia; (e) Avaliação do encontro: A última etapa tratou de três aspectos: impacto e a resolutividade dessa atividade, informações de como os adolescentes podem ter acesso a mais apoio quando sentirem necessidade e a detecção de como podem reconhecer e buscar ajuda quando um colega apresenta motivos de preocupação. Finalizado o encontro com os adolescentes, procedia-se reunião com gestores e professores para partilhar a experiência, apontando situações relevantes e encaminhamentos que requeriam acompanhamento. Concluindo, algumas habilidades sociais, como buscar ajuda, falar de si, compartilhar sentimentos negativos, além de encontrar um ambiente empático e acolhedor, muitas vezes, proporcionado pelo contexto terapêutico, auxiliam no enfrentamento e superação da perda de adolescentes que se encontram imersos nesse contexto. **Palavras-chave:** adolescentes, prevenção, habilidades sociais.

11.3 HABILIDADES SOCIAIS E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS DE ADOLESCENTES DEPRIMIDOS: QUAIS SÃO IMPORTANTES? - Josiane Rosa Campos (Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru - SP)

A depressão na adolescência constitui-se como um dos transtornos psicológicos mais frequentes enfrentados pelos adolescentes, além de ser uma importante variável preditora de suicídio nesta população, o que a torna um grave problema de saúde pública. Uma das variáveis associadas à depressão na adolescência diz respeito às dificuldades nos relacionamentos interpessoais. Frequentemente, os adolescentes são rejeitados pelos pares e os conflitos familiares geralmente estão presentes, favorecendo a inserção em um contexto de isolamento social. A literatura aponta que parte das explicações relacionadas a estas dificuldades refere-se a um repertório deficitário de habilidades sociais e a algumas variáveis sociodemográficas como idade do adolescente, status socioeconômico e sexo. Considerando a importância de investigar as habilidades sociais e as variáveis sociodemográficas possivelmente associadas, uma vez que são consideradas contextuais e dependem das demandas que cada cultura imprime em suas populações, algumas questões são levantadas: (a) quais são as habilidades sociais mais e menos frequentes que estão presentes no repertório de meninos e meninas e será que existem semelhanças e diferenças entre os sexos? (b) Dentre uma ampla gama de habilidades sociais e das variáveis sociodemográficas supracitadas, quanto elas podem predizer a depressão na adolescência e quais funcionam como fatores protetivos e de risco? Diante desse quadro, os objetivos do presente trabalho foram: (1) caracterizar e comparar as habilidades sociais de adolescentes do sexo feminino e masculino; (2) investigar quais são as habilidades sociais que podem funcionar como fatores de risco ou proteção na depressão na adolescência e o valor preditivo de um modelo que inclui essas variáveis. Para responder ao primeiro objetivo, participaram da pesquisa 103 adolescentes (28 meninos e 75 meninas) com e 103 sem indicadores de depressão (29 meninos e 76 meninas). Para responder ao segundo objetivo participaram 642 adolescentes (103 com e 539 sem indicadores de depressão). Os instrumentos utilizados nesses estudos empíricos foram Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes IHSA-Del-Prette, Inventário de Depressão Infantil e Critério Brasil. Os dados foram coletados em escolas municipais de uma cidade do interior de São Paulo. Utilizou-se o teste do Qui-Quadrado e Regressão Logística Múltipla para análise dos dados. Os principais resultados foram: (1) referente ao primeiro objetivo, houve diferença significativamente estatística para o escore geral, nas classes autocontrole, civilidade e assertividade na amostra feminina; no caso da amostra masculina, houve diferença estatística significativa apenas para a classe desenvoltura social; (2) referente ao segundo objetivo, as habilidades sociais mais frequentes de empatia e autocontrole bem como idade de 12 anos mostraram-se fatores de proteção; dificuldade nas habilidades de civilidade e sexo feminino mostraram-se fatores de risco. O modelo apresentou baixo poder preditivo. As implicações, limitações e alcances desses dados serão discutidos. **Palavras-chave:** habilidades sociais, adolescentes, depressão.



MR12. A AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM DIFERENTES ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO – Proponente: Lucas Cordeiro Freitas (Universidade Federal de Alagoas, UFAL - AL)

As habilidades sociais podem ser compreendidas como um repertório comportamental importante ao longo de todo o ciclo vital, podendo ser aprendidas e desenvolvidas em diferentes faixas etárias. Quando o ambiente social favorece a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades sociais e a competência social, há a aquisição de um repertório facilitador de relacionamentos interpessoais saudáveis. No entanto, podem ocorrer falhas nesse processo de aprendizagem, levando a déficits em habilidades sociais, e, consequentemente, impactos sobre a competência social, as relações interpessoais e, num sentido mais amplo, a saúde. Esta mesa redonda tem como objetivo apresentar estudos de avaliação de habilidades sociais em populações que se encontram em diferentes etapas do desenvolvimento humano: crianças, adultos e idosos. O primeiro trabalho desta Mesa Redonda teve como objetivo verificar possíveis variações nos escores de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica, obtidos na avaliação de crianças brasileiras por meio do Inventário SSRS, em função da região geográfica habitada. Como resultado, foi encontrado que as crianças de MG e de SP apresentaram, respectivamente, um repertório social e acadêmico global mais favorável em comparação com as crianças do PR, RJ e RS. Por outro lado, as crianças do PR apresentaram os indicadores mais desfavoráveis de desenvolvimento social e acadêmico. No segundo trabalho desta Mesa Redonda, foram avaliadas as habilidades sociais de estudantes universitários de cursos de Ciências Exatas de uma universidade pública de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo. Os resultados indicaram um repertório abaixo da média para alguns dos fatores avaliados pelo Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Por fim, a terceira apresentação tem como objetivo apresentar os resultados encontrados na elaboração e validação do Inventário de Habilidades Sociais para Idosos (IHSI-Del-Prette). A partir de análises fatoriais e de avaliações de confiabilidade composta, foi obtida uma estrutura fatorial composta por quatro classes de habilidades sociais: Expressão positiva de consideração ao outro, Conversação e Desenvoltura Social, que serão apresentados neste estudo. Nos três trabalhos desta Mesa Redonda, além da descrição das avaliações realizadas e dos instrumentos utilizados, serão discutidas as possibilidades de aplicação desses achados no planejamento de procedimentos de intervenções voltadas a essas diferentes populações. **Palavras chave:** avaliação, habilidades sociais, etapas desenvolvimento humano.

12.1 HABILIDADES SOCIAIS, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E COMPETÊNCIA ACADÊMICA EM CRIANÇAS: ESTUDO MULTICÊNTRICO EM CINCO ESTADOS BRASILEIROS – Lucas Cordeiro Freitas (Universidade Federal de Alagoas, UFAL - AL) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

De acordo com as bases teóricas do campo das Habilidades Sociais, os padrões de relacionamento interpessoal são estabelecidos e controlados por diferentes agências sociais, incluindo educação, família, religião, dentre outras. Embora existam normas gerais para os desempenhos interpessoais, cada grupo, classe social ou cultura desenvolve suas normas particulares. Nessa mesma perspectiva, para que um determinado desempenho social seja considerado um indicativo de habilidade social, deve-se considerar os fatores da situação, da pessoa e da cultura. Esses fatores podem influenciar tanto a topografia quanto a funcionalidade do desempenho social, assim como a decisão pelo enfrentamento ou pela fuga/esquiva da situação. Portanto, a avaliação das habilidades sociais e de alguns construtos a elas relacionados, depende em grande parte de variáveis do contexto sociocultural no qual o comportamento está sendo emitido. Tendo em vista que o construto habilidades sociais possui uma especificidade situacional-cultural intrínseca, ressalta-se a importância de estudos que investiguem a influência de variáveis culturais, regionais e geográficas sobre o repertório de habilidades sociais e de comportamentos correlatos. Destaca-se que mesmo dentro de uma cultura específica podem existir subculturas regionais que influenciam de forma diferenciada o desempenho social e as relações interpessoais dos indivíduos que delas participam. Nesse sentido, o impacto dessas diferenças sobre o repertório de habilidades sociais apresentado pelos indivíduos não pode ser desconsiderado. O objetivo deste estudo foi verificar possíveis variações nos escores de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica, obtidos na avaliação de crianças brasileiras, em função da região geográfica habitada. As amostras utilizadas nesse estudo foram extraídas do banco de dados normativo do Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças (SSRS), constituído por 1275 autoavaliações de crianças, 1316 avaliações por professores e 722 avaliações de pais, provenientes de cinco estados brasileiros: Minas Gerais (MG), Paraná (PR), Rio de Janeiro (RJ), Rio Grande do Sul (RS) e São Paulo (SP). As possíveis diferenças entre os escores de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de crianças provenientes de diferentes estados brasileiros, foram analisadas por meio do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, com *post hoc* de Dunn. As crianças de MG e de SP apresentaram, respectivamente, um repertório social e acadêmico global mais favorável em comparação com as crianças do PR, RJ e RS. As crianças do PR apresentaram os indicadores mais desfavoráveis de



desenvolvimento social e acadêmico. As crianças do RS apresentaram autoavaliações mais negativas em comparação com outros estados. Possíveis fatores relacionados à variação regional na avaliação de habilidades sociais de crianças são discutidos. (FAPESP) **Palavras-chave:** Habilidades sociais, crianças brasileiras, estudo multicêntrico.

12.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL: HABILIDADES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS DE CURSOS DE ENGENHARIA – Daniele Carolina Lopes (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

O mercado globalizado e as pressões dele decorrentes passaram a exigir profissionais cada vez mais capacitados tecnicamente. Além disso, outras habilidades estão sendo cada vez mais valorizadas como a trabalhar em equipe, falar em público, resolver problemas, tomar decisões, comunicar-se adequadamente de forma empática e assertiva entre outros comportamentos, que no campo teórico-prático do Treinamento em Habilidades Sociais (THS) são denominadas habilidades sociais. No entanto, considerando que a capacitação interpessoal deveria ser um dos requisitos contemplados no ensino superior, cabe investigar se a Universidade está assumindo esse compromisso em relação aos estudantes. Para isto, uma primeira etapa consiste em investigar as oportunidades diretas de capacitação interpessoal proposta pelo currículo dos cursos de graduação e, conjuntamente, avaliar o repertório de habilidades sociais dos estudantes. Esta mesa tem por objetivo descrever os resultados da avaliação das habilidades sociais de universitários de cursos de Ciências Exatas e discutir os encaminhamentos decorrentes dos resultados dessa avaliação. Foram avaliados 90 estudantes de cursos de Engenharia de uma universidade pública de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo. Os estudantes cursavam cursos como Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecatrônica, sendo 10 alunos da Engenharia Mecatrônica (5 do segundo ano de graduação, três do terceiro e 1 do primeiro), 12 da Engenharia Elétrica (9 do terceiro ano de graduação, 2 do segundo e 2 do quarto) e 68 da Engenharia de Produção (42 do primeiro ano de graduação, 12 do segundo, 2 do terceiro, 10 do quarto ano e 2 do quinto e último ano). No total, 72% dos estudantes avaliados eram do sexo masculino e a idade média foi de 20,04. Para avaliação foi utilizado um instrumento para caracterização dos universitários e o Inventário de Habilidades Sociais. O levantamento acerca das oportunidades formais de capacitação interpessoal resultou na informação de que não há, para os referidos cursos da universidade avaliada, qualquer atividade planejada, seja disciplina, atividades de extensão, cursos e/ou treinamentos com essa finalidade. A avaliação do repertório de habilidades sociais dos estudantes indicou um repertório abaixo da média para alguns dos fatores avaliados pelo IHS. Serão discutidas as implicações de um repertório pouco desenvolvido de habilidades sociais para a formação profissional e uma alternativa que vem sendo implantada e bem sucedida junto aos estudantes avaliados desses cursos de graduação. Sinaliza-se, portanto, a necessidade da inserção da temática de competência social para a formação integral de um aluno de ensino superior, principalmente para estudantes de cursos que notoriamente dão pouca ênfase aos aspectos interpessoais, como é o caso das Engenharias. **Palavras-chave:** habilidades sociais, universitários, formação profissional.

12.3 ENVELHECIMENTO E HABILIDADES SOCIAIS: COMO AVALIAR? – Ana Carolina Braz, Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP), Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto - Portugal) e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

No decorrer das últimas décadas, houve um crescimento sem precedentes da população idosa, fenômeno que acrescenta desafios para o idoso, bem como para seu ambiente social, exigindo, portanto, um repertório de habilidades sociais. Não obstante o envelhecimento acelerado, o ambiente social pode não estar totalmente preparado para essas condições, e, deste modo, podem ser necessárias intervenções especificamente voltadas para o atendimento dessas necessidades e, num sentido mais amplo, de promoção de relacionamentos interpessoais mais equilibrados, de qualidade de vida e de bem estar no envelhecimento. Visando atender a estas novas demandas, notou-se no campo da das HS, um investimento crescente em estudos voltados para os idosos, notadamente a partir da segunda metade da década de 2000. Uma das lacunas iniciais era a ausência de instrumentos com propriedades psicométricas adequadas para idosos, passo importante quando se decide fazer uma intervenção em habilidades sociais, principalmente, um Treinamento de Habilidades Sociais. Um instrumento específico para esta faixa etária permitiria uma avaliação mais precisa, evitando, assim, equívocos frequentemente encontrados quando se utiliza, com idosos, instrumentos desenvolvidos para outras faixas etárias como, por exemplo, jovens adultos. Esta apresentação tem como objetivo apresentar os resultados encontrados na elaboração e validação do Inventário de Habilidades Sociais para Idosos (IHSI-Del-Prette). Nesta investigação, foram avaliados 616 idosos, de ambos os sexos e de diferentes níveis socioeconômicos. A partir de análises fatoriais e de avaliações de confiabilidade composta, foi obtida uma estrutura fatorial composta por quatro classes de habilidades sociais: Expressão positiva de consideração ao outro, Conversação e Desenvoltura Social, que serão apresentados neste trabalho. Adicionalmente, serão discutidas possibilidades de intervenção a partir desses achados, em termos de objetivos, procedimentos, vivências e materiais de apoio para programas de intervenção e



desenvolvimento interpessoal, voltados a essa população. Também é discutida a aplicabilidade dos itens do instrumento nos procedimentos adotados nas sessões. (CAPES/FAPESP) **Palavras-chave:** habilidades sociais, envelhecimento, avaliação.

MR13. IMPLEMENTAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E ADAPTAÇÃO CULTURAL DE PROGRAMA MULTICOMPONENTES DE HABILIDADES SOCIAIS PARA PREVENÇÃO E PROMOÇÃO EM SAÚDE MENTAL. Proponente: Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Evidências consistentes têm sido encontradas na literatura acerca do papel protetivo das habilidades sociais para diferentes desfechos negativos em saúde mental, como é o caso do abuso de álcool e drogas. Deste modo, programas preventivos voltados para o desenvolvimento de habilidades sociais de crianças e adolescentes e seus cuidadores constituem uma das vias preventivas e de promoção de saúde mental. Tais programas de habilidades sociais podem ser focados de modo exclusivo em habilidades sociais ou podem ser multicomponentes, tendo a promoção de habilidades sociais aliada a outros componentes. Quando implementados em larga escala na comunidade, sobretudo em contextos culturais diversos daquele em que o programa foi originalmente construído, surgem desafios relativos à avaliação, expansão e adequação cultural para novos contextos. Este simpósio tem por objetivo geral discutir a implementação, a disseminação e a adequação cultural de programas preventivos e de promoção de saúde mental que incluam habilidades sociais em seu conteúdo. A primeira apresentação descreverá um estudo piloto de implementação do Programa *Unplugged* em escolas brasileiras, no ano de 2013, com a finalidade de prevenir o abuso de álcool e drogas. Trata-se de um projeto desenvolvido pelo Ministério da Saúde e UNODC, em parcerias com a UNIFESP e UFSC. A segunda apresentação discutirá a disseminação de programas preventivos, tomando os programas de habilidades sociais como exemplo, incluindo aí seus requisitos, barreiras e necessidades para o contexto nacional. A terceira apresentação abordará um estudo de avaliação da adequação cultural e do processo de implementação do Programa Fortalecendo Famílias, um programa destinado à prevenção do abuso de álcool e drogas em adolescentes, por meio do desenvolvimento de habilidades sociais parentais, habilidades sociais de enfrentamento à pressão dos pares, resolução de problemas e fortalecimento dos vínculos familiares. Espera-se que esta discussão contribua para o fomento de uma agenda de pesquisa relativa à implementação em larga escala, disseminação e adequação cultural de programas de habilidades sociais com fins de prevenção e promoção em saúde mental.

13.1 IMPLEMENTAÇÃO DE PROGRAMAS MULTICOMPONENTES DE HABILIDADES SOCIAIS: ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROCESSO – Daniela Ribeiro Schneider (Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial - PSICLIN, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis - SC)

As intervenções multicomponentes se caracterizam por possuir múltiplos objetivos e diferentes temas para intervenção envolvendo as habilidades sociais, mas para além delas, outras habilidades de vida, como as cognitivas, o manejo de emoções e de stress. Caracterizam-se também pelo uso de técnicas diversificadas em sua intervenção, visando o protagonismo dos participantes. Estas intervenções visam fortalecer habilidades que permitam ao sujeito enfrentar de forma mais saudável as situações de risco à sua saúde, fortalecendo fatores de proteção pessoais, familiares e comunitários. A implementação de programas em saúde tem, hodiernamente, o imperativo de serem sistematicamente acompanhados e avaliados em seu processo, visando a otimização de recursos, a fiabilidade de resultados e o controle social sobre investimentos de políticas públicas. A avaliação de processo deve descrever qualitativa e quantitativamente as etapas do programa, refletindo sobre o que se fez, as razões relacionadas as decisões práticas durante a implementação, o tempo despendido no mesmo, as dificuldades enfrentadas, as mudanças que se fizeram necessárias ao longo em seu desenvolvimento. Nesta apresentação serão discutidos os elementos centrais deste tipo de avaliação, incluindo aspectos como a fidelidade, a dose administrada, a dose recebida, o alcance, a aceitabilidade e a viabilidade, utilizando como exemplo o piloto da implementação do Programa *Unplugged* em escolas brasileiras, no ano de 2013, projeto desenvolvido pelo Ministério da Saúde e UNODC, em parcerias com a UNIFESP e UFSC. Este programa caracterizado como sendo de multicomponentes, focado em habilidades de vida, foi desenvolvido originalmente por sete países europeus, é voltado para adolescentes entre 12 a 14 anos e dirige-se para a prevenção ao uso de álcool e outras drogas, sendo desenvolvido pelos professores, em classes regulares, planejado em 12 unidades, que devem ser efetivadas durante um semestre letivo. Serão descritos os métodos e os resultados obtidos nesta experiência de 2013, que está na base da expansão do programa para as escolas brasileiras em vários Estados, implementado como política pública pelo Ministério da Saúde em 2015. (UNODC) **Palavras-chave:** avaliação de processo; prevenção a álcool e drogas; saúde do adolescente.



13.2 QUESTÕES REFERENTES À DISSEMINAÇÃO DE INTERVENÇÕES PREVENTIVAS – Márcia Helena da Silva Melo (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, USP - SP)

A literatura é clara em defender a prevenção de problemas relativos à saúde mental de crianças e jovens como uma prioridade a ser encampada pelos governos e pesquisadores de diferentes áreas. A disseminação de práticas baseadas em evidência tem sido apontada como um dos caminhos pelos quais somos capazes de influenciar a política social e criar mudanças sociais positivas e nesse sentido produzir o máximo impacto em questões psicossociais relevantes. A psicologia tem sido chamada a contribuir com intervenções preventivas efetivas com foco na saúde mental da comunidade. Nesse contexto, são objetivos do presente trabalho discutir aspectos relativos à disseminação de intervenções preventivas destacados em publicações da área – tomando como exemplo intervenções voltadas para o desenvolvimento de habilidades sociais em escolares –, e descrever a inserção nacional neste campo. A disseminação envolve a sistematização de esforços, orientados por métodos e teorias, para tornar uma intervenção ou inovação amplamente disponível a uma determinada população ou comunidade; tal disponibilidade remete à eficácia e efetividades das intervenções preventivas. Um dos aspectos relevantes para que a disseminação ocorra é a necessidade de uma definição clara da intervenção e que o local selecionado forneça suporte para a execução do programa. Somado a isso, é necessário o desenvolvimento de competências referentes à seleção, treinamento, supervisão e avaliação de desempenho dos profissionais envolvidos. Outro ponto de discussão se refere à acessibilidade das informações; na medida em que as informações sobre a intervenção são acessíveis e sua utilidade é claramente demonstrada, há maiores chances de sucesso de sua disseminação. Entende-se como primordial sintetizar e traduzir os dados de pesquisas existentes no campo para que possam ser utilizados pelos profissionais das instituições escolares e de saúde em sua prática cotidiana. Além do critério efetividade, os programas, para serem disseminados, devem atender a outros critérios que garantam em alguma medida que eles serão adequadamente utilizados pela comunidade. Tais critérios devem incluir os materiais e serviços necessários, tais como manuais e suporte para treinamento; informações claras sobre os custos, assim como as ferramentas de monitoramento e avaliação. As instituições que venham a adotar um programa preventivo que não preencham os critérios definidos devem desenvolver estudo de replicação. Apesar do compromisso em estabelecer altos padrões de cuidado, a disseminação de práticas baseadas em evidência tem encontrado obstáculos e, nesse sentido, tem-se operado em velocidade reduzida para garantir o acesso da sociedade a essas medidas. No contexto brasileiro, intervenções preventivas prontas para serem difundidas têm sido cada vez mais requeridas no campo das políticas públicas federais, embora nossa produção científica nessa área permaneça escassa. Por outro lado, concorda-se que falta uma base de evidência para a divulgação de novas tecnologias psicológicas, não havendo consenso sobre quais são as melhores formas de se investir nessa divulgação. Em que pese a falta de concordância entre os pesquisadores sobre os melhores programas, o fato é que a ampla disseminação não tem sido priorizada pelos fomentadores das intervenções, impedindo que elas estejam prontamente disponíveis para a população, fazendo-se premente o investimento de medidas que preencham essa lacuna. **Palavras-chave:** prevenção, disseminação, difusão.

13.3 – PROGRAMA FORTALECENDO FAMÍLIAS PARA PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS EM ADOLESCENTES: AVALIAÇÃO DE ADAPTAÇÃO CULTURAL E PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO – Sheila Giardini Murta, Larissa de A. Nobre-Sandoval, Carlos Eduardo Paes Landim Ramos, Marina de Souza Pedralho e Thauana Nayara Gomes Tavares (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

A adoção de políticas públicas efetivas para a prevenção ao abuso de drogas lícitas e ilícitas é urgente no Brasil. Programas de desenvolvimento de habilidades familiares para cuidadores e adolescentes apoiados em evidências de efetividade constituem uma das medidas preventivas cabíveis. A Coordenação de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde adotou para o Brasil, em caráter experimental, o Programa Fortalecendo Famílias (SFP 10-14), focado no desenvolvimento de habilidades sociais parentais, habilidades sociais de enfrentamento à pressão dos pares e resolução de problemas entre adolescentes e fortalecimento dos vínculos familiares. Este programa foi desenvolvido originalmente nos Estados Unidos e posteriormente adaptado para diversos países europeus. Deste modo, sua adequada implementação no Brasil requer adaptação cultural para se incrementar sua relevância, atratividade e clareza para nossas famílias e jovens. O presente estudo buscou avaliar a adequação cultural de materiais e atividades do Programa Fortalecendo Famílias para subsidiar sua adaptação cultural para o Brasil e avaliar o seu processo de implementação. A implementação do programa deu-se no Distrito Federal, entre os meses de novembro e dezembro de 2013. Participaram do estudo 93 pais/ responsáveis, 107 adolescentes, seis multiplicadores federais, 15 líderes de grupo e cinco gestores. A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas, questionários, escalas, sentenças incompletas, grupos nominais e observação direta. Os resultados evidenciaram que o programa foi percebido como suficientemente relevante, atrativo e claro, na perspectiva de familiares, jovens, observadores externos e líderes de



grupo. Indicações para adaptação cultural de aspectos linguísticos e cenários dos vídeos e atividades foram feitas por familiares, jovens e líderes de grupo. Os líderes de grupo e observadores externos perceberam os jovens e seus familiares como responsivos ao programa, como bons níveis de participação. Os pais/responsáveis e jovens relataram satisfação com o programa, principalmente com as aprendizagens vivenciadas e as atividades. Insatisfação foi relatada pelos pais/responsáveis quanto à curta duração do programa e trocas restritas entre os participantes. Os jovens relataram insatisfação para com atividades do programa percebidas como infantis. Quando entrevistados aos dois meses após o programa, os pais/responsáveis relataram fazer uso de conhecimentos e habilidades aprendidas no programa e perceber impacto do programa sobre a qualidade das interações na família, no próprio comportamento de comunicar-se com os filhos, regular as emoções e dispendar tempo com os filhos e, por fim, no comportamento dos filhos, como no engajamento em tarefas de casa, obediência a regras e melhora no desempenho escolar. Conclui-se que o programa alcançou boa aceitabilidade entre os participantes e revela potencial de benefício às famílias e jovens brasileiros, o que justifica sua disseminação para novas regiões do País, tomados os cuidados quanto à adaptação de materiais e procedimentos, seleção das famílias, formação de líderes de grupos, planejamento das sessões e infraestrutura. **Palavras-chave:** adaptação cultural; habilidades sociais parentais; avaliação de programas.



PALESTRAS

PAL01. HISTÓRIAS INFANTIS: EVOCANDO ANÁLISES FUNCIONAIS APRESENTADAS POR CRIANÇAS E JOVENS - Laércia Abreu Vasconcelos (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Versões de histórias infantis, clássicas e contemporâneas, tem sido instrumento de amplo acesso a crianças, apresentadas por meio de diferentes mídias tais como livros, filmes, televisão e smart phones. O tempo de exposição às mídias de tela tem ultrapassado o tempo de exposição a estímulos acadêmicos na escola, o que sugere a necessidade de mediação de adultos significativos para as crianças e jovens, junto a esses recursos midiáticos. A participação de adultos em interações verbais com a criança, a partir desses recursos lúdicos promove a aprendizagem e transmissão de valores e comportamentos prossociais. Assim, o objetivo desta pesquisa foi apresentar análises funcionais, utilizando a contingência de três termos, envolvendo os personagens das histórias. Esta estratégia oferece elementos que ampliam discussões sobre diferentes temas junto a crianças e jovens. A metodologia envolveu histórias clássicas adaptadas por Walt Disney como Branca de Neve e os Sete Anões, Pinóquio, Peter Pan, e de Monteiro Lobato, No Reino das Águas Claras e Emília no País da Gramática. As histórias foram acessadas por meio de filmes produzidos para o Brasil, as quais foram transcritas. Uma vez que as contingências foram identificadas, diferentes temas foram discutidos incluindo literatura científica e literatura de acesso ao público em geral. Os resultados mostram a ampliação de discussões, a partir das contingências formuladas, para além do bem e do mal ao se abordar diferentes temas tais como: a madrasta; o pai; “o ser um menino de verdade”; o “não crescer” na Terra do Nunca; o relato de inverdades – a mentira; a efetiva participação de adultos em brincadeiras no Sítio do Picapau Amarelo; a valorização da imaginação, do sonhar: “Ele imaginava que era rei, soldado, herói, pirata e domador... Era o que queria ser porque era um sonhador...”; a descrição de sentimentos; a busca de soluções inovadoras para antigos problemas, o desenvolvimento de reflexões críticas são produtos importantes para a formação das crianças e jovens. Entre as principais conclusões, diferentes passagens das histórias são intraverbais valiosos para o desenvolvimento de relações verbais no repertório de crianças e jovens. “E foram felizes para sempre” pode ser expandido trazendo a diversidade de comportamentos emocionais, de comportamentos pró-sociais que envolvem o sentir-se feliz no dia a dia de meninos e meninas. “Ser um menino de verdade” conduz a discussões sobre o tornar-se pessoa, sobre a história ontogenética com uma dinâmica interação entre os aspectos biológicos e práticas culturais. Finalmente, a formação do conceito de ética – fazer o que é bom para o ser humano (reforços primários positivos e negativos, assim como reforço condicionado) pode ser cuidadosamente explorado em um momento em que se discute a necessidade da educação para as virtudes. Skinner enfatiza o fazer o bem, o que contribui para a sobrevivência de todos, com destaque para a sobrevivência da cultura. Portanto, as histórias infantis permitem uma ampla discussão de conceitos e valores, via diferentes fontes, do popular (Tio Barnabé, Nastácia) ao científico (Dona Benta e o Visconde de Sabugosa). Uma ética da vida, da esperança, uma utopia de salvar o futuro via um hedonismo educado, via a educação da sensibilidade pode ser desenvolvida, no repertório de crianças e jovens, nos contextos familiar e escolar, utilizando contingências extraídas das histórias. (CNPq/FINATEC/FUNPE) **Palavras-chave:** histórias infantis, ética skinneriana, práticas culturais, análise funcional.

PAL02. CONSTRUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE ESCALAS E INVENTÁRIOS PARA AVALIAÇÃO DE VARIÁVEIS RELEVANTES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS - Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis, UCP - RJ)

A utilização de instrumentos de avaliação psicológica tem sido bastante questionada no Brasil. O Conselho Federal de Psicologia criou um sistema de avaliação para divulgar informações sobre os testes psicológicos à comunidade e aos psicólogos. Este sistema baseia-se nas resoluções 02/2003 e 05/2012, que propõem que os instrumentos psicológicos sejam regularmente avaliados para que se possa manter no mercado apenas aqueles que possuem as mínimas condições técnicas exigidas. Como instrumentos de avaliação psicológica, as escalas e inventários na área das habilidades sociais e da competência social precisam cumprir as exigências promulgadas pelas resoluções supracitadas. Tais exigências cobrem todas as etapas de construção e adaptação dos instrumentos. No campo das relações interpessoais, os instrumentos mais utilizados são os inventários e as escalas. Para a sua construção o pesquisador precisa tomar uma série de decisões referentes a três grandes conjuntos de procedimentos: teóricos, empíricos e analíticos. A primeira decisão refere-se à definição da variável a ser avaliada. Trata-se de um comportamento ou é um construto ou um traço latente? Esta decisão encontra-se no polo teórico, pois será necessário fundamentar teoricamente o objeto psicológico para o qual se deseja construir um instrumento de medida. O construto em questão deverá ser corretamente operacionalizado. Há que se explicitar ainda o objetivo da avaliação: descrever um grupo, avaliar intervenções ou aumentar o conhecimento teórico através de pesquisas correlacionais? Já no polo empírico



temos que definir a população a que se destina nosso instrumento, como também o tipo de instrumento: vamos observar e colocar os sujeitos numa escala ou vamos questioná-lo para que ele se autoavale? É necessário ainda investigar se já existem instrumentos para avaliar o construto em questão, para esta população. Se existem é possível adaptar? Se não existem é viável construir? Ao adaptar um instrumento é necessário considerar os critérios para uma avaliação multicultural. Precisa-se decidir ainda sobre os indicadores que serão utilizados, assim como o modelo que será adotado. Será a Teoria Clássica dos Testes ou a Teoria da Resposta ao Item? Esta decisão implica em estudá-los e analisar as vantagens e desvantagens de cada modelo. Se o instrumento escolhido for uma escala de observação, há que se tomar todos os cuidados necessários na delimitação de unidades e definição de categorias de comportamento. Com base nestas decisões, passa-se à etapa de construção dos itens, considerando a literatura, ou seja, outros testes que medem o construto, fazendo um levantamento junto à população-meta. Seguem-se então os critérios para a construção de itens. São em seguida efetuadas as análises dos itens: teórica e empírica. A análise teórica é qualitativa e compreende a análise semântica e a análise de conteúdo, e a análise empírica é quantitativa. Importante ainda é executar uma análise fatorial para comprovação da validade interna do instrumento. É imprescindível estabelecer os parâmetros psicométricos: afidedignidade e a validade. Finalmente procede-se à padronização dos instrumentos com uma amostra representativa da população a que se destina o instrumento. O manual é confeccionado, especificando todos os procedimentos de construção e as instruções para aplicação do instrumento. **Palavras chave:** construção de instrumentos de avaliação psicológica, parâmetros psicométricos dos instrumentos, relações interpessoais.

PAL03. HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO - Luciana Carla dos Santos Elias (Departamento de Psicologia da FFCLRP, USP - SP)

A literatura tem sinalizado para a importância das habilidades sociais, como um fator de proteção ao desenvolvimento. O termo habilidades sociais se aplica às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo e devem colaborar para a resolução de problemas imediatos e redução da ocorrência de problemas futuros. Dentre as diferentes habilidades sociais, tem-se como foco as habilidades de solução de problemas interpessoais- HSPI. As HSPI são aprendidas, passíveis de intervenção e apresentam caráter preventivo, visto que contribuem para a flexibilidade cognitiva, uma condição necessária, ainda que não suficiente para um desempenho socialmente competente, já que permitem ao indivíduo selecionar e coordenar os comportamentos que melhor se prestem à geração das consequências pretendidas em situações específicas. As HSPI são constituídas por seis capacidades (1) gerar soluções alternativas, (2) consideração de consequências de atos sociais, (3) desenvolvimento de pensamento meio-fim, (4) desenvolvimento do pensamento social-causal, (5) sensibilidade para problemas e (6) orientação dinâmica. A literatura tem apontado que crianças com melhor desempenho em HSPI mostram-se melhor adaptadas às situações de vida, ao passo que as com dificuldades, frequentemente sinalizam problemas de relacionamento, comportamento, desempenho escolar, entre outros. Diante desse contexto intervenção junto a crianças para o desenvolvimento/aprimoramento das HSPI mostra-se de extrema relevância podendo atuar como um fator de proteção ao desenvolvimento. As intervenções podem ser realizadas tanto em cenário clínico como institucional (escolas, ONGs; creches, entre outros), de forma a colaborar de maneira positiva com o desenvolvimento da criança. Essas intervenções podem ser desenvolvidas dentro de uma modalidade preventiva de caráter universal até uma modalidade indicada (onde os indivíduos já apresentam dificuldades comportamentais instaladas dentro de critérios clínicos). Faz-se imprescindível o reconhecimento e compreensão das características comportamentais da população com a qual se pretende trabalhar. Programas de intervenção com foco no desenvolvimento/aprimoramento das HSPI têm como meta ensinar às crianças habilidades de pensar que podem ser usadas para ajudar a resolver ou prevenir problemas entre as pessoas; ensinar como pensar, não o que pensar, encorajando-as a encontrarem muitas soluções para os problemas. Todos os conteúdos de pensamentos são trabalhados, sendo o foco as formas de pensamentos, ações e consequências. A aplicação dessas habilidades em situações de vida cotidiana ajuda as crianças a construir competência social e emocional em casa e na escola. Diferentes estudos realizados por nosso grupo de pesquisa, em contexto clínico e escolar, tem apontado resultados bastante significativos quanto ao desenvolvimento das HSPI, redução de problemas de comportamento e melhora no desempenho escolar. Assim espera-se divulgar alguns aspectos teóricos relevantes no trabalho com as HSPI, assim como possibilidades de trabalhos de intervenção para o desenvolvimento/aprimoramento dessas habilidades. (FAPESP/CNPq) **Palavras-chave:** habilidades sociais, habilidades de solução de problemas interpessoais, problema de comportamento.



PAL04. AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DOS 18 ANOS EM DIANTE: CONHEÇA O IHS-PLUS E O IHSI-Del-Prette - Ana Carolina Braz, Zilda Aparecida Pereira Del Prette, Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP) e Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto - Portugal)

O Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) é a principal referência desta modalidade de avaliação de habilidades sociais no Brasil desde sua publicação em 2001. A validação original foi feita para jovens universitários na faixa etária de 18 a 25 anos. No entanto, nos últimos anos, vem se verificando, no Banco de Dados informatizado, que vem sendo indevidamente aplicado para pessoas de outras faixas etárias (mais jovens e mais velhos, até 70 anos!). Isso se tornou preocupante para os autores do instrumento que, considerando suas características psicométricas satisfatórias, começaram a investir no estudo de possível validade e precisão junto a grupos com características bastante diferentes, em termos de idade e escolaridade. O objetivo deste trabalho é apresentar as características do instrumento testado dos 18 aos 60 anos (IHS-Plus) e do instrumento com itens adaptados para a população de 60 anos em diante (IHSI-Del-Prette). Adicionalmente, pretende-se oferecer coordenadas de como pesquisador e profissional podem lidar com estas novas ferramentas. O IHS-plus foi aplicado e validado em uma amostra 1032 adultos com idades entre 18 e 60 anos, de ambos os sexos e de todos os níveis socioeconômicos. A estrutura fatorial do instrumento (Análise Fatorial Exploratória, seguida por Análise Fatorial Confirmatória) reteve 24 itens e produziu os seguintes fatores: (F1) Conversação e desenvoltura social; (F2) Expressão de sentimento positivo; (F3) Assertividade de autodefesa; (F4) Assertividade de autoexposição social e (F5) Assertividade afetivo-sexual. O índice de consistência interna (Alfa de Cronbach) da escala global foi de 0,838 e das subescalas de 0,825 a 0,654. As normas em percentis foram computadas para três faixas etárias (18-25; 26-40 e 41-60 anos). O IHSI-Del-Prette foi aplicado e validado em uma amostra de 616 idosos, de ambos os sexos e de diferentes níveis socioeconômicos, com idade de 60 a 94 anos. As análises psicométricas produziram uma estrutura de quatro fatores de habilidades sociais: (F1) Expressão positiva de consideração ao outro; (F2) Assertividade de enfrentamento, (F3) Conversação e Desenvoltura Social, (F4) Autoexposição afetivo-sexual. O índice de consistência interna (Alfa de Cronbach) da escala global foi de 0,926 e das subescalas de 0,885 a 0,692. Os resultados mostraram que os dois instrumentos apresentam uma estrutura mais simplificada e enxuta, facilitando a aplicação. Serão discutidas as contribuições destas novas ferramentas para avaliação, intervenção e novas pesquisas. Em particular, discute-se a importância desses dois instrumentos para a pesquisa (facilitando comparar grupos etários diferentes visando a diferentes objetivos de investigação) e para a prática (resolvendo o problema de uso indevido do IHS-Del-Prette para faixas etárias mais altas e obtendo-se, assim, resultados compatíveis com a idade do cliente). Serão discutidas também as formas de usar os inventários para nortear objetivos e aprimoramento de programas de Treinamento de Habilidades Sociais (FAPESP). **Palavras-chave:** habilidades sociais, adultos, idosos, inventários.

PAL05. AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS E DE ENFRENTAMENTO NA MANUTENÇÃO DA ABSTINÊNCIA DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS - Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Universidade Federal do Maranhão, UFMA, São Luís - MA)

A avaliação psicológica na dependência de substâncias é uma área delicada da Psicologia. Está bastante sujeita a omissões, erros e imprecisões, pois envolve uma condição especial em que variáveis externas podem exercer uma influência significativa no relato do indivíduo. Em diferentes momentos podem existir distintas versões para os mesmos fatos. Tudo isso, certamente, torna mais difícil a análise adequada da situação. Obviamente existem indicadores que bons terapeutas, por meio de técnicas de entrevista e observação do comportamento, sabem avaliar. Somado a isso e tendo como meta uma avaliação mais abrangente e de qualidade, é fundamental contar com instrumentos objetivos, pautados em indicadores psicométricos. Embora exista um número razoável de instrumentos de avaliação na área de dependência de substâncias, ainda são poucos aqueles com evidências de validade para o contexto brasileiro. Além disso, a maior parte é usada apenas para a caracterização do dependente ou no processo inicial de avaliação, de triagem dos pacientes. Seria importante que escalas, testes e inventários pudessem ser utilizados também para avaliar diferentes variáveis ao longo do tratamento, como um guia que orientasse a evolução do paciente e o rumo das intervenções. Entre essas variáveis consideradas essenciais para intervenções em dependência de substâncias estão as habilidades de enfrentamento, compostas em grande parte por habilidades sociais. Embora não sejam sinônimas, já que as de enfrentamento fazem parte de um construto mais amplo, que inclui habilidades intrapessoais, é inegável a importância e o peso das habilidades sociais no processo na manutenção da abstinência. O desenvolvimento de habilidades de enfrentamento envolve habilidades sociais básicas, comportamentos assertivos e habilidades de confronto, que incluem a capacidade de identificar situações de risco, lidar com emoções e fazer reestruturações cognitivas. Desde a década de 1970, vários estudos vêm mostrando que o repertório de habilidades sociais e de



enfrentamento está de alguma forma ligado a melhores resultados nos índices de abuso e dependência de álcool e outras drogas. Apesar disso, por muitos anos, pouca atenção foi dada ao desenvolvimento de ferramentas capazes de avaliar esse repertório. Nos últimos anos, o panorama parece ter mudado e novos instrumentos surgiram para suprir tal demanda. E entende-se que eles são importantes, pois podem levar a uma melhor caracterização dos padrões cognitivos e de comportamentos sociais associados à abstinência e ao consumo de substâncias psicoativas, o que, por sua vez, pode subsidiar estratégias de intervenção mais eficazes. Permitiriam também identificar, tanto individualmente quanto em grupo, habilidades específicas e relevantes que precisariam ser aprendidas ou fortalecidas, além de produzir indicadores mais precisos e válidos para avaliar a efetividade das intervenções. Assim, o objetivo dessa palestra, além de discutir as questões apresentadas anteriormente, é apresentar alguns dos instrumentos disponíveis para a avaliação das habilidades de enfrentamento no processo de manutenção da abstinência de substâncias. **Palavras-chave:** habilidades de enfrentamento, habilidades sociais, substâncias, álcool, drogas, avaliação psicológica.

PAL06. HIERARQUIZAÇÃO DOS SUBFATORIAIS DO IHS-Del-Prette: INSTRUMENTO FACILITADOR DO PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÕES - Gina Nolêto Bueno, Sarah Danielle Pereira Fontes e Larissa Andrade Bento (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC/Goiás - GO)

Habilidades sociais são adquiridas ao longo da vida no processo de interação e aprendizagem, compondo o repertório comportamental social. Habilidades sociais desejáveis são aquelas que geram consequências reforçadoras àquele que se comporta, sem prejudicar os demais. Já os déficits de habilidades sociais podem resultar em consequências aversivas tanto para o indivíduo que se comporta, como aos demais em seu ambiente. Nesse sentido, pesquisadores têm buscado desenvolver instrumentos que facilitem a identificação dos déficits de habilidades sociais com a função de planejar intervenções voltadas à aquisição e modificação de comportamentos. O Inventário de Habilidades Sociais é um instrumento muito utilizado para essa finalidade. Ele é subdividido em fatoriais que possibilitam o conhecimento de repertórios específicos: em situações de enfrentamento e autoafirmação com risco (F1); autoafirmação na expressão de sentimento positivo (F2); conversação e desenvoltura social (F3); autoexposição a desconhecidos e situações novas (F4); e autocontrole da agressividade (F5). Além dos 'itens que não entraram em nenhum fator'. A identificação das competências e dos déficits estabelece relevante condição para o planejamento do treino de habilidades sociais. Treino esse que requer a definição do planejamento que aponte o melhor desenvolvimento: qual déficit e a qual excesso a intervenção deverá priorizar. Assim, este trabalho objetiva descrever o procedimento de hierarquização dos resultados apontados pelo IHS-Del-Prette como deficitários no repertório de comportamento da pessoa a ele submetida. Objetiva favorecer a organização do treino de competências sociais. Estudos que têm aplicado esse procedimento têm demonstrado que esse modo de planejamento da intervenção gera suporte ao pesquisador sobre quais habilidades sociais devem ser trabalhadas primeiro, de modo que gere o menor nível de ansiedade ao indivíduo, assim como possa favorecer sua generalização para diferentes condições sociais. A hierarquização consiste na reordenação das afirmativas inábeis correspondentes aos subfatoriais do IHS-Del-Prette, considerando-se o grau de dificuldade e o grau de ansiedade em cada uma delas. A finalidade é definir uma nova ordem dos subfatoriais para intervenção, em escala crescente, partindo dos itens que gerem menos ansiedade e que o participante apresente menor dificuldade. Foi conduzido um estudo com uma participante de 49 anos de idade que apresentava déficits de habilidade sociais que consequenciavam prejuízos diversos. O delineamento experimental compôs-se de linha de base, de intervenção e de avaliação final. A participante queixava-se de: inabilidade para lidar com eventos estressores, depressão, dificuldade de relacionamento social-afetivo, irritabilidade e dificuldade para dormir. Seu ambiente familiar foi-lhe modelo pouco vigoroso de habilidades (e.g., pai utiliza violência física na educação dos filhos; mãe passiva). Na idade adulta apresentava ambiente familiar conflituoso. Os resultados obtidos com aplicação do IHS-Del-Prette denotam que a participante possuía baixo nível de habilidades sociais (percentil 20, no escore total). Após o treino de habilidades sociais, associado com intervenção focada em modificação comportamental (e.g., estratégia de resolução de problemas) observou-se aumento do nível de suas habilidades globais, passando para o percentil 90, o que indica aquisição de repertórios hábeis. Esses resultados sugerem a eficiência e relevância da intervenção aplicada. **Palavras-chave:** déficits e excessos comportamentais, IHS-Del-Prette, treino de habilidades sociais.



PAL07. HABILIDADES SOCIAIS DE FUTUROS PROFESSORES: PROGRAMA DE THS E EDUCAÇÃO ESPECIAL - Patricia Lorena Quiterio, Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ) e Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis, UCP - RJ)

O desenvolvimento das Habilidades Sociais Educativas de futuros professores é fator essencial de promoção das Habilidades Sociais (HS) de alunos com ou sem deficiência. Os objetivos desta investigação foram: a) identificar o repertório de Habilidades Sociais de alunas de graduação em Pedagogia; b) oferecer um curso teórico-prático de Habilidades Sociais e Educação Especial para alunos da graduação em Pedagogia; c) promover as Habilidades Sociais Educativas dos alunos de graduação, atuando como interlocutores competentes socialmente junto a alunos com deficiência e, d) elaborar um manual de aplicação com os procedimentos, as atividades e os recursos utilizados no curso teórico-prático. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UERJ (processo nº. 017.3.2008). Participam da pesquisa 10 graduandas em Pedagogia. A metodologia foi composta de dois estudos: A Formação Inicial dos Alunos de Graduação em Pedagogia e O Programa de Promoção de Habilidades Sociais dos Alunos Não Oralizados. No Estudo 1 foi oferecido às graduandas um curso de Habilidades Sociais e Educação Especial. Este teve a duração de 44 horas. Uma breve descrição do programa: 1) apresentação da proposta do curso, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aplicação do IHS-Del-Prette e do questionário diagnóstico sobre HS; 2) Conceitos básicos na área, 3) Subclasses de HS, 4) Avaliação em HS, 5) Habilidades Sociais Educativas, 6) Programas de Treinamento em HS, 7) HS e deficiências sensoriais, 8) HS e deficiência intelectual, 9) HS e Transtornos do Espectro do Autismo, 10) HS e Deficiência física, 11) Avaliação multimodal dos alunos não falantes, 12) Elaboração de atividades para o Programa de Promoção das Habilidades Sociais (PPHS) e, 13) replicação do IHS-Del-Prette e do questionário. As aulas tiveram uma metodologia baseada em exposições didáticas, técnicas cognitivas e comportamentais, vivências e elaboração de atividades com recursos da Comunicação Alternativa. Correlacionando os dados do pré-teste e pós-teste, constatou-se que seis alunas demonstraram um avanço significativo no Escore Total (ET). O índice satisfatório em Enfrentamento e Autoafirmação com Risco (F1) e na Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo (F2) ocorreu com quatro alunas em cada fator. No Fator 3 – Conversação e Desenvoltura Social, sete alunas alcançaram uma mudança satisfatória, assim como cinco alunas obtiveram uma avaliação crescente em Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas (F4) e duas no Autocontrole da Agressividade (F5). No período seguinte, as graduandas desenvolveram o Programa de Promoção das Habilidades Sociais para Alunos Não Oralizados (PPHSANO). Neste estudo, o followup com as graduandas foi conduzido dois anos após a conclusão do Programa de Promoção das Habilidades Sociais e Educação Especial e um ano após o término do PPHSANO. A análise dos escores obtidos no followup revelou que a melhora nos fatores de habilidades sociais se manteve em médio prazo. Não ocorreram oscilações significativas desses resultados o que indica uma estabilidade e até mesmo uma tendência crescente nos resultados o que revelou que as graduandas desenvolveram de modo adequado suas Habilidades Sociais Educativas. (CAPES/CPE/PROESP) **Palavras-chave:** programa de promoção de habilidades sociais, formação inicial de alunos de graduação, habilidades sociais educativas.

PAL08. PROPOSTA DE INCLUSÃO DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CURSO DE MEDICINA - Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama – DF) e Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF) e Marcelo de Souza Gennari (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)

A formação do profissional de saúde deve contemplar o desenvolvimento da capacidade analítica, instrumental e inter-relacional. A fim de incluir todos estes quesitos, as últimas diretrizes do curso de Medicina ressaltam a necessidade do ensino das habilidades sociais (HS), como comunicação, até então ignoradas, na expectativa de equilibrar a importância dos aspectos biomédicos e psicossociais envolvidos no processo saúde-doença e fortalecer o atendimento de qualidade. O objetivo deste trabalho é descrever um módulo de 'habilidades e profissionalismo' desenvolvido em um curso médico no formato Problem Based Learning (PBL), que permite a inclusão formal de todos esses aspectos. Por ser um curso novo, foi possível que os professores alocados para iniciar o módulo no terceiro período utilizassem uma dinâmica integrada diferenciada, a fim de contemplar as habilidades técnicas e relacionais. O módulo semestral foi desenvolvido em encontros de 4 horas semanais, sendo que o corpo docente era composto por dois médicos e uma psicóloga e o corpo discente por 50 alunos. Os alunos foram agrupados em turmas A e B. Enquanto a turma A era orientada pela professora psicóloga, a turma B era subdividida em B1 e B2, sendo, cada uma delas, orientada por um professor médico. Na semana seguinte havia inversão das turmas. A proposta de trabalho com a professora psicóloga era um treinamento de habilidades sociais (THS). Para tanto, inicialmente era aberta uma roda de discussão sobre temas específicos, seguida de aula expositiva dialogada com uso de slides e vídeos, e finalizada com a construção de um checklist realizado com a participação ativa dos alunos. Os temas abordados foram: reações emocionais,



comportamentos não verbais, comunicação, civilidade, assertividade, empatia, expressão do sentimento e a relação com pacientes em situações peculiares. Com os professores médicos era realizado o treinamento do exame na sala de espelho unilateral após discussão sobre exames físicos específicos e seus protocolos já existentes na literatura. Nesta etapa os alunos eram subdivididos em grupos de quatro, onde um aluno assumia o papel do médico e realizava o exame, um fazia o papel do paciente e dois observavam. Um observador realizava checklist do protocolo do exame físico e outro marcava o checklist de HS, previamente desenvolvido pelos alunos. Ao retornarem para a dinâmica com a professora psicóloga, os alunos avaliavam o checklist de HS e as alterações necessárias eram discutidas e efetivadas. O módulo no formato proposto trouxe algumas vantagens, como: proporcionar a compreensão da importância das habilidades sociais para o estudante de medicina nos contextos de atendimento médico, facilitar a interação entre os conhecimentos técnicos e relacionais, realizar vivências específicas e potencializar a construção de instrumentos de verificação do repertório relacional. Como principal dificuldade foi identificada a falta total de leitura e estudo prévio dos alunos, justificada pela extrema exigência de outros módulos como a tutoria, empobrecendo a discussão, o reconhecimento de comportamentos específicos e o desenvolvimento dos instrumentos. Acreditamos que o formato educacional proposto neste módulo de 'habilidades e profissionalismo' pode trazer benefícios para a formação do futuro médico, podendo incluí-lo em currículos tradicionais ou PBL. **Palavras-chave:** habilidades sociais, educação médica, formação profissional.

PAL09. TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DE TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE - Isabela Machado da Silva e Silvia Renata Magalhães Lordello Borba (Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Serão discutidos programas voltados à transição para a parentalidade, a partir das contribuições do Modelo Circumplexo de Olson, bem como da Psicologia Familiar e da Psicologia das Habilidades Sociais. A transição para a parentalidade constitui um momento de profundas mudanças para cada um dos membros do casal e para a relação em si, sendo considerada uma das transições mais marcantes no desenvolvimento da família. Com a chegada de um filho, o casal passa a circular em dois subsistemas distintos – conjugal e coparental –, buscando atender às necessidades da criança ao mesmo tempo em que mantém um espaço de gratificação e apoio mútuo para os cônjuges. Com o intuito de contribuir para essa transição, diversos programas têm sido propostos. O Modelo Circumplexo de Olson oferece uma estrutura para o planejamento e avaliação dessas intervenções. De acordo com esse modelo, três dimensões deveriam ser priorizadas ao se trabalhar com famílias em momentos de transição: (a) a coesão, (b) a comunicação e (c) a flexibilidade. A literatura acerca das mudanças e desafios enfrentados pelo casal na transição para a parentalidade demonstra a adequação desse modelo. No que se refere à coesão, durante a gravidez, a percepção de cuidado e apoio tende a ser bastante valorizada, em especial pelas mulheres, sendo considerada, inclusive, como uma manifestação de afeto. O sentimento de que deve prestar apoio à esposa grávida, porém, pode constituir uma fonte de estresse para o marido. Após o nascimento, a maior parte das manifestações de afeto e cuidado passa a ser direcionada para o bebê, podendo predominar um sentimento de distanciamento, que tende a ser acompanhado por um declínio na satisfação conjugal. Quanto à comunicação, estudos têm demonstrado que o número de conflitos no casal pode crescer tanto durante a gravidez como após o nascimento, o que pode ser relacionado às decisões e aos ajustes necessários à chegada do bebê. Nesse contexto, a flexibilidade se mostra necessária à adaptação a todos esses novos papéis e funções, de forma que a expectativa de que a relação do casal se manterá a mesma pode ser prejudicial. A literatura tem demonstrado ainda a necessidade de atentar à relação entre os subsistemas conjugal, coparental e parental durante esse momento de transição, destacando que dificuldades na conjugalidade podem constituir um fator de risco para o exercício das funções parentais e coparentais. Assim, torna-se necessário que essas intervenções abarquem o treinamento de habilidades sociais voltadas (a) às manifestações de apoio e afeto entre os cônjuges, (b) à comunicação, tanto em nível conjugal como coparental, (c) aos desafios relacionados à mudança de papéis e funções e (d) à habilidade de diferenciar conjugalidade e coparentalidade, como forma de minimizar potenciais impactos prejudiciais. Para esse fim, técnicas de treinamento de comportamentos, de comunicação e de solução de problemas, bem como de reestruturação cognitiva e prevenção a recaídas podem se mostrar bastante úteis, podendo ser utilizadas tanto no contexto de grupos de prevenção e promoção, como também na terapia conjugal. **Palavras-chave:** programas de treinamento de habilidades sociais, relações conjugais, relações coparentais.



PAL10. ESCUDO SOCIAL: A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS E DAS RELAÇÕES SOCIAIS NA VIDA ADULTA - Anderson Siqueira Pereira e Sílvia Helena Koller (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre - RS)

O repertório de habilidades sociais é desenvolvido durante toda a vida. Sabe-se que ele possui um papel importante no desenvolvimento e que pode atuar como um intensificador do papel protetivo das redes de apoio. Estas redes são compostas pelas principais relações interpessoais com as quais o indivíduo tem contato e que auxiliam como fator de proteção na ocorrência de problemas. As habilidades sociais atuam como um fator de proteção importante na vida adulta, visto que é a partir delas que ele irá desenvolver suas relações pessoais, de forma a criar vínculos importantes. Além disso, um repertório de habilidades sociais adequado tende a ter um impacto na autoimagem do indivíduo, pois são ferramentas importantes para a solução de problemas, aumentando o sentimento de autoeficácia, e consequentemente, a autoestima. Estas variáveis auxiliam na prevenção de diversos transtornos mentais, como a depressão e a ansiedade social. Em relação aos contextos sociais importantes na vida adulta, existem quatro contextos que se destacam dos demais pelo impacto (tanto positivo quanto negativo) que suas relações tem no sentimento de satisfação com a vida e na resolução de problemas: o contexto familiar (que pode ser dividido em três núcleos distintos: a família de origem, o núcleo parental e o conjugal), o contexto do trabalho, o contexto das amizades e o contexto acadêmico. Cada um destes contextos demandam habilidades sociais específicas para regular suas interações sociais. É dentro deles que o indivíduo irá desenvolver relações pessoais significativas e aumentar seu repertório de habilidades sociais. Desta forma, satisfação nas relações sociais destes contextos está fortemente relacionada a satisfação de vida. Quando existem relações positivas nestes contextos, elas atuam como um escudo social o qual diminui o impacto de possíveis problemas e dificuldades enfrentadas pela pessoa em sua vida, auxiliando a encontrar os recursos necessários para enfrentar e solucionar os problemas. Por outro lado, dificuldade nas relações sociais destes contextos pode diminuir a eficácia do caráter protetivo destas relações e, em situações de necessidade, isso resultará em maior dificuldade na resolução de problemas. Desta forma, tanto os contextos sociais significativos quanto as variáveis pessoais (habilidades sociais, autoestima e autoeficácia) auxiliam no processo de proteção aos problemas, sendo de extrema importância para o desenvolvimento saudável na vida adulta. Observando o acima descrito, objetivo desta palestra será de apresentar as habilidades sociais como um fator pessoal importante para a manutenção das redes de apoio na vida adulta, um importante fator de proteção e identificar quais são os principais componentes destas redes.

Palavras-chave: habilidades sociais, desenvolvimento adulto, prevenção.

PAL11. ESCALA DE AVALIAÇÃO DE ANSIEDADE SOCIAL EM UNIVERSITÁRIOS: ELABORAÇÃO DE ITENS E ESTUDOS PRELIMINARES - Valéria Estefanía Morán, Fabián O. Olaz (Universidad Nacional de Córdoba- Argentina) e Zilda A. P. Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos – SP)

O estudo da ansiedade social é um campo em desenvolvimento, de grande importância teórica e aplicada atualmente. Daí porque a atenção para este problema em estudantes universitários tornou-se especialmente relevante, considerando o impacto incapacitante deste problema no ajustamento social e bem-estar psicológico desta população. Paralelamente ao crescimento desse campo de estudo, tem sido desenvolvidos instrumentos de medida que permitem maior compreensão e conhecimento sobre o fenômeno, o mais amplamente usado em todo o mundo têm sido com base nos resultados de Análise Fatorial Exploratória (AFE) e Confirmatória (CFA) para se determinar as dimensões do constructo, sem partir de postulados teóricos anteriores, em parte devido à ausência de uma teoria unificada e consistente. No entanto, a maioria das interpretações dos fatores tem se baseado nos critérios estabelecidos pelo DSM-IV e nos resultados de dados empíricos mais relevantes. As dimensões que surgem nas várias escalas estão ligadas a situações específicas geradoras de ansiedade, incluindo a interação social com conhecidos e desconhecidos, medo de ser observado e temor de avaliação. A maioria dos enunciados apresenta contextos e demandas gerais, sem abordar uma população específica, como estudantes universitários, que rotineiramente enfrentam situações específicas que podem ser potencialmente geradoras de ansiedade, tais como fazer um exame oral ou expor-se na apresentação de trabalho em frente da classe. Por isso, o objetivo deste trabalho foi construir um Teste de Ansiedade Social para estudantes universitários (TAS-U). Inicialmente, foram elaborados os itens indicados pela literatura, escalas existentes e consultas a especialistas. Foram elaborados 68 itens preliminares que foram submetidos a juízes (N = 6) para verificar evidências de validade de conteúdo. O estudo de concordância sobre a qualidade e a inclusão dos itens levou à retenção de 62 itens preliminares para os quais se avaliou a estrutura interna e a confiabilidade da escala. Os itens foram aplicados a uma amostra acidental de 652 estudantes universitários. Os estudos resultaram em uma escala final de 38 itens, distribuídos em quatro fatores que explicaram 58,75% da variância comum da escala, utilizando análise fatorial exploratória. Eles foram interpretados como situações de ansiedade social com pessoas familiares, ansiedade em situações de desempenho acadêmico ou de trabalho, ansiedade à observação por outras pessoas em situações



gerais e ansiedade em situações de abordagem afetivo-sexual. Estas dimensões são consistentes com fatores evidenciados em estudos de escala semelhante e com postulados teórico-conceituais de ansiedade social. Finalmente, a consistência interna da escala foi avaliada, obtendo-se coeficientes alfa de Cronbach muito bons a excelentes para cada fator (de .76 a .92) e para a escala total (.94). **Palavras-chave:** ansiedade social, avaliação, estudantes universitários.

PAL12. JOGOS EDUCATIVOS E HABILIDADES SOCIAIS: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO EFICAZ E DIVERTIDA - Raissa Roberti Benevides e Sílvia Regina de Souza (Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina - PR)

O ensino de comportamentos sociais vem sendo desenvolvido de diversas formas. Por exemplo, programas de Treinamento de Habilidades Sociais podem ser conduzidos em grupo ou individualmente empregando para isso recursos multimídia, brincadeiras infantis, esportes, histórias sociais ou recursos de computador online ou off-line. Uma forma de desenvolver o repertório social que não tem sido muito explorada, apesar de ser uma forma divertida e possibilitar o ensino dessas habilidades, são os jogos educativos. O uso de jogos educativos é uma estratégia interessante na medida em que pode tornar o aprender divertido, o que aumenta o engajamento do indivíduo, principalmente de crianças e adolescentes, na tarefa. No referente às habilidades sociais, verifica-se a necessidade de jogos que possam ensinar comportamentos pró-sociais já que a maioria dos jogos usados para o ensino destes comportamentos, embora envolvam a interação social, não apresentam uma avaliação de seu efeito sobre o repertório social dos jogadores. Ainda, percebe-se que muitos dos jogos empregados para o ensino de habilidades sociais envolvem jogos de vivência e gincanas, mas não foram encontrados jogos de mesa, baseados nos fundamentos do Design de Games. O uso de jogos fundamentado nos princípios do Design de Games pode ser um recurso interessante, visto que a montagem dos jogos se baseia principalmente na perspectiva de recriar, no ambiente do jogo, situações similares às vivenciadas na vida real, privilegiando, contudo, a interação lúdica. No que concerne a interação lúdica significativa, os Designers de Games referem-se a criar relações entre as ações e os resultados dos jogadores, isto é, deve estar claro para o jogador as contingências entre os eventos ambientais e a sua resposta. O pequeno número de jogos educativos usados para o ensino de habilidades sociais e as vantagens que o uso deste tipo de recurso poderia trazer para o ensino destas habilidades indica a necessidade de desenvolver e a avaliar jogos educativos no contexto de habilidades sociais. Pretende-se com esse trabalho, portanto, discutir o uso de jogos educativos para o ensino de habilidades sociais e apresentar uma proposta de construção de jogos embasada nos princípios do Design de Games. Para tanto, será realizada, inicialmente, uma apresentação breve dos trabalhos na área de Habilidades Sociais que empregaram jogos educativos enquanto recurso para o ensino dessas habilidades. Em seguida, a teoria de Design de Games será apresentada enfatizando suas propostas no referente ao desenvolvimento e avaliação de jogos que ensinem comportamentos complexos. **Palavras-chave:** design de jogos, habilidades sociais, estratégia de ensino.

PAL13. HABILIDADES TERAPÊUTICAS NO PROCESSO DE ATENDIMENTO INDIVIDUAL E FAMILIAR - Virginia E. Suassuna Martins Costa, Danilo Suassuna, Livia Nayara Tomás Silva, Guilherme Nogueira, Maria Paula Miranda Chaim (ITGT - GO)

O indivíduo, em qualquer situação de interação com outro, realiza um desempenho social. As habilidades sociais referem-se às diferentes classes de desempenho social no repertório do indivíduo para lidar de forma competente com as demandas das situações interpessoais. Assim, corresponde à expressão, de atitudes, sentimentos, opiniões, desejos, respeitando a si próprio e aos outros, existindo, em geral, resolução dos problemas imediatos da situação e diminuição da probabilidade de problemas futuros. Nesse sentido, esta atividade tem como objetivo apresentar e discutir as habilidades terapêuticas utilizando-se de uma revisão narrativa da literatura, que possibilita alcançar reflexões da prática clínica, envolvendo habilidades como: sintonizar, observar, responder, responsabilizar e orientar o cliente. As mesmas serão descritas por intermédio da metodologia humanista. Entende-se por Habilidades de Sintonizar a capacidade de transmitir, ao outro, disponibilidade, interesse e atenção através da comunicação não verbal, abordando a inclusão, confirmação e presença do interlocutor. A de Observar refere-se à percepção de aspectos objetivos presentes no outro e muito têm a dizer sobre o subjetivo e o emocional. Uma das ferramentas utilizadas nesse processo é a suspensão dos pré-conceitos por parte do terapeuta. São cinco os aspectos subjetivos que inferimos a partir da observação: o nível de energia, o sentimento, a prontidão, o relacionamento e a (in) coerência. A de Responder que é sinônimo de comunicar verbalmente aceitação e compreensão da experiência do outro, manifestada no aqui-e-agora. Habilidade de Responsabilizar pretende levar ao outro sua experiência, mostrando-lhe sua parcela de responsabilidade diante da situação que está vivendo, ampliando seu repertório social para lidar com as demandas



sociais. Finalmente, focalizará a Habilidade de Orientar que pretende facilitar escolhas e ações que promovam mudanças necessárias na vida do indivíduo e, técnicas fundamentais no desenvolvimento das habilidades terapêuticas no processo de atendimento individual e familiar. Na prática clínica, observam-se algumas características comportamentais que definem esse tipo de atuação, uma vez que, competência social, constitui um complemento indispensável à formação técnica e ao sucesso profissional, exigindo a articulação de diferentes classes de habilidades sociais. Nota-se, portanto, que as habilidades específicas ao terapeuta, em sua relação com o cliente, são denominadas de habilidades terapêuticas. **Palavras-chave:** habilidades sociais, habilidades terapêuticas, humanismo.

PAL14. A COMPREENSÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS A PARTIR DO CICLO VITAL - Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

As habilidades sociais constituem um conjunto de comportamentos emitido por uma pessoa em seu meio social, em que expressará os seus sentimentos, seus desejos, suas atitudes, suas opiniões e seus direitos do modo mais adequado à situação, de maneira adaptativa e assertiva, diminuindo a probabilidade do surgimento de dificuldades futuras. As habilidades sociais são indispensáveis nos diferentes contextos em que o ser humano está inserido: no meio familiar, nos ambientes de ensino, nas atividades laborais e nos relacionamentos que estabelece no decorrer de sua vida. Desta forma, há necessidade que os profissionais da saúde e de outras áreas compreendam o desenvolvimento das habilidades sociais nos indivíduos, a fim de que suas práticas levem em consideração tais aspectos. Nesse sentido, esta palestra objetiva apresentar a importância das habilidades sociais no ciclo vital. Na infância, as habilidades sociais são aprendidas mais comumente a partir dos pais, de maneira sistemática. Trata-se de um período muito importante, pois a literatura aponta que as crianças que desenvolvem um amplo repertório de habilidades sociais, estabelecem relações saudáveis no futuro, sendo um fator de proteção contra a ocorrência de dificuldades de aprendizagem e de comportamentos antissociais. No contexto escolar, a aprendizagem das habilidades sociais torna-se muito importante, bem como as práticas educativas dos professores nesse processo. Na adolescência, o pertencimento a um grupo e as constantes interações com o outro, formulam o senso de identidade, uma das principais tarefas desta etapa. No decorrer da vida, as habilidades sociais seguem sendo desenvolvidas, sendo que os amigos, o cônjuge e os colegas de trabalho podem ser agentes de promoção ou de restrição do repertório de habilidades sociais. Na vida adulta, destacam-se as habilidades sociais profissionais, pois o bom relacionamento interpessoal relaciona-se com maior produtividade no trabalho. Por fim, na velhice, a capacidade de interação social e a rede de apoio contribuem na qualidade de vida, merecendo especial atenção os idosos que estão institucionalizados, pois pesquisas indicam um menor repertório de habilidades sociais em idosos em tais condições. Salienta-se que as habilidades sociais que não são aprendidas ou não estão sendo utilizadas podem levar a déficits, que conduzem a problemas de competência social e impactam negativamente as relações interpessoais e geram prejuízos em diversas áreas. Quando há déficits em habilidades sociais, estes podem ser aprendidos através de treinamentos específicos, como o Treinamento de Habilidades Sociais (THS). Diversos estudos apontam resultados satisfatórios com o THS, desde a infância até a velhice. Por fim, percebe-se que ao compreender as habilidades sociais no ciclo vital, torna-se imprescindível levar em conta os níveis pessoais, situacionais e culturais. Tais conhecimentos necessitam ser difundidos entre os profissionais, possibilitando uma melhor compreensão da maneira como o indivíduo interage em seu meio social. **Palavras-chave:** habilidades sociais; ciclo vital.

PAL15. MÉTODO VIVENCIAL EM THS: PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO - Daniele Carolina Lopes (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

O campo teórico-prático das Habilidades Sociais dispõe de um conjunto de conhecimentos sobre um tipo específico de comportamento social, as habilidades sociais, e um método com procedimentos validados empiricamente. Sobre os programas de THS sabe-se que podem ser definidos como um conjunto de atividades planejadas que tem por objetivos: (a) ampliar a frequência e/ou melhorar a proficiência de habilidades sociais aprendidas, que estão deficitárias; (b) ensinar habilidades sociais novas e que sejam significativas; (c) diminuir ou extinguir os comportamentos concorrentes tais como os problemas de comportamento. Os programas de habilidades sociais podem ter diferentes estruturas, sendo uma delas o método vivencial que se caracteriza como um treinamento prático em sessão e envolve atividades em grupo, estruturada de modo análogo ou simbólico a situações do cotidiano que criam a oportunidade para o treino de desempenhos específicos, permitindo que o facilitador avalie os comportamentos observados e utilize contingências para fortalecer e/ou ampliar o repertório de habilidades sociais. Sendo assim, o objetivo desta palestra é descrever passos fundamentais para o planejamento e condução de um programa de promoção de habilidades sociais com a



utilização do método vivencial. O planejamento deve contemplar a avaliação do repertório dos participantes, em termos de recursos e déficits, antes e após a intervenção, como ao longo do programa; a definição dos objetivos da intervenção e de cada sessão em função das necessidades tanto individuais como do grupo; a decisão quanto à estrutura geral do programa (duração, frequência, etc.) considerando as necessidades do grupo; seleção dos procedimentos de ensino (vivências, recursos audiovisuais, atividades lúdicas, entre outros) e técnicas e, por fim, prever e estruturar estratégias para a generalização dos comportamentos. Além disto, para implementar programas vivenciais efetivos são necessários alguns requisitos técnicos e éticos. O requisito técnico assume muita importância, pois a condução de um programa vivencial depende do conhecimento teórico e prático específico do terapeuta na área de habilidades sociais; do domínio que ele apresenta em relação aos princípios de aprendizagem, especialmente o operante, o respondente e o observacional; de habilidades específicas no próprio repertório como a de observação, controle emocional, empatia, comunicação, assertividade e, por fim, do quanto ele participa do planejamento do programa e conhece a clientela. Além disto, é crucial que a condução de um programa vivencial esteja pautada na ética, tanto em relação aos objetivos, escolha dos procedimentos, consequências e desdobramentos do programa. **Palavras-chave:** treinamento de habilidades sociais, vivências, planejamento, condução.

PAL16. HABILIDADES SOCIAIS E TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: RELAÇÕES CONCEITUAIS E POSSIBILIDADE DE APLICAÇÃO – Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ e Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

Tanto na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano quanto no campo teórico-prático das HS, a qualidade das relações interpessoais é vista como imprescindível para a compreensão do desenvolvimento humano. A TBDH fornece uma orientação teórico-metodológica que enfatiza o contexto na compreensão das condições e dos processos envolvidos no desenvolvimento humano. Nessa teoria, o desenvolvimento é considerado sistêmico e dinâmico, passível de múltiplas trajetórias, uma vez que contextos diversos produzem formas diferenciadas de desenvolvimento. Portanto, essa abordagem assume a complexidade do desenvolvimento, buscando apreender a rede de relações que ocorrem em diferentes contextos, integradas em diversos níveis: microsistema (relações face a face); mesossistema (conjunto de ambientes em que a pessoa participa diretamente, por exemplo, família, escola e trabalho); exossistema (ambientes em que a pessoa não atua diretamente, mas é afetado indiretamente, como por exemplo, o trabalho dos pais de uma criança); macrosistema (valores, ideologias e práticas sociais de uma cultura); e cronossistema (tempo de vida e momento histórico). Sob perspectiva similar, no campo das HS, a compreensão e a promoção da competência social implicam reconhecer a influência das dimensões pessoal, situacional e cultural que configuram o contexto e suas peculiaridades e que impactam sobre o desenvolvimento humano em geral. Na TBDH é evidenciado o papel dos contextos nos quais a pessoa - um ser biológico, psicológico e social - está inserida e assume o papel ativo e transformador dos indivíduos sobre tais contextos, destacando, portanto, sua capacidade de mudar e melhorar as relações sociais. Assim, a perspectiva bioecológica oferece recursos importantes para o estudo também do desenvolvimento das habilidades sociais, o que parece ainda não ter sido explorado no contexto nacional, seja em aspectos conceituais ou aplicados. Tendo em vista essas possíveis vantagens, tanto para a teoria quanto para a prática psicológica, a palestra apresentará algumas relações entre o campo das HS e a TBDH, focalizando as contribuições da perspectiva bioecológica para o estudo do desenvolvimento das habilidades sociais. Num primeiro momento da palestra, são apresentados alguns dos principais pressupostos teórico-metodológicos da TBDH e os conceitos fundamentais do campo das HS. Na sequência, serão analisadas as possíveis relações identificadas entre eles. Ao final, são apresentadas algumas aproximações entre os pressupostos de programas de THS e os pressupostos da TBDH, exemplificando com a descrição sucinta de um programa de HS preventivo, baseado na TBDH, realizado com adolescentes de contextos sociais vulneráveis. Assim, tem-se que a TBDH é uma alternativa teórico-metodológica que se aproxima de alguns conceitos vinculados a uma vertente teórica relacionada do campo das HS e do Treinamento de Habilidades Sociais (THS). Embora se reconheçam os limites e desafios do tema da palestra, entende-se que ela tem o mérito de fomentar novas possibilidades de pesquisa e de prática em trabalhos que contemplem as relações interpessoais e as HS ao longo do ciclo vital, focalizando aspectos do desenvolvimento saudável e positivo. (FAPESP) **Palavras-chave:** habilidades sociais; teoria bioecológica do desenvolvimento humano, adolescentes.



COMUNICAÇÕES ORAIS

SESSÃO 1 - HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DE TRABALHO

COM-01 IDENTIFICAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PRESENTE NAS AÇÕES DE GESTORES/SUPERVISORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS NO EXERCÍCIO DA LIDERANÇA EM UMA IES-PÚBLICA: ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO PRELIMINAR - Aline de Marco da Silveira, Edwart Goulart Júnior, Hugo Ferrari Cardoso e Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Universidade Estadual de São Paulo Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru - SP)

Trata-se de um projeto de iniciação científica que tem como objetivo geral identificar o repertório de habilidades sociais presentes na conduta de lideranças que atuam nos setores técnico-administrativos de uma Instituição de Ensino Superior Pública. Para esse trabalho o objetivo é o de construção de um instrumento visando identificar o repertório de habilidades sociais profissionais de aproximadamente 50 gestores que atuam nas Unidades Acadêmicas de uma IES. Para a elaboração do instrumento, fez-se uma busca pela literatura nacional e internacional utilizando as palavras chave: “gestores”, “habilidades sociais profissionais”, “social skills”, “professional social skills” através das principais bases de dados. Após a leitura, identificou-se as principais classes comportamentais que nortearam a construção dos 8 tópicos do instrumento. A partir da definição dos tópicos, foram descritos subtópicos referentes às categorias e as afirmações que constituem o instrumento foram elaboradas. Para cada afirmação, o respondente deverá pensar nas últimas 10 vezes em que a ocasião ocorreu e escolher entre as frequências “Sempre”, se agiu daquela forma de 9-10 vezes, “Frequentemente”, de 6-8 vezes, “Às Vezes”, de 4-6 vezes e “Nunca”, de 0-3 vezes. O instrumento possui 8 categorias divididas em subcategorias, citadas como exemplos dentro dos parênteses: a) Relacionamento Interpessoal (saber fazer e receber críticas, dar e receber feedback positivo e negativo); b) Cumprimento de Metas e Objetivos Profissionais (planejar rotinas de trabalho, elaborar metas exequíveis de trabalho, administrar o tempo) c) Respeito aos Direitos e Diferenças Individuais (conhecer as características dos liderados, lidar com as diferenças dos liderados, respeitar a cultura e valores individuais) d) Comunicação Organizacional (promover e estimular diálogos profissionais inter e intra setor, criar canais de comunicação efetivos no setor.) e) Resoluções de Conflitos no Trabalho (saber resolver conflitos interpessoais e intergrupais, ouvir opinião em situações de conflito.) f) Gestão do Desempenho Humano no Trabalho (avaliar o desempenho dos liderados, identificar e destacar méritos e erros, favorecer autonomia dos liderados.) g) Gestão de Pessoas (criar um ambiente adequado e incentivar a participação dos liderados nas decisões, estimular o trabalho em equipe.) h) Lidar com o Estresse e Estressores Profissionais (identificar os possíveis fatores geradores de tensão individual no trabalho, propor intervenções que proporcionem um ambiente de trabalho mais saudável.) A partir da leitura da bibliografia concluímos que as habilidades sociais profissionais são importantes para todas as interações sociais por dar suporte para o indivíduo ter melhor qualidade de vida e menor chance de desenvolver doenças psíquicas. É fundamental identificar as habilidades sociais profissionais presentes no repertório comportamental de líderes a fim de instrumentalizar o processo de diagnóstico e possível programas de “T, D & E”, contribuindo para a prevenção de adoecimento dentro do ambiente de trabalho e para a melhoria da qualidade do trabalho. **Palavras Chave:** habilidades sociais profissionais, identificação de habilidades sociais, gestores.

COM-02 A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA COMO CAMINHO METODOLÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS VALORIZADAS NO MUNDO DO TRABALHO. - Êrika Fernandes Cruvinel (Instituto Federal de Brasília, Campus Gama - DF)

Educação Biocêntrica é uma teoria da educação que coloca a vida como centralidade ética, ecológica e educativa. Na Educação Biocêntrica a formação humana acontece com o desenvolvimento dos potenciais criativos, da liberdade intelectual e da singularidade das aptidões. Na Educação Biocêntrica o processo de desenvolvimento individual deve assumir a corporeidade como ponto de partida e o movimento humano pleno de sentido como expressão de presença no mundo nas suas mais diversas dimensões (social, pessoal, profissional, ecológica etc). O objetivo deste trabalho é relatar experiências que apresentam a Educação Biocêntrica como caminho metodológico para o desenvolvimento de habilidades sociais valorizadas no mundo do trabalho, tais como colaboração, cooperação, liderança, motivação, criatividade, foco e relações interpessoais saudáveis. A metodologia da Educação Biocêntrica foi utilizada em dois grupos de estudantes da Educação Profissional: Grupo 1 - Estudantes do curso de Assistente em Logística na modalidade Jovem Aprendiz; Grupo 2 - Mulheres negras internas do sistema prisional matriculadas no curso de Formação Inicial e Continuada-FIC em Artesanato e Estética de Cabelo Afro. Em cada grupo foram realizados cinco



encontros estruturados com foco na associação entre o mundo do trabalho e os propósitos e recursos da Educação Biocêntrica: cultivo da afetividade, contato com a própria identidade, criatividade, desenvolvimento da sensibilidade cenestésica, percepção corporal e destreza motora, aprendizagem visceral e visão integral do universo, integração com a natureza e desenvolvimento da consciência ecológica, desenvolvimento e ampliação da percepção, expansão da consciência ética. A partir destas relações foram trabalhados temas como: colaboração, cooperação, liderança, motivação, criatividade, foco e relações interpessoais nutritivas. Os encontros tiveram uma abordagem dialógico-vivencial. Nos momentos dialógicos foram realizadas rodas de conversa mobilizadas a partir de temas geradores e círculos de cultura, enquanto que as vivências integradoras foram promovidas pela Biodança através da tríade movimento-música-consigna. Durante os encontros buscou-se o desenvolvimento das inteligências afetivas através da promoção de vínculos (consigo mesmo, com o outro e com a totalidade). Apesar de o caminho metodológico ser o mesmo – a Educação Biocêntrica – as atividades aplicadas nos dois grupos foram definidas levando-se em consideração as especificidades e necessidades. No grupo 1 as habilidades trabalhadas com maior ênfase foram: motivação, liderança e foco. Já no grupo 2 foram: colaboração, cooperação, criatividade e relações interpessoais nutritivas. As duas experiências relatadas apontam que a Educação Biocêntrica pode ser utilizada com sucesso no desenvolvimento de habilidades sociais valorizadas pelo mundo do trabalho, especialmente nas sociedades em que os jovens, cada vez mais, têm definido suas escolhas e projetos de vida e profissionais a partir de critérios meramente mercadológicos, o que naturalmente torna-se um fator de insatisfação, sofrimento e adoecimento. **Palavras-chave:** educação biocêntrica, habilidades sociais, relações profissionais.

COM-03 RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO PROFISSIONAL EM DIFERENTES ÁREAS DE ATUAÇÃO - Fabio Alas Martins e Ana Lúcia Vitale Torkomian (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Como importante elo no cenário de desenvolvimento tecnológico e de inovação, a colaboração entre universidade e empresa tem sido amplamente estudada em seus aspectos gerenciais, desafios e perspectivas, considerando o seu papel na sociedade e na economia. Com o propósito de fomentar e gerir tal relação de colaboração, a Lei da Inovação (LEI No 10.973, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004) estabeleceu a criação de Escritórios de Transferência de Tecnologia, denominados Núcleos de Inovação Tecnológica (NIT). As diferenças de culturas organizacionais e expectativas nos ambientes de atuação dos NIT exigem habilidades interpessoais de seus profissionais a fim de obterem os melhores resultados nas relações com todos os atores envolvidos nos processos de proteção de propriedade intelectual e de transferência tecnológica, encontrando soluções para inevitáveis tensões e conflitos, e buscando contribuir para o estabelecimento e manutenção de relacionamentos entre universidades e empresas. Nesse contexto, as habilidades sociais constituem ferramentas que contribuem tanto para a prevenção quanto para o manejo de conflitos, podendo melhorar a competência profissional e social dos trabalhadores envolvidos nesses processos colaborativos. Desta forma, este estudo buscou identificar na literatura científica contribuições relacionando habilidades sociais e atividades profissionais, com vistas a caracterizar ou promover as competências interpessoais dos profissionais que atuam em NIT. Para tal, foram realizadas buscas sistemáticas nas bases de dados Medline, SCIELO, LILACS, PsycInfo e Google Acadêmico, por meio dos descritores (habilidades sociais; desempenho no trabalho; desempenho profissional; Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT); Escritório de Transferência de Tecnologia); (Social Skills; professional performance; Technology Transfer Office (TTO)). Inicialmente, o estudo visou a identificar a população-alvo dos trabalhos e sua caracterização, como sendo de avaliação e/ou programas de intervenção. Verificou-se que a produção sobre habilidades sociais relacionadas a profissionais de diferentes áreas de atuação ainda é escassa. Entretanto, alguns estudos avaliaram classes específicas de habilidades sociais, como, por exemplo, empatia, assertividade ou habilidades de comunicação, de estudantes, profissionais da saúde, professores e profissionais em posições de liderança ou de gerência. De maneira geral, a análise dos estudos evidencia que maior repertório de habilidades sociais está associado a melhor desempenho profissional. Não foram encontrados estudos relacionando habilidades sociais ao desempenho/competência profissional de trabalhadores de NIT. A análise da literatura aponta uma carência de estudos realizados na área, indicando a necessidade de novas pesquisas que busquem identificar e atender a possíveis demandas de intervenções em habilidades sociais com profissionais de NIT, visando tanto a melhoria do desempenho profissional, quanto a prevenção de condições de risco relativas a tensões ou conflitos interpessoais e/ou profissionais no contexto de trabalho. (CAPES) **Palavras-chave:** habilidades sociais profissionais; fatores de proteção e risco; desempenho profissional; NIT (Núcleo de Inovação Tecnológica).



COM-06 RELAÇÕES ENTRE SEGURANÇA PSICOLÓGICA, APRENDIZAGEM E VOZ NAS ORGANIZAÇÕES - Adriana Souza D'Almeida e Pérola Cavalcante Dourado (Universidade Federal da Bahia, UFBA - BA)

A partir de uma revisão da literatura, buscou-se analisar o conceito de Segurança Psicológica e identificar possíveis relações do mesmo com a aprendizagem de competências socioemocionais e de “voz” nas organizações. A Segurança Psicológica descreve as percepções das consequências sobre assumir riscos nas interações em um determinado ambiente. Ou seja, se uma pessoa se sente segura e capaz para se posicionar, se expressar e atingir objetivos ao invés de se desengajar ou se calar, por exemplo. No contexto organizacional, a Segurança Psicológica facilita comportamento de “Voz”, ou seja, o compartilhamento de ideias, informação, conhecimento; a contribuição com sugestões e na iniciativa para desenvolver novos produtos e serviços. Trata-se de um fator importante porque a colaboração para alcançar objetivos, compartilhar ideias e perspectivas são comportamentos esperados dos colaboradores nas empresas. Também foi possível relacionar tais construtos com as Habilidades Sociais na medida em que a expressão de ideias e contribuições requer um desempenho socialmente competente. Por outro lado, considerando que a competência social é situacional, um indivíduo pode não utilizar tais habilidades em variados contextos em função de ansiedade, crenças, segurança psicológica, dentre outros. Foi possível perceber superposições entre os construtos avaliados e que são fenômenos multivariados, o que demanda uma maior investigação. **Palavras-chave:** segurança psicológica, voz, desenvolvimento socioemocional.

SESSÃO 2 - HABILIDADES SOCIAIS COMO OBJETO DE INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA

COM-08 ANÁLISE SEQUENCIAL DA INTERAÇÃO TERAPÊUTICA PARA CASOS DE TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL - Glaucia Fernanda Galeazzi Nobile, Vagner Angelo Garcia e Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Universidade Estadual de São Paulo Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru - SP)

Na literatura encontram-se estudos sobre a eficácia de intervenções que inclui treino de habilidades sociais para o Transtorno de Ansiedade Social, mas além de medidas de resultado é também importante medidas de interação terapêutica para a compreensão do processo de mudança que ocorre em terapia. Dessa forma, o estudo da interação terapêutica possibilita compreender quais comportamentos do terapeuta favorecem mudanças no comportamento do cliente. O objetivo desta pesquisa foi o de analisar a interação terapêutica em uma terapia analítico-comportamental com procedimento de treino de habilidades sociais no atendimento de clientes com transtorno de ansiedade social, com o intuito de descrever relações de dependência entre comportamentos do terapeuta e do cliente através de análise sequencial. Participaram da pesquisa, dois clientes universitários com diagnóstico de transtorno de ansiedade social e uma terapeuta. A terapia realizada foi individual, analítico comportamental incluindo o treino de habilidades sociais. As sessões foram gravadas em vídeos e os clientes e o terapeuta assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a utilização das filmagens. Para categorização foram utilizados vídeos de cada cliente, o protocolo de categorias do Sistema Multidimensional de Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica (SiMCCIT) e o software The Observer. Após concordância de observadores a análise dos dados foi realizada através da função lag sequential analysis do software The Observer. Com essa análise é possível verificar quais categorias de comportamento ocorreram antes e depois de uma determinada categoria critério e inferir, portanto, as relações de dependência entre eventos. A análise sequencial foi realizada em quatro níveis, Lag -1 (evento antecedente), Lag +1 (evento subsequente 1), Lag +2 (evento subsequente 2) e Lag +3 (evento subsequente 3). As categorias critério do terapeuta foram selecionadas considerando as que obtiveram maior frequência absoluta no total dos atendimentos, sendo elas: Gestos de concordância do terapeuta, Facilitação, Solicita Relato, Solicita Reflexão, Informação. Como resultado, a categoria critério Gestos de concordância do terapeuta mostra que tem como antecedente e subsequente ela mesma. Para a categoria critério Facilitação aparece como antecedente e subsequente a categoria Gestos de concordância terapeuta. Para a categoria critério Solicita Relato aparec, como antecedente, Gestos de concordância do terapeuta e como subsequente Relato (Cliente) seguido de Gestos de concordância terapeuta. Para a categoria critério Solicita Reflexão aparece como antecedente Gestos de concordância do terapeuta e subsequente Estabelece Relações (Cliente) seguida de Gestos de concordância do terapeuta e Solicita Reflexão. Para a categoria critério Informação aparece como antecedente a Gestos de Concordância (Cliente) e Concordância e como subsequente aparece Gestos de Concordância (Cliente). Com esse estudo foi possível identificar algumas relações de dependência entre os comportamentos do terapeuta e do cliente, os resultados demonstram que as categorias Gestos de Concordância (Terapeuta) e Gestos de Concordância (Cliente) aparecem com frequência como antecedente e subsequente, dessa forma, é possível concluir que essa pesquisa pode contribuir para o ensino desses comportamentos em supervisão



clínica, como também colaborar para o atendimento de pessoas com transtorno de ansiedade social. (FAPESP)
Palavras-chave: Interação terapêutica, análise sequencial de comportamentos, transtorno de ansiedade social.

COM-09 REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE HABILIDADES SOCIAIS E ANSIEDADE - Lanna Cristyna do Rego e Silva, Ana Paula de Castro Araujo, Andressa Vidal Landim e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Universidade Federal da Paraíba, UFPB - PB)

Dificuldades nas interações sociais são característicos de indivíduos com níveis elevados de sintomas de ansiedade social, desta forma muito tem se investigado a eficácia de Treinamentos de Habilidades Sociais (THS) como facilitador deste processo nesta população. Esta pesquisa tem por intuito identificar as relações existentes entre Habilidades Sociais (HS) e Ansiedade Social. Pretende-se expor os métodos e instrumentos utilizados nas pesquisas que abordam esta temática bem como as intervenções e perspectivas atuais utilizadas para o tratamento da Ansiedade. A metodologia utilizada trata-se de uma revisão sistemática realizada na base de dados PubMed utilizando os seguintes descritores “Social Skill” (Habilidades sociais) e “Anxiety” (Ansiedade). Incluiu-se artigos que continham nos seus títulos o descritor utilizado. Foram encontrados 20 artigos com um total de 101 instrumentos diferenciando-se em 78 tipos, dentre estes os mais utilizados foram respectivamente: (6,93%) *Social Skills Rating System* (SSRS); *Demographic Questionnaire* (4,95%); (2,97%) *Simulated Social Interaction Test*; (2,97%) *Strutured Clinical Interview for the DSM-IV* (SCID); (2,97%) *Objetive Performance Questionnaire*. Quanto a metodologia, os métodos mais aplicados foram correlacional (45%), causal-comparativo (40%) e Experimental (10%). Alguns estudos tem mostrado a eficácia do THS na redução de ansiedade em autismo e situações de entrevista de emprego como também em indivíduos com Transtorno de Ansiedade Social (TAS), porém existe uma divergência nos resultados sugerindo que o THS não deve ser uma ferramenta única no tratamento deste transtorno. O THS é apresentado pelos estudos como um mediador entre sintomas de ansiedade e indicado como uma medida preventiva no tratamento deste transtorno em crianças e adolescentes juntamente com outras possibilidades como a remoção de crenças negativas do indivíduo sobre seu comportamento social, ou o *Program for the Education and Enrichment of Relational Skills* (PEERS), um instrumento que se mostrou eficaz na melhora de HS no TAS. Outros estudos avaliaram a relação entre habilidades sócias e AS nos quais se comprovou um déficit de habilidades na maior parte dos estudos havendo diferenças nesses déficits em diferentes níveis de ansiedade social, porém algumas pesquisas sugerem que crianças com Ansiedade social não carecem de HS. Foram observados déficits de habilidades sociais em indivíduos com transtorno de ansiedade generalizada como também mutismo seletivo e comportamento fóbico social, aspecto também observado em médicos com índices de burnout, depressão e AS. A relação negativa com as HS também foi encontrada em estudos com crianças com comportamento de fingimento na internet, estas apresentam pobres habilidades sociais e AS. São variáveis associadas a HS e TAS: o processo de vitimização decorrentes da ansiedade social e falta de habilidades sociais e a predisposição a AS de filhas de mães depressivas e ansiosas com déficit de habilidades sociais. Ressalta-se que a falta de HS não pode ser considerada causa principal da ansiedade social. Faz-se necessário a realização de estudos que avaliem de forma mais padronizada e controlada esta relação de habilidades sociais e ansiedade social, também evidenciando outros tipos de transtorno de ansiedade, articulando intervenções juntamente com o THS. **Palavras-chave:** habilidades sociais, ansiedade, intervenção.

COM-10 DESENVOLVENDO A ASSERTIVIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA - Shirley de Souza Silva Simeão, Nilse Chiapetti e Melissa Kellyane Cavalcanti Galdino (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB)

O déficit de habilidades sociais pode afetar diretamente nas interações e relações sociais, interferindo de maneira negativa tanto no grupo em que o indivíduo está inserido, quanto na sua saúde psicológica. Cada vez mais o treinamento em habilidades sociais (THS) vem sendo de grande valia no contexto clínico, pela utilidade de sua aplicabilidade nos mais variados tratamentos, desde dificuldades gerais de relacionamento a quadros psicopatológicos. O objetivo da presente proposta é apresentar a relevância e utilização de um THS para o desenvolvimento da assertividade no contexto clínico, fazendo parte. Foram avaliados 20 clientes, de ambos os sexos, que se encontravam na faixa etária entre 24 e 29 anos e que buscaram o processo psicoterápico em uma clínica-escola. Num primeiro momento foi feita a avaliação a partir da utilização de entrevistas e do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo das entrevistas e da utilização do software SPSS. Foi possível identificar que os escores apontaram para um repertório de habilidades sociais deficitário, com indicativo para treinamento de habilidades sociais de todos os participantes, principalmente no que se refere aos fatores autoafirmação na expressão de sentimento positivo e autocontrole da agressividade. A partir dos resultados da



avaliação foi elaborado um THS, em um formato individual, cujo foco foi a promoção de comportamentos assertivos incluindo técnicas cognitivas e comportamentais que juntas pudessem contribuir para uma instalação de um repertório satisfatório que favorecesse um relacionamento saudável e produtivo, a partir de 10 sessões de intervenção. Ao longo das sessões foram focalizadas para todos os participantes do THS intervenções para o desenvolvimento da assertividade. Entre as intervenções foi realizada a distinção entre os estilos passivo, assertivo e agressivo, o ensaio comportamental no sentido de favorecer a expressão adequada dos sentimentos e estratégias para uma comunicação eficiente. Os resultados das intervenções apontam que, na prática clínica, o desenvolvimento da assertividade tem viabilizado uma significativa mudança dos comportamentos disfuncionais e que estavam bem relacionados à queixa/sofrimento vivenciado pelo sujeito no momento da busca pela psicoterapia, demonstrando assim a importância do desenvolvimento de habilidades sociais na prática clínica. A melhora do repertório das habilidades trabalhadas foi evidenciada a partir dos relatos de situações vivenciadas pelos clientes, que remetiam uma possível mudança no padrão de comportamento vivenciado e que indicavam a incorporação de um estilo mais assertivo em suas interações diárias, conforme discutido ao longo do processo. **Palavras-chave:** promoção de habilidades sociais, assertividade, intervenções.

COM-11 DÉFICIT DE COMPORTAMENTOS ASSERTIVOS COMO UMA HISTÓRIA DE CONTINGÊNCIAS AVERSIVAS: UM ESTUDO DE CASO - Paula Danielle Souza Monteiro (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará, IFPA - PA) e Nerúcia Andreza Resende Ferreira (Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém - PA)

A terapia analítico-comportamental tem como objetivo a promoção da mudança de certas contingências que estejam causando sofrimento ao cliente, além de proporcionar o desenvolvimento de um repertório comportamental que permita ao mesmo ter maior conhecimento e controle acerca de seu comportamento, melhorando assim, a sua qualidade de vida. Nesse sentido, o presente trabalho descreve alguns segmentos do estudo de caso clínico de uma cliente adulta que apresentava déficit de comportamentos assertivos relacionados a uma história prolongada de exposição a contingências aversivas. A cliente F, atendida na Clínica-escola da Universidade Federal do Pará (UFPA), por uma terapeuta comportamental em treinamento e, sob a supervisão de uma terapeuta comportamental experiente. F foi selecionada por meio do processo de Triagem, sem hipótese diagnóstica. Na época do atendimento estava com 51 anos, era solteira, com 3º grau completo e trabalhava como professora da UFPA. F chorava excessivamente ao falar da dificuldade em se comportar de forma assertiva em suas interações sociais (padrão comportamental passivo, esquivando-se de interações sociais), além do medo de dirigir carro. Foram realizadas 15 sessões semanais, com duração média de 50 minutos. A cliente foi submetida às seguintes etapas da terapia comportamental: avaliação inicial (anamnese), análise funcional, devolutiva, escolha e implementação das técnicas. Principais técnicas comportamentais utilizadas: descrição de rotinas, questionário de afirmações, proposta de comportamentos mais assertivos nos diversos ambientes que frequentava e o ensaio comportamental. Além disso, foi estabelecida uma boa relação terapeuta-cliente, variável que facilitou o processo terapêutico. Paralelamente à terapia comportamental, F fez acompanhamento com um instrutor de autoescola. Na quinta sessão realizou-se a devolutiva, na qual foram mostradas as relações funcionais identificadas - contingências com os exemplos dos comportamentos a serem modificados e das repostas adaptadas a serem fortalecidas. Após a investigação e análise dos problemas explicitados pela cliente e do programa de intervenção, na décima quarta sessão F relatou que passou a se comportar de forma mais assertiva nos ambientes que frequentava, ressaltando que se comportar dessa forma proporcionou a ela “um bem estar, gostar mais de si, sentir-se mais satisfeita com a vida”. O dado corrobora a literatura, a qual define a assertividade como um processo no qual o indivíduo expressa sentimentos, pensamentos ao receptor de forma adequada, ouve o receptor para então responder, de forma a atingir seus objetivos sem prejudicar as relações futuras com o mesmo. Também, relatou mudanças no repertório com relação ao comportamento de dirigir: já conseguia conduzir automóveis, chegando a comprar um carro. Dessa forma, na décima quinta sessão, a cliente teve alta, pois os comportamentos queixas entraram em extinção, reunindo condições de fazer análise sozinha das contingências. Conclui-se que a cliente apresentou progressos comportamentais significativos em relação aos comportamentos problema, apresentando-se mais assertiva e generalizando as novas respostas que foram instaladas em seu repertório comportamental ao longo da terapia. **Palavras-chave:** estudo de caso, déficit de assertividade, terapia analítico-comportamental.



SESSÃO 3 - HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS

COM-14 HABILIDADES SOCIAIS E HUMANIZAÇÃO NA ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA - Gérsica Gois Reis, Lívia Carla Alves Barcelos, Keyla Jayane de Barros Santos (Faculdade Adventista da Bahia - BA), Luciana Melo e Souza e Joene Vieira-Santos (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

O relacionamento entre profissional-paciente influencia a melhora física e a qualidade de vida, bem como, minimiza o sofrimento. Esses fatores apontam a necessidade desse relacionamento ser orientado por padrões de humanização, uma vez que o atendimento humanizado melhora as condições de recuperação dos pacientes, proporcionando benefícios tanto para o paciente como para o próprio trabalho do profissional. Neste contexto, a aquisição/desenvolvimento de habilidades sociais (HS) pode tornar-se um elemento indispensável do processo de formação deste profissional. O presente estudo teve como objetivo analisar a percepção do fisioterapeuta acerca do processo de humanização a partir da perspectiva das habilidades sociais. Foram entrevistados oito fisioterapeutas formados, com mais de seis meses de atuação. As entrevistas foram gravadas, transcritas e os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo a partir de categorias de análise estabelecidas a priori com base nos objetivos da pesquisa. As categorias utilizadas foram: “conceito de humanização”, “importância da humanização para a fisioterapia”, “importância dos sentimentos e contexto do paciente para o tratamento”, “características do profissional humanizado”, “características inerentes versus desenvolvidas” e “como desenvolver características de um profissional humanizado”. Analisando estas categorias sobre a perspectiva das HS foi possível estabelecer algumas relações interessantes entre humanização na visão de fisioterapeutas e HS. As falas relacionadas ao “conceito de humanização” frequentemente se assemelham as HS empáticas. Isso auxilia a elucidar o papel das HS no processo de humanização, uma vez que os participantes julgam que para ser humanizado o profissional deve estabelecer uma relação mais acolhedora e prestar um atendimento de qualidade. Com relação a “características do profissional humanizado”, as falas apontaram para um perfil de fisioterapeuta que proporciona um tratamento dentro dos padrões considerados “humanos” pelos participantes. Estas características parecem estar atreladas, a partir do que é expresso em tais falas, a empatia, demonstração de afeto, entender os sentimentos e necessidades e saber separar vida profissional da pessoal, trazendo em seu conteúdo o campo das HS, bem como às características relacionadas aos princípios éticos da fisioterapia. Apesar de alguns participantes afirmarem que tais características são inerentes ao indivíduo, quando questionados sobre como as mesmas poderiam ser desenvolvidas, muitos mencionaram que elas são desenvolvidas no contato direto com o paciente e, também, durante a própria graduação. A partir da análise realizada pode-se inferir que a Fisioterapia, como profissão de cuidado, demanda que os profissionais apresentem habilidades não só técnicas como relacionais, uma vez que, os resultados da pesquisa indicam que as HS associam-se ao processo de humanização. Dessa forma, os profissionais devem vivenciar situações (sistematizadas – no caso do ensino formal, ou não, no caso da prática profissional fora da academia) que permitam desenvolver e aperfeiçoar tais habilidades. Também foi observado que os profissionais de fisioterapia sentem a necessidade de serem mais bem preparados para se relacionar com o outro de forma mais eficiente, o que apontam para a abertura para Treinamento de Habilidades Sociais como parte da formação deste profissional. Estudos posteriores, utilizando a avaliação por juízes, por exemplo, podem avaliar a consistência destas categorias e, conseqüentemente, dos dados aqui apresentados. **Palavras-chave:** habilidades sociais, fisioterapeuta, humanização.

COM-15 ANÁLISE DAS HABILIDADES SOCIAIS DE VENDEDORAS: UM ESTUDO DE CASO - Lucia Regina Borges Sergio (Faculdade Cenecista da Ilha do Governador, Rio de Janeiro - RJ)

No mundo dos negócios, a venda pessoal resulta da persuasão de um cliente potencial, além do estabelecimento de um bom relacionamento. No exercício das atividades de uma vendedora, assertividade e autocontrole da agressividade são exercícios diários na prestação de serviços e fazem parte do processo de aprendizagem para o trabalho, contribuindo para a realização profissional. A aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades sociais e o aperfeiçoamento da competência social constituem processos que ocorrem “naturalmente”, por meio das interações sociais cotidianas ao longo da vida. Pesquisas mostram a importância da avaliação do desempenho social, cujos resultados indicam que as pessoas socialmente competentes apresentam relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, além de melhor saúde física e mental. Por outro lado, déficits e comprometimentos de habilidades sociais estão geralmente associados a dificuldades e conflitos nas relações interpessoais. Até pouco tempo, o gerenciamento de pessoal no trabalho valorizava quase tão somente as competências técnicas em detrimento da competência social nas interações profissionais. Enquanto a importância das habilidades sociais para a saúde e qualidade de vida se



assenta em uma bem fundamentada história de produção de conhecimentos e serviços psicológicos, a realização profissional, em qualquer área, se delinea como resultado de uma multiplicidade de fatores, entre os quais um repertório elaborado dessas habilidades. Este estudo objetivou estabelecer relação entre a função de vendedor e habilidades sociais numa rede de varejo de moda feminina no Rio de Janeiro. A partir deste enfoque buscou-se: (a) analisar o perfil de habilidades sociais das vendedoras de uma rede de moda feminina; (b) conhecer como são desenvolvidas as abordagens das vendedoras; (c) comparar os perfis de habilidades sociais com as práticas das vendedoras; (d) identificar as expectativas das habilidades sociais desenvolvidas pelas atividades de vendas para o futuro profissional. Foi elaborada uma revisão bibliográfica sobre os temas pertinentes, além de aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e entrevistas com 39 vendedoras. Ao se analisar o perfil de habilidades sociais das vendedoras, observou-se que apenas 10% da amostra está situada abaixo da mediana; em contrapartida, 90 % está acima dos escores medianos. Comparando as entrevistas com os escores baixos, observa-se que há alguma reação das vendedoras junto aos clientes considerados difíceis de lidar. Para as vendedoras com escores acima da mediana, 60% da amostra com escores superiores ao percentil 75, se relacionados com as entrevistas, nota-se atitudes menos reativas, tais como observar, tolerar, se colocar no lugar do cliente, paciência, ouvir, quebrar o gelo e ter jogo de cintura. Apurou-se que não há treinamento específico, ou seja, toda a aprendizagem se dá por meio da experimentação e cada vendedora desenvolve suas estratégias de atendimento com o objetivo de vender. Cabe ressaltar que as vendedoras são comissionadas e, que para terem um rendimento razoável, a venda se transforma em elemento motivador. **Palavras-chave:** habilidades sociais, venda pessoal, formação profissional.

COM-16 TREINO DE ASSERTIVIDADE: UM CASO DE RESISTÊNCIA AO CUMPRIMENTO DE TAREFAS PROFISSIONAIS -
Luzineide Alves Pereira (Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF) e **Janaína Bianca Barletta** (Universidade Paulista, UNIP, Brasília – DF e Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama -DF)

O comportamento assertivo tem sido considerado de grande importância, pois está baseado na ideia de igualdade entre os direitos e deveres de opinar e ouvir a opinião do outro sem uso da agressão. Logo, a assertividade é considerada uma medida adequada entre dois extremos: a agressividade e a passividade. Quando a pessoa quer evitar uma reação do outro que gera desconforto tende a se comportar de forma passiva, isto é, se manifesta apenas de forma privada. Sentimentos de tristeza, raiva, frustração e mágoa e comportamentos de esquiva e fuga são típicos da pessoa passiva. Por outro lado, quando a pessoa perde o controle sobre seus sentimentos pode agir agressivamente, expressando a emoção de forma intensa e inadequada. Comportamentos de ironia, sarcasmo, autoritarismo ou mesmo coerção também são comuns neste padrão de funcionamento. Desta forma, entende-se que a pessoa assertiva tem maior probabilidade de estabelecer um bom relacionamento, pois está mais atenta as reações geradas a partir de sua própria expressividade, bem como se permite reconhecer e admitir seus próprios enganos. Este trabalho tem como objetivo explanar sobre os ganhos do treino de assertividade no cotidiano de um paciente atendido em uma clínica escola. O paciente do sexo masculino de 39 anos apresentou três queixas iniciais: dificuldade na comunicação, problemas de interação com autoridade, o que gerava a falta de cumprimento de tarefas e, por último, presença de crenças disfuncionais sobre si mesmo. Após quatro sessões iniciais, a principal meta traçada foi minimizar conflitos no trabalho. Portanto, foi realizado um treino de assertividade durante cinco sessões com atividades que favoreceram a: a) promoção da expressão de sentimentos positivos e negativos; b) expressão de sua própria opinião de forma clara e objetiva; c) permissão da defesa da opinião do outro; d) elevação da autoestima; e) empatia; f) identificação de habilidades interpessoais pelo próprio paciente e, g) promoção de críticas reflexivas acerca de seus comportamentos. As sessões subsequentes tiveram foco no aprimoramento dos novos comportamentos adquiridos e na comunicação flexível. Os relatos do paciente demonstraram que ele obteve êxito no contexto profissional, uma vez que, manteve-se disponível para a resolução de problemas em equipe e mostrou-se flexível para a obtenção de novos comportamentos. Com a diminuição dos conflitos em áreas diversas e obtenção de reforço social, o paciente mostrou-se motivado para continuar com o treino e com o automonitoramento. Notou-se também, que o paciente generalizou seus novos comportamentos e comunicação para contextos diversificados como: família, amigos e contexto religioso. Entende-se que ainda há necessidade de continuar o processo terapêutico em função de outras metas traçadas, porém ressalta-se que houve uma clara melhora nos relacionamentos com a mudança no padrão comportamental. **Palavras-chave:** assertividade, comunicação, contexto de trabalho.



COM-17 HABILIDADES SOCIAIS E A FORMAÇÃO TÉCNICA EM EVENTOS: UM ESTUDO NA CAPITAL MARANHENSE - Thayara Ferreira Coimbra Lima e Carlos Alberto Tomelin (Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI - SC)

O turismo é uma atividade social e econômica que passa por céleres mudanças, inclusive na formação profissional. Esta atividade demanda por profissionais com conhecimento técnico obrigatório e com adequado repertório de habilidades sociais. A presente pesquisa analisará as habilidades sociais necessárias para formação do técnico em eventos, levando em consideração o perfil previsto no plano do curso e as expectativas do setor de eventos da rede hoteleira de São Luís, capital maranhense. Para o alcance dos objetivos foi analisado o plano do curso técnico em eventos (modalidade integrada), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA Campus São Luís- Centro Histórico. Tal análise, realizada por meio de pesquisa do tipo exploratório-descritiva, utilizando-se da documentação indireta como pesquisa documental, identificou onze competências previstas no perfil profissional do plano do curso e seis classes no que tange as habilidades sociais. Estes dados ratificam a complexidade do turismo enquanto fenômeno social que envolve relações interpessoais e que, por conseguinte demanda por um bom repertório de habilidades sociais para o alcance de sucesso profissional. O desenvolvimento futuro deste trabalho incluirá a análise das habilidades sociais dos alunos por meio do IHSa-Del-Prette e a investigação, segundo visão dos hoteleiros, das habilidades sociais necessárias para ingresso do profissional na área. Após esses levantamentos, será realizada a comparação entre as habilidades sociais percebidas e necessárias com o perfil profissional previsto no plano de curso, considerando as expectativas do setor de eventos da rede hoteleira de São Luís. Neste sentido, ressalta-se que para a literatura o desenvolvimento das habilidades sociais é condição para adquirir competência social e que as instituições de ensino devem possibilitar aos discentes o desenvolvimento das habilidades sociais, para que eles possam atuar de modo competente, enquanto cidadãos e profissionais em uma sociedade que passa por rápidas mudanças. **Palavras-chave:** habilidades sociais, formação profissional, técnico em eventos, turismo.

SESSÃO 4 - HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL

COM-18 FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS ASSOCIADOS À ASSERTIVIDADE DE FAMILIARES CUIDADORES DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS - Diego Costa Lima (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP) e Marina de Bittencourt Bandeira (Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ - MG)

Este estudo teve o objetivo de investigar os fatores sociodemográficos preditores da assertividade de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. Um bom repertório de comportamentos assertivos para saber lidar com os pacientes na vida cotidiana pode melhorar o relacionamento entre eles, resultando na diminuição do grau de sobrecarga destes familiares, de acordo com o modelo teórico de sobrecarga. A amostra foi constituída por 53 familiares cuidadores de pacientes atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) tipo I, de uma cidade de porte médio de Minas Gerais. Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico e a Escala de Assertividade Rathus (RAS), que avalia um fator geral de inibição e três fatores específicos de timidez, agressividade e assertividade no sentido de fazer valer seus direitos. Para identificar os fatores preditores dos escores global e específicos da RAS, foram realizadas análises multivariadas, a partir do teste de regressão linear múltipla, utilizando o método stepwise. As variáveis sociodemográficas utilizadas nas análises de regressão múltipla foram selecionadas previamente, a partir de análises univariadas, utilizando o teste t de Student para variáveis categóricas e o teste de correlação de Pearson para as variáveis contínuas. As variáveis sociodemográficas estatisticamente significativas ($p < 0,05$) e as que apresentaram valor de $p < 0,25$ foram selecionadas para serem utilizadas nas análises de regressão, seguindo recomendações da literatura. A partir desses critérios, para o escore global (inibição), fator 1 (timidez) e fator 2 (agressividade) da RAS, foram selecionadas para as análises de regressão as variáveis estado civil, escolaridade, ter um trabalho e idade. Para o fator 3 (assertividade) foram selecionadas as variáveis estado civil, escolaridade e idade. Os resultados mostraram que os escores de inibição e timidez eram mais elevados quando os familiares cuidadores tinham menor escolaridade (não tinham ensino médio completo) e viviam sozinhos (eram solteiros, divorciados ou viúvos). No que se refere à agressividade, os familiares com escores mais elevados nesse fator eram aqueles com maior escolaridade (tinham o ensino médio completo), casados ou que viviam como casados e que trabalhavam. Quanto ao fator 3, de assertividade, os escores eram mais elevados quando os familiares cuidadores tinham o ensino médio completo e eram casados ou vivendo como casados. Estes resultados apontam para subgrupos de familiares que precisam de maior suporte e orientação, no papel de cuidadores, por parte dos profissionais dos serviços, para desenvolver as habilidades necessárias ao relacionamento com os pacientes. Um melhor repertório de assertividade dos familiares, para saber lidar com os comportamentos dos pacientes, poderá colaborar para que eles tenham um



menor grau de sobrecarga e melhores condições de prestar cuidados diários aos pacientes. Intervenções com foco em habilidades sociais e, particularmente, na assertividade poderão desenvolver estas habilidades. (Bolsa de mestrado do primeiro autor: Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) **Palavras-chave:** assertividade, familiares cuidadores, pacientes psiquiátricos.

COM-19 HABILIDADES SOCIAIS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESQUIZOFRENIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA - Ana Paula de Castro Araujo, Lanna Cristyna do Rego e Silva e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria - PB)

Déficits cognitivos e sociais têm sido amplamente documentados em pessoas com esquizofrenia e são cada vez mais reconhecidos como fatores nocivos no funcionamento social desta população, Habilidades Sociais pobres são destacadas. Objetivo: Esta pesquisa tem por intuito apresentar as relações existentes entre Habilidades Sociais e Esquizofrenia. Pretende-se expor os métodos e instrumentos utilizados nas pesquisas que abordam esta temática bem como as intervenções e perspectivas atuais utilizadas para o tratamento da esquizofrenia. Método: A metodologia utilizada trata-se de uma revisão sistemática realizada na base de dados pubmed utilizando os seguintes descritores: "Social Skill" (Habilidades sociais) e "Schizophrenia" (Esquizofrenia). Incluiu-se artigos que continham nos seus títulos o descritor utilizado, fora realizado um recorte de 10 anos. Resultado: Foram encontrados 26 artigos com um total de 139 instrumentos diferenciando-se em 88 tipos, dentre estes os mais utilizados foram respectivamente: (10,7%) The Positive and Negative Syndrome Scale (PANSS); (5,3%) Structured Clinical Interview for the DSM-IV (SCID); (4,31%) Independent Living Skills Survey (ILSS); (3,59%) Wisconsin Card Sorting Test (WCST); Quanto a metodologia, os métodos mais aplicados foram experimental (50%), Correlacional (27%) e Revisão Sistemática (7%). Alcançar o funcionamento social e alcançar competência social são dois objetivos principais de intervenções de treinamento de habilidades sociais (THS) para os indivíduos que sofrem de esquizofrenia. Percebeu-se que muitos estudos mediam a eficácia do THS nos quais se encontraram resultados diferentes, mas que suportam a eficácia de treinamento de habilidades sociais para melhorar o funcionamento psicossocial na esquizofrenia bem como para redução de sentimentos negativos em cuidadores de pessoas com esquizofrenia. Outros estudos apontavam maior ou menor eficácia do THS se comparado com outros métodos de intervenção como: reabilitação cognitiva assistida por computador; goal - focused support contact (GFSC); psicoeducação; Formação Individualizada Neurocognitivo (NIT); Treinamento de Habilidades Sociais em realidade virtual (THS-RV). Algumas intervenções abordavam novas perspectivas para utilização do THS como a utilização deste juntamente com outros métodos como: treinamento neurocognitivo individual (SSANIT); metacognitivos; cognitivo-comportamentais. Estas intervenções demonstrando resultados positivos se comparados com outros métodos, principalmente no que se refere a melhora das habilidades sociais, redução dos sintomas negativos, capacidade de estar atento e comunicar estados mentais. Dentre outros temas associados a habilidades sociais na esquizofrenia destaca-se a importância das capacidades cognitivas, capacidade de atribuição de estado mental e leitura de expressões faciais para desempenho das habilidades sociais na esquizofrenia, alguns estudos preliminares pontuam também uma relação com a memória processual bem como das funções executivas, para o funcionamento social. O uso de ocitocina também foi relacionado com a melhora de certos componentes de funcionamento social da esquizofrenia, mas não foram encontradas alterações significantes nas habilidades sociais. Conclusão: Percebe-se mediante esses aspectos que a utilização do THS se coloca de forma funcional para o tratamento na esquizofrenia uma vez que os psicofarmacos não atenuam de forma significativa os déficits sociais. Vale ressaltar que ainda se faz necessário o uso de intervenções e investigações mais específicas com objetivo de compreender como THS melhora o funcionamento psicossocial na Esquizofrenia. **Palavras-chave:** habilidades sociais, esquizofrenia, intervenção.

COM-21 INTERAÇÕES CONJUGAIS E CARACTERÍSTICAS DE SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO COMPARATIVO - Gleiber Couto (Universidade Federal de Goiás, UFG - GO), Wanessa Marques Tavares (Secretaria Municipal de Promoção e Ação Social) e Luc Vandenberghe (Universidade Federal de Goiás, UFG- GO)

As interações interpessoais são a base dos processos sociais, elas refletem e influenciam saúde mental dos indivíduos. O objetivo do estudo foi verificar como interações conjugais se relacionam com saúde mental e investigar evidências de validade para o Checklist de Relações Interpessoais-II (CLOIT-II). Participaram da pesquisa 169 casais heterossexuais do sudeste goiano, sendo 114 pares casados e 55 pares em união estável, com idades variando entre 18 e 76 anos ($M = 34$ e $SD = 12,31$). Os casais responderam ao Questionário de Saúde Geral (QSG) e, em seguida, à forma de autoclassificação do CLOIT-II. Para alcançar os objetivos da pesquisa, o escore total dos sujeitos no QSG foi usado para separá-los em dois



grupos. O primeiro, grupo assintomático, foi composto por sujeitos que apresentaram escore geral de dois desvios padrão abaixo da média amostral ou menor. Já o segundo, grupo sintomático, foi composto por sujeitos que apresentaram escore geral com valores de no mínimo dois desvios padrão acima da média amostral. Em seguida, as posições interpessoais entre os dois grupos foram comparadas usando a técnica estatística ANOVA oneway e verificada as diferenças estatisticamente significativas. Ao final, foi realizado um estudo sobre a relação entre as duas medidas estimando os coeficientes de correlação de Pearson entre as subescalas do QSG e o perfil de relações interpessoais do CLOIT-II. Os sujeitos apresentaram médias e percentis abaixo do indicador de problemas de saúde mental, contudo, os homens apresentaram menos sintomas em todas as dimensões. Os participantes do grupo assintomático apresentaram mais posições interpessoais entre Deferência/Confiança e Calor afetivo/“Amigabilidade”. No grupo com altos escores (participantes sintomáticos), as interações foram definidas por Frieza afetiva/Hostilidade. Tais resultados indicam que pessoas que não apresentam problemas de saúde mental, em geral, tendem a assumir, com seus parceiros, posições interpessoais mais calorosas e amigáveis ou caracterizadas por certa passividade, quando comparadas com pessoas que apresentam mais queixas relacionadas à sua saúde mental. Quando os grupos foram comparados em relação às escalas derivadas, o padrão geral das respostas mostrou que o grupo assintomático evita posições nas quais tenha de exercer controle sobre seus parceiros, ou em que seja necessário o exercício de influenciá-los, assumindo mais frequentemente posições complacentes, que consideram as perspectivas deles, quando comparado com o grupo sintomático. Ao relacionar as duas medidas, foi encontrado que problemas de saúde mental apresentaram correlações positivas com desconfiança, frieza e hostilidade e correlações negativas principalmente com posições afiliativas. Pôde-se verificar que as posições interpessoais dos participantes assumidas com seus respectivos parceiros variaram conforme seu perfil de saúde mental, demonstrando que pessoas mais saudáveis apresentam padrões de interação mais adequados. Estes resultados, além de apoiar a validade do CLOIT-II, mostram a relevância do estudo de relações interpessoais para a compreensão da saúde mental e vice-versa. (FAPEG) **Palavras-chave:** relações interpessoais, relações conjugais, saúde mental.

COM-22 INTERAÇÕES SOCIAIS NO PAR AFETIVO: AUTOPERCEPÇÃO E GERAÇÃO DE IMPRESSÕES - Gleiber Couto Santos, Wanessa Marques Tavares e Carolina de Fátima Guimarães (Universidade Federal de Goiás, UFG - GO)

O objetivo foi verificar como posições interpessoais assumidas pelos sujeitos com seus pares afetivos se relacionam com as posições atribuídas a eles por seus companheiros, e também por um entrevistador que analisou estas posições a partir de uma entrevista sobre as interações do casal. Destarte, serão apresentados os pontos de convergência e divergência entre as medidas de hetero e autorrelato nomotéticas (atribuições do interagente versus autorrelato) com avaliações idiográficas (atribuições do entrevistador) parametrizadas pelos 16 segmentos do círculo interpessoal que permitem a constituição de um mapa sobre o comportamento interpessoal dos sujeitos. Participaram 26 sujeitos em relacionamento heterossexual estável e satisfatório (15 namorados, 13 casados) com tempo entre 1 e 25 anos ($M = 9,5$; $DP = 10$), com idades entre 18 e 50 anos ($M = 30$; $DP = 11$), sendo 16 mulheres. Eles responderam ao Checklist de Relações Interpessoais - II (CLOIT-II), a Escala de Ajustamento Marital (DAS) e participaram de uma entrevista sobre seu relacionamento afetivo, enquanto os companheiros responderam a versão do interagente do CLOIT-II e a DAS. Foram verificadas as diferenças significativas entre as posições interpessoais relatadas pelos sujeitos e aquelas atribuídas tanto pelos companheiros quanto pelos entrevistadores, utilizando o teste U de Mann Whitney. Ao final, foram calculadas correlações atenuadas entre o perfil de autorrelato com o atribuído tanto pelo companheiro quanto pelo entrevistador. Os resultados mostraram que os sujeitos descreveram suas interações com seus pares afetivos a partir de características do Hemisfério “Amigabilidade”, e os interagentes endossaram essa descrição. Igualmente, os entrevistadores atribuíram características semelhantes, porém, mais intensamente características do quadrante “amigabilidade”-dominância. Este resultado sugere que, de um modo geral, indivíduos envolvidos em um relacionamento afetivo, que consideram estável e satisfatório, tendem a estabelecer um nível de comunicação interpessoal adequado o suficiente para fazer com que seus respectivos companheiros reconheçam e qualifiquem de modo semelhante as posições interpessoais usadas por eles na relação. Também, quando inquiridos sobre seu modo de interação com seus companheiros, são capazes de causar uma nota semelhante. No entanto, diferenças significativas nas posições de Desconfiança e Exibicionismo mostraram subestimação, enquanto Inibição mostrou superestimação, ou seja, os sujeitos consideram-se menos desconfiados e participativos do que seus companheiros os consideram. Também, as diferenças entre sujeitos e entrevistadores em Exibicionismo, Segurança e Dominância, indicaram tendência dos sujeitos a subestimarem posições mais ativas, como sentimentos de segurança e tentativas de dirigir as ações. Os resultados também mostraram correlações significativas entre os sujeitos e seus companheiros em Dominância, Desconfiança, Frieza, Inibição, Submissão e Calor Afetivo. Enquanto que entre sujeitos e entrevistadores em Calor Afetivo, Desconfiança, Submissão, “Amigabilidade” e Inibição, e marginalmente significativas em Dominância,



Hostilidade e Sociabilidade. Ao final, considerou-se que os sujeitos, de forma deliberada ou não, foram capazes de gerenciar as impressões tanto dos companheiros quanto de um espectador em situação de entrevista. Estes achados ilustram competências interpessoais importantes para relacionamentos satisfatórios e contribuem para melhor compreender a dinâmica interpessoal de um casal. Também, competências e habilidades que podem ser cogitadas para desenvolvimento em intervenções sistemáticas personalizadas no contexto da orientação conjugal. (FAPEG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás) **Palavras-chave:** relações conjugais, relações interpessoais, circunplexo interpessoal.

SESSÃO 5 - HABILIDADES SOCIAIS E (AB)USO DE SUBSTÂNCIAS 1

COM-23 CARACTERIZAÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES DE ENFRENTAMENTO DE CONSUMIDORES DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS - Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Universidade Federal do Maranhão, UFMA, São Luís - MA) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Habilidades de enfrentamento antecipatório, no contexto da dependência de substâncias, podem ser definidas como um conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais usadas pelo indivíduo para impedir o consumo de uma substância psicoativa após estabelecida abstinência. Considerando que determinadas variáveis podem ser relevantes e interferir no repertório dessas habilidades, identificar quais exercem esse papel é fundamental para realizar avaliações mais precisas. Assim, este estudo teve como objetivo geral caracterizar o repertório de habilidades de enfrentamento antecipatório de pessoas em tratamento por transtorno relacionado ao uso de substância. Participaram 539 pessoas em tratamento por uso, abuso ou dependência de álcool, maconha ou cocaína/crack. A média de idade foi de 36.10 anos ($DP = 12.13$) e o tempo médio de abstinência, de 3.27 meses ($DP = 9.00$). O instrumento utilizado foi o Inventário de Habilidades de Enfrentamento Antecipatório para a Abstinência de Álcool e Outras Drogas (IDHEA-AD). Para as análises, selecionou-se quatro variáveis de caracterização, cada uma delas dividida em duas categorias: (1) gênero (masculino/feminino), (2) escolaridade (baixa - até ensino fundamental completo/alta - ensino médio ou superior), (3) classificação da substância preferencialmente consumida (lícita / ilícita), (4) tempo de abstinência (alto - metade da amostra com mais tempo de abstinência/baixo - metade da amostra com menos tempo de abstinência). As médias dos grupos foram comparadas utilizando-se ANOVA para o escore total e MANOVA para os três escores fatoriais do IDHEA-AD. Os resultados mostraram não haver diferenças significativas nos escores totais do IDHEA-AD para as variáveis analisadas, exceto para “tempo de abstinência”. Considerando-se os três fatores do IDHEA-AD em conjunto, não houve diferença significativa entre os grupos para as variáveis gênero ($F = 1.78$; $p = 0.15$; Traço de Pillai = 0.04), escolaridade ($F = 0.82$; $p = 0.48$; Traço de Pillai = 0.01), e classificação da substância consumida ($F = 1.10$; $p = 0.35$; Traço de Pillai = 0.01). Houve, sim, para a variável “tempo de abstinência” ($F = 56.45$; $p = 0.001$; Traço de Pillai = 0.24). Estes resultados indicam que, as três primeiras variáveis, não parecem influenciar no repertório de habilidades de enfrentamento dos indivíduos. Estudos futuros indicarão se isto se mantém ou se há necessidade de ser alterado. Por outro lado, a variável “tempo de abstinência” mostrou ser relevante nessa análise. Como sugerem diversos estudos, parece haver uma relação entre melhor repertório de habilidades de enfrentamento e melhores resultados relacionados ao consumo de substâncias. Assim, era esperado que indivíduos com maior tempo de abstinência apresentassem um repertório de habilidades mais elaborado, se comparados àqueles com menor tempo. Os dados deste estudo mostraram que esta hipótese é plausível, já que os repertórios da metade da amostra há mais tempo abstinente foram sempre superiores aos da outra metade, há menos tempo abstinente. Portanto, é preciso ser cuidadoso e levar sempre em consideração o tempo sem o uso da substância ao avaliar os resultados obtidos em momentos distintos do processo de manutenção da abstinência. (FAPESP) **Palavras-chave:** habilidades de enfrentamento, habilidades sociais, substâncias, álcool, drogas, avaliação psicológica.

COM-24 RELATO DE INTERVENÇÃO: TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS COM FOCO NA PREVENÇÃO À RECAÍDA PARA USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS - Jaluza Aimée Schneider e Cristiane Bohn (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo - RS)

O transtorno por uso de substâncias tem se mostrado uma importante problemática no contexto nacional. Uma das principais preocupações trata-se da alta incidência de retorno do uso da substância após o tratamento, a chamada recaída, ocasionada entre outros fatores, por uma dificuldade de mudança de estilo de vida e reinserção social. Nesta perspectiva, as habilidades sociais são referidas como possíveis competências que auxiliam os pacientes a retomar o convívio em sociedade, facilitando as interações saudáveis, a nível familiar, profissional e afetivo, se distanciando de



interações de risco para uso de substâncias. Baseado nesse entendimento, o treinamento de habilidades sociais em locais de tratamento para usuários de substâncias pode ser um importante contribuinte para a reabilitação desses pacientes. O presente trabalho objetiva apresentar uma intervenção de treinamento de habilidades sociais, focalizando a prevenção à recaída, construída por uma psicóloga e uma acadêmica da graduação em psicologia, baseada em outros programas já publicados de habilidades sociais e literatura especializada sobre uso de substâncias. A intervenção foi realizada em um centro de tratamento para dependentes químicos no Rio Grande do Sul, em formato grupal fechado, constituída por doze encontros semanais semiestruturados, com duração de uma hora cada. O grupo inicial teve a participação de 12 homens, maiores de 18 anos, com transtorno por uso de substância, em tratamento de internação. Devido a rotatividade de pacientes, característico dessa população, apenas 6 participantes concluíram todos os encontros previstos. O contrato terapêutico foi realizado no primeiro encontro, realizando combinações de horários e sigilo grupal. De acordo com a estruturação da intervenção, as três primeiras sessões psicoeducação sobre o modelo cognitivo-comportamental e sobre o transtorno por uso de substâncias, possibilitando a identificação do processo de recaída. Os demais encontros foram trabalhados aspectos específicos das habilidades sociais, incluindo: expressar sentimentos, receber e fornecer críticas, saber dizer não, conversar e construção de rede social. Em cada encontro foram utilizadas dinâmicas e técnicas para a facilitação da temática. O treinamento de habilidades sociais com foco em prevenção à recaída se mostrou pertinente para esta população. Os participantes tiveram aderência positiva, havendo uma compreensão sobre os aspectos de prevenção à recaída e, principalmente, um aprendizado das habilidades sociais treinadas a partir da interação entre o próprio grupo. Através do relato dos participantes e da observação do andamento da intervenção foi possível identificar a importância de trabalhar a dificuldade relacionada a interações sociais de usuários de substâncias. A partir dessa primeira experiência do treinamento de habilidade social com foco na prevenção à recaída, foram realizados outros grupos neste mesmo formato. A descrição dessa intervenção possibilita destacar relevância de se inserir treinamento de habilidades sociais em tratamentos para usuários de drogas, e da realização de pesquisas nesta área que embasem, através de evidências científicas, a prática dessas intervenções a fim de auxiliar o processo de reinserção social. **Palavras-chave:** treinamento de habilidades sociais, prevenção à recaída, transtorno por uso de substância.

COM-25 FATORES DE HABILIDADES SOCIAIS DE MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS EM TRATAMENTO - Raísa da Silva do Nascimento (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS - RS), **Jéssica Limberger, Jaluza Aimée Schneider, Luana Thereza Nesi de Mello e Ilana Andretta** (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

As especificidades do uso de drogas em mulheres são apontadas pela literatura, tais como a prostituição para obter a droga e a gravidez durante o uso, configurando riscos à gestação e ao desenvolvimento neurológico e intelectual das crianças expostas, entre outras. Assim, a droga torna-se um meio de enfrentar pressões externas e situações interpessoais, em vez de manifestar um comportamento assertivo. Dessa forma, as habilidades sociais são consideradas como importantes fatores de proteção, relacionando-se ao menor risco para o uso de drogas. Objetiva-se, neste estudo, descrever as habilidades sociais de mulheres usuárias de drogas em tratamento. Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior, intitulada "Avaliação e Treinamento de Habilidades Sociais em Dependentes Químicos em Unidades Especializadas", aprovada pelo CEP. Foram incluídas 21 mulheres abstinentes há pelo menos sete dias e em tratamento para o Transtorno por Uso de Substâncias. Foram excluídas participantes com prejuízo cognitivo, com algum transtorno psicótico. Utilizou-se como instrumentos o Questionário de Dados Sociodemográficos, Mini International Neuropsychiatric Interview, Screening Cognitivo do Wais-III e Inventário de Habilidades Sociais. A idade média das participantes foi de 32,57 anos (DP= 7,28), sendo a maioria de etnia branca (61,9%, N=13), solteiras (81%, N=17), com escolaridade ensino fundamental incompleto (33,3%, N=7), pertencentes à classe B2 e C2 (57,2%, N=12) e mães de ao menos um filho (71,4%, N=15). No que diz respeito ao transtorno relacionado ao uso de drogas, a maior parte das participantes preencheram critérios para álcool (57,2%; N=12). Em relação às habilidades sociais, a média mais alta foi sobre o Fator 2 referente à expressão de sentimento positivo (M=19,43; DP=3,64), seguida do Fator 1 sobre conversação e desenvoltura social (M=15,1; DP=3,8); Fator 3 sobre assertividade de autodefesa (M= 10,67; DP=3,59) e Fator 4 sobre assertividade de autoexposição social (M=8,38; DP=2,92). A menor média foi referente ao Fator 5, sobre assertividade afetivo-sexual (M=7,76; DP=4,02). Tais resultados corroboram para o entendimento das habilidades sociais em mulheres usuárias de drogas. As menores médias encontradas, referente ao autocontrole da agressividade em situações aversivas e a autoexposição a desconhecidos em situações adversas podem explicar a maior exposição a riscos, com comportamentos impulsivos, que já são caracterizados em estudos que descrevem o perfil da usuária de drogas. As médias mais altas foram referentes à expressão do sentimento positivo e à de enfrentamento e autoafirmação com risco, habilidades sociais que estão amplamente ligadas à tendência das mulheres em buscarem apoio afetivo



como forma de lidar com seu tratamento. A limitação deste estudo se deve ao número de participantes. Apesar da amostra não ser passível de generalização, os resultados encontrados permitem uma discussão sobre as habilidades sociais em mulheres usuárias de drogas em tratamento, subsidiando novas pesquisas sobre o tema que possam envolver intervenções efetivas de Treinamento de Habilidades Sociais. **Palavras-chave:** habilidades sociais, mulheres usuárias de drogas, dependência química.

COM-26 HABILIDADES SOCIAIS E PERFIL DE ADOLESCENTES USUÁRIOS DE DROGAS EM TRATAMENTO – Luana Thereza Nesi de Mello, Jaluza Aimée Schneider, Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

Habilidades de enfrentamento antecipatório, no contexto da dependência de substâncias, podem ser definidas como um conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais usadas pelo indivíduo para impedir o consumo de uma substância psicoativa após estabelecida abstinência. Considerando que determinadas variáveis podem ser relevantes e interferir no repertório dessas habilidades, identificar quais exercem esse papel é fundamental para realizar avaliações mais precisas. Assim, este estudo teve como objetivo geral caracterizar o repertório de habilidades de enfrentamento antecipatório de pessoas em tratamento por transtorno relacionado ao uso de substância. Participaram 539 pessoas em tratamento por uso, abuso ou dependência de álcool, maconha ou cocaína/crack. A média de idade foi de 36.10 anos ($DP = 12.13$) e o tempo médio de abstinência, de 3.27 meses ($DP = 9.00$). O instrumento utilizado foi o Inventário de Habilidades de Enfrentamento Antecipatório para a Abstinência de Álcool e Outras Drogas (IDHEA-AD). Para as análises, selecionou-se quatro variáveis de caracterização, cada uma dividida em duas categorias: (1) gênero (masculino / feminino), (2) escolaridade (baixa - até ensino fundamental completo / alta - ensino médio ou superior), (3) classificação da substância preferencialmente consumida (lícita / ilícita), (4) tempo de abstinência (alto - metade da amostra com mais tempo de abstinência / baixo - metade da amostra com menos tempo de abstinência). As médias dos grupos foram comparadas utilizando-se ANOVA para o escore total e MANOVA para os três escores fatoriais do IDHEA-AD. Os resultados mostraram não haver diferenças significativas nos escores totais do IDHEA-AD para as variáveis analisadas, exceto para “tempo de abstinência”. Considerando-se os três fatores do IDHEA-AD em conjunto, não houve diferença significativa entre os grupos para as variáveis gênero ($F = 1.78$; $p = 0.15$; Traço de Pillai = 0.04), escolaridade ($F = 0.82$; $p = 0.48$; Traço de Pillai = 0.01), e classificação da substância consumida ($F = 1.10$; $p = 0.35$; Traço de Pillai = 0.01). Houve, sim, para a variável “tempo de abstinência” ($F = 56.45$; $p = 0.001$; Traço de Pillai = 0.24). Estes resultados indicam que, as três primeiras variáveis, não parecem influenciar no repertório de habilidades de enfrentamento dos indivíduos. Estudos futuros indicarão se isto se mantém ou se há necessidade de ser alterado. Por outro lado, a variável “tempo de abstinência” mostrou ser relevante nessa análise. Como sugerem diversos estudos, parece haver uma relação entre melhor repertório de habilidades de enfrentamento e melhores resultados relacionados ao consumo de substâncias. Assim, era esperado que indivíduos com maior tempo de abstinência apresentassem um repertório de habilidades mais elaborado, se comparados àqueles com menor tempo. Os dados deste estudo mostraram que esta hipótese é plausível, já que os repertórios da metade da amostra há mais tempo abstinente foram sempre superiores aos da outra metade, há menos tempo abstinente. Portanto, é preciso ser cuidadoso e levar sempre em consideração o tempo sem o uso da substância ao avaliar os resultados obtidos em momentos distintos do processo de manutenção da abstinência. (FAPESP) **Palavras-chave:** Habilidades de enfrentamento, habilidades sociais, substâncias, álcool, drogas, avaliação psicológica.

COM-27 AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DE TRABALHADORES DA ATENÇÃO AO USUÁRIO DE SUBSTÂNCIA PSICOATIVA - Ricardo Xavier de Araújo e Elvira Aparecida Simões de Araujo (Universidade de Taubaté, UNITAU - SP)

Profissionais que mantêm um trato contínuo com seres humanos necessitam de avaliação constante de competências sociais que de alguma forma estejam implicadas em sua prática. As Habilidades Sociais (HS) são tema presente em diversos tratamentos da dependência química, e seu treinamento representa uma abordagem eficaz para o enfrentamento desta problemática. Além disso, o fortalecimento das HS é um fator de proteção ao uso abusivo de substâncias psicoativas. Esta pesquisa objetivou analisar as Habilidades Sociais (HS) de trabalhadores que atuam na atenção a usuários de substâncias psicoativas. Foram sujeitos desta pesquisa 21 trabalhadores divididos em dois grupos, 13 caracterizados como profissionais tradicionais, aqueles que possuem formação na área de saúde (G1), e 8 caracterizados como paraprofissionais, trabalhadores sem formação específica para a área em que atuam, voluntários e ex-usuários que atuam utilizando sua experiência pessoal (G2). Foi aplicado o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e comparou-se o resultado dos dois grupos. Os resultados separados por grupos de trabalhadores e que



indicam necessidade de intervenção (soma dos repertórios abaixo da média inferior e médio inferior) são no escore total (ET) de 15,39% para o G1 e 37,5% para o G2. Quanto ao Fator 1 (F1), enfrentamento e autoafirmação com risco, tem-se 7,69% para o G1 e 12,5% para o G2. No fator Autoafirmação na expressão de sentimento positivo (F2) os resultados foram 15,39% para o G1 e 62,5% para o G2. O fator Conversação e desenvoltura social (F3) resultou 23,08% para o G1 e 25% para o G2. Quanto ao fator Autoexposição a desconhecidos e a situações novas (F4) foram 69% para o G1 e 0% para o G2. Em Autocontrole da agressividade (F5) 23,08% para o G1 e 50% para o G2. Os resultados de ET, F1, F2, F3 e F5 indicam maior demanda de necessidade de treinamento para o G2 do que para o G1. Os resultados do G1 indicam prevalência de necessidade de intervenção no Fator 4. Destacam-se alguns resultados positivos: o G1 teve mais de 50% de sua amostra com o repertório altamente elaborado para o ET e F3, e repertório bom nos F2 e F5. A maior parte dos participantes do G2 apresentou repertório bom para F1, F4 e F5. Conclui-se que os profissionais tradicionais estudados demonstram majoritariamente repertório de HS bom, bastante elaborado ou altamente elaborado em todos os escores avaliados no IHS-Del-Prette. O grupo de paraprofissionais se destaca por resultados que indicam necessidade de intervenção nos fatores F2 e F5, e possui todos os profissionais da amostra com bom repertório das HS no F4. Os resultados apontam a importância da avaliação e do planejamento de treinamento em HS para condução de um exercício profissional de maior qualidade, considerando o valor das HS como fator de proteção ao uso abusivo de substâncias psicoativas e a importância dos profissionais como modelo de HS. **Palavras-chave:** avaliação, habilidades sociais, substância psicoativa.

SESSÃO 6 - HABILIDADES SOCIAIS NA FORMAÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS

COM-28 HABILIDADES SOCIAIS DE CONVERSAÇÃO E DESENVOLTURA SOCIAL EM UM MODELO DE BURNOUT EM RESIDENTES MÉDICOS - Karina Pereira Lima e Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, FMRP/USP, Ribeirão Preto - SP)

Diversos estudos tem demonstrado que a residência médica é um período no qual os médicos em formação lidam com uma série de atividades estressantes que podem contribuir para o desenvolvimento da síndrome de burnout, a qual tem sido associada a prejuízos tanto para o profissional, quanto para sua clientela. Entre esses prejuízos se incluem o maior autorrelato de erros, a insatisfação do paciente, os problemas de saúde mental, entre outros cuja gravidade justifica a relevância da investigação da contribuição de diferentes variáveis para o desenvolvimento da síndrome nessa população. Nesse contexto, o presente estudo teve por objetivo testar o papel de condições organizacionais negativas, traços de personalidade, indicadores de ansiedade e recursos de habilidades sociais de conversação e desenvoltura social para a suscetibilidade de residentes médicos à síndrome de burnout. Teve-se como hipóteses norteadoras que: a) Condições organizacionais negativas e ansiedade contribuiriam positivamente para a dimensão de burnout exaustão emocional, a qual mediaría a contribuição de tais variáveis para as dimensões despersonalização e realização pessoal; b) habilidades sociais de conversação e desenvoltura social, bem como conscienciosidade contribuiriam negativamente para a dimensão de burnout exaustão emocional, a qual mediaría a relação de tais variáveis com as dimensões despersonalização e realização pessoal; c) amabilidade contribuiria negativamente para a dimensão de burnout despersonalização, a qual mediaría sua relação com a dimensão realização pessoal. Após a aprovação ética, foram avaliados 270 residentes médicos do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto por meio da autoaplicação dos seguintes instrumentos aferidos para a população brasileira: Inventário da Síndrome de Burnout – ISB, Generalized Anxiety Disorder Scale– 2 itens – GAD-2, Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado – NEO-FFI-R (subescalas conscienciosidade e amabilidade) e Inventário de Habilidades Sociais – IHS-Del-Prette (subescala conversação e desenvoltura social). Técnicas de modelagem de equações estruturais foram aplicadas com a finalidade de verificar as relações entre as variáveis do estudo em referência ao modelo de burnout hipotetizado. Verificou-se a adequação do modelo (CFI = 0,954; RMSEA = 0,035), sendo que condições organizacionais negativas e ansiedade contribuíram positivamente para a dimensão exaustão emocional, ao passo que habilidades sociais e conscienciosidade apresentaram uma contribuição negativa para a mesma dimensão, a qual mediou suas relações com as demais dimensões de burnout. Desse modo, considera-se que as hipóteses “a” e “b” foram confirmadas. Com relação a variável amabilidade, verificou-se que a mesma apresentou uma contribuição negativa para a dimensão despersonalização, entretanto a relação entre as dimensões despersonalização e realização pessoal não foi significativa, de modo que a hipótese “c” foi apenas parcialmente confirmada. Os resultados do estudo colocam em foco a relevância de considerar os diversos tipos de variáveis que podem atuar no sentido de aumentar ou diminuir a susceptibilidade dos médicos residentes ao desenvolvimento de burnout, ressaltando-se a importância do desenvolvimento de recursos interpessoais na formação médica, em conjunto com a promoção de melhores condições de trabalho. Considera-se que tal sistematização de dados tem o potencial de contribuir para a proposição de medidas preventivas e de intervenção



para a síndrome de burnout em médicos residentes. (FAPESP/CNPq) **Palavras-chave:** residência médica, burnout, habilidades sociais.

COM-29 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ESTAGIÁRIOS MULTIPLICADORES NUM CURSO DE PSICOLOGIA DE UMA FACULDADE PARTICULAR DE SALVADOR-BA - Ilana Figueiredo Brandão (União Metropolitana de Ensino e Cultura, UNIME - BA e Faculdade Santíssimo Sacramento, FSSS - BA), Diogo José Góes de Araújo (Instituto Minerva de Educação Avançada, IMEA - SE) e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama-DF e Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF)

O presente trabalho relata a experiência de um programa de treinamento de multiplicadores em habilidades sociais (THS) vinculado ao estágio de psicologia numa faculdade particular da cidade de Salvador-Ba. O objetivo do programa foi capacitar alunos do oitavo semestre do curso de psicologia para replicar o treinamento com alunos recém-ingressos no curso, focando as habilidades sociais necessárias para a convivência na universidade e para atuação como psicólogo. Para esta atividade foram disponibilizadas 13 vagas e o critério de participação era que o aluno deveria estar matriculado no estágio básico II, componente curricular obrigatório do curso. O programa foi formatado em 10 encontros com uma hora e meia de duração, totalizando 15 horas. Em cada encontro contemplou o desenvolvimento das seguintes habilidades: comunicação, civilidade, assertividade, *feedback*, solução de problemas, falar em público, expressividade emocional, empatia e fazer amizade. O grupo de multiplicadores foi dividido em quatro subgrupos, nos quais os estagiários replicaram o treinamento: o grupo A com quatro multiplicadores e 10 participantes; o grupo B com três multiplicadores e 20 participantes; o grupo C com três multiplicadores e 19 participantes e; o grupo D com três multiplicadores e 11 participantes, totalizando 50 alunos do primeiro e segundo semestres como participantes. O treino foi desenvolvido em forma de vivências, pois se entende que este modelo permite que o grupo seja o próprio contexto de experimentação dessas habilidades adquiridas e abrange uma maior possibilidade de enfrentamento de situações da atuação do psicólogo. Como medida pré e pós-treinamento, os multiplicadores responderam o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Esse processo auxiliou os multiplicadores a reconhecer seus déficits de habilidades sociais relativos aos aspectos supracitados que foram foco do treinamento, com intuito de melhorar a qualidade no relacionamento destes estagiários e no exercício da atividade acadêmica. Outra medida foi o autorrelato dos estagiários ao final de cada sessão do treinamento, que evidenciou o aumento do repertório comportamental tanto nas intervenções como multiplicadores quanto na melhora da qualidade dos relacionamentos interpessoais no cotidiano. Constatou-se maior capacidade de expressão emocional, assertividade e melhora na autoconfiança. Conclui-se que os multiplicadores extrapolaram o treinamento das habilidades para outras situações além do estágio e também se constatou que estes passaram a utilizar em suas conversações no contexto de supervisão, habilidades recém-adquiridas como comunicação empática, assertividade e expressividade emocional. Reflete-se que a aquisição dos conceitos de habilidades sociais, a vivência do programa de treinamento e a possibilidade de replicação nos alunos dos primeiros semestres podem ter influenciado nas práticas interpessoais mais respeitadas. A próxima etapa deste trabalho será a avaliação das habilidades sociais dos alunos de primeiro e segundo semestres, participantes treinamento realizado pelos estagiários multiplicadores. O desenvolvimento destas é fundamental para treino da atuação profissional do estudante de psicologia, o que aponta a necessidade de inseri-la como componente curricular na graduação. **Palavras-chave:** programas de treinamento em habilidades sociais, multiplicadores, habilidades sociais acadêmicas e educativas.

COM-31 PRIVACIDADE E HABILIDADE SOCIAIS EM MORADORES DE RESIDÊNCIAS COLETIVAS UNIVERSITÁRIAS - Jéssica Soares Santos, Joelma Santos Araújo, Tainara Ferreira Inocêncio, Tatiane Alves Rodrigues Rocha e Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão - SE)

O ingresso no Ensino Superior é uma experiência presente no cotidiano de diversos jovens, e esse período perpassa por diversas mudanças. O estudante que reside em moradias coletivas possui em seu arcabouço não somente dificuldades ligadas à adequação a uma nova etapa acadêmica como também aquelas decorrentes da mudança de cidade e convivência com novas pessoas, em um ambiente físico desconhecido, sendo necessária uma desenvoltura social adequada que viabilize as relações e possibilite a administração dos conflitos. Portanto, o estudo teve como enfoque os conceitos de Privacidade e Habilidades Sociais, o primeiro sendo abordado em duas escalas, com 15 itens na primeira e 25 itens na segunda do tipo likert, a primeira com máximo de 5 pontos e a segunda com o máximo de 7 pontos, e o segundo através do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) que produz escores em cinco fatores de habilidades sociais. Participaram da pesquisa 128 estudantes, 91 residem em moradias coletivas institucionais, as residências universitárias e 37 residem em moradias coletivas particulares, as repúblicas universitárias. Foram



analisados os itens das duas escalas a fim de identificar as diferenças entre as respostas dos estudantes moradores de residências e repúblicas os itens 1- Com que frequência você consegue se isolar quando deseja ($t= 2,339$; $gl= 122$; $p= 0,021$) e 2- Com que frequência na sua moradia coletiva, é permitido receber pessoas de fora com amigos, namorados(as) etc. ($t= -2,506$; $gl= 125$; $p=0,013$) da primeira escala apresentaram diferença significativa entre os grupos, o que também foi encontrado nos itens da segunda escala 2-Gostaria de ter mais privacidade do que tenho agora ($t= 3,151$; $gl= 125$; $p= 0,002$), 11-Tenho um local, ocupado por móveis e pertences, que é exclusivamente meu ($t= -2,626$; $gl= 126$; $p=0,01$), 12- Gostaria de ter espaço para me isolar, pois tenho momentos em que quero ficar sozinho(a) ($t= 2,140$; $gl= 126$; $p=0,034$) e 16-Demorei a me adaptar ao espaço físico da moradia quando cheguei ($t= 2,056$; $gl= 126$; $p= 0,042$). Os itens que apresentaram diferenças significativas quanto ao uso do espaço e regulação da privacidade foram correlacionados aos fatores do IHS-Del-Prette sendo que, para a primeira escala o item 1 teve correlação positiva com o fator 1 (Enfrentamento e Autoafirmação com Risco- $r=0,190$; $p=0,035$) e fator 3 (Conversação e Desenvoltura Social- $r=0,224$; $p=0,013$) do IHS-Del-Prette e o item 2 com o fator 1 (Enfrentamento e Autoafirmação com Risco- $r=0,183$; $p=0,04$) desse instrumento. Já para a segunda escala houve correlação positiva entre os itens 11 e 12 com o fator 2 (Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo - $r= -0,196$; $p=0,027$ / $r= -0,174$; $p=0,05$) e os itens 2 e 16, com o fator 3 (Conversação e Desenvoltura Social - $r= -0,180$; $p=0,042$ / $r= -0,287$; $p=0,001$) do IHS-Del-Prette. Os resultados obtidos apontam o quanto as habilidades sociais são mediadoras nas relações quanto à utilização do espaço e regulação da privacidade. A compreensão da dinâmica ligada aos construtos estudados permite uma melhor adequação das condições de moradia, priorizando o bem-estar do estudante e seu desenvolvimento acadêmico.

Palavras-chave: residências universitárias, repúblicas universitárias, privacidade, habilidades sociais.

COM-32 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO SERTÃO PARAIBANO: PROPOSTA DE UM PROTOCOLO - Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria - PB), **Maria José Nunes Gadelha** (Universidade Federal da Paraíba, UFPB - PB), **Jayana Ramalho Ventura** (Universidade Federal da Paraíba, UFPB - PB) e **Arlindo Félix da Costa Neto** (Faculdade Santa Maria- PB)

O Treinamento de Habilidades Sociais (THS) é uma ferramenta que tem o objetivo de auxiliar, instalar ou ampliar as Habilidades Sociais (HS) de indivíduos que necessitam aperfeiçoar seus relacionamentos interpessoais. Nesse contexto, o presente estudo tem como finalidade apresentar um estudo piloto do protocolo de THS realizado em estudantes de uma extensão universitária. A criação desse programa de THS decorreu da observação do déficit de HS nos estudantes de Psicologia de uma Faculdade particular no interior da Paraíba. Assim, criou-se um projeto de extensão denominado “Treinamento das HS em estudantes universitários do sertão paraibano” que teve como finalidade promover nos estudantes o conhecimento e aprimoramento das habilidades sociais como forma de auxiliá-los para a vida acadêmica e profissional. Participaram do projeto 24 estudantes do Curso de Graduação em Psicologia, os quais foram subdivididos em dois grupos, cada um com 12 participantes. Para a seleção dos estudantes, foram utilizados como instrumentos avaliativos das habilidades sociais o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e um questionário específico com o objetivo de fazer um levantamento dos déficits de HS dos participantes. Realizaram-se 10 encontros, sendo abordado um tema diferente em cada encontro, divididos da seguinte forma: 1) Contrato relacional e Psicoeducação do conceito das HS; 2) Direitos Humanos Básicos; 3) Estabelecimento das Relações Sociais; 4) Teoria dos comportamentos Sociais (Passividade, Agressividade e Assertividade); 5) Prática dos comportamentos Sociais (Passividade, Agressividade e Assertividade); 6) Fazer e Receber pedidos; 7) Fazer e receber críticas e elogios; 8) Falar em público; 9) Manejo da raiva e expressão de incômodo, desagrado e desgosto; 10) Avaliação e *feedback* do processo. Utilizaram-se técnicas específicas da Terapia Cognitivo-Comportamental nas intervenções grupais, tais como: psicoeducação, role-plays, ensaio comportamental, modelagem e resolução de problemas. As informações explícitas e implícitas obtidas a partir de autorrelato dos participantes durante os encontros funcionaram como *feedback* para o grupo e para avaliação dos efeitos do programa para os participantes. Por intermédio de observações, verificou-se que os participantes conseguiram, gradativamente, o amadurecimento de suas HS, sendo relatada a facilidade de realizar atividades que antes eram difíceis ou constrangedoras. Além disso, com base no desempenho nos exercícios realizados nos encontros e nas atividades passadas para casa, percebeu-se que os estudantes melhoraram o repertório social no âmbito acadêmico, profissional e familiar. O autocontrole das HS favoreceu o bom relacionamento interpessoal e possibilitou o manejo de forma assertiva das diferentes situações sociais vivenciadas diariamente, fazendo com que o convívio social saudável e a tomada de decisões fossem introduzidos naturalmente no repertório cotidiano dos participantes deste projeto. Dessa forma, com base nos relatos dos participantes e no acompanhamento em atividades acadêmicas, considera-se que os estudantes apresentaram progresso quanto ao manejo das HS, tendo o THS possibilitado ferramentas para os estudantes desempenharem comportamentos assertivos no sentido de melhorarem sua autoestima, como também, suas relações interpessoais, principalmente no âmbito acadêmico. Assim, com base na



realização desse estudo piloto, foram realizados ajustes no protocolo com o objetivo do aprimoramento da estrutura dos encontros e da definição metodológica de medidas repetidas na avaliação do THS. **Palavras-chave:** treinamento de habilidades sociais, estudantes, protocolo.

SESSÃO 7 - HABILIDADES SOCIAIS COMO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

COM-33 CARACTERIZAÇÃO COMPORTAMENTAL E ACADÊMICA DE CRIANÇAS QUE PASSARAM POR UM TREINO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Luciana Carla dos Santos Elias e Márcia Viana Amaral (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto - SP)

Ao ingressar em um novo grupo, a criança precisa adquirir novas habilidades sociais e/ou de adequar as já existentes. O termo Habilidades Sociais (HS) se aplica às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo e devem colaborar para a resolução de problemas imediatos e redução da ocorrência de problemas futuros. Dentre as diferentes HS, o presente estudo destacou as Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais (HSPI). Crianças com melhor desempenho nas HSPI mostram-se melhor ajustadas às situações de vida em relação as que apresentam dificuldades nessas habilidades, constituindo-se, portanto, em um fator de proteção e adaptação psicossocial. As HSPI são aprendidas, passíveis de intervenção e apresentam caráter preventivo. Este estudo teve como objetivo verificar as HSPI, características comportamentais e desempenho acadêmico em crianças antes, após e 5 meses após um treino específico para o desenvolvimento das HSPI. Participaram do projeto 54 crianças (27 do grupo de intervenção (GI), com média de idade de 9a11m e 27 do grupo comparação (GC), com média de idade de 10a4m), de ambos os sexos, alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, junto à rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista e duas professoras. Todas as crianças passaram por avaliações quanto às HSPI, características comportamentais e desempenho acadêmico antes, após e 5 meses após a intervenção, que foi realizada pelas professoras em sala de aula durante seis meses. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram o Procedimento de Solução de Problemas Interpessoais em Crianças (CHIPS), Teste de Desempenho Escolar (TDE) e o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SRSS-BR), formulário para professores. O treino aplicado pelas professoras no GI foi baseado em programa específico constituído de 40 lições com diferentes temas com complexidade crescente que se inicia com o reconhecimento de sentimentos e vai até a escolha da melhor solução para determinado problema, verificando suas consequências. O programa foi aplicado de duas a três vezes por semana, com atividade de reforço em cada tema. A duração das diferentes lições variou conforme a dinâmica do grupo, mas teve em média a duração de 30 minutos. Os participantes de GC não receberam nenhum tipo de intervenção. Os resultados preliminares da análise do SSRS sugerem que, após o programa de treinamento, as crianças do GI apresentaram melhoras em habilidades sociais, características comportamentais e desempenho acadêmico. Quanto ao desempenho acadêmico verificado através do TDE apresentaram melhoras significativas. Finalmente as HSPI verificadas através CHIPS apontaram crescimento gradativo. As análises qualitativas das respostas nos diferentes momentos da avaliação serão realizadas posteriormente. Os resultados favorecem a ideia da existência de uma relação funcional entre HSPI, desempenho acadêmico e comportamento. Portanto, através dos resultados iniciais, pode-se concluir que o treino em HSPI em ambiente escolar pode contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento social e acadêmico de crianças. (FAPESP/CNPq) **Palavras-chave:** habilidades de solução de problemas interpessoais; problemas de comportamento, desempenho escolar.

COM-34 HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS ANTES E APÓS PROGRAMA DE INTERVENÇÃO EM CONTEXTO ESCOLA - Bianca Oliveira de Macedo e Luciana Carla dos Santos Elias (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto - SP)

A infância é uma fase primordial para as crianças adquirirem um repertório de habilidades sociais. Um bom repertório adquirido nessa fase contribui decisivamente para uma melhor qualidade de vida e ainda para a prevenção de transtornos psicológicos e problemas de adaptação psicossocial que podem ocorrer em etapas posteriores do desenvolvimento. A escola é um dos espaços interativos que contribui relevantemente para o desenvolvimento interpessoal das crianças. Resultados de pesquisas apontam uma correlação positiva do desenvolvimento de habilidades sociais com rendimento acadêmico e comportamentos bem aceitos socialmente. Assim crianças com melhor repertório de habilidades sociais apresentam maior aceitação por colegas, autoestima positiva, melhor realização acadêmica, etc. Da mesma forma o déficit de habilidades sociais pode desencadear diversos problemas como baixa aceitação, problemas comportamentais, baixo rendimento acadêmico e problemas de relacionamento. Essas correlações justificam a implantação de programas de intervenção, isto é, treinamento de HS em escolas para



promover um melhor repertório socialmente habilidoso que agiria como fator de proteção contra problemas na infância e nas etapas posteriores do ciclo vital. Diante dessa realidade, o presente estudo objetivou verificar se ocorrem mudanças em diferentes classes de HS e problemas de comportamento de crianças antes e após passarem por um programa de intervenção preventiva desenvolvido na escola. Participaram 50 crianças de ambos os sexos, com idades de 6 a 10 anos, inseridas no ensino fundamental I, e suas respectivas professoras. O estudo ocorreu na Rede Municipal de Ensino de uma cidade do interior paulista e para a coleta foram utilizados os instrumentos: SSRS-BR- Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais, versão para professores, CHIPS- Sondagem de Solução de Problemas Interpessoais em Crianças e Programa Posso Pensar. Após a concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos pais dos alunos e professores, realizou-se as avaliações e a intervenção com o programa que foi aplicado pelas professoras em sala de aula. As avaliações ocorreram antes e após a intervenção utilizando-se os mesmos instrumentos e procedimentos. O preenchimento pelos professores das escalas do SSRS-BR e as orientações aos mesmos para o uso do Programa Posso Pensar foram realizados durante o tempo de Trabalho Pedagógico Coletivo destinado aos professores. Já as avaliações diretas com as crianças foram realizadas durante o horário de aula; os alunos foram retirados um a um de sua classe. Até o momento os dados coletados estão sendo cotados e analisados. Resultados preliminares corroboram com a literatura, indicando que intervenções preventivas são importantes no contexto escolar, atuando como proteção do desenvolvimento das crianças, aumentando o repertório de HS e HSPI e diminuindo os problemas comportamentais das mesmas. (CNPq) **Palavras-chave:** habilidades sociais, solução de problemas interpessoais, treinamento de habilidades sociais.

COM-35 HABILIDADES SOCIAIS E APOIO SOCIAL: O FINAL DO ENSINO FUNDAMENTAL - Luana de Mendonça Fernandes (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ) e Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ e Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

As relações interpessoais com a família, pares e professores podem auxiliar os estudantes a lidarem com os desafios enfrentados ao final do Ensino Fundamental, promovendo seu desenvolvimento social e seu desempenho acadêmico. O presente estudo investigou o desempenho escolar dos alunos no final do Ensino Fundamental, considerando: (a) o microsistema da família por meio das variáveis que podem influenciar os processos proximais, como a percepção do apoio social da família; (b) as características bioecológicas dos alunos por meio das habilidades sociais; (c) o microsistema da escola por meio das variáveis que podem influenciar os processos proximais como a percepção do apoio social dos amigos e dos professores; (d) as características bioecológicas dos professores por meio das habilidades sociais educativas. A pesquisa foi realizada com uma amostra de 318 adolescentes, sendo 173 meninas e 145 meninos com idade entre 11 e 17 anos ($M = 14,03$ anos; $DP=1,23$) que estavam matriculados no 8º e 9º ano (176 alunos do 8º ano e 142 do 9º ano) do II Ciclo do Ensino Fundamental de três escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano da Universidade Salgado de Oliveira, de acordo com o Parecer no 465.568, CAAE: 23179713.4.0000.5289. O foco do estudo no impacto das habilidades sociais e da percepção de apoio social do aluno e das habilidades sociais do professor no desempenho escolar foi uma tentativa de salientar que os recursos do sujeito e do contexto social podem auxiliar o estudante nesse período de transição ecológica que ele se encontra. Os resultados evidenciaram que relações positivas entre as habilidades sociais e a percepção de apoio social dos alunos, as habilidades sociais dos professores e o desempenho escolar dos estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Contudo, a reprovação escolar impactou negativamente no desempenho escolar. Além disso, os dados mostraram importantes implicações como a vulnerabilidade dos alunos abaixo da média escolar, principalmente os que estavam no 9º ano. Na análise de comparação com os alunos do 8º e 9º ano, aqueles abaixo da média escolar tinham menos habilidades sociais, percebiam menos apoio social da família e dos professores e tinham mais história de reprovações. Já os alunos do 9º ano mostraram-se mais vulneráveis do que os do 8º ano, pois os alunos do último ano do Ensino Fundamental abaixo da média escolar apresentaram menos habilidades sociais e sentiram-se menos apoiados pela família e professores. Este dado é preocupante porque aumenta a possibilidade de o aluno evadir da escola e não ingressar no Ensino Médio. **Palavras-chave:** habilidades sociais, apoio social, transição escolar.

COM-36 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS - Laurineide Laureano dos Santos (Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa, João Pessoa - PB) e Shirley de Souza Silva Simeão (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB)

As habilidades sociais são consideradas comportamentos sociais adquiridos que propiciam o início e manutenção de relacionamentos sociais adequados e positivos, favorecendo relações satisfatórias e contribuindo com um melhor



ajustamento escolar. O objetivo do presente trabalho é apresentar uma proposta de treinamento de habilidades sociais realizada com pais de alunos de uma escola pública, realizado como projeto piloto, na perspectiva de avaliar e criar as condições prévias para a sua implementação posterior. Participaram da intervenção 10 pais de alunos, que foram convidados a participar do projeto pela psicóloga da escola. O convite foi feito em decorrência de um projeto desenvolvido com os adolescentes, em que os mesmos sinalizaram possíveis inabilidades dos pais como modelo para seus comportamentos desadaptativos. Foi utilizado como instrumento de avaliação uma entrevista semi estruturada com os pais conduzida a partir de uma roda de conversa, na qual foi possível realizar um levantamento dos principais comportamentos inadequados dos filhos.. Em seguida, foi explanado acerca das habilidades sociais, os estilos de comportamento passivo, assertivo e agressivo, as emoções associadas com cada estilo e a comunicação realizada com os filhos a partir da adoção de um dos estilos. A intervenção teve um formato grupal e se estruturou, num primeiro momento, ao longo de seis encontros. Nas sessões, foram utilizadas técnicas cognitivas e comportamentais com a proposta de desenvolver habilidades de assertividade, autocontrole e expressividade emocional. Como estratégias de intervenção foram utilizadas atividades e vivências no sentido de levar os pais a analisarem as situações diárias envolvendo as habilidades sociais. Como recursos foram utilizados imagens e vídeos explanando acerca das emoções básicas visando ensinar o reconhecimento e a expressão emocional adequada. Os pais foram convidados a pensar numa situação em que costumam adotar cada estilo de comportamento (passivo, assertivo ou agressivo), e em situações em que identificam nos filhos os estilos apresentados. Em um segundo momento, foram discutidas possibilidades consideradas adequadas para lidar com a agressividade do filho. Como resultados o treinamento de habilidades sociais pode evidenciar possíveis mudanças dos comportamentos dos pais em relação aos seus filhos/as e melhora na relação pais e filhos. Tais mudanças foram evidenciadas a partir do discurso dos pais que, em uma entrevista final, apontaram possíveis alterações comportamentais ocorridas a partir das intervenções realizadas. Os pais afirmaram que o treinamento proporcionou a aprendizagem de elementos importantes para a melhoria da relação, tais como o reconhecimento da presença de comportamentos que estaria interferindo na relação com os filhos, além de ser modelo inadequado e o desenvolvimento de estratégias de como lidar quando os filhos apresentem um comportamento agressivo. Diante do exposto, percebeu-se que o treino de habilidades sociais se mostrou uma possibilidade efetiva e possível no contexto escolar, contribuindo para a promoção da saúde e o desenvolvimento emocional dos envolvidos sendo uma proposta preventiva eficaz no cenário educacional. **Palavras-chave:** habilidades sociais, escola, pais.

COM-37 ADOLESCENTES NO ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUAS HABILIDADES SOCIAIS - Tiago Guimarães de Oliveira e Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis, UCP - RJ)

As habilidades sociais (HS) desenvolvidas pelos jovens durante a adolescência contribuem para o processo de subjetivação, ou seja, transformar-se como o sujeito, e estes mesmos se tornam mais autônomos e independentes em seus pensamentos e ações, melhorando assim o seu desempenho acadêmico e no relacionamento humano. As escolas que se dedicam a esta qualificação exercem um impacto sobre a socialização e a subjetivação. Unindo os conceitos de desenvolvimento pessoal, moral, psicológico, social e profissional, as escolas de ensino profissionalizante devem possuir a preocupação com a formação futura dos seus adolescentes, pois possuem a primícias de inserir jovens no mercado de trabalho, onde serão fatores essenciais as habilidades sociais para o bom relacionamento e desenvolvimento no ambiente de trabalho. Foi aplicado o IHSA-Del-Prette em 19 adolescentes que estão no ensino profissionalizante do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAI, em Juiz de Fora/MG, em cursos no qual são desenvolvidos disciplina e conteúdos relacionados às Relações Humanas e o seu comportamento no mercado de trabalho, e em outros 19 alunos da mesma instituição de ensino, porém que na ementa do seu curso não contempla o treinamento e o conteúdo de relacionamento interpessoal. O objetivo é verificar se o conteúdo de relacionamento interpessoal que hoje o SENAI promove para o aprendizado profissional proporciona maior ou algum desenvolvimento nas habilidades sociais dos seus adolescentes. Em ambos os grupos pesquisados os adolescentes estão na faixa etária entre 15 e 17 anos, sendo todos oriundos de escolas públicas estaduais no município de Juiz de Fora. O inventário foi aplicado no mesmo dia e em turmas que ingressaram na mesma época na instituição, possuindo características semelhantes em seus adolescentes, diferenciando apenas o tipo de curso e o contato com a disciplina citada. O inventário é composto por 38 questões. A posição percentil analisada, no que refere-se a frequência das HS apresentou uma pontuação total de 60 para as alunos, tanto do sexo feminino quanto do masculino, que cursaram a disciplina. Já os adolescentes que não tiveram contato com a mesma, os do sexo feminino apresentaram um escore total de 30, enquanto do sexo masculino 25. Analisando a dificuldade com as HS, houve uma aproximação entre os dois grupos, onde o primeiro correspondeu a 40 pontos para o sexo feminino, e 30 pontos para o sexo masculino. Já o segundo grupo, apresentou uma dificuldade maior, onde as adolescentes tiveram o escore total em 50 e os meninos 40.



Analisando os dois grupos é possível perceber que a escola técnica profissional do SENAI tem realizado um trabalho de desenvolvimento das habilidades sociais nos adolescentes, onde pode resultar em uma melhor preparação para o mercado de trabalho e para a vida. **Palavras-chave:** habilidades sociais, ensino profissionalizante, desenvolvimento.

SESSÃO 8 - HABILIDADES SOCIAIS: INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

COM-38 AUTOSCOPIA COMO INSTRUMENTO DE SUPORTE AO DIAGNÓSTICO E TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Patrícia Rivoli Rossi, Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro, Elvira Aparecida Simões de Araujo e Marilsa de Sá Rodrigues (Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté - SP)

A literatura tem apresentado um conjunto de instrumentos para a elaboração de avaliação de necessidades de desenvolvimento de Habilidades Sociais e, dentre os mais utilizados estão os instrumentos de autorrelato. Tais instrumentos dependem da avaliação que o indivíduo faz sobre seu repertório, no entanto podem conter distorções nesta avaliação. Outro instrumento, a autoscopia, oferece suporte para a identificação de tais necessidades, por meio de videogravação de práticas e a posterior discussão em situações de análise e treinamento, com ou sem edição dos conteúdos, conforme definido pelo profissional. Este instrumento pode ser uma alternativa para superar os limites do autorrelato e oferecer fidedignidade à análise. Neste trabalho é apresentada uma experiência de utilização da técnica de autoscopia como suporte de avaliação de necessidades de desenvolvimento e de treinamento de Habilidades Sociais. Foi participante desta pesquisa um professor de Educação Física do ensino fundamental, com queixa de dificuldades de interação social no ambiente profissional, que resultava em advertências administrativas em função de sua conduta e o colocava sob o risco de demissão. E nesse contexto, o treinamento ganha outra importância, além dos benefícios para o indivíduo, pode aumentar a qualidade das interações estabelecidas entre professor e alunos na sala de aula interferindo na qualidade dos processos de educativos conduzidos pelo professor. Nesta experiência as videogravações foram utilizadas para identificar comportamentos adequados ou inadequados, planejar intervenções em treinamento e apresentar ao professor uma ilustração que permitisse a discriminação de comportamentos assertivos, não assertivos e agressivos. O treino foi desenvolvido em vinte sessões, nas quais foram propostas atividades com o objetivo de favorecer a ocorrência de determinados comportamentos. As videogravações continham trechos da atuação do professor em sala de aula (anteriormente gravados) e de comportamentos emitidos durante as próprias sessões de treinamento. Os trechos foram criteriosamente selecionados para evitar punições. A apresentação das cenas era gradativa, partindo de cenas mais assertivas, para as menos assertivas. Ao assistir, o facilitador pontuava para o professor os comportamentos que precisariam aumentar e diminuir de frequência. O facilitador esteve atento às reações apresentadas pelo professor considerando a aversividade que a tarefa de se auto-observar apresenta. As análises decorrentes da apresentação da videogravação possibilitaram ao professor a percepção sobre os seus comportamentos nas relações interpessoais com os alunos e com outros de seu relacionamento profissional. Verificaram-se vantagens para a aprendizagem de novos comportamentos sociais, na medida em que ele se via em ação e observava o seu próprio comportamento e as consequências decorrentes. Conclui-se que a videogravação foi um procedimento que permitiu ampla generalização das aprendizagens do treinamento, ressaltando, assim como a literatura já descreve e evidenciado neste trabalho, que a seleção das cenas deve ser realizada com cuidado, sempre atenta em respeitar os limites da pessoa em treino, uma vez que, se frequentemente exposta a estímulos aversivos, desistirá do treinamento. **Palavras-chave:** habilidades sociais profissionais, avaliação, ensino profissionalizante.

COM-39 HABILIDADES SOCIAIS GERENCIAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS E ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS - Claudia Regina Carraro e Marilsa de Sá Rodrigues (Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté - SP)

É frequente encontrar dirigentes em organizações que conhecem tecnicamente seu trabalho, trazem resultados para a empresa, mas são inábeis na interação com os seus funcionários, causando mal estar, desmotivação e, conseqüentemente, aumentando a rotatividade na equipe. O presente trabalho tem como objetivo comparar os resultados obtidos pelo dirigente da empresa no inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) com a percepção dos subordinados sobre a qualidade dos relacionamentos interpessoais (proprietário e subordinados). Este estudo de caso teve por base documentos disponibilizados e autorizados por uma empresa de consultoria sendo preservados os preceitos éticos envolvidos. Os procedimentos metodológicos, obtidos nos documentos foram os registros dos resultados da aplicação do IHS-Del-Prette e da transcrição das entrevistas semiestruturadas. O público-alvo deste estudo constituiu-se de 14 indivíduos, sendo o proprietário da empresa, engenheiro, 53 anos, e 13 empregados,



subordinados a ele, sendo 4 homens e 9 mulheres. Foi aplicado o IHS-Del-Prette no engenheiro e realizadas entrevistas semiestruturadas com os 13 empregados. Os resultados mostraram que os fatores F1 (enfrentamento e autoafirmação de risco), F2 (Autoafirmação na expressão de sentimento positivo) e F3 (Conversa e desenvoltura social), apresentaram o repertório abaixo da média inferior. Estes dados foram confirmados através das respostas das entrevistas semiestruturadas. Segundo as entrevistas, o proprietário da empresa aborda o funcionário em local e modo inapropriados, expondo-o aos demais colaboradores, por vezes fazendo críticas desmedidas, de modo alterado, levando o funcionário ao constrangimento, entendendo isto como “*feedback*”. Também “não faz elogios e sempre qualifica mal a equipe, empregando termos como “inadequados” e desqualificados”. Ainda em relação aos fatores F1, F2 e F3, as entrevistas apontam para o fato de o proprietário apresentar-se passivo na resolução de problemas e agressivo ao expor sua opinião aos funcionários. Para os fatores, F4 (Autoexposição a desconhecidos e situações novas) e F5 (Autocontrole da agressividade), o proprietário apresentou bom repertório de Habilidades Sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens. Estes dados foram confirmados pelo próprio indivíduo que admitiu sentir-se mais a vontade em falar com pessoas desconhecidas e em público do que abordar um funcionário para dar “*feedback*”. Os resultados apontam que as respostas apresentadas pelos funcionários nas entrevistas semiestruturadas corroboram com os resultados apresentados no IHS-Del-Prette do proprietário apontando assim para a necessidade de treinamento nos fatores que apresentaram resultados abaixo da média inferior. **Palavras-chave:** habilidades sociais profissionais, competências sociais, competências sociais gerenciais.

COM-41 PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DAS VERSÕES BRASILEIRAS DAS ESCALAS MULTIDIMENSIONAIS DE EXPRESSÃO SOCIAL - Anderson Siqueira Pereira, Luciana Dutra-Thomé e Silvia Helena Koller (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS - RS)

As Escalas Multidimensionais de Expressão Social Partes Cognitiva (EMES-C) e Motora (EMES-M) são instrumentos autoaplicáveis úteis para a avaliação do funcionamento social das pessoas. A EMES-C é composta por 44 itens e avalia a presença de pensamentos negativos referentes às interações sociais. A EMES-M, por sua vez, é composta por 64 itens e avalia o repertório de habilidades sociais do indivíduo. O objetivo deste estudo é apresentar algumas propriedades psicométricas destes instrumentos. Foram realizados processos de adaptação das escalas para o português brasileiro, além da exclusão de termos fora de uso e de expressões heteronormativas com o objetivo de um melhor entendimento dos respondentes sobre o conteúdo das escalas. Um estudo com o total de 1225 participantes foi conduzido para avaliar as propriedades psicométricas das escalas. Foram realizadas Análises Fatoriais Exploratórias e Confirmatórias em ambas as escalas, novas estruturas fatoriais foram encontradas com índices de ajuste aceitáveis e consistência interna adequada. Além disso, foram realizadas avaliações de validade convergente utilizando a Escala de Assertividade de Rathus e a Escala SAD-D que avalia ansiedade social. A EMES-C apresentou uma estrutura fatorial de 8 fatores (F1: Medo de expressar opiniões contrárias e defesa de direitos; F2: Medo de falar em público; F3: Ansiedade relativa a dar e receber elogios e expressar afeto positivo; F4: Ansiedade relacionada a pessoas com autoridade; F5: Ansiedade em interações com pessoas atraentes; F6: Ansiedade em Interações com parceiros amorosos; F7: Preocupação referente a imagem passada aos outros e; F8: Preocupações referentes a Pedidos), CFI de 0,938, RMSEA de 0,060 e um alfa de Cronbach de 0,954. Por sua vez, a EMES-M apresentou uma estrutura fatorial de 12 fatores (F1: Comportamentos assertivos; F2: Iniciação de interações Sociais; F3: Falar em Público; F4: Lidar com Superiores; F5: Defesa de direitos do consumidor; F6: Expressão de sentimentos negativos; F7: Expressão de sentimentos positivos a pessoas atraentes; F8: Expressão de desagrado a familiares; F9: Desacordo com pessoas atraentes e parceiros amorosos; F10: Aceitar elogios; F11: Tomar a iniciativa em relações com pessoas atraentes; F12: Fazer Elogios), com CFI de 0,901, RMSEA de 0,049 e alfa de Cronbach de 0,95, porém, 4 dos itens originais da escala não apresentaram cargas fatoriais adequadas e foram excluídos (itens 02, 16, 25 e 55). As análises de validade convergente de ambas as escalas apresentaram valores estatisticamente significativos de correlação entre os escores totais e a Escala de Assertividade de Rathus (EMES-C: 0,789; EMES-M: -0,862) e com a SAD-D que avalia ansiedade social (EMES-C: 0,606; EMES-M: -0,533). A partir dos resultados apresentados, conclui-se que as versões brasileiras das Escalas Multidimensionais de Expressão Social apresentam propriedades psicométricas adequadas para o uso na população brasileira, sendo uma nova opção de instrumento para avaliar o funcionamento social das pessoas. (CNPq) **Palavras-chave:** habilidades sociais, pensamentos negativos, instrumentos de avaliação.



COM-42 CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO INVENTÁRIO DE ESTILOS DE ENAMORAMENTO (IEE) - Clystine Abram Oliveira Gomes e Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

Na construção da relação amorosa, principalmente na fase em que se iniciam as atividades de enamoramento, podem ser apresentados déficits nas habilidades sociais. Esses problemas podem acionar crenças de incapacidade, impotência e inferioridade; sentimentos de medo, ansiedade, insegurança, angústia, tristeza e ativar esquemas de rejeição, defectividade e vergonha, abandono e fracasso que reforça a percepção de falta de atratividade e incompetência para construir relacionamentos amorosos. Para os jovens o déficit nas habilidades sociais relacionados ao enamorar pode dificultar de vivenciarem plenamente a interação com o ser desejado e/ou amado, podendo inclusive impedir o desenvolvimento da sexualidade com um(a) parceiro(a). A sexualidade compõe aspectos orgânicos, psicológicos e sociais, naturais aos seres humanos, que se evidenciam na fase de enamoramento e culminam na relação sexual. No enamoramento os jovens podem apresentar comportamentos diversos para atingir seus objetivos de paquerar e conquistar o ser desejado. A fim de identificar os comportamentos das habilidades sociais de enamoramento e seus estilos a presente pesquisa teve por objetivo construir e analisar características psicométricas do Inventário de Estilos de Enamoramento (IEE). A partir da identificação de 37 itens a escala foi aplicada em 370 participantes: 126 do sexo masculino e 244 do feminino, todos solteiros ($M = 25,5$ e $DP = 4,51$). A escolaridade mínima de todos os participantes foi Ensino Superior incompleto. As análises fatoriais dos componentes principais com rotação oblíqua identificaram dois fatores representativos da estrutura interna do instrumento que foram denominados de estilos de enamoramento: o Estilo Sutil (ES) e o Estilo Direto (ED). Os índices de consistência interna foram de $ES = 0,73$ e $ED = 0,78$ (alpha de Cronbach). Foi verificada a relação do IEE com o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). O ES apresentou correlação positiva fraca com o fator Enfrentamento e Autoafirmação com Risco e o ED correlação negativa fraca com o fator Conversação e Desenvoltura Social e com Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas do IHS-Del-Prette. Na comparação entre grupos foram identificadas as diferenças significativas entre os grupos do sexo masculino e feminino o presente estudo indica que não há diferenças significativas entre homens e mulheres no Estilo Sutil de enamoramento, mas no Estilo Direto, a média masculina é significativamente maior que a feminina, transparecendo que a maioria das mulheres encontra mais facilidade na utilização do ES do que no ED de enamoramento. A carência de escalas que mensurem os Estilos de Enamoramento no Brasil permite com que o este estudo seja uma contribuição à área da Psicologia Social e Clínica. (CAPES/CNPq) **Palavras-chave:** avaliação psicológica, estilos de enamoramento, habilidades sociais.

SESSÃO 9 - HABILIDADES SOCIAIS DE PAIS E CUIDADORES: AVALIAÇÃO E PROMOÇÃO

COM-40 PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E COMPORTAMENTOS INFANTIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL CONSIDERANDO GÊNERO E ESCOLARIDADE DA CRIANÇA - Jéssica Aline Rovaris e Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru - SP)

Problemas de comportamento são desfavoráveis ao desenvolvimento infantil, por se tratarem de déficits e/ou excessos comportamentais que prejudicam a interação das crianças com pares/adultos, o acesso dela as contingências de reforçamento e à aquisição de repertórios importantes socialmente. Práticas educativas parentais e repertório de habilidades sociais podem interferir no desenvolvimento infantil, assim práticas educativas negativas são consideradas fatores de risco e práticas positivas são consideradas fatores de proteção para a criança. As práticas positivas relacionam-se ao repertório de Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P), pois pais mais habilidosos conseguem elaborar estratégias educativas mais reforçadoras aos filhos, aumentando a probabilidade deles adquirirem habilidades sociais infantis, consideradas fator de proteção. Objetivo: Verificar relações entre categorias de Práticas Educativas maternas (pPositivas e nNegativas), Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento a grupos clínico e não clínico (para problema de comportamento infantil), grupos de pré-escolares e escolares e gênero da criança. Participaram 167 mães de crianças matriculadas na rede pública de ensino, que cursavam a pré-escola (Emei) ou ensino fundamental (Emef) de ambos os sexos (99 meninos, 68 meninas, idade média de 6,29, $DP=2,83$). Instrumentos: CBCL para pré-escolares e escolares (4 a 18 anos); Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas; Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas (versão para pais) – QRSH-P. Foi conduzido o teste de correlação de Pearson, considerando-se p menor ou igual a 0,05, num intervalo de confiança de 95%. Houve correlações entre Emei e Emef, grupos clínico e não clínico, meninos e meninas com as categorias: Habilidades Sociais (segundo o QRSH), Interação Positiva, Interação Negativa, Problema de Comportamento (segundo o RE-HSE-P) e Habilidades Sociais (segundo o RE-HSE-P). Resultados: Para todos os grupos habilidades sociais de mães e crianças foram associadas entre si e com práticas e interação



positiva, assim como os problemas de comportamento foram correlacionados a práticas e interação negativa. Algumas diferenças ocorreram para as crianças do grupo clínico e para os meninos pré-escolares, em que interação positiva foi associada a problemas de comportamento e problemas de comportamento a HSE-P; também para os escolares não clínicos interação negativa associou-se a habilidades sociais e HSE-P, HSE-P a interação negativa e problemas de comportamento e para as meninas escolares, interação negativa correlacionou-se a habilidades sociais e problemas de comportamento a HSE-P. Conclusão: Crianças com e sem problemas de comportamento dispõem de repertório habilidoso e mães de ambos os grupos fazem uso de práticas educativas positivas e negativas, o que parece diferenciar cada grupo é a frequência destes comportamentos e diante de quais ambientes eles ocorrem. Entre os pré-escolares, a categoria práticas negativas foi relatada diante de habilidades sociais da criança e crianças escolares meninas e não clínicas parecem conseguir se manterem habilidosas diante de situações adversas, como as práticas negativas. (FAPESP)

Palavras-chave: habilidades sociais, problemas de comportamento, práticas educativas parentais.

COM-43 A IMPORTÂNCIA DO MANEJO DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA OS PAIS E/OU CUIDADORES DOS BENEFICIÁRIOS DA APAE - Francisca Maísa Maciel Gomes, Francisca Daniella Araruna Tavares, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Maria Aparecida Ferreira Menezes Suassuna e Verônica Gomes Anacleto (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB)

O contexto familiar engloba uma amplitude de comportamentos, sentimentos, crenças e valores que são decisivos para entender a dinâmica desse contexto, cabendo a ela a responsabilidade de proporcionar um ambiente saudável e seguro para desenvolvimento cognitivo, emocional e social para a criança. Tratando-se de família com pessoas com deficiência, muitas vezes confunde-se segurança com superproteção e muitos pais acabam direcionando para si todas as tarefas do filho não favorecendo o desenvolvimento global do sujeito e acarretando uma carga de stress para o cuidador. O presente trabalho propôs-se verificar a importância do manejo das habilidades sociais para os pais e/ou cuidadores de pessoas com deficiência. Para isso, foi realizado um Projeto de Pesquisa e Extensão intitulado: Faculdade Santa Maria e APAE: Caminhando Juntas. A extensão promoveu ações psicoeducativas com pais e/ou cuidadores dos beneficiários da APAE de Cajazeiras-PB, incentivando a inserção dos mesmos no ensino regular. Durante a execução das atividades foi percebido que haviam necessidades latentes que precisavam ser trabalhadas, tais como as relações sociais entre os pais e/ou cuidadores dos beneficiários. Dessa forma o projeto de extensão redirecionou o foco das ações para trabalhar as habilidades sociais desses pais e cuidadores. Para tanto foram elaborados oito encontros de uma hora cada em grupo de dez pais e/ou cuidadores, onde se trabalhou os componentes: comunicação, assertividade, passividade, agressividade, autoestima e fazer e receber críticas/elogios. Utilizou-se de técnicas, exercícios práticos que abordaram vários temas como estratégias na adaptação de comportamentos. Verificou-se que muitos pais tinham condutas agressivas, enquanto outros eram passivos, de forma que tais comportamentos fragilizavam suas relações sociais. Em seguida foram apresentados os comportamentos assertivos como estratégia mais hábil em expressar suas insatisfações, opiniões e direitos sem infligir os seus sentimentos ou o outro. Muitos desses comportamentos eram advindos de experiências passadas que tiveram origem em várias situações emocionais e/ou sociais conflituosas, devido à ausência de assertividade, ocasionando dificuldade em controlar reações agressivas e impulsivas. Muitos desses comportamentos foram oriundos do enfrentamento do preconceito que gera exclusão e rejeição social em virtude da deficiência dos seus filhos e/ou pais e cuidadores. Mediante experiências compartilhadas foi possível refletir acerca de como cada um se posicionava em determinadas situações e da necessidade de adequação na postura para o desenvolvimento saudável das relações sociais. Evidenciou que a comunicação aliada a assertividade foi fundamental para o enfrentamento de situações que envolvem a habilidade de manifestar expressões adaptativas de maneira que possibilite a exposição de opiniões sem agredir o outro, abstendo-se da passividade e/ou agressividade. O projeto de extensão aliando atividades de HS promoveu uma mudança na forma de pensar dos pais e /ou cuidadores, causando uma mudança diante de seus comportamentos. Sabe-se que essa transformação de postura não ocorre de forma imediata uma vez que envolve um conjunto de crenças pessoais que são formadas diante das experiências passadas, assim o treinamento e monitoramento dos comportamentos no cotidiano são fundamentais para a manutenção e o estabelecimento de relações sociais saudáveis. **Palavras-chave:** habilidades sociais, assertividade, relações sociais, pessoa com deficiência.



COM-45 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PATERNAS E PROBLEMAS EXTERNALIZANTES NA INFÂNCIA - Luna Maiana Araújo Freitas e Patrícia Alvarenga (Universidade Federal da Bahia, UFBA - BA)

Historicamente, investigações acerca dos efeitos ou influências da parentalidade no desenvolvimento infantil têm enfatizado os comportamentos e práticas maternas. Contudo, diante das mudanças recentes no papel do pai e do aumento da sua participação na criação e nos cuidados com os filhos, esse cenário tem mudado. O interesse em investigar as relações entre a paternidade e o desenvolvimento infantil tem sido crescente, embora os achados a esse respeito ainda sejam incipientes e limitados. **Objetivo:** Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo avaliar a relação entre o repertório de habilidades sociais educativas paternas e das práticas negativas do pai e os problemas externalizantes na infância. **Método:** Participaram do presente estudo, do tipo correlacional, 33 pais de crianças de ambos os sexos com idade entre seis e nove anos. Os pais foram selecionados por conveniência através das escolas públicas e privadas, onde seus filhos estavam matriculados, no município de Feira de Santana-Ba. Os dados foram coletados através de visita domiciliar, por meio de uma entrevista, gravada em áudio, com duração de aproximadamente uma hora e meia, na qual os pais responderam ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, questionário sociodemográfico, Roteiro de Entrevista das Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) e Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência 6-18 anos (CBCL). As habilidades paternas foram investigadas através das variáveis habilidades sociais educativas paternas, variáveis de contexto e práticas paternas negativas. Os problemas externalizantes das crianças foram medidos, através do relato paterno, pelas escalas de problemas de comportamento externalizantes e as síndromes comportamento de quebrar regras e comportamento agressivo e ainda as escalas baseadas no DSM-IV que avaliam problemas de oposição e desafio e problemas de conduta. **Resultados:** Os resultados revelaram correlações positivas entre as práticas negativas paternas e os problemas externalizantes das crianças. A análise de regressão confirmou o poder explicativo das práticas paternas negativas sobre os problemas externalizantes. Com relação às habilidades sociais educativas paternas e os problemas externalizantes, não foram encontradas correlações. Foram verificadas correlações positivas entre os escores de problemas externalizantes e as variáveis de contexto. Entre a idade paterna e os escores de comportamento agressivo e de problemas de comportamento externalizantes também foram encontradas correlações positivas, bem como entre o número de filhos e problemas de oposição e desafio e problemas de comportamento externalizantes. Não foram verificadas diferenças de gênero para o perfil externalizante das crianças nem para as habilidades educativas ou as práticas negativas paternas, quando comparados meninos e meninas. **Conclusões:** Discutem-se as implicações das práticas negativas para o desenvolvimento de problemas externalizantes e os contextos específicos em que as habilidades paternas ocorrem. Destaca-se também a importância de se considerar o papel mediador das características da interação mãe-filho sobre as relações entre as práticas paternas e os problemas externalizantes. (CAPES) **Palavras-chave:** problemas externalizantes, habilidades sociais educativas paternas, interação pai-criança.

COM-46 CARACTERIZAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO DOS FILHOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I - Lígia Fernandes Schiavon e Luciana Carla dos Santos Elias (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto - SP)

A literatura tem apontado a importância das Habilidades Sociais (HS) para o desenvolvimento, sendo que essas atuam como fatores de proteção às dificuldades de aprendizagem e aos problemas de comportamento. Um importante fator para o desenvolvimento das HS na infância é a atuação dos pais, cujos repertórios de habilidades sociais educativas parentais (HSE-P) mostram-se importantes na educação dos filhos. Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo principal caracterizar as HSE-P dos pais assim como as HS e desempenho acadêmico de seus filhos, que cursam o Ensino Fundamental I. Participaram até o presente momento 20 pais (pai ou mãe), 20 filhos matriculados no Ensino Fundamental I e 11 professores. Pretende-se ter como participantes o dobro do coletado até o momento. Os instrumentos utilizados foram: Teste de Desempenho Escolar (TDE), Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) e o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS), na versão para professores. Após o contato inicial com pais e professores respectivamente, para a apresentação do estudo e preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi realizada a coleta de dados. As crianças responderam ao TDE durante o horário de aula, pais responderam ao RE-HSE-P em horário previamente agendado na escola e as professoras responderam ao SSRS durante o horário de hora de trabalho pedagógico coletivo. Os resultados quantitativos foram transpostos para planilhas do programa estatístico SPSS e realizadas análises estatísticas pertinentes. Resultados preliminares apontaram no que tange as HSE-P que os pais classificaram-se como limítrofes, apresentando mais práticas positivas que negativas (sendo as negativas classificadas como não clínicas). Ainda com relação às HSE-P, as classes de habilidades mais utilizadas foram Comunicando e Negociando e Expressão de



Sentimento e Enfrentamento. Quanto às habilidades sociais dos filhos avaliadas pelos pais, foram classificadas como limítrofes e os problemas de comportamento como não clínicos. Com relação ao desempenho escolar, um quarto apresentou desempenho médio inferior ao esperado para sua idade e série e dois quartos desempenho inferior. No que tange às HS avaliadas pelo professor seja no total das HS ou em classes específicas a população do estudo mostrou desempenho inferior ao do valor de referência sendo essa diferença significativa. Finalmente no que diz respeito às correlações entre HSE-P, HS e desempenho escolar dos filhos, foram encontradas correlações positivas. Os resultados parciais vão ao encontro da literatura apontando para a importância de trabalhos para o desenvolvimento de HS junto a crianças e seus pais, tendo as HS impacto significativo sobre o desempenho escolar. (FAPESP) **Palavras-chave:** habilidades sociais; habilidades sociais educativas parentais; desempenho acadêmico.

COM-47 DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIAIS INFANTIS EM GRUPO, CONCOMITANTE AO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE SEUS PAIS: UM DESAFIO PARA TERAPEUTAS - Raissa Roberti Benevides, Angela Cândida da Costa, Roberta Seles da Costa, Camila Carvalho Faria Andrade e Edmárcia Manfredin Villa (Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina - PR)

O repertório socialmente competente é de extrema relevância para o desenvolvimento infantil. Propostas voltadas para o treinamento de habilidades sociais infantis têm demonstrado resultados promissores para o ensino e manutenção de comportamentos socialmente adequados. O objetivo do presente trabalho consiste em relatar os principais procedimentos de intervenção aplicados em um grupo de Treinamento de Habilidades Sociais Infantil, bem como discutir o papel dos pais para a efetividade deste. Tal modalidade de atendimento foi desenvolvida na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina e contou com uma terapeuta, dois co-terapeutas e duas observadoras. O grupo infantil inicialmente era formado por sete participantes que apresentavam queixas relacionadas ao déficit no desempenho social, com idade entre oito e 11 anos, sendo que este foi finalizado com quatro crianças. Ambos os grupos contaram com 17 sessões semanais, duas com intervalo quinzenal, uma com intervalo de 21 dias e uma com intervalo de um mês, totalizando 20 sessões. As sessões infantis foram programadas a fim de promover a aprendizagem de habilidades de comunicação, de civilidade, empáticas e de expressão de sentimentos. Os procedimentos de intervenção foram pautados na perspectiva analítico-comportamental, priorizando a modelagem direta de comportamentos, à medida que estes eram evocados no próprio grupo de intervenção. A similaridade com o ambiente natural, devido à interação entre as crianças por meio de vivências e recursos lúdicos, favoreceu a apresentação de dificuldades interpessoais no contexto de intervenção. Inclusive, buscou-se desenvolver repertório de observação do comportamento dos colegas ao longo do processo, de modo a poderem emitir feedbacks positivos e negativos de acordo com o desempenho observado. As crianças também participavam do procedimento aplicado para a aquisição e extinção de comportamentos, deixando de consequenciar positivamente, com atenção, quando alguma outra emitia comportamentos inadequados, por exemplo. O fato de as crianças apresentarem dificuldades e habilidades distintas colaborou para a aprendizagem de comportamentos adequados, tendo em vista que um oferecia modelo para o outro. Ao longo da intervenção observaram-se melhoras comportamentais nas crianças, comparando-se ao repertório que apresentavam no início do grupo. No entanto, notou-se que os resultados foram proporcionalmente mais significativos à medida que os pais apresentavam maior engajamento na aplicação das orientações, promovendo a modelagem dos comportamentos alvo em ambiente natural. A modalidade de atendimento em grupo se mostrou vantajosa para a evocação de comportamentos-problema, bem como permitiu o aproveitamento do “aqui-e-agora” da sessão para a aquisição de comportamentos socialmente competentes. A partir da experiência vivenciada, torna-se possível apontar que o desenvolvimento de habilidades sociais na infância é um desafio, visto que também é preciso desenvolver programas de intervenção que avaliem e/ou desenvolvam habilidades sociais educativas parentais. Nesse sentido, sugerem-se novos estudos na área que busquem procedimentos para um alinhamento rigoroso entre o grupo de crianças e de pais, haja vista que o principal objetivo de um trabalho dessa natureza é a generalização dos comportamentos aprendidos para o contexto social da criança, favorecendo relacionamentos interpessoais saudáveis e duradouros. **Palavras-chave:** habilidades sociais infantis, grupo infantil, treinamento de habilidades sociais.



SESSÃO 10 - HABILIDADES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

COM-48 HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO DE UMA SALA DE AULA - Cristiane Ferreira, Maria Aparecida Lima da Cruz, Renata das Virgens Senna, Ilana Figueiredo Brandão e Mariana Leonesy da Silva Barreto (Faculdade Santíssimo Sacramento - BA)

O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre os resultados de um treinamento de habilidades sociais em uma classe do 2º Ano do Ensino Fundamental I, de uma escola municipal na cidade de Alagoinhas, localizada no estado da Bahia. Esse se propôs investigar a importância da aplicabilidade do exercício de habilidades sociais, ainda que na infância, em busca do desenvolvimento da empatia, identificação e expressão dos sentimentos, da melhoria do relacionamento interpessoal baseado na análise, na reflexão e na promoção crescente do repertório das habilidades sociais do grupo treinado. Utilizando-se da abordagem cognitivo-comportamental com base no treinamento de habilidades sociais, pautada no modelo vivencial, regulada pelo caráter qualitativo desenvolveu-se um treinamento em habilidades sociais com 18 crianças, numa faixa etária entre sete e oito anos, num período de quatro semanas, decompostas em duas visitas semanais e em dias alternados, totalizando sete vivências, previamente elaboradas, com busca na promoção do repertório social, fundamentando-se no desempenho dessas crianças e na coleta de dados registrados. O trabalho teve como objetivo geral analisar experiências vivenciadas acerca de um treinamento em habilidades sociais. E como objetivos específicos descrever e analisar as atividades realizadas no THS e avaliar as vivências em habilidades sociais compartilhadas pelas crianças a partir do treinamento em habilidades sociais. A escola constitui um espaço essencialmente interativo e reconhecidamente relevante para o desenvolvimento interpessoal da criança, nela, a criança encontra uma maior variabilidade de modelos e demandas para aquisição de novas habilidades sociais. Concluiu-se em primeira instância que ao ingressar na escola, esse repertório social infantil entra em conflito com as relações da própria criança diante do professor, e de cada criança com os demais colegas, o que vem a dificultar, a convivência grupal. Com esse trabalho percebeu-se que o treinamento de habilidades sociais (THS) é uma ferramenta eficaz para aquisição de competências sociais que contribuem para um relacionamento saudável e produtivo em um grupo, favorecendo o desenvolvimento da criança em seu aspecto social. Outro dado colhido, é que o estabelecimento de regras justas, de um feedback de maneira sábia sem o oferecimento de exemplos contrários e ou resistentes, pode promover um exercício salutar, uma vez que o aprendizado é um processo contínuo que vai se adequando de acordo com a fase de vida e o contexto social ao qual cada indivíduo se encontra. Em suma, um programa de treinamentos de habilidades sociais ajustado em um modelo vivencial possibilita o alcance de resultados significativos na qualidade das relações interpessoais, convivência grupal e expressão de sentimentos. **Palavras-chave:** habilidades sociais, infância e vivências.

COM-49 HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM VÍTIMAS E AGRESSORES DE BULLYING - Zeimara de Almeida Santos e Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

Atitudes agressivas na escola constituem problemas que comprometem a aprendizagem e influenciam no desempenho escolar, perturbam as relações interpessoais e o desenvolvimento sócio emocional das crianças e jovens reduzindo o clima de segurança e proteção sentido por todos. A violência escolar está relacionada aos comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, cujos tipos mais comuns de violência praticada por jovens são a violência, verbal, simbólica e o bullying. O bullying na escola é uma violência que tem sido associada a diversos comprometimentos no desenvolvimento de crianças e jovens, além de problemas psicológicos, pois se caracteriza como um comportamento agressivo, cruel, intencional, de forma repetitiva e sem limites. O bullying se torna mais nocivo no contexto escolar, porque é na escola que as crianças estão em desenvolvimento e quando essa construção é problemática pode trazer prejuízos importantes na vida adulta. Pode-se dizer que comportamentos socialmente competentes são preventivos de problemas de comportamento, incluindo o bullying. O presente estudo teve como objetivos verificar a associação entre bullying e habilidades sociais em crianças do sexto ano do Ensino Fundamental; identificar as habilidades sociais em estudantes agressores e vítimas de bullying e verificar a associação entre habilidades sociais e problemas de comportamento em agressores e vítimas de bullying. Escolheu-se o sexto ano por ser um período de transição no currículo escolar, um período de mudança fisiológica, emocional e social entre a infância e a adolescência que se exige um ajustamento dos discentes. Participaram do estudo 400 estudantes que frequentam o 6º ano do Ensino Fundamental e 400 pais desses adolescentes, provenientes de escolas da cidade do Estado do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados com os estudantes que responderam a escala de Habilidades Sociais/ escala de problemas de comportamento por meio Social Skills Rating System (SSRS) e o questionário de



Bullying. Os pais destes alunos avaliaram os problemas de comportamento por meio do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais. A proposta do projeto foi enviada ao Comitê de Ética da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e aprovada com parecer número 561.486/2014. Foi também solicitado autorização das instituições de Ensino e posteriormente foi realizada abordagem aos pais ou responsáveis que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que as crianças participassem ativamente, garantindo total anonimato aos participantes da pesquisa. Foram ainda realizadas as análises estatísticas utilizando o teste t-Student para comparação dos grupos e foi feita correlação de r de Pearson para relacionar os fatores dos instrumentos. Os principais resultados mostraram que habilidades sociais se correlacionam negativamente com problemas de comportamento e que não houve diferença quanto às Habilidades Sociais nos envolvidos no bullying. Sendo assim, para amostra total, quanto mais problemas de comportamento os indivíduos apresentam, menor o escore de habilidades sociais. **Palavras-chave:** habilidades sociais, bullying, problemas de comportamento.

COM-50 PROGRAMA DE HABILIDADES DE VIDA NA ADOLESCÊNCIA: SUBSÍDIOS PRÁTICOS – Gisele de Rezende Franco e Marisa Cosenza Rodrigues (Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF - MG)

O ensino de habilidades de vida é considerado uma estratégia relevante de promoção de saúde, por incluir competências sociais, cognitivas e emocionais envolvidas no desenvolvimento integral dos adolescentes. Tal estratégia insere-se no enfoque da Psicologia Positiva uma vez que uma das suas premissas é promover o potencial humano mediante intervenções positivas. Para tanto, é imperativo o planejamento de programas nacionais que investiguem a vivência dos aspectos positivos, uma vez que oferece à juventude que participa das intervenções, recursos e habilidades de enfrentamento capazes de favorecer o crescimento e engajamento em contextos de apoio. Nessa perspectiva, visando proporcionar modelos mais adaptativos de comportamento social, regulação das emoções e adoção de posturas críticas, o presente estudo objetiva apresentar e discutir estratégias que foram utilizadas na implementação de um programa para o desenvolvimento de habilidades de vida em adolescentes. Participaram 33 adolescentes, entre 12 e 14 anos, residentes em Juiz de Fora/MG. A intervenção grupal consistiu em 12 encontros semanais, totalizando 24 horas. No encontro I ocorreu a apresentação do programa, integração do grupo com a técnica “Cosme e Damião” e o contrato. Encontro II trabalhou-se o Autoconhecimento ao investigar “Características pessoais”, estimular introspecção e auto-observação. Encontro III focalizou o Relacionamento interpessoal com a técnica “Viagem a passeio” trabalhando individualidades, preconceitos. Encontro IV trabalhou-se a Empatia com “Percepção de si e do outro” e dramatização. No Encontro V delimitou-se o Manejo dos sentimentos com “Crenças e sentimentos”, discutindo-se mudanças de crenças pessoais. Encontro VI - abarcou o Manejo do estresse por meio da “Tempestade de ideias”, reflexões sobre o que gera estresse. Encontro VII - focalizou a Comunicação eficaz com “Telefone sem fio”, “Guiando um cego”, “Dicas para boa comunicação”. Encontro VIII foi dirigido ao manejo do Pensamento crítico com “Personagens célebres”, técnica “Misto-quente” e debateu aspectos positivos/negativos das críticas. Encontro IX discutiu-se o Pensamento criativo ao trabalhar “Invenção de histórias”, “Usos diferentes”, “Histórias e problemas”. Encontro X abordou a Tomada de decisão ao refletir “Suas ações no futuro” e analisar benefícios e riscos nas decisões. Encontro XI expôs a Resolução de problemas com quebra-cabeças, as vivências “Perdidos na ilha” e “Dramatizando a cena”, ao buscar soluções para histórias. Encontro XII possibilitou a emergência de dilemas na juventude, que foram dramatizados e discutidos em grupo. Aferiram-se os efeitos das habilidades sociais e do bem-estar dos jovens, bem como a aceitabilidade e confiança dos participantes quanto à intervenção. No seguimento, avaliou-se a relevância do programa na vida cotidiana após seis meses do término da intervenção. Discutiu-se a adequação desta modalidade de intervenção, temas, conteúdos abordados, tendo em vista que o detalhamento das técnicas de trabalho em grupo permitiu sua replicação por outros profissionais. Obtiveram-se resultados benéficos sobre a habilidade social de Civilidade e o Afeto positivo, melhora na adesão ao programa, exposição de sentimentos e relato de problemas pessoais. Constatou-se, no seguimento, que os adolescentes adquiriram atitudes mais positivas nas interações sociais por meio do relato dos participantes indicando uma prática posterior das habilidades de vida. (Bolsa de Monitoria/UFJF) **Palavras chave:** habilidades de vida, procedimentos de promoção de habilidades sociais, questões práticas sobre habilidades sociais.

COM-51 HABILIDADES SOCIAIS, APOIO SOCIAL E ESTRESSE NA TRANSIÇÃO AO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – Neidiany Vieira Jovarini e Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

A transição ao II Ciclo do Ensino Fundamental (E.F.) envolve importantes mudanças nas relações interpessoais e nas demandas escolares que podem influenciar o desempenho escolar dos estudantes. Assim, o 6º ano do E.F. configura-se



como um momento importante que pode levar a uma trajetória escolar de sucesso ou aumentar a chance de, por exemplo, o aluno apresentar problemas de aprendizagem e/ou comportamento. Desse modo, o presente estudo tem como objetivos: (a) comparar as habilidades sociais, o apoio social (família, amigos, pares e outros) e a percepção de estressores escolares dos alunos do 6º ano do E.F. com baixo, médio e alto desempenho escolar; (b) comparar as habilidades sociais educativas dos pais dos alunos com baixo, médio e alto desempenho escolar. Participaram da pesquisa 200 alunos (idade entre 10 e 12 anos, $M = 11,5$ anos, $DP = 1,22$), de ambos os sexos que frequentavam o 6º ano do E.F., e seus respectivos pais ou responsáveis. Os estudantes foram recrutados de três escolas estaduais públicas situadas em Humaitá - AM. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano da Universidade Salgado de Oliveira, de acordo com o Parecer no 883.882, CAAE: 37974914.5.0000.5289. A participação dos estudantes foi voluntária e referendada pela entrega do Termo de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido, assinada previamente pelos seus responsáveis legais e pelos alunos. Os estudantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette), ao Inventário de Estressores Escolares (IEE) e a Escala de Percepção de Apoio Social (EPAS). Os pais ou responsáveis pelos alunos responderam ao Inventário de Habilidades Sociais Educativas (IHSE-Del-Prette). Foram realizadas análises inferenciais e paramétricas (análise de invariância - One-way Anova). Os resultados indicaram que os alunos com baixo desempenho escolar apresentaram menos habilidades sociais de assertividade, desenvoltura social e autocontrole que os alunos com médio e alto desempenho escolar. Os estudantes com baixo desempenho escolar perceberam mais estressores escolares e menos apoio social da família e dos professores que os alunos com alto desempenho escolar. Verificou-se que os pais dos alunos com baixo desempenho escolar apresentaram menos habilidades sociais educativas que os alunos com médio e alto desempenho escolar. Discute-se a importância de considerar a avaliação de variáveis pessoais e contextuais dos alunos durante a transição ao 6º ano do E.F. Com essa pesquisa espera-se compreender como os recursos do indivíduo e do seu contexto podem influenciar o desempenho escolar dos estudantes durante a transição para o 6º ano do E. F. Essas informações poderão ser utilizadas em programas de intervenção com os alunos, seus pais e professores. (FAPEAM) **Palavras-chave:** habilidades sociais, estresse, apoio social.

COM-52 RELATO DE EXPERIÊNCIA COM TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM GRUPO COM IDOSAS: singularidades do contexto de intervenção - Raissa Roberti Benevides, Roberta Sales da Costa, Camila Carvalho Faria Andrade, Deivid Regis dos Santos e Edmarcia Mandrefin Vila (Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina - PR)

A velhice consiste em uma etapa do desenvolvimento humano marcada por mudanças em diversos aspectos da vida. Dessa maneira, o repertório socialmente competente se faz essencial para que o idoso possa lidar com essa nova fase de maneira adequada, promovendo bem-estar para si e para as pessoas de seu convívio. O presente trabalho objetiva evidenciar as singularidades encontradas no manejo de um grupo de Treinamento de Habilidades Sociais voltado para esta faixa etária. O programa foi formado por 26 sessões, sendo 20 semanais e seis espaçadas e participaram seis idosas que aguardavam vinculadas à Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, com queixas clínicas relacionadas a dificuldades interpessoais. O grupo era supervisionado na abordagem analítico-comportamental e contava com três terapeutas e quatro observadoras. Dentre as habilidades que se buscou desenvolver, destacam-se as habilidades sociais de comunicação, empáticas, de expressão de sentimentos e de cidadania. Para tal, ao longo das sessões reservava-se um momento inicial destinado a assuntos propostos pelas participantes. Em seguida, aplicava-se a atividade principal referente à habilidade social alvo da sessão. Por fim, procurava-se fazer um momento para avaliação da sessão, proposição de tarefa semanal e um espaço para lanche. Notou-se que, embora o momento inicial fosse curto, ainda assim era produtivo, na medida em que as idosas compartilhavam assuntos do cotidiano, sobre os quais muitas vezes não tinham oportunidade de discutir em outro contexto. Acerca das atividades centrais da sessão relativas à modelagem de diferentes classes de habilidades sociais, observou-se que quando as vivências eram muito abstratas ou longas, perdiam sua efetividade, tendo em vista que as participantes apresentavam maior dificuldade para compreender o objetivo das mesmas. Foi necessário que a programação de cada sessão fosse flexibilizada, contando apenas com uma vivência, pois nos momentos em que se propôs um número maior de atividades, essas não foram trabalhadas adequadamente, principalmente devido à falta de tempo. Pelo mesmo motivo, em algumas sessões não foi possível desenvolver a atividade de encerramento. O momento do lanche, por sua vez, permitiu uma maior proximidade entre as participantes e também destas com os terapeutas e observadoras, constituindo-se em um espaço de interações social, no qual podiam aplicar as habilidades desenvolvidas durante o THS. A partir da consideração das singularidades das demandas das participantes em questão, sugere-se para próximas intervenções dessa natureza que o número de sessões seja maior e que o intervalo das mesmas, quando espaçadas, seja menor, de modo a possibilitar um treinamento mais efetivo das classes de habilidades sociais desejadas, proporcionando mais tempo para a aquisição, generalização e manutenção de repertório social adequado para o ambiente natural. Ademais, vale ressaltar



que houve pouca adesão das participantes às tarefas de casa, o que demandou a elaboração de outras estratégias que contribuíssem para a generalização dos comportamentos trabalhados em sessão. Embora o grupo realizado tenha tido limitações, observaram-se algumas aquisições de classes de habilidades sociais, na medida em que a intervenção possibilitou o desenvolvimento e manutenção de relacionamentos interpessoais promissores para as participantes, tanto no ambiente de intervenção, quanto fora dele. **Palavras-chave:** Treinamento de Habilidades Sociais; Idosos; Análise do Comportamento.

SESSÃO 11 - HABILIDADES SOCIAIS, SUPERDOTAÇÃO E CRIATIVIDADE

COM-53 JOVENS TALENTOS E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: UM PROJETO DE AÇÃO CONTÍNUA -

Jane Farias Chagas-Ferreira, Rayanne Rodrigues de Lima, Andressa Cristinne Santos das Mercês Teixeira, Vitória Maria Mendes do Carmo Santos, Isidro Valls de Salles e Matheus Medeiros de Oliveira (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

A literatura assinala uma demanda atual importante de ações e programas que visem atender características peculiares do desenvolvimento socioemocional de indivíduos talentosos. Entre essas especificidades destacam-se atributos como perfeccionismo, complexidade de raciocínio, precocidade, autodidatismo, tendência ao isolamento social e intensidade e oscilação emocional. O desenvolvimento de habilidades sociais é apontado como um fator protetivo da saúde psicoemocional por auxiliar no enfrentamento e redução da ansiedade, na resolução de problemas interpessoais e na promoção de melhorias na competência social global. Este trabalho tem como objetivo apresentar as ações, as experiências e os resultados vinculados ao Projeto de Ação Contínua: Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais para Jovens Talentosos. O Programa foi estruturado em 13 encontros a partir da seleção de um conjunto de habilidades sociais relacionadas à comunicação, expressividade emocional, assertividade, empatia, solução de conflitos interpessoais, amizade e competência acadêmica. Durante 2013 e 2014, participaram do projeto 4 mediadores, 5 monitores, 78 estudantes de graduação e 42 alunos superdotados. Foram utilizados como instrumentos avaliativos (questionários, relatórios e Inventário de Habilidades Sociais – IHS-Del-Prette) e instrucionais (manual do participante e do mediador/monitor). Os resultados indicaram melhoria nos repertórios comunicativos e relacionais, no autoconhecimento, na tomada de decisão e enfrentamento de conflitos interpessoais. Mediadores e monitores relataram ainda a ampliação de habilidades e competências acadêmicas e profissionais. **Palavras-chave:** desenvolvimento socioemocional, habilidades sociais, superdotação, talento.

COM-54 AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS COM CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO. Ana Paula de Oliveira, Vera Lucia Messias Fialho Capellini e Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru - SP)

Embora estudos apontem para correlações entre comportamento habilidoso e desempenho acadêmico, pouco se conhece a respeito das habilidades sociais de crianças superdotadas. Estas pessoas são definidas como aquelas que possuem capacidade intelectual significativamente acima da média. Estudos apontam que crianças e jovens superdotados teriam maior probabilidade para apresentar problemas sociais e emocionais, porém são poucos os estudos que relacionam esses dois temas, sendo que alguns apontam a necessidade de treino de habilidades sociais para que possam lidar com situações que favoreçam suas interações. Este estudo teve como objetivo descrever as habilidades sociais de alunos com superdotação e avaliar a efetividade de um programa de intervenção comparando as habilidades sociais antes e depois da aplicação do mesmo, sob o ponto de vista do próprio aluno. Participaram deste estudo nove alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Os participantes responderam o instrumento Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais – SSRS, versão para crianças que é composto por seis fatores: responsabilidade, empatia, assertividade, autocontrole, civilidade e expressão de sentimento positivo. Os alunos foram divididos em dois grupos: Grupo 1 - alunos do 3º, 4º e 5º ano e, Grupo 2 - alunos do 1º e 3º ano. A intervenção aconteceu em oito encontros semanais no contraturno escolar, com duração média de 90 minutos cada com os seguintes temas: socialização, comunicação, expressão de sentimentos, autoadvocacia, assertividade e colaboração. As atividades de cada encontro foram adaptadas do livro Habilidades Sociais e Desempenho Acadêmico: relatos, práticas e desafios atuais. Utilizando-se delineamento de Linha de Base Múltipla, o estudo foi realizado em cinco etapas: 1) Primeira aplicação do instrumento (Linha de Base 1); 2) Intervenção com o Grupo 1; 3) Segunda aplicação do instrumento (Linha de Base 2); 4) Intervenção com o Grupo 2 e; 5) Terceira



aplicação do instrumento (Linha de Base 3). A análise dos dados foi realizada comparando-se os resultados dos instrumentos aplicados para cada grupo, avaliando a pertinência da mesma. Os resultados do Grupo 1 mostram que, em seguida da intervenção (LB2), a frequência das habilidades sociais aumentou nos fatores “empatia”, “assertividade” e “civildade”, diminuíram nos fatores “autocontrole” e “expressão de sentimentos positivo” e permaneceu igual no fator “responsabilidade”. Após dois meses da intervenção (LB3), todos os fatores continuaram alto ou aumentaram, com exceção da “civildade” que diminuiu comparando o dado pós intervenção (LB2), mas ficou mais alto do que na primeira aplicação (LB1). Já no Grupo 2, os dados variaram entre a aplicação da LB1 e LB2. Após a intervenção, comparando a LB2 e a LB3, observou-se aumento na frequência das habilidades sociais nos fatores “assertividade”, “autocontrole”, “civildade” e “expressão de sentimento positivo”. Comparações intergrupos apontaram para resultados melhores para as crianças do Grupo 2. Uma hipótese para esta diferença pode estar relacionada a idade das crianças, sugerindo que o procedimento foi mais eficaz para as crianças maiores, do 3º, 4º e 5º ano. (FAPESP) **Palavras-chave:** habilidades sociais, altas habilidades ou superdotação, crianças.

COM-55 EFEITO DA EDUCAÇÃO MUSICAL NA PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS E ESCOLARES EM CRIANÇAS -

Paula do Nascimento Martins e Dagma Venturini Marques Abramides (Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, USP - SP)

A inclusão socioeducativa e cultural de crianças e adolescentes é um tema atual tendo em vista as diretrizes da OMS que preconizam o desenvolvimento das habilidades de vida como fator de proteção nestas etapas do ciclo vital. Neste contexto, a música como arte e ciência, tem importante papel nesta prática inclusiva, uma vez que é eficaz para promoção das habilidades sociais e a prevenção de problemas de desenvolvimento, incluindo as áreas social, psicomotora, cognitiva, linguagem e aprendizagem, o que pode justificar a sua aplicabilidade nos vários contextos vivenciados pelas crianças. Este estudo teve como objetivo geral investigar o efeito da educação musical sobre o repertório de habilidades sociais e escolares em crianças expostas e não expostas à educação musical e objetivos específicos: comparar o repertório de habilidades sociais e escolares de cada grupo do experimento, antes e após a educação musical e comparar o repertório de habilidades sociais e escolares de crianças expostas e não expostas à educação musical. Foram avaliadas 80 crianças, escolares entre oito a doze anos, ambos os sexos, divididos em dois grupos: 40 alunos com educação musical (experimental) e 40 alunos sem educação musical (controle). Para coleta dos dados foi aplicado o questionário Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais em pais (SSRS-M) e em professores (SSRS-P). Os resultados foram submetidos à análise estatística (Teste t pareado e teste ANOVA de variância de medidas repetidas), considerando-se nível de significância de 5%. No SSRS-BR foram observados resultados estatisticamente significantes na comparação entre os resultados do 1º e 2º teste do grupo experimental, nos seguintes aspectos: SSRS-M nos fatores, responsabilidade ($p=0,047$), autocontrole ($p=0,015$) e afetividade/cooperação ($p=0,013$); SSRS-P responsabilidade ($p=0,000$), autocontrole ($p=0,000$), cooperação/afetividade ($p=0,019$), hiperatividade ($p=0,035$), internalizantes ($p=0,000$) e competência acadêmica ($p=0,000$). Não foram observados resultados estatisticamente significantes na comparação entre os resultados pré e pós-avaliação do grupo controle. No SSRS-BR foram observados resultados estatisticamente significantes na comparação entre grupos nos seguintes aspectos: SSRS-M responsabilidade ($p=0,033/0,023$), autocontrole ($p=0,002$), afetividade/cooperação ($p=0,038$), desenvoltura social ($p=0,003$), civildade ($p=0,005$), internalizantes ($p=0,002/0,016$); SSRS-P responsabilidade ($p=0,000$), autocontrole ($p=0,00/0,14$), cooperação/afetividade ($p=0,018$), externalizantes ($p=0,017$), internalizantes ($p=0,003$) e competência acadêmica ($p=0,004$). Concluímos que crianças expostas à educação musical apresentaram melhora significativa em seu repertório de habilidades sociais, quando comparadas a crianças que não foram expostas a educação musical. Será apresentada a estrutura da intervenção para a identificação dos elementos componentes incluindo a organização do ambiente físico e interativo, tipos e qualidade dos estímulos e as contingências estabelecidas (situações ambientais consequentes aos comportamentos). **Palavras-chave:** educação musical, habilidades sociais, desenvolvimento.

COM-56 DIÁLOGO ENTRE MUSICOTERAPIA E ANÁLISE APLICADA DO COMPORTAMENTO E OS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA INTERVENÇÃO NO TREINO DAS HABILIDADES SOCIAIS - Gláucia Tomaz Marques Pereira (APAE, Anápolis - GO) e Lucas Alves Landin (APAE, Anápolis e Faculdade Anhanguera Anápolis, FAA - GO)

Efetou-se uma revisão de literatura sobre as relações entre musicoterapia, análise aplicada do comportamento e habilidades sociais e as possibilidades para intervenção musicoterápica, com a contribuição da análise aplicada do comportamento, para treino de habilidades sociais. As habilidades sociais são classes de comportamentos sociais em que o indivíduo interage com o meio social e estão relacionadas com a capacidade de comunicação e interação



adequada, sendo que estas, quando estão inadequadas interferem na relação do indivíduo com o mundo e no seu bem-estar. A Análise Aplicada do Comportamento baseia-se na filosofia do Behaviorismo Radical, que embasa a Análise do Comportamento, no qual o indivíduo interage com o ambiente, se comportando de forma pública ou privada. As intervenções comportamentais são feitas conforme as relações contingenciais presentes na vida do indivíduo, no qual seus comportamentos são modelados de acordo com as consequências existentes nessas contingências. O treino das habilidades sociais consiste em desenvolver o repertório comportamental do indivíduo a fim de que consiga manter as relações com seu ambiente social de maneira adequada, reduzindo a probabilidade de prejuízos para o mesmo e para os outros. A Musicoterapia é uma prática terapêutica que utiliza a música e/ou os elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) em um processo estruturado, que busca facilitar e promover a comunicação, o relacionamento intrapessoal, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização. Essa estrutura facilita interação do cliente com a música, em um espaço de acolhimento que promove a “abertura do canal” de comunicação verbal e não verbal. O cliente, no “fazer musical”, pode alcançar melhor integração intrapessoal e interpessoal, e conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida. A Musicoterapia pode promover habilidades sociais mediante a relação música-cliente-terapeuta, terapeuta-música-cliente, a partir das experiências musicoterápicas – recriação, improvisação, audição e composição musical. Na recriação musical o indivíduo pode reproduzir qualquer exemplo musical apresentado, isto é, inclui em reproduzir, executar, transformar, interpretar uma parte ou todo modelo musical apresentado pelo terapeuta, sendo que o estímulo discriminativo apresentado pelo terapeuta tem correspondência com a resposta emitida pelo indivíduo. Na improvisação o indivíduo faz música tocando ou cantando, criando melodias, ritmos canções ou peças musicais de improviso, ou seja, o comportamento emitido é original, contendo propriedades dos estímulos discriminativos presentes ou não. A audição é uma experiência receptiva em que o indivíduo escuta uma música e responde a experiência verbalmente ou de outra forma, não precisando haver correspondência entre o estímulo e a resposta. Na composição musical o indivíduo cria conteúdo musical, sendo a resposta verbal sob o controle de estímulos presentes ou não. As atividades musicais são integradoras e facilitam o desenvolvimento das habilidades sociais porque, a partir delas o indivíduo pode emitir classes de comportamentos sociais, seja no ato de cantar junto, tocar junto em grupo ou individualmente, aprendendo a interagir com o outro, lidar com as regras estabelecidas, esperar a vez, dentre outros comportamentos. Acredita-se que é necessário desenvolver mais estudos sobre Análise Aplicada do Comportamento e Musicoterapia, contudo é possível fazer a relação entre as duas na prática terapêutica.

Palavras-chave: musicoterapia, análise aplicada do comportamento, habilidades sociais.

SESSÃO 12 - HABILIDADES SOCIAIS E (AB)USO DE SUBSTÂNCIAS 2

COM-58 A EXPERIÊNCIA DE IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS ENTRE ADOLESCENTES, UTILIZANDO-SE DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: O PROGRAMA #TAMOJUNTO - Samia Abreu Oliveira, Michaela Batalha Juhásová, Karen Costa Oliva, Adriana Assmann Simonsen, Débora Estela Massarente Pereira, Jane Moraes Lopes, Rebeca Chabar Kapitansky, Raquel Turci Pedroso e Roberto Tykanori Kinoshita (Ministério da Saúde, Brasília - DF)

O programa Unplugged/#Tamojunto é organizado em 12 aulas, conduzidas por professores das turmas da 7ª série/8º ano do ensino fundamental. Nas aulas, há uma série de jogos, brincadeiras e debates que visam à prevenção e a redução do consumo regular ou abusivo de álcool e outras drogas. Sua linha teórica baseia-se no modelo de influência social ampla - Comprehensive Social Influence Model, que se define pelo seguinte tripé: (1) promoção de habilidades de vida, (2) informações sobre drogas e (3) pensamento crítico frente às crenças normativas dos educandos que participam das aulas. O professor é um facilitador das atividades interativas, que acontecem com os educandos em círculo e, em muitos momentos, em pequenos grupos. Além das atividades com os educandos, são realizadas três Oficinas de Pais e Responsáveis. As oficinas são planejadas e executadas por profissionais das Unidades Básicas de Saúde e demais equipamentos de saúde em parceria com os profissionais das escolas que estão participando do programa. O objetivo do programa é potencializar o desenvolvimento de habilidades de vida para que os adolescentes e seus familiares possam enfrentar de maneira mais assertiva situações de risco, dentre elas aquelas relacionadas ao consumo de drogas. Em 2013, o programa passou pela adaptação cultural de seus componentes centrais e estratégias de implantação. Em 2014, 13.088 educandos participaram do programa em 11 cidades as cinco regiões do Brasil. Os resultados da implantação indicaram significativa ampliação na promoção de habilidades de vida, como manejo das emoções, assertividade, resolução de problemas e tomada de decisão. Algo inovador dentre os componentes do programa é associação do pensamento crítico às crenças normativas em relação ao consumo de drogas. Dados da avaliação de eficácia do programa junto à educandos, gestores de educação e de saúde, bem como professores e



diretores, apontaram: (1) promoção da intersetorialidade entre saúde e educação; (2) estabelecimento ou fortalecimento de uma rede de proteção entre os educandos e na relação com os professores e profissionais de saúde; (3) melhoras no comportamento dos educandos em sala de aula; (4) participação dos professores de forma mais entusiasmada, com dedicação além do esperado para o desenvolvimento das atividades e (5) maior receptividade dos educandos ao convívio com professores para além do projeto. A partir do processo de implantação descrito percebe-se que é preciso investir na promoção de habilidades de vida, de hábitos saudáveis, de pensamento crítico e de afirmação da cidadania para fazer prevenção de modo eficaz e ético. (MINISTÉRIO DA SAÚDE) **Palavras-chave:** prevenção, habilidades de vida, uso de drogas.

COM-59 RISCO E PROTEÇÃO DE ESTUDANTES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - Ana El Achkar (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ), **Vanessa Barbosa Romera Leme e Adriana Benevides Soares** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ e Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

A escola, a família e a comunidade são os contextos mais importantes para o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo dos alunos durante os anos finais do Ensino Fundamental e na transição ao Ensino Médio. Dependendo da qualidade das relações interpessoais, das habilidades sociais e do apoio social percebido pelos alunos naqueles ambientes, processos de resiliência podem ser desenvolvidos e vulnerabilidades superadas pelos estudantes, levando a promoção da saúde mental e bom desempenho escolar. Contudo, são poucas as pesquisas que procuram investigar recursos pessoais e dos contextos dos alunos nesse momento da trajetória escolar. A partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e da Psicologia Positiva, o presente estudo teve como objetivos: (a) comparar os mecanismos de risco reprovação escolar, exposição à violência na família e fora de casa de estudantes alunos do 7º, 8º e 9º ano do II Ciclo Ensino Fundamental (E.F.); (b) comparar os mecanismos de proteção habilidades sociais, autoeficácia, autoestima e percepção de apoio social (família, professores, pares e comunidade). Participaram do estudo 400 estudantes (idade entre 13 e 17 anos, $M = 13,6$ anos, $DP = 1,22$), de ambos os sexos (220 meninas e 180 meninos), que frequentavam o 7º, 8º e o 9º ano do II Ciclo do E. F., provenientes de quatro escolas, sendo duas públicas e duas particulares, situadas em cidades do Estado do Rio de Janeiro. Os alunos foram divididos em três grupos: baixo desempenho escolar ($n = 87$); médio desempenho escolar ($n = 211$); alto desempenho escolar ($n = 102$). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Salgado de Oliveira, de acordo com o Parecer no 921.458, CAAE: 39701814.5.0000.5289. Mediante a entrega do Termo de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis legais e pelos alunos, foram aplicados os seguintes instrumentos: (a) Questionário com informações demográficas e nível socioeconômico; (b) Escala de Percepção de Apoio Social (EPAS); (c) Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette); (d) Escala de Autoeficácia Generalizada (EAG); (e) Escala de Autoestima de Rosenberg (EAT); (f) Questionário da Juventude Brasileira (QJBra – versão Fase II). Foram realizadas análises inferenciais e paramétricas (análise de invariância - Oneway Anova). Os resultados das análises de comparação indicaram que os alunos com baixo desempenho escolar apresentaram mais mecanismos de risco e menos mecanismos de proteção quando comparados aos alunos com alto desempenho escolar. Não foram encontradas diferenças nas habilidades sociais de assertividade, abordagem afetiva e desenvoltura social entre os grupos. Discute-se as influências de variáveis pessoais e do contexto dos alunos para o desempenho escolar ao longo dos últimos três anos do II Ciclo do E. F. As habilidades sociais sem diferença estatística entre os grupos podem ser consideradas como fatores de proteção para os alunos com baixo desempenho escolar. As informações coletadas poderão ser utilizadas em futuras intervenções com professores e alunos para melhorar o desempenho acadêmico e prevenir a evasão escolar na transição ao Ensino Médio. **Palavras-chave:** fatores de risco e proteção, desempenho escolar.

COM-61 IMPORTÂNCIA DE PROGRAMAS DE HABILIDADES DE VIDA FOCADO EM FAMÍLIAS PARA A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS – Andréa Leite Ribeiro Valério e Roberta Peixoto Ataides (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Tradicionalmente, as intervenções para a prevenção do uso de álcool e outras drogas por jovens e adolescentes estiveram centradas na distribuição de material informativo, focado na pedagogia do terror e com a apresentação de depoimentos de ex-usuários sobre sua trajetória com o uso de drogas. Essas estratégias causam pouco ou nenhum efeito que promovam mudança de comportamento dos jovens. Nessa perspectiva, intervenções pontuais também não têm mostrado resultado positivo. Os avanços nas pesquisas relacionadas à prevenção do uso de álcool e outras drogas no Brasil e no mundo, nos últimos vinte anos, vêm demonstrando que programas de prevenção que focam na formação



do agente fundamental para a socialização dos indivíduos, como a família, atores da comunidade e os professores, e em cada fase da vida, produzem resultados positivos no campo da prevenção do uso de drogas. Além da priorização do agente de socialização, programas estruturados, voltados para o fortalecimento de habilidades sociais e pessoais para a vida, transmitidos de forma interativa e participativa, têm apresentado mais chances de alcançar o objetivo de prevenir o uso de drogas. Dessa forma, o trabalho tem por objetivo apresentar uma discussão sobre prevenção do uso de drogas no Brasil e em âmbito internacional, discorrendo sobre a importância da adoção de estratégias, tais como a metodologia Strengthening Families Programme (SFP) e a Families and Schools Together (FAST), que estão em processo de adaptação transcultural e de implantação no Brasil. Tais programas favorecem o desenvolvimento de habilidades de vida enquanto forma de minorar o stress e as relações conflituosas entre familiares, agindo como fator de proteção para o uso e abuso de drogas. A metodologia utilizada foi a análise de estudos e pesquisas nacionais e internacionais sobre programas de prevenção e de documentos publicados pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) que tratam da temática da prevenção do uso de drogas e estratégias de prevenção, que tem como foco a formação da família como agente de socialização do indivíduo e adotam atividades interativas e estruturadas como método de formação. De forma complementar, foram estudados os resultados da implementação dessas estratégias em diversos países. Como principal resultado, foi possível aferir que as estratégias analisadas interferem positivamente na dinâmica das relações intrafamiliares e na relação das famílias com a comunidade em que elas estão inseridas, fortalecendo as habilidades sociais e para a vida tanto dos pais ou responsáveis, participantes das atividades, quanto das crianças. Tais interferências fortalecem o vínculo entre os membros da família e dessas com a comunidade. As evidências apontam que, fortalecer famílias, comunidade escolar e comunidades de convivência para lidarem melhor com situações conflituosas na vida, são importantes fatores de proteção para que crianças e jovens (não exclusivamente) possam evitar ou retardar o consumo de drogas. O trabalho também chama a atenção para questões éticas relacionadas à implementação de atividades de prevenção do uso de drogas desenvolvidos de forma pontual, sem processo de monitoramento e avaliação dos resultados e dos impactos da intervenção no público alvo. A preocupação nesse sentido se dá na perspectiva de que tais atividades não provoquem efeitos iatrogênicos e sim fortaleçam os fatores de proteção para o uso problemático de drogas. **Palavras-chave:** habilidades sociais, relações sociais, prevenção do uso de drogas.

COM-62 O CICLO DE PESQUISA EM PREVENÇÃO SOBRE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO AO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NO BRASIL - Ana Aparecida Vilela Miranda, Sheila Giardini Murta e Juliana Siva de Deus (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Programas preventivos e de promoção em saúde mental têm como meta prevenir desfechos negativos em saúde e/ou promover habilidades de seus participantes. Programas em Prevenção ao abuso de álcool e outras drogas não fogem a esse modelo. Porém, resta a dúvida: como a pesquisa na área está no Brasil? Sendo um problema atual, e de grande relevância nos últimos tempos, faz-se necessário uma busca sobre como a pesquisa no Brasil tem tratado do tema. A compreensão do ciclo da pesquisa em prevenção pode subsidiar algumas respostas aos pesquisadores da área. Esse ciclo pode ser subdividido nas seguintes fases: caracterização do problema e sua prevalência, fatores de risco e proteção, implementação de estudos piloto, teste avançado ou estudo experimental, avaliação de efetividade, e difusão. Dessa forma o objetivo do presente trabalho é apresentar uma revisão integrativa da literatura a cerca do ciclo da pesquisa em prevenção sobre o tema drogas. Além de buscar identificar as habilidades sociais que integram os programas identificados. Para isso foi realizada uma busca na literatura nacional aos principais indexadores de artigos, Scielo, BVS e no banco de teses e dissertações nacionais, IBICT. Dos artigos encontrados 36 se referiam à caracterização do problema e/ou a fatores de risco e proteção. 12 artigos eram relativos a propostas de intervenção, incluindo oficinas, palestras e jogos educativos. Os principais resultados apontaram os seguintes fatores de risco e proteção: problemas familiares, baixa assertividade, problemas com a imagem corporal e/ou senso de identidade, baixa percepção sobre perspectiva de vida, influência de pares. Já os fatores de proteção incluíam: práticas educativas parentais saudáveis, rede de apoio social, e habilidades sociais. No tocante a pesquisas sobre desenvolvimento de programas foram encontrados artigos e teses sobre desenvolvimento e validação de instrumentos. O desenvolvimento de programas consistia em práticas voltadas em sua maioria a contextos escolares. Diversos artigos, teses e dissertações trouxeram a necessidade de interface com as políticas públicas, ou o envolvimento e engajamento de instituições internacionais sobre o tema. A pesquisa em prevenção ainda tem muito em que avançar, sendo urgente o desenvolvimento (e discussão) de práticas baseadas em evidências que possam ser disseminadas para todo o Brasil. **Palavras-chave:** ciclo da pesquisa em prevenção; prevenção ao uso de álcool e outras drogas, prevenção primária.



COM-76 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO PROGRAMA DE PREVENÇÃO ESCOLAR AO USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS - #TAMOJUNTO Karina de Souza Martins e Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina)

No campo investigativo da prevenção ao consumo de substâncias psicoativas, programas de prevenção baseados em evidência são reconhecidos como a estratégia mais viável e apropriada para lidar com os problemas relacionados ao consumo de drogas em adolescentes. Criado e testado pelo European Drug Addiction Prevention Trial (EU-Dap), o Programa de Prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas em escolas – Unplugged é desenvolvido dentro das exigências das evidências, tendo sido implementado no Brasil em 2013, como um projeto piloto, que ganhou contornos de um ensaio controlado randomizado em 2014, passando a ser intitulado de #Tamojunto em seu desenvolvimento brasileiro. Este é um programa preventivo curricular multicomponentes, voltado para adolescentes entre 12 e 14 anos, que deve ser implementado pelos professores, em classes regulares, planejado em 12 encontros, a ser realizado durante um semestre letivo. O Programa ainda prevê atividades direcionadas aos pais, com o objetivo de complementar o conteúdo desenvolvido na escola por meio de três encontros presenciais de integração. Este trabalho se propõe a apresentar aspectos teórico-metodológicos do referido programa. Baseado na Abordagem de Influência Social Compreensiva, caracterizado por intervenções dinâmicas, inclui componentes de habilidades pessoais e sociais, crenças normativas e conhecimento acerca das substâncias psicoativas. Além disso, têm como base diversas teorias: Teoria da Aprendizagem Social, Teoria das Normas Sociais, Teoria das Crenças em Saúde, Teoria da Ação Racional e Teoria de Comportamento-Problema, que são integradas em um modelo complexo. A Teoria de Comportamento-Problema fundamenta 47% do conteúdo do Programa de Prevenção #Tamojunto, sendo que as demais teorias fundamentam por volta de 12-15% do conteúdo. As atividades curriculares das doze unidades são programadas e têm duração de, em média, uma hora. Cada unidade inclui distintas atividades, baseadas em teorias específicas, de modo que mais de uma teoria integra uma mesma unidade. Os resultados esperados envolvem: a) aumento da capacidade de resistência às influências sociais que são fatores de risco ao uso de drogas; b) desenvolvimento ou reforço de aspectos relativos às competências de habilidades sociais e pessoais; c) diminuição das crenças normativas acerca da frequência e aceitação do uso de substâncias psicoativas, bem como, acerca dos interesses que envolvem a comercialização; e d) redução de expectativas, atitudes positivas e intenção ao uso de drogas. Coadunando, o conhecimento acerca das drogas, percepção de risco, pensamento criativo e crítico, assertividade, capacidade de gerir as emoções e lidar com o estresse, empatia e resolução de problemas caracterizam os demais mediadores alvo do Programa. (UNODC e Ministério da Saúde) **Palavras-chave:** Questões conceituais; Questões de pesquisa sobre HS; Recursos, instrumentos e procedimentos de avaliação de habilidades sociais.

SESSÃO 13 - HABILIDADES SOCIAIS NA CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES

COM-63 ESTUDO COMPARATIVO DE HABILIDADES SOCIAIS, ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO ACADÊMICO EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II PARTICIPANTES E NÃO PARTICIPANTES DO PIBID - Fabiana Maris Versuti-Stoque e Giovanna Antunes Botazzo Delbem (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto - SP)

Este estudo almejou comparar habilidades sociais, estratégias de aprendizagem e desempenho acadêmico em alunos de sexto ano participantes e alunos de sexto ano não participantes de um subprojeto interdisciplinar das áreas de Ciências e Biologia do (Pibid) concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O Pibid é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas aos licenciandos e professores supervisores participantes de projetos desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. De modo geral, as intervenções realizadas pelo Pibid, foram baseadas no planejamento e desenvolvimento das chamadas SEI's (Sequências de Ensino Investigativo), concebida como sequências de aulas direcionadas e planejadas a partir de uma temática científica, capaz de criar condições para que os alunos expressem seus conhecimentos prévios, estimulando-os a emitirem ideias próprias sobre novos conceitos, efetivando relações em sala de aula em que os alunos de fato entendam conhecimentos estruturados por gerações anteriores. De modo sucinto, a SEI deve introduzir um problema como um agente motivador, que promova aos alunos os conhecimentos científicos desejados, oferecendo condições para que trabalhem com variáveis relevantes do fenômeno científico, criando condições para que os alunos possam desenvolver habilidades relacionadas com o fazer científico, tais como, formular hipóteses sobre dados científicos, discutir, seguir procedimentos, caracterizar, questionar, comparar, descrever, comparar explicar, e



argumentar, colocando-os em uma postura ativa na construção do conhecimento científico. Conjuntamente à aprendizagem dos conteúdos curriculares, as interações sociais no contexto escolar são de suma importância, pois o rendimento acadêmico apresenta fortes correlações com as habilidades sociais, sendo positivamente influenciado na presença destas, ou negativamente marcado pela ausência dos comportamentos habilidosos. Por sua vez, as estratégias de aprendizagem são sequências de procedimentos que facilitam a aquisição, o armazenamento e a utilização do conhecimento pelos alunos. Nesse contexto, é pertinente avaliar relações entre habilidades sociais, estratégias de aprendizagem e desempenho acadêmico em alunos de sétimo ano participantes do Pibid e as mesmas variáveis serão coletadas com alunos de sexto ano não participantes do Programa. A coleta de dados será feita por meio dos seguintes instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette, de Del Prette & Del Prette, 2009), formulário de autorrelato para adolescentes; Escala de Estratégias de Aprendizagem (Boruchovitch & Costa, 2006) e análise das médias das notas presentes no boletim do aluno e em provas externas. A análise dos dados envolverá a associações entre habilidades sociais, estratégias de aprendizagem e desempenho acadêmico; serão realizadas análises estatísticas descritivas, correlação de variáveis e outras análises pertinentes, também serão realizadas análises qualitativas para as classes de respostas dos instrumentos. Dessa forma, o procedimento descrito se configurará como uma estratégia efetiva para explicitar vínculos entre variáveis relevantes do processo de ensino e aprendizagem, ampliando as possibilidades de discussão acerca da importância de Programas de intervenções, tais como o PIBID. **Palavras-chave:** habilidades sociais, estratégias de aprendizagem, desempenho acadêmico, PIBID.

COM-30 A EMPATIA COMO RECURSO DE ENFRENTAMENTO DOS FATORES DE RISCO: O PLANTÃO PSICOLÓGICO NO PRÉ-VESTIBULAR - Mariana Carla de Freitas, Marena Petra Ferreira Gonçalves, Luciana Bastos Neiva (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC - MG) e Priscila Fidelis de Souza Lima (Centro Universitário UNA - MG)

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do Plantão Psicológico oferecido aos alunos de um Curso Preparatório para vestibulares em Belo Horizonte, Minas Gerais, como um modelo de intervenção em Psicologia Escolar e Educacional que favorece o desenvolvimento de Habilidades Sociais como fator de proteção e resiliência em relação ao stress consequente dos concursos vestibulares. A desproporção entre as limitadas vagas e a crescente população de jovens que almejam o Ensino Superior Público intensifica a exigência do desempenho em provas e exames vestibulares. Tal realidade provoca diversos fatores emocionais vinculados à relação que cada candidato estabelece com o vestibular, com a história escolar e com os processos avaliativos. O contexto de competição pode fomentar experiências emocionais negativas, inadequação nas relações e um consequente prejuízo na preparação, desempenho nas provas e saúde do jovem pré-vestibulando. O Pré-vestibular, como espaço escolar, pode permitir que os jovens desenvolvam ferramentas que favorecem a criação de novas estratégias de adaptação no contato com diversos contextos, situações e desafios, na relação com o insucesso escolar, nas dificuldades de adaptação e regulação de competências pessoais. O Plantão psicológico é um espaço de escuta clínica e pontual, ofertado aos alunos que surge através da demanda dos mesmos por um espaço de acolhimento e escuta das angústias e incômodos vivenciados neste momento da vida. Este espaço de prática clínica tem por finalidade provocar o autoconhecimento, tomando como foco o tema trazido naquele momento para ser compartilhado. Nesse sentido o conceito de empatia como uma habilidade social multidimensional, permite que o psicólogo possa compreender o mundo afetivo do outro, compartilhando e expressando esse sentimento de forma que o outro se sinta compreendido e validado, potencializando o desenvolvimento de competências. As competências sociais são conhecidas como competências de vida, a capacidade de aplicar adequadamente conhecimentos, habilidades e atitudes para alcançar os resultados desejados. Tais competências, como assertividade, capacidade de escuta ativa, resolução de problemas e comunicação, auxiliam no processo de socialização e integração social e previnem comportamentos inadequados que trazem prejuízos ao indivíduo. No espaço do Plantão em curso pré-vestibular, o psicólogo pode compreender o momento que o aluno está vivenciando, os sentimentos presentes nesta preparação; seja em relação ao contexto familiar, a forma como a família lida com a aprovação no vestibular; seja com as particularidades deste processo de escolha de uma profissão e até mesmo sobre as relações estabelecidas neste “universo”. No trabalho aqui relatado, o psicólogo, através de uma postura empática, compreende as reações emocionais apresentadas pelos alunos e suas necessidades; auxiliando-os a lidar com comportamentos, estimulando habilidades sociais e promovendo o desenvolvimento socioemocional. Esta prática tem se mostrado positiva impactando no bem estar dos jovens e na melhoria dos resultados escolares. O espaço do plantão favorece tanto aluno, como o psicólogo na troca de experiências, configurando-se como um recurso no desenvolvimento de competências, a demanda por estes serviços é cada vez maior, sinalizando a importância no desenvolvimento e ajustamento psicossocial. O plantão foi também espaço para o desenvolvimento de habilidades fundamentais, resultando no sucesso escolar. **Palavras-chave:** empatia, plantão psicológico, pré-vestibular.



COM-65 AS HABILIDADES SOCIAIS DOS PROFESSORES SOB O PONTO DE VISTA DOS ALUNOS - Monique da Costa Silva (Universidade Católica de Petrópolis, UCP - RJ)

Considerando as Habilidades Sociais (comunicação, civilidade, assertividade, empatia, expressão de sentimento positivo e trabalho) a palestrante apresentará os resultados empíricos de uma pesquisa realizada por ela, em uma escola de Ensino Médio integrado com o Técnico, da rede FAETEC, no município do Rio de Janeiro. Esses resultados configuram não somente a relação professor-aluno, e a relação ensino-aprendizagem, mas também a possibilidade de autoavaliação dos professores, levando-os a uma reflexão metacognitiva acerca das suas dinâmicas interpessoais, principalmente, com o alunado. Neste trabalho, um grupo de 20 alunos de uma mesma turma, tendo passado por uma aula/treino de duas horas, sobre os conceitos de Habilidades Sociais (comunicação, civilidade, assertividade, empatia, expressão de sentimento positivo e trabalho), responderam a um questionário para a avaliação das Habilidades Sociais fortemente presentes, moderadamente presentes, raramente presentes ou ausentes nos 16 professores desta turma, contando com professores de disciplinas técnicas, que geralmente não possuem uma formação acadêmica que apresente uma grade curricular composta por disciplinas da área pedagógica, como Didática; e com professores de disciplinas do núcleo comum, que geralmente são formados em cursos universitários que contêm, em sua grade curricular, disciplinas do âmbito pedagógico. Essa pesquisa-ação, em um primeiro momento, contrasta, segundo o julgamento dos seus alunos, as Habilidades Sociais dos professores: dinâmica de sala de aula, o relacionamento com o alunado, a afetividade, as impressões causadas, a escolha da linguagem, as metodologias de ensino, como promove a participação e motiva seus alunos, a preocupação com o aprendizado e com o bem-estar de todos. Para tal, como marcadores quantitativos, foram escolhidas as afirmativas "fortemente presente", "moderadamente presente", "raramente presente" e "ausente". Em um segundo momento, o resultado da pesquisa é apresentado aos professores, ficando cientes das habilidades sociais avaliadas e como fortalecer ou desenvolver aquelas cuja baixa frequência ou ausência foi sinalizada pelos alunos. Depreendeu-se desta pesquisa uma apresentação quantitativa das Habilidades Sociais mais e menos frequentes naquele professorado; agrupando os resultados em professores de disciplina técnica versus professores de disciplina do núcleo comum; professoras de disciplina técnica versus professoras de disciplina do núcleo comum; e ainda, a oposição professores versus professoras. Desta maneira, foi possível determinar em quais habilidades sociais as professoras obtiveram resultado em consonância com as habilidades sociais dos professores, e quais se opuseram; quais habilidades sociais foram sinalizadas como fortes para os professores das disciplinas técnicas e quais para os professores das disciplinas do núcleo comum; quais habilidades sociais os professores de disciplina técnica possuem menor potencialidade. Muitas vezes os professores julgam possuírem fortemente determinadas habilidades sociais, e seus alunos não julgam da mesma forma. E em contrapartida, é possível professores se surpreenderem com o julgamento positivo de suas habilidades por parte de seus alunos. Em ambiente acadêmico, não é só o aluno que é avaliado por seus professores, os alunos também avaliam seus professores a todo o momento. Esta pesquisa, por exemplo, fornece à Educação e à Psicologia, exatamente, este ponto de vista inverso nas relações interpessoais. **Palavras-chave:** relações interpessoais, habilidades sociais, reflexão metacognitiva.

COM-66 HABILIDADES SOCIAIS DE PROFESSORES DE CRIANÇAS AUTISTAS: UM ESTUDO PILOTO - Claudia Moura de Sant'Anna C. de Oliveira e Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis, UCP - RJ)

Pensando nas práticas educativas, é possível afirmar que estas não se restringem à escola ou à família e que podem ocorrer em todos os âmbitos e contextos, de forma institucionalizada e informal, como nas escolas ou em outras instituições não convencionais de educação. Em ambos os contextos, o professor, visto como mediador do ensino-aprendizagem, deve transcender as metas tradicionais e desta forma proporcionar ao aluno comportamentos pertinentes ao contexto social ao qual está inserido. No que diz respeito à educação de pessoas com autismo, o professor tem papel relevante, considerando que o sujeito autista possui déficits nas áreas de interação social e comunicação, além de um repertório restrito de interesses e atividades. Sendo assim, algumas habilidades são requeridas no processo de ensino-aprendizagem para promover intencionalmente o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno, as habilidades sociais educativas. O presente trabalho teve por objetivo verificar exploratoriamente o conhecimento sobre as habilidades sociais educativas em professores da educação inclusiva em sala de aula, na interação com alunos autistas. Para isso, foi realizado um estudo piloto com dez professoras da educação inclusiva da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Vila Velha e Cariacica/ES, que responderam a uma entrevista semiestruturada. Os dados foram objeto de Análise de Conteúdo e identificadas três categorias: 1) Concepções acerca das habilidades e competências sociais do professor; 2) Importância das habilidades e competências sociais para o professor; 3) Habilidades e competências necessárias no contexto da educação inclusiva. Como resultado foi encontrado que a maioria dos profissionais (n=8) definiu habilidades e competências como sendo a



interação com o outro. No quesito importância dessas habilidades para o professor, todos (n=10) as consideraram relevantes, afirmando que contribuem para desenvolvimento da interação com o outro (n=6). E no que tange às habilidades e competências necessárias no contexto da educação inclusiva, sete professoras não souberam identificá-las e três disseram que seria necessária uma metodologia específica para trabalhar com a demanda de alunos autistas. Através da análise realizada fica clara a dificuldade das professoras em compreender os conceitos de habilidades e competências sociais. Percebe-se que as professoras não compreendem Habilidades Sociais como sendo inicialmente um atributo pessoal e que estes comportamentos podem interferir numa mudança significativa no comportamento do seu próprio aluno, contribuindo para a formação de sujeitos preparados para a vida em comunidade, seja no âmbito pessoal, grupal ou profissional. Este estudo piloto pôde demonstrar que as professoras de educação inclusiva precisam aprender sobre as habilidades sociais e que tal aprendizagem poderá contribuir para estruturar situações de aprendizagem no contexto escolar, desenvolvendo, assim, suas Habilidades Sociais Educativas. **Palavras Chaves:** habilidades sociais educativas, formação de professores, autismo.

COM-67 IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA INSTITUCIONAL DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UM GRUPO EDUCACIONAL PRIVADO - Fernanda Rossetto Prizibela, José Francisco Malucelli Klas e Roseli Pinheiro (Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, Curitiba - PR)

O objetivo do presente trabalho é capacitar à equipe pedagógica para ensinar aos alunos da Educação Infantil ao 8.º ano técnicas, estratégias e formas de refletir envolvendo as principais habilidades sociais necessárias para cada faixa etária, uma vez que as evidências científicas apontam que crianças que desenvolvem um amplo repertório dessas habilidades terão maior probabilidade de estabelecer relações sociais mais saudáveis, tornando-se, no futuro, menos vulneráveis a transtornos emocionais, incluindo o abuso de substâncias psicoativas. Para atingir esse objetivo, a equipe multidisciplinar do Departamento de Saúde Escolar (DSE) de um grupo educacional privado, implantou o Programa Institucional de Desenvolvimento de Habilidades Sociais a partir de 2012. Inicialmente, os professores da Educação Infantil ao 8.º ano do Ensino Fundamental receberam capacitação teórico-prática e permaneceram em educação continuada envolvendo as técnicas de desenvolvimento das referidas habilidades de forma a serem os multiplicadores para seus alunos. Os professores, primeiramente, participaram de uma capacitação teórica e de sensibilização para o programa; na sequência, participaram das oficinas de assertividade, de civilidade e de mediação de conflitos; e recebem a cada seis meses, uma capacitação para aprenderem a aplicar as atividades a serem desenvolvidas com os alunos. Para a continuidade do programa, os professores terão oficina de autocontrole. Para o trabalho a ser realizado pelos professores com os alunos, a equipe do DSE elaborou materiais e atividades específicas para cada faixa etária. Concomitante ao trabalho realizado pelos professores com os alunos, os pais ou o responsável pelo aluno participaram do programa por meio de palestras e de textos esclarecendo o conceito de Habilidades Sociais; reforçando a importância do seu desenvolvimento desde a infância; explicando as técnicas aplicadas com os alunos; sugerindo intervenções e chamando a atenção para os sinais de alerta que possam identificar quais habilidades estão pouco desenvolvidas na criança e no adolescente e que podem prejudicar a sua interação social. Tendo em vista a dificuldade de mensurar quantitativamente os resultados, foram feitas avaliações qualitativas com os professores e avaliações do uso das técnicas pelos alunos. A avaliação dos dados qualitativos demonstrou que os professores aprovaram o programa, compreenderam seus fundamentos, perceberam a importância de aplicar as técnicas no cotidiano, identificaram que ao utilizarem-nas obtiveram resultados positivos e perceberam que os alunos assimilaram o conteúdo, por tempo relativamente prolongado. Conclui-se que é necessário implantar e manter Programas de Desenvolvimento de Habilidades Sociais direcionado aos professores, pais e alunos, uma vez que são exequíveis e mostram resultados positivos. **Palavras-chave:** treinamento de habilidades sociais, professores, educação continuada.

SESSÃO 14 - HABILIDADES SOCIAIS E VIDA UNIVERSITÁRIA

COM-68 CORRELAÇÕES ENTRE LIDERANÇA E HABILIDADES SOCIAIS EM MORADIAS COLETIVAS UNIVERSITÁRIAS - Carla Regina Santos Almeida, Carolina Seixas da Rocha e Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão - SE)

Todos os anos, estudantes são aprovados em universidades longe de suas cidades natais. Para que possam morar perto da universidade, muitos precisam dividir uma moradia com outros estudantes na mesma situação, porém com hábitos e origens diferentes. Desta forma, nesses ambientes, são necessárias algumas habilidades para viabilizar a convivência e a organização. Dentre estas, destacaremos, neste estudo, as habilidades sociais e as de liderança. As habilidades



sociais referem-se a um conjunto de comportamentos emitidos, em interações interpessoais, que expressam atitudes, sentimentos e desejos coerentes com a situação vivenciada, além disso, o indivíduo também deve respeitar esses comportamentos nos demais. Já a liderança, compreendida a partir da Teoria da Liderança Situacional, pode ser definida como o processo de influenciar um ou mais indivíduos para a consecução de um objetivo em dada situação. Objetivou-se investigar, em moradias coletivas estudantis tanto privadas quanto financiadas pelo poder público, questões referentes às relações interpessoais e à organização das residências. As moradias financiadas pela universidade são denominadas “residências universitárias”, ao passo que as residências mantidas financeiramente pelos próprios estudantes são denominadas “repúblicas” nesta pesquisa. Para tanto, foram utilizados o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e um questionário autoaplicável de liderança específico para esta população, elaborado a partir de estudos anteriores, abarcando temas como gerenciamento de recursos e de conflitos. A amostra, obtida pela técnica bola de neve, foi composta por 128 estudantes ($m=20,73$ anos, $dp=2,05$) que dividiam a residência com, ao menos, mais duas pessoas. Destes, 68% são do sexo feminino e 71,1% submetidos a um regime de organização institucionalmente criado e monitorado pela universidade, recebendo um auxílio financeiro. A coleta foi realizada nas próprias residências estudantis, a fim de também observar o ambiente físico. Os dados obtidos apontam que o fator “autoafirmação na expressão de afeto positivo” correlaciona-se positivamente com a autopercepção do estudante quando em funções de liderança ($r=0,240$; $p=0,007$). Este fator de liderança envolve tanto o apoio socioemocional quanto a orientação em relação às tarefas a serem desenvolvidas. Também se verificou que estudantes com maiores habilidades de enfrentamento com risco ($r=0,249$; $p=0,005$) e autoexposição a desconhecidos ou a situações novas ($r=0,223$, $p=0,012$) têm maior interesse em assumir funções de organização na moradia – por exemplo, organizar a divisão das tarefas. Além disso, as percepções do apoio socioemocional oferecido pelo líder ($r=0,405$; $p<0,001$) e das orientações e direção quanto às tarefas ($r=0,267$; $p=0,003$) correlacionaram-se positivamente com a satisfação com a resolução de conflitos na moradia. Desta forma, observa-se a influência das habilidades sociais do universitário no seu posicionamento quando têm de lidar com situações que envolvam liderança. Sugere-se que sejam realizados treinamentos de habilidades sociais, uma vez que os resultados indicam que o aperfeiçoamento destas resultará em uma organização mais eficiente desses ambientes, aumentando o interesse por funções de liderança, o que pode possibilitar uma redução na frequência e na intensidade de conflitos. (CNPq) **Palavras-chave:** residências universitárias, repúblicas universitárias, teoria da liderança situacional.

COM-69 ALTRUÍSMO E COMPETÊNCIA EMOCIONAL EM UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES - Muriel Corrêa, Neves Rodrigues, Henrique Marques Pereira e André Miguel Paquim Lopes (Universidade da Beira Interior, UBI - Portugal)

Alguns autores mencionam ser difícil compreender o conceito de altruísmo, todavia, algumas definições são comuns. Altruísmo é conhecido como caridade, e a teoria sobre o altruísmo pode ser fundamentada na simpatia, onde o indivíduo se coloca, mesmo que subjetivamente, no lugar do outro. A pessoa altruísta disponibiliza bens ou serviços a outras pessoas sem solicitar uma compensação. Na literatura é possível perceber altruísmo como responsabilidade social. Outro conceito que vem sendo construído nos últimos anos é o da inteligência emocional. Entende-se por inteligência emocional como sendo as relações e as experiências cotidianas e a influência delas sobre o sucesso na solução dos problemas da vida diária. A capacidade de reconhecer os próprios sentimentos e os dos outros, de automotivar-se e de administrar as emoções nos âmbitos individual e interpessoal. Para alguns autores, a inteligência emocional deve ser entendida como um traço de personalidade (ou traço de autoeficácia emocional), ou seja, pode ser descrita como um traço de personalidade funcional. A inteligência emocional como traço engloba tendências de comportamento e competências de autopercepção. Diante da busca de compreensão destes dois conceitos, observou-se que existem poucas pesquisas que explorem a associação entre as variáveis, altruísmo e inteligência emocional. Este estudo visou avaliar os níveis de inteligência emocional e altruísmo em uma amostra de estudantes universitários portugueses, do curso de psicologia e analisar o grau de associação entre o altruísmo e a inteligência emocional, bem como algumas variáveis sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade, estado civil, estatuto socioeconômico, se tratava de estudante trabalhador, e se havia algum problema significativo no momento). Para o tratamento e análise dos dados utilizou-se o software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences – Versão 22.0). A amostra não seguiu uma distribuição normal, sendo usadas, portanto análises estatísticas não paramétricas, com o teste Kruskal Wallis. Participaram 74 estudantes de uma universidade portuguesa, no Distrito de Castelo Branco, com idade entre 17 e 46 anos, sendo 16,2% do sexo masculino e 83,8% do sexo feminino. 94,6% dos participantes eram solteiros, e majoritariamente (94%) não trabalhadores, sendo 54% de classe média. 24 participantes mencionaram ter algum problema significativo, a saber: ansiedade, estresse, isolamento, desmotivação, problema de comunicação, problemas familiares, saudades de casa e problemas afetivos. A investigação foi realizada por meio do Questionário Sociodemográfico, Questionário de Competência Emocional (ESCQ), e Escala de Altruísmo Percebido, sendo adaptados



ao contexto português. Os resultados mostraram correlações significativas entre a competência emocional e o altruísmo na dimensão Lidar com as Emoções, o que revela que pessoas com comportamentos altruístas, possuem capacidade para lidar com as suas emoções. Houve também relação entre as dimensões Lidar com as Emoções e Expressão Emocional com os problemas significativos, o que demonstra que esses participantes conseguem lidar e expressar as suas emoções, embora, nem sempre as percebam. Aspectos de natureza socioeconômica parecem não estar correlacionados com a competência emocional e nem com o altruísmo. No entanto, será pertinente alargar a dimensão da amostra e incluir participantes de outras nacionalidades de maneira a comparar diferenças culturais.

Palavras-chave: psicologia, altruísmo e inteligência emocional.

COM-70 HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DE MORADIAS COLETIVAS UNIVERSITÁRIAS - Carla Mayra de Jesus Santos, Hanna Valença Pereira, Luiz Augusto Santos Costa e Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão - SE)

Interações humanas podem gerar conflitos e a forma de gestão desses conflitos envolve também o grau de habilidade social dos seus participantes. Morar com pessoas de diferentes culturas, origens, costumes, provavelmente influencia e pode favorecer situações de conflito. Sendo assim, o presente estudo investigou as habilidades sociais de estudantes universitários que residem em moradias coletivas. As habilidades sociais são comportamentos específicos exibidos em situações igualmente específicas que são julgados como competentes ou não no cumprimento da tarefa social. Esses comportamentos são considerados de acordo com um contexto social determinado, o qual pode variar dependendo de fatores como idade, sexo, classe social e educação. A importância de avaliar esse repertório se justifica por sua relação com a saúde, satisfação pessoal, realização profissional e qualidade de vida. As pesquisas no campo da Teoria de Habilidades Sociais têm mostrado que as pessoas socialmente competentes em suas habilidades tendem a apresentar relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, além de melhor saúde física e mental e bom funcionamento psicológico. Ao morar em uma residência coletiva as habilidades sociais, portanto, serão muito úteis na viabilização da convivência. Sendo assim, estudou-se por meio do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) que produz escores em cinco subescalas de habilidades sociais (F1: Enfrentamento e autoafirmação com risco; F2: Autoafirmação na expressão de sentimento positivo; F3: Conversação e desenvoltura social; F4: Autoexposição a desconhecidos e situações novas e F5: Autocontrole da agressividade) para saber se há diferenças entre moradias coletivas estudantis institucionais e privadas quanto ao grau de habilidades sociais. A coleta foi realizada com 91 estudantes que residem em moradias coletivas institucionais (Residências da Universidade), sendo 37,4% do sexo masculino e 62,6 % do sexo feminino, com média de idade de 20,79 (dp =1,929) e 37 estudantes que residem em moradias coletivas privadas (Repúblicas Universitárias), sendo 18,9% do sexo masculino e 81,1% do sexo feminino, com média de idade de 20,56 (dp =2,364). Diante da hipótese de que haveria diferença no grau de habilidades sociais entre os indivíduos que residem em moradias coletivas privadas e institucionais, encontrou-se diferença estatisticamente significativa em relação ao Fator 1, no qual a média foi de 2,10 (dp=0,638) para os residentes universitários e de 1,77 (dp=0,613) para os republicanos sendo $t=2,723$ e $p=0,007$. Já para Fator 5 a média foi de 3,04 (dp= 0,705) para os residentes universitários e de 2,77 (dp=0,653) para os republicanos com $t=1,985$ e $p=0,049$. Observou-se mais habilidade nos estudantes das moradias coletivas institucionais ao contrário do que a literatura sugere por estarem em uma condição com muitos conflitos nas interações sociais. Essa diferença pode ser consequência das maiores exigências no desempenho social em interações dentro da residência. Dessa forma, eles podem estar também mais habilidosos na vida social fora da moradia. Com o presente estudo, espera-se contribuir para a melhoria da dinâmica das moradias coletivas, entender o papel das habilidades sociais para aumentar o bem-estar.

Palavras-chave: habilidades sociais, residências universitárias, repúblicas universitárias, moradias coletivas.

COM-71 HABILIDADES SOCIAIS CONSIDERADAS IMPORTANTES POR VOLUNTÁRIOS – Joene Vieira Santos (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

O voluntariado caracteriza-se como um comportamento pró-social planejado, sustentado e contínuo, através do qual o indivíduo se engaja em atividades que produzem benefícios diretos a outras pessoas, doando seu tempo, trabalho e habilidades para causas de interesse social e comunitário. O envolvimento com a comunidade, bem como com a equipe de trabalho, exigirá do voluntário um repertório de habilidades sociais, adequado às demandas sociais que encontrará; portanto, o presente trabalho buscou identificar quais são as habilidades sociais consideradas importantes por voluntários para sua atuação junto à comunidade e à equipe de trabalho. Dezoito voluntários de um projeto de ação comunitária realizado em Montevidéu (Uruguai) preencheram um formulário (composto por 35 habilidades sociais) ao



qual deram duas respostas: o quanto avaliavam a habilidade importante e o quanto julgavam que dominavam tal habilidade. Além disso, responderam de forma escrita a pergunta complementar: “Quais são as dificuldades que você encontra nas relações interpessoais estabelecidas no grupo?”. As habilidades consideradas mais importantes pelos voluntários foram agradecer, ouvir demonstrando atenção, trabalhar cooperativamente em grupo, desculpar-se / admitir falhas, recusar pedidos abusivos, resolver problemas, criar relações amistosas e lidar com críticas. Nenhuma das habilidades listadas no formulário foi avaliada com pouca ou sem importância. Com relação ao domínio, apenas quatro itens – recusar pedidos abusivos, agradecer, ouvir demonstrando atenção e incentivar – receberam escores que apontavam que os participantes possuíam muito ou máximo domínio das referidas habilidades. Todas as demais apresentaram escores que representam pouco ou mediano domínio da habilidade, sugerindo a necessidade de treino das mesmas. Os dados obtidos pela pergunta complementar (apresenta junto com formulário) permitiram verificar que aproximadamente 70% das dificuldades existentes nas relações estabelecidas pelos membros do grupo foram atribuídas à outra pessoa e não a quem listou a dificuldade. Isto, em parte, pode ser atribuído pela valorização que a sociedade atribui ao sucesso e depreciação aos erros/fracasso. Admitir sua contribuição para a deterioração de uma relação pode equivaler a admitir-se como culpado pelo fracasso. Além disso, as dificuldades que apresentaram uma maior frequência na fala dos participantes foram: críticas (15,3%), falta de respeito (12,5%), comunicação (8,3%), idioma (6,9%), autoritarismo (5,6%) e diferenças culturais (5,6%). Comparando os dois conjuntos de dados (respostas dadas ao formulário e à pergunta), alguns aspectos são relevantes. Primeiramente, os dados obtidos através do instrumento importância/domínio, se considerados isoladamente, podem dar a falsa impressão que os participantes possuem um nível razoável de habilidades sociais, uma vez que a grande maioria das médias calculadas para cada item indicou um domínio mediano das habilidades (em apenas 22,8% dos itens a média sugeriu pouco domínio e nenhum item foi avaliado com mínimo domínio). No entanto, os dados obtidos através da pergunta complementar, permitiram observar uma série de problemas que indicam a falta de determinadas habilidades e/ou a falta de competência em usá-las. Os dados apontam que o Treinamento de Habilidades Sociais pode ser uma ferramenta potencializadora do trabalho voluntário, uma vez que permite o desenvolvimento/aperfeiçoamento de habilidades julgadas como importantes por este público para a realização de suas atividades. **Palavras-chave:** habilidades sociais, voluntariado.

COM-72 “NAMORO - PAIXÕES QUE (NÃO) VALEM A PENA”: HABILIDADES SOCIAIS E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO NA ESCOLA - Sheila Giardini Murta, Lucas Emmanuel Alves de Lara, Carla Konrad, Estela Guida Teixeira, Nagy Pereira Sardinha e Laura Campos de Moura (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

A vitimização pela violência praticada pelo parceiro íntimo pode resultar em diversos prejuízos para a saúde mental, como transtorno de estresse pós-traumático, abuso de álcool, ideação suicida, depressão e dificuldades em estabelecer novos vínculos de intimidade. Quando testemunhada pelos filhos, pode ser fator de risco para o seu desenvolvimento socioemocional. Ademais, o abandono de um parceiro violento é um processo complexo e nem sempre exitoso. Tendo isto em vista, a prevenção à violência nas relações afetivo-sexuais já na adolescência é uma das estratégias preventivas cabíveis. Este trabalho tem por objetivo descrever uma experiência de intervenção preventiva junto a adolescentes e orientadores educacionais na rede pública de ensino de Ceilândia-Distrito Federal. Trata-se de uma ação do Estágio em Intervenções Psicossociais da Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília, realizado no primeiro semestre de 2015, em parceria com o Projeto Lei Maria da Penha Vai à Escola, de autoria do Centro Judiciário da Mulher, Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. A oficina para os adolescentes teve por objetivos aprimorar o conhecimento acerca dos diversos tipos de violência que podem ocorrer no namoro, sensibilizar para o uso de habilidades sociais de regulação das emoções e assertividade e fortalecer atitudes pró-ajuda aos pares em situação de violência no namoro. Trinta adolescentes recrutados em uma escola participaram de uma sessão única, de quatro horas de duração, em grupo, conduzida por quatro estagiários previamente preparados. Os procedimentos usados incluíram a análise de músicas com letras que ilustram as violências psicológica, sexual e física; ensaio comportamental; modelação e tarefa de casa. Uma avaliação qualitativa realizada ao término da intervenção evidenciou alta aceitabilidade da intervenção. Para a oficina para os orientadores educacionais, previu-se que estes deveriam, como resultado de sua participação na atividade, situar os déficits em habilidades sociais como parte dos fatores de risco para a violência no namoro, ao lado de fatores familiares, dos pares e da cultura; reconhecer as habilidades de comunicação assertiva, regulação das emoções, tomada de decisão e solução de problemas como capazes de reduzir o risco de violência no namoro; e identificar possibilidades de aplicação de atividades no contexto escolar para promoção destas habilidades. O procedimento realizado incluiu exposição dialogada e atividades de automonitoramento contidas em um guia de apoio a ações de prevenção à violência no



namoro para adolescentes para uso no contexto escolar, intitulado Diferenciando Baladas de Ciladas: um Guia para o Empoderamento de Adolescentes em Relacionamentos Íntimos. Os orientadores avaliaram a oficina como fonte de apoio para seus projetos nas suas escolas de origem e apontaram intenções de transferência do conhecimento para seu cotidiano de trabalho. São recomendadas avaliações de acompanhamento dos efeitos das duas intervenções ao longo do tempo para verificação de suas limitações e contribuições. **Palavras-chave:** saúde do adolescente, prevenção, intervenção escolar.

COM-73 A INSERÇÃO DE MONITORES NO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS - Francisca Máisa Maciel Gomes, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Byanca Eugenia Duarte Silva, Faculdade Santa Maria, Francisca Marina Pereira Rolim, Ricardo da Silva Pereira e Antonio Jossean Coutinho Cruz (Faculdade Santa Maria - RS)

Na atualidade, vislumbra-se que as relações sociais estão a cada dia mais fragmentadas. Vários são os papéis exercidos pelos indivíduos nos diversos grupos sociais nos quais estão inseridos, ocasiões que são expostos às situações que exigem uma postura coerente com seus sentimentos, opiniões e desejos. Ocorre que, em muitas dessas oportunidades, falta aos indivíduos habilidade para sua expressão pessoal. As Habilidades Sociais (HS) podem ser compreendidas como um conjunto de condutas no repertório do indivíduo utilizada para lidar de forma mais apropriada com as relações interpessoais, as quais podem ser desenvolvidas por meio do Treinamento das Habilidades Sociais (THS). Entende-se que pessoas socialmente hábeis têm relações mais satisfatórias e duradoras, além de favorecer a saúde mental do indivíduo. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é apresentar a inserção do estudante de psicologia no THS como monitor colaborador, que terá como principal função a de observar e atuar no planejamento desse treinamento, sendo as intervenções de responsabilidade do profissional, atuando assim, como um suporte na condução do grupo. A observação, papel fundamental desenvolvido pelo aluno monitor, é uma ferramenta imprescindível dentro do THS, pois fornecerá subsídios para a elaboração das demais sessões. O treinamento realizou-se de forma grupal, com 12 participantes, por meio de oficinas psico-educativas por meio de práticas como: *role-playing*, técnicas e exercícios práticos que abordaram vários temas, durante dez sessões de uma hora cada. Os temas trabalhados foram: Direitos humanos básicos, Estabelecimento de relações sociais, Assertividade, Agressividade, Passividade, Fazer e recusar pedidos, fazer e Fazer e receber elogio. O THS foi conduzido por uma psicóloga com ajuda de dois monitores/observadores. Para participar da seleção dos monitores foi preciso ter passado pelo THS, e realizar uma prova de conhecimento envolvendo HS seguida de uma entrevista, utilizada para avaliar o interesse do estudante com o tema. Diante da experiência enquanto monitor colaborador é possível indicar que a inserção do aluno de psicologia permite uma aproximação mais ampla com as HS e com sua aplicabilidade, contribuindo na formação e no aprendizado na área. A modalidade de monitor colaborador não é encontrada na literatura, porém a experiência mostrou-se eficiente. A monitoria, de forma geral, é uma modalidade que integra as atividades de ensino, pesquisa e extensão, promovendo uma formação e desenvolvimento fazendo com que o monitor e o professor possam promover em conjunto discussões práticas e teóricas, como também planejar e elaborar estratégias, permitindo, assim, uma ampliação de conhecimento acerca da área. Destaca-se a importância da realização de planejamento e avaliação do grupo entre a psicóloga e os monitores, tendo em vista que se torna possível um mapeamento mais detalhado de cada participante, ocasião em que são identificadas as dificuldades de cada participante, que muitas vezes se tornaram implícitas durante a fala. Assim, conclui-se que a monitoria se faz importante na aprendizagem, repercutindo de maneira satisfatória, tanto acadêmica, como profissional, uma vez que proporciona o conhecimento e a reflexão dos comportamentos habilidosos, bem como permite a promoção da empatia e a escuta, ferramentas fundamentais na prática psicológica. **Palavras-chave:** treinamento de habilidades sociais, monitores, observação.

SESSÃO 15 – HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE

COM-20 VISITA DOMICILIAR: A VISÃO DO PACIENTE SOBRE A VISITA E SUAS EXPECTATIVAS - Wanessa Fernandes Veloso, Mariana Queiroz Sousa Pereira, Rafaella Silveira de Camargo, Suellenn Kecya Couto Tenório, Caroline Neiva Damasceno, Flávio Eduardo Ramos Azevedo, João Victor Barros Feitosa (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC - DF) e Andréa Lopes Ramires Kairala (UnICEUB, Brasília - DF)

A visita domiciliar corresponde à concretização das diretrizes do SUS: integralidade, universalidade e equidade, com foco no paciente dentro do contexto familiar. A inserção do aluno de medicina conjuntamente com os pacientes assistidos por visitas domiciliares, em cenários práticos, traz um universo de sensações, aprendizados e conhecimentos



importantes, para que a assistência prestada se dê de maneira mais adequada, considerando as especificidades inerentes de cada paciente e como eles enxergam essas visitas. O objetivo deste estudo foi mostrar a importância e a dinâmica da visita domiciliar, descrever as percepções e sentimentos dos pacientes em suas visitas recebidas pelos profissionais de saúde. Trata-se de um relato de experiência sobre quatro visitas domiciliares com famílias assistidas por agentes comunitários do Gama-DF, por um grupo de sete alunos de medicina acompanhados por um agente comunitário e um professor, com o intuito de realizar uma pesquisa de natureza qualitativa. Nesse sentido foram feitas entrevistas verbais com as respectivas famílias. Os grupos familiares selecionados tinham grande demanda de assistência à saúde, sendo que em um havia uma paciente portadora de transtorno psíquico, com necessidades especiais, como fornecimento de medicamentos controlados. No mesmo domicílio, outra integrante requer atenção especial por apresentar transtornos mentais. Essa família recebe acompanhamento constante dos agentes de saúde e da equipe multidisciplinar para que sejam mais acessíveis ações de promoção à saúde, prevenção e tratamento de doenças e reabilitação, desenvolvidas em domicílio. No ponto de vista dessa família, as visitas domiciliares são de suma importância, pois somente assim todos os residentes da casa conseguem ter acesso a algum tipo de serviço de saúde, devido à incapacidade de mobilidade de dois integrantes. Como resultados, verificou-se que a visita domiciliar proporcionou a formação de um elo entre as famílias e os estudantes de medicina, oportunizando conhecimentos amplos e o desenvolvimento epigráfico na construção de profissionais engajados na causa humanística e a relação de integração com a equipe multiprofissional, acessibilidade e promoção à saúde. A família é entendida como um organismo interativo, dinâmico e complexo e dessa forma há uma maior adesão dos pacientes ao tratamento e prevenção. Concluiu-se que os benefícios de uma visita domiciliar para os pacientes devem ser considerados tanto na promoção como na prevenção da saúde, visto que a expectativa é que se reorganize a prática assistencial aos pacientes em domicílio. Nesse trabalho, acompanhando o cotidiano dos agentes de saúde e equipe multidisciplinar nas visitas, foi possível constatar, observando e a partir de relato dos pacientes, que há uma grande adesão aos tratamentos e a assistência ampliada à família. A comunidade beneficiada pelas visitas passa a confiar mais nos profissionais de saúde, já que a relação entre eles torna-se mais estreita e sólida, o que proporciona maior resolutividade dos problemas. **Palavras-chave:** visita domiciliar, estudantes de medicina, interação com a comunidade, relato de experiência.

COM-74 GRUPO DE ESCUTA: APRENDENDO A CUIDAR DE SI E DO OUTRO - Celia Caldeira Fonseca Kestenberg, Alexandre Vicente da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro - RJ) e **Janaina Mengal Gomes Fabri** (Escolha de Enfermagem Anna Nery - Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ)

O grupo de escuta com acadêmicos de enfermagem de uma instituição pública visa criar espaços de fala e troca de experiências através da realização de discussões em torno de questões e tensões que estes vivenciam, tendo em vista a inserção no campo de prática no regime de internato (modalidade de oferta do estágio supervisionado dos dois últimos períodos do curso). A proposta do grupo é a reflexão acerca do adoecimento a partir de um olhar multifatorial, decorrente da combinação de fatores genéticos, psicossociais, culturais, ambientais e simbólicos. As discussões propiciam avaliar os pensamentos, sensações e sentimentos das repercussões do cuidado. É questão primaz do cuidado a necessidade de colocar-se no lugar do outro, sair de sua zona de conforto para tocar a dor do sujeito e ser tocado. Neste sentido, o objetivo é descrever a experiência dos autores na condução de um grupo de acadêmicos de enfermagem, desenvolvido com metodologia participativa. O Grupo de escuta abordou as potencialidades dos acadêmicos para a constituição de uma clínica das relações de trabalho e ensino. Desta forma, propõe tecnologias leves (escuta e acolhimento) que contribuem para o gerenciamento de crises, conflitos e do estresse, próprios da dinâmica existencial do ser humano através de reflexões sobre vivências cotidianas e a elaboração de seus significados. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, baseado em um relato de experiência do acompanhamento do grupo de escuta. Os encontros ocorreram de agosto de 2014 a janeiro de 2015, aproximadamente 25 encontros com a duração de 2h 30 minutos. Abordaram-se as questões práticas da assistência e as repercussões na saúde mental dos acadêmicos de enfermagem, a promoção de relacionamentos humanos saudáveis, o reconhecimento das potencialidades de autorregulação do ser humano, o favorecimento do uso da criatividade a favor da saúde e a ampliação da consciência de si, do outro e do mundo para desenvolver relações harmônicas e solidárias. Participaram do grupo 32 alunos do oitavo período da graduação de enfermagem. A tarefa de escuta e acolhimento foi conduzida pelos docentes de saúde mental presentes em cada grupo. Os dados foram registrados após a realização dos encontros pelos coordenadores do grupo e pelas avaliações escritas dos alunos, procurando-se manter a fidedignidade dos mesmos e em seguida, submetidos à análise temática. Como resultados, verificou-se que os alunos identificaram ter obtido crescimento pessoal e coletivo para enfrentar questões da prática, a partir da reflexão de suas experiências. Observou-se que este tipo de espaço reflexivo grupal foi importante para os acadêmicos, uma vez que se sentiram acolhidos e escutados em suas demandas e puderam adotar estratégias mais saudáveis para prevenir possíveis



desgastes no contexto do trabalho. A experiência vivida no grupo de escuta sugere a importância do processo reflexivo no decorrer da formação do estudante de enfermagem e no cotidiano de um profissional devido as relações de trabalho serem marcadas por conflitos de diversas ordens, sendo de vital importância as intervenções que minimizem as angústias. **Palavras-chave:** empatia, assertividade, competência social.

COM-44 ENTREVISTA CLÍNICA SOBRE HABILIDADES SOCIAIS E TRAJETÓRIA DE VIDA: UM ESTUDO PILOTO - Jéssica Limberger, Jaluza Aimée Schneider, Raísa da Silva do Nascimento, Luana Thereza Nesi de Mello e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

A carência de um repertório socialmente habilidoso é considerada um dos fatores de risco para o uso de drogas, devido a falta de assertividade e de estratégias para a resolução de problemas para lidar com dificuldades interpessoais. No contexto brasileiro, há carência de estudos que analisem as habilidades sociais de mulheres usuárias de drogas, sendo imprescindíveis no planejamento de intervenções terapêuticas. Nesse sentido, objetiva-se compreender o desenvolvimento de habilidades sociais na trajetória de vida de uma mulher usuária de crack. Trata-se de um estudo piloto da sequência qualitativa de uma pesquisa maior, intitulada: “Habilidades sociais, perfil clínico e cognitivo de mulheres usuárias de crack em internação hospitalar”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos. Os instrumentos utilizados foram: questionário de dados sociodemográficos e padrão de uso de drogas, Screening Cognitivo do WAIS-III (subtestes vocabulário, cubos, códigos e dígitos) e uma entrevista clínica sobre habilidades sociais e trajetória de vida, elaborada pela autora, a partir da revisão de literatura. A entrevista é composta por questões abertas sobre as habilidades sociais na infância; adolescência e vida adulta. Também foram dispostas imagens para facilitar as lembranças dos momentos de vida, contemplando os três estilos de resposta: assertivo, não-assertivo e agressivo. Os critérios para participação no estudo foram: estar abstinente há pelo menos 7 dias, em internação hospitalar entre o sétimo e o décimo dia de internação e ter critérios diagnósticos para Transtorno por Uso de Crack. A participante foi avaliada quanto a presença de síndrome psicótica (verificada através da MINI-Plus) e a prejuízos cognitivos (verificados através do Screening Cognitivo do WAIS-III), sendo estes critérios de exclusão. A participante deste estudo, de nome fictício Bruna, uma jovem de 25 anos, mãe de duas filhas, encontrava-se em internação em um hospital geral do estado do Rio Grande do Sul. Os instrumentos foram aplicados em dois dias consecutivos, sendo a entrevista clínica sobre habilidades sociais aplicada no segundo dia. No decorrer da entrevista, o auxílio de figuras possibilitou que Bruna lembrasse dos momentos de sua infância, principalmente na idade escolar, onde relata que não ia na aula nos dias em que precisava ler um texto em voz alta, além das constantes gozações por parte dos seus colegas por sua dificuldade na leitura, no qual reagia com agressões aos colegas. Tais comportamentos refletem a falta de habilidades sociais na infância, somada ao abandono escolar na adolescência, junto com o uso de drogas. No momento atual, as respostas assertivas apontadas por Bruna dizem respeito principalmente ao cuidado com a filha mais nova, ao referir a constante expressão do afeto e elogios, visto que a motivação para o tratamento foi devido a filha. No que diz respeito a estrutura da entrevista, a adequação linguística foi necessária, havendo mudanças nas perguntas, para que fossem mais clara e diretas e facilitassem a compreensão. Percebe-se que o roteiro de entrevista semiestruturada possui contribuições na área clínica, ao proporcionar importantes dados do ciclo vital. No contexto da pesquisa, também se torna relevante, pois contribui no aprofundamento das habilidades sociais. **Palavras-chave:** habilidades sociais, mulheres, transtorno por uso de crack.

COM-60 TREINAMENTO DE HABILIDADES DE VIDA: UMA ESTRATÉGIA E TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA - Marcella Regina Silva Rieiro Guerra, Lindarci Pereira da S. Assis, Nádia Martins Rocha Bandeira e Fernanda Costa Nunes (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC/Goiás - GO)

Usuários de drogas apresentam déficits no repertório de habilidades de vida, que são as habilidades sociais, habilidades cognitivas e habilidades para manejo de estresse ou de situações conflitantes. Treinamento destas habilidades é uma das abordagens da Terapia Cognitivo-Comportamental. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o treinamento de habilidades de vida como estratégia de tratamento da dependência química. Buscou-se periódicos nos seguintes endereços eletrônicos: Google Acadêmico, Scielo, BSV (Biblioteca Virtual em Saúde), Bireme e PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia). Os descritores utilizados foram: habilidades de vida; habilidades de vida e dependência química; tratamento da dependência química; Terapia Cognitivo-Comportamental na dependência química; habilidades sociais e; prevenção de recaídas. Capítulos de livros foram inclusos nesta análise, sendo ao todo, nove livros avaliados e 20 capítulos. Encontraram-se 45 artigos, dos artigos e capítulos de livros inclusos nesta pesquisa, sete se referiram, de modo geral, à Terapia Cognitivo-Comportamental no tratamento da dependência química; dez apresentaram ênfase na



prevenção de recaídas ao uso de drogas; oito se referiram às habilidades sociais e habilidades de enfrentamento no tratamento da dependência química; apenas um artigo referiu-se ao treinamento de habilidades de vida com foco em prevenção primária ao uso de substâncias psicoativas; um artigo enfatizou a prevenção de recaídas e motivação para a mudança em usuários de drogas; quatro referiram-se ao treinamento de habilidades de vida em outros contextos; quatro apresentaram treinamentos de habilidades sociais em outros contextos e; um capítulo de livro focou no desenvolvimento da habilidade resolução de problemas em pacientes psiquiátricos. Após uma apresentação geral dos periódicos inclusos, foram divididos em duas categorias: Terapia Cognitivo-Comportamental e dependência química, e treinamento de habilidades de vida como estratégia de tratamento da dependência química. As pesquisas apontaram que o desenvolvimento e treinamento de habilidades de vida são eficazes na reabilitação psicossocial do indivíduo, por melhorar suas habilidades cognitivas e comportamentais, buscando a modificação de comportamentos maladaptativos e geradores de prejuízos, e proporcionando a aquisição de um estilo de vida mais saudável em seus diversos contextos (social, emocional, profissional, biológico). **Palavras-chave:** habilidades de vida, dependência química, treinamento de habilidades de vida.

COM-77 ANÁLISE DOS RELATOS TEXTUAIS DE UNIVERSITÁRIOS DE UM CURSO DE FONOAUDIOLOGIA SUBMETIDOS AO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: DADOS PRELIMINARES – Márcia Terezinha van Melis e Dagmar Venturini M. Abramides (Faculdade de Odontologia USP, Bauru - SP)

O Treinamento de Habilidades Sociais (THS) tem como objetivo ampliar o repertório de comportamentos do indivíduo, superando déficits no seu desempenho social e visando desenvolver o autoconhecimento assim como uma maior competência nas suas relações interpessoais, nos vários contextos em que está inserido. Na universidade, o THS pode auxiliar na adaptação do estudante que está ingressando, por meio da promoção de habilidades relevantes para o autoconhecimento e para o desempenho de suas funções acadêmicas. Conforme aponta a literatura, a responsabilidade da universidade, na formação de profissionais com novos perfis, não se baseia somente no conhecimento básico e técnico, mas também nas Habilidades Sociais (HS). A Fonoaudiologia, uma profissão da área da saúde que atua na prevenção, diagnóstico e tratamento dos distúrbios da comunicação oral e escrita, deve formar profissionais que tenham facilidade em estabelecer relacionamentos interpessoais, transmitir segurança, tomar decisões e que possam, frequentemente, aprimorar a capacidade de autoavaliação nos diferentes contextos. Em uma Instituição Pública de Ensino Superior em Fonoaudiologia, no interior paulista, foi implementado o THS de universitários do segundo ano do curso, como parte integrante do conteúdo programático da disciplina de Psicologia, tendo em vista que, no terceiro ano, eles iniciam a prática clínica. Sendo assim, o treinamento permite focar as HS indispensáveis à formação profissional do fonoaudiólogo. A estrutura do programa engloba 15 encontros semanais, de duas horas cada, com metodologia teórico-informativa e prático-vivencial em cada encontro. As tarefas de casa, o momento de reflexão no diário reflexivo e as observações clínicas ocorrem em período posterior ao THS, também previsto dentro da carga horária da disciplina. No segundo semestre de 2014, os 23 alunos matriculados na disciplina responderam a um questionário de autopercepção elaborado pelas pesquisadoras com perguntas abertas, em relação às habilidades sociais comunicativas, empáticas, assertivas e profissionais, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além das questões aplicadas em três momentos (1º, 8º e 15º encontros), foram produzidos relatos na forma de sínteses reflexivas (8º e 15º encontros). Este estudo tem o objetivo de apresentar dados preliminares sobre a análise de conteúdo referente às habilidades de “Comunicação”, nos três momentos. Como resultado, houve relatos de universitários mencionando as facilidades e dificuldades em se comunicar nas situações de divergência de ideias, da expressão de opiniões e sentimentos, além do saber ouvir o outro demonstrando interesse, ser assertivo ao receber críticas e expressar habilidades de civilidade, como agradecer e cumprimentar. A utilização da tecnologia (internet e celular) para se comunicar foi mencionada, considerando que estão distantes de sua cidade natal, familiares, namorados e amigos. Outro dado relatado foi a mudança positiva no desempenho da habilidade comunicativa ao final do treinamento, havendo melhora nas relações interpessoais. Por meio da análise preliminar dos resultados, o THS mostra-se promissor para o desenvolvimento das HS de comunicação no meio acadêmico universitário. (CAPES e PROPG-USP) **Palavras-chave:** treinamento de habilidades sociais, universitários, fonoaudiologia.



PAINES

PA-01 ANAIS DOS SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS DE HABILIDADES SOCIAIS: REVISÃO SISTEMÁTICA DE RESUMOS PUBLICADOS SOBRE TRANSTORNOS MENTAIS - Ana Paula de Castro Araujo, Lanna Cristyna do Rego e Silva e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB).

O Seminário Internacional de Habilidades Sociais é um evento que tem como objetivo divulgar as pesquisas e intervenções relacionadas à temática relações interpessoais, competência social e habilidades sociais bem como intensificar o intercâmbio entre estudantes, profissionais e pesquisadores nacionais e internacionais atuantes em diversas áreas, como a clínica, a saúde, a organizacional, a comunitária e a educacional. Objetivo: Realizar um levantamento dos resumos publicados nos quatro anais do Seminário Internacional de Habilidades sociais (2007-2013) sobre transtornos mentais. Especificamente, pretende-se verificar qual foi a metodologia mais utilizada nos referidos resumos e comparar os resultados obtidos em cada anais. Metodologia: trata-se de uma revisão sistemática com dados quantitativos obtidos a partir dos supracitados anais. Foram incluídos os resumos que continham em seus títulos a nomenclatura de um ou mais transtorno mental segundo classificação do Manual de Diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR), que se encontravam nas modalidades pôster, comunicação livre, mesa redonda e simpósio. Os descritores/palavras-chave não foram incluídos porque não foram obrigatórios em algumas edições. Resultados: Os quatro anais obtiveram um total de 502 publicações, dos quais foram encontrados 45 resumos sobre transtornos mentais representando 8,96% do total de trabalhos, 15 tipos de transtornos foram encontrados classificados da seguinte forma: Fobia/Ansiedade Social 40%, (n=18); Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade 6,66%, (n=3); Síndrome de Asperger 4,44%, (n=2); Depressão 6,66%, (n=3); Transtornos Psiquiátricos 6,66%, (n=3); Transtorno Alimentar 2,22%, (n=1); Transtorno de Personalidade Histriônica 2,22% (n=1); Transtorno de Ansiedade 4,44%, (n=2); Transtorno do Desenvolvimento 2,22%, (n=1); Transtorno do Desenvolvimento e Asperger 2,22%, (n=1); Transtorno do Pânico 2,22%, (n=1); Transtorno Neurológico 2,22%, (n=1); Transtorno de Personalidade 11,11%, (n=5); Autismo 6,66%, (n=3). Houve um índice de 9,9% dos trabalhos sobre transtorno no primeiro anais, 11,84% no segundo, 9,9% terceiro anais e 6,13% quarto anais. Não houve prevalência de um transtorno específico no primeiro anais devido ao reduzido número de trabalhos, porém no segundo, terceiro e quarto anais os transtornos mais prevalentes foram respectivamente: Fobia/Ansiedade Social, Transtorno de Personalidade e Fobia/Ansiedade Social novamente. Quanto à metodologia, os métodos mais utilizados foram Correlacional (20%), Exploratória (17,77%) e Revisão Bibliográfica (17,77%). Mediante os dados os transtornos mais prevalentes foram respectivamente: Fobia/Ansiedade Social e Transtorno de Personalidade. Fobia social foi o único transtorno que esteve presente em todos os anais. A edição dos anais que mais apresentou trabalhos sobre transtorno mental fora o segundo, percebendo-se assim uma redução deste número nos anais seguintes. Conclusão: Mediante os aspectos abordados percebe-se uma grande aplicabilidade das habilidades sociais nos transtornos mentais uma vez que pode-se considerar o número de trabalhos abordando tal temática relativamente elevado levando-se em consideração que as habilidades sociais são aplicadas às mais diversas áreas. Cabe acrescentar que se fazem necessárias investigações que abordem a aplicabilidade das habilidades sociais em todos os transtornos mentais, visto que existem muitos trabalhos abordando apenas alguns destes. **Palavras-chave:** transtornos mentais, anais, seminário internacional de habilidades sociais.

PA-02 INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS COM PAIS DE CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO - Ana Paula de Oliveira, Gislaine Ferreira Menino Mencia, Vera Lucia Messias Fialho Capellini e Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues (Universidade Estadual Paulista, UNESP, Bauru - SP)

O desenvolvimento da área de habilidades sociais contribuiu de modo relevante para a compreensão das relações interpessoais. Em se tratando de crianças com altas habilidades ou superdotação, há poucos estudos que relacionam esses dois temas, sendo que alguns apontam a necessidade de treino de habilidades sociais com essas crianças e, também, a necessidade de apoio familiar, pois estes agem como fator protetivo e promotor de resiliência, sendo estes uns dos elementos fundamentais para o desenvolvimento das habilidades destas crianças. Este estudo teve por objetivos: 1) Identificar as habilidades sociais de crianças superdotadas, sob o ponto de vista de seus pais; 2) Dar orientações do tema para os pais; 3) Reavaliar, sob o ponto de vista dos pais, as habilidades sociais dos seus filhos após a orientação. Participaram deste estudo oito pais de alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, identificados com altas habilidades ou superdotação. Os pais foram divididos em dois grupos, os das crianças do 3º ao 5º ano, Grupo 1 e, os das crianças do 1º e 3º ano, o Grupo 2, utilizando o delineamento de Linha de Base Múltipla. Os pais responderam ao questionário Sistema de Avaliação de



Habilidades Sociais - SSRS, versão para pais, que é composto por cinco fatores: Cooperação, Amabilidade, Iniciativa/Desenvoltura Social, Asserção, Autocontrole/Civilidade e Autocontrole Passivo, antes e após a orientação. A orientação aconteceu em três encontros quinzenais na escola, com duração média de 50 minutos com os seguintes temas: 1º) Superdotação, 2º) Habilidades sociais e a importância do ambiente, 3º) Estratégias para desenvolver habilidades sociais nos filhos/alunos. Os encontros foram adaptados da cartilha informativa de orientação para pais e mães. Realizou-se a análise dos dados comparando os resultados do instrumento aplicado antes e após a intervenção para cada grupo. Os resultados demonstraram que o Grupo 1, composto pelos pais das crianças do 3º ao 5º ano, observaram aumento na frequência dos comportamentos habilidosos de seus filhos no fator “Asserção” e diminuição da frequência dos comportamentos nos outros quatro fatores logo após a intervenção. Após os dois meses de intervenção, observou-se que o fator “Asserção” continuou elevado, e houve aumento na frequência dos comportamentos do fator “Autocontrole/Civilidade”, sendo que permaneceu igual à frequência dos comportamentos dos fatores “Cooperação” e “Iniciativa/Desenvoltura social”, e diminuição no fator “Autocontrole Passivo” comparando-os com a primeira aplicação. Já no grupo 2 composto pelos pais das crianças do 1º e 3º ano, após a intervenção observaram que, comparando a primeira aplicação, houve aumento na frequência dos comportamentos do fator “Autocontrole/Civilidade”, e diminuição nos demais fatores. Comparando com a segunda aplicação houve aumento no fator “Iniciativa/Desenvoltura Social” e diminuição nos demais fatores. Embora todos os participantes tenham relatado resultados positivos na participação da formação no último encontro, observou-se pequenas mudanças na frequência das habilidades sociais dos filhos segundo os pais, uma hipótese que justifica isto pode ser que o tempo tenha sido insuficiente para o desenvolvimento dos módulos. Formações futuras poderão prever um maior número de encontros com os pais. (FAPESP) **Palavras-chave:** habilidades sociais, orientação a pais, altas habilidades ou superdotação.

PA-03 PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO E PROMOÇÃO DE EMPODERAMENTO EM ADOLESCENTES - Sheila Giardini Murta, Ana Aparecida Vilela Miranda, Karinne Bezerra Leissa, Lydia Galdino Veras, Karine Brito dos Santos, Eudes Diógenes Alves Cangussú e Rafael Alberto Moore (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Embora a temática da violência no namoro venha sendo investigada nos últimos anos, pouca atenção tem sido dada à sua prevenção. Estratégias de promoção do empoderamento, constituem uma possível modalidade de intervenção para prevenir a vitimização pela violência perpetrada pelo parceiro íntimo. Por empoderamento, entende-se o processo de transformação pessoal, em que as pessoas renunciam à dependência para se tornarem sujeitos mais ativos, que lutam por seus direitos e se tornam mais autônomos e autodeterminados. O presente trabalho teve por objetivo desenvolver e avaliar efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro sobre o empoderamento dos jovens participantes. Adicionalmente, buscou-se monitorar a satisfação dos participantes com a intervenção. Participaram do programa 29 alunos, voluntários, entre 13 e 17 anos de uma escola pública do DF, distribuídos entre dois grupos de intervenção: turma 1 (matutino, 15 participantes) e turma 2 (vespertino, 14 participantes). Foram incluídos participantes com ou sem experiência de relacionamentos amorosos prévios e com ou sem experiência de vitimização e perpetração de violência ao parceiro íntimo. Foram utilizados procedimentos interativos e informativos, conduzidos por graduandos em Psicologia, em nove sessões semanais, com cerca de 80 minutos. As sessões abordaram: tipos de violência no namoro, autorregulação da raiva e ciúme, assertividade, tomada de decisão, solução de problemas, busca por recursos na comunidade, empoderamento e direitos sexuais e reprodutivos. Os resultados foram avaliados por meio dos instrumentos de avaliação de dose recebida e satisfação do consumidor. O instrumento de dose recebida, usado ao longo do programa, questionava o que os adolescentes tinham praticado durante a semana (“O que você colocou em prática do ‘Programa de Habilidades de Vida’? Praticar é todo pequeno passo: pensar, desejar ou agir”). O formulário de satisfação do consumidor foi construído com os próprios adolescentes, com indicadores numéricos de satisfação e insatisfação para com a intervenção, além de uma parte para comentários. Os resultados qualitativos foram agrupados em 11 categorias correspondentes à definição adotada de empoderamento. Foram encontrados indicadores maiores para autoeficácia, capacidade de relacionamento, autonomia, autoconfiança, ao passo que os relativos a determinação pessoal, abertura para receber ajuda e mudar o próprio contexto, foram menores. Evidenciou alta satisfação com o programa, com médias acima de 6 em uma escala de 1 a 8, em todas as sessões. Foram relatadas 130 respostas que justificavam a resposta escolhida na Escala de Satisfação, agrupadas em seis categorias: interessante e divertido (31,5%), novas aprendizagens (17,7%), espaço para a expressão (16,1%), relação com os outros (13,1%), aplicabilidade na vida (10%) e outros (11,5%). Esses resultados sugerem que o programa foi percebido como aceitável pelos promotor de autoconsciência dos próprios direitos e forças. Contudo, a relação entre o empoderamento e a prevenção de vitimização por um parceiro violento ainda precisa ser mais investigada. Deste modo, são recomendadas



avaliações longitudinais para verificação de efeitos desta intervenção sobre a violência no namoro. **Palavras-chave:** prevenção, violência no namoro, habilidades sociais, empoderamento.

PA-04 DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS EM PROFESSORES: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - Anderson Siqueira Pereira, Luiza Habigzang e Silvia Helena Koller (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre - RS)

Habilidades socioemocionais, como a empatia, as habilidades sociais e a inteligência emocional, são uma importante ferramenta no sistema educacional e possuem grande influência na relação professores/alunos, podendo agir como um fator de proteção para a saúde de todos no contexto escolar. Observando isso, este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de intervenção para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais em professores. Dentro do contexto escolar, as habilidades sociais são importantes, pois é a partir dela que os professores irão apresentar suas aulas e mediar suas relações com seus alunos. Déficits nestas habilidades podem acarretar em aulas monótonas ou na dificuldade do professor em conseguir desenvolver com seus alunos uma relação satisfatória. A inteligência emocional tem o papel de auxiliar o professor a identificar suas próprias emoções, e assim encontrar a melhor forma de lidar com emoções como raiva, frustração, alegria e outras. Além disso, o reconhecimento de emoções nos demais pode auxiliá-lo a lidar com as emoções dos alunos da melhor forma, resolvendo problemas de relacionamento entre o professor e o aluno ou auxiliando na dificuldade de relacionamentos entre alunos. A empatia, por sua vez, pode auxiliar o professor a se colocar no lugar do aluno e poder entender melhor suas dificuldades, conseguindo adaptar sua maneira de ensino para melhor se adequar as características das turmas. Estas habilidades podem auxiliar o professor a lidar com as demandas exigidas pelas escolas na realização de suas tarefas como professor, auxiliando a adequar suas práticas de ensino e melhor a qualidade do seu trabalho. Além disso, professores com altos índices de habilidades socioemocionais desenvolvem melhores relações com seus alunos, criando e desenvolvendo vínculos mais fortes que podem resultar na criação de uma rede de apoio mais eficaz para estes alunos, fazendo com que os professores se tornem figuras de apoio e referência em situações difíceis. A partir disso, o Centro de Estudos Psicológicos CEP-Rua, em parceria com o Grupo de Pesquisa Violência, Vulnerabilidade e Intervenções Clínicas (GPevVIC) desenvolveu um programa de intervenção com o objetivo de desenvolver habilidades socioemocionais em professores. O programa possui 6 módulos (Lidar com Ansiedade e Estresse; Empatia; Redes de Apoio Social; Treinamento de Habilidades Sociais; Manejo de Emoções e; Habilidades Sociais Educativas) divididos em 15 encontros grupais nos quais é discutido o papel de cada habilidade socioemocional. Nos encontros é realizada a psicoeducação sobre a temática abordada em cada encontro e desenvolvidas técnicas vivenciais com o objetivo de desenvolver estas habilidades nos professores. Este programa foi aprovado no edital da CAPES “Programa de Apoio à Formação de Profissionais no Campo das Competências Socioemocionais”. **Palavras-chave:** professores, habilidades sociais educativas.

PA-05 TIMIDEZ: CONCEITO, ORIGEM E AVALIAÇÃO - Anneliza Soares de Sá (Universidade Federal de Goiás, UFG - GO)

O objetivo deste trabalho é apresentar a conceituação, as características, os sintomas, as causas, como as formas de identificação do constructo timidez. A apresentação da construção do conceito de timidez será feita através de uma análise de sua evolução e de seu significado, enquanto constructo ainda não muito bem definido dentro de literatura específica. De posse de um conceito minimamente definido, partiremos para a discussão das teorias etiológicas, ou seja, que originam o comportamento tímido, explorando a natureza biológica, social ou de aprendizagem das mesmas. Em seguida, indicaremos as principais formas de avaliação para a constatação da presença da timidez no indivíduo. E por fim, apresentaremos considerações relevantes acerca da importância de direcionar-se uma maior atenção à timidez, devido a seus sintomas psicológicos, somáticos e também sociais, sendo estes de bastante relevância para o próprio indivíduo tímido, para a sociedade em que vive e também para a saúde pública, como no caso da depressão, do uso de drogas e até mesmo do suicídio na adolescência relacionados à falta de habilidades sociais. Como preâmbulo podemos introduzir o termo timidez como referindo-se a um conjunto de reações, físicas e emocionais, que, isoladamente, podem ser atribuídas a diferentes síndromes ou patologias, o que prejudica sua exata definição terminológica e conceitual. É um constructo mal definido e não cientificamente acordado. Como principais sintomas tem-se os déficits de interação social; excesso de isolamento; inatividade, insegurança e inibição; padrões de ansiedade, medo, preocupações e pensamentos negativos diante de situações sociais e de possível avaliação; baixo conceito de si mesmo; alto nível de autoexigência e autocrítica; alta culpabilidade; e baixa afetividade consigo e com seus conviveres. Em relação às diversas teorias de origem, estas se dividem tendo a timidez como resultante de fatores



de predisposição, como temperamento, personalidade, antecedentes familiares ou predisposição genética; sendo o ambiente familiar como lugar propício para atenuar ou exacerbar esta condição ou fatores de aprendizagem, como se constituindo de respostas ao meio onde os indivíduos tímidos se desenvolveram e se desenvolvem. Em termos de avaliação para confirmação da timidez, os principais pressupostos devem se pautar na avaliação psicológica na infância, na avaliação da competência social em geral e avaliação das peculiaridades do comportamento tímido, contemplando a identificação do problema e a avaliação de seu grau, enquanto prejuízo social para o sujeito e o nível de seu mal-estar interno. Para além, faz-se de extrema importância uma séria pesquisa com foco na identificação precoce da timidez hereditária ou de um quadro familiar/escolar que possa instaurar ou propiciar o seu desenvolvimento em uma criança. A não intervenção preventiva, poderia ser considerada negligência, por parte de pais e profissionais da educação e da saúde. Dar mais importância à questão da timidez, ainda na infância, bem como pesquisar sua relação com antecedentes familiares, pode proporcionar maior equilíbrio psicológico na fase adulta dos sujeitos tímidos. **Palavras-chave:** timidez, habilidade sociais.

PA-06 ANÁLISE SOBRE O DÉFICIT NO REPERTÓRIO DAS HABILIDADES SOCIAIS – Byanca Eugênia Duarte Silva, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Francisca Marina Pereira Rolim, Francisca Maísa Maciel Gomes, Maria Mabel Nunes de Moraes e Ricardo Pereira da Silva (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB)

Habilidades Sociais refere-se a um repertório de comportamentos para atender diversas demandas do dia-a-dia, as quais propiciam a efetivação nos relacionamentos e uma satisfatória interação interpessoal. A aprendizagem e/ou aperfeiçoamento das habilidades sociais são processos naturais, regidos pela interação no cotidiano. Contudo, há fatores, como biológicos e ambientais, que influenciam e/ou levam a ineficácia nas habilidades sociais, acarretando problemas e prejuízos de competência social. Objetivo: Assim, o presente estudo objetiva descrever os fatores que podem causar danos ao repertório das habilidades sociais. Metodologia: Realizou-se uma pesquisa bibliográfica em artigos relacionados a causas de déficits nas habilidades sociais nas plataformas SCIELO e CAPES. Dentre as referências estudadas estão Del Prette & Del Prette (2002, 2005, 2011); Magalhães e Murta (2003); Ronzani, Lourenço e Aliane (2006); Branco e Ferreira (2006); Wagner e Oliveira (2007); Rodrigues (2008); Fonseca e Rondina (2009) e Silva (2011). Discussão: De acordo com estudos dos citados autores, várias causas são apontadas como estopim do Déficit em Habilidades Sociais, como conflitos interpessoais, timidez, má qualidade de vida, longos períodos de isolamento, perturbações cognitivas, problemas afetivos, educação superprotetora. Problemas psicológicos também podem levar a uma inabilidade nas habilidades sociais, como Fobia Social, esquizofrenia, hiperatividade, depressão, transtornos emocionais na infância e adolescência, transtornos afetivos, Transtorno de ansiedade, autismo. O abuso e dependência de substâncias psicoativas também podem gerar déficits nas habilidades sociais, bem como alcoolismo e tabagismo. Observa-se que os resultados encontrados podem estar relacionados a agravos em diversos aspectos das habilidades sociais como: aspectos comportamentais, relacionados a agressividade, condutas antissociais, bem como tendência a adotar comportamentos de risco e tendência a passividade; e aspectos sociais, como baixa de competência em resolver problemas e tomar decisões, dificuldade em defender seus direitos, falar de si, aceitar ou recusar críticas e/ou elogios, dificuldade de dizer não, dentre outros. Conclusão: Conclui-se, que a baixa competência social pode se manifestar por diferentes aspectos, como aspectos psicopatológicos, comportamentais e emocionais, que são expressos na forma de dificuldade interpessoal. Diante de todo aparato teórico, percebe-se que vários fatores podem influenciar para que ocorra os Déficits em Habilidades Sociais, gerando assim, um prejuízo para a vida de um indivíduo. A superação e/ou amenizar dos déficits das habilidades sociais requer um trabalho especializado no âmbito terapêutico ou educacional. Esse trabalho envolve intervenções, com técnicas, programas, procedimentos e estratégias que propiciam um aprendizado sobre as habilidades sócias, essa intervenção denomina-se Treinamento das Habilidades Sociais. Com base no Treinamento das Habilidades Sociais os déficits podem ser trabalhados garantindo uma aprendizagem, propiciando a superação e aprendizagem no repertório das habilidades sociais. **Palavras-chave:** habilidades sociais, repertório comportamental, déficit em habilidades sociais.

PA-07 A INFLUÊNCIA DO COMPORTAMENTO ASSERTIVO NO ESTABELECIMENTO DAS DAS RELAÇÕES SOCIAIS: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO - Byanca Eugênia Duarte Silva, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Francisca Marina Pereira Rolim, Francisca Maísa Maciel Gomes, Maria Mabel Nunes de Moraes e Ricardo da Silva Pereira (Faculdade Santa Maria - PB)

As Habilidades Sociais (HS) referem-se a um repertório de comportamentos sociais empregados pelos indivíduos nas suas relações interpessoais, os quais propiciam uma consolidação nos relacionamentos e probabilidade de reforço



social positivo. O homem é um ser social, portanto, as relações humanas estão intrinsecamente associadas à qualidade e a efetividade das interações que estabelece com as outras pessoas de forma bem-sucedida. Dentre estas habilidades, a assertividade, funciona como uma ferramenta chave para o estabelecimento de relações saudáveis e satisfatórias. O objetivo do trabalho foi identificar e caracterizar estudos sobre a influência da assertividade no estabelecimento de relações sociais adequadas ou satisfatórias. Para tal, realizou-se um levantamento bibliográfico a partir das bases de dados SCIELO e CAPES usando os seguintes descritores: “Assertividade”, “Habilidades Sociais” e “Relações Sociais”, nos quais 14 artigos foram escolhidos para embasar a pesquisa sob o critério de os mesmos serem apresentados na íntegra, escritos em português e que abordassem a relação dos descritores no resumo. Verificou-se assim, que as HS são comportamentos necessários para relações interpessoais efetivas, podendo estes comportamentos ocorrerem de forma satisfatória, ou seja, assertivamente, mas seu oposto, de modo passivo e/ou agressivo tendo resultados insatisfatórios. Comportar-se passivamente produz a violação de direitos, podendo gerar desconforto e incômodo tanto para o emissor quanto para o interlocutor, suscitando reações distintas em ambos. Comportar-se agressivamente propicia a defesa de direitos de forma incoerente, uma vez que viola o direito do outro. No comportamento assertivo, o indivíduo expressa os sentimentos, pensamentos e opiniões adequadamente, defende seus próprios direitos sem violar o direito do outro. Estudos mostram que uma dificuldade do comportamento assertivo está relacionada a situações em que é necessário lidar com emoções fortes. Destaca-se que, apesar de ser a forma adequada de interação, para comportar-se assertivamente, algumas pessoas necessitam de treinamento. Técnicas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS) demonstraram eficácia no enfrentamento de situações cotidianas, minimizando sentimentos insatisfatórios relacionados à agressividade e a tendência à passividade, que suscita incômodo, desconforto e ansiedade demasiada, proporcionando bem estar por meio de um novo repertório comportamental. Através do levantamento de literatura, verificou-se que a dificuldade inicial em emitir o comportamento assertivo é natural, porém quando praticada assiduamente propicia a melhora do repertório assertivo. Conclui-se que um fator crucial para o desempenho do comportamento assertivo é o autocontrole, que auxilia esse desempenho mesmo diante de situações que atingem o aspecto emocional, favorecendo uma socialização bem-sucedida. Apesar de a assertividade ser um comportamento adequado para se estabelecer uma relação satisfatória e saudável, percebe-se que não há garantia que conflitos interpessoais não aconteçam, mas comportando-se de forma assertiva é mais provável que o conflito seja resolvido de maneira harmoniosa. Considerando assim, que os comportamentos assertivos são, quase, universalmente vantajosos. **Palavras-chave:** habilidades sociais, assertividade, relações sociais.

PA-08 HABILIDADES SOCIAIS REQUIRIDAS AO PROFISSIONAL DE MARKETING - Camilla Nóbrega Cusatis Andrade Monica Franchi Carniello e Elvira Aparecida Simões de Araujo (Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté - SP)

A formação profissional muitas vezes inicia-se na universidade, fonte de competências para inserir-se no mercado de trabalho, e não somente os aspectos técnicos, mas também embasamentos humanitários e sociais são fundamentais para a formação do profissional do futuro. No entanto, alguns ambientes, ainda não tão explorados pela ciência e pesquisas no Brasil, limitam o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) a uma formação tecnicista. Isso acontece com a área de Marketing que sofre interpretações e inferências de outras áreas do saber como Administração de Empresas e Comunicação Social, pelo desconhecimento de sua dimensão, seus conceitos, ferramentas, sua aplicação no dia a dia e, principalmente, a não identificação das competências necessárias para o exercício da profissão, que acaba por levar o ensino a certo desprestígio, afetando sua qualidade, num círculo vicioso. Por isso, o objetivo desse trabalho é analisar perfis de competências (conhecimentos, habilidade e atitudes) que auxiliem na formação profissional, com enfoque nas habilidades sociais. Um estudo de campo, de abordagem qualitativa, foi realizado por meio de entrevistas com executivos de mercado, o qual levantou informações com profissionais da área para que se pudesse ter uma visão das necessidades e possibilidades de aplicabilidade nas Instituições de Ensino Superior. Os executivos refletiram sobre a falta de profissionais habilitados para preencher as vagas do mercado, sendo unânime a visão acerca da necessidade de melhorar a formação do egresso. As competências identificadas foram subdivididas em 3 categorias: Conhecimentos Administrativos, Habilidades Gerenciais, Habilidades Sociais. No tocante as Habilidades Sociais destacam-se: Capacidade de se Relacionar; Observador; Curioso; Boa Comunicação; Estar Bem Informado; Atento; Liderança; Trabalhar em Equipe; Saber Delegar; Visionário; Criativo; Inovador; Melhor Qualificado; Respeito às Pessoas; Identidade com a Empresa e Integridade. As habilidades sociais certamente devem ser aplicadas dentro da formação profissional, por meio de direcionamento nas disciplinas ou até mesmo no exercício prático do curso. Essa visão pode ser desenvolvida por projetos pedagógicos que precisam integrar as dimensões do saber/fazer/ser e assim serem comprometidos com o exercício da profissão e atentos às necessidades do mercado de competitividade, produtividade e inovação. A conclusão desse estudo dirige-se para uma descrição das competências necessárias no contexto do Marketing atual cujo exige-se um profissional polivalente; que tenha uma visão abrangente; seja um



agente de transformador de mudanças; que tenha conhecimento profundo em finanças e tenha foco em rentabilidade, seja hábil no tratamento de dados e na sua transformação em informações; sensível na captura de tendências e comportamentos; habilitado para atuar em atividades de diferentes áreas; possua sólida formação teórico-prática; visão para avaliação conjuntural, de cenários e organizações; e, principalmente, que esteja preparado para revolução digital que está alterando as formas de relacionamento com os clientes. Isso demonstra a preocupação no desenvolvimento de competências mais generalistas e com capacidade para atuar em toda a organização. Certamente, isso auxiliará as IES a proporem novos projetos pedagógicos com mais qualidade e mais alinhados com as necessidades do mercado e com solidez profissional para os desafios futuros. **Palavras-chave:** marketing, competências, educação.

PA-09 ACABOU, E AGORA? DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIAIS APÓS O TÉRMINO DE UMA RELAÇÃO AMOROSA
- Clarice Alves de Almeida Beckmann, Lílian Oliveira Silva e Aline Hisako Vicente Hidaka (Universidade de Brasília, CAEP/UnB, Brasília - DF)

É recorrente a dificuldade de muitas pessoas em superar o término ou aceitar o fim de uma relação amorosa já reconhecida como insustentável, permanecendo em relacionamentos amorosos falidos pela existência de barreiras psicológicas para o término, como dificuldades em ficar só, ideia de que não conseguirá iniciar outro relacionamento, culpa/ responsabilização por fazer o companheiro sofrer com a separação, dificuldade em reestruturar a vida sem o companheiro, entre outras. Pode-se comparar o término de um relacionamento ao processo de luto, no qual há uma perda, real ou imaginária, e a pessoa enfrenta diversas fases de forma não linear, como a negação, raiva, barganha e tristeza profunda, até a aceitação. A partir da observação da prática clínica no CAEP, foi constatado que a temática da dificuldade em terminar relacionamentos é recorrente e está ligada a um déficit em habilidades sociais conjugais, como habilidade para ouvir o cônjuge de forma não defensiva e empática, habilidade em resolver problemas, habilidade de se observar e observar o parceiro (automonitoramento), habilidade de expressar sentimentos positivos, habilidade para comunicar seus sentimentos e pensamentos de forma assertiva, além de habilidades que denotem cortesia, delicadeza e gentileza. Assim, propõe-se a implementação de um grupo psicoeducativo de mulheres com dificuldades em terminar um relacionamento amoroso. De abordagem predominantemente analítica-comportamental, o grupo será fechado, porém aceitará novos participantes até o segundo encontro, com até 15 mulheres maiores de 18 anos. Para verificar a compatibilidade com o perfil do grupo, além de explicar questões sobre o funcionamento e conhecer as expectativas das integrantes do grupo, essas mulheres participarão de uma prévia entrevista individual com os facilitadores. Nos 12 encontros propostos, serão trabalhados temas como habilidades sociais (dar e receber feedback, dizer não, ser assertivo, entre outros), autoestima, rede de apoio, ciclo de violência, autoimagem, planejamento de vida e ciúmes. No intuito de investigar a relação dessas mulheres com as habilidades sociais, serão aplicados o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC-Villa & Del-Prette) e escalas de automonitoramento, além de dinâmicas e checklists. Após os 12 encontros, serão feitas duas sessões de follow-up, após 3 e 6 meses, para verificar se e como as habilidades aprendidas foram postas em prática. A partir desse projeto de condução de um grupo psicoeducativo, espera-se que as mulheres com dificuldades de terminar um relacionamento amoroso possam elaborar e simbolizar o luto amoroso, assim como desenvolver habilidades para superação de tais questões e desenvolver relações futuras mais saudáveis. Assim, objetiva-se contribuir para um aumento do bem-estar da comunidade. **Palavras-chave:** término de relacionamentos, habilidades sociais conjugais.

PA-10 O USO DA FERRAMENTA MY WORD NO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS COM PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA - Mariani da Costa Ribas do Prado, Dagmar Venturini Marques Abramides e Deborah Viviane Ferrari (Universidade de São Paulo - Faculdade de Odontologia de Bauru - SP)

O presente trabalho tem como objetivo descrever a proposta de adaptação de uma ferramenta denominada “My World”. Tal ferramenta será utilizada em um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas com pais de crianças com deficiência auditiva. Este Programa tem por finalidade assessorar os pais em um conjunto de ações educativas requeridas para identificar e manter os comportamentos desejáveis dos filhos, e também em estratégias eficazes para ensinar comportamentos relevantes. Participarão aproximadamente 20 pais, sendo 10 no grupo controle e 10 no grupo experimental. Estes últimos frequentarão em torno de 12 sessões com duração de 60 minutos cada. Os procedimentos serão organizados em etapas e módulos: Etapa 1 – Adaptação da ferramenta “My World”, Avaliação pré-intervenção e Contrato; Etapa 2 – Seleção dos comportamentos-alvo e estabelecimento de critérios para a sequência do programa; Etapa 3 – Entrevista devolutiva e definição final dos comportamentos-alvo; Etapa 4 – Programa de Intervenção Instrucional-Vivencial, que compreende três módulos (sensibilização; habilidades sociais cotidianas;



habilidades sociais educativas); Etapa 5 – Avaliação pós-intervenção; Etapa 6 – Avaliação de seguimento. A ferramenta “My World” foi elaborada pelo Ida Institute. Este instituto tem como missão a compreensão das dinâmicas psicossociais associadas à deficiência auditiva, por meio de métodos de cuidado centrados no paciente. Esta ferramenta é formada por três cenários diferentes (sala de aula, casa e área ao ar livre) e personagens que aludem à família, escola e amigos. Cartões com ícones que expressam sentimentos positivos e negativos também são utilizados. Ao manipular os cenários e personagens, pode-se descrever os sucessos e os desafios de comunicação e exteriorizar os sentimentos, de forma concreta e não ameaçadora. Desta forma, o profissional pode, juntamente com a criança, formular estratégias para lidar com os desafios. O “My World” vem sendo utilizado com sucesso na clientela infanto-juvenil da Clínica Escola para a reabilitação auditiva, do Departamento de Fonoaudiologia - Faculdade de Odontologia de Bauru - Universidade de São Paulo. Pretende-se adaptar esta ferramenta a pais de crianças com deficiência auditiva para permitir que, de uma maneira mais concreta e numa linguagem mais simplificada, avaliem-se as habilidades parentais em diferentes ambientes, como o envolvimento, tipo de monitoria, presença de estresse e recursos de enfrentamento nas diferentes situações a partir da manipulação dos componentes, criando-se as cenas do dia-a-dia e descrevendo a comunicação entre as díades pai/mãe-filho. O My Word adaptado para pais será utilizado principalmente durante o módulo 3 da etapa 4 (habilidades sociais educativas). Para tanto, serão elaborados, a partir dos ambientes contidos na ferramenta, os seguintes cenários: casa, escola (local de reuniões de pais e professores e área onde os pais deixam e buscam seus filhos) e um ambiente livre que será customizado pelos próprios pais. Os personagens (pais, filhos, amigos, outros familiares, etc.) atuarão nesses cenários. Por meio de tal ferramenta visa-se levar os pais a refletirem sobre seus comportamentos frente à deficiência auditiva de seu filho em diferentes ambientes e contribuir para aperfeiçoamento e desenvolvimento das habilidades sociais educativas. **Palavras-chave:** deficiência auditiva, habilidades sociais educativas parentais, ferramentas educativas.

PA-11 A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO ANIMADO NA PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE CIVILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA - Daiane Natália Polatto e Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP)

A presente proposta integra parte de uma experiência de intervenção no Estágio Supervisionado em Processos Educativos. De acordo com a literatura, as Habilidades Sociais, de um modo geral, relacionam-se com a capacidade dos seres humanos em estabelecer vínculos interpessoais, os quais farão parte do suporte social e emocional no decorrer da vida. No processo psicossocial infantil, a criança se desenvolve a partir da interação com o ambiente em que está inserida, representando os conceitos aprendidos por meio de atitudes e comunicação no seu cotidiano. Especificamente, as Habilidades Sociais de Civilidade transparecem por meio de regras de conduta assertivas que são transmitidas e analisadas culturalmente, tornando-se um fator essencial para inserção e participação da criança na sociedade. A Civilidade se refere à produção de palavras que demonstram formas de gratidão, partilha, favor, saudação e despedida, regras primordiais existentes na formação da competência social. Há evidências eficazes de que os desenhos animados contribuem para o desenvolvimento da civilidade infantil, pois a criança passa a elaborar sua identidade com base na exploração de papéis que a correlação entre a ficção da animação e realidade proporciona, instigando também, a exploração de outras classes de habilidades, que em conjunto com a civilidade, combinam o desvendar de fatores positivos na comunicação e interação para uma trajetória social saudável na fase adulta. A relação interpessoal expressa no desenho já é capaz de incentivar a criança telespectadora em seu próprio desenvolvimento de civilidade, pois, por intermédio da imitação e projeção ela leva o contexto assistido a sua própria vivência. Baseado nisso, o objetivo desta atividade foi utilizar o recurso midiático do desenho animado na promoção das Habilidades Sociais de Civilidade de crianças. Participaram 35 alunos, 16 do Jardim I e 19 do Jardim II com idade entre 4 e 5 anos de uma escola pública do interior do estado de São Paulo, divididos em dois grupos de acordo com o nível de escolaridade. O episódio “Crítico é Fácil” do desenho animado “Meu Amigãozinho”, foi selecionado como referência para o estudo, pois abrange influências positivas para o contexto infantil, ensinando o valor cultural e moral das situações, valorizando amizades, incentivando a interação social e buscando o uso de regras básicas de educação por meio do lúdico. A atividade foi dividida em três sessões, uma para transmissão do desenho e apontamentos iniciais das crianças, outra para discussão e argumentação sobre o tema e uma terceira sessão para retomada do episódio e fechamento da atividade. Nesse estudo de campo, de caráter qualitativo, foi verificado, por meio do feedback das crianças, o aprendizado quanto a críticas recebidas e realizadas pelos colegas, por intermédio da imaginação, reforçando o que já era esperado sobre a importância na utilização de recursos disponíveis no cotidiano da criança. A exploração de conceitos sociais e emocionais através do desenho animado é fundamental para o processo de desenvolvimento psicossocial infantil. Evidencia-se a necessidade em estender esse trabalho, no sentido de incentivar e ensinar pais e professores, enquanto agentes educativos, a promoverem as habilidades sociais nas crianças utilizando os recursos midiáticos. **Palavras-chave:** civilidade, desenho animado, habilidades sociais.



PA-12 RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS E HABILIDADES SOCIAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA - Francisca Daniella Araruna Tavares, Silvana Queiroga Da Costa Carvalho, Byanca Eugênia Duarte Silva, Francisca Maisa Gomes Maciel e Verônica Gomes Anacleto (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB)

A família e a escola são instituições compreendidas como responsáveis pelo desenvolvimento da educação de práticas socialmente aceitas dos sujeitos, mas para tal é necessário que ambas tenham uma comunicação e participação comprometida no desenvolvimento desses sujeitos. As práticas educativas podem ser compreendidas como estratégias utilizadas para a promoção e adequação de comportamentos socialmente desejáveis. Nesse sentido, Habilidades Sociais refere-se a um conjunto de comportamentos no repertório do indivíduo para o manejo adequado das demandas das interações sociais. O presente trabalho teve, como objetivo, investigar os estudos que contemplem a área das Habilidades Sociais (HS) envolvendo as práticas educativas, identificando a temática e o público alvo. Para isso realizou-se uma revisão de literatura do tipo bibliométrica, utilizando-se uma reconhecida base de dados, a partir dos descritores: habilidades sociais e práticas educativas, nos últimos doze anos. Foram encontrados oito artigos, dos quais 90% tem direcionamento das HS nas práticas educativas para pais. Sendo que os principais temas abordados nessas pesquisas foram à expressão de sentimentos, imposição de limites e práticas parentais. Apenas 10% dos artigos encontrados trabalham os professores com foco nas HS e as práticas educativas. Esses dados apontam que a família é o principal público responsável pelas práticas educativas. A família é entendida como a base do sujeito, onde deve acontecer o enfrentamento dos limites, a expressão dos sentimentos e onde pais são responsáveis por práticas parentais educativas. Porém, muitas vezes o núcleo familiar não assume esta responsabilidade, a qual acaba recaindo sob a escola, que muitas vezes não dispõem de profissionais preparados para lidar com o alunado com problemas de comportamento, considerando, que a escola necessita de parceria da família para realizar o seu trabalho. Assim, a literatura evidenciou que a ausência de limite, de afetividade e de estratégias educativas são apontadas como fatores que podem desencadear problemas no comportamento. Mostrou ainda que há pouco material no banco de dados da SciELO relacionado ao envolvimento da comunidade escolar e as HS nas práticas educativas, evidenciando que é necessário mais pesquisas nessa área. **Palavras-chave:** práticas educativas, habilidades sociais, escola, família.

PA-13 HABILIDADES SOCIAIS: COMO UMA IMPORTANTE FERRAMENTA FRENTE AO PROCESSO DE REABILITAÇÃO POR DEPENDÊNCIA QUÍMICA EM ADOLESCENTE - Francisca Daniella Araruna Tavares, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Francisca Maisa Maciel Gomes e Verônica Gomes Anacleto (Faculdade Santa Maria-PB)

O desafio da dependência química na atual conjuntura tem sido vivenciado com frequência na adolescência, etapa marcada por um período de mudanças, conflitos, emoções e necessidade de integração social. A finalidade deste estudo consiste em discutir o papel das habilidades sociais frente ao processo de reabilitação por dependência química no período da adolescência. O caminho percorrido esteve fundamentado na revisão bibliográfica. A dependência química na contemporaneidade compõe um problema de saúde pública e ocupa a posição de maior incidência de transtorno psiquiátrico, estando associado a confrontos familiares, sociais e de saúde. Destarte, a adolescência vem sendo reconhecida como uma fase em que ocorrem déficits em habilidades sócias (HS). Sendo compreendidas como um conjunto que engloba o desempenho anunciado pelo indivíduo diante das exigências de uma situação interpessoal. Contudo, à falta de habilidade em lidar com situações sociais cotidianas, podem suscitar aspectos comportamentais e cognitivos: dificuldades em estabelecer e manter vínculos, em transmitir e receber críticas, baixo senso analítico, resistência em seguir regras, respeitar limites, expressar sentimentos positivos, baixa tolerância a frustrações, inabilidade em reconhecer e enfrentar situações de risco, dizer não a si e aos outros, principalmente no que compete a recusa de drogas. Para tanto evidenciou-se que as habilidades sociais podem compor um fator de prevenção ao consumo de substâncias ilícitas, outrora considerando que o comportamento hábil socialmente facilita a expressão de sentimentos, atitudes, desejos, opiniões e direitos de maneira assertiva visando minimizar o sofrimento intrínseco e para os demais, com isso facilita a recusa de drogas. Pode-se concluir que, as habilidades sociais promovem uma evolução interpessoal desde que seja trabalhada no seio familiar ainda na infância que perdurando para a adolescência contribui com um planejamento de estratégias de promoção ao uso abusivo e a reabilitação por drogas psicoativas. Assim as Habilidades Sociais enquanto ferramenta contribui com o ajustamento de comportamentos adaptativos ao meio social, diminuindo nível de agressividade, angustias e ansiedade, sintomas depressivos, baixa autoestima possibilitando o amadurecimento desses indivíduos e o futuro desenvolvimento de transtornos psicológicos. **Palavras-chave:** habilidades sociais, dependência química, adolescente.



PA-14 BELEZA ENCOBERTA- AS VICISSITUDES DA DOR EMOCIONAL - Dilma Dias Guimarães (Núcleo de Psicologia da Policlínica da Polícia Civil do Distrito Federal - DF)

Estudo de caso baseado em atendimento psicológico individual realizado na Policlínica da Polícia Civil do Distrito Federal com a utilização da técnica de movimentos oculares de dessensibilização e reprocessamento – EMDR, por meio de protocolo clássico (oito fases). O atendimento foi iniciado no dia 25/7/2012 na perícia social, sendo encaminhado à psicologia para primeira sessão no dia 31/7/2012 e à psiquiatria no dia 20/8/2012, perfazendo um total de 30 (trinta) sessões de psicoterapia, onde aproximadamente 22 (vinte e duas) sessões foram realizadas com a utilização da técnica EMDR. O EMDR, segundo David Grand, utiliza movimentos bilaterais (MBL). Movimentos oculares feitos da esquerda para a direita e da direita para a esquerda têm efeitos fisiológicos e psicológicos, e são conhecidos há bastante tempo. Hipnotizadores, às vezes, usam esses movimentos como auxiliar na indução de um estado de transe. De fato, quaisquer movimentos bilaterais, não apenas os oculares afetam o cérebro, estimulando-o, relaxando-o ou libertando-o de ansiedade e estresses. O servidor, objeto de estudo, teve como hipótese diagnóstica episódio depressivo moderado com sintomas psicossomáticos e as queixas apresentadas foram: insônia, transtorno alimentar, taquicardia, estado febril constante, isolamento social e desmaios. Ele chegou à psicologia em sofrimento psíquico, com dificuldade em extravasar os sentimentos com conotação negativa para o meio exterior, interiorizando-os, e aparecendo também como sintomas físicos. O seu limite à frustração encontrava-se extrapolado, fazendo-o sofrer e se desequilibrar internamente. Apresentou-se cabisbaixo, escondendo a face por meio de um boné, com postura encurvada, humor rebaixado, tristeza e desmotivação. Relatou sentir-se injustiçado com o tratamento policial, bem como teve dificuldade de adaptação a sua lotação de trabalho. Foram realizadas sessões de EMDR objetivando amenizar seu sofrimento psíquico e depois projeção para o futuro com o intuito de ele aceitar com tranquilidade uma nova lotação. Servidor foi realocado e houve uma melhora em seu quadro clínico, caminhando para processo de alta. O trabalho com o EMDR foi imprescindível, concomitante com a mudança de lotação e tratamento medicamentoso, fatores que contribuíram para que os sintomas psicossomáticos apresentados fossem minimizados e elaborados, permitindo que o servidor conquistasse um bom relacionamento interpessoal em seu novo ambiente de trabalho. A utilização do EMDR foi essencial para que ele enfrentasse esse novo local sem receio, se permitindo fazer amizades e conseguindo ver as pessoas sob outra ótica, bem como fortalecendo suas emoções positivas. Após um mês em sua nova lotação e depois de ter voltado às atividades normais, começou a sair com os amigos e familiares e iniciou um namoro, melhorando sua afetividade e autoestima, comprovando com isso a hipótese levantada em relação à utilização da técnica EMDR.

Palavras-chave: EMDR, depressão, sofrimento psíquico.

PA-15 TRIANGULAÇÃO FAMILIAR – CASO DE AMOR OU ÓDIO? - Dilma Dias Guimarães e Iran Lima de Aragão Filho (Polícia Civil do Distrito Federal - DF)

O objetivo deste artigo é fazer uma análise e exposição de um caso clínico realizado em um atendimento familiar com abordagem sistêmica. O atendimento foi realizado por um casal de terapeutas, onde um funcionava como terapeuta e o outro como coterapeuta. Os profissionais envolvidos estavam sempre em interação quanto ao caso em estudo. O atendimento ocorreu em uma instituição pública de Brasília, perfazendo um total de 15 (quinze) sessões de psicoterapia quinzenais. Os sujeitos eram um Servidor Público de Brasília, uma dona de casa e uma filha de onze anos. A família, objeto de estudo, chegou ao Núcleo de Psicologia da instituição, em sofrimento psíquico, com dificuldade de interação, sem saber o que fazer e a ponto de uma separação conjugal. O limite de frustração encontrava-se extrapolado, fazendo-os sofrer e se desequilibrarem internamente, refletindo esses comportamentos no sistema familiar como um todo. Na narrativa do casal ficou evidente a importância que ambos davam aos desejos da filha e as imposições desta perante a família. Eles ressaltaram que a filha mandava em ambos e que discutia com eles de igual para igual, sem ficar evidente a questão de quem era a autoridade no lar. O núcleo familiar vivia uma relação diádica, com formação de pares paralelos, resultando na supervalorização das relações afetivas do genitor sobre a filha, desvalorização da relação conjugal, troca de papéis, relações conjugais desgastadas com agressões físicas, psicológicas chegando a Boletim de ocorrência policial - Lei Maria da Penha. A intervenção terapêutica culminou em uma mudança nas funções dos membros da família, na definição dos papéis com o fortalecimento das fronteiras que permitiu uma readaptação e desenvolvimento saudável do sistema familiar. O trabalho com a família em uma abordagem sistêmica foi imprescindível, pois quando um membro modifica suas atitudes, o restante da família muda de acordo com o ritmo determinado. A utilização da terapia familiar permitiu que o membro enfrentasse seus papéis com normalidade, sem receio, fortalecendo suas emoções positivas. Eles conseguiram sair da posição diádica, em que os pares não conseguiam interagir com o terceiro membro para finalmente se consolidar na relação triádica positiva, reorganizando assim, o sistema familiar. Então, a mudança nas funções dos membros da família, na definição dos papéis, permitiu que o



sistema se adaptasse e que as relações se desenvolvessem de maneira saudável. A reorganização dos papéis permitiu que essa família estabelecesse laços mais tranquilos e que cada membro pudesse se posicionar em sua função própria, reestruturando o sistema familiar. Após as sessões de psicoterapia familiar o processo foi arquivado e a família redefiniu os papéis de cada membro e formou-se a triangulação, obtendo a homeostase no núcleo familiar sistêmico.

Palavras-chave: família, sistêmica, triangulação.

PA-16 AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO DE DÉFICITS DE HABILIDADES SOCIAIS EM PACIENTES ATENDIDOS NA FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS - Diogo José Góes de Araújo, Neuraci Gonçalves de Araújo (Instituto Minerva de Educação Avançada, IMEA - SE) e Ilana Figueiredo Brandão (União Metropolitana de Ensino e Cultura, UNIME - BA e Faculdade Santíssimo Sacramento, FSS - BA)

No processo de formação de terapeutas cognitivo-comportamentais, é importante que as capacidades de identificação de déficits de habilidades sociais e da apropriada intervenção para sanar estes déficits sejam desenvolvidas, pois tais deficiências estão diretamente relacionadas a situações de conflitos interpessoais e desadaptação social, tornando-se fatores promotores de diversas condições crônicas de sofrimento psicológico. O objetivo deste estudo, ainda em andamento, é descrever como terapeutas estagiários de um curso de especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental avaliaram as habilidades sociais e conduziram intervenções junto às mesmas no contexto clínico. A amostra foi composta por 20 terapeutas estagiários, e foram selecionados os casos de 49 pacientes de um total de 70 acompanhamentos. A coleta de dados foi realizada através da consulta dos relatos escritos das sessões, que são prontuários detalhados de cada sessão para fins de supervisão. Os critérios de seleção dos casos foram: a) pacientes maiores de 12 anos, para manter uma maior uniformidade nos critérios de avaliação e intervenção, evitando-se as peculiaridades de desenvolvimento na infância, principalmente no aspecto da linguagem; b) casos com dez sessões realizadas ou mais, definido como um tempo mínimo necessário para se realizar algum tipo de avaliação e intervenção; c) casos que apresentaram algum indício de déficit em habilidades sociais nas três primeiras sessões, número estabelecido para garantir tempo hábil para a avaliação e manejo das habilidades sociais em acompanhamentos de menor duração. Foi considerado como indício de déficit em habilidades sociais qualquer referência no relato de sessão a comportamentos do paciente que apontassem para dificuldades em algum dos fatores do Inventário de Habilidades Sociais: “Enfrentamento com risco”, “Autoafirmação na expressão de afeto positivo”, “Conversação e desenvoltura social”, “Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas” e “Autocontrole da agressividade a situações aversivas”. Será observado nos casos selecionados se os terapeutas discriminaram os déficits de habilidades sociais em seus pacientes; se utilizaram para a avaliação das habilidades sociais instrumentos padronizados ou não; se o desenvolvimento das habilidades sociais foi uma meta no processo terapêutico, implícita ou explicitamente; se foi estabelecido um programa sistemático de treino de habilidades sociais ou procedimentos pontuais. Até o momento da submissão deste resumo, já foram analisados 9 casos de 3 terapeutas, e em nenhum deles foi utilizado instrumentos padronizados de avaliação. Também em todos estes casos, não houve uma descrição explícita da necessidade de intervenção junto às habilidades sociais, mas em cinco casos, exercícios de promoção de habilidades do fator “enfrentamento com risco” foram realizados. **Palavras-chave:** habilidades sociais, avaliação de habilidades sociais, treino de habilidades sociais.

PA-17 A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ESTABELECIMENTO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA PARA O ATENDIMENTO DE UM CASO DE DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL - Eline Prado Santos Feitosa (Instituto Minerva de Educação Avançada, IMEA, Aracaju - SE) e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF e Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF)

No processo terapêutico, a simples aplicação de técnicas não é suficiente para a obtenção de resultados positivos. Um fator importante é a relação terapêutica, que sustenta a possibilidade de resultados significativos no processo de mudança dos pacientes. Para o estabelecimento de uma relação terapêutica considerada adequada o profissional deve ser habilidoso socialmente no contexto clínico. Ainda que exista a possibilidade de desenvolvimento das habilidades sociais (HS) ao longo da vida, é preciso aprender as habilidades que respondem à demanda da situação específica, bem como a articulação entre elas para que se tenha um desempenho social adequado no contexto clínico. O objetivo deste trabalho é apresentar as habilidades sociais necessárias ao terapeuta no atendimento de um caso de dependência de álcool e cigarro. No caso atendido, a paciente tem 39 anos, mora com as duas filhas adolescentes, está separada há oito anos e fuma desde os 19 anos de idade. Seus problemas com o álcool começaram após o surgimento de problemas conjugais e se agravaram após o término do relacionamento. Em função do alcoolismo, a paciente foi internada em



clínicas psiquiátricas seis vezes. No início do atendimento psicológico a principal queixa foi a falta de confiança existente no relacionamento com as filhas. Nas primeiras sessões, a paciente demonstrou desconfiança em relação à terapeuta, falta de credibilidade no sucesso terapêutico e a associação dos problemas a causas espirituais. Além disso, não foram relatados os problemas com álcool, apenas a dependência ao cigarro e as dificuldades com as filhas. Tais aspectos dificultaram o estabelecimento da relação interpessoal adequada e eliciaram sentimentos de frustração e de incompetência na psicóloga, reforçados pelas recaídas constantes e pela percepção de falta de resultados positivos, que por sua vez, favoreciam a desmotivação para a continuidade do atendimento de ambas as partes. Na tentativa de retomada do processo terapêutico, a psicóloga precisou refletir sobre sua função na relação estabelecida, proporcionando uma mudança de postura e de intervenção. Desta forma, os comportamentos adequados passaram a ser reforçados, com um acordo semanal para o cumprimento de pequenas metas passou a ser estabelecido a cada sessão e a relação terapêutica integrou um dos assuntos de trabalho durante algumas sessões. Este processo favoreceu a confiança, a motivação e o encorajamento para a mudança. Para que isto fosse possível, a psicóloga precisou estabelecer a comunicação terapêutica baseada na civilidade e empatia. Além disso, foi preciso solicitar mudanças de comportamento, dar e pedir feedback, estabelecer a tomada de decisão e resolução de problemas conjuntamente. A partir de então, a questão da dependência passou a ser o principal foco de trabalho. Acredita-se que a mudança de postura da terapeuta permitiu o uso das HS de maneira adequada, o que favoreceu o alcance de metas, como: o resgate da confiança dos familiares, a melhora no relacionamento com as filhas, a diminuição da ocorrência de lapsos de memória, o reconhecimento das situações de vulnerabilidade, a identificação de pensamentos disfuncionais, controle do impulso e da fissura, bem como a adesão ao tratamento psiquiátrico. **Palavras-chave:** HS profissionais e terapêuticas, dependência de álcool, relação terapêutica.

PA-18 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE HOMENS COM TRANSTORNOS ALIMENTARES - Felipe Augusto de Lima Souza, Rosa Guedes e Raphael Cangelli Filho (Faculdade de Medicina da USP, IPQ/HC FMUSP- SP)

As habilidades sociais são repertórios de comportamentos aprendidos de forma natural por meio das relações sociais cotidianas, sendo moldadas as classes de respostas de acordo com as experiências sociais. Considerando que nem todas as pessoas têm modelos favoráveis ao desenvolvimento de habilidades sociais, pode ocorrer o surgimento de comportamentos inadequados (déficits) que impactam de forma negativa nas relações interpessoais, qualidade de vida e competência social. Atualmente, observa-se que pacientes psiquiátricos tendem a apresentar dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos significativos ou cumprirem papéis sociais. Este trabalho teve como objetivo avaliar o repertório das habilidades sociais de homens com transtornos alimentares para elaboração de programas ambulatoriais mais efetivos no tratamento psicossocial. A amostra foi composta por 10 pacientes diagnosticados com transtorno alimentar, todos do sexo masculino, idade entre 18 a 40 anos que fazem tratamento multidisciplinar (Psicólogos, Psiquiatras e Nutricionistas) no ambulatório do GAHTA - AMBULIM IPq HC FMUSP. O instrumento utilizado foi o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) que avalia o repertório social em diferentes situações e possíveis déficits nas habilidades sociais. No escore total do IHS-Del-Prette, 70% dos pacientes avaliados apresentam repertório abaixo da média inferior, havendo necessidade de Treino das Habilidades Sociais (THS) para ajustamento dos comportamentos inadequados. O comportamento mais comprometido nas relações sociais de homens com transtornos alimentares é a autoafirmação na expressão de sentimentos positivos (F2), estando todos os pacientes avaliados (n=10) com escores abaixo da média inferior e/ou na média inferior nesta categoria. A subclasse de comportamentos de auto-exposição a desconhecidos e situação novas (F4), é uma dificuldade comum apresentada por 90% dos pacientes, que geralmente se afastam socialmente das relações em decorrência das crenças associadas à sua suposta condição corporal, receio de serem julgados pelo peso e distorção cognitiva da imagem corporal. Essas esquivas sociais interferem no enfrentamento a situações interpessoais de risco (F1), sendo um déficit em 80% dos pacientes avaliados. No desenvolvimento social e conversação (F3), 60% dos participantes têm repertórios abaixo da média inferior. O autocontrole da agressividade em situação aversiva (F5), é uma das habilidades sociais importantes para construção de relações interpessoais mais saudáveis. Nesse escore, 60% dos pacientes apresentam repertórios abaixo da média inferior e 30% conseguem ter um bom controle da agressividade nas relações interpessoais. Conclui-se que nessa população clínica, existe a necessidade de inserção de treino das habilidades sociais para ajustamento de comportamentos inadequados nas relações sociais, principalmente na autoafirmação na expressão de sentimentos positivos, enfrentamento de situações interpessoais de risco, autocontrole da agressividade em situações aversivas e autoexposição a desconhecidos, contribuindo com o tratamento psicossocial de homens com transtornos alimentares, que geralmente recorrem a comportamentos de restrição, purgação e compulsão alimentar, quando existe frustração em situações sociais e sentem-se julgados por seu peso/corpo. (AMBULIM IPq HC FMUSP / OSEC-UNISA) **Palavras-chave:** habilidades sociais, avaliação e transtornos alimentares em homens.



PA-19 PROMOÇÃO DA ASSERTIVIDADE E AUTOCONFIANÇA A PARTIR DO TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS EM GRUPO – Francine Guimarães Gonçalves (Centro de Desenvolvimento de Habilidades Sociais, Porto Alegre - RS)

Uma questão que vem ganhando destaque na qualidade das relações interpessoais é o desenvolvimento de habilidades sociais. O ser humano necessita estabelecer relações com indivíduos e grupos ao longo de toda a vida, que lhe proporcionarão suporte social e emocional. O termo habilidades sociais refere-se aqueles comportamentos que fazem parte do repertório do indivíduo e que contribuem para atingir objetivos e lidar de forma adequada nas mais diversas situações interpessoais. O treinamento em habilidades sociais pode conduzir à ampliação de estratégias comportamentais e melhorar a competência social. O treinamento realizado em grupo é uma importante ferramenta que aproxima indivíduos com dificuldades e necessidades semelhantes e oportuniza vivências que contribuem diretamente na mudança comportamental e cognitiva. Os objetivos deste estudo foram: (a) realizar um treinamento de habilidades sociais em grupo, visando à comunicação assertiva e a outros comportamentos mais apropriados; (b) promover mudanças cognitivas e comportamentais que levem a maior competência social; (c) oportunizar um ambiente seguro para expressão sentimentos e comportamentos adequados às demandas das interações grupais. Este programa foi oferecido a pessoas com idade mínima de 18 anos que sentiam necessidade desenvolver ou aperfeiçoar suas habilidades sociais. O treinamento foi realizado em modalidade semiestruturada e seguiu um programa teórico vivencial que incluiu, preliminarmente, a aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) cujos resultados orientaram adaptações ao programa básico e auxiliaram na definição das atividades de acordo com as necessidades do grupo. A carga horária de cada grupo foi de 24 horas. O grupo foi realizado em uma instituição de ensino de terapias cognitivas da cidade de Porto Alegre. Participaram do programa 175 indivíduos em 14 edições ao longo de 8 anos. Ao final de cada treinamento os participantes apresentavam uma comunicação mais assertiva, menor ansiedade de exposição e maior capacidade de expressar emoções positivas e negativas. Referem menos pensamentos autocríticos, menor autoexigência e significativa redução da ansiedade. A interação em grupo orientada favoreceu a exposição social segura, promovendo a melhora da comunicação verbal e não verbal e aumento da autoconfiança. A participação no treinamento em grupo semiestruturado mostrou-se uma intervenção altamente eficaz para a melhora das relações interpessoais em adultos, resultando em significativa redução da ansiedade, da evitação social e aumento da autoconfiança. A interação em grupo favorece a aprendizagem por meio dos diferentes modelos, e o feedback imediato corrige distorções cognitivas, possibilitando a mudança de padrões comportamentais disfuncionais. **Palavras-chave:** habilidades sociais, assertividade, autoconfiança.

PA-20 A MONITORIA EM PSICOLOGIA MÉDICA NO ENSINO DAS HABILIDADES SOCIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA - Guilherme Cunha dos Santos Teles e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama-DF)

A monitoria é um programa que integra os corpos docente e discente, além da instituição de ensino em questão. O monitor participa de atividades de ensino juntamente com o professor, é introduzido às questões da docência, e tem participação em pesquisa e extensão relacionadas à disciplina. Em geral, o monitor de uma disciplina já foi aprovado na mesma, com nota mínima de 80%, portanto é um aluno veterano diante dos colegas. O presente trabalho buscou analisar os benefícios e o resultado da experiência obtida pela atividade de monitoria da disciplina de Psicologia Médica. A disciplina possui duração de dois semestres, sendo que o segundo bimestre tem como ênfase o ensino de habilidades sociais. Um total de quatro monitores é convidado a participar das aulas, colaborando com a interação entre alunos e professor. Por ser realizada exclusivamente no contexto de sala de aula, o primeiro período do curso é estruturado com aulas teóricas, dinâmicas e recursos audiovisuais. Inicialmente são realizadas três aulas dialogadas e com uso de vídeos e slides sobre: a) estresse, coping e habilidades sociais; b) assertividade e; c) empatia. Nessas aulas, a função do monitor é exemplificar para os colegas situações vividas por ele nas quais o uso das habilidades em questão foi necessário, ou mesmo situações nas quais a falta de habilidades para lidar com o paciente foi evidenciada a falta das habilidades para lidar com o paciente. O mais interessante neste processo é que as situações relatadas pelos monitores, em geral, acontecem em atividades práticas de outras disciplinas pelas quais os alunos novatos irão passar. Em seguida são realizadas duas dinâmicas de comunicação, intercaladas por uma aula teórica: a primeira está ligada a identificação da comunicação verbal e não verbal e a segunda está focada na coleta de dados durante uma simulação de atendimento. Desta forma, nas dinâmicas o monitor deve participar ativamente no desenvolvimento de cenas seguindo as instruções: após cada grupo de alunos recebe uma situação em um contexto de saúde que deve ser representada para o restante da turma, utilizando-se apenas da fala, dos gestos ou de objetos. A turma deve observar e descrever o que aconteceu, as emoções expressas e o conteúdo das mensagens. Na segunda dinâmica o professor propõe uma situação na qual o aluno no papel de médico deve colher informações do aluno no papel de paciente. O



monitor ajuda os alunos na identificação das reações, lacunas e potencialidades da postura do aluno que representa o papel de médico na situação dada pelo professor. Além de serem atividades lúdicas, é possível observar como os alunos e monitores conseguem discriminar os vários canais da comunicação, os componentes envolvidos (emocional, cognitivo e comportamental), bem como conseguem ressaltar a importância de sua contextualização. Desta forma, acredita-se que a monitoria na Psicologia Médica favorece a sensibilização do monitor para a importância das habilidades sociais no estabelecimento da relação médico-paciente considerada adequada, bem como no desenvolvimento de um repertório socialmente habilidoso. **Palavras chave:** habilidades sociais, psicologia médica, monitoria.

PA-21 RELAÇÕES ENTRE APOIO SOCIAL, OTIMISMO E BEM-ESTAR SUBJETIVO: UM ESTUDO COM APOSENTADOS - Heren Nepomuceno Costa Paixão, Márcia Sumire Kurogi Diniz e Luane Rosa Soares (FAMA e Faculdade Anhanguera de Anápolis - GO) e Alessandro Gonçalves da Paixão (UniEvangélica e PUC/Goiás - GO)

Na busca pela compreensão dos fatores que influenciam o bem-estar do aposentado, o presente trabalho teve como objetivo primário analisar as relações entre apoio social, otimismo e bem-estar subjetivo dos aposentados. Para tanto, o estudo foi dividido em duas partes. A primeira explora os parâmetros conceituais acerca das teorias que compuseram a fundamentação teórica da pesquisa. A segunda refere-se ao estudo empírico propriamente dito e versa sobre as possíveis relações entre as variáveis. Os sujeitos selecionados para o estudo empírico foram aposentados que frequentavam um Centro de Convivência na cidade de Anápolis-GO. Os participantes, aposentados por tempo de serviço e com o ensino fundamental completo, foram convidados a responderem livremente escalas acerca do apoio social, do otimismo e sobre seu bem-estar na aposentadoria. Após a análise quantitativa dos dados, confirmou-se a hipótese primária de que o bem-estar subjetivo do aposentado está associado positivamente com o apoio social, porém, esta relação é bem melhor explicada quando mediada pelo otimismo. Assim, foi possível averiguar que o otimismo é o que faz a diferença no bem-estar subjetivo do aposentado. Espera-se, com este resultado, apreender melhor sobre o tema "Bem-estar na aposentadoria", além da possibilidade de desenvolver um conhecimento teórico e científico acerca deste fenômeno. **Palavras-chave:** aposentadoria, apoio social, otimismo, bem-estar subjetivo.

PA-22 HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DO USO DE DROGAS: UM ESTUDO DE REVISÃO - Jaluza Aimée Schneider, Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

As habilidades sociais (HS) têm se apresentado como um importante fator de influência no transtorno por uso de substâncias. A discussão sobre tal temática inclui a existência de HS como fator de proteção para o início do uso de substâncias, no qual déficits de HS caracterizam-se como fatores de risco na recuperação de usuário. Apesar da relevância das HS no contexto de uso de drogas, ainda se percebem divergências sobre sua relação. Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo foi analisar artigos nacionais e internacionais, sobre uso de drogas e as habilidades sociais dos últimos 10 anos. Para isso realizou-se uma revisão sistemática de estudos nacionais e internacionais, sobre habilidades sociais e drogas. As buscas foram realizadas a partir da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e da Scientific Eletronic Library Online (SciELO), durante o período de maio e junho de 2014, com os descritores: "social skill*" AND drug*, "habilidades sociais" AND droga*, "habilidades sociales" AND droga*. Foram incluídos estudos a partir dos seguintes critérios de inclusão: publicação de 2004 a junho de 2014; idioma inglês, espanhol ou português e ter como assunto principal: transtorno relacionado ao abuso de substâncias. Foram excluídos estudos teóricos, de revisão sistemática ou de literatura; artigo duplicado; estudos que abordem o tema habilidades de vida e/ou habilidades de enfrentamento; não apresentar associação entre HS e drogas; não ser artigo científico; não ter acesso ao texto completo. A primeira busca resultou em um total de 433 artigos. A partir dos critérios de inclusão e exclusão o número de artigos final para análise foi de 13. Os artigos foram analisados por dois juízes independentes a partir das seguintes categorias: país; área profissional; metodologia de pesquisa; participantes; tipo de droga envolvida; instrumentos de pesquisa; principais resultados. A partir das análises, observou-se um maior número de publicações nos anos de 2004 e 2006 (3 publicações em cada ano), além de uma prevalência de artigos da área da psicologia (N=7) e de publicações em espanhol (N=7). Foi evidenciado uma maior quantidade (N=6) de estudos em relação a população de adolescentes e, dentre os artigos que especificaram o tipo de droga, a maconha foi a mais presente. Os estudos envolveram temáticas referentes a fatores de proteção (N=5) e também a fatores de risco (N=3). Apenas três estudos objetivaram avaliar intervenções referentes a treinamento de habilidades sociais. Os resultados da presente revisão sistemática evidenciam a importância das HS serem avaliadas no contexto de uso de drogas. A partir de tais dados, percebe-se a necessidade de estudos que contemplem o conhecimento das HS em outras populações clínicas e não-clínicas, além de especificar questões de gênero e tipo de droga. Também é importante salientar a carência de estudos que visem avaliar intervenções



relacionadas as HS, e que são de extrema relevância para incluir em programas de tratamento para usuários de drogas. Desta forma, sugere-se que novas pesquisas de caráter quase-experimental sejam realizadas nesta temática. **Palavras-chave:** habilidades sociais, drogas, revisão sistemática.

PA-23 SÍNDROME DE DOWN E O PAPEL DO ESPORTE NO DESENVOLVIMENTO INTERPESSOAL - Jane Guimarães Felizardo (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói - RJ)

Através do esporte é possível ao indivíduo desenvolver-se em diversos segmentos, tais como, sua parte neurológica, suas questões emocionais, sua criatividade e sua cognição. E a união desses itens consegue fazer com que o melhor do indivíduo sobreponha as suas fragilidades. Isto porque o lado psíquico e o motor estão juntos o tempo todo em todos os seres humanos, independentes se terem uma síndrome. Este estudo de caso, de caráter qualitativo, teve como objetivo geral apresentar dados de um caso de inclusão social de uma pessoa com Síndrome de Down em algumas esferas da sociedade, como por exemplo, na escola, no setor esportivo e no mercado de trabalho. E o específico foi identificar a evolução a nível comportamental para suas atividades de vida diária em cada ambiente proposto acima. Trata-se de uma pessoa sindrômica do sexo masculino, na faixa etária de 32 anos de idade. Este trabalho foi realizado no Estado do Rio de Janeiro e o local da entrevista foi no próprio local de treinamento, clube esportivo Maracanã. O instrumento da pesquisa foi uma entrevista semiestruturada onde tinham questões abertas e fechadas desenvolvidas especialmente para esse estudo e a intenção dessas perguntas era investigar como o mesmo se desenvolveu ao longo da sua trajetória de vida, se pôde contar com o auxílio de familiares e uma equipe multidisciplinar para melhor cuidar das suas peculiaridades. Após análise dos resultados da entrevista, pode-se constatar que o participante teve um bom desempenho no esporte, isto porque é o único com essa patologia que alcançou a faixa preta no judô, além de conseguir viajar o mundo competindo e representando o Brasil nesse esporte. Conclui-se que esse indivíduo conseguiu desenvolver várias habilidades sociais já que tem uma atividade de vida diária compatível com a sociedade em que vive, vale ressaltar também que mesmo apresentando algumas limitações compatíveis com a Síndrome de Down conseguiu se destacar no esporte que por si só é um meio competitivo e difícil de manter. Este estudo corrobora com resultados já obtidos em pesquisas realizadas no Brasil com temas afins. Recomendam-se novas pesquisas nesta área também com atletas do sexo feminino para que possam ser comparados os resultados com ambos os sexos. **Palavras-chave:** síndrome de down, esporte, desenvolvimento interpessoal.

PA-24 O IMPACTO DA MÁ NOTÍCIA NA PERCEPÇÃO DO ACOMPANHANTE: A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EMPÁTICA E ASSERTIVA - Jéssica Gonçalves de Souza; José Carlos dos Santos Júnior (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF) e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF e Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF)

A transmissão de más notícias é considerada um grande desafio na prática médica, já que implica em uma notícia que tem como consequência uma mudança negativa e brusca na vida da outra pessoa. Muitas vezes, por não saber como lidar com a emoção gerada nestas situações e por um déficit no repertório de comportamentos de interação social, o médico acaba utilizando recursos inadequados, como ignorar as condições emocionais e cognitivas do paciente e seu acompanhante. O profissional tem menos estratégias de leitura das variáveis do ambiente quando não está sensível ao paciente e acompanhante e, por consequência, menor possibilidade de identificar o quanto a informação é tolerada naquele momento. Logo, é possível que o impacto da má notícia seja ainda mais danoso. Este trabalho tem por objetivo descrever a percepção de um acompanhante sobre impacto do diagnóstico de aneurisma de aorta abdominal em um paciente idoso. As informações foram obtidas pelo relato do próprio acompanhante que também é acadêmico de medicina. De acordo com o acompanhante, durante a consulta, o profissional portou-se de forma extremamente insensível em relação à possível reação do paciente e seu acompanhante. Para dar o diagnóstico, o profissional passou a informação de forma técnica, sem verificar o conhecimento prévio do paciente e acompanhante e sem se preocupar com o entendimento da problemática. Na expectativa de compreender a gravidade do problema, o acompanhante questionou a gravidade do processo patológico. A resposta, que o paciente poderia morrer a qualquer momento, foi emitida de forma seca, sem afeto e sem permissão de expressão emocional. Diante dessa má notícia, a avaliação feita pelo acompanhante foi de que o profissional não demonstrou preocupação com a reação do paciente, com o desconforto emocional causado, não apresentou alternativas de tratamento e suas consequências, tão pouco indicou a necessidade de mudança de hábitos. Como consequência do impacto iatrogênico da comunicação inadequada pode-se citar o aumento do sofrimento perante o diagnóstico, a expectativa equivocada da morte anunciada e o medo intensificado diante desta perspectiva errônea. Além disso, não foram traçadas estratégias para estabilizar o quadro e



aumentar qualidade de vida, como: controle rigoroso da pressão arterial, abandono do tabagismo e acompanhamento ambulatorial periódico. Entende-se que o deficit de habilidades sociais do médico nessa situação fortaleceu a verticalização na relação médico-paciente, gerando uma série de sentimentos como insegurança, medo pela proximidade morte e sensação de falta de apoio do profissional. Sabe-se que a empatia é uma das habilidades necessárias ao profissional médico, pois facilita o reconhecimento das emoções que podem eclodir, bem como a tolerância ao impacto causado no paciente e nos familiares. Além disso, a comunicação assertiva pode favorecer a compreensão do diagnóstico e prognóstico, permitindo ao paciente e acompanhante a expressão de opiniões a respeito da situação, a possibilidade de negociação do tratamento, de resolução de problemas e de construir estratégias adequadas de enfrentamento. Conclui-se que é fundamental que o profissional médico seja habilidoso socialmente para que possa atenuar a compreensão inadequada de um diagnóstico e prognóstico, manejar situações emocionais delicadas e potencializar comportamentos de promoção da saúde. **Palavras-chave:** emoção, má notícia, habilidades sociais.

PA-25 PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO PERÍODO GESTACIONAL: PUÉRPERA DIANTE DA SEXUALIDADE - Jéssica de Oliveira Gomes Silva, Pedro Henrique Gomes dos Santos, Priscilla Luis Vilas Boas, Carlos Magno Rodrigues Alves, Adriana de Faria Lisboa Paraguassu, Amanda Martins Conceição Oliveira, Cristiane Alves Martins Pires, Thatiane de Oliveira Gomes Silva, Telma de Goiás Brasi (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Goiânia - GO) e Ingrid Ksênia Ferreira Liah (Universidade Paulista, UNIP, Goiânia - GO)

A gravidez é um processo biológico que repercute no aspecto social, econômico, emocional, psicológico, cultural e sexual do homem e da mulher. Além disso, a gestação pode ter diferentes significados na vida dos conjugues, que vão desde mudanças que atinge tanto a dimensão física como a emocional, que podem influenciar na sexualidade levando a possíveis alterações na vida do casal. Este estudo objetivou averiguar as evidências disponíveis na literatura sobre a temática Sexualidade das Mulheres Durante a Gestação. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura das produções científicas no Brasil, com recorte temporal de nove anos. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir da base de dados: Literatura Latino - Americana e do Caribe (LILACS), Biblioteca Eletrônica de Periódicos Científicos Brasileiros (SCIELO) e da Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Google Acadêmico e teve como critérios de inclusão: artigos nacionais no idioma português, e textos na íntegra que abordem a sexualidade das mulheres durante a gestação, sendo selecionados no final 8 estudos, sendo eles no período de 2000 a 2009. Os dados então agrupados, foram categorizados emergindo quatro categorias: I. A Importância do Profissional de Saúde no Acompanhamento Gestacional; II. Descobrir a Sexualidade na Gestação; III. Educação em Saúde e IV. Aspectos Sociais e Psicológicos. Construir um espaço onde pais, familiares e profissionais de saúde possam dialogar é um importante instrumento para se obter resposta social com vistas à superação das relações de vulnerabilidade como à gravidez precoce, planejada ou não planejada. Diante do exposto, concluiu-se que os profissionais de saúde que prestam assistência as gestantes, devem estar preparados para abordar essa temática, de modo que as dúvidas que surjam no decorrer da assistência pré-natal sejam sanadas, de forma a respeitar as crenças, valores éticos, culturais e sociais. A educação em saúde no pré-natal, na prática não só da enfermagem, mas de todos os profissionais de saúde, deve voltar-se para a promoção da saúde da mãe, do casal e do bebê. Devem ser abordados aspectos relacionados à importância do pré-natal, aos cuidados com a gestação e com o recém-nascido, ao aleitamento materno e aos direitos sexuais, reprodutivos e sociais. Sendo assim, é um direito da mulher ter acesso a um serviço de saúde de qualidade e é um dever do profissional de saúde tratar destas questões referentes à sexualidade na gestação, a fim de minimizar medos e ansiedades, favorecendo a sua qualidade de vida. A literatura aponta que a sexualidade na gestação para muitos casais ainda é tida como um empecilho, devido a grandes transformações de ordem física, biológicas, emocional e social, que podem trazer algum risco para o desenvolvimento do feto. Portanto, aconselha-se que sejam feitos estudos mais abrangentes, realizados com número maior de participantes, para que se possa compreender o que ocorre individualmente, de forma coletiva e social, na vida do casal assim como estudos que englobem o sexo na gestação na percepção masculina. **Palavras-chave:** sexualidade, gestação, puerperal, profissionais da saúde.



PA-26 A CONTRADIÇÃO ENTRE O QUE É DITO E O QUE É FEITO: QUESTIONAMENTO SOBRE ENSINO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO MÉDICA - José Carlos dos Santos Júnior, Jéssica Gonçalves de Souza (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF) e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF e Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF)

A formação médica, ainda pautada no modelo biomédico, tem enfatizado o conhecimento e a habilidade técnica do profissional. Com o avanço da ciência e tecnologia, não se pode desconsiderar que tais aspectos são fundamentais e devem ser protagonistas na educação médica. Porém, com toda a transformação da demanda social e com a mudança paradigmática para modelo biopsicossocial de atenção à saúde, também se espera que o futuro profissional tenha um repertório adequado de habilidades interpessoais que permitam uma interação saudável e positiva com o paciente. Neste raciocínio, a competência social torna-se o terceiro pilar, juntamente com o conhecimento e competência técnica, que sustenta a formação de um profissional de qualidade. Entende-se que a aprendizagem das habilidades sociais ocorra em sala de aula e em outros contextos médicos, como o hospitalar. Ademais, acredita-se que o professor é um modelo importante no desenvolvimento de comportamentos sociais do aluno de medicina. Partindo de experiências vivenciadas pelos autores, este trabalho tem por objetivo fazer um questionamento do processo ensino-aprendizagem das habilidades sociais na graduação de Medicina. Atualmente, na grade curricular, há espaço para o desenvolvimento de aspectos importantes para o estabelecimento da relação médico-paciente de qualidade em disciplinas como: 'Psicologia Médica', 'Interação Comunitária' e 'Habilidades, Comunicação e Profissionalismo'. Tais disciplinas apontam a importância e necessidade do médico ser habilidoso em sua comunicação com o paciente, em ser empático e assertivo, por exemplo. Porém, quando os alunos se encontram no ambiente hospitalar, nem sempre tais habilidades são observadas na interação entre o médico-docente e seu paciente. Durante o desenvolvimento de uma atividade prática no contexto hospitalar criou-se uma situação constrangedora entre o paciente, os alunos e a docente. Para que os alunos pudessem executar o exame físico na paciente era necessário despi-la, porém ao ser dada a instrução para a tarefa, a docente retirou a manta hospitalar que cobria o corpo da paciente sem anunciar ou pedir permissão. Uma vez que a paciente já estava despida, imediatamente gerou-se uma situação constrangedora e desconfortante para todos. Apesar disto, sem qualquer atenção às reações da paciente e dos alunos, a ordem para que a palpação e ausculta fossem iniciadas foi reforçada. Na tentativa de entender o paradoxo entre o esperado da educação médica e o vivenciado na prática, foram levantados alguns aspectos: a) será que ainda estamos em processo de mudança entre os modelos de atenção à saúde, gerando uma lacuna entre o que é dito e o que é feito?, b) será que os docentes que tiveram seu aprendizado pautado no modelo biomédico deveriam ter um treinamento específico sobre habilidades sociais?, c) será que ainda há necessidade de maior ênfase para o desenvolvimento de habilidades sociais no currículo? Considerando-se que a Medicina é também uma arte e não apenas ciência, necessita de sensibilidade e humanização e não apenas de técnica, entende-se que o conceito biopsicossocial deve-se ser aderido também pelos que ensinam e já aplicam a medicina como profissão, encarando-o como uma forma de evolução médica e não apenas uma opção de um novo modelo apregoado. **Palavras-chave:** habilidades sociais, educação médica, formação profissional.

PA-27 AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS EM UNIVERSITÁRIOS COM IDEAÇÃO SUICIDA - Josiane Miranda e Maria de Fátima Xavier (Faculdades Integradas Einstein de Limeira - SP)

Uma vez que a literatura aponta que o isolamento social gerado por déficits em habilidades sociais poderia ser facilitador do desenvolvimento de diversos tipos de transtornos psicológicos, como a depressão e o suicídio, o objetivo do presente trabalho foi verificar se o melhor desempenho em habilidades sociais foi relacionado negativamente a níveis elevados de depressão e ideação suicida, se constituindo como um facilitador eficaz de repertórios de enfrentamento diante de adversidades. Propõe-se um modelo que sugere que intervenções que visem aumentar o repertório de habilidades sociais através do treinamento em habilidades sociais, propiciariam relações interpessoais mais saudáveis, diminuindo o risco de transtornos psicológicos associados ao suicídio, como a depressão. Para testar essa hipótese, cerca de 150 universitários de uma faculdade particular de uma cidade do interior do estado de São Paulo, sendo 59,3% do sexo feminino e 40,7% do masculino, com idade média de 23 anos, foram submetidos à aplicação de 3 inventários, que visaram avaliar os níveis de ideação suicida (BSI), sintomatologia depressiva (BDI), e habilidades sociais (IHS-Del-Prette) e seus fatores entre o grupo sem e com ideação suicida. Os dados encontrados permitiram verificar que 11 (7,3%) dos 150 participantes apresentaram níveis de ideação suicida ativa na semana em que o instrumento foi aplicado. Comparando os dados encontrados com a literatura descrita, pode-se verificar que a taxa encontrada por este estudo foi levemente maior do que as taxas já descritas. Contudo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas médias dos percentis em habilidades sociais e seus fatores entre o grupo



sem e com ideação suicida. Avaliando isoladamente o grupo com ideação suicida, verificamos que dos 11 participantes com ideação suicida, 5 (45,5%) apresentaram desempenho em habilidades sociais abaixo da média da população normativa. Também foi verificado que 28 (18,7%) dos 150 participantes apresentaram sintomatologia depressiva na semana de aplicação dos instrumentos, sendo que 19 (67,9%) estudantes com sintomatologia depressiva apresentaram prejuízos no desempenho em habilidades sociais. Apesar de não ter ocorrido correlação significativa entre as habilidades sociais e a ideação suicida, os dados demonstrados sugerem que algumas classes de comportamento tendem a ser deficitárias em indivíduos com ideias de morte, o que pode suportar que o treinamento em habilidades sociais poderia ser um fator coadjuvante na diminuição do risco para o suicídio. No entanto, novas investigações devem ser realizadas a fim de obter novos dados que possam confirmar o modelo proposto na pesquisa, além de contribuir com o avanço e ampliação de estratégias que possam diminuir os números alarmantes de casos de ideação, tentativa e morte por suicídio. **Palavras-chave:** inventário de Habilidades Sociais, suicídio, universitários.

PA-28 TODOS PRECISAMOS SER BILÍNGUES: IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL ENTRE OUVINTES E NÃO OUVINTES – Jozielma Bastos da Silva Barros, Regina Celia Cantanhede França, Zinole Helena Martins Leite, Laura Rosa Soares Neta, Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva, Anny Carollyne Soares e Daurinete Gomes da Silva (Universidade Ceuma, São Luis - MA)

Entre o século XX e XXI, foram profícuas as contribuições teóricas acerca da educação formal de surdos, valorizando a diversidade educacional e o reconhecimento do potencial do aluno surdo. A fim de favorecer a inclusão sócio-educacional dos alunos surdos tem-se inserido nas instituições escolares um intérprete de LIBRAS. Os benefícios da presença deste profissional na escola são muitos, desde o favorecimento da aprendizagem como também o aumento do repertório de trocas sociais, informações e conhecimento entre ouvintes e não ouvintes. Para muitos educadores o intérprete é um mediador de relações estabelecidas no contexto da educação fazendo parte do processo de inclusão social. Este trabalho teve o objetivo de analisar a importância da comunicação não verbal (língua de sinais, LIBRAS) como elemento que favorece as trocas sociais entre surdos e ouvintes no processo de inclusão sócio-educacional. Trata-se de um estudo descritivo, bibliográfico. Baseou-se na leitura e análise de 15 artigos científicos publicados a partir de 1997. Nossa pesquisa foi feita na base de dados da www.scielo.br; scholar.google.pt e bireme.br (Biblioteca Virtual de Saúde - BVS) a partir das palavras-chave “surdez”, “escolas inclusivas para surdos”, “intérprete da língua de sinais.” Como resultados percebemos a importância da LIBRAS para os ouvintes permitindo dessa forma a comunicação, inclusão, interação e socialização entre os indivíduos surdos e ouvintes. Identificamos que no ensino educacional são aplicadas três abordagens, as quais desenvolvem diferentes metodologias para ensinar os indivíduos surdos como: oralismo, comunicação total e bilinguismo. Na busca de solucionar os problemas enfrentados pelos alunos surdos quando são inseridos no ensino regular surge a proposta da inserção do intérprete no processo educativo, o qual fica responsável por estabelecer e intermediar as relações sociais entre: alunos surdos - alunos ouvintes, alunos surdos - professores e a comunidade escolar. Desta forma, a presença do intérprete integra o surdo e não promove na comunidade escolar o compromisso em modificar-se, ou seja, aprender LIBRAS para se comunicar. Concluímos que o ensino da LIBRAS a ouvintes e surdos representa um grande avanço na proposta de inclusão sócio-educacional de surdos e é um fator determinante nas trocas sociais entre as pessoas. Temos que ter a preocupação, frente à inclusão social de modificar nossos os padrões de comportamento e habilidades sociais que permitam o respeito à diversidade e novas formas de comunicação, tão eficazes quanto a verbalização, para os ditos ouvintes e não ouvintes. **Palavras-chave:** inclusão escolar, educação de surdos, intérprete de língua de sinais.

PA-29 LITERATURA INFANTIL: UMA POSSÍVEL ESTRATÉGIA PARA PROMOÇÃO HABILIDADES SOCIAL EM PRÉ-ESCOLARES - Juliana Pinto dos Santos, Mariéli Mariko Leite (Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV - SP) e Talita Pereira Dias (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar - SP)

As demandas sociais atuais exigem aprendizagem constante para a adaptação aos novos contextos e isso afeta não somente os adultos, mas também as crianças. Para conseguir lidar com as demandas sociais, a criança necessita desenvolver um bom repertório de habilidades sociais. Um repertório adequado de habilidades sociais é fundamental para relações saudáveis com os colegas e com os adultos. A competência social é um fator de proteção para o desenvolvimento satisfatório, pois apresenta correlação positiva com vários indicadores de adaptação como rendimento acadêmico, responsabilidade, independência e cooperação. Por outro lado, um repertório deficitário de habilidades sociais está correlacionado, entre outros transtornos, a problemas de comportamento, dificuldade de aprendizagem e delinquência juvenil. A escola é um dos espaços mais relevantes para o desenvolvimento interpessoal



da criança, especialmente nos primeiros anos da escolarização. Uma figura fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais na educação infantil é o professor, pois este pode utilizar de inúmeras estratégias e recursos para promover o desenvolvimento de habilidades sociais em seus alunos, associando a aprendizagem acadêmica com a aprendizagem de comportamentos competentes socialmente. Para tanto, o professor deve dispor de recursos e estratégias que, ao mesmo tempo em que sejam eficazes para isso, sejam viáveis para serem incluídas em sua rotina de atividades. Uma alternativa que pode atender a essas necessidades é o uso de recursos para promoção de habilidades sociais que já façam parte da rotina escolar do professor, como os livros infantis. Na literatura da área de Habilidades Sociais, em pesquisa realizada no país, foi identificada uma carência de recursos disponíveis para a intervenção com o público infantil, especialmente com pré-escolares. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo elaborar uma lista de livros da literatura infantil brasileira que apresentem potencial de promover habilidades sociais em alunos da Educação Infantil. E, a partir disso, produzir protocolos de intervenção que descrevam como adotar esses livros como recursos para promoção de habilidades sociais em crianças entre três e seis anos de idade. Foram elaborados questionários que serão aplicados em pais, professores e crianças em idade pré-escolar, psicoterapeutas infantis, pesquisadores da área de desenvolvimento infantil e/ou habilidades sociais, de livrarias e bibliotecas. Os questionários para os pais e professores abordam questões que investigam quais livros eles leem para as crianças, quais elas mais gostam, quais eles consideram importantes para desenvolvimento da interação social da criança e se auxiliam a criança a refletir sobre a temática social abordada pela história. Aos terapeutas infantis, são questionadas quais histórias acreditam contribuir no desenvolvimento social da criança. Com os pesquisadores da área de desenvolvimento e habilidades sociais, busca-se identificar que autores são indicados para o estudo de desenvolvimento infantil e interação social. As crianças deverão responder quais são suas histórias preferidas e as livrarias e bibliotecas apontarão quais são os livros mais procurados para o público em questão. Os livros mais citados nos questionários serão selecionados para a execução deste trabalho. A disponibilidade e possibilidade de acesso ao material também serão critérios de seleção. **Palavras-chave:** habilidades sociais, infância, literatura infantil.

PA-30 ESTILOS PARENTAIS PERCEBIDOS E O CONSUMO DE ÁLCOOL EM ADOLESCENTES: REVISÃO SISTEMÁTICA - Karina de Souza Martins e Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC - SC)

A problemática do consumo de substâncias psicoativas é um dos fenômenos sociais que comprometem de forma grave o desenvolvimento dos adolescentes. Na tentativa de compreendê-lo, inúmeras pesquisas têm caracterizado os estilos e práticas parentais como fatores de risco e proteção. Este trabalho de revisão sistemática se propõe a analisar a relação entre estilos parentais percebidos e o consumo de álcool em adolescentes. Os artigos foram pesquisados nas bases de dados PubMed e PsycINFO com os seguintes descritores de busca: 'parental style' com as combinações 'alcohol', 'substance abuse disorders', 'addiction', 'drug abuse', 'drug dependence', 'drugs' e 'substance use'. A pesquisa foi realizada juntamente aos artigos publicados entre o período de 2004 a 2014 e os idiomas inglês, espanhol e português foram considerados. O resultado da busca revelou 391 artigos que tiveram os resumos analisados de acordo com os critérios de inclusão: a) descrição do objetivo, método e resultados; b) delineamento do tipo longitudinal, survey ou caso-controle; c) faixa etária dos participantes entre 10 a 19 anos; e d) apresentar o álcool como desfecho. Foi realizada uma seleção a partir dos critérios de inclusão e os manuscritos repetidos foram eliminados. A amostra final se constituiu de 27 artigos, provenientes de diferentes países. Os resultados das pesquisas foram agrupados em dois núcleos temáticos: a) relação entre os estilos parentais (autoritário, autoritativo, indulgente e negligente) e o consumo de álcool em filhos adolescentes; e b) práticas parentais e o consumo de álcool em filhos adolescentes. Os estudos apontam que os estilos parentais autoritativo (alta exigência e alta responsividade) e indulgente (baixa exigência e alta responsividade) são considerados os mais protetivos para o consumo de álcool entre adolescentes, sendo que os estilos negligente (baixa exigência e baixa responsividade) e autoritário (alta exigência e baixa responsividade) tendem a aumentar as chances de consumo. Dentre as práticas parentais analisadas, o monitoramento, controle, disciplina e afeto, aparecem associados aos menores índices de consumo, e a percepção da ausência de afeto, suporte, envolvimento, comunicação e limites estão associados a maiores chances do adolescente fazer uso de álcool. Nas pesquisas descritas nesta revisão evidencia-se que o processo de socialização dos pais desempenha função importante na prevenção e no risco do uso de álcool em adolescentes. Contudo, nos resultados analisados, a relação estabelecida entre estilos parentais percebidos e o consumo de álcool apresenta algumas incongruências, não existindo um posicionamento claro acerca de qual estilo ou prática parental é exclusivamente fator de proteção ou risco. Aponta-se a necessidade de próximos estudos considerarem outras variáveis aos estilos parentais, como a influência dos diferentes contextos culturais, etnias e níveis socioeconômicos. **Palavras-chave:** relações interpessoais pais-filhos, fatores de proteção e risco, álcool.



PA-31 DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES SOCIAIS COM ALUNOS INICIANTES NA GRADUAÇÃO - Antônio de Jesus Silveira Leite e Katharine Bernardes Costa Ribeiro (Faculdade JK Taguatinga - DF)

O objetivo é expor o trabalho realizado com aos alunos de primeiro semestre da graduação, em diversos cursos, através das disciplinas DPP (Desenvolvimento Pessoal e Profissional) e ESCDH (Ética, Sociedade, Cidadania e Direitos Humanos), que desenvolveram as competências sociais e as habilidades sociais durante o semestre, gerando benefícios quantificados e qualificados pelos alunos. Os estudantes oriundos de grupos sociais, localizados nas cidades satélites de Brasília, apresentam perfis particulares de pessoas que ao longo de sua história de vida tiveram que lutar contra as adversidades materiais (sustento e sobrevivência) e emocionais (rejeição, baixa autoestima, autossabotagem). Ao chegarem às salas necessitam de profissionais capacitados a lidar com as demandas sociais apresentadas, uma vez que a falta de leitura, compreensão dos textos e a interação social constituem apenas um reflexo de suas realidades internas. Em sala o educador entende que esse discente possui habilidades latentes que uma vez trabalhadas se tornarão promotores de transformação emocional e realizado o devido acompanhamento promoverá à mudança social. Durante as aulas os professores com as habilidades sociais competentes promovem o desenvolvimento intelectual do aluno através dos conteúdos relacionados ao momento de transição de grau de escolaridade, das mudanças internas e externas que ele vivencia no início da graduação, com linguagem acessível, didática acolhedora e metodologias de integração do aluno com a vida acadêmica, envolvendo-o nas disciplinas de formação do SER como pessoa, aluno, cidadão e colega, tornando o diferencial para a transição dos discentes de grupos sociais menos favorecidos para a promoção do saber e do fazer profissional. A metodologia utilizada foi uma autoavaliação qualiquantitativa, aplicada aos alunos participantes das disciplinas no primeiro semestre de 2015. Os resultados obtidos a partir do instrumento foram: descobertas de habilidades, desenvolvimento das habilidades, resgate da autoimagem, construção de um novo nível cognitivo, estabelecimento de objetivos e entendimento do perfil profissional. Observa-se que os alunos conseguem demonstrar afetividade com o grande grupo de colegas em sala de aula, também com os pequenos grupos de trabalho, desenvolvendo suas habilidades e competências sociais. Expressam o reflexo positivo da aplicação das novas habilidades no meio familiar e social extraclasse. Concluiu-se que através do desenvolvimento humano abordou-se o grupo social de acadêmicos a partir de outras perspectivas educacionais, onde foi possível despertar as habilidades dos discentes para superação de problemas de origem alfanumérica, bem como situações intergrupais que antes os afugentavam, mas que agora se tornam um desafio a partir de suas competências. O investimento nos valores humanos iniciou nos novos acadêmicos seus primeiros progressos em direção a autonomia acadêmica, uma vez que agora possuem ferramentas científicas para realizarem a leitura social da realidade, entendendo que o mundo se apresenta de maneira a fornecer possibilidades e oportunidades, não mais fugas. **Palavras chave:** habilidades sociais, desenvolvimento humano, transformação social, valores humanos.

PA-32 INVESTIGAÇÕES ACERCA DAS HABILIDADES SOCIAIS E EMOÇÕES - Lanna Cristyna do Rego e Silva, Ana Paula de Castro Araujo e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria-PB)

Um crescente corpo de pesquisa apoia a visão de que aspectos relacionados à emoção estão associados com Habilidades Sociais. Assim espera-se que o desempenho de uma tarefa ligada a emoção seja de reconhecimento facial até a regulação emocional, correlacionando com as medidas globais do funcionamento social, como as habilidades interpessoais. O objetivo desse estudo foi um levantamento das metodologias utilizadas nos trabalhos que relacionam Habilidades Sociais e emoções, bem como verificar os anos de tais publicações. Trata-se de uma revisão sistemática de caráter quantitativo realizada na base de dados PUBMed utilizando os seguintes descritores “Social Skills” (Habilidades sociais) e “Emotions” (Emoções), nos títulos e resumos, em pesquisas somente com humanos. Foram encontrados 75 artigos nos quais as metodologias utilizadas foram Experimental (1.33%), Correlacional (41.33%), Exploratório (2.66%), Causal-comparativo (32%), Revisão Sistemática (9.33%), Revisão de Literatura (5.33%), Meta-Análise (1.33%), Estudo de caso (1.33%), Intervenção (2.66%), Validação de Instrumento (2.66%). São temas abordados nos estudos: Transtornos mentais, Crianças com autismo, estudantes de graduação e lesões cerebrais. Quanto aos anos encontrados o artigo mais antigo data de 1975 havendo um intervalo de 9 anos para a publicação seguinte (1984), percebe-se que este intervalo fora reduzido nos anos posteriores chegando ao máximo de apenas 3 anos. O artigo mais recente fora publicado em 2015. Nos últimos dez anos foram publicados um total de 49 artigos, anterior a este intervalo foram encontradas 26 publicações. Encontrou-se apenas 1.33% das publicações na década de setenta, 4% na década de oitenta, 12% na década de noventa, 34.66% na primeira década de 2000, e 48% dos artigos de 2011 a 2015. Os anos que obtiveram o maior número de publicações foram 2012 (13.33%), 2013 (12%), 2011 (10.66%) e 2010 (8%). Percebe-se que as metodologias mais utilizadas foram respectivamente: Correlacional, Causa-Comparativo e Revisão Sistemática. Assim a metodologia encontrada caracteriza-se de forma quantitativa, aspecto que deve ser levado em consideração



em virtude da necessidade de meios que possibilitem uma análise mais qualitativa das relações entre Habilidades Sociais e Emoção. Outro ponto a ser destacado é o número crescente de artigos envolvendo tal temática, uma vez que há uma redução do intervalo de tempo entre as publicações chegando a não existir mais um intervalo de ano na última década. Houve um aumento progressivo das publicações em cada década, principalmente no momento atual, pois na metade da década corrente o número de publicações sobre Habilidades Sociais e Emoções já é maior do que todas as décadas passadas. Sobre as temáticas abordadas percebe-se uma variedade, o que indica que tais constructos (habilidades sociais e emoções) estão sendo investigados. Desta forma, percebe-se que tal temática tem se tornado alvo de muitas pesquisas podendo ser considerada uma temática atual e de bastante relevância porém cabe acrescentar que existe ainda uma focalização de alguns métodos específicos para as pesquisas envolvendo esta temática, havendo assim a necessidade de pesquisas que proporcionem novas possibilidades de métodos para a investigação em tal campo. **Palavras-chave:** habilidades sociais, emoções, métodos.

PA-33 AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM - Laura Campos de Moura (Universidade de Brasília, UnB - DF) e Aline Bicalho Matias (Hospital da Criança de Brasília José Alencar - DF)

Este estudo teve como objetivo descrever e avaliar uma intervenção psicossocial em grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem, realizada em um hospital da rede pública de Brasília. A intervenção contou com 20 participantes entre 7 a 11 anos, estruturada em cinco encontros com objetivos específicos e distintos, sendo eles: Primeiro Encontro - Apresentação e Objetivos: Apresentar o grupo. Apresentar os participantes. Estabelecer contrato terapêutico. Identificar quais comportamentos as crianças percebem como inadequados e propor alternativas para mudá-los. Aplicação do Questionário de Situações Domésticas (QSD) Segundo Encontro - Falando sobre os combinados: Identificar a importância dos combinados. Encontro será iniciado com técnica de relaxamento. Terceiro Encontro - Rotina: Estruturar um quadro de rotina ideal, envolvendo a escola, dever de casa e tempo para o lazer. Quarto Encontro - Reconhecimento de Sentimentos e Emoções: Nomear as emoções e apreender a reconhecê-las em si e no outro. Quinto Encontro – Jogo das Habilidades Sociais/ Encerramento/ Devolutiva: Identificar as habilidades necessárias para o bom convívio social. Encerrar o grupo e fornecer/receber feedback com os pais. Aplicação do Questionário de Situações Domésticas (QSD). A fim de avaliar a efetividade do programa foi aplicado o Questionário de Situação Doméstica (QSD) aos cuidadores no primeiro e último encontro do grupo, e uma entrevista semiestruturada com participantes e respectivos responsáveis. A análise quantitativa e qualitativa aponta para evidências de diferença sobre os comportamentos dos participantes, antes e depois da intervenção. Observou-se melhora significativa no grau de gravidade dos itens do questionário, bem como, relato de melhora em rendimento escolar e interação familiar. A análise dos dados do QSD demonstrou redução na média geral de escores obtidos por cada criança, ao final da intervenção em todos os grupos. Do mesmo modo, obteve-se diminuição da média dos escores, obtidos no pré e no pós-teste, em todos os itens avaliados do questionário. Os itens que apresentaram maior redução na média e se referem a contextos de exposição à interação social. Essa mudança pode, ainda, ser percebida em verbalizações dos participantes que apontaram melhora no relacionamento interpessoal com amigos, com redução de ocorrência de brigas. A percepção de melhora no reconhecimento de sentimentos e emoções, referida por mais da metade dos participantes, pode ter influenciado o desempenho social em ambientes de interação. Foi possível perceber mudanças no juízo das crianças em relação aos cuidadores e desenvolvimento de novas habilidades sociais para relações afetivas como assertividade e expressividade emocional. Os dados permitem refletir sobre o tratamento que tem sido dado às crianças, no contexto escolar, familiar e de cuidados com a saúde e a importância de um planejamento de programas e intervenções singulares. **Palavras-chave:** intervenção psicossocial em grupo, psicologia da saúde, hospital pediátrico.

PA-34 ESTILOS PARENTAIS E INCIDÊNCIA DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA - Daurinete Gomes da Silva, Zinole Helena Martins Leite, Anny Carollyne Soares, Jozielma Bastos da Silva Barros, Laura Rosa Soares Neta, Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva e Regina Celia Cantanhede França (Universidade Ceuma, São Luís - MA)

Pesquisadores de diferentes áreas têm se dedicado ao estudo sobre violência sexual em crianças, considerada uma das formas mais comuns de maus tratos infantis. A violência sexual em crianças é uma questão social, com consequências que podem afetar várias esferas do desenvolvimento infantil, como cognitivo, afetivo e social da vítima e de sua família. Os fatores de risco para a vivência da violência sexual são diversos e complexos, envolvendo aspectos sociais, econômicos, culturais e relacionais. A literatura aponta o cuidado desempenhado pelos pais em relação aos seus filhos como um dos fatores associados ao desenvolvimento deles, incluindo a questão sexual. O presente trabalho teve como



objetivo analisar a relação entre os estilos parentais e a incidência de violência sexual em crianças. O estudo foi descritivo e de cunho bibliográfico, e baseou-se na leitura e análise de dez artigos científicos, publicados a partir de 2003. A pesquisa foi feita a partir de diversas bases de dados, reconhecidas internacionalmente, a partir das palavras-chave “violência sexual”, “estilos parentais”, “crianças e abuso sexual”, consideramos as contribuições diversos autores que abordavam o tema em questão. Os resultados apontaram que a violência sexual é mais frequente no ambiente intrafamiliar. Constatou-se que o estilo parental denominado “Autoritário”, onde o abuso físico é constante, é o que pode gerar adultos violentos e abusadores sexuais de crianças. Grande parte dos indivíduos perpetradores dessa violência foram vítimas de violência física ou de abuso sexual na infância e/ou adolescência. Conclui-se que o estilo parental é um fator importante apontado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) como desencadeador de casos de violência sexual na infância. Quando o abusador tem, ao longo de sua história, experiência de violências físicas ou de abuso sexual é comum que ele venha a apresentar o mesmo comportamento com os filhos ou com outras crianças. A evolução desse ciclo é consequência de conflitos e agressões familiares, onde os papéis encontram-se fragilizados e invertidos. Outros fatores de riscos associados à violência sexual infantil são drogadição, passividade materna, que resulta em negligência com a vítima do abuso, violência doméstica e casos de famílias que convivem com padrasto.

Palavras-chave: estilos parentais, abuso sexual, desenvolvimento infantil.

PA-35 PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS A PARTIR DO BILINGUISMO - Laura Rosa Soares Neta, Zinole Helena Martins leite, Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva, Anny Carollyne Soares, Jozielma Bastos da Silva Barros, Regina Celia Cantanhede França e Daurinete Gomes da Silva (Universidade CEUMA, São Luis - MA)

As questões relacionadas às dificuldades das pessoas com deficiência, há muito tempo já vêm sendo discutidas. No meio acadêmico, antes mesmo dos linguistas fixarem firmemente o status linguístico das línguas de sinais, a literatura já defendia as concepções linguística e antropológica das línguas de sinais. O reconhecimento pela legislação brasileira da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, foi o avanço mais importante para a educação dos surdos. A partir daí não demorou para surgirem novas pesquisas acerca da compreensão da complexidade linguística das línguas de sinais e a adoção da filosofia do bilinguismo, que se destaca como ferramenta essencial no processo de desenvolvimento cognitivo-social e das habilidades sociais. Estudos têm apontado os benefícios do bilinguismo para o desenvolvimento de habilidades sociais em pessoas surdas e para a sua inclusão social, uma vez que permite a compreensão e produção de fatos culturais diferenciados. É necessário ressaltar que habilidades como iniciar, manter e finalizar conversas; pedir ajuda; fazer e responder perguntas; fazer e recusar pedidos; defender-se; expressar sentimentos, agrado e desagrado; pedir mudança no comportamento do outro; lidar com críticas e elogios; admitir um erro, pedir desculpas e escutar empaticamente, dentre outros, são relevantes na determinação das habilidades sociais das pessoas em geral, no que se refere ao surdo, o uso do meio de expressão adequado à situação e com o qual ele se sinta mais confortável é essencial para o desenvolvimento de tais habilidades. Demonstrar a importância da utilização da LIBRAS no processo de instrução bilíngue para o desenvolvimento de habilidades sociais em pessoas surdas. Estudo descritivo de cunho bibliográfico, a partir da análise de artigos referentes ao desenvolvimento de habilidades sociais e artigos relacionados ao desenvolvimento e cultura do sujeito surdo, cuja realização procedeu-se a partir da leitura de quinze artigos científicos publicados a partir de 2000, considerando as seguintes bases de dados: www.scielo.br; scholar.google.pt; www.psicologiaeciencia.com.br a partir das palavras-chave “deficiência auditiva”, “bilinguismo”, “surdez e habilidades sociais”. O bilinguismo para pessoas surdas de maneira geral, favorece o desenvolvimento de habilidades sociais, tornando a sua comunicação mais profícua no contexto social. Observou-se ainda que o valor fundamental da linguagem está na comunicação social, onde as pessoas se fazem entender umas pelas outras, vivendo e se relacionando socialmente. Há necessidade de mais estudos que relacionem bilinguismo às habilidades sociais, o que sugere que pouca atenção tem sido dada pelos pesquisadores a esta temática. Convém ressaltar, que tornar-se bilíngue para um surdo, favorece sobremaneira a sua inclusão sócio educacional, reduzindo preconceitos em relação a categoria. Ouvintes e não ouvintes beneficiam-se dessas trocas sociais, comunicando-se e compartilhando da cultura.

Palavras-chave: surdez, bilinguismo, habilidades sociais.



PA-36 PANORAMA DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO PILOTO DO PROGRAMA COMPASSO SOCIOEMOCIONAL EM 17 ESCOLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - Ana Luiza Raggio Colagrossi e Letícia Guimarães Lyle (Instituto Vila Educação, São Paulo - SP)

O objetivo da apresentação é descrever o Programa Compasso Socioemocional, suas competências e estratégias, e a implementação do programa nas Escolas Estaduais de Ensino Integral Fundamental Ciclo I no Estado de São Paulo. O Programa trabalha as habilidades sociais em um currículo que integra autoconhecimento, sociabilidade, competências de relacionamento, decisões responsáveis, respeito ao próximo e colaboração. O Programa Compasso Socioemocional é voltado para todos os alunos e visa aumentar o sucesso acadêmico e social dos mesmos, diminuindo problemas de comportamento por meio do ensino de habilidades socioemocionais aliadas às habilidades de autorregulação. O projeto piloto do Programa foi implementado em 17 escolas de Ensino Integral para os Anos Iniciais da Rede de ensino do Estado de São Paulo e passará por um processo de pesquisa avaliativa. Tal processo será coordenado pelo Instituto Paulo Montenegro, em parceria com o IBOPE, e consistirá nas seguintes etapas: 1) observação do comportamento dos estudantes em sala de aula; 2) questionário de percepção dos professores dessas escolas a respeito dos estudantes; 3) questionário com os coordenadores pedagógicos das 17 escolas a respeito da implementação do programa. Essas etapas serão precedidas por uma oficina que contará com a participação direta e ativa dos professores participantes do programa cujo objetivo é construir, de forma participativa, as ferramentas que serão utilizadas nesse processo. O objetivo de apresentação deste case é contemplar a trajetória de adaptação e implementação do Projeto, os desafios e os resultados preliminares da pesquisa. No início de 2014, apoiadores do Programa Educação Compromisso de São Paulo começaram um projeto inovador em conjunto com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo: pensar um modelo para as Escolas Fundamentais de Ciclo I de período integral. Um dos pilares propostos foi a inserção do trabalho com competências socioemocionais como fio condutor de práticas de ensino-aprendizagem. Foi definido um projeto piloto com aproximadamente 6.000 alunos, iniciado em fevereiro de 2015. A implementação nas escolas de ensino integral foi realizada a partir da distribuição do material didático socioemocional para os alunos de 1º ao 5º ano do Fundamental I. O professor de sala de aula é responsável pela difusão do programa, sendo previamente capacitado com formações e oficinas mensais pelos formadores DO Compasso. O programa pode ser implementado em escolas públicas e privadas. A aquisição de competências socioemocionais ensina as crianças não somente a gerir suas emoções, mas também a serem agentes ativos em suas próprias vidas. **Palavras-chave:** competências socioemocionais, ensino integral, Programa Compasso.

PA-37 HABILIDADES DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS EM CRIANÇAS COM E SEM QUEIXA DE DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM - Liliane Perroud Miilher Alessandra Brunoro Motta Loss, Pedro Paulo Calmon Paes e Francheska Fonseca Fazolo (Universidade Federal do Espírito Santo, UFES - ES)

O desenvolvimento infantil é um processo complexo que envolve fatores intrínsecos e extrínsecos cuja interação possibilita o desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas, linguísticas, afetivas e sociais. A intersecção entre as habilidades linguísticas, sociais e cognitivas torna-se essencial para o número crescente de desafios que se impõem no cotidiano, incluindo as habilidades de resolver conflitos. Tal questão inclui tanto a compreensão das situações sociais nas quais os conflitos aparecem quanto o uso de estratégias para resolvê-los. Em geral, crianças no início da vida escolar utilizam estratégias unilaterais para a resolução de conflitos e em menor frequência, estratégias de solução mútua. Grande parte das queixas infantis relatadas tanto na clínica pediátrica, neurológica, psicológica e fonoaudiológica diz respeito a alterações que envolvem a aquisição e desenvolvimento da linguagem. O objetivo foi estudar como crianças com e sem queixas de desenvolvimento de linguagem resolvem situações hipotéticas de conflito foi o objeto dessa pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo. A coleta de dados aconteceu em uma escola de ensino fundamental da região metropolitana (crianças sem queixa de desenvolvimento de linguagem) e em um ambulatório didático filiado à um Hospital de Ensino (crianças com queixa). O grupo sem queixa foi composto por 16 crianças entre 10:00 e 11:11 anos. O outro grupo foi composto por 8 sujeitos entre 9;2-14;1 anos. Cada participante foi convidado a responder às perguntas da Prova de Resolução de Conflitos em um ambiente silencioso e no qual apenas a criança e o/a pesquisador(a) estavam presentes. A Prova de Resolução de Conflitos é composta por cinco histórias curtas com três frases cada uma. Para facilitar a compreensão, foram apresentados três desenhos por história ao mesmo tempo em que a história era contada oralmente às crianças. Ao final de cada história foi feita a seguinte pergunta: "O que você faria no lugar do [nome do personagem da história?]" O participante deveria relatar o que o personagem poderia fazer naquela situação, solucionando o problema. Nos casos das respostas que continham mais de uma estratégia optou-se pela análise da primeira estratégia enunciada pelo sujeito. Há 4 níveis de respostas que representam uma ordem crescente



de complexidade: nível 1: soluções físicas; nível 2: soluções unilaterais; nível 3: soluções cooperativas; e nível 4: soluções mútuas. As respostas foram filmadas para posterior transcrição. Foram analisadas a presença ou ausência da resolução de conflitos, bem como a estratégia específica utilizada pela criança. Resultados: as crianças com queixa de linguagem utilizaram estratégias menos elaboradas do que as crianças sem queixa (média de 1,875 vers us 3,0). Crianças com queixa utilizam mais estratégias do nível 1 (soluções físicas), enquanto o outro grupo faz uso de estratégias de nível 3 (soluções cooperativas). Concluiu-se que as habilidades de linguagem tem um impacto direto no uso de estratégias de resolução de conflitos. **Palavras-chave:** linguagem, desenvolvimento infantil, competência social.

PA-38 PERCEPÇÃO DOS PAIS DE CRIANÇAS COM AUTISMO QUANTO À COMUNICAÇÃO DE SEUS FILHOS - Liliane Perroud Miilher (Universidade Federal do Espírito Santo - ES), Juliana Izidro Balestro (Universidade de São Paulo - SP) e Larissa Almeida Carneiro (Universidade Federal do Espírito Santo - ES)

A comunicação é um processo que envolve a troca de ideias, sentimentos e pensamentos. Quando ocorre entre pessoas, a comunicação interpessoal exige reciprocidade e uma troca contínua de papéis. Os quadros incluídos nos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) são caracterizados por dificuldades na comunicação interpessoal e presença de comportamentos restritos e repetitivos. Os primeiros parceiros comunicativos são os genitores (ou cuidadores). Sabe-se que a forma como um interlocutor enxerga o outro influencia na comunicação e no andamento da interação. Além dessa questão dual (isto é, entre os interlocutores), a questão da aceitação social e apoio que a família recebe também influencia a comunicação. Quanto maior a aceitação da sociedade para com as diferenças e quanto maior o apoio social que a família recebe, mais seguros os pais se sentem e há uma maior possibilidade de inserção dos filhos em ações e locais coletivos. Estudar como pais de crianças com autismo veem a si, a sociedade (em relação a seus filhos) e a seus filhos na comunicação foi o objetivo do presente estudo. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo. A coleta de dados foi realizada em uma instituição sem fins lucrativos que fornece apoio pedagógico a crianças com TEA. Participaram da pesquisa 26 cuidadores de indivíduos diagnosticados com transtorno do espectro do autismo por neurologistas ou psiquiatras, segundo os critérios da Associação Psiquiátrica Americana (DSM-IV) ou da Organização Mundial de Saúde (CID-10). A idade média dos cuidadores foi 42 (para os pais) e 38 (para as mães). A idade média das crianças foi 7 (mínimo de 4 e máximo de 18). Todos os participantes voluntários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram levantados os seguintes dados familiares: idade e escolaridade dos pais, ordem de nascimento dos filhos, número de óbitos/gravidez interrompida da mãe, profissão atual dos pais, idade da criança e, em seguida, foi aplicado o Questionário de Dificuldades Comunicativas (QDC). Este questionário é composto de 24 questões fechadas que compõem os seguintes domínios: percepção dos pais sobre eles próprios em relação aos filhos; percepção dos pais quanto à aceitação de outras pessoas para com seu filho; atitude dos pais com seus filhos e impressão dos pais sobre seu filho. O primeiro domínio comporta doze questões e cada um dos demais, quatro questões. A análise descritiva dos dados indicou que o domínio 2 (percepção dos pais quanto à aceitação de outras pessoas para com seu filho) foi o de maior média (2,96) e a menor média (2,23) foi a do domínio 4 (impressão dos pais sobre seu filho). Assim, as maiores dificuldades observadas pelos pais referem-se à aceitação das pessoas para com seus filhos; enquanto que a impressão dos pais sobre seus próprios filhos foi o domínio com menor índice de dificuldades. Conclui-se que o modo como a sociedade responde às pessoas com autismo impacta diretamente na percepção dos pais. A descoberta do autismo na criança leva o contexto familiar a viver rupturas por interromper suas atividades sociais normais, transformando o clima emocional no qual vive. As relações sociais da família ficam prejudicadas, e os membros passam por um período de estresse causado, em geral, pela baixa aceitação dos comportamentos autísticos pela sociedade e por outros membros da família, além da ausência de suporte social. Isto significa que a falta de apoio social e o estigma do quadro clínico são aspectos com os quais as famílias têm, necessariamente, que lidar; contudo, o fato de obrigatoriamente lidarem com isso não significa que enfrentem tal questão sem quaisquer dificuldades. **Palavras-chave:** transtorno autístico, comunicação, família.

PA-39 PRÁTICAS PARENTAIS, VULNERABILIDADE SOCIAL E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DA CRIANÇA ESCOLAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA - Livia Maria Monteiro Ramanho, Joana Rostirolla Batista de Souza e Cristyleadjerferrssa Katariny Vasconcelos Mauricio (Universidade Federal da Paraíba - PB)

Pesquisas evidenciam que a maioria das crianças, que apresentam problemas de comportamento na escola, é proveniente de famílias em situação de vulnerabilidade social. Tais problemas são frequentemente relatados não apenas por professores, mas também por toda a equipe pedagógica e de apoio. Com base em uma experiência prática



da autora no campo social junto a mães provenientes de famílias vulneráveis numa parceria entre escola e assistência social básica, surgiu a motivação na busca por correlações entre as variáveis socioeconômicas, as práticas educativas e os problemas de comportamento apresentados pelas crianças na escola. Isso porque foi possível observar nessa experiência relatos sobre práticas negativas, porém com intenção educativa, de mais de crianças com sérias queixas de problemas de comportamento por parte descola. É reconhecida a importância das práticas parentais e a influência das mesmas para atitudes da criança no contexto escolar e outros. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo pesquisar na literatura correlações entre práticas parentais, problemas de comportamento na escola e a situação de vulnerabilidade social. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica sistemática considerando artigos, monografias, dissertações e teses. A pesquisa resultou em 845 trabalhos encontrados, dos quais 795 foram eliminados por meio da leitura do título e 35 por meio da leitura do resumo. Assim, foram considerados para esta pesquisa 13 trabalhos (1 teses e 12 artigos), os quais procuraram discutir as práticas parentais de famílias e mencionaram fatores socioeconômicos como importantes na contribuição para práticas negativas, correlacionando-os aos problemas de comportamento de crianças provenientes das mesmas na escola. Nos trabalhos os autores discutem as diversas variáveis que podem contribuir para o comportamento inadequado das crianças na escola, dentre elas os fatores ambientais/contextuais, como a situação socioeconômica. Em linhas gerais, relaciona-se a preferência pela punição física com o baixo nível socioeconômico, bem como outras práticas educativas negativas. Além disso, os autores discutem a questão dos fatores intrínsecos e extrínsecos ligados diretamente às questões de comportamento e vulnerabilidade social. Esta pesquisa evidenciou a importância de estudos voltados para a investigação da vulnerabilidade social como fator determinante para as práticas parentais negativas e a relação das mesmas no comportamento da criança na escola. Dessa forma, questiona-se se a incidência de problemas de comportamento na escola é maior em crianças provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade. De fato, o fator vulnerabilidade social é determinante para a escolha de práticas educativas negativas ou para a predominância das mesmas? Os achados demonstram a necessidade de estudos exploratórios voltados para esse problema, bem como de intervenção, visto que os mais afetados são as crianças, tendo a necessidade de um maior investimento na área. **Palavras-chave:** relações interpessoais pais-filhos, problemas de comportamento, vulnerabilidade social.

PA-40 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: O PAPEL DA ASSERTIVIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM - Magna de Sousa Lima, Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Antonio Jossean Coutinho Cruz, Byanca Eugênia Duarte Silva, Francisca Maísa Maciel, Maria Mabel Nunes de Moraes e Josefa Amanda Lino de Sousa (Faculdade Santa Maria, FSM - PB)

A escola é um campo onde se é construído e estabelecido relações sociais constantemente, servindo de referência para o aluno de várias formas, principalmente pelo elo estabelecido entre o professor e aluno. Desse modo necessita-se que o professor tenha comportamentos propícios para essa efetivação de relação e consequentemente aprendizado, como comportamentos habilidosos, que se refere a comportamentos sociais que contribuem para a qualidade e estabelecimento das interações interpessoais de forma bem-sucedida. Nessa perspectiva, leva-se em consideração que a relação professor-aluno deve ser construída através de algumas habilidades interpessoais, como a empatia e a assertividade. Percebe-se uma necessidade de se trabalhar as habilidades interpessoais do papel do docente, principalmente a assertividade, que em todos os setores serve como uma ferramenta que pode promover o processo de interação e por consequência também o processo de aprendizagem, levando em consideração o aspecto da sala de aula. **OBJETIVO:** Discutir a importância do fortalecimento das relações sociais e o desenvolvimento da assertividade na relação professor-aluno em detrimento ao processo de aprendizagem, levando em consideração a importância das habilidades sociais no contexto escolar. **METODOLOGIA:** Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico por meio da base de dados SCIELO, dentre algumas referências estão: Carita e Fernandes (2002), Coll e Colomina (1996), Soares e Cardozo (2007), Mello (2000) e Figueira (2007). **DISCUSSÃO:** Os estudos corroboraram que o comportamento autêntico e assertivo do professor tende a influenciar no comportamento do aluno de forma favorável, mostrando que as habilidades do professor tornam-se fundamentais para a construção de saberes, tendo como seu principal papel, a facilitação das potencialidades humanas, sendo protagonista no despertar de aptidões intelectuais do aluno. A habilidade assertiva emitida de forma competente certamente minimizará comportamentos agressivos favorecendo o enlace de um bom comportamento interpessoal. Assim, o professor é responsável pelos concordes constantes em suas práticas, necessitando ser flexível para lidar com a realidade vigente de sala de aula. O ato de ensinar é percebido como ir além do conhecer, uma vez que também necessita está apto a desenvolver mecanismos ou habilidades que facilite essa transmissão de conhecimento, mas que também atenda a demanda dentro do contexto estabelecido. Percebe-se então, que o desenvolvimento dessas habilidades facilita o processo de interação em sala de aula, favorecendo uma melhor eficácia no desempenho e na aprendizagem do aluno. **CONCLUSÃO:** Os estudos apontam que a assertividade do professor congruente com seu comportamento, de fato pode influenciar no aprendizado do aluno e na manutenção de



relações sociais saudáveis pautadas no método colaborativo. Consta-se que o professor e aluno são protagonistas da construção do ensino-aprendizagem, sempre com propósito de crescimento, evolução pessoal e social. No entanto, mesmo com estas constatações precisa-se de mais estudos para maiores comprovações. **Palavras-chave:** habilidades sociais, assertividade, ensino-aprendizagem.

PA-41 HABILIDADES DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS E TENTATIVA DE SUICÍDIO: O QUE DIZ A LITERATURA? - Mara An Deulayne Mota Dias, Sheila Raquel Júlia de Sousa (Universidade Paulista UNIP, Brasília - DF) e Janaína Bianca Barletta (Universidade Paulista UNIP, Brasília – DF e Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)

O comportamento suicida tem sido elencado como um problema de saúde pública. É visível o aumento deste comportamento nos atendimentos em saúde em nossa sociedade. Esta percepção também tem sido catalogada em um serviço escola do Distrito Federal, com o aumento da procura do atendimento psicológico por tentativas de suicídio. Outra percepção levantada a partir da prática profissional é que pacientes com este comportamento também apresentam baixa tolerância à frustração e déficits em solução de problemas. Estas dificuldades estão ligadas às habilidades interpessoais, como expressão do sentimento negativo, assertividade e empatia. Partindo deste raciocínio, no intuito de relacionar a resolução de problemas e suicídio, foi feita uma busca na literatura nacional utilizando os descritores com a seguinte estratégia de busca: resolução de problemas AND suicídio OR tentativa de suicídio. O levantamento foi realizado em duas bases de dados eletrônicas de psicologia indicadas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS): PePSIC e SCIELO. Na primeira foram encontrados nove artigos e na segunda foram encontrados 48. O primeiro passo foi ler todos os resumos dos artigos. Todos os artigos definiram o suicídio ou sua tentativa como um fenômeno multideterminado, complexo e universal. As variáveis mais associadas a este comportamento foram os transtornos mentais e comportamentais, em especial a depressão e o abuso de álcool e substâncias, seguido da crença de desamor e da visão distorcida de si mesmo. Diversos artigos não faziam a relação entre resolução de problemas e suicídio ou tentativa de suicídio, então o segundo passo foi fazer a análise dos resumos para triar os textos que eram pertinentes ao objetivo do presente trabalho. Como resultados foram encontrados três artigos que relacionaram o comportamento suicida com a solução de problemas, porém nenhum deles fazia uma relação de causa e efeito. Um dos artigos foi uma revisão sistemática que utilizou os mesmos descritores indicados nesse resumo, encontrou a maior parte dos textos em língua inglesa e identificou algumas variáveis importantes: os aspectos relacionais, cognitivos e psiquiátricos. O segundo artigo encontrou o menor índice de flexibilidade na resolução de problemas em pessoas que tentaram o suicídio quando comparadas com pessoas que cometeram homicídio e população geral. E o terceiro artigo indicou a impulsividade do ato como a falta de estratégia de controle das emoções e comportamentos. A partir desta busca, pode-se identificar que a depressão é a variável mais associada ao comportamento suicida, mas que o déficit em solução de problemas interpessoal não parece ser uma variável muito explorada. Ainda assim, vale ressaltar que a pouca literatura encontrada que faz a associação dos descritores usados na estratégia de busca sugere que o déficit na habilidade em solução de problemas interpessoais pode ser associado ao comportamento suicida. **Palavras-chave:** tentativa de suicídio, habilidade de resolução de problemas interpessoais, revisão de literatura.

PA-42 TREINAMENTO DE HABILIDADES DE VIDA: UMA ESTRATÉGIA DE TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA - Marcella Regina Silva Rieiro Guerra, Lindarci Pereira da S. Assis, Nádia Martins Rocha Bandeira e Fernanda Costa Nunes (Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO)

Usuários de drogas apresentam déficits no repertório de habilidades de vida, que são as habilidades sociais, habilidades cognitivas e habilidades para manejo de estresse ou de situações conflitantes. Treinamento destas habilidades é uma das abordagens da Terapia Cognitivo-Comportamental. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o treinamento de habilidades de vida como estratégia de tratamento da dependência química. Buscou-se periódicos nos seguintes endereços eletrônicos: Google Acadêmico, Scielo, BSV (Biblioteca Virtual em Saúde), Bireme e PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia). Os descritores utilizados foram: habilidades de vida; habilidades de vida e dependência química; tratamento da dependência química; Terapia Cognitivo-Comportamental na dependência química; habilidades sociais e; prevenção de recaídas. Capítulos de livros foram inclusos nesta análise, sendo ao todo, nove livros avaliados e 20 capítulos. Encontraram-se 45 artigos, dos artigos e capítulos de livros inclusos nesta pesquisa, sete se referiram, de modo geral, à Terapia Cognitivo-Comportamental no tratamento da dependência química; dez apresentaram ênfase na prevenção de recaídas ao uso de drogas; oito se referiram às habilidades sociais e habilidades de enfrentamento no tratamento da dependência química; apenas um artigo referiu-se ao treinamento de habilidades de vida com foco em



prevenção primária ao uso de substâncias psicoativas; um artigo enfatizou a prevenção de recaídas e motivação para a mudança em usuários de drogas; quatro referiram-se ao treinamento de habilidades de vida em outros contextos; quatro apresentaram treinamentos de habilidades sociais em outros contextos e; um capítulo de livro focou no desenvolvimento da habilidade resolução de problemas em pacientes psiquiátricos. Após uma apresentação geral dos periódicos inclusos, foram divididos em duas categorias: Terapia Cognitivo-Comportamental e dependência química, e treinamento de habilidades de vida como estratégia de tratamento da dependência química. As pesquisas apontaram que o desenvolvimento e treinamento de habilidades de vida são eficazes na reabilitação psicossocial do indivíduo, por melhorar suas habilidades cognitivas e comportamentais, buscando a modificação de comportamentos maladaptativos e geradores de prejuízos, e proporcionando a aquisição de um estilo de vida mais saudável em seus diversos contextos (social, emocional, profissional, biológico). **Palavras-chave:** habilidades de vida, dependência química, treinamento de habilidades de vida.

PA-43 TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: PROMOVENDO QUALIDADE DE VIDA - Marcelo Sanches Fracalossi e Florêncio Mariano da Costa Júnior (Universidade Sagrado Coração, USC - SP)

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma abordagem que centra-se nos problemas que estão sendo apresentados pelo paciente no momento em que este procura a terapia, sendo seu objetivo o de ajudá-lo a aprender novas estratégias para atuar no ambiente de forma a promover mudanças necessárias. Este trabalho apresenta um estudo de caso clínico relativo ao processo terapêutico de uma mulher de 51 anos, com queixa relatada de dificuldade em dizer não, e comer compulsivo em momentos de exposição a contingências aversivas. Foram realizadas 19 sessões, as intervenções clínicas tiveram duração de aproximadamente 50 minutos e ocorreram na clínica-escola de uma universidade privada, localizada no interior paulista, durante o ano de 2014. Os procedimentos de intervenção pautaram-se na cooperação entre o terapeuta e a cliente, de forma que as estratégias para a superação de problemas concretos foram planejadas em conjunto. A fase de avaliação consistiu da aplicação do Roteiro de Entrevista Inicial Semiestruturado e do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Na fase de intervenção foram utilizadas técnicas cognitivo-comportamentais como: instrução, reforçamento diferencial, ensaio comportamental e tarefas de casa, com o objetivo de promover aprendizagens que possibilitassem o enfrentamento das dificuldades vivenciadas pela cliente em suas inter-relações. As informações coletadas através do roteiro de entrevista inicial semiestruturado e os resultados do IHS-Del-Prette reafirmaram as dificuldades relatadas pela cliente, apontando déficits comportamentais em habilidades sociais, havendo a necessidade do Treinamento destas (THS), especialmente nos fatores: F1 (enfrentamento e autoafirmação com risco) e F3 (conversação e desenvoltura social), sendo estes instrumentos de avaliação psicológica de grande pertinência para a compreensão e planejamento das intervenções do caso em questão. Os resultados obtidos com desenvolvimento do referido treinamento evidenciaram a grande pertinência e significância do mesmo, uma vez que o feedback dado pela cliente através de seus relatos nas sessões validou a funcionalidade e importância do processo psicoterapêutico desenvolvido, havendo a diminuição das queixas diagnosticadas através da aprendizagem de novos comportamentos, mais habilidosos socialmente, resultando no incremento, em seu repertório comportamental, de formas mais reforçadoras de atuar em seus diversos contextos de vida, melhorando a qualidade de suas relações interpessoais. É possível afirmar que o desenvolvimento do THS foi responsável por gerar ganhos terapêuticos significativos quanto ao enfrentamento das dificuldades vivenciadas pela cliente. **Palavras-chave:** terapia cognitivo-comportamental, avaliação psicológica, treinamento em habilidades sociais (THS), práticas clínicas.

PA-44 AGRESSIVIDADE NA RELAÇÃO ALUNO E PROFESSOR NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR – Márcia Sumire Kurogi Diniz, Luane Rosa Soares, Heren Nepomuceno Costa Paixão e Alessandro Gonçalves da Paixão (Faculdade Metropolitana de Anápolis - GO)

Em virtude das várias transformações relacionadas na educação e na sociedade atual percebem-se mudanças nas relações sociais as quais levam ao ser humano apresentar comportamentos antissociais que dificultam seus relacionamentos interpessoais, sendo um deles a agressividade. Uma das ciências que busca compreender este tema é a Psicologia Social que desenvolve estudos sobre as interações sociais em diversos ambientes. Percebe-se então a importância do desenvolvimento das habilidades sociais, compreendida como uma série de comportamento utilizados na interação social, buscando a promoção de relacionamentos positivos na sociedade como forma de adaptação social. Este estudo teve como objetivo realizar uma análise a respeito da agressividade segundo os autores da psicologia social buscando assim, refletir sobre a agressividade no ambiente educacional entre aluno e professor nas instituições de



ensino superior, visto que se observa a cada dia uma frequência maior deste comportamento. A agressividade pode ser compreendida como todo ato que visa causar danos a alguma pessoa que pode ser classificado em agressão hostil e instrumental sendo ambas percebidas e vivenciadas nas instituições educacionais, pois existem agressões verbais dos alunos ao professor e a utilização de outras pessoas como meio de causar danos a pessoa a ser agredida. Estudos demonstram os motivos que levam as pessoas a agredirem a outra de acordo com as teorias psicológicas ou biológicas no quais a agressividade pode ser influenciada por fatores sociais, ambientais e pessoais e também por diversas ferramentas da mídia. Quando ocorre a externalização da agressividade por parte do professor ou do aluno, nota-se então, que este comportamento não é desencadeado apenas pela situação presente naquele momento, mas sim de diversos outros aspectos que estão envolvidos nessa interação e nas experiências destes sujeitos. Ou seja, a agressividade é formada por interferências da educação escolar, familiar, das interações com outros sujeitos no decorrer de sua vida, dos traços de personalidade, da cultura que vive e muitos outros desencadeadores da agressividade. É importante que os gestores no papel do coordenador e professor dentro de uma instituição de ensino, busquem meios para prevenir ou controlar o aparecimento da agressão visando assim, o bem estar de todos e um melhor processo de ensino e aprendizado dos alunos. Desenvolver habilidades sociais é de fundamental importância para diminuir a agressividade nas interações sociais: a utilização da empatia, do pedido de desculpa, do senso comunitário e de respeito, assim como diversos outros que busquem o bom convívio entre as pessoas. É um grande desafio para este profissional contribuir para o desenvolvimento das habilidades sociais de seus alunos, mas o ensinar e o aprender são infinitos, então existe a possibilidade desta habilidade ser benéfica e se transformar em interações humanas prazerosas para ambas as partes. **Palavras-chave:** agressividade, aluno, professor.

PA-45 A INFLUÊNCIA DE UM GRUPO DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NA MUDANÇA DA AUTOAVALIAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIO - Maria Aparecida de Oliveira e Lais Cristina da Silva (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC - GO)

O presente estudo teve como objetivo verificar a Influência de um grupo de desenvolvimento de habilidades sociais na mudança da autoavaliação de estudantes universitários. É sabido que o déficit de habilidades sociais pode estar ligado a aspectos cognitivos e emocionais, como baixa autoestima, crenças e atribuições disfuncionais, autoavaliação negativa, entre outros. Este fator pode comprometer a capacidade de aprender, o isolamento, empobrecimento da vida acadêmica e até evasão escolar. O estudo foi realizado com um grupo de oito estudantes universitários, com idade entre 18 e 45 anos, de diversos cursos e períodos, de uma Instituição de Ensino Superior, do Centro-Oeste brasileiro. Foram realizadas sessões semanais, com duas horas e meia de duração, num total de 12 sessões, nas quais foram abordados temas sobre fisiologia e psicologia do medo e ansiedade, crenças disfuncionais, autoconhecimento, assertividade, autocontrole, elementos linguísticos e paralinguísticos da comunicação interpessoal e em público. Foram utilizados procedimentos da Terapia Cognitiva Comportamental que incluía preleção e leitura de textos didáticos, reestruturação cognitiva, ensaio comportamental, modelagem, feedback, reforçamento positivo, relaxamento muscular progressivo, treinamento em respiração e a metodologia de ensino vivencial. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados: um questionário de Autoavaliação elaborado pela autoras, contendo perguntas abertas e fechadas, com objetivo de medir as habilidades sociais aprendidas (iniciar e manter conversação, expressar ideias ou fazer perguntas em sala de aula, apresentar trabalhos acadêmicos), a autopercepção e autoimagem. As respostas foram analisadas usando-se método quantitativo, para as perguntas fechadas. Para perguntas abertas usou-se a metodologia da pesquisa fenomenológica, citado por Amadeo Giorgi (1978). Esse método tem como princípio as descrições ou entrevistas transcritas a respeito das experiências dos participantes em relação a um fenômeno apresentado por este. Os resultados indicam que a aprendizagem de habilidades cognitivas, emocionais e sociais contribuiu para que os participantes mudassem sua forma de interpretar a si mesmo, as situações cotidianas e as outras pessoas, influenciando de forma positiva na mudança do desempenho e, conseqüentemente, da autoavaliação dos participantes. **Palavras chave:** treinamento habilidades sociais, autoavaliação, universitários.



PA-46 ORIENTAÇÃO SOBRE DST/AIDS COM ADOLESCENTES: UMA ATIVIDADE EDUCACIONAL QUE FAVORECE O AUMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS DOS ALUNOS DE MEDICINA - Mariana de Sousa Almeida Ramos, Pablo Henrique da Costa Silva, João Victor Barros Feitosa, Eduardo Henrique Soares Almeida, Suellenn Kecya Couto Tenorio, Daniele Natália Rocha Barbosa, Flávio Eduardo Ramos de Azevedo, Ronan Reginatto, Gabriel Alves Barros Rocha, Rafaella Silveira de Camargo, Ilma da Cunha Barros e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)

Uma das atividades da profissão médica na atenção primária em saúde é o fortalecimento de conhecimentos para o cuidado adequado em saúde da população. Neste sentido, a educação em saúde é um instrumento de extrema importância neste contexto que exige do médico alguns comportamentos como compartilhar e corrigir informações, organizar atividades em grupo e promover a aprendizagem do paciente e/ou comunidade. Tais comportamentos, que estão incluídos na classe de habilidades sociais de trabalho, devem ser lapidados desde a graduação de Medicina. Este trabalho tem por objetivo descrever uma atividade realizada no terceiro período do curso de graduação de Medicina da FACIPLAC, que favorece o desenvolvimento de habilidades sociais de trabalho nos alunos. A atividade da disciplina de 'Interação Comunitária III' teve como proposta ampliar os conhecimentos preexistentes nos adolescentes a respeito das formas de contaminação das DST/AIDS, assim como sua prevenção. Para tanto, um grupo de 10 alunos preparou uma oficina que foi realizada com 240 alunos de escola pública de ensino fundamental da comunidade do Gama/DF. Inicialmente, a oficina foi realizada em sala de aula para que os colegas e docentes da disciplina pudessem ajudar a lapidar algumas lacunas. Na semana subsequente, a atividade foi realizada na escola e para sua realização a proposta de intervenção foi dividida em etapas para melhor compreensão das DSTs e suas possíveis formas de transmissão. Inicialmente foram realizadas dinâmicas e atividades lúdicas que permitissem a interação inicial com o público alvo, facilitando a comunicação, a troca e a exposição dos adolescentes e dos alunos de medicina, bem como, potencializassem o olhar dos facilitadores para a comunicação não verbal dos adolescentes e outras variáveis da situação. Em seguida foi feita a distribuição de material educativo fornecido pela secretaria da saúde, composto de panfletos sobre DST/AIDS e a caderneta da Criança e do Adolescente. Posteriormente, foram exibidos vídeos de conscientização abordando as diversas formas de preconceito e a epidemiologia das DSTs, concomitantemente com apresentação da palestra sobre DST/AIDS com a finalidade de esclarecer "o que é? Como se transmite? Como se protege?". O passo seguinte foi retomar as dinâmicas para analisar o nível de conhecimento dos adolescentes sobre o assunto, uniformizar e esclarecer as dúvidas sobre a capacidade de transmissão dessas doenças e o prejuízo que podem trazer para suas vidas. Acredita-se que o resultado imediato foi alcançado, uma vez que muitas dúvidas foram sanadas, fatores de riscos foram evidenciados e que os adolescentes puderam falar abertamente sobre o tema com pares. Além disso, os estudantes de medicina puderam colocar em prática habilidades sociais esperadas para tal atividade no contexto simulado (sala de aula) e real (na escola pública), e ampliar conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis e suas formas de prevenção e cuidado. Apesar disto, acredita-se que este tipo de atividade deva ser contínuo e não apenas em uma disciplina, para que haja um aumento do senso crítico, do comportamento de prevenção em saúde e empoderamento da comunidade, bem como, o aumento das habilidades sociais necessárias nos profissionais da saúde.

Palavras-chave: adolescentes, DST/AIDS, intervenção, habilidades sociais.

PA-47 RELAÇÃO ENTRE DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS E O USO DE DROGAS NO CONTEXTO FAMILIAR DE PACIENTES COM TRANSTORNO POR USO DE SUBSTÂNCIA - Mariana Squefi, Vanessa Trintin Rodrigues, Jaluza Aimée Schneider, Jéssica Limberger e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo - RS)

O uso de drogas é apontado como uma problemática relevante na sociedade brasileira. Entre os fatores de risco para o início do uso de drogas tem se destacado a existência de déficits em habilidades sociais e o uso de drogas no contexto familiar. A infância é caracterizada por um período essencial para o aprendizado de habilidades sociais, sendo que a família possui um importante papel no desenvolvimento pessoal, afetivo e social do indivíduo. Em contrapartida, um ambiente familiar com comunicação interpessoal precária não serve como base ao indivíduo para a aprendizagem das habilidades sociais básicas, influenciando em possíveis dificuldades relacionadas à competência social. Também se destaca que o uso de drogas por pais é outro importante fator de risco para o início do uso de drogas por jovens. Nesta perspectiva, o presente estudo objetiva comparar as habilidades sociais entre usuários de drogas cujos familiares também usam ou usaram drogas e usuários cujos familiares não fazem ou não fizeram uso de drogas. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, transversal, comparativa. Este estudo é um recorte de uma pesquisa maior, intitulada: "Avaliação e Treinamento de Habilidades Sociais em Dependentes Químicos em Unidades Especializadas", aprovado no Comitê de Ética da Unisinos sob o número 13.172, contemplando todas as considerações éticas necessárias. Os participantes serão homens, com transtorno por uso de substância moderado ou grave, de acordo com os critérios



diagnósticos do DSM-5. Os participantes serão incluídos a partir dos seguintes critérios: estar a mais de 7 dias em abstinência e estar em tratamento. Serão excluídos da amostra participantes menores de 18 anos e maiores de 60 anos; com presença de algum transtorno psicótico (avaliado pela Mini International Neuropsychiatric Interview); com presença de déficit cognitivo (avaliado pelo Screening Cognitivo do WAIS-III). Os instrumentos a serem utilizados são: Questionário Sociodemográfico e de Consumo de Substâncias e Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Os dados serão analisados através do programa estatístico SPSS, versão 20.0, a partir de estatísticas descritivas sobre a amostra e de comparação entre os grupos estudados. A hipótese do estudo é que usuários de drogas, cujos pais que também são, ou eram, usuários teriam um menor repertório de habilidades sociais nos. Tal hipótese se baseia na literatura, a qual aponta que usuários de drogas tendem a possuir menores habilidades sociais, não possibilitando o ensino destas aos seus filhos. A presente pesquisa encontra-se em etapa de coletas de dados, cujos resultados serão divulgados em agosto de 2015. A partir dos resultados, espera-se discutir a confirmação ou não da hipótese, abordando fatores de risco e influência dos dados encontrados nos tratamentos. **Palavras-chave:** habilidades-sociais, relações familiares, transtorno por uso de substância.

PA-48 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS HABILIDADES SOCIAIS E DO EFEITO IATROGÊNICO DA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE - Mayza Maressa Oliveira (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama-DF) e **Janaína Bianca Barletta** (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama-DF e Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF)

A relação médico-paciente tem efeito diretamente no aumento ou diminuição de comportamentos promocionais à saúde. Uma diversidade de comportamentos emitidos pelo paciente pode ser elencada quando a relação estabelecida é considerada satisfatória, como: adesão ao tratamento medicamentoso, corresponsabilização pelo cuidado na própria saúde, comportamentos de higiene e de hábitos saudáveis. Por outro lado, quando a relação interpessoal estabelecida é considerada inadequada efeitos iatrogênicos tem maior probabilidade de ocorrer, favorecendo a emissão de comportamentos de risco por parte do paciente. Neste sentido, a iatrogenia consiste no resultado negativo da prática médica. Partindo deste raciocínio, procurou-se levantar aspectos relevantes indicados na literatura médica especializada a respeito da relação médico-paciente. Para tanto, foi feita uma busca nas principais revistas nacionais de educação médica e clínica, em dois bancos de dados: Scielo e BVS. Observou-se que a ênfase dada para aumentar a qualidade da relação interpessoal no contexto de saúde está na habilidade de comunicação. Esta habilidade é amplamente indicada como a principal ferramenta do médico, em que há troca de informações, sentimentos e significados do processo de adoecimento. Apesar disto, tem sido questionado o desempenho social do profissional ao utilizar-se da comunicação. Outras habilidades sociais, como empatia, assertividade, civilidade e expressão do sentimento, favorecem a comunicação adequada, também chamada de comunicação terapêutica. Uma vez que a literatura tem indicado uma falha no ensino médico de tais aspectos, resultando no déficit do repertório social do médico, alguns efeitos iatrogênicos também foram pontuados: a) dificuldade do profissional em identificar as necessidades do paciente, gerando a falta de concordância em relação à queixa, a insatisfação do paciente e a possível ruptura no tratamento, b) a diminuição dos ganhos de saúde e c) o aumento dos comportamentos de risco do paciente. Pelo déficit de habilidades sociais, o profissional tende a ter mais dificuldade na regulação da emoção e no manejo de situações delicadas, o que potencializa a falta de vínculo afetivo, o uso de linguagem técnica, bem como a emissão de comportamentos agressivos e depreciativos para com o paciente, a falta de tolerância às expressões e reações do paciente e o uso inadequado de respostas punitivas à falta de mudança esperada ou de sucesso terapêutico. Consequentemente, o profissional tende a negligenciar respostas não verbais e emocionais emitidas pelo paciente, o que, por sua vez, prejudica a adequação da relação médico-paciente. Diante do exposto acima, organizado a partir da revisão da literatura médica, fica claro a necessidade do desenvolvimento de habilidades sociais no médico e no estudante de medicina, a fim de aumentar a qualidade da relação interpessoal estabelecida e potencializar os ganhos de saúde. **Palavras-chave:** iatrogenia, relação médico-paciente, habilidades sociais.

PA-49 ACHADOS BIBLIOGRÁFICOS NACIONAIS SOBRE A PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS ATRAVÉS DA MUSICOTERAPIA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL - Michelle Delfito e Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jau-SP)

A paralisia cerebral afeta, em grande parte, a motricidade das crianças, causando dificuldade na fala, no equilíbrio e na aprendizagem. A mesma pode ocorrer devido a vários quadros clínicos como infecções, transtornos metabólicos e congênitos ao longo da gestação, durante ou depois do parto. Em destaque, a musicoterapia pode auxiliar no processo



terapêutico das pessoas com paralisia cerebral para que possam ter uma qualidade de vida melhor nos mais diferentes aspectos. A terapia através da música para essas pessoas provoca expressões únicas, por meio de experiências que as cercam como a aprendizagem, o desenvolvimento e a socialização. O intuito da musicoterapia, conforme demonstra a literatura, é de estimular as habilidades funcionais da pessoa com paralisia cerebral evidenciando os cuidados para amenizar as dores ou impactos negativos que geram falta de estímulo no processo terapêutico. A musicoterapia, também é adequada para se treinar com eficácia as habilidades sociais, bem como reestabelece as relações com a família e as pessoas que a cercam, fazendo com que as pessoas com paralisia cerebral se concentrem mais sobre o que está acontecendo ao seu redor. O presente estudo buscou, através de revisão da literatura, identificar os trabalhos nacionais que privilegiam a terapia pela música, como recurso promotor das habilidades sociais da pessoa com paralisia cerebral. Foi realizada revisão bibliográfica considerando artigos nacionais publicados, relacionados à temática. Durante a pesquisa de caráter bibliográfico, foi observada uma escassez de periódicos que referenciam o tema e baseada nesta limitação de trabalhos divulgados, que a mesma se evidenciou. Foram encontrados 305 artigos de periódicos por meio de bases de dados Scielo, Lilacs e CAPES, relacionados às palavras-chave: habilidades sociais, paralisia cerebral, musicoterapia. Deste total, foram incluídos apenas os artigos que se enquadravam na busca pela promoção das habilidades sociais nas pessoas com paralisia cerebral que se alteravam especificamente com a musicoterapia. Dos artigos selecionados, 60 (19,67%) expunham somente sobre a paralisia cerebral, como se apresenta e as várias formas de tratamento; 43 (14,09%) deles, englobavam a paralisia cerebral e também a musicoterapia, explicando mais sobre esse tratamento e a importância do mesmo. E, apenas 11 (3,60%) dos artigos relatavam sobre paralisia cerebral, musicoterapia e habilidades sociais, apresentando sua eficácia e seu comprometimento com a socialização dessas pessoas. Foi possível constatar, através das leituras realizadas, que as pessoas com paralisia cerebral que fazem tratamento ou reabilitação através da musicoterapia desenvolvem cada vez melhor suas habilidades sociais, pois as entendem com o apoio da musicoterapia e fazem o possível para torná-las cada vez mais de uso eficaz. Diante de todo exposto, fica evidenciada a necessidade de estender esse trabalho, no sentido de estimular e ensinar os pais, familiares e profissionais habilitados sobre a necessidade de investimento maior na promoção de habilidades sociais através da musicoterapia, como recurso no atendimento junto à pessoa com paralisia cerebral. **Palavras-chave:** habilidades sociais, paralisia cerebral, musicoterapia.

PA-50 GOOD BEHAVIOR GAME – UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO PRIMÁRIA EM PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO NO BRASIL: REVISÃO SISTEMÁTICA - Milene Strelow e Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC - SC)

Estudos apontam que o ambiente escolar e a relação com os pares são aspectos fundamentais para o processo de socialização e desenvolvimento da personalidade em crianças. Neste campo investigativo, programas preventivos baseados em evidência atuam através da redução dos fatores de risco e aumento dos fatores proteção por meio de um conjunto de ações que objetivam impedir ou retrazar a aparição do fenômeno a que se dirigem, sejam estes, por exemplo, o consumo de álcool e outras drogas. No contexto brasileiro, evidencia-se a experiência da implementação do programa preventivo “Jogo Elos: construindo coletivos”, resultante da adaptação transcultural do programa Good Behavior Game (GBG). O processo de implementação teve início no ano de 2013, por meio da Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras drogas, vinculado ao Ministério da Saúde. Este é um programa de prevenção primária escolar, destinado aos estudantes do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), estruturado no formato de um jogo, compartilhado pelas crianças e mediado por seus respectivos professores. A composição teórica do programa é baseada em multicomponentes que envolvem habilidades sociais, habilidades de vida e crenças normativas. Este trabalho de revisão sistemática se propõe a analisar a eficácia do programa preventivo GBG em ambiente escolar. Os artigos foram pesquisados nas seguintes bases de dados: PubMed, Redalyc, Web of Science e Scopus utilizando os descritores de busca ‘Good Behavior Game’ com as combinações ‘Efficacy’, ‘Prevention’ e ‘Schools’. Os artigos para análise foram selecionados de acordo com critérios de inclusão: a) publicados no período de 2009-2014; b) idiomas português, espanhol ou inglês; c) tratem-se de artigos científicos com texto completo que estivessem em formato on line; e d) delineamento do tipo longitudinal, caso-controle, survey e review. A busca inicial resultou em 97 artigos, que mediante aplicação dos critérios de inclusão e eliminação de artigos repetidos, perfizeram um total de 24 artigos que se adequaram a este trabalho. Os resultados desta revisão sistemática corroboram com dados encontrados em outros estudos de revisão, demonstrando que estratégias de prevenção aplicadas em escolas, como o GBG, principalmente no ensino fundamental, atuam de forma eficaz na redução de comportamentos indesejados, tais como: comportamentos disruptivos, agressivos, de conduta opositiva, externalizantes-internalizantes, tabagismo, uso, abuso e dependência de drogas, violência, criminalidade, ideação e tentativas de suicídio. Em contraponto aos desfechos desfavoráveis ao desenvolvimento infantil, os estudos descrevem que as intervenções do GBG tendem a elevar a frequência de



comportamentos considerados mais adaptativos, quais sejam, relações positivas entre pares, aumento das ações voltadas para realização de tarefas, elevação das taxas de realização pessoal e maiores chances de continuidade na vida acadêmica. Coadunando, estudos sugerem que apesar do GBG não ter como desfecho principal a prevenção ao uso de drogas, apresenta resultados que o caracterizam como uma espécie de “vacina comportamental”, incidindo na trajetória de desenvolvimento das crianças, atuando no fortalecimento dos fatores de proteção, tornando-as menos propensas a se envolverem, quando adultas, em vários problemas de comportamento, incluindo o uso de substâncias psicoativas. **Palavras-chave:** programas de treinamento em HS, fatores de risco e proteção, revisão sistemática.

PA-51 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA ATIVIDADE DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE: A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NO ESTUDANTE DE MEDICINA - Mylena Thayná Silva Alves, Camila de Azevedo Guedes Nogueira, Pablo Henrique da Costa Silva, Rebeka Caroline Moreira, Flávio Eduardo Ramos de Azevedo, Roberta Silvestre Fontão Peres, João Victor Barros Feitosa, Gabriel Alves Barros Rocha, Ronan Reginatto, Ilma da Cunha Barros e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama-DF)

O ensino de práticas de higiene pessoal na comunidade pode ser alcançado a partir das atividades de educação em saúde. Este tipo de ação tem como desafio prevenir adoecimentos diversos e promover saúde, tanto do indivíduo como da comunidade em geral. Uma vez que ações de educação em saúde são muito usadas na atenção primária e podem ter um impacto positivo na comunidade, é importante que o estudante de Medicina esteja preparado para atuar desta forma. Para colocar em prática ações preventivas e promocionais, o estudante deve ter conhecimento sobre as circunstâncias que o público alvo da ação está exposto e que podem favorecer ou minimizar a ocorrência de um problema de saúde. Além disso, o estudante deve ser habilidoso no relacionamento interpessoal para formar um vínculo com a comunidade, comunicar de forma compreensível, promover a aprendizagem, sugerir e organizar atividades em grupo que sejam adequadas para a finalidade em questão. A fim de aumentar o manejo de atividades de educação em saúde, foi realizada uma atividade no terceiro período do curso na qual os alunos de Medicina deveriam conscientizar adolescentes do ensino fundamental de uma escola pública sobre a importância da higienização oral e corporal. Inicialmente, os estudantes de Medicina leram sobre as diretrizes do atendimento ao adolescente, as políticas de saúde e sobre as consequências da falta de higiene. Além disso, foram vistos aspectos sobre o desenvolvimento do adolescente. A partir disto, o grupo de estudantes de Medicina montou algumas atividades que visavam proporcionar uma reflexão sobre hábitos de higienização. Primeiramente foi realizada uma palestra educacional, com três enfoques: a) ensinar como deve ser feita a correta higienização bucal e corporal, b) enfatizar as doenças que podem ser prevenidas e, c) demonstrar como é fácil manter esses hábitos em suas rotinas, auxiliando com dicas para aumentar a manutenção desses comportamentos considerados saudáveis. Em seguida foi feita uma dinâmica: alguns adolescentes voluntários deveriam responder questões sobre os assuntos abordados. Esta dinâmica facilitou a identificação do nível de conhecimento da população alvo sobre o tema, bem como, permitiu verificar se o que foi apresentado na palestra foi compreensível. Ao final, foram distribuídos kits com alguns produtos de higiene pessoal para os adolescentes. A atividade de educação em saúde permitiu que os alunos de Medicina colocassem em prática algumas habilidades sociais: a) de trabalho, como falar em público, coordenar e liderar um grupo; b) de comunicação, como fazer e responder perguntas, pedir feedback; c) assertivas, como pedir mudança de comportamento, manifestar opiniões, corrigir informações; d) empáticas, como expressar apoio e; e) de civilidade, tais como apresentar-se, cumprimentar e despedir-se. Além dessa experiência, os estudantes puderam reconhecer e interagir com os problemas sociais locais, refletir sobre a importância da interação com a comunidade e aumentar o nível de conhecimentos específicos e de habilidades sociais. **Palavras-chave:** higienização, habilidades sociais, educação médica.

PA-52 DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADE E COMPETÊNCIAS SOCIAIS EM DISCENTES DO ENSINO SUPERIOR – Myriam Christina Alves Rodrigues (Faculdade Raízes – GO)

O painel apresentará uma proposta de avaliação das competências sociais e um treinamento para o desenvolvimento das habilidades sociais nos acadêmicos da Faculdade Raízes de Anápolis – GO. A proposta tem como objetivo desenvolver habilidades e competências sociais com a finalidade de melhorar o ajustamento do discente em vários seguimentos: intrapessoal, interpessoal e contextual. Essa proposta foi enviada a UniEvangélica como projeto do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UniEvangélica - 2015/2016, que se iniciará em agosto de 2015. Para tanto, participarão da pesquisa os alunos da Faculdade Raízes do 1º período, a coordenadora, os alunos voluntários e bolsistas do projeto. Será apresentado aos alunos participantes os objetivos do estudo e o interesse em administrar os



instrumentos da pesquisa, assim como será apresentado outros esclarecimentos, como: o sigilo das respostas dadas e a participação voluntária dos mesmos. A pesquisa se dividirá em duas etapas: 1ª Pré-Intervenção (1PI) e 2ª Pós Intervenção (2PI). A 1PI ocorrerá no segundo semestre de 2015, com a aplicação de dois questionários que serão utilizados como instrumento de medida. Sendo o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) e o Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA). O QVA avaliará a adaptação acadêmica, as diferenças de percepções, vivências e comportamentos de alunos. O inventário de Habilidades Sociais é um instrumento de autorrelato que avalia o repertório de habilidades sociais, em uma amostra de situações interpessoais cotidianas. A primeira coleta de dados será realizada em duas fases: no início do 2º semestre de 2015 aplicar-se-á o IHS-Del-Prette e o QVA ao final do semestre. Os instrumentos serão aplicados coletivamente em sala de aula. A 2PI ocorrerá no primeiro semestre de 2016, com o desenvolvimento de habilidades e competências sociais nos graduandos de direito da Faculdade Raízes, com a técnica de Treinamento de Habilidades Sociais (THS). E finalizando os procedimentos de investigação das pesquisas, os instrumentos IHS-Del-Prette e o QVA serão reaplicados em junho de 2016. Os resultados dos questionários da 1PI e da 2PI serão comparados, com o objetivo de verificar as possíveis mudanças de comportamento após intervenção. Espera-se ao final da pesquisa que os alunos possam: (1) Desenvolver habilidades e competências sociais; (2) Melhorar as habilidades de comunicação; (3) Desenvolver melhores habilidades de relacionamento interpessoal; (4) Desenvolver melhores habilidades nas atividades, aprendizagem e nos estudos acadêmicos; (5) Melhorar as habilidades nas competências cognitivas; (6) Aprender estratégias de adaptação as situações acadêmicas. O sucesso do procedimento será implantado em todos os semestres na Faculdade Raízes para aprimorar as habilidades e competências dos alunos calouros. **Palavras chave:** habilidades sociais, competência, ensino superior.

PA-53 RELATO DE EXPERIÊNCIA: GRUPO DE ESTUDOS EM HABILIDADES SOCIAIS PARA TERAPEUTAS - Neiva Tein de Souza e Susana Dornelles (IntCC, Instituto de terapias Cognitivas - RS) e Francine Guimarães Gonçalves (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS - RS)

As habilidades sociais desenvolvem-se ao longo da vida em diferentes contextos: família, escola, trabalho e demais espaços de convivência. No entanto, dificuldades costumam ocorrer ao longo desta trajetória, provocando no indivíduo déficits na forma de se relacionar com as pessoas, e prejudicando seu desempenho pessoal, acadêmico, social e profissional. Sabe-se que os déficits em habilidades sociais dificultam o funcionamento social e as relações interpessoais. Neste sentido, o terapeuta que propiciar um treinamento em habilidades sociais de maneira eficiente, estará contribuindo para o desenvolvimento da competência social, para a melhora do desempenho profissional e qualidade de vida dos seus pacientes. As habilidades sociais do terapeuta são imprescindíveis para o desenvolvimento de uma relação terapêutica produtiva, para a comunicação empática e o posicionamento assertivo nas condutas necessárias ao tratamento. O estudo em grupo das habilidades sociais permite ao terapeuta reconhecer suas dificuldades e as formas de enfrentá-las, podendo assim, implementar um plano de tratamento mais adequado aos déficits de habilidades sociais dos seus pacientes. Objetivos: Realizar um treinamento em habilidades sociais para terapeutas cognitivo-comportamentais, oportunizando o desenvolvimento de suas habilidades através da exposição segura, e orientada. Metodologia: O grupo, composto por 10 (dez) terapeutas, psicólogos ou psiquiatras, reuniu-se em encontros quinzenais de 2h, totalizando 20h de estudo, numa instituição de ensino de terapias cognitivo-comportamentais de Porto Alegre. O trabalho teve por base os conhecimentos teóricos acerca do campo de habilidades sociais, associado à realização de discussões da prática clínica, através do emprego de técnicas específicas para o treinamento de habilidades sociais, role-play, questionamento socrático, feedback e videofeedback. Inicialmente foi aplicado o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) que auxiliou na identificação de quais habilidades deveriam ser desenvolvidas e permitiu adequar o programa às necessidades do grupo. Resultados: Em 2014 participaram 20 terapeutas nas duas edições do grupo, uma em cada semestre. Ao final de cada grupo de estudos, os terapeutas demonstraram maior capacidade de desenvolver programas de treinamento de habilidades sociais para seus pacientes. Comunicaram-se de forma mais assertiva com os demais participantes do grupo e demonstraram estar mais confiantes quanto ao emprego das técnicas em seu trabalho clínico. O espaço terapêutico constituído possibilitou a troca de estratégias e ferramentas possíveis para a demanda de diferentes tipos intervenção. Conclusões: Ao final do treinamento, os participantes relataram um considerável aumento da segurança e auto confiança no enfrentamento das demandas cotidianas com seus pacientes, mais segurança na proposição de condutas terapêuticas e posicionamento mais assertivo nas situações de tomada de decisão. Dessa forma, concluiu-se que o grupo de estudos em habilidades sociais para terapeutas, foi eficaz no aperfeiçoamento da competência profissional dos terapeutas, tendo como principal resultado uma maior capacidade de propor e implementar programas de desenvolvimento de habilidades sociais para seus pacientes. **Palavras-chave:** habilidades sociais, competência social, terapeuta cognitivo.



PA-54 HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL: REVISÃO DA LITERATURA NUMA POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA DA ÁREA DE SAÚDE – Núria Priscila Valentini Borro, Dagma Venturini Marques Abramides e Marcia Terezinha Van Melis (Faculdade de Odontologia de Bauru, USP - SP)

Este estudo se propõe a revisar, conforme literatura, indicadores de saúde mental, habilidades sociais e critérios sociodemográficos numa população de universitários da área da saúde (alunos de Odontologia e Fonoaudiologia da FOB-USP Bauru). Entendendo o contexto vivenciado por essa população como momento de preparação que antecede a sua inserção no mercado de trabalho, segundo a literatura, é marcado por mudanças rápidas trazidas pela globalização, que exigem cada vez mais sua formação técnica e habilidades interativas. Trata-se de um momento de adaptações, saída do ambiente familiar, para um outro ambiente desconhecido e repleto de novos desafios. A Universidade pode auxiliar no desenvolvimento integral deste futuro profissional que representa um grupo de investimento social para o país. É neste momento em que constatamos, conforme a literatura, que a Universidade não está preparada para receber o universitário e dar a ele todo este suporte de que necessita. Decorrente disto, o universitário fica a mercê de um ambiente causador estresse, gerando problemas orgânicos, dificuldades de relacionamento, baixa produtividade escolar, angústias, estados de depressão, apatia e, em situações mais acentuadas, ocorrer até a perda do interesse pela vida. A literatura traz estudos consistentes que comprovam que deficiências em habilidades sociais estão relacionadas ao estresse nesta população, sendo mais um fator somado às outras fontes estressoras. Além disso, apontam que estudantes do gênero feminino apresentam mais queixas de sofrimento mental e maiores dificuldades psicossociais. Segundo o aporte teórico utilizado as habilidades sociais são compreendidas enquanto conjunto de comportamentos emitidos por determinado sujeito em determinada situação. Podendo este sujeito apresentar um bom repertório de habilidades sociais ou o contrário, um repertório fraco de habilidades sociais. Tais habilidades envolvem: comunicação, assertividade, empatia, civilidade, expressão de sentimentos positivos, habilidades profissionais e habilidades educativas e/ou parentais. A qualidade deste repertório estará intimamente ligada a qualidade de vida do indivíduo na Universidade. Surge então o conceito de Competência social que, nada mais é, que um julgamento do nível de proficiência com que os comportamentos em análise são ou deveriam ser emitidos. Nestes casos a dimensão situacional pode ser uma variável interveniente e preponderante, de forma que o indivíduo consiga emitir um comportamento assertivo num ambiente, entretanto não consiga replicá-lo num outro ambiente. Desta forma, fica evidente a importância de se considerar o contexto para a avaliação da competência social em uma análise funcional. Segundo a literatura, existem fortes evidências de correlação entre repertório de habilidades sociais e indicadores de saúde mental. Constatou-se, por exemplo, uma forte relação entre déficit de repertório de Habilidades Sociais e a presença de fobia social, depressão e transtornos psiquiátricos em geral. Assim, um bom repertório de habilidades sociais pode ser analisado enquanto fator de proteção no processo de desenvolvimento humano do indivíduo. Da mesma maneira, a ausência destas habilidades podem representar fatores de risco a sua saúde mental. Estudantes mais habilidosos socialmente têm maior probabilidade de lidar com os desafios e dificuldades inerentes ao contexto universitário e assim, se tornarem melhores profissionais, principalmente considerando que estamos avaliando uma população de universitários da área da saúde. (CNPq) **Palavras-chave:** habilidades sociais, saúde mental, universitários.

PA-55 Instrumentos Nacionais e Internacionais na Avaliação das Habilidades Sociais em Usuários De Drogas - Raísa da Silva do Nascimento (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS - RS), Jéssica Limberger, Jaluza Aimée Schneider e Ilana Andretta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - RS)

As habilidades sociais constituem um conjunto de comportamentos no qual o indivíduo irá expressar seus sentimentos, seus desejos e direitos, de maneira adaptativa e assertiva. Tais comportamentos são aprendidos através das relações interpessoais, envolvendo expressão verbal e não verbal, sendo fundamentais para que o indivíduo consiga ter uma boa inclusão nos meios sociais e maiores possibilidades de sucesso no ponto de vista das relações afetivas, meio escolar e mundo do trabalho. A literatura evidencia a relação entre baixos índices de habilidades sociais e o uso de drogas, pela possível falta de assertividade ao lidar com as situações interpessoais. Avaliar as habilidades sociais torna-se a primeira etapa para se realizar intervenções que visem diminuir o uso de drogas a partir de comportamentos interpessoais adaptativos. Nesse sentido, objetiva-se analisar artigos nacionais e internacionais, sobre os instrumentos de avaliação de habilidades sociais em usuários de drogas, dos últimos 10 anos. Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática a partir das bases de dados Medline, Lilacs, Ibics, Cochrane, MedCarib, Central e Scielo com os descritores: “social skill*” AND drug*, “habilidades sociais” AND droga*, “habilidades sociales” AND droga*. A avaliação dos estudos revisados foi realizada por dois juízes independentes. Foram incluídos estudos a partir dos seguintes critérios de inclusão: publicação de 2004 a junho de 2014; idioma inglês, espanhol ou português, tendo como assunto principal o transtorno relacionado ao abuso de substâncias. Foram excluídos estudos teóricos, de revisão sistemática ou de



literatura; estudos sobre habilidades de vida e/ou de enfrentamento e sem acesso ao texto completo. A primeira busca resultou em 433 artigos, com 13 artigos para análise. A avaliação das habilidades sociais em adolescentes deu-se através dos seguintes instrumentos: Interpersonal Difficulties Questionnaire for Adolescents – CEDIA e Social Problem Solving Inventory-Revised SPSI-R (n=1); Communities That Care Youth Survey – CTC (n=2); Drug Use Screening Inventory – DUSI (n=1); Questionário elaborado a partir das questões do DUSI (n=1) e Questionário elaborado para a pesquisa (n=1). Na avaliação das habilidades sociais de adultos, também foram utilizados questionários elaborados para a pesquisa (n=2); além do Inventário de Habilidades Sociais – IHS (n=3). Dois estudos de intervenção que incluíam o Treinamento de Habilidades sociais não avaliaram as habilidades sociais. Os resultados identificaram que apenas três instrumentos padronizados para avaliar habilidades sociais foram utilizados. Evidencia-se que em três estudos foram feitas entrevistas não validadas para tal finalidade e duas pesquisas não utilizaram nenhuma forma de avaliação, mesmo as habilidades sociais sendo variável estudada. Sendo assim, percebe-se a carência de instrumentos específicos com validade e fidedignidade na avaliação das habilidades sociais no contexto nacional e internacional, principalmente para adultos, a fim de que intervenções como o Treinamento em Habilidades Sociais seja realizado a partir das demandas encontradas, contribuindo na diminuição do uso de drogas. **Palavras-chave:** habilidades sociais; drogas; avaliação.

PA-56 ASSERTIVIDADE E EMPATIA DE MÃES DE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA - Pricila Mendonça Barros da Silva e Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis, UCP- RJ)

A socialização primária da criança ocorre predominantemente no contexto familiar. Desta forma sua aprendizagem se dá por diferentes processos, entre os quais se incluem a observação ou modelação, a instrução e a consequência apresentada por meio de punição e reforçamento. Dentre as habilidades sociais importantes ou necessárias no repertório dos pais para melhor servirem de modelos a seus filhos, elegeu-se, neste trabalho, a assertividade e a empatia. Assertividade refere-se à capacidade de expressar-se e de defender os próprios direitos respeitando o outro. A importância da assertividade na educação dos filhos se manifesta na expressão adequada de sentimentos com controle da ansiedade, porém posicionando-se de maneira firme e decidida, mas não agressiva. Já a empatia refere-se a uma resposta afetiva de compreender e considerar sentimentos de alguém fazendo com que esta pessoa se sinta compreendida; envolve um interesse genuíno em compartilhar sentimentos. O que também é muito importante nas relações familiares. A fim de aprofundar o conhecimento destas duas subclasses de habilidades sociais e caracterizar o repertório assertivo, empreendeu-se um estudo piloto em mães de crianças entre três e quatro anos. Participaram onze mulheres com idade entre 28 e 42 anos, residentes do município de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. Para caracterizar o repertório das mães nas habilidades mencionadas foram aplicados três instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), Inventário de Empatia (IE) e Escala Rathus de Assertividade (EA). O primeiro resultado a ser destacado foi o repertório bastante desenvolvido de habilidades sociais. Todas as mães apresentaram escores totais no IHS-Del-Prette muito superior à média. Verificou-se ainda que as mães são tão assertivas quanto empáticas, pois não houve diferença entre os escores das mães no IE e na EA. Foram encontradas ainda correlações significativas entre os três instrumentos, destacando-se as que se seguem. O fator 3 do IHS-Del-Prette, que avalia a conversação e desenvoltura social apresenta correlação negativa estatisticamente significativa com todos os fatores do Inventário de Empatia. Em relação a esta amostra em particular, uma interpretação possível é que estas pessoas falam bastante ao comunicar-se, porém não escutam os outros. O fator 2 do IHS-Del-Prette, que avalia a auto afirmação na expressão de sentimento positivo, correlaciona-se positivamente com o fator tomada de perspectiva do IE. O fator 4 do IHS-Del-Prette, que avalia autocontrole da agressividade correlaciona-se negativamente com o fator Altruísmo do IE. A Escala de Assertividade correlaciona-se positivamente com os fatores F1 e F2 do IHS-Del-Prette, que avaliam respectivamente comportamentos assertivos de enfrentamento e autoafirmação com risco, e autoafirmação de sentimentos positivos. Os resultados confirmam a forte correlação entre os instrumentos, contribuindo para sua validação. São três instrumentos que avaliam habilidades sociais e que levam a resultados consistentes entre si. Esta pesquisa proporcionou um maior conhecimento acerca do repertório de habilidades sociais das mães de crianças na faixa de 3 a 4 anos para que a seguir sejam conhecidas as avaliações que estas crianças fazem da qualidade da interação familiar em seus lares. **Palavras-chave:** assertividade, empatia, caracterização de habilidades sociais de mães.



PA-57 A AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM E AS HABILIDADES SOCIAIS COMO INSTRUMENTO DE PRÁTICA EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL - Priscila Fidelis de Souza Lima (Centro Universitário UNA - MG), Marena Petra Ferreira Gonçalves, Luciana Bastos Neiva e Mariana Carla de Freitas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC - MG)

A importância das habilidades sociais na sociedade contemporânea está associada à busca de uma vida saudável, favorecendo o estabelecimento e a manutenção de relações interpessoais em contextos variados como o familiar, a escola e o trabalho. A escola tem importância fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociocognitivas e a Psicologia Escolar e Educacional tem muito a contribuir para esse desenvolvimento. Neste estudo será relatado o trabalho desenvolvido pela Equipe de Psicologia numa instituição de Curso Preparatório para vestibulares de Belo Horizonte, Minas Gerais. O Programa de Tutoria, como é chamado, consiste no atendimento individual dos alunos pela Psicologia em parceria com a equipe pedagógica da instituição. Por meio de encontros individuais e periódicos com os alunos, é realizado o acompanhamento das provas de simulação de vestibulares feitos semanalmente pelos alunos, que geram gráficos comparativos das suas notas com a média geral da instituição e a nota máxima alcançada naquela prova. O objetivo do Programa de Tutoria é promover a autorregulação da aprendizagem e consequentemente, o automonitoramento, entendendo que, um melhor desempenho escolar pode estar ligado à aprendizagem de habilidades sociais e à possível superação de defasagens escolares. A autorregulação é trabalhada por Bandura ao longo de sua trajetória, como “um processo consciente e voluntário de governo, pelo qual possibilita a gerência dos próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos, ciclicamente voltados e adaptados para obtenção de metas pessoais e guiados por padrões gerais de conduta”. Assim, faz-se necessário destacar o relevante papel da autorregulação no exercício da interação humana, e sua capacidade de intervir intencionalmente em seu ambiente, isto é, além de as pessoas reagirem ao ambiente externo, possuem a capacidade de refletir sobre ele, julgando as ações necessárias no contexto em que é praticada, a fim de antecipar cenários montados pelos efeitos de suas ações, promovendo a autoeficácia e desenvolvendo a habilidade social de criar estratégias motivacionais. Portanto, o aluno aprende a planejar, controlar e avaliar seus processos cognitivos, controlando e regulando o próprio processo de aprendizagem. Entende-se que a capacidade para a aprendizagem autorregulada pode ser incentivada no ambiente escolar. Nessa prática de intervenção psicopedagógica relatada no presente trabalho, tem-se alcançado a promoção da autorregulação da aprendizagem, envolvendo a atenção aos processos cognitivos, das emoções e do comportamento com especial foco às variáveis afetivas e motivacionais. O espaço de auto-observação e diálogo oferecido ao aluno por meio dos atendimentos de tutoria fomenta sua capacidade de escolha e tomada de decisão, e tem gerado o crescimento de ações de estudo que envolvem responsabilidade, planejamento e autonomia. Nesse sentido, integram-se construtos motivacionais como a crença de autoeficácia, o alcance de metas pessoais e as atribuições de causalidade ao desenvolvimento de habilidades sociais em processos de interação e integração com o psicólogo, em condição de escuta, mas também de intervenção, abrindo novos espaços para o trabalho em Psicologia Escolar e Educacional.

Palavras-chave: autorregulação, habilidades sociais, pré-vestibular.

PA-59 HISTÓRIA DE VIDA: A TRAJETÓRIA DESDE A ESCOLA DE ASSENTAMENTO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO HISTÓRIA DE VIDA: A TRAJETÓRIA DESDE A ESCOLA DE ASSENTAMENTO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO - Raniéli Gonçalves de Souza e Andreza Aparecida Polia (Universidade Federal da Paraíba - PB)

O presente trabalho tem como foco refletir e discutir sobre o processo de inclusão escolar no ensino superior público de pessoas advindas de comunidades rurais, a partir da vivência da pesquisadora, em sua transição de uma escola pública de assentamento, do interior do estado da Paraíba para o curso de graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, tendo o objeto de estudo centrado no processo de ingresso, permanência e desempenho escolar no ensino público superior considerando o contexto em que estava inserida anteriormente. A dificuldade em encontrar trabalhos com a perspectiva autorreflexiva, ao qual este faz menção, foi um dos motivos que impulsionou o desenvolvimento do mesmo. O trabalho visou contribuir para um processo reflexivo dentro da sociedade a partir da transição vivenciada pela pesquisadora, de uma escola pública do assentamento do interior do estado da Paraíba para um curso de graduação em Terapia Ocupacional de uma Universidade Pública Federal na Capital, bem como descrever a história de vida da mesma dentro da educação, e ainda discutir proveniente desta experiência, o processo de inclusão escolar das pessoas advindas de comunidades rurais. Em termos de método, trata-se de um relato de experiência com abordagem centrada no método narrativo de história de vida, que foi realizado com uma graduanda do curso de Terapia Ocupacional, autora/sujeito do trabalho. Os instrumentos/recursos utilizados para concretização deste trabalho foram um gravador de áudio, e escritas de forma espontânea, não estruturadas, a fim de evidenciar informações subjetivas. Os resultados mostraram que o relato de experiência, paralelo à literatura,



evidenciou a trajetória da pesquisadora abrindo um processo reflexivo sobre o tipo de inclusão existente na educação para/com a comunidade rural e quais possibilidades de educação existem para esta população. O meio rural vive em constante vulnerabilidade, o que não apaga o seu vasto conhecimento. O campo continua a ser visto como local produtivo apenas da agricultura, todavia o resultado do trabalho traz a necessidade de um olhar voltado às necessidades dessa população e as possibilidades da educação além da alfabetização, precisando superar principalmente as barreiras atitudinais desde a alfabetização à Universidade. Concluiu-se que essas questões englobam as relações e maneiras de existir das pessoas e grupos em suas singularidades e subjetividades, bem como sua concepção macroestrutural, transcorridas pela situação do território vivenciado em especial das comunidades de zona rural, exemplificadas através das narrativas da pesquisadora, contribuindo para um processo reflexivo sobre as possibilidades dessa população na educação, básica superior. **Palavras chaves:** inclusão escolar, assentamento, história de vida.

PA-60 ANÁLISE DO IMPACTO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES DE SOCIAIS SOBRE O DESEMPENHO NA ATUAÇÃO CLÍNICA DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA - Raquel Martins Sartori (Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV – SP e Universidade Federal de São Carlos, UFSCar - SP) e Almir Del Prette (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar - SP)

A literatura da área de Treinamento de Habilidades Sociais tem indicado uma relação positiva entre um bom repertório de habilidades sociais e a qualidade de relações sociais e profissionais. A profissão de psicólogo caracteriza-se por sua natureza social, uma vez que sua atuação se dá por meio ou nas próprias relações interpessoais, exigindo do profissional um repertório elaborado de habilidades e competências para manejar relações geralmente conflituosas. Considerando que o manejo social é parte essencial do trabalho do psicólogo, competência técnica e social se sobrepõem na atuação profissional. Alunos que ingressam nos cursos de graduação em Psicologia apresentam um repertório de habilidades sociais indiferenciado da população em geral e as Diretrizes Curriculares Nacionais preveem que os cursos de graduação favoreçam o desenvolvimento de habilidades e competências que guardam íntima relação com as categorias descritivas de habilidades sociais, todavia, são raros os exemplos de treino sistematizado dessas habilidades no processo de formação. Em função destas condições, o presente projeto tem por objetivos: (a) analisar a influência do repertório de h. s. prévias à formação dos psicólogos sobre seu desempenho em atuação clínica; (b) identificar possíveis efeitos dos cursos de Psicologia para a aprendizagem de habilidades sociais apropriadas e necessárias para o exercício profissional nesse campo de atendimento; (c) avaliar o impacto de um THS sobre o desempenho dos estudantes em situação de atendimento clínico; (d) analisar se um repertório elaborado de habilidades sociais e o desempenho acadêmico são fatores preditivos para uma atuação clínica competente. Para tanto, alunos do curso de Psicologia terão seu repertório de habilidades sociais avaliado previamente às disciplinas preparatórias para a atuação clínica e o rendimento acadêmico dos alunos será obtido a partir das notas obtidas em todas as disciplinas ao longo do curso. O grupo de alunos com indicação para treino de habilidades sociais será dividido em dois subgrupos e apenas um deles passará por treinamento sistematizado de habilidades sociais, sendo que o outro assumirá a função de grupo controle na pesquisa. Formar-se-ão assim três grupos de alunos: habilitados socialmente, não habilitados com treino e não habilitados sem treino. Todos os participantes da pesquisa terão seu desempenho na atuação clínica avaliado por observadores treinados e por seus respectivos clientes, de forma que se possa analisar semelhantes e diferenças na atuação clínica de estudantes com habilidades prévias à formação, não habilitados que passaram por treinamento de habilidades sociais e que não habilitados que passaram por treinamento e contaram exclusivamente com preparação prevista pelo curso de formação. Por questões éticas, os grupos de alunos não contemplados pelo Treinamento de Habilidades Sociais durante a pesquisa terão a oportunidade de participação no treinamento ao final dela. Analisar o impacto do repertório de habilidade sociais sobre a atuação clínica permitirá o repensar o processo de formação de psicólogos. **Palavras chave:** habilidades sociais, atuação clínica, formação de psicólogos.

PA-61 RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS PARENTAIS E DIMINUIÇÃO DOS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DOS FILHOS - Raysa Cristina Machado Maciel, Josefa Amanda Lino de Sousa Antonio Jossean Coutinho Cruz, Yara da Silva Ricardo e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria, FSM - PB)

A família é percebida como o primeiro ambiente que favorece a socialização permitindo o contato com regras e normas sociais e, por conseguinte encontra-se a escola como o segundo ambiente de envolvimento social significativo. O repertório de habilidades sociais apresenta-se como um indicador de qualidade social do indivíduo, que o mesmo desenvolve para contribuir na formação da competência social positiva, tornando-se os principais preditores desse



comportamento as práticas parentais e a qualidade da relação com os mesmos. A pesquisa realizada teve por objetivo analisar a relação que se estabelece entre o desenvolvimento de habilidades sociais dos pais e a diminuição de problemas de comportamento dos filhos, mediante a perspectiva do excesso e déficit dessa prática. O estudo desenvolveu-se de forma qualitativa, por meio da revisão de literatura utilizando-se de artigos entre os períodos de 2002 a 2014 através dos descritores: habilidades sociais e problemas de comportamento. Verificou-se um total de 12 artigos que subsidiam a discussão desse estudo, servindo como base reconhecidos bancos de dados. Os resultados evidenciam a importância que a família exerce no desenvolvimento social dos filhos tornando-se uma influência propulsora na qualidade das relações interpessoais dos mesmos. Dessa forma, os pais exercem a função de mantenedor e de modificador de comportamentos que mediante uma interação constante com os filhos, tornam-se um dos principais responsáveis pela prevenção e redução de problemas de comportamento. Essa intervenção, desenvolvida através de práticas educativas habilidosas, favorece um desenvolvimento social adequado, evitando-se dificuldades de socialização durante as fases de desenvolvimento. Essa aprendizagem na infância acontece por meio da observação, modelação, instrução e consequência, tornando a família a base mediadora de um desenvolvimento socioemocional saudável. Quando a criança é exposta a práticas parentais inadequadas (conflitos, negligência, coerção) desenvolvem-se dois tipos de comportamentos, os internalizantes (retraimento, depressão, ansiedade e queixas somáticas) e os externalizantes (impulsividade, agressão, características desafiantes e antissociais) constituindo fatores de risco para o desenvolvimento infantil. Consta-se, através do estudo realizado, que a influência dos pais no desenvolvimento social dos filhos possibilita que as crianças desenvolvam uma interação qualificada e positiva com seus pares, desencadeando a acessibilidade ao reforçamento social através de práticas da aprendizagem relacionadas ao reforço positivo, tais como, elogio e atenção. A relação mediada pela comunicação permite o desenvolvimento de um comportamento mais adequado ao repertório de habilidades sociais, permitindo que a criança desenvolva uma maior competência interpessoal e consequentemente apresentando menos problemas de comportamento. **Palavras-chave:** habilidades sociais, problemas de comportamento, relacionamento pais-filhos.

PA-62 ESTILOS PARENTAIS E A INCIDÊNCIA DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS - Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva, Regina Celia Cantanhede França, Laura Rosa Soares Neta, Jozielma Bastos da Silva Barros, Anny Carollyne Soares dos Santos, Zinole Helena Martins Leite e Daurinete Gomes da Silva (Universidade Ceuma, São Luis - MA)

Introdução: A violência no contexto escolar é um fenômeno antigo, amplamente pesquisado por autores como Debarbieux, Charlot e Sposito. Estudos tem demonstrado a estreita relação entre estilos parentais e comportamento dos filhos na escola, destacando como as práticas educativas influenciam no desenvolvimento de habilidades para com o convívio social e também no aparecimento de comportamentos agressivos e antissociais no contexto escolar. Estilos parentais é um conjunto de práticas educativas adotadas pelos pais para orientarem o comportamento dos filhos. A caracterização desses estilos depende da verificação do grau de coesão, conflito familiar, da organização do cotidiano, do incentivo a autonomia e das formas de controle sobre o comportamento. Salienta-se que as habilidades sociais vivenciadas no contexto familiar tende a ser transferidas para outros contextos sociais, favorecendo o ajustamento do indivíduo, bem como o seu desenvolvimento psicossocial. **Objetivo:** Analisar a relação entre estilos parentais e envolvimento de crianças e adolescentes em comportamentos violentos na escola. **Métodos:** Estudo descritivo, bibliográfico, cuja realização procedeu-se a partir da leitura de 35 artigos científicos publicados a partir de 1998, considerando as seguintes bases de dados: a www.scielo.br; scholar.google.pt; www.periodicos.capes.gov.br; www.comciencia.br e bibliotecas virtuais. **Resultados:** Verificamos que os estilos parentais têm grande influência no desenvolvimento educacional e social dos filhos. Neste trabalho, destacamos quatro tipos de controle parental: o autoritário, em que os pais controlam e modelam, de forma rígida as atitudes da criança, gerando filhos com poucas habilidades sociais, desempenho escolar moderado, sem problemas de comportamento e baixa autoestima; no estilo autoritativo os pais são afetuosos com seus filhos mas, aplicam-lhes regras e normas de forma racional para seus comportamentos, esses filhos tendem a desenvolver um melhor senso de empatia, melhores habilidades sociais, um bom rendimento escolar, baixo índice de disfunção comportamental e psicológica; os filhos de pais negligentes apresentam pouco afeto e envolvimento social, vivência precária de regras e limites, apresentam como características, transtornos afetivos e comportamentais, os piores índices de ajustamento, baixo desempenho em habilidades sociais, baixo rendimento escolar e futuros comportamentos antissociais; pais indulgentes oferecem aos filhos muito apoio, atenção emocional e pouca punição, imposição de regras e restrições, o que favorece o desenvolvimento de habilidades de socialização básicas, apresentando baixa auto-estima e maior propensão a envolver-se em problemas de comportamento, como a agressividade. **Conclusão:** A incidência de violência, nas escolas, tem relação com os estilos parentais, sendo que os mais propensos a envolver-se em problemas violentos e comportamentais são os filhos de pais autoritários, negligentes e indulgentes. Diversas pesquisas desenvolvidas nesta área demonstram que o estilo



autoritativo sempre se mostrou como aquele que produz melhores efeitos na formação dos filhos como: melhor desempenho escolar. **Palavras-chave:** estilos parentais, habilidades sociais, violência nas escolas.

PA-63 INTERAÇÃO COMUNITÁRIA III: DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES INTERPESSOAIS DE ALUNOS DE MEDICINA - Isac César Roldão Leite, Janaina Colombo Nunes, Rebeca Marques Margoto, Gustavo Lucas Cardoso, Vênus Déia Alves de Farias, Janaína Bianca Barletta e Ilma da Cunha Barros (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)

Capacitar a comunidade a fim de torna-la atuante na melhoria da própria qualidade de saúde e de vida, proporcionando o aumento na participação no cuidado e no controle desse processo é um dos focos do ensino médico. Para tanto, o futuro profissional de saúde deve ter contato com a comunidade desde o início de sua formação. Esse procedimento é importante para que os alunos possam ser preparados para avaliar o contexto da comunidade, identificar os determinantes sociais de saúde, as lacunas no conhecimento, bem como as práticas de saúde daquela cultura específica. Estes pontos possibilitam a busca de recursos e a elaboração de ações adequadas de prevenção e promoção de saúde para o público alvo específico. A partir do exposto, o presente resumo tem como objetivo descrever como a disciplina Interação Comunitária III promoveu o conhecimento sobre a saúde do adolescente e favoreceu a capacitação dos alunos do curso de Medicina para interagir com a comunidade levantando os principais problemas de saúde desta faixa etária. A fim de dar suporte teórico aos 57 alunos da disciplina, inicialmente foram trabalhados assuntos relacionados à puberdade e adolescência em sala de aula. Após este primeiro momento, os alunos foram divididos em grupos de trabalho com temas diferentes para desenvolverem oficinas a serem realizadas com adolescentes que estudavam no Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama/DF. Os temas foram escolhidos a partir do Programa de Saúde do Adolescente e do Jovem do Ministério da Saúde, como: projeto de vida e autoestima, nutrição, obesidade e transtornos alimentares, responsabilidade sexual e métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, higiene bucal e corporal, violência, drogas e doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a AIDS. Os estudantes de medicina deveriam incluir em suas oficinas atividades educativas sobre os temas que proporcionassem conhecimentos aos jovens sobre as questões de saúde, seus direitos e responsabilidades. Antes do contato com os adolescentes, cada grupo de trabalho deveria realizar a oficina com os colegas da disciplina, para que pudessem treinar alguns comportamentos, como: organizar grupos, liderar a audiência, melhorar a comunicação terapêutica, usar linguagem adequada, favorecer a participação da audiência, dar e pedir feedback. No primeiro encontro na escola algumas mudanças ocorreram em função da demanda da própria escola, sendo que a principal delas foi a alocação de 236 adolescentes no auditório para que todos participassem das atividades. A oficina preparada para ser realizada com uma turma teve que sofrer alterações naquele momento, o que exigiu dos estudantes de medicina uma flexibilidade no roteiro, resolução de problemas rapidamente e manejo da frustração da expectativa. As oficinas seguintes foram reorganizadas com mais tempo, adequando suas atividades para o novo contexto. Como resultados entende-se que esta disciplina proporcionou o desenvolvimento de habilidades interpessoais nos estudantes de medicina, uma vez que possibilitou a interação com os adolescentes e o manejo de situações inesperadas. Ou seja, foi possível alcançar a meta da disciplina, já que esses aspectos são essenciais para o trabalho na atenção básica e com a comunidade. **Palavras-chave:** interação comunitária, habilidades sociais, alunos de Medicina.

PA-64 RELATO DO PRIMEIRO CONTATO DO ESTUDANTE DE MEDICINA COM O PACIENTE INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONTROLE E DA EXPRESSIVIDADE EMOCIONAL - Rebeca Margoto, Isac César Roldão Leite (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF) e Janaína Bianca Barletta (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF e Universidade Paulista, UNIP, Brasília - DF)

O curso de graduação de Medicina tem um impacto emocional importante no estudante, em função dos diversos aspectos estressores associados como a proximidade com o sofrimento humano e a responsabilidade do cuidado da vida. Como a educação médica ainda está pautada no modelo biomédico, a preparação do estudante para lidar com o paciente consiste no ensino do conhecimento técnico da função profissional, mas não no treinamento de habilidades sociais (HS), sendo que as questões emocionais, em geral, são negligenciadas nesta formação. Sabe-se que a atenção primária de saúde exige um amplo repertório de HS para que o estudante seja capaz de identificar os aspectos psicossociais envolvidos no desconforto do paciente. O presente trabalho tem por objetivo descrever as reações psicológicas geradas em uma estudante de Medicina durante o primeiro contato com paciente infantil ocorrido no segundo período do curso em uma atividade realizada em creches e escolas da comunidade. Para treinar a intervenção, os estudantes aprenderam a medir e pesar crianças usando bonecas e anotando na caderneta da criança. Paralelo a



este treinamento, foram discutidas temáticas como vacinação, curva de crescimento, alimentação, higiene, importância do afeto no desenvolvimento infantil. No dia da visita à creche, uma estudante inicialmente permaneceu calada e escondida atrás dos colegas. O contato direto com crianças de 3 e 4 anos gerou sentimentos de angústia, medo e ansiedade. Por acreditar que não tinha preparo técnico suficiente, apresentou falta de confiança em si mesma e crença de incapacidade naquele contexto. Relata que sua vontade inicial era de “matar as crianças” como estratégia de eliminar a situação considerada aversiva. Ao ver seus colegas brincando com as crianças, a estudante fez uma tentativa de aproximação que gerou sentimentos de frustração e rejeição. As primeiras crianças que a estudante tentou interagir ignoraram a conversa e não responderam as suas perguntas. Esta situação fortaleceu a percepção negativa da autoeficácia em lidar com crianças, bem como sentimentos aversivos sobre a situação e potencializou comportamentos de desistência de estabelecer uma relação interpessoal. Como a professora insistiu que a estudante participasse ativamente daquele momento, houve nova tentativa de aproximação. Ao pegar uma criança no colo e perceber seu choro, a estudante novamente avaliou a situação negativamente. Seu pensamento foi de que ela estava causando o choro, mas ao perguntar o motivo daquele comportamento, a criança respondeu que era em função do carrinho que estava na mão de outra criança. Imediatamente, pensamentos menos catastróficos em relação a si e o sentimento de alívio surgiram, consequentemente, a interação pode ser estabelecida de forma mais adequada. Ao final, a estudante estava à vontade naquele contexto e não queria que a atividade terminasse. Este relato evidencia a importância da habilidade de autocontrole e expressividade emocional para o estudante. O desenvolvimento do manejo de estresse e ansiedade, da confiança na própria capacidade e da expressão de sentimentos de forma adequada, devem ser incluídos na educação médica. **Palavras-chave:** autocontrole e expressividade emocional, educação médica, habilidades sociais.

PA-65 PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DE AUTISMO - Regina Celia Cantanhede França, Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva, Zinole Helena Martins Leite, Anny Carollyne Soares, Jozielma Bastos da Silva Barros, Laura Rosa Soares Neta e Daurinete Gomes da Silva (Universidade CEUMA, São Luís - MA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba diferentes síndromes marcadas por perturbações em três áreas: comunicação (verbal e não verbal), socialização e comportamento restritivo e repetitivo. O TEA envolve situações e apresentações muito diferentes, de grau leve à grave; nas quais estão presentes dificuldades nas habilidades sociais. A aprendizagem mínima de padrões de comunicação e habilidades sociais em pessoas com TEA e de suma importância para a participação deste indivíduo em atividades acadêmicas e sociais. Alguns os autores tem se dedicado ao estudo do TEA, sua etiologia, manifestação clínica e formas de intervenção. Os critérios de diagnóstico deste quadro encontram-se no CID-10 e DSM-IV. Convém salientar que as dificuldades de comunicação apresentadas por pessoas com TEA despertam nos pais sentimentos de tristeza e de perplexidade pela indiferença que parecem mostrar nos relacionamentos interpessoais. Este estudo descreve as contribuições da Psicologia Comportamental no desenvolvimento de habilidades sociais em pessoas com TEA. Trata-se de um estudo bibliográfico e descritivo de cunho bibliográfico, cuja realização procedeu-se a partir da leitura de 18 artigos científicos publicados a partir de 2001, disponíveis nas seguintes bases de dados: www.scielo.br, scholar.google.pt, bireme.br (Biblioteca Virtual de Saúde - BVS) a partir das palavras-chave “autismo”, “habilidades sociais”, “intervenção comportamental”. Encontrou-se que a Psicologia Comportamental faz uso dos seguintes métodos para desenvolver habilidades sociais em pessoas com TEA: TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados com a Comunicação), o PECS (Sistema de Comunicação através da Troca de Figuras) e ABA (Análise Aplicada do Comportamento). Conclui-se que, para desenvolver as habilidades sociais, é importante favorecer ao indivíduo, experiências interativas que lhes permita organizar um sentimento de si próprio, como alguém capaz de se relacionar e de estabelecer com os outros uma sequência interativa em que exista reciprocidade e intencionalidade. No atendimento psicológico há necessidade de manter-se atento em relação aos comportamentos da pessoa com TEA e também em relação aos seus próprios estados afetivos, pois muitas vezes, haverá necessidade de recorrer a formas não verbais de comunicação. O desenvolvimento da linguagem promove mudanças significativas tanto no que se refere às habilidades sociais dos indivíduos, como no que se relaciona à evolução de suas estruturas cognitivas, o TEACCH, a ABA e o PECS tem diminuído significativamente o grau de irritabilidade, ocasionado pela incapacidade destas crianças se comunicarem satisfatoriamente, sendo a família incluída na atuação psicopedagógica. A comunicação verbal ou não verbal desenvolvida a partir dos métodos utilizados pela Psicologia Comportamental representa para a pessoa com TEA a possibilidade de trocas básicas no contexto social e inclusive sócio-educacional. **Palavras-chave:** transtorno do espectro autista, habilidades sociais, psicologia comportamental.



PA-66 RESILIÊNCIA E HABILIDADES SOCIAIS DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA - Rosana Trindade Santos Rodrigues, Ana Cristina Pletsch Roncati, Karen Cristine Abrão (Universidade Anhembi Morumbi – SP) e George Barbosa (Sociedade Brasileira de Resiliência - SOBRARE; Fundação Vanzolini - USP).

As habilidades sociais se relacionam com melhores relações interpessoais, convívio com as adversidades e enfrentamento do estresse. Comportamentos resilientes favorecem a competência de viver socialmente e enfrentamento do estresse com criatividade e saúde. A Resiliência é a competência de minimizar o negativo das adversidades, ressignificando crenças específicas mapeadas por meio de Modelos de Crenças que são Determinantes (MCD) do comportamento resiliente. Oito MCDs são propostos: Conquistar e Manter Pessoas (CMP); Análise de Contexto (ACxt); Autoconfiança (ACnf); Autocontrole (AC); Empatia (EPT); Otimismo para com a vida (OV) e Sentido de Vida (SV). Esses modelos podem ser posicionados em padrões comportamentais de Passividade (PC-P), Intolerância (PC-I) e Equilíbrio (PC-E) nos seus enfrentamentos. Faremos, nesse trabalho, um recorte dos resultados de uma pesquisa que apresenta o panorama da resiliência em uma população de alunos da graduação em medicina. Enfocaremos o objetivo de descrever os MCDs EPT e CMP desse grupo de alunos. Estes modelos de crenças estão relacionados a habilidades como: preservar amizades, conhecer pessoas, preocupar-se com o outro, expressar de modo claro, facilidade de conversar, identificar sentimento do outro e aproximar de pessoas; importantes para um bom desenvolvimento da relação médico-paciente. A escala QUEST_Resiliência foi aplicada em 190 estudantes voluntários de uma Universidade em São Paulo, 39 homens e 151 mulheres (18 e 30 anos). Os resultados apontam que: 51 se encontram em condição de excelência no MCD e CMP, revelando possibilidades de construir redes sociais estáveis, alcançar objetivos e desafios de proteção e alta qualidade de convivência; 83 mostraram resultados de segurança com PC-I, que representa propensão a atacar as fontes de estresse, empregar maior empenho para alcançar e envolver pessoas e promover quadros de irritação e ansiedade; 18 apresentaram PC-P indicativo de propensão a acatar as fontes de estresse, menor capacidade de aglutinar pessoas em torno de propósitos e projetos, mostrando-se tímidos diante de opiniões contrárias; 38 apresentaram vulnerabilidade na resiliência (MCD e CMP), eles apresentam comportamentos de maior timidez, dificuldades em estabelecer redes de apoio e prejuízo na convivência. No MCD EPT, 28 estudantes em condição de excelência, revelam a capacidade de se perceber aceito nos grupos, se relacionar com alegria, demonstrando generosidade e gratidão e motivando para uma melhor qualidade de vida; 96 estudantes na área de segurança com PC P revelam tendência experimentar carência afetiva nas relações, buscam confirmação de aceitação e reconhecimento de outros; 18 estão na área de segurança com PC I, nas situações de conflito investem atenção e cuidado além do necessário, revelando prejuízo na atitude de ser amável, resultando em leve desconforto na manutenção dos vínculos; 48 apresentaram vulnerabilidade na resiliência (MCD e EPT), revelam intensidade nos vínculos emocionais, chegando a atitudes invasivas, condicionam a empatia à aceitação dos outros, propiciando o isolamento. Concluímos que intervenções com foco no desenvolvimento da resiliência destes estudantes, como o coaching em resiliência, podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais favorecendo vida social e o manejo das relações médico-paciente. **Palavras-chave:** resiliência, educação médica, modelos de crenças determinantes.

PA-67 A RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E CONCEITUALIZAÇÃO COGNITIVA: UMA REVISÃO DE LITERATURA - Sheila Raquel Júlia de Sousa, Mara An Deulayne Mota Dias (Universidade Paulista, UNIP - DF) e Janaína Bianca Barletta (Universidade Paulista, UNIP – DF e Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)

A clínica da TCC é baseada na relação terapêutica genuína, bidirecional e colaborativa. Portanto, além do domínio do conhecimento teórico-científico que fundamenta sua atuação, é necessário que o terapeuta tenha competência social para estabelecer uma relação terapêutica adequada. Neste sentido, exigem-se do terapeuta habilidades empáticas, assertivas, de trabalho, comunicativas, de civilidade, de expressão do sentimento positivo, que permitam a construção conjunta do processo terapêutico, em um ambiente acolhedor e não punitivo. É nesta direção que o terapeuta pode tornar-se mais sensível ao paciente, pode identificar dados para descrever seu funcionamento e estabelecer planos de intervenção condizente com o perfil clínico de cada um. Tais aspectos são fundamentais para o desenvolvimento de uma conceitualização cognitiva adequada. Vale ressaltar que a conceitualização cognitiva é o coração da terapia, é a ferramenta que norteia a intervenção e que deve ser realizada ao longo do processo terapêutico de forma contínua. Partindo deste entendimento, levanta-se o questionamento sobre a relação entre o desenvolvimento da conceitualização cognitiva e as habilidades sociais do terapeuta. Este trabalho teve por objetivo fazer uma varredura na literatura nacional sobre o tema. Foi realizado o levantamento em três bases de dados eletrônicas: PEPSIC, SCIELO e Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os descritores: ‘habilidades sociais’ (HS), ‘terapia cognitiva’ (TC), ‘terapia



cognitivo-comportamental' (TCC). Não foram utilizadas 'conceitualização cognitiva' ou 'conceitualização cognitiva' por não aparecerem no DECS e nos termos cadastrados nas bases. Inicialmente, ao fazer as buscas em separado foram encontrados 87 registros no SCIELO para HS, 68 no PEPISIC e 2.439 na CAPES. Para TC foram encontradas 37 no SCIELO, 15 no PEPISIC e 1.517 na CAPES e para TCC foram encontradas 37 no SCIELO, 41 no PEPISIC e 384 na CAPES. Ao usar a estratégia de busca 'habilidades sociais' E 'terapia cognitiva' OU 'terapia cognitivo-comportamental', foram encontrados 33 registros na CAPES e nenhum nas outras bases de dados. Para avaliar os resumos dos 33 textos, foram lidos todos os resumos. Em nenhum deles a conceitualização cognitiva foi citada no trabalho, ainda que fossem abordados outros aspectos da terapia cognitiva. Este resultado, somado a falta de descritor específico, pode sugerir que ainda não há uma preocupação em estudar as habilidades necessárias para efetivar uma conceitualização de qualidade. Uma vez que a conceitualização cognitiva é considerada como o alicerce da terapia, ou seja, parte fundamental do processo terapêutico, sugere-se que estudos sejam realizados com intuito identificar habilidades importantes para seu desenvolvimento. Sugere-se ainda a ampliação da busca para confirmar esta lacuna na literatura nacional, incluindo livros, teses e dissertações. Além disto, esta busca pode ser ampliada para a literatura internacional, incluindo bancos de dados com artigos em outros idiomas, como inglês, espanhol e francês. **Palavras-chave:** HS profissionais e terapêuticas, conceitualização cognitiva, revisão de literatura.

PA-68 O PAPEL DAS EMOÇÕES NO MANEJO DAS HABILIDADES SOCIAIS - Silvana Queiroga da Costa Carvalho, Lanna Cristyna do Rego e Silva, Ana Paula de Castro Araujo, Arlindo Félix da Costa Neto (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB) e Jayana Ramalho Ventura (Universidade Federal da Paraíba - PB)

Inexiste uma definição única sobre as emoções, uma vez que há uma grande variedade de conceitos e teorias, as quais enfatizam um aspecto em particular, tais como: psicológico, fisiológico, social ou afetivo. No que se refere ao ponto de vista social, sabe-se que a manifestação das emoções provoca ao organismo uma interação que pode gerar uma facilidade ou dificuldade nas relações interpessoais. Assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir o papel das emoções no manejo das habilidades sociais nos indivíduos. Especificamente, pretende-se (1) apresentar os aspectos conceituais e históricos das emoções; (2) identificar as características e fundamentos das habilidades sociais e; (3) Relacionar o conceito das emoções com o manejo das habilidades sociais. A emoção é uma área de pesquisa que pode ser associada ao conjunto de processos heterogêneos pelos quais os indivíduos estabelecem contato com o mundo, sendo as expressões faciais são veículos importantes para a comunicação social. As relações humanas permeiam todo o seu período de desenvolvimento, desde a infância a velhice, sendo dessa forma, necessário adequar às habilidades de lidar com o outro. O termo Habilidades Sociais refere-se às diferentes classes de comportamentos sociais e repertório de uma pessoa, que contribuem para a qualidade e a efetividade das interações sociais, conforme parâmetros típicos de um determinado contexto e cultura. As habilidades sociais são requisitos importantes para o estabelecimento das relações sociais, pois elas facilitam a busca de novas relações e a própria recepção de uma nova relação. Dessa forma, as emoções assumem um papel mediador no processo de habilidades sociais, uma vez que os comportamentos sociais são desencadeados por um estímulo interno identificado como o aspecto motivacional das emoções. Assim, é necessário que o indivíduo possua a inteligência emocional, visto o reconhecimento intrapessoal e interpessoal das emoções e o seu manejo interferem de forma direta na competência social do ser humano. Encontrou-se na literatura uma diversidade de estudos que se relacionavam as emoções e as habilidades sociais. Dentre os métodos encontrados, pode-se destacar o experimental, correlacional, exploratório, causal-comparativo, revisão (literatura, sistemática e metanálise), estudo de caso, intervenção e validação de instrumentos. As amostras dos estudos variaram de crianças, adolescentes, idosos, pessoas com deficiências, pacientes com transtornos psiquiátricos, entre outros. Sobre os instrumentos utilizados em estudos sobre emoções e as habilidades sociais, pode-se afirmar que a literatura apresenta uma diversidade de ferramentas validadas para fazer a mensuração conforme o objetivo proposto da investigação. Assim, verifica-se que as emoções e Habilidades Sociais são dois construtos intimamente relacionados e o quanto o controle das emoções interfere no manejo da condução das Habilidades Sociais, e conseqüentemente na qualidade de vida do indivíduo. Tal pesquisa contribui para o aprofundamento de um tema que desde a antiguidade tem fascinado estudiosos da área humana, uma vez que as emoções são consideradas um processo psicológico básico fundamental na gênese comportamental do ser humano e as Habilidades Sociais um aspecto basal para vida do ser humano. **Palavras-chave:** emoções, habilidades sociais, manejo.



PA-69 HABILIDADES SOCIAIS DOS LÍDERES COMO VARIÁVEIS QUE AFETAM O CLIMA ORGANIZACIONAL - Taiani Lanjoni (Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV - SP) e **Raquel Martins Sartori** (Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV - SP e Universidade Federal de São Carlos, UFSCar - SP).

Para conhecer a realidade das empresas torna-se necessário identificar os fatores que influenciam o clima organizacional. Clima este, constituído por comportamentos e percepções dos indivíduos no trabalho, pois quando satisfatório estes se sentem motivados, satisfeitos, mais produtivos e envolvidos com a organização. A fim de mediar os conflitos, as empresas contam com os líderes que quando capacitados e habilidosos socialmente, melhoram o Clima Organizacional. O líder habilidoso mantém-se em comunicação, demonstrando assertivamente seus objetivos e auxiliando o outro a conquistar resultados. Os principais objetivos deste estudo foram verificar a correlação entre grau de habilidades sociais do líder e o clima organizacional das empresas pesquisadas, bem como, identificar os fatores do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) que colaboraram para o estabelecimento do clima organizacional. Participaram deste estudo, 169 funcionários, dentre eles nove líderes de duas empresas metalúrgicas do interior de São Paulo, denominadas de empresa A e B. Para obtenção de dados foram utilizadas a Escala de Clima Organizacional (ECO) e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Os resultados apontam que a empresa B possui líderes altamente habilidosos e um Clima Organizacional superior a Empresa A que possui líderes menos habilidosos e um Clima Organizacional inferior a Empresa B em todos os fatores. Ressalta-se a influência que as Habilidades Sociais dos Líderes podem exercer sobre o Clima Organizacional, e pontua-se a importância de desenvolver novas pesquisas que envolvam o Treinamento de Habilidades Sociais em líderes. **Palavras-chave:** psicologia organizacional, clima organizacional, habilidades sociais, líderes.

PA-70 DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNOS MENTAIS GRAVES - Tharso de Souza Meyer, Daniele Coppi Bolland, Paola Branco Schweitzer Arantes e Larissa Aparecida Hagemeyer (Secretaria Municipal de Saúde de Lages - SC)

Habilidades sociais podem ser definidas como a capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para as demais pessoas por meio de um relacionamento saudável e produtivo. São importantes para o bom desenvolvimento sócio-emocional e ajustamento do indivíduo, independentemente de sua etapa de desenvolvimento. Incluem-se nestes comportamentos: os gestos, a postura, o contato visual e a mensagem não verbal. Acredita-se que o treinamento de habilidades sociais é possível, pois já que as habilidades sociais são aprendidas, elas também podem ser ensinadas. O modo de vivência de grupo para trabalhar habilidades sociais maximiza resultados, uma vez que vários participantes são treinados ao mesmo tempo, bem como a vivência de um participante pode atingir outros componentes do grupo. Atualmente, a saúde mental é compreendida enquanto um fenômeno multifatorial, percebendo o indivíduo na sua integralidade biopsicossocial. Os Centros de Atenção Psicossocial representam uma alternativa ao antigo modelo dos hospitais psiquiátricos, sendo dispositivos articuladores, abertos, comunitários e interdisciplinares. São serviços vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS), com objetivo de promover a autonomia dos indivíduos, tornando-os sujeitos ativos e participantes no seu tratamento, estimulando a sua integração familiar e social. Os Centros de Atenção Psicossocial Infância-Juvenil (CAPSi), visam o atendimento de crianças e adolescentes com intenso sofrimento psíquico. Tendo em vista o objetivo de (re)inserir o indivíduo na sociedade, a equipe do CAPSi do município de Lages-SC idealizou um grupo de habilidades sociais pelo fato de haver um número considerável de pacientes com importante dificuldade em adequar-se ao sistema de regras estabelecidos pela sociedade e estabelecer relações interpessoais saudáveis. Este grupo terapêutico tem o objetivo de favorecer/estimular o desempenho social dos participantes, tornando-os indivíduos capazes de lidar com pessoas, situações e consigo mesmos de modo saudável. Esta atividade contribui na socialização e na saúde mental dos participantes, ampliando seu repertório de habilidades sociais. Os grupos são realizados duas vezes por semana, nos períodos matutino e vespertino, possibilitando a participação no contraturno escolar. Podem participar os indivíduos acompanhados pelo CAPSi, desde que indicados pela equipe e acordados com o sujeito e seu responsável na elaboração do Projeto Terapêutico Singular (articulação e estabelecimento de metas para o tratamento, além das condutas terapêuticas para atingi-las). São coordenados por uma psicóloga e disponibiliza seis vagas para os grupos destinados a crianças e 10 para os grupos de adolescentes. Até o momento, pode-se concluir que esta atividade, tem favorecido o desempenho social dos participantes, estimulando a troca de experiências, a interação grupal, a identificação de problemas e a ajuda mútua. As atividades iniciais propiciaram o autoconhecimento e o conhecimento do outro, auxiliando na criação de vínculo e de um ambiente acolhedor. A assiduidade dos participantes sugere interesse nas atividades, reforçado pelas eventuais faltas, sempre justificadas por seus responsáveis. **Palavras-chave:** habilidades sociais, transtornos psicológicos, CAPSi



PA-71 FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO DA CRIANÇA NA ESCOLA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA - Joana Rostirolla Batista de Souza e Thayzzy Fátima Araújo Santos (Universidade Federal da Paraíba - PB)

Uma das preocupações da rede básica de Assistência Social é promover a redução dos fatores de risco para a evasão escolar. Dentre eles discute-se, atualmente, a problemática da situação de vulnerabilidade social, bem como a questão das habilidades parentais de pais vulneráveis e como ambas relacionam-se aos comportamentos problemáticos apresentados pela criança na escola – que constituem um dos mais frequentes motivos de encaminhamento para a Terapia Ocupacional Escolar no contexto relatado. Diante disso, este trabalho relata a experiência de uma disciplina teórico-prática do campo da Educação e Social do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba. Trata-se especificamente de uma parceria entre a Assistência Social Básica e uma escola municipal de ensino fundamental I do município de João Pessoa – PB com a finalidade de intervir junto a mães de crianças com problemas de comportamento na escola, cujas famílias se encontram em situação de vulnerabilidade social. Oito mães de crianças com problemas de comportamento na escola e provenientes de famílias vulneráveis foram indicadas e convidadas pela assistente social da mesma para participarem do grupo de mães organizado pela docente da disciplina e coordenado por discentes da mesma. As participantes tinham entre 28 e 43 anos, apenas uma com ensino fundamental completo, quatro com ensino fundamental incompleto e 3 não alfabetizadas. Todas provenientes de famílias assistidas pelo Programa Social Bolsa Família e uma também pelo Benefício de Prestação Continuada – BPC. Em todos os casos foi relatada situação de vulnerabilidade à violência e ao tráfico de drogas. O grupo se desenvolveu dentro da lógica do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo da Assistência Social Básica e teve como meta maior a prevenção da evasão escolar. Nele foi possível promover um espaço para discussão e levantamento de demandas, das quais a mais frequente foi relacionada às práticas parentais das participantes. O grupo oportunizou trocas de experiências e informações, esclarecimentos e um espaço para discussões e reflexões. Vídeos, relatos e outras estratégias foram utilizados como elementos disparadores de discussões e reflexões das participantes. Falas como “eu tento não bater, porque quando eu bato, eu não só bato, eu espanco” (SIC) surgiram durante os grupos. Os primeiros encontros foram de importante contribuição para a formação profissional dos discentes e evidenciaram necessidade de expansão da intervenção de forma a promover um trabalho multiprofissional, contínuo e que estabeleça o fortalecimento da rede de suporte dessas famílias, uma vez que se refere a um problema de grande complexidade. **Palavras-chave:** relações interpessoais pais-filhos, problemas de comportamento, educação inclusiva.

PA-72 UMA REVISÃO TEÓRICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL - Vanessa Thais Monteiro e Denise Dascanio (Universidade Paulista, UNIP, Bauru - SP)

A valorização das relações interpessoais no trabalho tem trazido novas demandas para a formação profissional universitária. As habilidades sociais do indivíduo representam uma condição básica em conquistas socialmente favoráveis na formação dos universitários. Tais habilidades refletem diretamente na qualidade de suas relações interpessoais. Além de habilidades técnicas, tornaram-se mais valorizadas as competências para trabalhar em equipe, falar em público, resolver problemas, tomar decisões, comunicar-se de forma empática e assertiva, entre outras. A Universidade está sendo convocada a assumir um papel mais ativo na formação de profissionais, de modo a atender às novas demandas do mercado de trabalho. O objetivo deste estudo é realizar uma revisão de literatura sobre estudos envolvendo avaliação e intervenção de habilidades sociais junto a universitários no Brasil. Este estudo faz parte de um projeto mais amplo que investiga o repertório de habilidades sociais entre estudantes de ciências humanas, exatas e da saúde de universidade particular, por meio dos instrumentos Inventário de Habilidades Sociais e o Questionário de Avaliações de Habilidades Sociais, Comportamentos e Contextos para Universitários. Primeiramente, realizou-se uma revisão da literatura brasileira nas principais bases de dados e periódicos brasileiros indexados; com o cruzamento das palavras-chave: habilidades sociais e universitários. Foram identificados 17 estudos relacionados ao assunto, sendo 11 de avaliação e 6 estudos de intervenção. Desses estudos, nove estavam direcionados a treinamento de habilidades sociais, sendo que todos apontaram uma melhora significativa; dois focaram na adaptação dos estudantes no decorrer da graduação, sendo que um constatou que o primeiro ano é o mais atingido, notou-se também, neste mesmo estudo, que as habilidades sociais são adquiridas com o passar dos anos; outros dois estudos estão direcionados a diferença de habilidades sociais entre homens e mulheres, sendo que não foi identificada uma diferença significativa, um estudo se refere às situações sociais agradáveis e desagradáveis para os universitários e um à expectativa vocacional dos estudantes, tendo sido constatado que quanto mais habilidades sociais, mais expectativa vocacional. Dos estudos analisados apenas um não utilizou o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-DEL-PRETTE). Com base nessa revisão, nota-se um avanço, nos últimos anos, em relação a estudos envolvendo o desenvolvimento de habilidades sociais para a



formação do profissional, porém o tema ainda é bastante incipiente no Brasil e carente de mais estudos. Com isso, este projeto pretende focar na análise dos dados levantados de modo a construir um suporte teórico norteador para o desenvolvimento de habilidades sociais no âmbito acadêmico, sendo necessário o avanço de estudos que supram as carências identificadas sobre o tema, de modo a proporcionar uma formação acadêmica diferenciada, podendo reduzir problemas futuros encontrados pelos novos profissionais. **Palavras-chave:** Habilidades sociais; universitários; formação profissional.

PA-73 INTERVENÇÃO SOCIAL EM PACIENTES USUÁRIOS DE DROGAS: RELATO DE VIVÊNCIA - Wanessa Fernandes Veloso, Caroline Neiva Damasceno, Karlos Jannysson Sousa Soares e Mariana Queiroz Souza Pereira (Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central, FACIPLAC, Gama - DF)

Objetivos: Relatar as experiências vividas por estudantes do curso de Medicina da Faciplac, em abrigos para moradores de rua. Essas visitas foram realizadas com o intuito de conhecer a verdadeira realidade de pessoas com dependência química que ali se encontravam, para, assim, desmitificar estereótipos e preconceitos sobre esse grupo de indivíduos. Entender e registrar as principais causas que os fizeram usar pela primeira vez a(s) droga(s) na(s) qual(is) eles são dependentes. Colher deles suas histórias de vida, perguntando-os sobre suas famílias e como elas lidaram com o problema. Além disso, buscar saber, caso tenha existido, sobre as tentativas de reabilitação e que tipos de instituições foram responsáveis por essas tentativas. Para, nesse sentido, contribuir, com uma formação médica mais humanizada desses alunos, fazendo, com que eles possam, no futuro, tratar com respeito e dignidade os portadores de dependência química. **Metodologia:** O estudo foi realizado com vinte moradores de rua que se encontravam provisoriamente em abrigos do Distrito Federal. Foram realizadas duas visitas a esses albergues, abrigos para moradores de rua. Nesses locais foram entrevistados, sem o uso de questionários prontos, os vinte indivíduos, sendo cinco mulheres e quinze homens, desse total, apenas doze afirmaram serem usuários de drogas, dos doze apenas três eram mulheres. Assim, por meio dos depoimentos coletados, os alunos conseguiram registrar suas percepções sobre o tema, sintetizando-as para elaboração do trabalho. Todos os sujeitos entrevistados tiveram conhecimento sobre a finalidade da entrevista, ou seja, estavam cientes em relação a pesquisa. **Resultados:** Através do contato com esses indivíduos buscou-se evidenciar na prática a importância da relação paciente-profissional, bem como a necessidade de conhecer o dependente integralmente, avaliando-o no quesito biopsicossocial, para somente a partir disso dar continuidade às orientações terapêuticas. Foi notado que para o sucesso da intervenção é imprescindível a adesão por parte do dependente, compreendendo-se por adesão à decisão desse em seguir as orientações. Na esfera paciente-profissional constatou-se a importância de uma percepção positiva das habilidades do profissional em lidar com a situação. Se o intervensor é visto com descrédito as chances de sucessos são mínimas. Foi levada em consideração a importância da inclusão do núcleo familiar, quando possível, no atendimento, visto que os fatores presentes no meio de vivência do dependente devem ser os mais favoráveis possíveis para que ocorram as mudanças esperadas. **Conclusão:** Dessa forma, pôde-se compreender que a produção social da dependência é resultante, principalmente, de dificuldades econômicas e de uma crise de valores. O indivíduo dependente se encontra em crise pessoal e o sucesso no tratamento está totalmente vinculado à obtenção de mudanças no comportamento do paciente. Assim, a equipe envolvida nas visitas, objetivando o melhor resultado possível, buscou adentrar a realidade da 'vida de dependente', em suas mazelas e dificuldades, afim de compreendê-los como agentes de promoção da mudança, sendo estes indivíduos que precisam ser encorajados e acreditados. **Palavras-chave:** dependência química, intervenção social, albergues.

PA-74 A CONJUGALIDADE NO CICLO VITAL DA FAMÍLIA NA FASE MADURA - Zinole Helena Martins Leite (Universidade CEUMA, São Luís - MA)

As famílias passam por diferentes etapas desde sua constituição até a morte. A teoria do ciclo vital da família oferece um panorama do desenvolvimento da vida familiar em suas diversas fases. O Ciclo Vital compreende quatro estágios: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última. A fase Madura é considerada a mais longa do ciclo. Compreende a saída dos filhos de casa, entrada de agregados e netos, início de perdas e cuidados com a geração anterior, além do preparo para a aposentadoria. O tempo de união pode variar entre 21 e 30 anos de relacionamento. Cerveny e Berthoud são os principais representantes da Teoria do Ciclo Vital da Família, que foi utilizada com referencial teórico deste estudo. **Objetivo:** Identificar os fatores que caracterizam a relação conjugal na fase madura do ciclo vital. **Métodos:** Pesquisa de campo, exploratória e bibliográfica para cuja realização foram utilizados artigos, livros e periódicos disponíveis em bibliotecas virtuais e de instituições de ensino. O estudo foi realizado em São Luís-MA, com



dezesseis famílias na fase madura do Ciclo Vital. Os participantes responderam ao Questionário do Ciclo Vital da Família Paulista, que mostrou-se adequado para o estudo do fenômeno apresentado. Dezesseis famílias da cidade de São Luís – MA, consideradas de classe média, de acordo com os indicadores de renda familiar, bens e serviços. As famílias selecionadas encontram-se na fase madura do ciclo vital familiar. A pesquisa em questão propõe analisar a conjugalidade na fase madura do ciclo vital familiar explicitando as relações familiares vivenciadas pelos respondentes. As famílias participantes foram selecionadas observando os seguintes critérios: tempo de união entre o casal; idade do primeiro e do último filho do casal conforme previsto por Cerveny e Berthoud. Observou-se como dados significativos do estudo que 81,25% dos entrevistados descrevem a harmonia no contexto familiar como majoritária de suas expectativas e demandas emocionais nesta etapa do ciclo. Além disso, a preocupação com a formação e estudo dos filhos representa 50% do que os entrevistados têm como meta nesta etapa da vida. Conclusão: O significado do casamento é “companheirismo” e as dificuldades vivenciadas pelo casal, apontam para a “sexualidade”. As exigências nesse estágio da vida são diferentes para homens e mulheres. Embora as mulheres sejam mais positivas em relação ao casamento, elas se mostram menos satisfeitas que os homens com a realidade do casamento. **Palavras-chave:** conjugalidade, vida adulta madura, teoria do ciclo vital das famílias.

PA-75 PROJETO ESTREITANDO RELAÇÕES APRENDENDO A COMUNICAR AFETOS E IDEIAS NO DIA A DIA – Rosane de Sousa Miranda, Livia Soares Rodrigues Nunes, Lidiane de Moraes Evangelista, Maria da Conceição Saraiva Santos (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí - PI) e Shirley de Souza Silva Simeão (Universidade Federal da Paraíba - PB)

Esta atividade é constituinte do Projeto de Extensão Interdisciplinar “Teia de Aranha: rumo à intervenção social” do Instituto Federal do Piauí – Campus São João do Piauí, envolvendo as áreas de Enfermagem, Odontologia, Psicologia, Serviço Social e Nutrição, em comunidade isolada por barragem, localizada na zona rural do município. As ações realizadas consideraram a pessoa como ser biopsicossocial, respeitando concepções e significações sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. As atividades de Psicologia objetivaram a promoção de reflexões acerca das relações interpessoais e habilidades sociais. Foram realizadas três rodas de conversa com a participação de cerca de 20 pessoas. O primeiro encontro teve como foco o autoconhecimento. Tendo em vista que a atividade era semanal e não havia como dar suporte emocional aos participantes neste intervalo de tempo, priorizou-se a manutenção de um clima leve durante as falas dos participantes e da equipe. Durante o encontro, algumas pessoas trouxeram aspectos sobre a importância do grupo familiar nas suas vidas, o êxodo rural vivenciado em alguns momentos, as dificuldades encontradas no dia-a-dia, as limitações relacionadas à falta de energia, água potável, sobre sua ligação com a comunidade. A segunda vivência trouxe momentos de reflexão acerca da importância da expressão de afetos e ideias. Dentre outros aspectos, foi discutido no grupo o ditado “quando a boca cala, o corpo fala... quando a boca fala, o corpo cala”. Houve relatos de diversas situações em que a raiva “foi guardada” e a repercussão disto, foi sentida através de dores de cabeça, de estômago, sensação de engasgo, etc. O ato de falar foi percebido como gerador de saúde, de cuidado, de aproximação entre as pessoas. Com o foco no empoderamento do grupo, houve um terceiro encontro onde foram discutidas as habilidades sociais comunicativas importantes para interação com autoridades. Inicialmente, os participantes foram convidados a falar sobre suas experiências ao tentar buscar junto ao poder público, melhorias para a vida na comunidade, onde alguns não dispõem de energia elétrica e água encanada. Havia uma associação de moradores que segundo o grupo, aos poucos foi se desestruturando e atualmente não funciona. Os relatos sobre as solicitações já realizadas demonstravam a desmotivação diante das negativas ou promessas não concretizadas. A facilitadora ressaltou a importância das reivindicações continuarem a ser realizadas junto aos representantes do poder legislativo. Apresentou estratégias para as interações com autoridades, como por exemplo, relatar um problema por vez e estabelecer um prazo ou data para próximo encontro. Os moradores foram convidados a pensar em que autoridades poderiam ser acionadas para intervir nas limitações vivenciadas pela comunidade e formas de relatar suas demandas. Considera-se que os encontros possibilitaram aos envolvidos compartilharem suas experiências nas relações interpessoais na família e comunidade, levaram a reflexão sobre a importância de expressarem-se de maneira a respeitar seus próprios sentimentos e pensamentos, como também os dos seus interlocutores. Ao longo dos encontros, participantes reivindicaram intervenções junto a autoridades, como por exemplo, vacinação na própria comunidade de pessoas idosas e com problemas de locomoção que não haviam sido imunizadas contra gripe. **Palavras chave:** habilidades sociais; comunidade rural; roda de conversa.



PA-76 AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS PROFISSIONAIS COM ESTUDANTES DE MEDICINA - Carolina Montanieri Russi do Nascimento e Elvira Aparecida Simões de Araujo (Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté - SP)

O estudo das habilidades sociais (HS) é relevante pelo impacto que as interações entre pessoas promovem sobre o desenvolvimento humano nos variados contextos. O contexto profissional ainda é uma área que prescinde de maiores estudos nesse campo, e o presente trabalho é parte de ações para ampliar o conhecimento e propor intervenções promotoras de melhores habilidades sociais profissionais (HSP). Foi objetivo avaliar as HS de estudantes de medicina para futura intervenção em Treinamento. É uma pesquisa de campo, quantitativa, numa Instituição de Ensino Superior do interior do Estado de São Paulo e obteve aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa. Procedeu-se a avaliação de estudantes matriculados no quarto ano, período escolhido por anteceder as atividades do Internato, momento do curso que requererá maior intensificação de trabalho com pessoas. Dos 81 alunos matriculados no quarto ano, a amostra voluntária foi de 31 participantes, que responderam ao Inventário de Habilidades Sociais – Del Prette. Os resultados apontaram que 45% dos participantes apresentaram um repertório bastante elaborado e acima da média; 6,5% com repertório mediano; 16% com repertório abaixo da média e 32,5% com déficits nas habilidades sociais. Se somadas as classificações de repertório abaixo da média e de déficits nas habilidades sociais tem-se 48,5% de participantes. Dos cinco fatores avaliados quatro foram classificados como os de maiores déficits (Enfrentamento e autoafirmação com risco; Autoafirmação na expressão de sentimento positivo; Conversação e desenvoltura social; Autocontrole da agressividade). Um fator apresentou repertório habilidoso (Autoexposição a desconhecidos e situações novas). Os resultados ainda demonstram que 10 participantes possuem indicação clínica. Os itens do fator Enfrentamento e Autoafirmação com risco mostram que 24 pessoas possuem facilidade em lidar com críticas injustas e 26 possuem dificuldade de discordar de autoridade; No fator Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo, 24 participantes demonstraram facilidade em agradecer elogios e em elogiar familiares e 16 dificuldades em elogiar outrem; no fator Conversação e Desenvoltura Social 24 participantes demonstram facilidade em manter conversação e 24 dificuldade em recusar pedidos abusivos; no fator Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas 22 possuem facilidade em falar à público conhecido e 22 dificuldade em fazer pergunta a desconhecido; no fator Autocontrole da Agressividade 21 possuem facilidade em lidar com chacotas e 14 dificuldade em cumprimentar desconhecidos, nos itens sem fator 22 possuem facilidade em negociar uso de preservativo e 22 dificuldade em expressar desagrado a amigos. Tendo terminado a fase de avaliação conclui-se que o grupo analisado possui forte demanda de Treinamento de Habilidades Sociais Profissionais (THSP). Para o desenvolvimento futuro o THS-P está planejado com oito encontros, de regularidade semanal, com atividades que envolvem descrição do conceito das HS, identificação de fortalezas e risco quanto ao comportamento social e plano de aprendizagem de novas HSP, organizado por meio de vivências, dinâmicas e tarefas acerca dos comportamentos que foram avaliados com déficit na Avaliação e fortalecimento dos fatores sem análise de risco. Ressalta-se a necessidade de atenção do Psicólogo para a formação de profissionais da área da Saúde, especialmente aqueles cuja profissão envolva as relações interpessoais. **Palavras-chave:** Estudantes de Medicina; Habilidades Sociais Profissionais; Treinamento de Habilidades Sociais Profissionais.

PA-77 AQUISIÇÃO DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS EM UM CASO DE COMPORTAMENTO ALIMENTAR COMPULSIVO - Giselle Gomes Lobo e Souza, Sônia Maria Melo Neves e Gina Nolêto Bueno (PUC/Goiás - GO)

Este estudo objetivou analisar os efeitos de um programa de intervenção que buscou promover mudanças graduais no repertório comportamental de uma participante, isto é, reduzir a frequência de episódios de compulsão alimentar por meio da instrução de comportamentos alternativos aos comportamentos indicativos de episódios de compulsão alimentar. A participante, 42 anos, apresentava obesidade grau III e comportamento alimentar indicativo de compulsão alimentar, ocorrendo mais de uma vez por semana. Para essa análise foram considerados os registros alimentares extrasessão e os relatos verbais das participantes no setting de pesquisa durante as fases: Linha de Base (oito sessões); Intervenção (oito sessões) e Avaliação Final (duas sessões), de um delineamento de estudo de caso. As sessões, de 45 minutos cada, foram realizadas em um consultório padrão de uma clínica escola de psicologia, gravadas pelo sistema Voice Recorder e transcritas, posteriormente, em sua totalidade. Para realizar esse procedimento, a pesquisadora inicialmente (a) identificou, (b) descreveu e (c) analisou funcionalmente os episódios compulsivos alimentares emitidos pela participante, depois lhe apresentou as contingências descritas, com a finalidade de favorecer a aquisição de repertório de discriminação das variáveis controladoras do episódio de compulsão alimentar: eventos antecedentes e consequentes a esse comportamento e, por fim, identificou, com a participante, comportamentos alternativos aos eventos antecedentes do comer indicativo de compulsão alimentar. Após a emissão dos comportamentos alternativos, foram realizadas sessões para análise das vantagens e desvantagens dos comportamentos alternativos apresentados por ela e observados, por meio dos registros alimentares e relatos verbais no setting da pesquisa. Os resultados



apontaram que a participante apresentava o comportamento alimentar compulsivo sempre que discutia com um de seus filhos, mas também houve registros desse comportamento em situações por ela descritas como reforçadoras (e.g., disponibilidade gratuita de alimentos a ela). Esse padrão comportamental produzia reforçadores imediatos (e.g., prazer) e alívio das respostas emocionais negativas produzidas pelos eventos aversivos. Entre os comportamentos alternativos sugeridos e apresentados estavam: realizar controle respiratório, a fim de promover relaxamento e controle das respostas ansiosas advindas das discussões com o filho; controle do comportamento agressivo que tinha durante os conflitos familiares; e aquisição de comportamento verbal, a fim de comunicar seus pensamentos e sentimentos durante esses conflitos. Ao avaliar as vantagens e desvantagens na emissão dos comportamentos alternativos, a participante descreveu como vantagem: sensação de alívio, sensação de controle alimentar, entre outras. Nesse sentido, observou-se que a análise funcional foi fundamental para explicitar as variáveis das quais o comportamento-alvo era função. Logo, a ela ofereceu a compreensão sobre seus comportamentos e a habilidade para discriminar eventos antecedentes e consequentes a eles. Repertórios esses relevantes para o desenvolvimento da capacidade de identificar comportamentos alternativos aos comportamentos-problema que apresentava em relação à alimentação. Além disso, essa intervenção parece ter contribuído com a melhoria do padrão comportamental de interação em seus diferentes ambientes sociais, o que pareceu contribuir com o aumento da ocorrência de consequências mais reforçadoras. **Palavras-chave:** comportamento compulsivo alimentar, antecedentes e consequentes do comportamento, comportamentos-alternativos.

PA-78 HABILIDADES SOCIAIS EM TRÊS GERAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO. Andrea Schettino Tavares, Dominique Miranda Galvão, Ingrid Mendes Lagatta e Manuella de Paula Rabelo Porto (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Define-se habilidades sociais como o conjunto dos desempenhos apresentados pelo indivíduo durante situações interpessoais. Durante o processo de socialização, o contexto familiar é fator de grande influência no desenvolvimento de habilidades sociais da criança, uma vez que os modelos parentais tendem a funcionar como representações idealizadas de comportamentos sociais até então desconhecidos por ela. O presente trabalho diz respeito a um estudo de caso múltiplo, que teve como objetivo principal avaliar o repertório de habilidades sociais de três gerações de uma mesma família e como a família pode influenciar no desenvolvimento das habilidades. O estudo foi realizado com seis pessoas de duas famílias diferentes, representando as três gerações (filha, mãe e avó). O primeiro instrumento utilizado foi uma entrevista sobre vários tipos de habilidades sociais, registrada através da gravação de voz e anotações do pesquisador. O segundo instrumento foi o diário de habilidades sociais, com registros realizados por cada participante durante uma semana. Esses instrumentos foram apresentados no primeiro encontro. Após a entrevista, foi feita uma análise de qual habilidade social ambas as famílias apresentavam certa dificuldade de exercer e então um terceiro instrumento foi elaborado, que consistia na apresentação de vídeo de três cenas hipotéticas, que mostravam um funcionário de uma empresa agindo de forma passiva, assertiva e agressiva com o seu chefe. Assim, foram feitas perguntas para as participantes sobre as cenas em questão, abordando a habilidade de expressar sentimentos negativos e enfrentar autoridade de forma assertiva. Na primeira família, observou-se que as três apresentaram facilidade nas habilidades sociais de perdoar/pedir perdão e expressar sentimentos positivos, e déficits nas habilidades de expressar sentimento de incômodo e demonstrar frustração. Ao pedir para escolherem a personagem com a qual se identificavam no vídeo, a filha escolheu a passiva e a mãe e avó a assertiva. Na segunda família, as participantes apresentaram comportamentos corriqueiros durante a semana, como: iniciar e manter conversações; expressar amor, agrado e afeto; pedir favores; fazer elogios; desculpar-se; falar em público, ainda que a frequência tenha sido diferente. Foram relatadas características comuns as três, como ser reservada e facilidade para demonstrar gratidão. Uma diferença, com base no vídeo, foi o fato de a avó se identificar com a personagem agressiva, a neta com a passiva, e a mãe com a assertiva. A partir dos resultados obtidos, infere-se que ambas as famílias apresentam um repertório grande de empatia, mas com certa dificuldade em relação à assertividade. Logo, como os membros da primeira família relataram ter facilidade para perdoar, sugere-se, que elas disponham da capacidade de corresponder às emoções de outros indivíduos, apresentando empatia. Todavia, a habilidade de perdoar pode estar relacionada a um comportamento pouco assertivo, de modo que as participantes acreditem que a manifestação de um comportamento de perdão diminuiria a necessidade de enfrentamento do transgressor e de seus sentimentos. Ao analisar a segunda família percebe-se que traços, como ser reservada e facilidade para demonstrar gratidão foram passados pelas três gerações, o que corrobora com a influência do ambiente familiar no desenvolvimento das habilidades sociais. **Palavras chave:** habilidades sociais, gerações, estudo de caso.



PA-79 A PRÁTICA DO COMPORTAMENTO EMPÁTICO NA CONSULTA DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL - Celia Caldeira Fonseca Kestenberg, Janaina Mengal Gomes Fabri, Alexandre Vicente da Silva e Camila Castanho Cardinell (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ - RJ)

O mundo do cuidador em enfermagem constitui diferentes dimensões. O enfermeiro enquanto ser profissional, projetando-se para o cuidar, tem em si o estado de preocupação que se movimenta em direção ao cliente, de modo a avaliá-lo, identificar seus problemas de saúde e prescrever ações de cuidar/cuidado visando reverter os desequilíbrios em equilíbrios. Estas ações são implementadas por meio de metodologias que estreitam a relação deste profissional com o cliente. A consulta de enfermagem é uma destas metodologias, que, aplicada na prática de enfermagem ambulatorial e comunitária confere diferencial a este profissional na equipe multidisciplinar. Neste sentido, este estudo é um recorte de pesquisa realizada no âmbito do projeto de extensão de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro cujo objetivo foi analisar a compreensão do conceito de empatia na prática da assistência de enfermagem na consulta de cardiologia. O ambulatório de cardiologia vinculado a universidade é um serviço inovador de consulta de enfermagem em saúde mental. Esta funciona como um espaço de estabelecimento de vínculo terapêutico e de suporte psicossocial. É inclusive uma estratégia para ensinar relações interpessoais e empáticas. Atende a pacientes hipertensos e cardiopatas em tratamento que, apesar de fazerem uso de medicamentos e acompanhamento nutricional, mantêm os níveis pressóricos elevados ou não aderem de forma adequada a terapia proposta e vivenciam conflitos emocionais. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa. Os sujeitos foram 25 alunos do 8º período de graduação lotados no ambulatório de cardiologia de uma policlínica vinculada a uma universidade pública. Utilizou-se como instrumento entrevista semiestruturada realizada antes e após a consulta. Os dados foram colhidos no período de julho de 2014 a janeiro de 2015. Os resultados apontaram uma mudança significativa no conceito de empatia após a consulta, ampliando a capacidade de ouvir e verbalizar empaticamente. A empatia foi compreendida como instrumento para auxiliar na resolução de problemas. Promoveu-se uma reflexão acerca do comportamento empático e da eficácia deste para promoção a qualidade de vida. A consulta de enfermagem em saúde mental fortaleceu a reflexão acerca da importância do comportamento empático na prática de enfermagem. A pesquisa corrobora com os estudos que comprovam que empatia é uma habilidade socialmente aprendida, sendo assim, é imprescindível pensar sobre a formação do profissional enfermeiro a fim de potencializar esta habilidade essencial. **Palavras-chave:** empatia, habilidades sociais acadêmicas e educativas.

PA-80 HABILIDADES SOCIAIS DO TUTOR VIRTUAL: COMUNICAÇÃO EM FOCO - Márcia Aparecida Barbosa e Suelen Midori Barbosa (Universidade do Oeste Paulista, Unoeste – SP)

Os avanços das tecnologias da informação e da comunicação bem como a evolução da internet provocaram novas formas de interação e novos estilos de aprendizagem, inserindo a educação a distância em um novo patamar. A preocupação com a qualidade das interações estabelecidas em cursos de educação a distância norteou esse estudo cujo objetivo foi fazer aproximações entre as habilidades sociais dos professores, as funções dos tutores virtuais e as habilidades sociais requeridas deste profissional. Considerando que o tutor é o responsável pelas mediações na educação a distância, podemos supor que tais mediações demandam desses profissionais habilidades para, entre outras situações, lidar com as diferenças de opiniões, maneiras de aprender, de expor as ideias, de chamar atenção do outro, de questionar e de dar respostas. De acordo com a literatura competências e habilidades dos tutores virtuais foram abordadas sob óticas diversas. Determinados pesquisadores investigaram habilidades andragógicas, outros relacionaram as habilidades do tutor às Inteligências Múltiplas de Howard Gardner. Alguns estudos objetivaram identificar o perfil do tutor virtual e as competências e habilidades mais influentes para o aprendizado dos estudantes. Investigações acerca das habilidades de uso das tecnologias da informação e da comunicação também foram realizadas. Além destas, é importante que o tutor apresente as habilidades sociais. A classe habilidades de comunicação foi o foco dessa pesquisa. Fazer e responder perguntas; gratificar e elogiar; iniciar, manter e encerrar conversação; pedir e dar *feedback* fazem parte das habilidades dessa classe. O *feedback* é um elemento crítico para reforçar o aprendizado e é defendido como um dos pontos principais das habilidades de comunicação. Ao conhecer os tipos de *feedback* e suas características o tutor virtual poderá ser capaz de definir e utilizar o mais adequado. Essa pesquisa, com abordagem qualitativa, foi efetivada por levantamento bibliográfico. Foram realizadas para tanto, buscas nas bases Scientific Electronic Library Online, Biblioteca Virtual de Saúde, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Education Resources Information Center, Network Digital Library of Theses And Dissertations e em alguns repositórios de países parceiros dessa rede de dados. O site Relações Interpessoais e Habilidades Sociais – RIHS - também foi necessário para a seleção de material. Como resultado, esse estudo destaca a importância de o tutor apresentar diferentes classes de comportamentos sociais em seu repertório, enfatizando que as habilidades sociais de



comunicação contribuem para interações sociais mais satisfatórias no contexto da educação a distância; que essa modalidade, conduzida via internet, pode ser uma boa opção aos que pretendem se capacitar ou se qualificar. A literatura aponta que a qualidade das relações interpessoais pode provocar mudanças positivas na cultura educacional. Programas de treinamento de habilidades sociais permitem ampliar o repertório de professores e estudantes e possibilitar a melhora da qualidade das relações estabelecidas entre eles. **Palavras-chave:** habilidades sociais de comunicação, interação social, educação à distância.

PA-81 PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA EMPATIA: POTENCIALIZANDO O CUIDADO EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM QUE CUIDAM DE PESSOAS COM RISCO DE SUICÍDIO – Alexandre Vicente da Silva, Iraci dos Santos e Célia Caldeira Fonseca Kestenber (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem - RJ)

Trata-se do recorte do projeto de tese que será desenvolvida no PPGENF/UERJ. O estudo propõe-se a realizar um treinamento para promover a habilidade empática em profissionais de enfermagem que cuidam de pessoas com risco de suicídio. Esta investigação proporcionará subsídios para discutir sobre a promoção do comportamento empático, uma das estratégias fundamentais no trabalho de prevenção do suicídio. O objeto de estudo: a habilidade empática potencializando o cuidado relacional de enfermagem. O problema do estudo: existe mudança no grau de empatia dos profissionais de enfermagem quando recebem treinamento de habilidade social empática? A hipótese substantiva do estudo: profissionais de enfermagem que cuidam de pessoas com risco de suicídio tem o grau de empatia aumentado após passarem por um treinamento de habilidade social empática. Objetivo geral: Propor e implementar um programa de desenvolvimento da habilidade social empática visando potencializá-la nos profissionais de enfermagem. Objetivos específicos: a) medir o grau de empatia dos profissionais de enfermagem que cuidam de pessoas com risco de suicídio; b) identificar o aumento da capacidade dos profissionais de enfermagem, de ouvir e compreender sensivelmente a perspectiva e os sentimentos do outro (compreensão empática) ao participarem do programa de promoção da empatia; c) verificar o aumento da capacidade dos profissionais de enfermagem, de verbalizar empaticamente validando os sentimentos e a perspectiva da outra pessoa, além de relacionar o pensamento e o sentimento desta com o contexto, ao participarem do programa de promoção da empatia; d) compreender as dimensões do imaginário dos profissionais de enfermagem que cuidam de pessoas com risco de suicídio, a partir da poética (criação) do comportamento empático aprendido no treinamento. A metodologia: trata-se de um estudo misto. Na parte quantitativa será realizada uma investigação quase experimental com testagem em 3 momentos: antes da intervenção formando a linha de base; imediatamente após o fim do treinamento e *follow up* 30 a 40 dias após o fim do treinamento. A parte qualitativa será realizada no fim do treinamento buscando avaliá-lo usando o método sociopoético. A análise dos dados será realizada utilizando-se a estatística descritiva, inferencial e as técnicas de análise próprias da sociopoética. Os participantes serão profissionais de enfermagem da enfermagem de psiquiatria e da clínica médica de um hospital universitário no RJ, que cuidam de pessoas com risco de suicídio. O cenário será o laboratório de habilidades sociais da faculdade de enfermagem da UERJ.

PA-82 HABILIDADES SOCIAIS E LIMITES NO COMPORTAMENTO PARENTAL: RELAÇÕES INTERPESSOAIS PAIS-FILHOS E USO DOS LIMITES - Ricardo da Silva Pereira, Byanca Eugênia Duarte Silva, Francisca Maísa Maciel Gomes, Magna de Sousa Lima e Silvana Queiroga da Costa Carvalho (Faculdade Santa Maria, Cajazeiras - PB).

A maneira como os pais se comportam diante da educação de seus filhos é de extrema importância à promoção de comportamentos socialmente adequados, por outro lado comportamentos considerados inapropriados para formação dos filhos, seja pelos pais e/ou professores, também podem ser transmitidos para os filhos diminuindo a interação assertiva dos pais e adultos para com as crianças dentro de sua convivência. O objetivo do presente trabalho foi identificar no contexto relacional entre pais e filhos, práticas educativas e aplicação de limites, analisando a existência ou não de comportamentos socialmente adequados no escopo das habilidades sociais. Como trajeto para elaboração desta análise optou-se por uma revisão de literatura realizada por meio da busca com os descritores controlados: “Habilidades Sociais” e “Limites”, nas bases de dados SciELO, LILACS e Bireme, no período entre 2002 e 2014. Foram identificados ao todo 19 artigos, dos quais quatro atenderam aos critérios de inclusão e exclusão que configuram-se como: conceito e objetivos das habilidades sociais, relação das habilidades sociais com o comportamento parental e, por fim, avaliação do comportamento social educativo no âmbito da interação pai-filho. Considerando a necessidade da prática de habilidades sociais educativas de pais, estudos apontam a existência de déficits no comportamento socialmente habilidoso na relação de pais acarretam problemas de comportamento em seus filhos. Para tanto, percebe-se que, com relação a comportamentos adequados, os pais necessitam adquirir habilidades sociais educativas



tais como expressar sentimentos e opiniões de maneira assertiva afim de negociar limites evitando opressão, coação, entre outras. Constatou-se a partir da análise dos estudos a importância de limites na relação parental a exemplo do aprender a dizer não para pedidos não razoáveis dos filhos, a fim da reflexão quanto à análise do pedido, buscando identificar se realmente não é razoável, apontando assim a existência da necessidade de competências sociais educativas para interação pai-filho. De acordo com o observado, pesquisas demonstram que aquisição de novas habilidades parentais possibilita uma diminuição de problemas de comportamento e um aumento de respostas socialmente habilidosas por parte das crianças. O presente trabalho visou sobre as habilidades sociais no contexto parental, afim de perceber a existência ou não na relação entre pai e filho a presença de limites bem como a necessidade de competências sociais educativas na formação dos filhos. Pouco se tem publicado nas bases de dados sobre o assunto, desta forma faz-se necessário que mais pesquisas e intervenções nesta área sejam realizadas.

Palavras-chave: habilidades sociais; relação pais-filho; limites.



VIVÊNCIAS

VIV01. TODA PESSOA É DIFERENTE - Talita Pereira Dias (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos – SP e Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV - SP) e **Bárbara Carvalho Ferreira** (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM/Campus Diamantina - MG)

Racional. A exposição em diferentes contextos e com interlocutores diversos permite à criança se deparar com situações sociais que possibilitem a aplicação e aperfeiçoamento de seu repertório social. Quando se considera a maior variabilidade de modelos e demandas que a criança é exposta, surge a necessidade de se criar condições para promover comportamentos que as permitam lidar com o diferente, aceitando o outro e a si mesmo em relações baseadas no respeito às diferenças. **Objetivos da demonstração:** (1) Reconhecer estratégias de intervenção que podem ser adotadas durante o método vivencial; (2) Compreender o formato e procedimentos envolvidos no método vivencial. **Objetivos da vivência:** (1) Compreender que cada pessoa é única; (2) Melhorar a aceitação de si e do outro; (3) Colocar-se no lugar do outro; (4) Aumentar a tolerância às brincadeiras com os amigos; (5) Melhorar a autoestima; (6) Desenvolver comportamentos relacionados ao respeito com os colegas. **Público alvo da vivência:** sugerida pelo livro 3ª. a 8ª. séries (Obs.: pode ser adaptada para outras faixas etárias como adultos e idosos; **Participantes:** 10 a 15. **Materiais:** Cartolina, duas tiras de papel para cada participante (contidas no livro na página 157), folha com a história “Ninguém é igual a Ninguém”. Essa folha poderá ser substituída por algum outro texto mais pertinente a idade adulta que aborde a mesma temática. **Referência:** Del Prette, A.; Del Prette, Z. A. P. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.

VIV02: FERRAMENTAS MOTIVACIONAIS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE HABILIDADES SOCIAIS COMUNICATIVAS NA RELAÇÃO PROFISSIONAL-CLIENTE - Dagma Venturini Marques Abramides (Faculdade de Odontologia de Bauru, USP - SP)

Racional. Uma efetiva comunicação profissional-cliente é essencial para a melhoria dos resultados do processo terapêutico. Durante as várias etapas deste processo, o profissional utiliza o seu repertório de habilidades comunicativas para perguntar, responder, dar *feedback*, informar, recomendar, instruir e orientar o cliente com vistas ao engajamento terapêutico. **Método.** Durante esta vivência, será descrito o papel das habilidades comunicativas para a motivação do paciente na área da saúde por meio de ferramentas práticas (a Linha, o Quadrado e o Círculo) desenvolvidas a partir do modelo transteórico (MTT). Na "Linha", utilizada nas primeiras sessões ou quantas vezes forem necessárias, pede-se ao cliente para marcar o seu posicionamento ao longo de uma linha que vai de 0 a 10; é útil para iniciar um diálogo com clientes para explorar se ele está pronto para aceitar e utilizar o tratamento recomendado. Consiste em perguntar duas perguntas separadas para identificar se há ambivalência entre a importância de melhorar sua condição e o compromisso pessoal para realizar as modificações necessárias. No "Quadrado" o cliente elenca os prós e contras de continuar em uma dada situação ou alterar o comportamento que se tornam aparentes para ele. Utilizado em conjunto com a "Linha" para conscientizar o cliente sobre suas crenças, sentimentos e comportamentos em relação à sua condição e para fornecer ao profissional uma estimativa de como o cliente está motivado. O "Círculo" descreve os sete diferentes estágios pelos quais um cliente passa ao mudar de comportamento (pré-contemplação, contemplação, preparação, ação, manutenção, recaída e saída permanente) e processos que um cliente vivencia quando muda um comportamento. É utilizado para acompanhar os níveis motivacionais atuais e futuros, em relação à mudança de comportamental pois o suporte profissional também é diferente de acordo com o estágio em que ele está. Como todos os clientes passam por processos cognitivos e comportamentais de mudança semelhantes e experienciam ambivalência, este modelo fornece orientação para profissionais de saúde sobre as formas mais eficientes de apoiar tais processos de mudança. Será apresentado o modelo operacional das ferramentas para facilitar o estabelecimento de diálogo com o cliente ao permitir que ele (i) determine a sua disponibilidade para a mudança; (ii) reflita sobre a sua condição e expresse sobre prós e contras da mudança. A aplicabilidade das ferramentas será factível por meio do treinamento e permitirá que o participante desenvolva seu próprio guia para implementá-las como estratégias na prática clínica diária. **Público alvo:** estudantes universitários e profissionais; No. de participantes: 12 a 16. **Materiais:** recurso multimídia; folhas sulfite/A4, lápis, canetas. **Referências:** Del Prette, A., & Del Prette, Z.A.P. (2003). No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 413-420; Del Prette, A., & Del Prette, Z.A.P. (2007). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis/RJ: Vozes; Jørgensen, S.V., Hansen, H.V., Hessev, I.B., Lauritsen, J.B., Madelung, S. & Tønnesen, H., (2003). *Operation – Complications are preventable*; Copenhagen, International Health Promoting Hospitals & Health



Services, Bispebjerg Hospital [For support and tools: www.idainstitute.com]; Miller, W. & Rollnick, S. (2002). *Motivational interviewing: Preparing people for change*, 2.ed.; New York, Guilford Press; Prochaska, J.O., Norcross, J.C. & DiClemente, C.C. (1994). *Changing for good: A revolutionary six-stage program for overcoming bad habits and moving your life positively forward*. New York, Avon Bos.

VIV03. VIVENCIANDO A MATRIX ACT EM THS - Leonardo Martins Barbosa (Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Racional. *Matrix* é um diagrama utilizado na terapia de aceitação e compromisso (ACT) para promover *flexibilidade psicológica*. Esse conceito, que resume o modelo da ACT, refere (a) a habilidade de estar em contato com o momento presente de forma consciente e (b) manter ou mudar de comportamento em função dos valores, e não das adversidades. Paralelamente, o THS visa a promoção de *competência social*, habilidade de coordenar pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos e valores em contextos específicos. Comparando as definições, observa-se que os dois conceitos são semelhantes, facilitando o compartilhamento de métodos entre as duas áreas. Em termos operacionais, a *matrix* é um diagrama formado por duas linhas sobrepostas, uma horizontal e outra vertical, como uma cruz. A linha horizontal representa a divisão da realidade em estímulos externos e internos, enquanto a linha vertical representa a separação entre o que nos aproxima e o que nos afasta da realização pessoal. O diagrama final tem quatro quadrantes, que ajudam a organizar a experiência em quatro categorias: (1) eventos internos que nos aproximam da realização pessoal e (2) eventos internos que nos afastam; (3) eventos externos que nos aproximam da realização pessoal e (4) eventos externos que nos afastam. **Objetivos.** Para demonstrar essa compatibilidade, essa vivência tem o objetivo de mostrar como uma técnica da ACT, a *matrix*, pode ser usada para promover competência social nas relações interpessoais. Adicionalmente, essa vivência também visa promover competência social, regulação emocional e flexibilidade psicológica. **Procedimento.** Na vivência, será preenchida uma ficha *matrix* sobre o tema relacionamentos interpessoais, campo de aplicação do THS preditivo de bem-estar em diferentes etapas do ciclo de vida. **Discussão.** Assim, a *matrix* pode desempenhar três funções importantes para a promoção das habilidades sociais: como ferramenta de monitoramento, oferece um diagnóstico visual rápido e fácil de entender; como ferramenta de autorregulação, aponta os padrões de interação entre pensamentos, sentimentos e comportamentos que prejudicam a competência social; como ferramenta de comprometimento, exhibe os valores pessoais e revela a congruência entre o desejo e ação. Em resumo, a *matrix* é uma técnica da ACT facilmente adaptável THS, com potencial de facilitar a avaliação, o treino e o monitoramento das habilidades sociais. **Público-alvo:** adultos, acima de 2 (sem limite máximo). **Materiais:** quadro branco, canetinhas, apagador, papel e caneta para cada participante. **Referências:** Dias, T. P., Oliveira, P. A. de, & Freitas, M. L. P. de F. (2011). O método vivencial no campo da Habilidades Sociais: Construção histórico-conceitual e suas aplicações. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(2), 472–487; Hayes, S. C., Luoma, J. B., Bond, F. W., Masuda, A., & Lillis, J. (2006). Acceptance and commitment therapy: Model, processes and outcomes. *Behaviour Research and Therapy*, 44(1), 1–25; Polk, K., & Schoendorff, B. (2014). *The ACT Matrix: A new approach to building psychological flexibility across settings and populations*. Oakland, CA: Context Press.

VIV04. BUSCANDO SAÍDAS - Camila Negreiros Comodo e Daniele Carolina Lopes (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP)

Racional. As vivências são atividades estruturadas de modo análogo ou simbólico a situações do cotidiano, que funcionam como oportunidade para desempenhos sociais específicos, permitindo que o psicólogo avalie os comportamentos observados e fortaleça ou amplie o repertório de habilidades sociais das pessoas envolvidas. A partir dessa definição, entende-se que a vivência é uma das formas que o psicólogo pode utilizar para desenvolver e aprimorar comportamentos sociais, seja em crianças, adolescentes, adultos ou idosos, com o objetivo de promover relações mais saudáveis e uma melhor qualidade de vida. Dessa forma, é importante que os psicólogos aprendam a aplicar vivências em seus espaços de atuação, desde escolas, empresas, hospitais, até consultórios. **Objetivo.** Essa vivência tem como objetivo promover uma leitura do ambiente social e de pequenas mudanças ocorridas em uma situação, elaborar alternativas de comportamento para uma mesma situação, reajam diferencialmente a pequenas mudanças na situação, façam pedidos, controlem a ansiedade, agradeçam, elogiem, falem sobre si e desenvolvam a criatividade. **Método.** Buscando Saídas é uma vivência que pode ser realizada tanto com crianças e adolescentes quanto com adultos e idosos, desde que sejam feitas as devidas variações de acordo com a faixa etária dos participantes. **Participantes.** A vivência será realizada com aproximadamente oito participantes no grupo de vivência, e poderá contar com um número ilimitado de observadores, os quais comentarão o desempenho dos participantes do grupo de vivências. **Referências:** Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais e*



habilidades sociais: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes; Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.

VIV05: NASCE UMA ÁRVORE - Andrea Regina Rosin-Pinola (Estácio UNISEB, Ribeirão Preto - SP) e **Camila de Sousa Pereira-Guizzo** (Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC - BA)

Racional. As vivências vêm sendo testadas e utilizadas há vários anos mostrando-se efetivas na superação de dificuldades de desempenhos sociais e na aprendizagem de diferentes habilidades sociais. O uso do método vivencial possibilita ao facilitador o emprego de vários procedimentos, promovendo comportamentos sociais novos e/ou fortalecendo habilidades sociais já aprendidas. Além disso, promove condições para que o facilitador possa insistir na aprendizagem de alguns aspectos do desempenho, aumentando dessa forma a probabilidade de torná-lo funcional.

Objetivos. Nasce uma Arvore, publicada por Del Prette e Del Prette, em 2001, permite o desenvolvimento de habilidades sociais como: desenvolver a sensibilidade e a expressividade emocional, refletir sobre o sentido da vida e compartilhar emoções. Nessa vivência o mediador, solicita que todo o grupo se distribua no espaço, mantendo-se, relativamente, a mesma distância uns dos outros, podem se deitar no chão ou manter-se bem encolhidos e agachados.

Método. A vivência começa com uma música de fundo, bem suave, e o mediador sugere contextos bem agradáveis, conforme texto sugerido na obra. Ao final, o mediador avalia junto ao grupo os sentimentos que eles experimentaram, como eles perceberam isso no seu corpo. Fala da metáfora das diversas fases da vida e convida a todos a relaxarem ao final. Essa vivência tem se mostrado uma prática efetiva para a expressão de sentimentos e reflexão sobre o sentido da vida em diferentes situações e faixas etárias, como crianças, adolescentes e adultos. **Materiais necessários.** Serão necessários trechos de músicas diferenciados e apropriados a cada parte da vivência e um cartão contendo as instruções para a vivência, a serem apresentadas oralmente. **Público alvo.** Destinada a pessoas que tenham interesse em sensibilizar-se, reconhecer emoções e refletir sobre a vida. Podem participar até 20 pessoas. **Referência:** Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.

VIV06. DIREITOS HUMANOS BÁSICOS - Neiva Tein de Souza e Francine Guimarães Gonçalves (InTCC - RS)

Racional. Conhecer os direitos que possui qualquer indivíduo em virtude de ter nascido humano permite saber se esses direitos estão sendo respeitados em uma determinada situação e ter a capacidade de defendê-los, pesando as vantagens e os riscos dessa decisão. Entendemos que este é o primeiro passo para o desenvolvimento de um programa consistente de treinamento em Habilidades Sociais. Esta vivência é utilizada pelas facilitadoras em treinamentos de habilidades sociais em grupo e é frequentemente relatada, pelos participantes, como a experiência de maior impacto para as suas vidas, dentro de todo o programa de treinamento. Busca-se conscientizar cada participante da importância dos direitos em suas vidas e das mudanças que podem vir a ocorrer a partir de uma modificação de comportamento. **Objetivos da demonstração:** proporcionar aos participantes a oportunidade de repensar como exercem (ou não exercem) seus direitos e de que forma aplicar esse conhecimento em situações cotidianas a fim de aperfeiçoar suas habilidades sociais. **Objetivos da vivência:** conhecer os direitos humanos básicos e conscientizar-se da importância de pensar e agir de acordo com eles; vivenciar a defesa dos direitos através de exercício de imaginação seguido de debate de modo a proporcionar aos participantes a visualização de uma nova maneira de pensar, sentir e agir a partir da perspectiva dos direitos básicos de todos os indivíduos. **Participantes:** público adulto interessado em aperfeiçoar suas habilidades sociais através do exercício dos direitos - máximo de 20 participantes. **Materiais:** folhas contendo uma lista dos direitos humanos básicos a ser distribuída a cada participante. **Referências:** Caballo, Vicente E. *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo, Santos Editora, 2003; Del Prette, Almir - *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. 6 ed. Petrópolis-RJ, Vozes, 2007.; Dias, T. P., Oliveira, P. A., & Freitas, M. L. P. F. (2011). O método vivencial no campo das Habilidades Sociais: Construção histórico-conceitual e sua aplicação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(2), 472-487.

VIV07. ENTRADA NO PARAÍSO - Maria Luiza Pontes de França-Freitas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal - RN) e **Talita Pereira Dias** (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP e Centro Universitário de Votuporanga, UNIFEV - SP)

Racional. Nas diferentes atividades humanas, principalmente na idade adulta, demandas envolvendo interações com autoridades são bastante frequentes, seja com professores, chefes entre outros. Nessas relações, há a necessidade de



uma leitura ambiental adequada para saber o melhor momento e forma de abordar, assim como são requeridas habilidades de comunicação e de assertividade, tais como: argumentar, lidar com críticas, autorrevelar-se, modificar desempenho e outros comportamentos. **Objetivos da demonstração** (a) Reconhecer estratégias de intervenção que podem ser adotadas durante o método vivencial; (b) Compreender o formato e procedimentos envolvidos no método vivencial. **Objetivos da vivência:** (a) Conversar com pessoas de autoridade; (b) Desenvolver argumentação e justificativas; (c) Desenvolver persistência; (d) Aceitar crítica e alterar o próprio desempenho; (e) Falar de si mesmo, relatar experiências; (f) Exercitar a criatividade; (g) Fazer leitura do ambiente; (h) Dar feedback. **Participantes:** Essa vivência foi planejada para crianças mas tem sido muito aceita por adultos, dado o seu caráter lúdico; Participantes: 15 a 20 pessoas. **Materiais:** Fita crepe. **Referência:** Del Prette, A.; Del Prette, Z. A. P. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.

VIV08. HISTÓRIA COLETIVA ORAL - Daniele Carolina Lopes (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP) e **Denise Dascanio** (Universidade Paulista, UNIP, Bauru - SP)

Racional. O método vivencial tem sido muito utilizado como uma estratégia que cria demandas para o indivíduo se comportar. Há diversos estudos que ilustram a efetividade desse método para aumentar a frequência e/ou melhorar a proficiência de habilidades sociais aprendidas, porém deficitárias; para ensinar habilidades sociais e para diminuir ou extinguir comportamentos concorrentes a essas habilidades. Sendo assim, as vivências são atividades estruturadas de modo análogo ou simbólico a situações do cotidiano, que funcionam como oportunidade para desempenhos sociais específicos. Uma habilidade importante que pode ser ensinada em um programa de intervenção é a de falar em público, considerando que é um dos desempenhos que mais requerem competência. **Objetivos da demonstração.** Considerando a importância do método vivencial para a promoção de habilidades sociais, a demonstração tem como foco apresentar técnicas e estratégias para a condução de vivências e dar modelo específico de condução na vivência História Coletiva Oral. **Objetivos da vivência.** O foco principal é a habilidade de falar em público, desenvolver a fluência verbal, para que um determinado grupo de participantes tenha oportunidades de observar aspectos relacionados à condução de vivências. Além deste objetivo central, outros como desenvolver a criatividade, construir enredos coerentes também serão contemplados. É possível também, por meio dessa vivência, treinar habilidades complementares como fazer e agradecer elogios, apresentar *feedback* ao desempenho do outro e exercitar componentes paralinguísticos da comunicação. A História Coletiva Oral requer que outras habilidades sociais tenham sido aprendidas previamente, sendo comumente utilizada em sessões intermediárias de um programa de promoção de habilidades sociais. **Participantes.** Para esta vivência, prevê-se entre cinco e sete participantes componham o Grupo de Vivência e que um número ilimitado de outros participantes possam observar a condução e comentar sobre o desempenho dos participantes do grupo de vivência e da atividade. A vivência é sugerida para o público adulto, contudo, pode ser adaptada e aplicada em crianças e adolescentes. **Materiais.** Objetos diversos (Cd, pilha, chave de fendas, cotonete, preservativo, guardanapo, etc.), exemplos de início de histórias que serão criadas e apresentadas oralmente pelo facilitador. **Referências:** Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais e habilidades sociais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.

VIV09: MANEJO DE REGRAS - Eliane Gerk (Universidade Católica de Petrópolis, UCP - RJ) e **Patricia Lorena Quiterio** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ - RJ)

Objetivos. Geral: Vivenciar a importância das regras terem clareza, coerência e consistência; **Específicos:** (a) Conseguir expressar emoções tanto positivas quanto negativas – subclasse Autocontrole e Expressividade Emocional; (b) Identificar possíveis alternativas para a solução – subclasse Solução de Problemas Interpessoais; (c) Seguir regras e comandos orais – subclasse Habilidades Sociais Acadêmicas (d) Observar e prestar atenção - subclasse Habilidades Sociais Acadêmicas. **Público alvo:** Pais e/ou professores; No. de participantes: 10 a 20. **Materiais:** (a) se possível, sala com tapetes para ficar mais a vontade; (b) cartões com as tarefas para a atividade – facilitadoras; (c) bombons – facilitadoras. **Procedimento - ETAPA 1: Vivência “Uma viagem à lua” – 20’** - O coordenador convida todos para fazer uma viagem para a lua. Ele será o comandante e terá o poder de permitir ou não a ida de cada um. A permissão para viajar está vinculada a uma regra relacionada aos objetos que cada participante quer levar consigo. O coordenador avisa que inventou uma regra que só ele conhece, e todos terão que descobri-la. Cada participante dá um palpite de um objeto que gostaria de levar na viagem, e o coordenador diz se pode ou não levar, de acordo com sua regra estabelecida. No decorrer da brincadeira, aleatoriamente, o coordenador começa a punir (fazer uma tarefa), independentemente do acerto ou erro do participante. E para outras pessoas, entrega o prêmio independente de dizer



o objeto adequado ou não para a viagem a lua. A brincadeira continua até o grupo acertar a regra relacionada aos objetos. A partir disso, o coordenador propõe uma discussão sobre o que cada um sentiu na brincadeira (como foi receber a tarefa injustamente e justamente, como foi receber o prêmio injustamente e justamente). Os participantes devem relatar seus sentimentos, inclusive, se sentiram injustiçados ou confusos. Reflexões sobre a atividade: esta atividade geralmente provoca sentimentos como insegurança, medo de errar, medo de receber uma punição, injustiça (pois alguns são punidos e outros não) e ansiedade. Estes sentimentos propiciam a discussão sobre as regras, isto é, as regras da sua família estão bem estabelecidas, elas estão claras? Seus filhos sabem quais são os combinados familiares? E/OU Estes sentimentos propiciam a discussão sobre as regras, isto é, as regras da sua turma na escola estão bem estabelecidas, elas estão claras? Seus alunos sabem quais são os combinados da turma?; **ETAPA 2: Vivenciando as regras – 15' a 20'** – Professor/pai recebe o objetivo (ex.: limpe o quarto / obter mais cooperação em casa / estudar para a prova) e manda o filho/aluno executar (duplas); O grupo (GO) observa a compreensão e entendimento da “regra” (que de fato é um objetivo, mas para alguns pais/professores parece que já é a regra); Representação da cena pelo grupo (GV); Os grupos (GO e GV) discutem a “regra” (objetivo) convertendo-a em regras (etapas para chegar ao objetivo) e os filho/aluno a executa após a discussão; Observar a mudança de comportamento após as regras terem sido claras, coerentes e consistentes; Grupo (GO) deve dar feedback da adequação da regra (ressaltar para a quantidade de regras para chegar ao objetivo, bem como para a importância da monitoria)..Exemplos: (1) Objetivo: Limpe o quarto. O paciente lavou o quarto, pois para ele limpar era com pano molhado, como ele via a mãe falando com a empregada. Como seria a regra adequada? Clareza: guardar as roupas limpas, colocar no cesto as roupas sujas e guardar os livros na estante (este era o objetivo da mãe, caso verídico); Objetivo: Obter mais cooperação em casa Como seria a regra adequada? Reunir a família e estabelecer a distribuição de tarefas. Ex.: arrumar a cama, colocar o prato e copo na pia da cozinha, o filho tal _____ passeia com o cachorro tais dias, o filho passeia nos dias _____.; Objetivo: Estudar para a prova. Como seria a regra adequada? Separar o material daquela disciplina, organizá-lo, sublinhar o mais importante / fazer resumo, esquemas etc. **ETAPA 3: Leitura da mensagem “Divirta-se com os seus filhos” 5’ (se der tempo)** - Certo dia um pai contou que, quando os seus filhos eram pequenos, eles adoravam ter a noite da família. Eles traziam seus colchões para o quarto do casal e dormiam no chão. Mas, de vez em quando, eles tinham uma supernoite da família. Esta era a noite em que todos dormiam no chão da sala. Não havia nenhuma razão lógica para que quatro pessoas, com ótimas camas, dormissem no chão, exceto que fazer isto era divertido. Certa vez, durante uma palestra sobre vida familiar, ele descreveu com mais detalhes a supernoite da família: - “Era fantástico! Nós nos deitávamos no escuro em frente à lareira, ouvindo fitas com histórias e comendo muito chocolate. Quando ele terminou de falar, já sabia que estava em maus lençóis ao ver uma senhora caminhando em sua direção. Ele já havia falado em público o suficiente para reconhecer aquele tipo de olhar a uma quadra de distância. Ela o puxou para o canto e perguntou: - Você acha certo incentivar as crianças a comerem chocolate antes de dormir? Seus dentes não vão se estragar? Esta é uma desmancha-prazeres em ação. Algumas pessoas não podem farejar um pouco de divertimento sem declarar guerra à chamada imaturidade! É claro que não foi satisfatória a explicação de que as crianças escovavam os dentes depois da bagunça. As crianças adoram as pessoas que têm tempo não apenas para ensiná-las, mas também para divertir-se com elas. Eu gostaria de desafiá-los a surpreender seus filhos! Um pai que queria economizar luz na sua casa já havia ameaçado seus filhos de várias maneiras sem ter sucesso, pois eles continuavam deixando as luzes acesas. Até que um dia ele fez um cartaz com o nome de cada membro da família e colou na parede. Cada vez que uma pessoa apagava uma lâmpada que outro deixava acesa, ganhava um X. Após uma semana, quem possuía mais X ganhava 5 pontos e o jogo começava de novo. Quando alguém atingia 30 pontos, ganhava um prêmio. Meses depois, bastava deixar uma luz acesa por 5 segundos para que alguém viesse correndo pagá-la. A casa ficou mergulhada na escuridão. Todos estavam com medo de usar a eletricidade. Eu sei o que vocês estão pensando... Que isto durou pouco tempo. É verdade! Mais eu sei que daqui a 10 anos ou mais, quando alguém falar sobre economizar energia com estes filhos, eles dirão: - “Meu pai era doido, você nunca vai imaginar o que ele nos fazia fazer. E eles vão rir novamente lembrando aquele tempo. Raramente o divertimento é uma coisa cara. Divertimento é montar uma barraca no fundo do quintal e dormir lá com os filhos. Chegará o dia em que você terá que chorar com eles. Eles poderão ter 13 ou 33 anos e vocês colocarão os braços ao redor um do outro e passarão juntos pelas crises da vida. Não há lar imune a este tipo de experiência. Mas a vida familiar precisa ser como uma tapeçaria, entrelaçando tempos difíceis com momentos de risos incontrolláveis. Quando eles eram pequenos, você fazia cócegas para fazê-los rir... Nunca pare. Nas próximas férias, façam seus filhos sorrirem não porque ganharam o presente de Natal que desejavam, mas porque vocês viveram juntos uma situação engraçada. Procure alguma outra criança que não teve a benção de ter pais como vocês e riam um pouco com ela! (texto extraído de Rob Parsons por L. R. Silvado, em Lidia Weber, pág. 41). Moral da história: na sua casa também existem as regras de diversão e felicidade? **ETAPA 5: Avaliação da aplicabilidade da vivência. Referência:** Weber, L. (2007). *Eduque com carinho*: para pais e filhos. Curitiba, Paraná: Juruá Editora.



VIV10. BRIGA ENTRE NAMORADOS: O QUE VOCÊ FARIA? – Karine Brito dos Santos, Sheila Giardini Murta e Larissa de Almeida Nobre-Sandoval (GEPPSVida, Universidade de Brasília, UnB, Brasília - DF)

Racional. Está vivência foi desenhada para o trabalho com grupo de jovens adolescentes dentro de uma intervenção para prevenção à violência no namoro baseada nos pares e na abordagem do espectador. O objetivo desta vivência é problematizar o mito de que “Em briga entre namorados não se mete a colher”. A vivência fomenta a empatia, regulação emocional e tomada de decisões; favorecendo o comportamento de busca e oferta de ajuda na rede de amizades ao incentivar os participantes a serem espectadores ativos em situações de violência no namoro. **Objetivos:** (1) experimentar a compreensão empática e a tomada de perspectiva do outro em três papéis hipotéticos: vítima, agressor ou espectador; (2) discutir sobre o papel do espectador (amigo/desconhecido) e as etapas do processo de tomada de decisão para intervir em situações de violência no namoro; (3) compreender o papel dos amigos como fonte preferencial de ajuda em situações de conflito no namoro e (4) conhecer modos de agir para deixar de ser um espectador passivo e passar a ser um espectador ativo. **Público alvo:** adolescentes; jovens. **Procedimento:** Serão dramatizadas por participantes voluntários algumas cenas de violência no namoro, os demais participantes da vivência atuarão como observadores, e serão convidados a atuar no papel ou de amigos, conhecidos ou desconhecidos dos membros do casal. Após atuação são uma discussão guiada levanta os pontos de vista das vítimas, agressores e espectadores, fomentando a promoção de comportamentos pró-sociais e prevenindo a propensão a comportamentos de risco. **Participantes:** Grupo de até 30 participantes. **Materiais:** Fichas com situações hipotéticas de violência no namoro para serem dramatizadas. Folha com explicação breve sobre as etapas da intervenção do espectador e comunicação empática e tomada de perspectiva do outro. **Referências:** Santos, K. B. (2015). *Mobilizando comportamentos de ajuda na rede de amizades: Uma estratégia de prevenção à violência no namoro baseada nos pares e na abordagem do espectador* (Projeto de Qualificação Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília/DF.

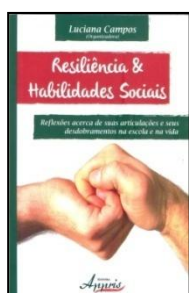


LANÇAMENTO DE LIVROS



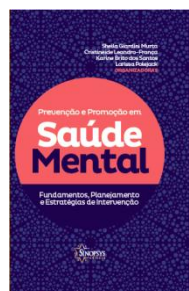
LANÇAMENTO DIA 12/08/2015

Del Prette, Z. A. P., Soares, A. B., Pereira-Guizzo, C. S., Wagner, M. F. & Romera-Leme, V. B. (Orgs), (2015). **Habilidades sociais: diálogos e intercâmbios sobre pesquisa e prática**. Novo Hamburgo: Sinopsys.



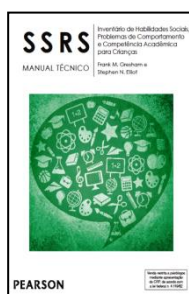
LANÇAMENTO DIA 12/08/2015

Campos, L. (Org.), (2014). **Resiliência & Habilidades Sociais: Reflexões acerca de suas articulações e seus desdobramentos na escola e na vida**. Curitiba: Appris.



LANÇAMENTO DIA 13/08/2015

Murta, S. G., Leandro-França, C., Santos, K. B., & Polejack, L. (Orgs.).(2015). **Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção**. Novo Hamburgo: Sinopsys.



LANÇAMENTO DIA 13/08/2015

Gresham, F. M. & Elliott, S. N. (2015). **SSRS - Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças** [Adaptação Brasileira de Z. A. P. Del Prette, L. C. de Freitas, M. B. Bandeira e A. Del Prette]. São Paulo: Pearson.



Bolsoni-Silva, A. T. & Loureiro, S. R. (2015). **QHC - Questionário de habilidades sociais, comportamentos e contextos para universitários**. São Paulo: CETEPP/Hogrefe.



ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Adriana Assmann Simonsen, 16, 133
 Adriana Benevides Soares, 3, 11, 15, 16, 17, 28, 124, 128, 134, 205
 Adriana de Faria Lisboa Paraguassu, 18, 161
 Adriana Souza D'Almeida, 11, 105
 Alessandra Brunoro Motta Loss, 20, 168
 Alessandra Turini Bolsoni-Silva, 3, 9, 10, 11, 12, 13, 47, 50, 103, 105, 124, 205
 Alessandra Vitorino Naghettini, 9, 67
 Alessandro Gonçalves da Paixão, 18, 19, 159, 172
 Aline Bicalho Matias, 20, 166
 Aline de Marco da Silveira, 11, 103
 Aline Hisako Vicente Hidaka, 20, 152
 Almir Del Prette, 2, 3, 9, 10, 11, 13, 14, 21, 23, 27, 38, 45, 61, 73, 89, 95, 182
 Amanda Martins Conceição Oliveira, 18, 161
 Ana Aparecida Vilela Miranda, 16, 20, 135, 148
 Ana Carolina Braz, 3, 9, 10, 13, 69, 71, 89, 95
 Ana El Achkar, 16, 134
 Ana Lúcia Vitale Torkomian, 11, 104
 Ana Luiza Raggio Colagrossi, 20, 168
 Ana Maria El Achkar, 9, 16, 69, 134
 Ana Paula de Castro Araujo, 9, 11, 18, 21, 106, 111, 147, 165, 187
 Ana Paula de Oliveira, 18, 147
 Anderson Siqueira Pereira, 16, 17, 20, 99, 123, 149
 André Miguel Paquim Lopes, 17, 140
 Andréa Leite Ribeiro Valério, 16, 134
 Andréa Lopes Ramires Kairala, 15
 Andrea Regina Rosin-Pinola, 3, 11, 14, 31, 51, 53, 199
 Andrea Schettino Tavares, 19, 193
 Andressa Cristinne Santos das Mercês Teixeira, 16, 131
 Andressa Vidal Landim, 9, 106
 Andreza Aparecida Polia, 21, 181
 Angela Cândida da Costa, 12, 127
 Anne Marie V. G. Fontaine, 9, 10, 13, 40, 71, 89, 95
 Anneliza Soares de Sá, 18, 149
 Anny Carollyne Soares, 18, 20, 21, 163, 166, 167, 183, 185
 Antônio de Jesus Silveira Leite, 18, 165
 Antonio Jossean Coutinho Cruz, 17, 20, 21, 143, 170, 182
 Antonio Paulo Angélico, 3, 14, 29
 Arlindo Félix da Costa Neto, 12, 21, 118, 187
 Augusto Pérez Gómez, 13, 84
 Bárbara Carvalho Ferreira, 3, 11, 14, 15, 29, 54, 197
 Beatriz Montenegro, 13, 86
 Bianca Oliveira de Macedo, 12, 119
 Byanca Eugênia Duarte Silva, 17, 18, 19, 20, 143, 150, 154, 170, 195
 Camila Carvalho Faria Andrade, 12, 127
 Camila de Azevedo Guedes Nogueira, 19, 177
 Camila de Sousa Pereira-Guizzo, 3, 10, 11, 38, 199, 205
 Camila Negreiros Comodo, 3, 10, 11, 13, 16, 45, 73, 78, 198
 Camilla Nóbrega Cusatis Andrade, 18, 151
 Carla Konrad, 17, 142
 Carla Mayra de Jesus Santos, 17, 141
 Carla Regina Santos Almeida, 17, 139
 Carlos Alberto Tomelin, 12, 110
 Carlos Magno Rodrigues Alves, 18, 161
 Carolina de Fátima Guimarães, 11, 112
 Carolina Montanieri Russi do Nascimento, 21, 192
 Carolina Seixas da Rocha, 17, 139
 Caroline Neiva Damasceno, 15, 19, 190
 Catarina Malcher Teixeira, 3, 9, 14, 16, 60, 61, 70, 80
 Célia Caldeira Fonseca Kestenbergl, 3, 15, 34
 Clarice Alves de Almeida Beckmann, 20, 152
 Clarisse Moreira Aló, 13, 85
 Claudia Moura de Sant'Anna C. de Oliveira, 16, 138
 Claudia Regina Carraro, 17, 122
 Clystine Abram Oliveira Gomes, 17, 124
 Cristiane Alves Martins Pires, 18, 161
 Cristiane Bohn, 12, 113
 Cristiane Ferreira, 15, 128
 Cristineide Leandro-França, 205
 Cristyeleadjerfferssa Katariny Vasconcelos Mauricio, 20, 169
 Dagma Venturini Marques Abramides, 3, 11, 15, 16, 18, 19, 32, 132, 146, 152, 179, 197
 Daiane Natália Polatto, 20, 153
 Daniela Ribeiro Schneider, 16, 18, 20, 136, 164, 176
 Daniele Carolina Lopes, 3, 11, 13, 14, 15, 29, 89, 198, 200
 Daniele Coppi Balland, 19, 188
 Daniele Natália Rocha Barbosa, 20, 174
 Daniella Miranda Remijo, 9, 68
 Daniely Tatmatsu, 3
 Danilo Suassuna, 16, 100
 Daurinete Gomes da Silva, 18, 20, 21, 163, 166, 167, 183, 185
 Débora Estela Massarente Pereira, 16, 133
 Deborah Viviane Ferraz, 18, 152
 Denise Dascanio, 3, 10, 11, 14, 21, 32, 37, 189, 200
 Diego Costa Lima, 3, 11, 15, 30, 110
 Dilma Dias Guimarães, 18, 20, 155
 Diogo José Góes de Araújo, 12, 18, 117, 156
 Dominique Miranda Galvão, 19, 193
 Edmárcia Manfredin Villa, 12, 127
 Edna Maria Marturano, 10, 40
 Eduardo Henrique Soares Almeida, 20, 174
 Edwart Goulart Júnior, 11, 103
 Elaine Cristina Gardinal Pizato, 9, 10, 19, 20, 39, 76, 77, 153, 175
 Eliane Gerk, 3, 10, 12, 14, 16, 17, 20, 93, 97, 121, 138, 180, 200
 Eliane Mary de Oliveira Falcone, 11, 23, 27
 Eline Prado Santos Feitosa, 18, 156
 Elvira Aparecida Simões de Araujo, 3, 10, 12, 17, 18, 21, 37, 38, 115, 122, 151, 192
 Érika Fernandes Cruvinel, 11, 103
 Estela Guida Teixeira, 17, 142
 Eudes Diógenes Alves Cangussú, 20, 148
 Fabián O. Olaz, 16, 99
 Fabiana Gauy, 13, 48, 50
 Fabiana Maris Versuti-Stoque, 10, 16, 41, 136
 Fabiane Ferraz Silveira Fogaça, 3, 13, 48, 50
 Fabio Alas Martins, 11, 104
 Fellipe Augusto de Lima Souza, 18, 157
 Fernanda Costa Nunes, 15, 19, 145, 171
 Fernanda Rossetto Prizibela, 16, 139
 Flávio Eduardo Ramos de Azevedo, 15, 19, 20, 174, 177



- Flora Moura Lorenzo, 13, 85
 Florêncio Mariano da Costa Júnior, 20, 172
 Francine Gonçalves, 13, 81
 Francine Guimarães Gonçalves, 13, 14, 19, 20, 82, 158, 178, 199
 Francisca Daniella Araruna Tavares, 12, 18, 20, 125, 154
 Francisca Maísa Maciel Gomes, 12, 17, 18, 19, 20, 125, 143, 150, 154, 195
 Frank M. Gresham, 205
 Frantheska Fonseca Fazolo, 20, 168
 Gabriel Alves Barros Rocha, 19, 20, 174, 177
 Gardênia da Silva Abbad, 17, 25
 Gérsica Gois Reis, 12, 108
 Gina Nolêto Bueno, 10, 13, 21, 73, 75, 96, 192
 Giovanna Antunes Botazzo Delbem, 16, 136
 Gisele de Rezende Franco, 15, 129
 Giselle Gomes Lobo e Souza, 21, 192
 Gislaine Ferreira Menino Mencia, 18, 147
 Glaucia Fernanda Galeazzi Nobile, 9, 105
 Gláucia Tomaz Marques Pereira, 16, 132
 Gleiber Couto, 11, 111, 112
 Guilherme Cunha dos Santos Teles, 18, 158
 Guilherme Nogueira, 9, 16, 68, 100
 Gustavo Lucas Cardoso, 19, 184
 Hanna Valença Pereira, 17, 141
 Helenice Alves Pereira Bastos, 15, 35
 Henrique Marques Pereira, 17, 140
 Heren Nepomuceno Costa Paixão, 18, 19, 159, 172
 Hugo Ferrari Cardoso, 11, 103
 Ilana Andretta, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 20, 48, 57, 65, 66, 101, 114, 115, 145, 159, 174, 179
 Ilana Figueiredo Brandão, 12, 15, 18, 117, 128, 156
 Ilma da Cunha Barros, 19, 20, 174, 177, 184
 Ingrid Ksênia Ferreira Liah, 18, 161
 Ingrid Mendes Lagatta, 19, 193
 Iran Lima de Aragão Filho, 20, 155
 Isabela Machado da Silva, 17, 98
 Isac César Roldão Leite, 19, 184
 Isidro Valls de Salles, 16, 131
 Ivana Gisel Casali-Robalinho, 3, 10, 11, 31, 40
 Izabela Almeida Querido, 9, 67
 Jaluza Aimée Schneider, 9, 12, 14, 15, 20, 56, 57, 66, 113, 115, 145, 159, 174, 179
 Janaina Barreto Gonçalves, 13, 14, 59, 85
 Janaína Bianca Barletta, 2, 3, 10, 12, 17, 18, 19, 20, 42, 97, 109, 117, 156, 158, 160, 162, 171, 174, 175, 177, 184, 186
 Janaina Colombo Nunes, 19, 184
 Janaína Gomes de Souza, 13, 75
 Jane Farias Chagas-Ferreira, 16, 131
 Jane Guimarães Felizardo, 20, 160
 Jane Moraes Lopes, 16, 133
 Jayana Ramalho Ventura, 12, 21, 118, 187
 Jéssica Aline Rovaris, 12, 13, 124
 Jéssica de Oliveira Gomes Silva, 18, 161
 Jéssica Gonçalves de Souza, 18, 160, 162
 Jéssica Limberger, 9, 12, 14, 15, 16, 20, 57, 64, 66, 101, 114, 115, 145, 159, 174, 179
 Jéssica Soares Santos, 12, 117
 Joamara Motta Borges, 14, 59
 João Victor Barros Feitosa, 15, 19, 20, 174, 177
 Joelma Santos Araújo, 12, 117
 Joene Vieira Santos, 17, 141
 Joene Vieira-Santos, 12, 108
 Jordana Calil Lopes de Menezes, 2, 3
 José Carlos dos Santos Júnior, 18, 160, 162
 José Francisco Malucelli Klas, 16, 139
 José Maria Montiel, 9, 67
 Josefa Amanda Lino de Sousa, 20, 21, 170, 182
 Josiane Miranda, 20, 162
 Josiane Rosa Campos, 3, 10, 13, 16, 46, 47, 79, 85, 87
 Jozielma B. da Silva Barros, 18, 20, 21, 166, 167, 183
 Jozielma Bastos da Silva Barros, 18, 21, 163, 185
 Juciléia Rezende Souza, 10, 43
 Júlia Camarotti, 13, 86
 Juliana Izidro Balestro, 20, 169
 Juliana Mejía-Trujillo, 14, 59
 Juliana Pinto dos Santos, 18, 163
 Juliana Siva de Deus, 16, 135
 Julie A Hubbard, 9, 15, 25, 63
 Karen Costa Oliva, 13, 16, 85, 133
 Karina de Souza Martins, 16, 18, 136, 164
 Karina Pereira, 3, 10, 12, 15, 30, 42, 43, 116
 Karina Pereira Lima, 3, 10, 12, 15, 30, 42, 116
 Karine Brito dos Santos, 3, 13, 14, 20, 71, 72, 148, 202, 205
 Karinne Bezerra Leissa, 20, 148
 Karlos Jennysson Sousa Soares, 19, 190
 Kássia Chalon Águes, 13, 74
 Katharine Bernardes Costa Ribeiro, 18, 165
 Keyla Jayane de Barros Santos, 12, 108
 Laércia Abreu Vasconcelos, 10, 77, 93
 Lais Cristina da Silva, 19, 173
 Lanna Cristyna do Rego e Silva, 9, 11, 18, 21, 106, 111, 147, 165, 187
 Larissa Almeida Carneiro, 20, 169
 Larissa Andrade Bento, 10, 13, 75, 96
 Larissa Aparecida Hagemeyer, 19, 188
 Larissa de A. Nobre-Sandoval, 2, 14, 202
 Larissa de Almeida Nobre Sandoval, 3
 Larissa Helena Zani dos Santos, 3
 Larissa Polejack, 205
 Laura Campos de Moura, 17, 20, 142, 166
 Laura Rosa S. Neta, 18, 21, 166, 185
 Laura Rosa Soares Neta, 18, 20, 21, 163, 167, 183
 Laurineide Laureano dos Santos, 12, 120
 Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes, 17, 97
 Leonardo Martins Barbosa, 11, 198
 Letícia dos Santos Vieira, 9, 68
 Letícia Guimarães Lyle, 20, 168
 Lia Silvia Kunzler, 13, 49
 Lidiane de Moraes Evangelista, 19, 191
 Lígia Fernandes Schiavon, 12, 126
 Lílian Oliveira Silva, 20, 152
 Liliane Perroud Miilher, 20, 168, 169
 Lindarci Pereira da S. Assis, 15, 19, 145, 171
 Lívia Carla Alves Barcelos, 12, 108
 Lívia Maria Monteiro Ramanho, 20, 169
 Lívia Nayara Tomás Silva, 16, 100
 Lívia Soares Rodrigues Nunes, 19, 191
 Lohanna Nolêto Bueno, 13, 73, 74
 Luana de Mendonça Fernandes, 9, 12, 14, 52, 69, 120
 Luana Thereza Nesi de Mello, 12, 15, 20, 114, 115, 145, 179
 Luane Rosa Soares, 18, 19, 159, 172



- Luc Vandenberghe, 11, 111
 Lucas Alves Landin, 16, 132
 Lucas Cordeiro de Freitas, 3, 13, 15, 29, 88
 Lucas Emmanuel Alves de Lara, 17, 142
 Lucas Guimarães Cardoso de Sá, 3, 10, 12, 95, 113
 Lucia Regina Borges Sergio, 12, 108
 Luciana Bastos Neiva, 16, 21, 137, 181
 Luciana Campos, 205
 Luciana Carla dos Santos Elias, 10, 12, 14, 51, 94, 119, 126
 Luciana Dutra-Thomé, 17, 123
 Luciana Melo e Souza, 12, 108
 Luciane Ribeiro de Resende Sucasas da Costa, 9, 68
 Luiz Augusto Santos Costa, 17, 141
 Luiza Habigzang, 20, 149
 Luna Maiana Araújo Freitas, 12, 126
 Luzineide Alves Pereira, 12, 109
 Lydia Galdino Veras, 20, 148
 Magna de Sousa Lima, 20, 170
 Maíra Ribeiro Magri, 13, 75
 Manuella de Paula Rabelo Porto, 19, 193
 Mara An Deulayne Mota Dias, 18, 19, 171, 186
 Mara Rúbia de Camargo Alves Orsini, 9, 67
 Marcella Regina Silva Rieiro Guerra, 15, 19, 145, 171
 Marcelo de Souza Gennari, 10, 17, 42, 97
 Marcelo Sanches Fracalossi, 20, 172
 Marcelo Tavares, 13, 86
 Marcia Fortes Wagner, 10, 13, 14, 47, 56, 81, 82, 205
 Márcia Helena da Silva Melo, 14, 58
 Márcia Sumire Kurogi Diniz, 18, 19, 159, 172
 Marcia Terezinha Van Melis, 15, 19, 146, 179
 Márcia Viana Amaral, 12, 119
 Marena Petra Ferreira Gonçalves, 16, 21, 137, 181
 Maria Aparecida de Oliveira, 19, 173
 Maria Aparecida Ferreira Menezes Suassuna, 12, 125
 Maria Aparecida Lima da Cruz, 15, 128
 Maria da Conceição Saraiva Santos, 19, 191
 Maria de Fátima Xavier, 20, 162
 Maria Inês Gandolfo Conceição, 13, 84
 Maria José Nunes Gadelha, 12, 118
 Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro, 10, 11, 17, 28, 38, 122
 Maria Luiza Pontes de França-Freitas, 14, 53, 199
 Maria Mabel Nunes de Moraes, 20, 150, 170
 Maria Paula Miranda Chaim, 16, 100
 Mariana Carla de Freitas, 16, 21, 137, 181
 Mariana de Sousa Almeida Ramos, 20, 174
 Mariana Leonesy da Silva Barreto, 15, 128
 Mariana Queiroz Souza Pereira, 15, 19, 190
 Mariana Russo Voydeville Damasceno, 14, 59
 Mariana Souza da Silva Squefi, 9, 65
 Mariana Squefi, 20, 174
 Mariani da Costa Ribas do Prado, 18, 152
 Mariéli Mariko Leite, 18, 163
 Marilsa Cosenza Rodrigues, 15, 129
 Marilsa de Sá Rodrigues, 10, 11, 17, 28, 38, 122
 Marilsa Tadeucci de Sá, 3
 Marina de Bittencourt Bandeira, 3, 15, 30, 110
 Marina de Souza Pedralho, 14, 59
 Marina Guerra Rossi, 2
 Marina Pereira Rolim, 17, 20, 143, 150
 Matheus Medeiros de Oliveira, 16, 131
 Mayza Maressa Oliveira, 19, 175
 Melissa Kellyane Cavalcanti Galdino, 9, 106
 Michaela Batalha Juhászová, 13, 14, 16, 59, 85, 133
 Michelle Delfito, 19, 175
 Milene Strelow, 20, 176
 Mirta Susana Ison, 9, 15, 24, 63
 Monica Franchi Carniello, 18, 151
 Monique da Costa Silva, 16, 138
 Muriel Correia Neves Rodrigues, 17, 140
 Mylena Thayná Silva Alves, 19, 177
 Myriam Christina Alves Rodrigues, 19, 177
 Nádia Martins Rocha Bandeira, 15, 19, 145, 171
 Nagy Pereira Sardinha, 17, 142
 Neidiany Viera Jovarini, 9, 15, 69, 129
 Neiva Tein de Souza, 13, 14, 19, 81, 178, 199
 Nelson Alves do Nascimento, 13, 75
 Nerúcia Andreza Resende Ferreira, 9, 107
 Neuraci Gonçalves de Araújo, 18, 156
 Nilse Chiapetti, 9, 106
 Núria Priscila Valentini Borro, 19, 179
 Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, 18, 131, 147
 Pablo Henrique da Costa Silva, 19, 20, 174, 177
 Paola Branco Schweitzer Arantes, 19, 188
 Patrícia Alvarenga, 12, 126
 Patricia Lorena Quiterio, 14, 15, 17, 35, 55, 97, 200
 Patrícia Rivoli Rossi, 17, 122
 Paula Danielle Souza Monteiro, 9, 107
 Paula de Lima Soares Varella, 9, 68
 Paula do Nascimento Martins, 16, 132
 Pedro Henrique Gomes dos Santos, 18, 161
 Pedro Lusz, 15, 34
 Pedro Paulo Calmon Paes, 20, 168
 Pérola Cavalcante Dourado, 11, 105
 Pricila Mendonça Barros da Silva, 20, 180
 Priscila Fidelis de Souza Lima, 16, 21, 137, 181
 Priscilla Luis Vilas Boas, 18, 161
 Rafael Alberto Moore, 20, 148
 Rafaela Silveira de Camargo, 15, 20, 174
 Raísa da Silva do Nascimento, 12, 15, 20, 114, 145, 179
 Raissa Roberti Benevides, 12, 16, 100, 127, 130
 Raniéli Gonçalves de Souza, 21, 181
 Raphael Cangelli Filho, 18, 157
 Raquel Martins Sartori, 3, 16, 21, 182
 Raquel Ramos Ávila, 9, 77
 Raquel Turci Pedroso, 14, 16, 59, 133
 Rayanne Rodrigues de Lima, 16, 131
 Raysa Cristina Machado Maciel, 21, 182
 Rebeca Chabar Kapitansky, 16, 133
 Rebeca do Socorro N. B. da Silva, 18, 21, 163, 166, 185
 Rebeca do Socorro Nepomuceno Brito da Silva, 18, 20, 21, 163, 166, 167, 183, 185
 Rebeca Margoto, 19, 184
 Rebeca Marques Margoto, 19, 184
 Rebeka Caroline Moreira, 19, 177
 Regina Celia Cantanhede França, 18, 21, 163, 166, 167, 183, 185
 Renata das Virgens Senna, 15
 Ricardo da Silva Pereira, 17, 19, 20, 143, 150, 195
 Ricardo Xavier de Araújo, 12, 115
 Roberta Peixoto Ataides, 16, 134
 Roberta Seles da Costa, 12, 127
 Roberta Silvestre Fontão Peres, 19, 177



Roberto Tykanori Kinoshita, 13, 14, 16, 59, 85, 133
 Ronan Reginatto, 19, 20, 174, 177
 Rosa Guedes, 18, 157
 Rosana Cipolotti, 10, 42
 Rosana Trindade Santos Rodrigues, 19, 186
 Rosane de Sousa Miranda, 19, 191
 Roseli Pinheiro, 16, 139
 Rostirolla Batista de Souza, 20, 21, 169, 189
 Samia Abreu Oliveira, 13, 14, 16, 59, 83, 85, 133
 Sarah Danielle Pereira Fontes, 10, 13, 75, 96
 Sheila Giardini Murta, 2, 3, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 20, 24, 42, 72, 135, 142, 148, 202, 205
 Sheila Raquel Júlia de Sousa, 18, 19, 171, 186
 Shirley de Souza Silva Simeão, 9, 12, 19, 106, 120, 191
 Silvana Queiroga da Costa Carvalho, 9, 11, 12, 18, 19, 20, 21, 106, 111, 118, 125, 147, 150, 154, 165, 170, 182, 187, 195
 Silvia Canaan, 14, 62
 Silvia Helena Koller, 16, 17, 20, 99, 123, 149
 Sílvia Regina de Souza, 16, 100
 Sílvia Renata Magalhães Lordello Borba, 13, 17, 86, 98
 Sônia Maria Melo Neves, 21, 192
 Sonia Regina Loureiro, 3, 10, 12, 15, 30, 43, 116, 205
 Stephen N. Elliot, 205
 Suellenn Kecya Couto Tenório, 15, 20, 174
 Susana Dornelles, 19, 178
 Taiani Lanjoni, 21, 188
 Tainara Ferreira Inocência, 12, 117
 Talita Pereira Dias, 3, 11, 14, 15, 18, 29, 31, 163, 197, 199
 Tânia Maria Santana de Rose, 13, 72

Tatiane Alves Rodrigues Rocha, 12, 117
 Telma de Goiás Brasi, 18, 161
 Tharson de Souza Meyer, 19, 188
 Thatiane de Oliveira Gomes Silva, 18, 161
 Thauana Tavares, 11, 33
 Thayara Ferreira Coimbra Lima, 12, 110
 Thayzzy Fátima Araújo Santos, 21, 189
 Tiago Guimarães de Oliveira, 12, 121
 Vagner Angelo Garcia, 9, 105
 Valéria Estefania Morán, 3
 Vanessa Barbosa Romera Leme, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 44, 46, 51, 52, 69, 120, 129, 134, 205
 Vanessa Thais Monteiro, 21, 189
 Vanessa Trintin Rodrigues, 9, 20, 65, 174
 Vênus Déia Alves de Farias, 19, 184
 Vera Lucia Messias Fialho Capellini, 18, 147
 Verônica Gomes Anacleto, 12, 18, 20, 125, 154
 Virginia E. Suassuna Martins Costa, 16, 100
 Vitória Maria Mendes do Carmo Santos, 16, 131
 Viviane Paula Rocha, 13, 14, 59, 85
 Wanessa Fernandes Veloso, 15, 19, 190
 Wanessa Marques Tavares, 11, 111, 112
 Yara da Silva Ricardo, 21, 182
 Zeimara de Almeida Santos, 15, 128
 Zenith Nara Costa Delabrida, 12, 17, 117, 139, 141
 Zilda Aparecida Pereira Del Prette, 2, 3, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 23, 27, 30, 31, 40, 61, 63, 64, 70, 71, 88, 89, 113, 205
 Zinole Helena Martins Leite, 18, 20, 21, 163, 166, 183, 185, 190



V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HABILIDADES SOCIAIS

De 11 a 14 de agosto de 2015
 Pousada dos Pirineus Resort- Pirenópolis (GO)



